

A romantic couple is shown in a close embrace, kissing. The woman, with long dark hair, is wearing a red dress and has her hands on the man's face. The man is wearing a grey t-shirt. They are positioned in the upper half of the frame. The background is a beach at sunset, with the sun low on the horizon, casting a warm glow. In the foreground, there are several wooden poles stuck in the sand, and a few sailboats are visible in the distance.

NICHOLAS SPARKS

NO TEU OLHAR

O essencial está escrito no coração.

ASA



Ficha Técnica

Título original: SEE ME
Autor: Nicholas Sparks
Traduzido do Inglês por Isabel Veríssimo
Design da capa: Duncan Spilling/LBBG
Imagens da capa: Rekha Garton/Arcangel Images e Shutterstock
Fotografia do autor: Nina Subin
ISBN: 9789892333793

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdova, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 2015, Willow Holdings, Inc.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
edicoes@asa.pt
www.asa.leya.com
www.leya.pt

Para Jeannie Armentrout

PRÓLOGO

Ele ainda não estava em Wilmington há um dia e já sabia que era o tipo de cidade onde nunca viveria para sempre. Era demasiado turística e tudo parecia ter crescido de uma forma desordenada, sem qualquer planeamento. Embora o centro histórico tivesse as casas com alpendres na fachada que ele previra, com colunas e lambrins trabalhados e grandes magnólias nos jardins, aqueles encantadores bairros davam lugar, a pouco e pouco, a uma zona de centros comerciais, lojas de conveniência, cadeias de restaurantes e stands de venda de automóveis. As lentas filas de trânsito eram intermináveis, e tornavam-se ainda mais insuportáveis durante o verão.

No entanto, o recinto da Universidade da Carolina do Norte em Wilmington fora uma agradável surpresa. De certo modo, tinha imaginado um campus onde imperaria a horrível arquitetura dos anos 60 e 70. Havia alguns desses edifícios, acima de tudo nos limites da universidade, mas os pátios centrais tinham-se revelado uma espécie de oásis – passagens pedonais cobertas, relvados muito bem cuidados e as colunas jorgianas e fachadas de tijolo dos edifícios Hoggard e Kenan a brilhar ao sol do fim da tarde.

Também admirou a cantina, com a sua torre do relógio. Quando chegara, vira aquela imagem refletida no lago, o tempo refletido na água e incompreensível assim de relance. Desde que tivesse um manual aberto no colo, poderia sentar-se a observar as atividades, quase invisível para os alunos que andavam de um lado para o outro nos seus transes egocêntricos.

Estava calor para o fim de setembro e os alunos usavam calções e camisolas de alças, com pele à vista por toda a parte. Perguntou a si mesmo se eles se vestiriam assim para ir às aulas. Como eles, viera para a universidade para aprender. Visitara-a três vezes em três dias, mas ainda havia demasiadas pessoas por ali; demasiadas possíveis recordações, e ele não queria ser recordado. Ponderou mudar de lugar antes de chegar à conclusão de que não valia a pena. Tanto quanto percebia, ninguém reparava nele.

Estava perto, muito perto, mas por enquanto era importante que fosse paciente. Inspirou fundo e conteve a respiração antes de soltar o ar. Nos passeios, viu alguns alunos a dirigirem-se para as aulas, de mochilas ao ombro, mas àquela hora do dia eram em muito menor número que os colegas que iam começar o fim de semana mais cedo. Aqui e ali, viam-se alunos em grupos de três ou quatro, a conversar e a beber de garrafas de água que ele desconfiava estarem cheias de álcool. Dois jovens com aspeto de modelos da Abercrombie atiravam um Frisbee de um lado para o outro enquanto as namoradas conversavam ali perto. Avistou um rapaz e uma rapariga a discutir, e o rosto da rapariga estava ruborizado. Viu-a empurrar o namorado, criando espaço entre ambos. Sorriu ao ver aquilo, respeitando a fúria da mulher e o facto de, ao contrário dele, não se sentir obrigada a esconder os seus sentimentos. Atrás do casal, outro grupo de alunos jogava futebol americano com a descontração de quem não tem verdadeiras responsabilidades.

Imaginou que muitos dos alunos que via estivessem a planear sair essa noite, bem como na seguinte. Repúblicas de rapazes e raparigas. Bares. Discotecas. Para muitos, o fim de semana começava essa

noite, já que muitas turmas nem sequer tinham aulas à sexta-feira. Ficara surpreso quando soubera; sendo o custo da educação universitária tão elevado, presumira que os alunos exigissem mais tempo de aulas com os professores, e não fins de semana de três dias. Por outro lado, supôs que o horário convinha a alunos e professores. Hoje em dia as pessoas não queriam que as coisas fossem fáceis? Despender o menor esforço possível? Encontrar atalhos?

Sim, pensou. Era exatamente o que os alunos estavam a aprender aqui. Estavam a aprender que não era preciso tomar decisões difíceis, que não era importante fazer a escolha certa, acima de tudo se implicasse trabalho extra. Para quê estudar ou tentar mudar o mundo numa tarde de sexta-feira quando podiam estar ao ar livre a aproveitar o sol?

Olhou da esquerda para a direita e perguntou a si mesmo quantos destes alunos pensariam sobre a vida que tinham à sua frente. Lembrou-se de que Cassie o fazia. Estava sempre a pensar no futuro. Tinha planos. Aos dezassete anos já tinha delineado o seu futuro, mas ele lembrava-se de pensar que ela hesitava ao falar no assunto, como se não acreditasse muito em si ou na fachada que mostrava ao mundo. Por que outro motivo teria tomado as decisões que tomara?

Ele tentara ajudá-la. Fizera a coisa certa, agira em conformidade com a lei, apresentara queixas na polícia, até falara com o promotor de justiça assistente. E, até àquele momento, acreditara nas regras da sociedade. Tinha a ingénua visão de que o Bem triunfava sobre o Mal, que o perigo podia ser dominado, que os acontecimentos podiam ser controlados. As regras protegiam as pessoas do Mal. Cassie também acreditara nisso – afinal de contas, não era o que ensinavam às crianças quando eram pequenas? Por que outro motivo é que os pais diriam as coisas que diziam? Olha para os dois lados antes de atravessares a rua. Não entres no carro com um desconhecido. Lava os dentes. Come os legumes. Põe o cinto de segurança. A lista de regras para nos proteger e salvar era interminável.

Mas ele aprendera que as regras também podiam ser perigosas. As regras estavam relacionadas com médias, não com casos concretos, e, como as pessoas eram condicionadas desde a infância para aceitar regras, era fácil segui-las cegamente. Confiar no sistema. Era mais fácil uma pessoa não se preocupar com possibilidades aleatórias. Significava que as pessoas não tinham de pensar em potenciais consequências e, quando o sol brilhava nas tardes de sexta-feira, podiam jogar Frisbee sem nenhuma preocupação.

A experiência era a mais dolorosa das professoras. Durante quase dois anos, não conseguira pensar senão nas lições que aprendera. Os seus pensamentos quase o tinham consumido, mas, a pouco e pouco, começara a emergir uma claridade. Ela tivera consciência do perigo. Ele alertara-a para o que ia acontecer. E, no fim, ela só se preocupara em seguir as regras, porque era conveniente.

Olhou para o relógio e viu que eram horas de ir. Fechou o manual e levantou-se, detendo-se para ver se o movimento atraía a atenção de alguém. Não atraía. Começou a andar, atravessando a cantina com o manual debaixo do braço. No bolso estava uma carta que tinha escrito, e desviou-se para o marco de correio à entrada do edifício de ciências. Enfiou o envelope pela abertura e esperou; alguns minutos mais tarde, avistou Serena a atravessar as portas, à hora certa.

Já sabia muita coisa sobre ela. Hoje em dia, parecia que todos os jovens tinham Facebook e Twitter e Instagram e Snapchat, expondo as suas vidas para quem quisesse juntar as peças. Do que gostavam, quem eram os amigos, onde passavam o tempo. Ele já sabia por um post no Facebook que este domingo iriam a um brunch em casa dos pais com a irmã, e, enquanto a observava a caminhar à sua frente, com o cabelo castanho-escuro a cair abaixo dos ombros, reparou de novo no quão bela era. Tinha uma graça natural e suscitava sorrisos elogiosos dos rapazes por quem passava, se bem que, embrenhada numa conversa, não parecesse perceber. Ambos tinham frequentado um seminário sobre educação; ele sabia que ela queria ser professora do ensino básico. Estava a fazer planos, tal como

Cassie costumava fazer.

Manteve a distância, estimulado pela força que sentia na sua presença. A força que andava a gerir há já dois anos. Serena não fazia ideia de como ele estava próximo nem do que podia fazer. Não olhou uma única vez por cima do ombro, mas porque o faria? Ele não era ninguém para ela, não passava de mais um rosto no meio da multidão...

Perguntou a si mesmo se ela estaria a contar os seus planos para o fim de semana à louira, a falar sobre os sítios para onde iria ou as pessoas que ia ver. Quanto a ele, pretendia fazer companhia à família no brunch de domingo, embora não como convidado. Em vez disso, ia observá-los a partir de uma casa próxima, situada num bairro de classe média. A casa estava vazia há um mês, depois de os proprietários a perderem devido a uma execução hipotecária, mas ainda não fora posta à venda. Embora as fechaduras nas portas fossem fortes, conseguira entrar por uma janela lateral sem grandes problemas. Já sabia que do quarto principal avistava o alpendre das traseiras e a cozinha deles. No domingo, veria a família unida a rir e a divertir-se à mesa do alpendre.

Sabia alguma coisa sobre cada um deles. Felix Sanchez personificava a clássica história do imigrante bem-sucedido; o artigo de jornal que estava orgulhosamente emoldurado no restaurante contava a história de como ele chegara de forma ilegal ao país quando era adolescente, sem falar uma única palavra de inglês, e começara a lavar pratos num restaurante local. Quinze anos mais tarde, depois de se tornar cidadão americano, poupou dinheiro suficiente para abrir um restaurante num centro comercial – La Cocina de la Familia –, onde servia as receitas da mulher, Carmen. Enquanto ela cozinhava, ele fazia tudo o resto, sobretudo nos primeiros anos. A pouco e pouco, o restaurante crescera e agora era considerado um dos melhores restaurantes de comida mexicana da cidade. Embora tivesse mais de quinze empregados, muitos eram da família, mantendo o carácter de restaurante familiar. O pai e a mãe ainda trabalhavam lá e Serena servia às mesas três vezes por semana, como a irmã Maria fizera antes dela. Felix era membro da Câmara de Comércio e do Clube de Rotários, e ele e a mulher iam à missa das sete da manhã em Santa Maria todos os domingos, onde ele também era diácono. Carmen era um pouco mais misteriosa; sabia apenas que continuava a sentir-se mais à vontade a falar espanhol que inglês e, como o marido, sentia orgulho por Maria ser a primeira licenciada da família.

Quanto a Maria...

Ainda não a tinha visto em Wilmington. Ela estivera fora da cidade nos últimos dias, numa conferência jurídica, mas era quem ele conhecia melhor. No passado, quando ela vivera em Charlotte, vira-a muitas vezes. Conversara com ela. Tentara convencê-la de que estava errada. E, no fim, ela fizera-o sofrer o que ninguém deveria sofrer, e ele odiava-a por isso.

Quando Serena se despediu da amiga e se dirigiu para o parque de estacionamento, ele continuou em frente. Não havia motivo para segui-la e contentou-se com a certeza de que veria a pequena família feliz no domingo. Acima de tudo, Maria. Possivelmente, Maria era ainda mais bela que a irmã, embora, na verdade, ambas fossem vencedoras na lotaria genética, com os seus olhos escuros e estrutura óssea quase perfeita. Tentou imaginá-las sentadas lado a lado à mesa; apesar da diferença de sete anos, poder-se-ia pensar que eram gémeas. E no entanto eram diferentes. Enquanto Serena era demasiado sociável, Maria fora sempre mais calma e focada, a mais séria e estudiosa das duas. Ainda assim, eram próximas, melhores amigas para além de irmãs. Especulou que talvez Serena visse características nela que queria copiar, e vice-versa. Sentiu um arrepio de excitação ao pensar no fim de semana, sabendo que poderia ser uma das últimas vezes que a família estaria junta com alguma semelhança de normalidade. Queria saber como é que agiam antes de a tensão começar a infetar a doce e feliz família... antes de o medo se apoderar deles. Antes de as suas vidas serem arruinadas de

uma forma lenta... e depois furiosa.

Afinal, viera até aqui com um propósito, e esse propósito tinha um nome.

O seu nome era vingança.

CAPÍTULO 1



Colin

Colin Hancock estava debruçado sobre o lavatório da casa de banho do bar-restaurante, com a *T-shirt* levantada para poder examinar melhor a nódoa negra nas costelas. Imaginou que, quando acordasse no dia seguinte, a cor ter-se-ia intensificado para um roxo escuro. Bastava um leve toque na nódoa negra para o fazer estremecer e, embora soubesse por experiência própria que havia formas de mitigar temporariamente a dor, perguntou a si mesmo se lhe custaria respirar de manhã.

Já a sua cara...

Aquilo podia acabar por ser um problema – não para si, mas para os outros. As suas colegas da universidade iam certamente fitá-lo com olhos muito abertos e assustados, e fariam sobre ele nas suas costas, embora duvidasse que alguém lhe perguntasse o que tinha acontecido. Ao longo das duas primeiras semanas de aulas, a grande maioria das pessoas tinham parecido muito simpáticas, mas era evidente que ninguém sabia o que pensar dele, e ninguém tinha tentado conversar com ele. Não que isso o incomodasse. Para começar, eram seis ou sete anos mais novas que ele, todas do sexo feminino, e ele desconfiava que, em termos de experiência de vida recente, tinham muito pouco em comum consigo. Com o tempo acabariam por tirar as suas conclusões sobre ele, como acontecia com toda a gente. Na verdade, não valia a pena preocupar-se com isso.

No entanto, tinha de admitir que neste momento a sua aparência era bastante sinistra. O olho esquerdo estava inchado e o branco do olho direito estava raiado de sangue. Um golpe fundo no centro da testa tinha sido fechado com cola e a nódoa negra cor de chumbo na face direita parecia um sinal. Os lábios abertos e inchados completavam o quadro. Se queria que as colegas se conseguissem concentrar nas aulas, teria de pôr gelo na cara o mais depressa possível. Mas primeiro o mais importante; naquele momento estava esfomeado e precisava de lastro. Não comeria muito nos últimos dois dias e queria alguma coisa rápida, conveniente e – se possível – pelo menos um pouco saudável. Infelizmente, a esta hora da noite estava quase tudo fechado, por isso acabara num decrépito bar-restaurante barato à saída da estrada com grades nas janelas, manchas de água nas paredes, linóleo a levantar no chão e reservados presos com fita adesiva. A única vantagem do lugar é que nenhum dos outros clientes se preocupou com a sua aparência quando ele se dirigiu para a mesa. As pessoas que frequentavam restaurantes baratos como este a esta hora da noite sabiam meter-se na sua vida. Tanto quanto percebia, metade dos clientes estavam a tentar ficar sóbrios depois de terem passado a noite a beber muito, enquanto a outra metade – sem dúvida, os que iam conduzir – também faziam tempo para ficarem sóbrios, embora estivessem ligeiramente menos embriagados.

Era o tipo de lugar onde era fácil uma pessoa meter-se em sarilhos, e depois de virar para o parque de

estacionamento de gravilha, com Evan a segui-lo no seu *Prius*, quase esperara que ele continuasse o seu caminho. Mas Evan devia ter tido o mesmo pensamento em relação a possíveis sarilhos. Era o único motivo que o levaria a entrar num estabelecimento deste tipo, sobretudo a esta hora da noite. Com a sua camisa cor-de-rosa, meias de losangos, *mocassins* e cabelo louro com risca ao lado, Evan não estava propriamente bem enquadrado na clientela que frequentava este estabelecimento àquela hora. Na verdade, o seu *Prius* bem podia ser um letreiro de néon a anunciar que o seu objetivo era ser espancado pelos tipos das carrinhas de caixa aberta que tinham passado a maior parte da noite a embebedar-se.

Colin abriu a torneira e molhou as mãos antes de as levar ao rosto. A água estava fria, exatamente como ele queria. Sentiu a pele a arder. O fuzileiro naval com quem lutara batera-lhe com muito mais força do que ele esperava – e isto sem contar com os golpes ilegais –, mas quem teria adivinhado ao olhar para ele? Alto e magro, cabelo cortado à escovinha, sobrancelhas esquisitas... Não devia ter subestimado o tipo, e disse a si mesmo que nunca mais deixaria que isso acontecesse. Ou isso, ou acabaria por assustar as colegas o ano inteiro, o que poderia arruinar a experiência universitária a todas elas. *Mãe, há um tipo mega assustador na minha turma, com nódoas negras na cara e tatuagens loucas!*, imaginava-as a dizer ao telefone. *E tenho de me sentar ao lado dele!*

Sacudiu a água das mãos, saiu da casa de banho e avistou Evan no reservado do canto. Ao contrário dele, o amigo encaixaria perfeitamente no ambiente da universidade. Ainda tinha carinha de bebé e, enquanto se aproximava, Colin perguntou a si mesmo quantas vezes por semana é que ele teria de se barbear.

– Demoraste imenso – disse Evan quando Colin se sentou no reservado. – Já estava a pensar se te terias perdido.

Colin sentou-se de uma forma desleixada na almofada de vinil.

– Espero que não tenhas ficado muito nervoso aqui sozinho.

– Ha, ha.

– Tenho uma pergunta para te fazer.

– Força.

– Quantas vezes por semana é que fazes a barba?

Evan pestanejou.

– Estiveste dez minutos na casa de banho e era nisso que estavas a pensar?

– Ocorreu-me enquanto vinha para a mesa.

Evan olhou para ele.

– Faço a barba todas as manhãs.

– Porquê?

– Como assim, porquê? Pela mesma razão que tu.

– Eu não faço a barba todas as manhãs.

– Porque é que estamos a falar sobre isto?

– Porque fiquei curioso e perguntei e tu respondeste – disse Colin. Ignorando a expressão de Evan, acenou para as ementas. – Mudaste de ideias e decidiste pedir alguma coisa?

Evan abanou a cabeça.

– Nem pensar.

– Não vais comer nada?

– Não.

– Sofres de azia?

– Na verdade, tem mais a ver com a minha desconfiança de que o Reagan ainda era presidente quando a cozinha foi inspecionada pela última vez.

– Não é assim tão mau.

– Já olhaste para o cozinheiro?

Colin espreitou para o grelhador atrás do balcão; o cozinheiro parecia ter sido escolhido a dedo, com um avental cheio de gordura que mal tapava a ampla barriga, um rabo de cavalo comprido e tatuagens a cobrir grande parte dos antebraços.

– Gosto das tatuagens dele.

– A sério? Não estava nada à espera.

– É verdade.

– Eu sei. Tu dizes sempre a verdade. É parte do problema contigo.

– Porque é que tem de ser um problema?

– Porque as pessoas nem sempre querem a verdade. Como quando a tua namorada te pergunta se determinada roupa a faz parecer gorda, tu deves dizer-lhe que está linda.

– Eu não tenho namorada.

– Se calhar foi porque disseste à última que ela parecia gorda sem acrescentar a parte do linda.

– Não foi isso que aconteceu.

– Mas estás a perceber onde quero chegar. Às vezes tens de... esticar a verdade para te dares bem com as pessoas.

– Porquê?

– Porque é o que as pessoas normais fazem. É assim que a sociedade funciona. Não podes simplesmente dizer às pessoas tudo o que te vem à cabeça. Elas ficam incomodadas ou magoadas. E, para tua informação, os patrões detestam isso.

– Está bem.

– Não acreditas em mim?

– Acredito.

– Mas não te interessa.

– Não.

– Porque preferes dizer a verdade.

– Sim.

– Porquê?

– Aprendi que resulta comigo.

Evan ficou em silêncio durante alguns instantes.

– Por vezes, gostaria de ser mais como tu. Dizer ao meu patrão o que penso dele sem me importar com as consequências.

– E podes ser assim, mas decidiste não ser.

– Faz-me falta o ordenado.

– Isso é uma desculpa.

– Talvez. – Evan encolheu os ombros. – Mas aprendi que resulta comigo. Por vezes, é preciso mentir. Por exemplo, se eu te dissesse que vi baratas debaixo da mesa enquanto estavas na casa de banho talvez pensasses o mesmo que eu sobre comer aqui.

– Sabes que não tens de ficar, não sabes? Eu fico bem.

– Isso é o que tu dizes.

– Tens de te preocupar contigo, não comigo. E, além disso, está a fazer-se tarde. Não vais para Raleigh com a Lily amanhã?

– De manhã cedo. Vamos à missa das onze com os meus pais e depois temos um *brunch*. Mas, ao contrário de ti, não me vai custar nada levantar-me amanhã de manhã. A propósito, estás com um aspeto

horrível.

- Obrigado.
- Especialmente o olho.
- Amanhã não vai estar tão inchado.
- O outro. Acho que rebentaste alguns vasos sanguíneos. Ou isso, ou na verdade és um vampiro.
- Já tinha reparado.

Evan recostou-se no assento e abriu um pouco os braços.

– Faz-me um favor, está bem? Amanhã, mantém-te escondido dos vizinhos. Detestaria que eles pensassem que tive de te bater porque te atrasaste a pagar a renda, ou outra coisa do género. Não quero ficar com má fama como senhorio.

Colin sorriu. Tinha pelo menos mais treze quilos que Evan e gostava de dizer em tom de brincadeira que se Evan alguma vez tinha posto os pés num ginásio, fora para fazer uma auditoria.

- Prometo que vou ficar escondido – disse Colin.
- Boa. Por causa da minha reputação e tudo isso.

Nesse momento, a empregada de mesa aproximou-se e deixou um prato cheio de claras de ovos mexidas com fiambre, e também uma taça com papas de aveia gelatinosas. Enquanto puxava a taça para si, Colin olhou para a caneca de Evan.

- Que é que estás a beber?
- Água quente com limão.
- A sério?
- Já passa da meia-noite. Se bebesse café, não ia conseguir dormir a noite inteira.

Colin pôs um pouco de papas de aveia na boca e engoliu-as.

- Está bem.
- O quê? Não há comentários sarcásticos?
- Só estou surpreendido por eles terem aqui limão.
- E eu estou surpreendido por terem claras de ovos mexidas. Deves ser a primeira pessoa a tentar comer uma refeição saudável aqui. – Pegou na água. – A propósito, que *estás* a pensar fazer amanhã?
- Tenho de trocar o interruptor de ignição do meu carro. Não está a ligar como deveria. Depois disso, vou cortar a relva e a seguir vou ao ginásio.

- Queres vir connosco?
- Não sou propriamente um fã de *brunches*.
- Eu não te estava a convidar para o *brunch*. Duvido que te deixassem entrar no clube com esse aspeto.

Mas podias ir ver os teus pais em Raleigh. Ou as tuas irmãs. Fica a caminho de Chapel Hill.

- Não.
- Lembrei-me de perguntar.

Colin encheu uma colher com papas de aveia.

- Não perguntes.

Evan recostou-se no assento.

- A propósito, esta noite houve combates fantásticos. A luta a seguir à tua foi incrível.
- Foi?
- Um tipo chamado Johnny Reese deu cabo do adversário no primeiro assalto. Derrubou o tipo num instante, fez-lhe uma chave de pescoço e ele apagou. O gajo mexe-se como um gato.
- E onde é que queres chegar com essa conversa?
- Ele é muito melhor que tu.
- Está bem.

Evan tamborilou com os dedos na mesa.

– Então... sentes-te bem com a forma como o teu combate correu hoje?

– Já acabou.

Evan esperou.

– E?

– É isso.

– Continuas a achar que o que estás a fazer é boa ideia? Quero dizer... tu sabes.

Colin encheu uma garfada de ovos.

– Ainda estou aqui contigo, não estou?



Meia hora mais tarde, Colin estava de novo na estrada. As nuvens que ameaçavam tempestade nas últimas horas tinham cumprido por fim a promessa, libertando uma torrente de vento e chuva, com relâmpagos e trovões aqui e ali. Evan saíra alguns minutos antes e, enquanto se instalava atrás do volante do *Camaro* que andava a restaurar há dois anos, Colin pensou no amigo.

Conhecia Evan desde que se lembrava de ser gente. Quando era pequeno, a família costumava passar o verão numa casa na praia de Wrightsville, e a família de Evan vivia ao lado. Passavam longos dias de sol a passear na praia, a brincar à apanhada, a pescar e a fazer surf ou *bodyboard*. Passavam quase sempre a noite na casa de um ou do outro, até a família de Evan se mudar para Chapel Hill e a vida de Colin descambar por completo.

A história era simples: ele era o terceiro filho e único rapaz de pais ricos com uma predileção por amas e nenhum desejo de um terceiro filho. Tivera cólicas em bebé, e em criança rebentava de energia, com uma hiperatividade aguda, o género de miúdo que fazia birras frequentes, não se conseguia concentrar e não conseguia de forma alguma sentar-se quieto. Levava os pais à loucura em casa, corria com ama atrás de ama e tinha enormes dificuldades na escola. No terceiro ano teve um professor que melhorou as coisas durante algum tempo, mas no quarto ano voltou a ir de mal a pior. Andava sempre metido em brigas no recreio e quase chumbou de ano. Foi mais ou menos nesta altura que começaram a pensar que ele tinha *problemas sérios*, e por fim, sem saberem que mais fazer, os pais tinham-no matriculado num colégio militar, esperando que a disciplina lhe fizesse bem. A experiência no primeiro ano foi terrível, e ele foi expulso a meio do segundo semestre.

Dali, foi mandado para outro colégio militar num estado diferente, e ao longo dos dois anos seguintes foi gastando as suas energias em desportos de combate – luta livre, boxe e judo. Canalizou a sua agressividade para outras pessoas, por vezes com demasiado entusiasmo, muitas vezes apenas porque lhe apetecia. Não estava nada interessado em notas ou disciplina. Cinco expulsões e cinco colégios militares depois, terminou o curso, por pouco, e era um jovem zangado e violento, sem planos para a sua vida e sem qualquer interesse em ter algum. Voltou para a casa dos pais e seguiram-se sete anos maus. Via a mãe chorar e escutava os pedidos do pai para que mudasse, mas ignorava-os. Por insistência deles, ia a um psicólogo, mas continuou a sua espiral descendente, sendo a autodestruição subconsciente o seu objetivo principal. Palavras do psicólogo, não suas, embora agora concordasse com elas. Sempre que os pais o expulsavam da sua casa em Raleigh, ele ia para a casa de praia da família, onde ficava durante algum tempo antes de voltar para casa e recomeçar o ciclo. Aos vinte e cinco anos, deram-lhe uma última oportunidade de mudar a sua vida. Sem que ninguém esperasse, foi isso mesmo que fez. E agora aqui estava na universidade, com planos para passar as décadas seguintes numa sala de aulas, onde esperava

poder ser um mentor de crianças, algo que não faria sentido para a maioria das pessoas.

Colin sabia que a sua vontade de passar o resto da vida na escola – um lugar que sempre odiara – constituía uma ironia, mas era mesmo assim. Ele não desperdiçava tempo a refletir sobre a ironia e, regra geral, não o fazia também em relação ao passado. Nem sequer estaria a pensar nestas coisas se Evan não tivesse sugerido que ele fizesse uma visita aos pais no dia seguinte. O que Evan ainda não percebia era que estarem juntos na mesma sala era stressante tanto para Colin como para os pais – sobretudo se a visita não tivesse sido combinada com antecedência. Se ele tivesse aparecido sem ser esperado, sabia que ficariam sentados na sala de estar, pouco à vontade, a tentar fazer conversa de circunstância enquanto as recordações do passado preenchiam o espaço entre eles como um gás venenoso. Sentiria ondas de desapontamento e julgamento a irradiar deles, patentes nas coisas que diziam ou não diziam, e quem precisava disso? Ele não, e os pais também não. Durante os últimos três anos, tentara limitar as raras visitas a cerca de uma hora, quase sempre nas festas, uma solução que parecia resultar bem para todos.

As irmãs mais velhas, Rebecca e Andrea, tinham tentado convencê-lo a fazer as pazes com os pais, mas ele cortara essas conversas da mesma forma que fizera com Evan. Afinal de contas, as vidas delas com os pais tinham sido diferentes da sua. Ambas tinham sido *desejadas*, enquanto ele fora um enorme *acidente* sete anos mais tarde. Sabia que eram bem-intencionadas, mas não tinha muitas coisas em comum com elas. Ambas eram licenciadas, estavam casadas e tinham filhos. Viviam no mesmo bairro de luxo que os pais e jogavam ténis ao fim de semana. Quanto mais velho ia ficando, mais se apercebia de que as escolhas que elas tinham feito eram bem mais inteligentes que as dele. Mas, afinal de contas, elas não tinham *problemas sérios*.

Colin sabia que os pais, como as irmãs, eram essencialmente pessoas boas. Precisara de anos de terapia para aceitar o facto de que era ele quem tinha problemas, não os outros. Já não culpava a mãe e o pai pelas coisas que lhe tinham acontecido ou por aquilo que eles tinham ou não tinham feito; talvez até se considerasse o filho afortunado de duas pessoas incrivelmente pacientes. Qual era o problema de ter sido criado por elas? Qual era o problema de os pais terem acabado por desistir, mandando-o para um colégio militar? Quando precisara mesmo deles, quando outros pais talvez tivessem desistido, eles nunca tinham perdido a esperança de que ele pudesse dar a volta à sua vida.

E tinham aguentado as suas asneiras durante *anos*. Asneiras a sério. Tinham ignorado a bebida e a erva e a música demasiado alta a todas as horas; tinham aguentado as festas que ele organizava sempre que eles estavam fora da cidade e que deixavam a casa numa enorme confusão. Fechavam os olhos às brigas em bares e às inúmeras detenções. Nunca apresentaram queixa na polícia quando ele arrombava a casa de praia, embora ele também tivesse provocado grandes estragos naquela casa. Tinham pagado mais fianças do que ele conseguia lembrar-se, liquidavam as contas dos advogados, e três anos antes – quando Colin enfrentava a possibilidade de uma longa pena de prisão após uma luta num bar em Wilmington – o pai puxara alguns cordelinhos para conseguir um acordo que limparia o seu cadastro. Desde que, é claro, Colin não fizesse asneiras. Para poder ficar em liberdade condicional, Colin tivera de passar quatro meses a fazer terapia de controlo da raiva no Arizona. Quando regressou, e porque os pais não quiseram que ficasse em casa deles, tinha ido viver de novo para a casa de praia, que na época estava à venda. Também tinha de se encontrar regularmente com o detetive Pete Margolis, do departamento da polícia de Wilmington. O homem que Colin espancara no bar era um informador secreto de longa data de Margolis, e em resultado dessa briga um importante caso em que ele estava a trabalhar correra mal. Por isso, Margolis, que sentia um ódio de morte por Colin, começara por se opor com veemência ao acordo, e depois insistira em monitorizá-lo com regularidade e de forma aleatória, como uma espécie de agente de liberdade condicional. Por fim, o acordo estipulava que, se Colin voltasse a ser preso por *alguma coisa*, fosse o que fosse, todo o seu cadastro seria repostado e ele seria condenado de forma automática a quase

uma década na prisão.

Apesar das exigências, apesar de ter de lidar com Margolis, que mal podia esperar para lhe colocar um par de algemas, foi um bom acordo. Um acordo *inacreditável*, e tudo graças ao pai... embora ele e Colin ainda tivessem dificuldades em conversar um com o outro. Colin estava tecnicamente proibido de voltar a entrar em casa dos pais, embora o pai tivesse suavizado um pouco a sua posição nos últimos tempos. Ser expulso de casa para sempre depois de regressar do Arizona e observar, da rua, os novos proprietários a tomarem posse da casa de praia tinha obrigado Colin a reavaliar a sua vida. Acabara a dormir em casas de amigos em Raleigh, saltando de sofá em sofá. A pouco e pouco, chegara à conclusão de que se não mudasse a sua vida iria autodestruir-se completamente. Aquele ambiente não era bom para si e o seu círculo de amigos era tão incontrolável como ele. Sem ter para onde ir, tinha voltado para Wilmington e surpreendera-se a si próprio ao aparecer à porta de Evan. O amigo vivia ali desde que se licenciara na Universidade da Carolina do Norte e ficara igualmente surpreso ao ver o velho companheiro. E também cauteloso e um pouco nervoso, mas Evan era Evan e não se importou que Colin ficasse em sua casa durante algum tempo.

Foi preciso tempo para voltar a conquistar a confiança do amigo. Por aquela altura, as suas vidas tinham-se afastado. Evan estava muito mais parecido com Rebecca e Andrea, era um cidadão responsável cuja única experiência com prisões era o que via na televisão. Trabalhava como contabilista e consultor financeiro e, em conformidade com os ideais de prudência fiscal da profissão, também comprara uma casa que tinha um apartamento no rés do chão com uma entrada independente para ajudar a baixar o pagamento da hipoteca, um apartamento que por acaso estava vago quando Colin aparecera. Ele não pretendia ficar muito tempo, mas uma coisa levou a outra e quando arranjava um emprego a servir às mesas num bar mudara-se definitivamente lá para baixo. Três anos mais tarde, continuava a pagar renda ao melhor amigo que tinha no mundo.

Até agora, o esquema funcionava bem. Ele cortava a relva, aparava os arbustos e pagava uma renda razoável. Tinha o seu espaço com uma entrada independente, mas Evan também estava por perto e o amigo era exatamente o que Colin precisava na sua vida nesse momento. Evan usava fato e gravata para trabalhar, mantinha a casa muito bem decorada, limpa e arrumada e nunca bebia mais de duas cervejas quando saía. Também era o tipo mais simpático do mundo e aceitava Colin, com todos os seus defeitos. E – só Deus sabe porquê – acreditava nele, mesmo quando Colin sabia que nem sempre merecia.

Lily, a noiva de Evan, era muito parecida com ele. Embora trabalhasse em publicidade e tivesse um apartamento na praia – oferecido pelos pais –, passava tempo suficiente em casa de Evan para se tornar uma parte importante da vida de Colin. Ela demorara algum tempo a gostar dele – quando se conheceram, Colin usava uma crista loura na cabeça, tinha *piercings* nas duas orelhas e a sua conversa inicial centrara-se numa briga de bar em Raleigh, em que ele e outro tipo tinham ido parar ao hospital. Durante algum tempo, Lily não conseguia compreender como é que Evan podia ser amigo dele. Ela era uma debutante de Charleston e frequentara a universidade em Meredith. Era uma mulher formal e educada e as frases que usava faziam lembrar uma era anterior. Também era a maior brasa que Colin já vira, e não admirava que Evan se derretesse nas suas mãos. Com cabelo louro, olhos azuis e um sotaque que parecia mel mesmo quando estava zangada, tinha tudo para ser a última pessoa no mundo que daria uma oportunidade a Colin. E no entanto fizera-o. E, como Evan, acabara por acreditar nele. A sugestão de começar a fazer um curso na universidade comunitária há dois anos partira de Lily, e era ela quem lhe dava explicações à noite. E, em duas ocasiões diferentes, Lily e Evan tinham impedido que ele cometesse um erro impulsivo que poderia tê-lo levado à prisão. Adorava-a por essas coisas, da mesma forma que adorava o relacionamento entre ela e Evan. Há muito que decidira que, se alguém ameaçasse algum deles de alguma forma, ele resolveria o assunto, fossem quais fossem as consequências, mesmo que

significasse que teria de passar o resto da vida atrás das grades.

Porém, todas as coisas boas têm um fim. Não era o que as pessoas diziam? A vida que ele vivera durante os últimos três anos ia mudar, quanto mais não fosse porque Evan e Lily estavam noivos e já faziam planos para se casarem na primavera. Apesar de ambos insistirem que Colin poderia continuar a viver no apartamento do rés do chão depois de se casarem, ele também sabia que eles tinham passado a semana anterior a ver casas modelo num bairro mais próximo da praia de Wrightsville, com moradias que tinham os alpendres duplos característicos de Charleston. Ambos queriam filhos, ambos queriam uma casa bonita e convencional, e Colin não tinha qualquer dúvida de que dali a um ano a atual casa de Evan estaria à venda. Depois disso, Colin estaria de novo por sua conta, e, embora soubesse que não era justo esperar que Evan e Lily fossem responsáveis por ele, por vezes perguntava a si mesmo se eles saberiam até que ponto se tinham tornado importantes para si nos últimos dois anos.

Como esta noite, por exemplo. Não convidara Evan para vir ao combate; fora ideia dele. Também não pedira a Evan que se sentasse consigo enquanto comia. Mas Evan devia desconfiar que, se não fizesse essas coisas, Colin talvez tivesse acabado num bar em vez do bar-restaurant, a encher-se de álcool em vez de tomar um pequeno-almoço à meia-noite. E embora Colin trabalhasse como empregado de bar, nos últimos tempos não era muito fácil para ele estar do outro lado do balcão.

Por fim, Colin saiu da estrada principal e entrou numa sinuosa estrada secundária, com pinheiros e carvalhos-vermelhos misturados de ambos os lados e trepadeiras *kudzu* a enrolarem-se sem preferências entre os dois tipos de árvores. Não era propriamente um atalho, mas uma forma de evitar a interminável série de semáforos. Os relâmpagos continuavam a brilhar no céu, conferindo tons de prateado às nuvens e iluminando a área circundante com clarões de luz fantasmagórica. A chuva e o vento intensificaram-se e as escovas do para-brisas quase não conseguiam manter o vidro limpo, mas ele conhecia bem a estrada e começou a fazer uma das suas muitas curvas apertadas antes de pisar o travão de uma forma instintiva.

Mais adiante, um carro com barras no tejadilho estava meio atravessado na estrada, com os quatro piscas ligados. O porta-bagagens estava aberto e à mercê dos elementos. Quando o *Camaro* abrandou, Colin sentiu a traseira a fugir um pouco antes de os pneus aderirem de novo ao alcatrão. Passou para a faixa contrária para se afastar do carro e pensou que o tipo não podia ter escolhido pior altura e lugar para avariar. Não só a tempestade estava a limitar a visibilidade, como bêbedos como os que estavam no restaurante começariam a voltar para casa daí a pouco, e imaginava um deles a fazer a curva depressa de mais e a enfiar-se na traseira do carro.

Nada bom, pensou. Era sem dúvida um acidente à espera de acontecer, mas ao mesmo tempo não tinha nada a ver com o assunto. Não tinha o dever de ajudar desconhecidos e o mais certo era não ser de grande serventia. Conhecia o motor do seu carro, mas apenas porque o *Camaro* era mais velho do que ele; os motores modernos eram mais parecidos com computadores. Além disso, o condutor já teria com toda a certeza pedido ajuda.

No entanto, enquanto passava devagar pelo carro parado reparou que o pneu traseiro estava furado e uma mulher – vestida com umas calças de ganga e uma blusa de manga curta e encharcada até aos ossos – estava junto do porta-bagagens a debater-se para retirar o pneu suplente do seu compartimento. Relâmpagos brilharam e os seus clarões, como uma série de *flashes* de uma máquina fotográfica, capturaram o pânico de um rosto com a maquilhagem a escorrer. Naquele instante, Colin percebeu que o seu cabelo escuro e olhos grandes lhe faziam lembrar uma das raparigas que tinham aulas consigo, e os seus ombros caíram.

Uma rapariga? Porque é que tinha de ser uma rapariga em apuros naquele sítio? Tanto quanto sabia, *era* a rapariga da sua turma, e não podia fingir que não reparara que ela precisava de ajuda. Não precisava de nada disto agora, mas que opção é que tinha?

Com um suspiro, encostou na berma, deixando alguma distância entre o carro dela e o seu. Ligou os quatro piscas e pegou no blusão que estava no banco de trás. Naquela altura, a chuva caía torrencialmente, e encharcou-o assim que saiu, como o jato diagonal de um chuveiro de exterior. Passou uma mão pelo cabelo, respirou fundo e depois começou a aproximar-se do outro carro enquanto calculava o tempo que demoraria a mudar o pneu e regressar à estrada.

– Precisa de ajuda? – perguntou.

Ficou surpreso quando a rapariga não disse nada. Ela fitou-o com olhos assustados, largou o pneu e, devagar, começou a recuar.

CAPÍTULO 2



Maria

No passado, quando trabalhara no gabinete do promotor de justiça do condado de Mecklenburg, Maria Sanchez estivera no tribunal com muitos criminosos, alguns dos quais tinham sido acusados de crimes tão violentos que não a deixavam dormir à noite. Tivera pesadelos com vários casos e fora ameaçada por um sociopata, mas a verdade é que nunca se sentira tão assustada como agora nesta estrada deserta, quando *aquele* carro, conduzido por *aquele* tipo, parou de repente na berma.

Não importava que tivesse vinte e oito anos, ou que se tivesse licenciado com louvores na Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill, ou que tivesse estudado Direito na Universidade de Duke. Não importava que tivesse sido uma estrela em ascensão no gabinete do promotor de justiça antes de arranjar outro emprego numa das melhores firmas de advogados de Wilmington, ou que até àquele momento sempre tivesse conseguido dominar muito bem as suas emoções. No instante em que ele saiu do carro, todas aquelas verdades desapareceram e a única coisa em que conseguia pensar era no facto de ser uma mulher completamente sozinha no meio do nada. Quando ele começou a aproximar-se, o pânico tomou conta de Maria. *Vou morrer aqui*, percebeu de repente, *e ninguém vai encontrar o meu corpo*.

Momentos antes, quando o carro passara devagar pelo seu, vira-o a olhá-la – quase um olhar lúbrico, como se estivesse a avaliá-la – e o seu primeiro pensamento fora que ele estava a usar uma máscara, uma coisa bastante aterradora, mas muito menos assustadora do que a súbita percepção de que vira o seu *rosto*. Viu ferimentos dos dois lados; um olho estava tão inchado que não abria e o outro estava vermelho e ensanguentado. Tinha quase a certeza de que lhe escorria mais sangue da testa, e sentiu que estava prestes a gritar. No entanto, inexplicavelmente, não emitiu nenhum som. *Por amor de Deus*, lembrava-se de pensar quando ele passara, *por favor continua. Faça o que fizeres, por favor não pares*.

Mas é claro que Deus não estava a ouvir. Porque é que Deus interviria para impedir que ela acabasse morta numa valeta, no meio do nada? É evidente que não interviria. Em vez disso, decidira fazer com que o tipo parasse, e agora um homem com o rosto desfigurado deslizava na sua direção como se tivesse saído de um filme de terror de baixo orçamento. Ou da prisão, de onde acabara de fugir, porque o tipo tinha os músculos muito definidos, e não era isso que os presos faziam? Não passavam a vida a levantar pesos? Tinha um corte de cabelo severo, de um estilo quase militar – a assinatura de um dos gangues de presos de que ouvira falar? A maltrapilha *T-shirt* preta de uma banda não ajudou, e as calças de ganga rasgadas ainda menos, e a forma como segurava o blusão apavorou-a. No meio desta tempestade, porque é que não o vestira? Talvez o usasse para esconder...

Uma *faca*.

Ou, queira Deus que não, uma *pistola*...

Um guincho escapou-lhe pela garganta e a sua mente fervilhava com opções enquanto decidia o que fazer. Atirar-lhe o pneu? Nem sequer conseguia tirar aquela porcaria do porta-bagagens. Gritar por socorro? Não havia ninguém por perto, não passara nenhum carro por ali nos últimos dez minutos e ela não fazia ideia de onde deixara o telemóvel, pois se soubesse não estaria a tentar mudar o pneu. Correr? Talvez, mas a leveza com que ele se movimentava sugeria que a apanharia sem dificuldades. A única coisa que poderia fazer era voltar para o carro e trancar as portas, mas ele já estava *ali* e não conseguiria passar por ele...

– Precisa de ajuda?

Foi o som da voz que a fez sair do transe. Ela soltou o pneu e começou a recuar, concentrando-se apenas em criar distância entre os dois. Um relâmpago brilhou de novo e ela reparou na apatia da expressão do homem, quase como se faltasse alguma coisa fundamental na sua personalidade, a peça que dizia que não estava certo violar e matar mulheres.

– Que quer de mim? – conseguiu dizer por fim.

– Não quero nada – respondeu ele.

– Então o que faz aqui?

– Pensei que poderia precisar de ajuda para mudar o pneu.

– Estou bem – disse ela. – Consigo fazer isto sozinha.

O homem olhou para ela e para o pneu furado, e depois de novo para ela.

– OK. Boa noite – disse. Rodou sobre os calcanhares, começando a dirigir-se para o carro, e a sua figura recuou de repente. Aquela reação foi tão inesperada que durante alguns instantes Maria sentiu-se paralisada. Ele ia-se embora? Porque é que ele se ia embora? Estava contente com isso... na verdade, estava *encantada*... e no entanto, no entanto...

– Não estou a conseguir tirar o pneu do porta-bagagens! – disse, ouvindo o pânico na voz.

Ele virou-se quando chegou ao carro.

– Parece que não. – Estendeu a mão para a porta do carro e abriu-a, pronto para entrar...

– Espere! – gritou ela de repente.

Ele fitou-a de olhos semicerrados através da chuva.

– Porquê? – gritou.

Porquê? Não teve a certeza se o ouvira bem. Mas, afinal de contas, dissera-lhe que não precisava de ajuda. E não precisava, mas até precisava, só que não podia telefonar a ninguém, e, com os pensamentos a mil e baralhados, as palavras seguintes saíram sem ela querer.

– Tem um telemóvel? – gritou.

Ele aproximou-se um pouco, parando quando conseguiu ser ouvido sem gritar, mas não chegou muito perto. Felizmente.

– Sim – respondeu.

Ela passou o peso do corpo de um pé para o outro, enquanto pensava *E agora?*

– Perdi o meu telemóvel – disse. – Quero dizer, não o *perdi*. – Sabia que estava a divagar, mas a forma como ele a olhava fez com que fosse impossível calar-se. – Está no escritório, ou deixei-o em casa dos meus pais, mas só vou saber quando tiver acesso ao meu *MacBook*.

– OK. – Ele não acrescentou mais nada; em vez disso, não se mexeu e os seus olhos não se despregaram dos dela.

– Eu uso aquela coisa de Encontrar o Meu Telefone. A aplicação, quero dizer. Consigo saber onde é que ele está porque está sincronizado com o computador.

– OK.

– Então?

– Então o quê?

– Pode emprestar-me o seu durante um instante? Quero telefonar à minha irmã.

– Claro – respondeu ele. Prendeu o aparelho nas pregas do blusão, e quando começou a aproximar-se, ela deu mais um passo atrás por reflexo. Ele pousou o blusão no capô do carro dela e apontou.

Maria hesitou. O homem era sem dúvida estranho, mas apreciou o facto de ele se ter afastado. Correu para o blusão e encontrou o *iPhone* no seu interior, o modelo igual ao dela. Quando premiu o botão, o ecrã iluminou-se e, como não podia deixar de ser, tinha rede. Mas não adiantaria nada a não ser que...

– Cinco-seis-oito-um – disse ele.

– Está a dar-me o seu código?

– Não vai conseguir aceder ao telefone sem ele.

– Não está preocupado por dar o código a uma desconhecida?

– Vai roubar o meu telemóvel?

Ela pestanejou.

– Não. Claro que não.

– Nesse caso, não estou preocupado.

Ela não soube o que dizer, mas não importava. Digitou o código com dedos trémulos e marcou o número da irmã. Ao terceiro toque, soube que iria parar à caixa de mensagens de Serena. Maria esforçou-se para esconder a frustração enquanto deixava uma mensagem a explicar o que acontecera ao carro e a pedir à irmã para a ir buscar. Depois enfiou o telemóvel no blusão que estava no capô e recuou, sempre a observá-lo.

– Não atendeu? – perguntou ele.

– Vem aí.

– OK. – Quando um relâmpago brilhou de novo, ele apontou para a traseira do carro. – Enquanto espera por ela, quer que lhe mude o pneu?

Ela abriu a boca para recusar de novo a oferta, mas quando é que Serena ouviria a mensagem? E se não ouvisse? E depois não podia esquecer que nunca mudara um pneu em toda a sua vida. Em vez de responder, expirou, tentando afastar o tremor da voz.

– Posso fazer-lhe uma pergunta?

– Sim.

– O que... o que é que aconteceu à sua cara?

– Meti-me numa briga.

Ela esperou um pouco antes de acabar por perceber que ele não ia acrescentar mais nada. *É isso? Mais nada?* O comportamento daquele homem era tão completamente estranho que ela nem sabia o que pensar. Enquanto ele continuava parado, sem dúvida à espera da resposta à pergunta anterior, olhou para o porta-bagagens e desejou saber mudar um pneu.

– Sim – respondeu por fim. – Se não se importasse, adorava que me ajudasse a mudar o pneu.

– OK – disse ele, acenando com a cabeça. Maria viu-o pegar no blusão que estava em cima do capô e guardar o telemóvel no bolso antes de o vestir. – Tem medo de mim – disse.

– O quê?

– Tem medo que eu lhe faça mal. – Quando ela não respondeu, ele continuou. – Não lhe vou fazer mal, mas acredite no que quiser.

– Porque é que me está a dizer isto?

– Porque se vou mudar o pneu do seu carro, terei de me aproximar do porta-bagagens. O que significa que também me vou aproximar de si.

– Não tenho medo de si – mentiu ela.

– OK.

– Não tenho.

– OK – repetiu ele, e depois começou a aproximar-se. Ela sentiu um aperto no coração quando ele passou a pouca distância, mas sentiu-se parva quando ele passou sem abrandar. Ele desapertou alguma coisa, depois retirou o pneu sobressalente e pousou-o no chão antes de desaparecer de novo atrás do porta-bagagens, sem dúvida para ir buscar o macaco.

– Um de nós tem de trazer o carro para a estrada – disse ele. – Tem de estar nivelado antes de poder encaixar o macaco, senão o carro pode escorregar.

– Mas eu tenho um pneu em baixo.

Ele espreitou para o lado, com o macaco na mão.

– Não vai fazer mal ao carro. Avance devagar.

– Mas vai bloquear a maior parte da faixa.

– Já está a bloquear metade da faixa.

Ele tinha uma certa razão... mas...

E se tudo aquilo fizesse parte do seu plano? Para distraí-la de alguma forma? Para conseguir que ela virasse as costas?

Um plano que incluía deixar-me usar o seu telemóvel? E retirar o pneu do porta-bagagens?

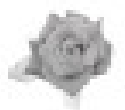
Abalada e constrangida, entrou no carro e ligou o motor, recuando devagar mas com segurança para a estrada e acionando o travão de mão. Quando abriu a porta, ele estava a rebolar o pneu sobressalente para a traseira do carro, com a chave de porcas na mão.

– Se quiser, pode ficar dentro do carro – disse ele. – Isto não deve demorar muito.

Ela hesitou antes de fechar a porta, e passou vários minutos a observar pelo espelho lateral enquanto ele continuava a desapertar os parafusos antes de colocar o macaco no seu lugar. Instantes depois, sentiu o carro subir um pouco, com alguns solavancos, e depois parar. Ficou a vê-lo acabar de desapertar os parafusos antes de retirar o pneu à medida que a tempestade se intensificava, com a chuva a cair em bátegas fustigadas pelo vento. O pneu sobressalente entrou depressa, e os parafusos também, e de repente o carro estava a ser baixado de novo. Ele guardou o pneu furado no porta-bagagens, juntamente com o macaco e a chave de porcas, e ela sentiu-o fechar o porta-bagagens com cuidado. E depois, sem mais nem menos, estava acabado. Ainda assim, estremeceu quando ele bateu na sua janela. Baixou o vidro e a chuva começou a entrar pela abertura. Com o rosto ainda escondido pelas sombras, era quase impossível ver para além das nódoas negras, do inchaço e do olho ensanguentado. Quase, mas não completamente.

– Está despachada – gritou ele no meio da tempestade –, mas é melhor mandar arranjar o pneu ou substituí-lo o mais depressa possível. O pneu sobressalente não é para ser usado permanentemente.

Ela acenou, mas antes de poder agradecer-lhe ele já se tinha virado e corria para o carro. Quando chegou, abriu a porta e sentou-se atrás do volante. Ela ouviu o rugido do motor e depois – num piscar de olhos – ficou de novo sozinha na estrada, mas agora num carro que a levaria para casa.



– Eu ouvi o telemóvel tocar, mas como não conhecia o número deixei que fosse para a caixa de mensagens – disse Serena entre goles de sumo de laranja. Ao seu lado, na mesa do alpendre das traseiras, Maria segurava uma caneca de café na mão, e o sol da manhã já aquecia o ar. – Desculpa lá.

– Bem, da próxima vê se atendes, está bem?

– Não posso fazer isso. – Serena sorriu. – E se for algum louco a querer falar comigo?

– O problema era precisamente esse! Eu *estava* com um louco e precisava que fosses salvar-me.

– Não me parece nada disso. Ele parece ser um tipo simpático.

Maria lançou-lhe um olhar furioso por cima da caneca de café.

– Tu não o viste. Acredita. Já vi pessoas assustadoras, e aquele tipo era mais do que assustador.

– Ele disse-te que tinha estado metido numa briga...

– E é precisamente isso. Ele é sem dúvida violento.

– Mas não foi nada violento contigo... tu disseste que no princípio ele nem sequer se aproximou de ti. E depois deixou-te usar o telemóvel dele. E depois disso mudou-te o pneu e depois entrou no carro dele e foi-se embora.

– Não estás a perceber.

– Não estou a perceber o quê? Que não devias julgar uma pessoa pelo seu aspeto exterior?

– Eu estou a falar a sério!

Serena riu-se.

– Uau, que sensível. E sabes que só estou a brincar contigo. Se tivesse estado no teu lugar, se calhar tinha feito chichi nas calças. Carro avariado, estrada deserta, sem telemóvel, sangue na cara de um desconhecido... é o pior pesadelo de qualquer miúda.

– É isso mesmo.

– Já sabes onde está o teu telemóvel?

– Está no escritório. Ainda deve estar em cima da minha secretária.

– Queres dizer que está lá desde sexta-feira? E só percebeste que não o tinhas no sábado à noite?

– E daí?

– Parece que não há muitas pessoas a telefonar-te, não é?

– Ha, ha.

Serena abanou a cabeça e pegou no telemóvel.

– Eu não consigo viver sem o meu, só para que saibas. – Tirou uma fotografia a Maria.

– Para que é isso?

– Instagram.

– A sério?

Serena já estava a escrever.

– Não te preocupes. Vai ser engraçado – acrescentou, antes de lhe mostrar a mensagem e a legenda. – Maria, depois de sobreviver ao Pesadelo na Rua Escura.

– Não vais postar isso, pois não?

– Já postei. – Serena piscou-lhe o olho.

– Tens de parar de fazer *posts* comigo. Estou a falar a sério. E se um dos meus clientes encontrar isso?

– Se isso acontecer, culpa-me a mim. – Ela encolheu os ombros. – A propósito, onde está o pai?

– Ainda anda a passear a *Copo* – disse ela. *Copo* era uma cadela *shih tzu* quase toda branca. Depois de Serena se ter mudado para os dormitórios da faculdade, ela e Maria tinham voltado a casa para passar o Natal e descobriram que os pais tinham comprado um cão. Agora, *Copo* ia com eles praticamente para toda a parte: para o restaurante – onde tinha a sua cama no escritório –, para o supermercado e até para o contabilista. *Copo* era mais mimada do que elas tinham sido.

– Ainda não ultrapassei isso – balbuciou Serena. – Eles *amam* aquela cadela.

– Achas mesmo?

– Reparaste na coleira em *strass* que a mãe comprou? Eu quase me engasguei.

– Tens de ser simpática.

– Eu estou a ser simpática! – disse Serena. – Só nunca me tinha passado pela cabeça que eles

comprassem um cão. Nunca tivemos um quando éramos pequenas, e eu implorei-lhes durante anos. Até prometi tomar conta dele.

– Foi porque sabiam que não cumpririas o prometido.

– Posso não ter passado um ano à frente e entrado na universidade aos dezassete anos como tu, mas tenho a certeza de que conseguiria cuidar de um cão. E ficas a saber que me candidatei à Bolsa de Estudos Charles Alexander para o próximo ano.

– Mmm, pois sim. – Maria ergueu uma sobrancelha cética.

– Estou a falar a sério. É para mestrados em educação bilingue. Preenchi a candidatura, escrevi um ensaio, consegui recomendações de dois dos meus professores e tudo. É patrocinada por uma fundação privada e tenho uma entrevista com o presidente no próximo sábado. É isso. – Cruzou os braços.

– Uau. É fantástico.

– Mas não contes ao pai. Quero fazer-lhe uma surpresa.

– Ele vai ficar encantado se conseguires.

– Eu sei, não é? Pensa quantas mais coleiras eles vão poder comprar à *Copo* se não tiverem de pagar as minhas propinas.

Maria riu-se. No interior da casa, ouviam a mãe a cantarolar baixinho na cozinha e o cheiro de *huevos rancheros* passava pela janela aberta.

– Bom – continuou Serena –, voltemos à noite passada. Porque é que voltaste tão tarde para casa? Já passava muito da tua hora de dormir.

Maria fez cara feia para a irmã, antes de perceber que mais valia despachar logo o assunto.

– Na verdade, tive um encontro.

– A sério?

– Qual é o problema?

– Nenhum. Só pensei que tinhas decidido ficar solteira.

– Porque é que dizes isso?

– Está aí alguém? Esqueceste-te da pessoa com quem eu estava a falar?

– Eu saio.

– Podes fazer *paddleboard*, mas não saís à noite. Em vez disso, trabalhas. Lês. Vês programas de televisão foleiros. Já nem sequer vais dançar, e costumavas adorar. E tentei levar-te àquele armazém, lembras-te? O que tem bailes de salsa nas noites de sábado?

– Se bem me lembro, disseste que havia lá imensos tipos sinistros.

– Mas também me diverti imenso. E, ao contrário de ti, eu danço muito mal.

– Nem todos andamos na universidade, sabes, com aulas que começam ao meio-dia e as sextas-feiras livres. Algumas pessoas têm responsabilidades.

– Pois, pois, já ouvi essa conversa antes – disse Serena, acenando com a mão. – Calculo que não tiveste sorte?

Maria espreitou por cima do ombro para a porta parcialmente aberta, para se certificar de que a mãe não estava a ouvir.

Serena revirou os olhos.

– Tu és adulta, sabes? Já não tens de esconder a tua vida social da mãe e do pai.

– Sim, bem, nós sempre fomos um pouco diferentes nesse aspeto.

– O quê? Achas que lhes conto tudo?

– Espero que não.

Serena abafou uma gargalhada.

– Lamento que o teu encontro não tenha corrido bem.

– Como é que sabes? Talvez tenha.

– Não me parece – disse Serena, a abanar a cabeça. – Caso contrário, não terias voltado para casa sozinha.

Bolas, pensou Maria. Serena sempre pensara depressa, mas, mais do que isso, tinha um senso comum que por vezes lhe escapava.

– Olá? – acrescentou Serena. – Está alguém em casa? Eu estava a perguntar-te sobre o teu encontro.

– Não me parece que me vá telefonar.

Serena fingiu compaixão, se bem que o seu cinismo divertido fosse evidente.

– Porquê? Levaste o computador e passaste o tempo todo a trabalhar?

– Não. E não fui eu. Foi só... mau.

– Fala comigo, mana mais velha. Conta-me tudo.

Maria estudou o jardim das traseiras, concluindo que Serena era a única pessoa no mundo com quem podia falar a sério.

– No fundo, não há muito para contar. Para começar, eu nem sequer tencionava ter um encontro...

– Não! Tu?

– Queres ouvir a história ou não?

– Desculpa. – Serena sorriu. – Continua.

– Lembras-te da Jill, certo? A minha amiga do trabalho?

– Superinteligente, quase com quarenta anos e mortinha por se casar, muito divertida? A que veio ao *brunch* e pegou na *Copo* e quase provocou um ataque cardíaco ao pai?

– Sim.

– Não, não me lembro dela.

– *Seja como for* – disse Maria –, há alguns dias estávamos a almoçar e ela convenceu-me a ir jantar com ela e com o namorado, o Paul, depois de eu voltar da conferência. Mas, sem o meu conhecimento, também convidaram um dos colegas de trabalho do Paul e...

– Espera, volta atrás. O tipo era giro?

– Era sem dúvida giro. Mas o problema é que ele o sabia. Foi rude e arrogante e passou a noite inteira a atirar-se à empregada de mesa. Acho que até lhe pediu o número de telefone enquanto eu estava sentada ao seu lado.

– Cheio de classe.

– A Jill estava tão chocada como eu, mas o mais estranho é que acho que o Paul nem sequer reparou. Talvez fosse o vinho, mas não parava de dizer que devíamos ir todos a uma discoteca depois do jantar e que estava muito contente por nos estarmos a dar todos tão bem, que sabia que seríamos perfeitos um para o outro. O que é estranho, porque ele não costuma ser assim. Normalmente fica calado e eu e a Jill é que nos encarregamos da conversa.

– Talvez ele goste do amigo. Ou talvez tenha pensado que tu e o amigo fariam bebés lindos e talvez dessem o seu nome a um deles.

Sem querer, Maria riu-se.

– Talvez. Mas, seja como for, acho que não sou o género dele. Tenho quase a certeza de que ele se sentiria mais à vontade com uma pessoa mais...

Quando Maria se calou, Serena concluiu.

– ...burra?

– Estava a pensar mais em loura, como a empregada de mesa.

– Sim, bem, só para que saibas foi sempre parte do teu problema no que diz respeito ao tipos. Tu és inteligente de mais e isso intimida-os um bocado.

– Nem todos. O Luis e eu estivemos juntos mais de dois anos.

– *Estiveram* juntos – disse Serena. – São as palavras que interessam. E queres saber a minha opinião?

O Luis podia ser supersensual, mas era um falhado.

– Não era assim tão mau.

– Não comeces a ficar toda nostálgica, a pensar nas coisas boas que ele tinha. Nunca tiveste um futuro com ele, e sabes disso.

Maria acenou com a cabeça, sabendo que Serena tinha razão mas entregando-se durante breves instantes a um pouco de nostalgia antes de esquecer o assunto.

– Sim, pois, estamos sempre a aprender.

– Ainda bem que decidiste recomeçar a sair.

– Não decidi. A Jill e o Paul decidiram por mim.

– Como queiras. Tu tens de ser...

Enquanto Serena procurava as palavras certas, Maria sugeriu:

– Mais como tu?

– Porque não? Sair, aproveitar a vida, fazer amigos? É sempre melhor que trabalhar.

– Como é que sabes? Só trabalhas dois turnos por semana.

– Bem visto. Estou apenas a fazer uma suposição baseada na tua ausência de vida social.

– Acredites ou não, eu gosto mesmo de trabalhar.

– Não me vou esquecer de pôr isso na tua lápide – disse Serena. – A propósito, como está a correr o emprego?

Maria mexeu-se na cadeira, a pensar em quanto devia dizer.

– Está bem.

– Acabaste de dizer que gostavas.

– E gosto, mas...

– Deixa-me adivinhar... a conferência, certo? Aquela a que foste com o teu patrão? – Quando Maria assentiu com a cabeça, Serena continuou. – Foi tão horrível como pensaste que seria?

– Não foi propriamente horrível, mas...

– Ele atirou-se a ti?

– Mais ou menos – admitiu Maria. – Mas não foi nada que eu não pudesse resolver.

– É o tipo que é casado? Com três filhos?

– Esse mesmo.

– Tens de lhe dizer para parar com isso. Ameaça-o com assédio sexual ou uma coisa do género.

– É mais complicado do que isso. Por enquanto, é capaz de ser melhor para mim ignorar o assunto. –

Quando um pequeno sorriso começou a formar-se nos lábios de Serena, Maria continuou. – O que foi?

– Só estava a pensar que tu tens pontaria para os homens. O teu antigo namorado traiu-te, o último tipo com quem saíste mete-se com outras tipas e, entretanto, o teu patrão não para de se atirar a ti.

– Bem-vinda ao meu mundo.

– Claro que nem tudo é mau. Ontem à noite conhecestes um tipo simpático. O género de homem que ajuda uma mulher em apuros, apesar de uma violenta tempestade...

Quando Maria fez cara feia, Serena riu-se e continuou.

– Quem me dera ter visto a tua cara.

– Não estava bonita.

– E no entanto aqui estás tu, sã e salva – lembrou-a Serena. – E eu estou feliz com isso, quanto mais não seja para poderes ir tendo acesso à minha sabedoria.

– Tu precisas mesmo de resolver os teus problemas de autoestima – disse Maria, irritada.

– Preciso, não preciso? Mas agora a sério, fico muito contente que tenhas voltado para a cidade. Estes *brunches* seriam um tédio se não viesses. Contigo aqui, a mãe e o pai têm mais alguém com quem se preocupar.

– Ainda bem que te posso ajudar.

– Agradeço. E, além disso, temos uma oportunidade para nos conhecermos melhor.

– Conhecemo-nos desde sempre.

– Tu foste para a universidade quando eu tinha dez anos.

– E vinha a casa quase todos os fins de semana, e passei todas as férias aqui.

– É verdade. Eras mesmo palerma. Nos primeiros dois anos, tinhas tantas saudades de casa que passavas o fim de semana inteiro a chorar.

– Foi difícil estar tão longe de casa.

– Porque é que pensas que ando na universidade aqui? Nesse aspeto, sou quase tão inteligente como tu.

– Tu és inteligente. Talvez recebas uma bolsa de estudo, lembra-te?

– Não sou tão inteligente como tu. Mas não faz mal. No fim, vai ser muito mais fácil encontrar um homem... não que eu esteja interessada em coisas sérias. Mas escuta, se quiseses, não me importo de estar atenta para ti. Estou sempre a conhecer tipos novos.

– Miúdos que andam na universidade?

– Alguns podem gostar de mulheres mais velhas.

– És louca.

– Não sei. Costumo ter muito bom gosto.

– Estás a referir-te ao Steve?

– Andamos apenas a sair um com o outro. Ainda não é nada sério. Mas ele parece simpático. Até é voluntário na Humane Society e ajuda nas adoções de animais aos domingos.

– Gostas dele?

– Como assim... *gostar* gostar? Ou só gostar?

– O quê? Andamos outra vez no liceu?

Serena riu-se.

– Ainda não sei bem o que sinto. Mas é bem giro, o que me dá mais tempo para descobrir.

– Quando é que o vou conhecer?

– Bem... deixa ver onde é que isto vai parar. Se o conheceres, a mãe e o pai também o vão querer conhecer, e depois perco o controlo da situação. Aconteça o que acontecer depois disso, ele vai achar que eu penso que é sério e, ao contrário de ti, somos demasiado jovens para assentar.

– Eu também ainda não quero assentar.

– Talvez. Mas não há dúvida de que precisas de um namorado.

– Queres fazer o favor de parar com isso?

– Tudo bem, eu paro. Não precisas de um namorado. Do que precisas é de sexo.

Quando Maria não se deu ao trabalho de responder, Serena riu-se.

– Toquei num ponto sensível, certo? – disse num tom brincalhão. – Tudo bem, esquece. Que vais fazer hoje? Vais fazer *paddlesurf* outra vez?

– Estava a pensar nisso.

– Sozinha?

– A não ser que queiras tentar mais uma vez.

– Nem pensar. Continuo sem perceber porque é que gostas tanto. Não é como dançar. É uma seca.

– É um bom exercício. E é tranquilo.

– Não foi o que eu acabei de dizer? – perguntou Serena.

Maria sorriu.

– E tu? Quais são os teus planos?

– Vou dormir uma grande sesta. E depois disso logo vejo.

– Espero que encontres alguma coisa para fazer. Detestaria que perdesse uma noite louca de domingo numa república qualquer.

– Ora, ora... o ciúme é uma coisa horrível – disse Serena. Virou o polegar para as janelas. – Até que enfim que o pai voltou. Estou esfomeada. Vamos comer.



Mais tarde, enquanto Serena, sem dúvida, dormiria profundamente, Maria foi fazer *paddleboard* em Masonboro Sound, um lugar que era desde há muito tempo o seu poiso preferido para passar as tardes de fim de semana. Masonboro era a maior ilha barreira ao longo da costa sul do estado e, embora por vezes fosse para o lado atlântico da ilha, preferia quase sempre as águas cristalinas do pântano. Como sempre, a vida selvagem era espetacular. Na primeira hora na água, vira águias-pesqueiras, pelicanos e garças, e estava convencida de que tirara algumas fotografias bastante boas. No seu aniversário, em junho, oferecera a si mesma uma máquina fotográfica à prova de água de elevada qualidade e, embora tivesse sido um esforço financeiro que estava a pagar com o cartão de crédito, ainda não se arrependera. Apesar de não terem qualidade para a *National Geographic*, algumas das suas fotografias *eram* suficientemente boas para serem penduradas na parede do apartamento, o que era uma opção de decoração prudente, já que também mal podia pagar o apartamento.

Mas ali era-lhe fácil pensar nestas coisas sem se preocupar necessariamente com elas. Muito embora só tivesse começado a fazer *paddleboard* desde que voltara para Wilmington, o desporto tinha o mesmo efeito nela que a dança tivera em tempos. Já estava numa fase em que era fácil manter o equilíbrio, e o ritmo constante do remo fazia com que o stress desaparecesse. Regra geral, poucos minutos depois de entrar na água ficava com a sensação de que tudo estava bem no mundo. Era uma sensação quente e relaxante que começava no pescoço e ombros antes de passar para o resto do corpo, e quando estava no duche depois de voltar para casa sentia-se pronta para enfrentar mais uma semana no escritório. Serena estava enganada em relação ao *paddleboard*. Não era uma seca; neste momento, precisava dele para a sua saúde mental e tinha de admitir que também não era mau para o corpo. No último ano, tonificara partes do corpo que nem imaginara poderem ser tonificadas, e tivera de mandar alterar os fatos porque tinham ficado demasiado largos na cintura e no traseiro.

Não que isso importasse. Serena podia estar enganada relativamente ao *paddleboard*, mas tinha razão em relação ao azar de Maria na vida amorosa, a começar por Luis. Fora o primeiro homem de quem ela gostara a sério, o primeiro que amara verdadeiramente. Tinham sido amigos durante um ano antes de, por fim, começarem a namorar, e à primeira vista tinham muitas coisas em comum. Como ela, Luis era filho de imigrantes mexicanos e pretendia ser advogado; como ela, gostava de dançar, e, ao fim de dois anos juntos, começara a ser fácil para Maria imaginar um futuro com ele. Por outro lado, Luis deixou claro que estava bem a namorar – e a dormir com Maria – desde ela não esperasse mais do que isso. O simples facto de se falar em casamento assustava-o, e, apesar de ela ter começado por tentar convencer-se de que não importava, no fundo isso não era verdade.

Ainda assim, o rompimento fora uma surpresa; uma noite, ele telefonara e dissera-lhe que estava tudo acabado. Ela tentara reconfortar-se com o facto de que queriam coisas diferentes na vida e que Luis não estava pronto para o tipo de compromisso que ela sabia que queria. Mas depois, passado pouco mais de

um ano, pouco depois de ela fazer o exame da Ordem, soubera que ele estava noivo. Tinha passado as seis semanas seguintes na mais profunda desolação, a tentar perceber porque é que a outra rapariga era suficientemente boa para se casar com Luis quando ele nem sequer era capaz de falar sobre o assunto consigo. O que fizera de mal? Fora demasiado insistente? Demasiado aborrecida? Ou demasiado... outra coisa qualquer? Por muito que pensasse, não fazia ideia. Claro que toda a experiência teria sido mais fácil se ela tivesse conhecido outra pessoa depois de Luis, mas a cada ano que passava dava por si a perguntar a si própria com mais frequência para onde teriam ido todos os homens bons. Ou se tal coisa ainda existia. Onde estavam os homens que não esperavam que se dormisse com eles depois de um ou dois encontros? Ou homens que acreditavam que pagar a conta num primeiro encontro era um gesto elegante? Ou até um homem com um emprego decente e planos para o futuro? Depois de ela e Luis se separarem, só Deus sabe como ela tentara mostrar-se disponível. Apesar das muitas horas que passava a estudar na faculdade de Direito e, mais tarde, a trabalhar em Charlotte, saía com amigos ao fim de semana, mas alguém minimamente decente a convidara para sair?

Parou de remar durante breves instantes, deixando a prancha deslizar enquanto se endireitava para esticar as costas. Bem, na verdade talvez o tivessem feito, pensou. Mas naquela altura a primeira coisa em que reparava era na aparência e recordava-se de dizer que não a alguns tipos que não eram muito bonitos. E talvez tivesse sido esse o problema. Talvez tivesse recusado o Sr. Certo porque ele não era suficientemente alto ou por outro motivo qualquer, e agora – porque ele era o Sr. Certo – já estava comprometido. Nos últimos tempos, parecia que os Srs. Certos desapareciam a uma velocidade assustadora, talvez porque eram tão raros como os condores da Califórnia.

A maior parte do tempo, não a incomodava. Era diferente da mãe, que acreditava que uma mulher se definia pelo seu estado civil. Ela tinha uma vida independente, podia fazer o que lhe apetecia e, embora não tivesse ninguém para tomar conta dela, também não tinha de tomar conta de mais ninguém. Todavia, nos últimos dois anos – quando começara a aproximar-se a pouco e pouco dos trinta –, havia momentos em que pensava que talvez fosse bom ter alguém com quem ir dançar ou que a acompanhasse quando fazia *paddleboard*, ou até alguém disposto a escutar as suas queixas depois de um dia mau no trabalho. Se tivesse um grande círculo de amigas, como Serena, talvez esse vazio fosse preenchido, mas a maioria dos amigos de Maria vivia nas zonas de Raleigh ou Charlotte, e para estar com eles era quase sempre preciso fazer uma viagem de carro e dormir no sofá de alguém. Para além da família imediata e outros parentes, Jill e alguns outros colegas de trabalho – e, sim, Paul, apesar da outra noite –, as únicas pessoas que conhecia eram aquelas com quem tinha andado no liceu, mas tinham-se afastado porque ela passara anos fora. Ainda pensara em reatar essas amizades, mas quando saía do emprego só lhe apetecia descontrair na banheira com um copo de vinho e um bom livro. Ou, quando se sentia cheia de energia, só queria ir para a água com a prancha de *paddleboard*. Até as amigas requeriam energia, e nos últimos tempos não tinha energia suficiente para tudo. Muito embora isso significasse que a sua vida não era muito interessante, também tinha a discreta previsibilidade de que ela precisava. O seu último ano em Charlotte fora traumático, e...

Abanou a cabeça, tentando obrigar a recordação daquele último ano a desaparecer. Respirou fundo e disse a si mesma para se concentrar no lado positivo, como aprendera a fazer. Havia muitas coisas boas na sua vida. Tinha a família, uma casa e um emprego de que gostava...

Tens a certeza disso?, perguntou de repente a vizinha dentro de si. *Porque sabes que não é propriamente verdade.*

Tinha começado bastante bem, mas não era sempre assim? A Martenson, Hertzberg & Holdman era uma firma de tamanho médio e ela trabalhava acima de tudo para o advogado principal, Barney Holdman, em trabalhos de defesa de seguros. Barney tinha sessenta e poucos anos e era a galinha dos ovos de ouro da

empresa, um gênio legal que usava fatos de *seersucker* e falava com um sotaque lento e arrastado, vindo das montanhas da Carolina do Norte. A impressão que transmitia tanto a clientes como jurados era a de um avôzinho simpático, mas sob a superfície era extremamente agressivo, preparado para tudo e exigente com os sócios. Ao trabalhar para ele, Maria tinha o privilégio do tempo, conhecimentos e dinheiro para preparar os seus casos, um ambiente bem diferente do trabalho como assistente do promotor de justiça.

Jill foi um bônus. Sendo a única mulher no escritório para além das secretárias e auxiliares jurídicas, que tinham as suas cliques, Jill e Maria tinham-se dado bem desde o primeiro momento, embora trabalhassem em departamentos diferentes. Almoçavam juntas três ou quatro vezes por semana e Jill passava muitas vezes pelo escritório de Maria apenas para conversarem alguns minutos. Era perspicaz e fazia Maria rir, mas em termos profissionais era incisiva, e era uma das grandes mais-valias da firma. Era um mistério ainda não ter sido nomeada como sócia. Por vezes, Maria perguntava a si mesma se Jill ficaria muito tempo na firma, embora a amiga nunca tivesse abordado diretamente o assunto.

O verdadeiro problema era Ken Martenson, o sócio-gerente da firma, que parecia contratar as auxiliares jurídicas com base na beleza física e não nas qualificações, e passava demasiado tempo a rondar as suas secretárias. Aquela parte não incomodava necessariamente Maria, e também não a incomodava ver Ken a confraternizar com as auxiliares jurídicas de uma forma que por vezes parecia tudo menos profissional. Jill falara-lhe sobre a reputação de Ken durante a sua primeira semana na firma, acima de tudo no seu interesse por auxiliares jurídicas atraentes, mas Maria não dera importância ao assunto. Isto é, até Ken começar a interessar-se por si. Não foi um desenvolvimento favorável, e nos últimos tempos a situação estava a complicar-se ainda mais. Uma coisa era tentar evitar Ken no escritório, onde havia sempre outras pessoas por perto, mas a conferência em Winston-Salem onde tinham estado na semana anterior aumentara os seus receios de que as coisas pudessem piorar. Embora Ken não tivesse ido ao ponto de a acompanhar até à porta do quarto – graças a Deus –, *pressionara-a* para jantarem juntos nas duas noites. E depois? Viera com a treta de *a minha mulher não me dá valor* e não parava de lhe perguntar se queria mais um copo de vinho, embora ela mal tivesse tocado no primeiro. Falara sobre a sua casa de praia e como era tranquila e relaxante e comentara mais de uma vez que estava quase sempre vazia. Se ela quisesse usá-la, bastava pedir. E será que já lhe dissera como era raro trabalhar com alguém que era ao mesmo tempo inteligente *e* bonita?

Será que o homem poderia ter sido mais óbvio? Não obstante, quando insinuara o que queria, ela fizera-se de burra e desviara a conversa para os assuntos debatidos na conferência. E acabara por resultar, mas não estava a mentir a Serena quando lhe dissera que era complicado. Por vezes, gostaria que, antes de se ter inscrito no curso de Direito, alguém lhe tivesse dito que ser advogada não lhe dava a garantia de emprego que ela sempre imaginara. Nos últimos anos, firmas de todos os tamanhos estavam a reduzir pessoal, os ordenados estavam a descer e, nesse momento, havia demasiados advogados a tentar ocupar muito poucas vagas. Depois de sair do gabinete do promotor de justiça, demorara quase cinco meses a encontrar este emprego e, tanto quanto sabia, nenhuma das outras firmas estava a contratar. Se murmurasse sequer as palavras *assédio sexual* ou aludisse de uma forma vaga a intentar uma ação, o mais certo seria nunca mais arranjar um emprego em todo o estado. Não havia nada que os advogados mais detestassem que outros advogados que poderiam processá-los.

Por enquanto, estava encurralada. Conseguira sobreviver à conferência, mas jurara que não voltaria a colocar-se naquele tipo de situação. Evitaria a sala de convívio e seria um pouco mais cautelosa em relação a trabalhar até tarde, sobretudo quando soubesse que Ken estaria no escritório. Por enquanto, não podia fazer mais nada a não ser rezar para que ele se interessasse por uma das auxiliares jurídicas.

Era mais um exemplo das formas como a vida se revelara mais difícil do que ela imaginara que seria. Quando começara a trabalhar no seu primeiro emprego a sério, era idealista; a vida parecia uma

aventura. Acreditava piamente que tinha um papel importante na manutenção da segurança nas ruas e em dar às vítimas uma forma de procurarem justiça e compensação. Porém, à medida que o tempo foi passando, começou a ficar cansada de todo o processo. Tornou-se evidente que muitas vezes até os criminosos perigosos ficavam em liberdade, que as engrenagens do sistema eram impossivelmente lentas e que a quantidade de processos era interminável. Agora, vivia de novo na cidade onde crescera e praticava um tipo de Direito muito diferente de quando era assistente do promotor de justiça. Apesar de ter a certeza de que as coisas melhorariam assim que se instalasse, fora percebendo a pouco e pouco que o *stress* profissional tinha apenas diferentes sabores, e que este não era muito melhor que o anterior.

Ficara surpreendida, mas, afinal de contas, quase tudo a surpreendera nos últimos sete anos. O mundo podia vê-la como uma jovem profissional, proprietária de uma casa, mas havia momentos em que sentia que era tudo falso. Parte dessa sensação era financeira – depois de pagar as contas no fim do mês ficava com menos dinheiro para gastar do que nos seus tempos de adolescente –, mas a outra parte residia no facto de a maioria das suas amigas da universidade já estarem casadas, algumas até já com filhos. Quando falava com elas, quase todas pareciam muitíssimo satisfeitas, como se as suas vidas estivessem a acontecer exatamente como haviam planeado, enquanto ela, por outro lado, tinha um patrão tarado sexual, um apartamento que quase não conseguia pagar e uma irmã mais nova que parecia mais sensata e mais descontraída do que ela. Se isto era a vida adulta, por que motivo tivera tanta pressa para crescer?

Durante a hora seguinte remou sem parar e a prancha deslizou enquanto ela se esforçava para apreciar o que a rodeava. Reparou nas nuvens que se moviam devagar e nas árvores refletidas na água. Concentrou-se no cheiro fresco e salgado da brisa e saboreou o calor do sol nos braços e nos ombros. De vez em quando, tirava uma fotografia, incluindo uma boa de uma águia-pesqueira a segurar um peixe nas garras enquanto subia da água. Tinha demasiadas sombras no visor e estava um pouco longe de mais, mas com algum trabalho de Photoshop poderia valer a pena guardá-la.

Quando, por fim, voltou para casa, tomou um duche, serviu-se de um copo de vinho e sentou-se numa cadeira de baloiço que colocara num canto do pequeno alpendre das traseiras. Observou as pessoas que andavam por Market Street e perguntou a si mesma como seriam as suas vidas. Gostava de inventar histórias sobre elas – *Aquela deve ter vindo de Nova Iorque para visitar a cidade* ou *Aposto que aquela mãe vai levar os filhos a comer um gelado*. Era um inofensivo e relaxante ponto alto de um fim de semana que tivera a sua dose de altos e baixos.

Como o pneu furado. E lembrou-se de que teria de sair no dia seguinte para o mandar arranjar. Mas quando? Sabia que enquanto estava ausente do escritório, a participar na conferência, Barney enchera a sua caixa de mensagens com trabalho. Também tinham duas reuniões importantes à tarde, o que não lhe ia facilitar a vida. E também não fazia a menor ideia de qual seria o passo seguinte de Ken.

A sensação de pavor intensificou-se na manhã seguinte, quando viu Ken a falar com Barney no seu gabinete enquanto ela conversava com Lynn, a voluptuosa mas nada eficiente auxiliar jurídica destacada para a equipa de Barney. Ken e Barney falavam muitas vezes antes da reunião de segunda-feira, mas o que não foi nada normal foi o facto de Ken se limitar a acenar-lhe sem sorrir e continuar a avançar pelo corredor depois de sair do gabinete do sócio. De certa forma, ficou aliviada com a brevidade do encontro, mas ao mesmo tempo o súbito profissionalismo gélido fê-la ter um mau pressentimento, porque significava com toda a certeza que estava zangado com ela.

Alguns minutos depois, claramente mortificada, Jill espreitou por detrás da porta do seu gabinete para pedir desculpa pelo jantar. Falaram durante alguns minutos – Jill estaria fora da cidade até ao fim da semana, ocupada com depoimentos – e Maria contou-lhe a história que contara a Serena sobre o pneu furado e o desconhecido que a ajudara, o que só fez Jill sentir-se ainda pior.

Assim que Jill saiu, Maria começou a telefonar para oficinas, na tentativa de descobrir um sítio para

trocar o pneu depois do trabalho, mas depressa descobriu que todas estariam fechadas quando ela chegasse. A sua única opção seria tentar resolver o assunto durante a hora do almoço. Foram precisas seis tentativas para conseguir fazer uma marcação para o meio-dia e meia hora – o que lhe deixava muito pouco tempo para a primeira reunião com um cliente à uma e meia. Avisou Barney de que poderia atrasar-se um pouco. Ele franziu o sobrolho, mas pediu-lhe que tentasse despachar-se, pois a sua presença era importante. Saiu do escritório ao meio-dia e um quarto e esperou que os mecânicos pudessem começar logo.

Mas não começaram logo. Nem sequer começaram à hora marcada. Acabou por passar a hora seguinte à espera, alternando entre pânico e uma fúria crescente, telefonando várias vezes para a secretária de Barney, para a auxiliar jurídica e também para o telemóvel do patrão. Já passava das duas horas quando o carro ficou pronto, e voltou a grande velocidade para o escritório. Quando chegou à sala de reuniões, a reunião já decorria há quase quarenta e cinco minutos. Um olhar gélido de Barney venceu o seu desagrado e ele convidou-a a entrar na sala no seu tom lento e descontraído.

Depois da reunião, Maria pediu-lhe imensa desculpa. Ele estava claramente irado e não se via qualquer vestígio do simpático avô a que os clientes estavam acostumados. As coisas mantiveram-se tensas entre os dois durante o resto da tarde. No dia seguinte não foi melhor, e Maria concentrou-se em várias tarefas que tinha em mãos, pondo-se a par das questões que deixara de parte enquanto estivera na conferência e preparando os documentos de que sabia que Barney precisaria para um julgamento na semana seguinte. Na segunda e na terça-feira trabalhou até depois da meia-noite, e, com Jill fora do escritório, trabalhou à hora do almoço durante a semana inteira, encomendando refeições para comer à secretária enquanto trabalhava em diversas questões. Aparentemente, Barney não reparou ou não se importou, e só na quinta-feira é que o seu comportamento gélido começou a derreter.

No entanto, ao fim da tarde – quando terminava uma conversa com Barney no seu gabinete sobre um pedido de indemnização que suspeitavam ser fraudulento –, ouviu uma voz atrás de si. Levantou a cabeça e viu Ken parado à porta.

– Desculpem – disse ele, dirigindo-se aos dois, mas concentrando-se acima de tudo em Barney. – Não te importas que fale com a Maria durante um momento?

– Claro que não – disse Barney no seu tom lento e arrastado. Acenou para Maria. – Liga-lhes e avisa-os que temos de marcar uma videoconferência para amanhã.

– Com certeza. Depois digo-te a resposta deles – disse Maria. Sentiu Ken a olhá-la, sentiu tensão no peito quando se voltou para olhar para ele. Nessa altura, Ken já se tinha virado para sair e, sem uma palavra, seguiu-o pelo corredor e pela zona de receção. Os seus pés arrastaram-se quando percebeu que ele se dirigia para o gabinete. Quando se aproximaram, a secretária dele desviou o olhar.

Ken abriu a porta para ela entrar e em seguida fechou-a. Muito profissional, foi para trás da secretária e convidou-a com um gesto a sentar-se na cadeira à sua frente. Olhou pela janela antes de, por fim, se virar para a encarar.

– O Barney mencionou que faltaste a uma reunião com um cliente importante na segunda-feira.

– Não faltei. Cheguei atrasada...

– Não te chamei aqui para discutir os pormenores – disse ele, interrompendo-a. – Queres explicar-me o que aconteceu?

Apanhada desprevenida, Maria gaguejou um patético relato das suas tentativas de encontrar uma oficina, bem como os acontecimentos que se seguiram.

Quando terminou, ele não falou logo.

– Compreendes o que fazemos aqui, certo? E o motivo pelo qual foste contratada? Os nossos clientes esperam um certo nível de profissionalismo.

– Sim, claro que sim. E sei que os nossos clientes são importantes.

– Sabias que o Barney estava a pensar dar-te a oportunidade de seres a advogada principal neste caso?

E que a desperdiçaste porque sentiste a necessidade urgente e desesperada de mudar o pneu do carro durante o horário de expediente?

Maria ruborizou-se, com os pensamentos a mil ao ouvir esta novidade.

– Não, ele não mencionou isso – disse, de uma forma precipitada. – E, como disse, queria tratar do assunto depois do trabalho, mas todas as oficinas já estariam fechadas. Eu estava convencida de que chegaria a tempo. Sabia que havia um risco, mas...

– Um risco que não te importaste nada de correr – observou ele, interrompendo-a mais uma vez.

Ela abriu a boca para responder, mas já tinha percebido que nada que dissesse o apaziguaria. No silêncio, Maria sentiu um nó formar-se no seu estômago quando ele se sentou por fim à secretária.

– Devo dizer que estou muito desapontado com a tua decisão – disse ele, parecendo controlado. – Corremos o risco de te contratar porque eu, entre outros, te apoiei. Como sabes, as tuas funções no gabinete do promotor de justiça eram pouco relevantes para o nosso trabalho. Mas eu pensei que tinhas potencial. Agora, não sei o que pensar, nem se tomei a decisão errada.

– Lamento imenso. Não voltará a acontecer.

– Espero bem que não. Para o teu bem, não para o meu.

O nó no seu estômago aumentou ainda mais.

– O que posso fazer para remediar a situação?

– Por enquanto, nada. Vou falar com o Barney para saber o que ele pensa e depois comunico-te o que decidirmos.

– Devo telefonar aos clientes? Talvez tentar desculpar-me?

– Acho que por enquanto não deves fazer nada. Já te disse que o Barney e eu vamos discutir o assunto. Mas se alguma coisa deste género voltar a acontecer... – Ele inclinou-se para a frente, acendendo o candeeiro da secretária.

– Não vai voltar a acontecer – sussurrou ela, ainda a tentar recompor-se. Barney estava a pensar torná-la advogada principal? Porque é que não lhe dissera nada? Naquele instante, o telefone da secretária tocou e Ken atendeu. Depois de anunciar o seu nome, acenou antes de tapar o bocal.

– Tenho de atender este telefonema. Terminamos a conversa noutra altura.

O seu tom não deixou qualquer dúvida de que *falariam de novo* e Maria levantou-se da sua cadeira, humilhada e em pânico. Com os pensamentos em grande desordem, saiu a cambalear do gabinete de Ken. Passou pela secretária dele e ficou contente quando ela a ignorou. Quando chegou ao seu gabinete, fechou a porta e passou em revista toda a conversa. Involuntariamente, perguntou a si própria quanto tempo mais conseguiria continuar a trabalhar ali. Ou se teria sequer essa oportunidade.

CAPÍTULO 3



Colin

Na segunda-feira depois da luta, Colin saiu de casa e dirigia-se sem pressa para o *Camaro* quando avistou o detetive Pete Margolis. O polícia tinha estacionado na berma da estrada à frente da casa e estava encostado ao capô do carro, com um copo de café na mão e um palito na boca. Ao contrário da maioria dos polícias com quem Colin lidara no passado, Margolis passava quase tanto tempo como ele no ginásio. Tinha as mangas arregaçadas e o tecido esticava-se nos bíceps. Ele tinha quase quarenta anos e usava o cabelo puxado para trás e untado sabia-se lá com quê. Uma, talvez duas vezes por mês, aparecia sem avisar para ver Colin, como parte do acordo determinado pelo tribunal. Era evidente que Margolis adorava o poder que tinha sobre ele.

– Estás um horror, Hancock – disse, quando Colin se aproximou. – Fizeste alguma coisa que eu deva saber?

– Não – respondeu Colin.

– Tens a certeza?

Colin observou Margolis em vez de responder. Sabia que o tipo acabaria por chegar ao que queria dizer-lhe.

Margolis passou o palito de um lado da boca para o outro.

– Pouco depois da meia-noite houve uma rixa no parque de estacionamento do Crazy Horse. Uma data de tipos a atirarem garrafas uns aos outros; alguns carros que estavam estacionados ficaram amolgados e um homem ficou inconsciente. Testemunhas disseram que ele foi pontapeado na cabeça depois de estar no chão. Neste momento, está no hospital com uma fratura no crânio. Trata-se de agressão com um arma mortífera, sabes, e assim que ouvi a história pareceu-me muito familiar. Não te prendi por uma coisa desse género aqui mesmo em Wilmington? Há uns dois anos? E não estiveste metido em algumas confusões desde então?

Margolis já conhecia as respostas, mas Colin respondeu.

– Sim à primeira. Não à segunda.

– Ah, pois é. Porque os teus amigos intervieram. O tipo pateta e a loura boazona, certo?

Colin não disse nada. Margolis olhou-o fixamente. Colin continuou à espera, até que Margolis continuou por fim.

– A propósito, é por isso que estou aqui.

– OK.

– OK? Apenas isso?

Colin não disse nada. Aprendera que devia dizer o menos possível na presença da polícia.

– Põe-te no meu lugar – continuou Margolis por fim. – O que se passa é que quase toda a gente se pirou quando as sirenes começaram a aproximar-se. Duas testemunhas deixaram-se ficar e falei com elas, mas percebi que estava apenas a perder o meu tempo. É muito mais fácil ir direto à fonte, não achas?

Colin subiu um pouco a mochila no ombro.

– Já acabou?

– Ainda não. Acho que não compreendes o que está a acontecer.

– Compreendo. Mas nada disso me diz respeito. Não estive lá.

– Podes provar?

– Pode provar o contrário?

Margolis bebeu um gole do seu café e tirou outro palito do bolso. Demorou algum tempo a pô-lo na boca.

– Quase parece que estás a tentar esconder alguma coisa.

– Foi apenas uma pergunta – disse Colin.

– Então está bem. Vamos às perguntas. Onde é que estiveste no sábado à noite?

– Em Jacksonville.

– Oh, sim – disse ele. – O combate. Aquela coisa das Artes Marciais Mistas, a AMM, certo? Tu falaste-me disso. Venceste?

Margolis não queria saber e Colin sabia-o. Observou-o a beber mais um gole de café.

– O que interessa é que conseguimos algumas descrições das testemunhas, e acontece que o tipo que deu os pontapés tinha vinte e tal anos, era musculoso, tinha tatuagens nos braços e cabelo castanho curto, quase à escovinha. E sabes que acontece que o tipo estava bastante magoado *antes* mesmo de a luta começar. As pessoas tinham-no visto lá dentro. E como eu sabia que tu tinhas estado a lutar em Jacksonville... bem, não é preciso ser um génio para descobrir o que aconteceu.

Colin perguntou a si mesmo que partes da história de Margolis, se é que as havia, eram verdadeiras.

– Tem mais alguma pergunta para me fazer?

Margolis mudou o palito de novo enquanto pousava o café no capô.

– Estiveste no Crazy Horse no sábado à noite?

– Não.

– Nem sequer paraste lá? Só por alguns minutos?

– Não.

– E se eu tiver uma testemunha que diz que te viu lá?

– A sua testemunha está a mentir.

– E tu não.

Uma vez mais, Colin não respondeu. Não valia a pena. E uma parte de si desconfiava que até Margolis o sabia, porque passado um longo momento o homem cruzou os braços e os músculos quase se fletiram – mas não completamente – de forma involuntária. Se o detetive tivesse alguma coisa em concreto, Colin sabia que já teria sido detido.

– Está bem – disse Margolis. – Então responde a isto: onde é que estiveste entre a meia-noite e a uma da manhã de domingo?

Colin tentou lembrar-se.

– Não estava a ver as horas. Mas ou estava a sair do Trey's Diner na Estrada 17 ou a ir para casa, ou a mudar o pneu do carro de uma senhora durante a tempestade. Cheguei a casa por volta da uma e meia.

– Trey's Diner? Por que diabo comerias ali?

– Tinha fome.

– A que horas saíste de Jacksonville?

- Já passava da meia-noite. Talvez cinco ou dez minutos, mas não tenho a certeza.
- Testemunhas?
- Dezenas.
- E presumo que comeste sozinho no Trey's?
- Estava com o meu senhorio.

Margolis resmungou.

- O Evan? Metade do duo dinâmico? Que conveniente.

Colin apertou o maxilar e ignorou a farpa.

- Tenho a certeza de que a empregada de mesa se lembra de nós.
- Porque parece que a tua cara foi passada numa picadora de carne?
- Não. Porque o Evan se destacava num lugar daqueles.

Margolis esboçou um sorriso afetado, mas continuou a pressioná-lo.

- Então saíste do restaurante.
- Sim.
- Sozinho?
- Sim. O Evan saiu alguns minutos antes. Tinha vindo no carro dele.
- Então não há ninguém que possa dizer onde foste depois?
- Já lhe disse o que aconteceu depois disso.
- Ah, é verdade. Mudaste o pneu do carro de uma senhora.
- Sim.
- No meio da tempestade?
- Sim.
- Conhecia-la?
- Não.
- Então porque é que paraste?
- Porque pensei que poderia precisar da minha ajuda.

Margolis refletiu sobre a resposta de Colin, sem dúvida a pensar que ele fora apanhado em falso.

- Como é que podias saber que ela poderia precisar de ajuda se já não tivesses parado?

– Vi que ela precisava de ajuda para tirar o pneu do porta-bagagens. Parei e saí do carro. Ofereci ajuda. Ela começou por dizer que não. Pediu-me o telemóvel emprestado para ligar à irmã. Deixei-a usá-lo e ela ligou-lhe. E depois pediu-me ajuda para trocar o pneu. Eu troquei-o. A seguir, entrei no meu carro e fui logo para casa.

- A que horas foi isso?

– Não sei. Mas a mulher fez um telefonema para a irmã do meu telemóvel. Se quiser, posso mostrar-lhe o registo de chamadas.

- Por favor.

Colin levou a mão ao bolso de trás e pegou no telemóvel; tocou em algumas teclas e o registo de chamadas apareceu, confirmando o seu álibi. Mostrou-o a Margolis.

Margolis pegou no bloco de apontamentos e fez questão de anotar o número muito devagar. Sem dúvida que tinha sido mais ou menos à hora da rixa, porque os seus bíceps fletiram-se de novo.

- Como é que sei que é o número da irmã dela?
- Não sabe.
- Mas não te importas que telefone para verificar.
- Faça o que quiser. Vai estar a perder o seu tempo.

Os olhos de Margolis semicerraram-se de uma forma quase imperceptível.

- Achas-te muito esperto, não achas?
- Não.
- Claro que achas. Mas sabes que mais? Não és.

Colin não respondeu, e durante longos momentos continuaram a olhar um para o outro. Margolis pegou de novo no café e voltou para a porta do condutor.

– Podes crer que vou verificar isto. Mas tu e eu sabemos que o teu lugar não é nas ruas. Um tipo como tu? Quantas pessoas mandaste para o hospital ao longo dos anos? És violento, e, embora penses que podes controlar-te para sempre, não podes. E quando isso acontecer, vou estar lá. E serei o primeiro a dizer-te: «Eu avisei-te.»

Um instante depois, o carro afastou-se e Colin observou-o até ele virar a esquina.



– O que foi aquilo?

Colin virou-se e viu Evan no alpendre. Já vestido para ir trabalhar, o amigo desceu e começou a percorrer o passeio.

- O costume.
- O que foi desta vez?
- Luta no Crazy Horse.
- Quando?
- Quando eu estava contigo. Ou a conduzir, ou a mudar um pneu.
- Desta vez eu posso ser o teu álibi?
- Duvido. Ele sabe que não fui eu. Se desconfiasse de mim, já me teria levado para ser interrogado na esquadra.

– Então para que é que foi este teatro todo?

Colin encolheu os ombros. Era uma pergunta retórica, pois ambos sabiam a resposta. Colin apontou para o amigo.

– Não é a gravata que a Lily te ofereceu nos anos?

Evan olhou para baixo para examiná-la. Era um padrão de cornucópias, um caleidoscópio de cores.

- Sim, por acaso é. Tens boa memória. Que te parece? É demasiado?
- Não importa o que eu penso.
- Mas não gostas.

– Acho que deves usá-la, se quiseres.

Evan pareceu momentaneamente indeciso.

- Porque é que fazes isso?
- Faço o quê?
- Recusas-te a responder a uma simples pergunta.
- Porque a minha opinião é irrelevante. Devias usar o que te apetece.
- Diz-me, está bem?
- Não gosto da tua gravata.
- A sério? Porque não?
- Porque é horrível.
- Não é horrível.

Colin acenou com a cabeça.

- Está bem.
- Não sabes do que estás a falar.
- Provavelmente.
- Nem sequer usas gravatas.
- Tens razão.
- Então que me importa o que pensas?
- Não sei.

Evan franziu o sobrolho.

- Às vezes falar contigo é exasperante, sabes?
- Sei. Já me disseste isso antes.

– Claro que já te disse isso antes! Porque é verdade! Não falámos sobre isto no outro dia? Tu não tens de dizer tudo o que te vem à cabeça.

- Mas tu perguntaste.
- Só... Oh, esquece. – Virou-se e começou a voltar para casa. – Falamos mais tarde, está bem?
- Onde vais?

Evan deu alguns passos antes de responder, sem se voltar.

– Mudar a maldita gravata. E, a propósito, o Margolis tinha razão. Parece que a tua cara foi passada numa picadora de carne.

Colin sorriu.

- Ei, Evan!

Evan parou e virou-se.

- O que foi?
- Obrigado.
- Porquê?
- Por tudo.
- Sim, sim. Estás cheio de sorte porque eu não vou contar à Lily o que tu disseste.
- Se quiseres, podes contar. Eu já lhe disse.

Evan olhou-o.

- Claro que disseste.



Na sala de aulas, Colin sentou-se na terceira fila a tomar notas e a tentar concentrar-se no que a professora estava a dizer. O tema era a linguagem e o desenvolvimento da literacia, e nas primeiras duas semanas de aulas a matéria dividira-o: primeiro, pensou que a maior parte das coisas que a professora dizia não passavam de senso comum, e perguntou a si mesmo o que ganhava em estar ali; e, segundo, que poderia haver alguma vantagem ainda desconhecida em quantificar o senso comum numa espécie de estratégia coesa na sala de aula, para que pudesse organizar planos formais de aulas. O único problema era que a professora – uma mulher neurótica de meia-idade com uma voz monótona – tendia a divagar de tema em tema, o que dificultava um pouco a concentração.

Ele estava no terceiro ano do curso universitário, mas era o primeiro semestre no pólo de Wilmington da Universidade da Carolina do Norte. Os dois primeiros anos tinham sido passados na Universidade Comunitária de Cape Fear, onde terminara com nota máxima. Até ao momento, não podia dizer que as aulas eram mais difíceis aqui ou lá; no fim, tudo se resumiria ao nível de dificuldade dos exames e à

qualidade exigida para os trabalhos. Não estava muito preocupado: sempre que possível, fazia questão de ler a matéria com antecedência e sabia que Lily o ajudaria a estudar, fazendo-lhe perguntas quando ele precisava e ajudando-o a rever os trabalhos. Regra geral, gostava de dedicar pelo menos vinte e cinco horas por semana ao estudo, para além do tempo que passava nas aulas; sempre que tinha algum tempo livre ia para a biblioteca, e até agora a estratégia parecia estar a compensar. Ao contrário de muitos dos alunos que estavam ali para estudar e para ter uma vida social, ele queria apenas aprender o mais possível e ter as melhores notas que conseguisse. Já fizera todos os disparates da juventude; na verdade, fazia os possíveis para fugir deles.

Contudo, sentia-se bastante bem por ter chegado até aqui. Tinha Evan e Lily; tinha o seu treino da AMM e um sítio seu. Não gostava muito do emprego – o restaurante onde trabalhava como empregado de bar era demasiado turístico para o seu gosto –, mas não era o género de sítio que o levaria a meter-se em sarilhos. A maioria das pessoas iam lá para comer, incluindo muitas famílias com filhos, e os que se sentavam no bar estavam normalmente à espera de uma mesa ou a jantar. Era sem dúvida muito diferente do tipo de bares que ele costumava frequentar. Durante os seus anos selvagens, preferia os bares profissionais – para alcoólicos profissionais –, aquelas espeluncas escuras e sujas, pouco frequentadas, com ou sem música aos berros. Esperava problemas praticamente a partir do momento em que atravessava a porta, e o mundo fazia-lhe a vontade. Hoje em dia, evitava lugares como esses a todo o custo. Conhecia os seus estímulos e os seus limites, e, embora tivesse feito muito para dominar a raiva, havia sempre a possibilidade de se encontrar numa situação que se descontrolasse depressa de mais. E ele não tinha qualquer dúvida de que, mesmo que se envolvesse num incidente noutro estado, Margolis descobriria e ele passaria a década seguinte numa jaula, rodeado de pessoas que tinham os mesmos problemas de raiva que ele.

Apercebendo-se de que se estava a distrair, obrigou-se a concentrar-se de novo na aula. A professora estava a dizer que alguns professores achavam por bem ler excertos de livros que eram adequados para a idade dos alunos, em vez de livros que se destinavam a crianças mais velhas ou mais novas. Perguntou a si mesmo se devia escrever aquilo nos seus apontamentos – precisaria mesmo de se lembrar daquela informação no futuro? – antes de decidir, *Oh, que se lixe*. Se ela pensava que era suficientemente importante para dizer, ele tomaria nota.

No entanto, foi mais ou menos nessa altura que reparou que uma rapariga de cabelo escuro estava a observá-lo por cima do ombro. Embora tivesse atraído os olhares esperados ao entrar na sala de aulas – até a professora olhara duas vezes e interrompera uma frase a meio –, agora todos os olhos estavam virados para a frente da sala.

Exceto os desta rapariga, que estava sem dúvida a observá-lo, quase a examiná-lo. Não lhe pareceu que se estivesse a atirar a ele; pelo contrário, era quase como se estivesse a tentar percebê-lo. Não que isso lhe interessasse, de uma forma ou de outra. Ela que olhasse, se quisesse; era com ela.

Quando a aula terminou alguns minutos mais tarde, Colin fechou o bloco de apontamentos e guardou-o na mochila. Pô-la ao ombro e estremeceu quando ela lhe bateu nas costelas doridas. Depois das aulas, queria ir treinar para o ginásio, mas ainda não estava em condições de sofrer contacto. Nada de boxe ou luta corpo a corpo; apenas levantamento de pesos, abdominais e meia hora a saltar à corda. Faria um pequeno intervalo e em seguida poria os auriculares e correria cinco quilómetros a ouvir o género de música que os pais sempre tinham odiado. Mais tarde, tomaria um duche e iria trabalhar. Perguntou a si mesmo como é que a patroa reagiria quando o visse; desconfiava que não ficaria satisfeita. O seu rosto não ia integrar-se muito bem na atmosfera turística, mas o que é que podia fazer?

Com uma hora de intervalo antes da aula seguinte, começou a dirigir-se para a biblioteca. Tinha um trabalho para fazer e, embora tivesse começado na semana anterior, queria terminar o primeiro esboço

nos dois dias seguintes, e não ia ser fácil. Entre treinos e trabalho, tinha de gerir o seu tempo livre limitado com eficiência.

Ainda dorido da luta, caminhou devagar, reparando nas reações das raparigas que passavam por si. Eram quase uniformes: avistavam-no e olhavam duas vezes, revelando expressões de choque e medo, e depois fingiam que não tinham reparado nele. O pensamento divertiu-o – bastava um *Buu!* para todas começarem a fugir na direção oposta.

Quando virou para um passeio diferente, uma voz chamou atrás de si.

– Ei, espera! Tu aí! – Convencido de que não era para ele, ignorou-a.

– Ei, tu com a cara magoada! Já disse para esperares!

Colin demorou um segundo a ter a certeza de que ouvira bem, mas quando parou e se virou viu a rapariga de cabelo escuro da sala de aulas a acenar. Olhou por cima do ombro, mas mais ninguém estava a prestar atenção. Quando ela se aproximou, reconheceu-a como a rapariga que o estava a observar durante a aula.

– Estás a falar comigo?

– O que é que te parece? – disse ela, parando a alguma distância. – Quem mais tem a cara magoada por estas bandas?

Não soube se devia ficar ofendido ou rir-se, mas ela disse aquilo de uma forma que tornava impossível ofender-se.

– Conheço-te?

– Somos da mesma turma.

– Eu sei. Vi-te a olhar para mim. Mas não te conheço.

– Tens razão – disse ela. – Somos desconhecidos. Mas posso fazer-te uma pergunta?

Ele sabia exatamente o que aí vinha – a conversa da cara magoada tinha sido a pista – e ajeitou a mochila no ombro.

– Estive envolvido numa luta.

– É claro que estiveste – disse ela. – Mas não era isso que te queria perguntar. Quero saber quantos anos tens.

Ele pestanejou, surpreendido.

– Vinte e oito. Porquê?

– Perfeito – disse ela, não respondendo à sua pergunta. – Onde vais?

– Para a biblioteca.

– Boa. Eu também. Posso fazer-te companhia? Acho que devíamos falar.

– Porquê?

Ela sorriu, fazendo-lhe lembrar vagamente outra pessoa.

– Se falarmos, poderás descobrir.

CAPÍTULO 4



Maria

—A final, onde é que vamos? – perguntou Maria do banco do condutor. Tinha ido buscar Serena meia hora antes a South Front Street, uma rua paralela ao rio Cape Fear. Serena estava parada num cruzamento, numa zona salpicada de velhos edifícios de escritórios e pequenos aglomerados de barracas e casas de barcos na margem do rio, ignorando os operários da construção civil que a devoravam com os olhos do outro lado da rua. Como o resto da área ribeirinha, aquela zona estava a ser revitalizada a pouco e pouco, mas por enquanto era um trabalho em curso. – E porque é que tive de te vir buscar?

– Já te disse. Vamos a um *restaurant* – respondeu Serena. – E vieste buscar-me porque não quero conduzir hoje, pois posso beber uns copos. – Atirou uma madeixa de cabelo por cima do ombro. – A propósito, a entrevista correu bem. O Charles disse que achava as minhas respostas muito *profundas*. Obrigada por perguntares.

Maria revirou os olhos.

– Como é que foste para lá?

– O Steve levou-me. Acho que ele gosta de mim. Vem ter aqui comigo mais tarde.

– Para estar disposto a aguentar este trânsito, tem de gostar mesmo.

Embora a primeira metade de setembro já tivesse passado, o calor fazia lembrar o princípio de agosto e a praia estava cheia. Maria já dera duas voltas ao quarteirão à procura de um lugar para estacionar.

– O que é que isso interessa? Estamos na praia.

– Há lugares melhores para comer no centro.

– Como é que sabes? Alguma vez vieste à praia de Wrightsville desde que voltaste para cá?

– Não.

– É precisamente onde quero chegar. Tu vives em Wilmington. De vez em quando, tens de ir à praia.

– Eu faço *paddleboard*, lembras-te? Vejo a praia muito mais vezes do que tu.

– Estou a referir-me a um sítio com pessoas de verdade, não apenas pássaros e tartarugas e um ou outro peixe voador. Tens de ir a um lugar divertido, com uma vista fantástica e um ambiente ótimo.

– Crabby Pete's?

– É uma instituição local.

– É uma armadilha para turistas.

– E depois? Nunca lá fui e quero ver como é.

Maria apertou os lábios.

– Porque é que tenho a impressão de que não me estás a dizer tudo?

– Porque és advogada. Desconfias de tudo.

– Talvez. Ou pode ser apenas porque tens alguma coisa planeada.

– Porque é que dizes isso?

– Porque é sábado à noite. Nós *nunca* saímos ao sábado à noite. Tu nunca *quiseste* sair comigo ao sábado à noite.

– É por isso que vamos jantar cedo – respondeu Serena. – Há uma série de bandas a tocar nos bares de praia este fim de semana, e o Steve e eu e alguns amigos vamos ouvir um pouco de música antes de irmos para as festas. Mas só começam a tocar às dez ou onze, por isso temos muito tempo.

Maria sabia que Serena estava a tramar alguma coisa, mas não conseguia perceber o que era.

– Espero que não penses que vou ficar convosco.

– Nem penses – disse Serena. – És demasiado velha para isso. Seria como sair com a mãe e o pai.

– Ena, obrigada.

– Não me culpes. Foste tu que disseste que eras velha de mais para rapazes da minha idade. Porquê? Estás a reconsiderar?

– Não.

– É por isso que vamos só jantar.

De repente, Maria avistou um carro a sair de um lugar de estacionamento e virou, aproximando-se. Ainda faltava um ou dois quarteirões para o restaurante, mas duvidava que conseguisse encontrar um lugar mais perto. Estacionou, sem conseguir afastar a sensação de que Serena estava a ser muito dissimulada, e a irmã pareceu aperceber-se.

– Não te preocupes tanto. Estás a dar cabo do ambiente. Qual é o problema de passares algum tempo com a tua irmã?

Maria hesitou.

– Tudo bem, mas só quero que saibas que se estás a pensar em convidar algum tipo para se sentar à nossa mesa ou outra parvoíce desse género, não vou gostar nada.

– Eu não sou a Jill e o Paul, está bem? Não te ia impor um encontro horrível com um desconhecido sem te perguntar primeiro. Mas, se te faz sentir melhor, garanto-te que não se vai sentar nenhum tipo connosco. Na verdade, até vamos comer ao balcão. Parece que a vista é melhor. Combinado?

Maria hesitou antes de, por fim, desligar o motor.

– Combinado.



Ao lado de um dos quebra-mares da praia de Wrightsville, o Crabby Pete's já existia há quase quarenta anos. Sobrevivera por pouco a muitos furacões e a estrutura estaria interdita se não fossem as inúmeras reparações de qualidade variada efetuadas ao longo dos anos. O edifício tinha tinta a descascar, um terraço inclinado na cobertura e bastantes portadas em falta ou partidas.

Apesar da aparência, o restaurante estava cheio e Maria e Serena tiveram de se espremer por entre a multidão que esperava por uma mesa enquanto se dirigiam para as escadas que levavam ao bar no topo do edifício. Atrás da irmã, Maria reparou nas mesas de madeira, nas cadeiras desirmanadas e nos grafitis personalizados nas paredes. No teto estavam penduradas coisas que o Pete original – que falecera há vários anos – encontrara nas suas redes enquanto pescava: tampões de pneus e sapatilhas, bolas de basquetebol vazias, um sutiã de mulher, brinquedos e imensas placas de matrícula de mais de dez estados.

– Muito fixe, não é? – gritou Serena por cima do ombro.

– Não há dúvida de que está apinhado.

– É uma experiência. Vem!

Subiram as escadas que chiavam até à esplanada na cobertura e Maria piscou os olhos quando saiu para o sol sob um céu sem nuvens. Ao contrário do rés do chão do restaurante, as mesas aqui em cima estavam ocupadas por adultos que descontraíam, com garrafas de cerveja abertas ou *cocktails* à sua frente. Três empregadas de mesa de calções e camisolas pretas de alças andavam apressadas por entre os clientes, pegando com eficiência nas coisas vazias e deixando bebidas. Metade das mesas tinham baldes de lata cheios de pernas de caranguejo, e Maria observou os clientes a partirem as cascas para chegarem à carne.

– Estamos com sorte – disse Serena. – Há dois bancos no balcão.

O balcão ficava ao fundo. Estava parcialmente protegido do sol com uma cobertura metálica enferrujada e tinha dez bancos altos. Maria seguiu Serena, serpenteando por entre as mesas sob o sol abrasador. No entanto, estava mais fresco sob a sombra da cobertura do bar e, quando se sentaram, sentiu a brisa salgada a afastar-lhe os cabelos compridos do pescoço. Por cima do ombro de Serena, viu as ondas a rebentar na praia, azul que se transformava de repente em branco e voltava a azul. Embora fossem quase horas de jantar, ainda estavam centenas de banhistas na água, ou deitados em toalhas. O quebra-mar estava cheio de pessoas inclinadas sobre a balaustrada com as suas canas de pesca, à espera que alguma coisa mordesse o anzol. Serena assimilou a paisagem antes de se voltar para Maria.

– Admite – desafiou Serena. – É mesmo disto que precisas. Diz que eu tinha razão.

– Está bem. Tinhas razão.

– Adoro quando dizes isso – disse ela alegremente. – Agora, vamos beber alguma coisa. O que é que te apetece?

– Só um copo de vinho.

– Não, não, não – declarou Serena, a abanar de repente a cabeça. – Não vais beber um copo de vinho aqui. Isto não é um lugar de copos de vinho. Temos de fazer alguma coisa... de praia, como se estivéssemos de férias. Uma *piña colada* ou uma margarita ou uma coisa desse género.

– A sério?

– Tens mesmo de aprender a viver um pouco. – Serena debruçou-se sobre o balcão. – Ei, Colin! Podemos beber alguma coisa?

Maria não tinha reparado no empregado do bar e o seu olhar seguiu o de Serena. Vestido com calças de ganga desbotadas e uma camisa branca com as mangas arregaçadas até aos cotovelos, ele estava a terminar um pedido de uma empregada na outra ponta do bar. Maria reparou logo que ele tinha uma forma física excecional, com ombros bem definidos e ancas estreitas. Usava o cabelo muito curto, quase cortado à escovinha, revelando a tatuagem de um complexo desenho de hera que se enrolava na sua nuca. Embora ele estivesse de costas, Maria ficou impressionada com a eficiência com que se mexia enquanto preparava as bebidas.

– Pensei que tinhas dito que nunca tinhas estado aqui antes – disse, inclinando-se para a irmã.

– E não estive.

– Então como é que sabes o nome do empregado?

– O meu amigo trabalha aqui.

Depois de Serena falar, o empregado virou-se. Com o rosto meio escondido, as feições não foram imediatamente visíveis e só quando ele se aproximou mais é que Maria reparou na nódoa negra esbatida na face e se lembrou dele. Ele também ficou paralisado durante alguns instantes, sem dúvida a pensar o mesmo que ela: *Só pode ser uma brincadeira*. No momento embaraçoso que se seguiu, Maria teve a impressão de que, embora ele não estivesse encantado com a surpresa de Serena, também não estava

necessariamente chateado. Continuou a aproximar-se até parar diante delas. Inclinou-se para a frente e pousou a mão no balcão, revelando o músculo esculpido do antebraço, cheio de tatuagens coloridas.

– Olá, Serena – disse ele. O seu tom descontraído e confiante era igual ao que Maria recordava. – Sempre vieste.

Serena aparentemente decidira comportar-se como se não tivesse planeado tudo.

– Pensei, porque não? Está um dia lindo! – Abriu os braços. – Que sítio fantástico! Tinhas razão sobre a vista. É incrível. Tem estado muito cheio hoje?

– Ainda não parei de trabalhar.

– Não admira. Quem não quer sair num dia como o de hoje? Oh, a propósito, esta é a minha irmã, Maria.

Os olhos de Colin fitaram os seus, imperscrutáveis, fora um toque de divertimento algures nas suas profundezas. De perto, o seu aspeto era muito diferente da noite em que lhe mudara o pneu; com as maçãs do rosto altas, olhos azul-acinzentados e pestanas compridas, era muito fácil imaginá-lo a engatar quase todas as mulheres que quisesse.

– Olá, Maria – disse ele, estendendo a mão sobre o balcão. – Eu sou o Colin.

Ela apertou-lhe a mão, sentindo uma força contida no aperto. Soltou-a e viu-o olhar para Serena e depois de novo para ela.

– O que querem beber? – perguntou.

Serena observou os dois antes de, por fim, pousar os cotovelos no balcão.

– Que tal duas *piñas coladas*?

– É só um instante – disse ele num tom descontraído. Virou-se, pegou no misturador, e quando se curvou para tirar alguma coisa do frigorífico, as calças de ganga apertaram-se em torno das suas coxas. Maria observou-o a juntar os ingredientes antes de fitar Serena com os olhos semicerrados.

– A sério? – disse, mais como afirmação do que pergunta.

– O quê? – perguntou Serena, parecendo satisfeita consigo mesma.

– Foi por isso que viemos? Porque querias que nos conhecêssemos?

– Foste tu que disseste que não tiveste oportunidade de lhe agradecer. Agora, aqui tens a tua oportunidade.

Maria abanou a cabeça, estupefacta.

– Como é que tu...?

– O Colin frequenta uma cadeira comigo. – Esticou a mão para um balde de amendoins no balcão e abriu um. – Na verdade, até são duas, mas só nos conhecemos a sério esta semana. Em conversa, ele disse que trabalhava aqui e que estava de serviço hoje à tarde. Pensei que seria divertido aparecermos para dizer olá.

– Claro que pensaste.

– Qual é o problema? Daqui a pouco vamos embora e podes voltar para casa e fazer luvas para gatos, ou o que quiseres. Não transformes isto numa coisa que não é.

– Porque é que faria uma coisa dessas? Tu já trataste disso.

– Fala com ele, não fales com ele – disse Serena, pegando noutro amendoim –, é-me indiferente. A vida é tua, não minha. E, além disso, já estamos aqui e vamos aproveitar, está bem?

– Detesto quando tu...

– Para o caso de estares interessada – interrompeu Serena –, o Colin é um tipo muito fixe. E inteligente. E tens de admitir que é uma brasa de um empregado de bar. – Baixou a voz para um sussurro. – Eu cá acho que ele tem umas tatuagens muito sensuais – continuou, acenando para ele. – E aposto que tem algumas escondidas.

Maria esforçou-se para encontrar palavras.

– Acho... – balbuciou, tentando assimilar tudo e sentindo a mesma confusão que na noite em que o conheceu. – Podemos tomar as nossas bebidas e ir embora?

Serena fez uma careta.

– Mas eu tenho fome.

Colin voltou com as bebidas e pôs os copos com espuma à frente delas.

– Mais alguma coisa? – perguntou.

Antes que Maria pudesse declinar, Serena ergueu a voz para se fazer ouvir acima do ruído da multidão.

– Podes trazer-nos uma ementa?



Serena ignorou deliberadamente o desconforto óbvio de Maria durante todo o jantar.

No entanto, Maria teve de admitir que não estava a ser tão desagradável como temera, acima de tudo porque Colin estava demasiado ocupado para as tratar como mais do que simples clientes. Não disse nada sobre o facto de ter mudado o pneu do carro de Maria nem sobre as aulas que tinha com Serena; como havia tanta gente ao balcão, quase não conseguia despachar os pedidos e não parava de andar de um lado para o outro do bar, a anotar pedidos e preparar bebidas, a receber pagamentos e a dar às empregadas de mesa o que elas precisavam. Ao longo da hora seguinte, a esplanada na cobertura do edifício não parou de encher e, apesar da entrada ao serviço de uma segunda empregada de bar alguns minutos depois de elas chegarem – uma loura bonita, talvez um ano mais velha que Serena –, o tempo de espera pelas bebidas continuou a aumentar. O único indício de que Colin conhecia Serena foi que o pedido de jantar foi levado e preparado sem demora, bem como uma segunda dose de bebidas. Ele retirou os pratos momentos depois de elas terminarem e deixou a conta, que foi recebida assim que Maria pôs o cartão de crédito. Entretanto, Serena encarregou-se de manter um fluxo constante de conversa animada.

Até houve momentos em que Maria se esqueceu completamente de Colin, embora de vez em quando desse por si a olhar para ele. Serena não dissera mais nada sobre ele, mas Maria achou que parecia velho de mais para ser estudante universitário. Pensou em perguntar a Serena, mas não queria dar-lhe essa satisfação, pois ela arrastara-a para ali sob falsos pretextos.

A contragosto, Maria foi obrigada a admitir que Serena tinha razão em relação ao facto de Colin – quando não estava coberto de nódoas negras, ensanguentado e encharcado numa estrada deserta – ser uma grande brasa. Estranhamente apresentável apesar das tatuagens e da estrutura física, tinha um sorriso rápido, quase irónico, e percebeu que as três empregadas de mesa tinham paixonetas por ele. E o mesmo acontecia com o grupo de mulheres na outra ponta do bar, que tinha chegado há vinte minutos. Percebeu pela forma como lhe sorriram enquanto ele lhes preparava as bebidas e o observaram quando se afastou. A mesma coisa com a outra empregada de bar; embora estivesse tão ocupada como Colin, parecia ficar visivelmente distraída sempre que ele se esticava junto dela para pegar num copo ou numa garrafa.

Os empregados de bar bonitos eram suficientemente comuns para serem um *cliché*, e o mesmo acontecia com as clientes que se atiravam a eles, mas a reação de Colin aos sinais subtis e não tão subtis surpreendeu-a. Embora fosse amável com toda a gente, parecia não perceber a atenção óbvia das suas admiradoras. Ou pelo menos *fingia* não perceber. Enquanto estava a tentar descodificar o motivo, outro empregado de bar começou a trabalhar atrás do balcão, bloqueando parcialmente a sua visão de Colin.

Ao seu lado, Serena tinha o telemóvel na mão e estava a mandar mensagens de texto.

– Estou a dizer ao Steve e à Melissa que estamos quase despachadas – disse Serena, com os dedos imparáveis.

– Eles estão aqui?

– Estão a vir a pé para cá – disse ela. Quando Maria acenou com a cabeça, Serena continuou. – Ele tem vinte e oito anos, sabias?

– O Steve?

– Não – respondeu Serena. – O Steve tem a minha idade. O Colin tem vinte e oito anos.

– E?

– Tu também tens vinte e oito anos.

– Sim. Eu sei.

Serena terminou a sua bebida.

– Pensei que podia dizer, já que passaste o tempo todo a espreitá-lo.

– É claro que não passei.

– Ninguém diria.

Maria pegou no copo, sentindo-se um pouco leve por causa do álcool.

– Está bem – reconheceu –, talvez tenha olhado para ele uma ou duas vezes. Mas vinte e oito é um pouco velho de mais para ainda andar na universidade, não achas?

– Depende.

– Depende de quê?

– De quando começou. O Colin só começou há dois anos, por isso não está atrasado. Quer ser professor do ensino básico, exatamente como eu. E, se queres saber, as notas dele devem ser melhores do que as minhas. Ele leva o estudo muito a sério. Senta-se nas filas da frente e toma notas ridículas.

– Porque é que estás a dizer-me isto?

– Porque é óbvio que estás interessada nele.

– Não estou interessada nele.

– Tens deixado isso bem claro a noite inteira – declarou Serena, fingindo inocência. – É evidente que ele não é o tipo de homem com quem alguma vez irias dançar. Um tipo tão giro? Por favor.

Maria abriu a boca para responder, mas fechou-a de novo, sabendo que se dissesse mais alguma coisa só serviria para encorajar a irmã. No silêncio, o telemóvel de Serena apitou e ela espreitou para ver a mensagem.

– O Steve está lá em baixo. Estás pronta para ir? Ou preferes esperar um pouco aqui?

– Porquê? Porque queres que me atire ao Colin?

– Ele não está cá.

Maria levantou a cabeça e percebeu que Colin se fora embora.

– Ele estava a fazer o turno da tarde, por isso já deve ter terminado – acrescentou Serena, descendo do banco. Pôs a carteira ao ombro. – A propósito, obrigada pelo jantar. Queres descer comigo?

Maria pegou na carteira.

– Pensei que não querias que eu conhecesse o Steve.

– Estava a brincar. A propósito, ele também quer ser advogado. Talvez possas convencê-lo a mudar de ideias.

– Porque é que faria uma coisa dessas?

– Precisas mesmo que responda a essa pergunta depois de tudo por que passaste?

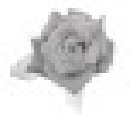
Maria ficou calada. Serena e os pais sabiam como os últimos dois anos tinham sido difíceis.

– Mesmo assim – disse Serena –, é uma pena.

– O que é uma pena?

– Eu sei que o Colin esteve ocupado esta noite, mas não lhe agradeceste por te ter mudado o pneu. Talvez não queiras falar com ele, mas o que ele fez naquela noite *foi* simpático e podias ter-lhe dito isso.

Maria ficou de novo calada, mas enquanto seguia Serena pelas escadas pensou que, como sempre, a irmã tinha razão.



Steve era engraçado num estilo betinho, desde os calções de xadrez ao pólo azul-claro a condizer com os sapatos de vela. Parecia bastante simpático, mas passados alguns minutos tornou-se evidente que ele estava muito mais interessado em Serena do que ela nele, pois ela passou a maior parte do tempo a conversar com Melissa. Embora se censurasse por isso, quando começou a dirigir-se para o carro Maria deu por si a invejar a facilidade com que a irmã mais nova parecia controlar todas as facetas da sua vida.

Mas, afinal de contas, até que ponto podia ser difícil a vida de uma estudante de vinte e um anos? A universidade era uma redoma que mantinha o resto do mundo à distância. Havia imenso tempo livre, amigos que viviam juntos ou na casa ao lado, e uma enorme sensação de otimismo em relação ao futuro, mesmo que não se fizesse ideia do que isso significava. Na universidade, todos aceitavam o facto de que as suas vidas seriam exatamente como tinham planeado, levando-os de uma boa recordação para a seguinte numa sucessão de fins de semana de três dias descontraídos.

Maria hesitou, mudando de ideias. Bem, pelo menos para pessoas como Serena. A sua experiência fora diferente, porque ela levava a educação mais a sério do que a maioria – lembrava-se de ficar stressada de mais, vezes de mais. Olhando para trás, percebeu que provavelmente passara demasiado tempo a estudar e a preocupar-se com os exames. Lembrava-se de fazer trabalhos até de madrugada, revendo-os vezes sem conta até todas as palavras estarem perfeitas. Naquela época, parecia a coisa mais importante do mundo, mas nos últimos dois anos começara a perguntar a si mesma por que motivo levava tudo tão a sério. Bill Gates, Steve Jobs, Michael Dell e Mark Zuckerberg tinham desistido da universidade e tinham-se safado bem, certo? Tinham compreendido de uma forma intuitiva que o mundo não se importava com notas nem com licenciaturas, pelo menos não a longo prazo, sobretudo quando comparadas com características como a criatividade ou a persistência. Claro que as suas notas tinham contribuído para arranjar o primeiro emprego no gabinete do promotor de justiça, mas alguém se importara desde então? Quando fora contratada pela firma, eles só estavam interessados na sua experiência profissional e pareceram considerar inconsequentes os primeiros vinte e quatro anos da sua vida. Agora, as conversas de Barney centravam-se no trabalho que ela produzia e os interesses de Ken eram de uma natureza inteiramente diferente.

Pensando bem, lamentou não ter tirado um ano sabático depois da licenciatura, para viajar pela Europa de mochila às costas ou fazer voluntariado na Teach for America ou noutra instituição qualquer. Com franqueza, não importava o que teria feito, desde que tivesse sido alguma coisa interessante, mas ela tinha tanta pressa de crescer e se tornar adulta que nunca pensara nisso. No entanto, nem sempre sentia que estava verdadeiramente a *viver*, pois por vezes dava por si a lamentar as escolhas que fizera. E, já agora, não era demasiado jovem para ter este género de arrependimentos? Eles não deviam surgir apenas na meia-idade? Bem, a mãe e o pai não pareciam arrepender-se de nada e *eram* de meia-idade. Entretanto, Serena também agia como se não tivesse uma única preocupação no mundo – por isso, onde é que ela errara?

Culpou as *piñas coladas*, cujos efeitos ainda se faziam sentir um pouco, pelos pensamentos melancólicos. Depois de decidir dar um pouco mais de tempo a si mesma antes de conduzir, olhou para o quebra-mar e pensou: *Porque não?* A noite estava a cair, mas ainda teria cerca de uma hora antes de escurecer.

Virou-se e começou a caminhar naquela direção, observando a atividade caótica quando as famílias começaram a sair da praia em massa. Crianças com escaldões, demasiado cansadas e a choramingar, seguiam os pais também escaldados e demasiado cansados, que transportavam pranchas de *bodyboard*, geleiras, chapéus de sol e toalhas.

Na praia, parou para descalçar as sandálias e perguntou a si mesma se reconheceria alguém do liceu ou se a reconheceriam, mas não avistou ninguém conhecido. Caminhou pela areia e quando chegou ao quebra-mar subiu os degraus no momento em que o sol iniciava a sua lenta descida. Através das tábuas debaixo dos pés viu a areia dar lugar à água pouco profunda e, por fim, as ondas que se dirigiam para a praia. Dos dois lados, surfistas ainda apanhavam ondas. Admirou os seus movimentos enquanto passava por pessoas que estavam a pescar; homens e mulheres, jovens e velhos, todos perdidos nos seus mundos. Lembrou-se de ter gostado de um rapaz quando era adolescente e de ele a ter convencido a experimentar. Estava um dia abrasador e lançar a linha era muito mais difícil do que ela pensara. Acabaram por sair do quebra-mar de mãos vazias e mais tarde ela percebeu que gostava muito mais do rapaz do que alguma vez viria a gostar de pescar.

Quanto mais avançava, menos eram as pessoas, e quando chegou ao fundo do quebra-mar viu apenas um pescador, de costas para ela. Usava calças de ganga desbotadas e um boné de basebol, mas bastara um olhar de relance para perceber que estava em boa forma física. Afastou o pensamento e virou-se para contemplar o horizonte, vendo a lua subir do mar. Ao longe, um catamarã deslizou na superfície da água e ela perguntou a si mesma se conseguiria convencer Serena a ir passear de barco um fim de semana.

– Andas a seguir-me? – A voz veio do canto do quebra-mar.

Quando se voltou, demorou alguns segundos a perceber que era Colin. O pescador do boné de basebol, percebeu de repente. Sentiu as faces afogueadas. Isto também teria sido armado por Serena? Não, a ideia de vir aqui fora sua. Não fora? Serena não tinha falado sobre Colin nem sobre o quebra-mar... o que significava que tinha de ser uma coincidência, como a noite em que ele parara e mudara o pneu do seu carro. Quais eram as probabilidades de o encontrar ali? Demasiado baixas para serem plausíveis, e no entanto... ele estava ali e ela também, e percebeu que ele esperava uma resposta.

– Não – gaguejou. – Não estou a seguir-te. Só vim ver a paisagem.

Ele pareceu pesar a sua resposta.

– E?

– E o quê?

– A paisagem. Como é?

Aagitada, ela teve de assimilar a pergunta antes de conseguir responder.

– É linda – respondeu por fim.

– Melhor do que do restaurante?

– Diferente. Mais tranquila.

– Também acho. É por isso que estou aqui.

– Mas estás a pescar...?

– Nem por isso – disse ele. – Como tu, estou aqui acima de tudo para apreciar a paisagem. – Sorriu antes de se inclinar na balaustrada. – Não quis incomodar-te – garantiu-lhe. – Aproveita o pôr do sol, Maria.

De certa forma, ouvi-lo dizer o seu nome aqui pareceu mais íntimo do que no bar, e, distraída, ficou a

vê-lo enrolar a linha e lançá-la de novo. A linha estendeu-se para longe e ela hesitou entre ficar ou ir. Ele parecia satisfeito por lhe dar espaço, como fizera na noite em que se tinham conhecido. O que lhe lembrava...

– Ei, Colin?

Ele virou a cabeça.

– Sim?

– Devia ter-te agradecido por teres trocado o pneu do meu carro na outra noite. Tu salvaste-me.

– Não tens que agradecer. Ainda bem que pude ajudar. – Sorriu. – E ainda bem que vieste ao restaurante esta noite.

– Foi ideia da Serena.

– Eu percebi. Não pareceste muito feliz quando me viste.

– Não foi isso. Só fiquei... surpreendida.

– Eu também.

Maria sentiu o olhar dele pousado em si antes de ele se virar, por fim. Não sabia muito bem como reagir, e durante algum tempo os dois ficaram em silêncio. Colin parecia completamente descontraído e absorto, e Maria tentou concentrar-se de novo na paisagem. Ao longe, um barco para a pesca do camarão arrastava uma rede em águas mais escuras e atrás de si as luzes brilhavam no Crabby Pete's. Os sons ténues de *rock* clássico começaram a ouvir-se num dos restaurantes, assinalando o começo das festividades noturnas.

Maria observou Colin pelo canto do olho, tentando perceber porque é que ele parecia tão diferente dos outros homens. Pela sua experiência, em geral os homens da sua idade enquadravam-se numa de cinco categorias: tipos arrogantes que acreditavam ser uma das criações preferidas de Deus; tipos simpáticos, bons para casar, mas que muitas vezes não estavam interessados em relações; tipos envergonhados que quase não conseguiam falar; homens que não estavam nada interessados nela por um ou outro motivo; e homens que eram bons – que valia muito a pena segurar – e que, pela sua experiência, estavam quase sempre comprometidos. Colin não parecia pertencer ao primeiro tipo e, com base no que observara no bar, também não parecia pertencer à segunda ou à terceira categoria. O que significava, obviamente, que pertencia ao quarto ou ao quinto tipo. Não estava interessado nela... e no entanto, no seu íntimo, desconfiava que podia estar enganada em relação a isso, embora não soubesse bem porquê. O que deixava a possibilidade de pertencer ao quinto grupo, mas, infelizmente, ela praticamente pusera fim à conversa, por isso talvez o silêncio dele fosse uma reação à sua suposta altivez.

Depois de ele lhe ter mudado o pneu. Depois da sua amistosa eficiência no bar. Depois de Serena lhe ter garantido que ele era simpático. E depois de ele ter iniciado uma conversa alguns minutos antes. Sentiu os ombros descaírem. Não admirava que passasse os fins de semana sozinha.

– Ei, Colin? – tentou de novo.

Ele continuava inclinado na balaustrada e quando se virou, passado um momento, Maria detetou o mesmo vestígio de divertimento que sentira no bar.

– Sim?

– Posso fazer-te uma pergunta?

– Sim. – Os seus olhos azul-acinzentados brilharam como vidro do mar.

– Porque é que gostas de pescar?

Ele endireitou-se, empurrando o boné um pouco para trás.

– No fundo, acho que não gosto. E também não tenho muito jeito. Quase nunca apanho nada.

Ela registou a suave precisão do seu discurso.

– Então porque é que pescas?

– É uma boa maneira de descontrair depois do trabalho, sobretudo quando há muito movimento no bar... É bom ter alguns momentos só para mim, percebes? Venho para aqui, onde há silêncio, e o mundo abranda durante algum tempo. Comecei a trazer uma cana de pesca porque me dava alguma coisa para fazer, em vez de ficar apenas aqui parado a olhar para o horizonte.

– Como eu estava a fazer?

– Isso mesmo. Queres que te empreste a minha cana? – Quando ela se riu baixinho, ele continuou. – Além disso, acho que as pessoas ficavam nervosas quando eu ficava aqui parado a pensar, como se estivesse a tramar alguma. E no princípio da semana, com as nódoas negras, talvez também as tivesse assustado.

– Eu gostaria de pensar que transmitias um ar contemplativo.

– Duvido. Por outro lado, tu pareces o género de pessoa que costuma contemplar coisas. A vida. Objetivos. Sonhos.

Ela corou e foi incapaz de responder. Sem querer, não conseguiu deixar de concordar com Serena: Colin era muitíssimo... *sensual*. Afastou o pensamento, não querendo enveredar por esse caminho.

– Importas-te? – disse ele, apontando para ela antes de se inclinar e pegar na caixa com os apetrechos de pesca. – Não estou a ter muita sorte aqui.

A sugestão dele apanhou-a de surpresa.

– Hum, sim... claro. Mas se não és muito bom a pescar, não posso prometer que este lugar seja melhor.

– Provavelmente não será – admitiu ele, aproximando-se mais. Pousou a caixa ao seu lado no quebra-mar, deixando uma distância confortável entre ambos. – Mas não tenho de falar tão alto.

Ao contrário de Maria, ele parecia perfeitamente descontraído e ela viu-o a enrolar a linha e lançá-la de novo num lugar diferente. Ele inclinou-se para a frente, abanando um pouco a cana de pesca.

– A tua irmã tem uma personalidade forte – disse, passado um momento.

– Porque é que dizes isso?

– A forma como ela me abordou incluiu as palavras: «Ei, tu com a cara magoada.»

Maria sorriu, pensando que parecia muito típico de Serena.

– Não há dúvida de que ela é única.

– Mas é mais como uma amiga do que como uma irmã, certo?

– Ela disse-te isso?

– Não – respondeu ele. – Reparei enquanto estava a atender-vos. Não é difícil perceber que vocês são bastante próximas.

– Somos – concordou Maria. – Tens irmãs?

– Duas irmãs mais velhas.

– São próximos?

– Não como tu e a Serena – admitiu ele, enquanto ajustava a linha de pesca. – Amo-as e preocupo-me com elas, mas acabámos por seguir caminhos diferentes na vida.

– E...?

– Não falamos muitas vezes. Talvez uma vez de dois em dois meses. Nos últimos tempos tem estado a melhorar, mas é um processo gradual.

– É uma pena.

– As coisas são como são – disse ele.

A sua resposta sugeria que ele não queria continuar a falar sobre o assunto.

– A Serena disse que vocês têm aulas juntos? – perguntou ela, aventurando-se em terreno mais seguro.

Ele acenou com a cabeça.

– Ela apanhou-me a caminho da biblioteca. Acho que lhe debes ter falado do meu aspeto naquela noite

e ela percebeu. O que não foi muito difícil, com a cara magoada e tudo isso.

– Não estava assim tão mau. Não achei nada de especial. – Quando ele ergueu uma sobrancelha, ela encolheu os ombros. – Tudo bem. Talvez tenha ficado *um pouco* assustada quando te aproximaste.

– Faz sentido. Era tarde e tu estavas no meio do nada. Foi uma das razões por que parei.

– Qual foi a outra razão?

– Eras uma rapariga.

– E pensas que todas as raparigas precisam de ajuda para mudar um pneu?

– Nem todas. Mas as minhas irmãs e a minha mãe teriam precisado de ajuda. E não me pareceu que te estivesse a divertir muito.

Ela acenou com a cabeça.

– Obrigada mais uma vez.

– Já disseste isso.

– Eu sei. Mas merecia ser dito uma segunda vez.

– OK.

– Só «OK»? – Os cantos da sua boca levantaram-se.

– É a frase que uso sempre que alguém faz uma declaração em vez de fazer uma pergunta.

Ela franziu a testa.

– Suponho que faz sentido.

– OK – disse ele, e ela riu-se sem querer, começando por fim a descontrair.

– Gostas de trabalhar num bar? – perguntou.

– Não é mau – respondeu ele. – Dá para pagar as contas enquanto estou a estudar, posso escolher o meu horário e as gorjetas são boas. Mas espero não ser obrigado a fazer disto uma carreira. Quero fazer mais com a minha vida.

– A Serena disse que queres ser professor.

– É verdade – concordou ele. – A propósito, onde é que ela foi?

– Foi encontrar-se com amigos. Vão andar pelos bares durante algum tempo para ouvir música, e depois devem ir a uma festa qualquer.

– Porque é que não foste com eles?

– Sou um bocado velha para festas universitárias, não te parece?

– Não sei. Que idade tens?

– Vinte e oito.

– Eu tenho vinte e oito anos e ainda estou na universidade.

Sim, pensou ela, *eu sei*.

– E vais a festas universitárias?

– Não – admitiu ele –, não é por pensar que sou demasiado velho. Simplesmente não vou a festas. Nem a bares.

– Mas trabalhas num bar.

– Isso é diferente.

– Porquê?

– Porque trabalho lá. E, mesmo que não trabalhasse, não é o tipo de bar onde me meteria em sarilhos, pois é mais um restaurante.

– Tu metes-te em sarilhos em bares?

– Costumava – disse ele. – Já não.

– Mas acabaste de dizer que não vais.

– É por isso que não me meto em sarilhos.

– E discotecas?

Ele encolheu os ombros.

– Depende da discoteca e da companhia. Por norma, não. De vez em quando, sim.

– Porque também te metes em sarilhos nesses sítios?

– No passado, sim.

Ela pensou na resposta dele antes de voltar a contemplar o horizonte. A lua brilhava contra um céu que começava a sua lenta progressão de cinzento para preto. Colin seguiu o seu olhar, e durante alguns momentos nenhum deles falou.

– Que tipo de sarilhos? – perguntou ela por fim.

Colin levantou a ponta do carreto, esticando a linha, e só depois respondeu.

– Lutas – disse.

Por instantes, Maria não teve a certeza se ouvira bem.

– Costumavas lutar em bares?

– Até há dois anos, passava a vida a lutar em bares.

– Porque é que te metias em lutas?

– Regra geral, os tipos vão a bares por quatro razões: para se embebedarem, para estarem com amigos, para engatar miúdas ou para lutar. Eu ia pelas quatro.

– Querias lutar?

– Normalmente.

– Quantas vezes?

– Não sei bem se compreendo a pergunta.

– Quantas vezes é que te envolveste em lutas?

– Não me recordo ao certo. Talvez mais de cem.

Ela pestanejou.

– Participaste em mais de cem lutas em bares?

– Sim.

Ela não sabia o que dizer.

– Porque é que me estás a contar isto?

– Porque tu perguntaste.

– E respondes a tudo o que as pessoas te perguntam?

– Nem tudo.

– Mas achas que está certo contares-me uma coisa destas?

– Sim.

– Porquê?

– Aposto que és advogada, certo?

Ela inspirou, abalada com a súbita mudança de assunto.

– A Serena disse-te isso?

– Não.

– Então como é que sabias que sou advogada?

– Não sabia. Pensei que era uma possibilidade, porque fazes muitas perguntas. A maioria dos advogados faz.

– E, tendo em conta todas essas lutas em bares, deves ter tido muita experiência com advogados?

– Sim.

– Ainda não posso acreditar que me estás a contar isto.

– Porque é que não haveria de o fazer?

– Porque admitir que te metias em lutas de bares não é uma coisa que as pessoas costumam fazer quando se estão a conhecer.

– Está bem – disse ele. – Mas, como te disse, já não faço isso.

– E na outra noite?

– Foi uma competição da AMM. Artes marciais mistas. É completamente diferente do que eu costumava fazer no passado.

– Ainda é luta, não é?

– É um desporto... como boxe ou *tae kwon do*.

Ela olhou-o de sobrolho franzido.

– A AMM é a da jaula? Em que vale tudo?

– Sim à primeira e não à segunda – disse ele. – Existem regras. Na verdade, existem muitas regras, mesmo que possa ser violento.

– E tu gostas da violência?

– Faz-me bem.

– Porquê? Porque te ajuda a manteres-te afastado de problemas?

– Entre outras coisas. – Ele sorriu, e pela primeira vez em muito, muito tempo, ela ficou completamente sem palavras.

CAPÍTULO 5



Colin

Colin já tinha visto reações como a de Maria e sabia que ela estava hesitante entre ficar ou não. Regra geral, as pessoas tinham reações negativas quando ouviam histórias do seu passado. Apesar de ele já não se martirizar pelos seus erros, também não se orgulhava deles. Era quem era, com todos os seus defeitos, e aceitava isso. Agora, era ela que tinha de tomar uma decisão.

Sabia que Evan teria abanado a cabeça se tivesse ouvido a forma como respondera às perguntas de Maria, mas, para além do seu desejo de ser sincero, o que Evan não compreendia era o quão fútil era tentar esconder a verdade sobre o seu passado, mesmo que quisesse mantê-lo em segredo. As pessoas eram curiosas e cautelosas, e ele sabia que uma pesquisa rápida na Internet com o seu nome resultaria numa mão-cheia de artigos de jornal sobre si, nenhum deles bom. E se ele não tivesse contado tudo desde o princípio? Maria ou Serena podiam pesquisá-lo no Google, como Victoria fizera.

Conhecera Victoria no ginásio dois anos antes e, depois de conversarem de vez em quando durante alguns meses, tinham começado a treinar juntos ocasionalmente. Ele pensava que estavam a dar-se bem e considerava-a uma boa parceira de treinos até ela ter começado a evitá-lo. Deixou de responder às suas mensagens e telefonemas e passou a treinar de manhã e não à noite. Quando, por fim, conseguira abordá-la sobre o assunto, ela revelara o que descobrira sobre ele e insistira que deixasse de a contactar. Não queria saber de desculpas e Colin não dera nenhuma, mas não percebeu porque é que ela tinha feito a pesquisa na Internet. Não namoravam nem nada; nem sequer tinha a certeza se já tinham chegado ao patamar da amizade. Um mês mais tarde, ela deixou de frequentar o ginásio e Colin nunca mais soubera nada dela.

Ela não fora a única que se afastara de Colin depois de saber a verdade sobre ele, e, embora Evan pudesse dizer em tom de brincadeira que Colin contava a sua história a quem quer que perguntasse, não era bem assim. Regra geral, ninguém tinha nada a ver com isso, e ele mantinha as coisas assim a menos que alguém fizesse – ou pudesse vir a fazer – parte da sua vida. Embora fosse cedo de mais para dizer se Maria encaixava nessa categoria, Serena era uma colega de curso e, se tinha falado consigo antes, era possível que voltasse a falar. No entanto, tinha de admitir que havia alguma coisa em Maria que o interessava. Em parte, era a sua aparência física, é claro – ela era uma versão mais madura e mais atraente de Serena, com o mesmo cabelo e olhos escuros –, mas no bar reparara na sua falta de vaidade. Embora atraísse os olhares de muitos homens que estavam por perto, não se apercebera, o que era extremamente raro. No entanto, as suas impressões iniciais foram mais profundas que isso. Ao contrário de Serena – que era animada, conversadora e não propriamente o seu tipo –, Maria era mais tranquila, mais contemplativa e, sem dúvida, inteligente.

E agora? Observou Maria enquanto ela tentava perceber se queria ficar, continuar a conversa ou despedir-se. Não disse nada, dando-lhe espaço para tomar a sua decisão. Em vez disso, concentrou-se na sensação da brisa e no som das ondas. Olhou para a outra ponta do paredão e percebeu que a maioria dos outros pescadores já se tinha ido embora; os que ainda não tinham saído do quebra-mar estavam a arrumar o equipamento e a limpar o peixe.

Maria inclinou-se um pouco mais na balaustrada. O céu a escurecer mergulhou o seu rosto na sombra, fazendo-a parecer misteriosa, irreconhecível. Observou-a a inspirar fundo.

– Que outras coisas? – perguntou ela por fim. Colin sorriu no seu íntimo.

– Por muito que goste de treinar, há alturas em que não me apetece. Mas saber que tenho uma competição em breve, e saber que tenho de me preparar, faz-me sair do sofá e ir para o ginásio.

– Todos os dias?

Ele acenou com a cabeça.

– Regra geral, duas ou três sessões diferentes. Ocupa-me muito tempo.

– O que é que fazes?

– Quase tudo – disse ele, com um encolher de ombros. – Uma grande parte do meu treino centra-se no boxe e na luta livre, mas depois disso tento diversificar o mais possível. Faço halterofilismo, mas também faço aulas de *spinning*, ioga, caiaque, circuito, corrida, trepar a cordas, escadas, treino pliométrico, exercícios para aumento de massa muscular, tudo. Desde que possa transpirar, fico feliz.

– Fazes ioga?

– É bom para flexibilidade e equilíbrio e também me faz muito bem a nível mental. É como meditar. – Acenou para a água, que refletia o brilho vermelho-dourado dos últimos raios de sol. – É mais ou menos como estar aqui depois de um treino.

Maria olhou-o de lado.

– Não me pareces o tipo de pessoa que faz ioga. Os tipos que fazem ioga são...

Ele terminou por ela.

– Magros? Com barba? Gostam de coisas como incenso e contas?

Ela riu-se.

– Eu ia dizer que não costumam gostar de violência.

– Eu também não. Já não. É óbvio que pode haver ferimentos durante uma das minhas lutas, mas não tenho a intenção de magoar ninguém. Só quero vencer.

– As duas coisas não andam de mãos dadas?

– Por vezes, mas nem sempre. Se conseguirmos dominar bem os nossos adversários, eles batem no tapete e vão-se embora frescos que nem uma alface.

Ela rodou a pulseira no pulso.

– É assustador? Entrar naquela jaula?

– Se tiveres medo, o melhor é nem sequer entrares no ringue. Para mim, é uma espécie de euforia que põe a adrenalina em movimento. É essencial manter a adrenalina sob controlo.

Ele começou a enrolar a linha.

– Presumo que és bastante bom.

– Não sou mau para amador, mas ver-me-ia à rasca na liga profissional. Alguns daqueles tipos foram lutadores da NCAA, ou lutadores de boxe olímpicos, e são areia de mais para a minha camioneta. Mas não me importo. Não tenho o sonho de me tornar profissional... é apenas uma coisa que vou fazer até acabar o curso. Quando chegar o momento, estarei pronto para me afastar.

Em vez de lançar mais uma vez, prendeu o anzol e a isca na cana e depois esticou a linha.

– E, além disso, o ensino e a jaula não se conjugam. Provavelmente, ia assustar os miúdos como te

assustei a ti.

– Miúdos pequenos?

– Quero ser professor do terceiro ano – disse ele. Inclinou-se para a frente, pegando na caixa de apetrechos. – Está a escurecer – acrescentou. – Estás pronta para voltar? Ou queres ficar mais um pouco?

– Podemos ir – disse ela. Quando Colin pôs a cana de pesca ao ombro, reparou nos restaurantes iluminados do interior, com filas de pessoas já a formarem-se à porta e ténues acordes de música a encher o ar. – Está a começar a ficar cheio de gente.

– Foi por isso que pedi para trabalhar no turno do dia. Esta noite, o bar na cobertura vai parecer um jardim zoológico.

– É bom para as gorjetas, não é?

– Não vale a irritação. Demasiados miúdos universitários.

Maria riu-se, um som quente e melódico. Começaram a fazer o caminho de volta, e nenhum deles sentiu necessidade de se apressar. Na luz cada vez mais fraca, ela estava encantadora e o seu leve sorriso levou Colin a perguntar a si mesmo em que é que ela estaria a pensar.

– Viveste sempre aqui? – perguntou ele, quebrando o tranquilo momento de silêncio.

– Cresci aqui e voltei em dezembro passado – respondeu Maria. – Entre a universidade, a faculdade de Direito e o trabalho em Charlotte, estive fora quase dez anos. Mas tu não és daqui, pois não?

– Sou de Raleigh – disse ele. – Passava os verões aqui em criança e depois do liceu vivi aqui de vez em quando, um mês ou dois de cada vez. Vivo aqui permanentemente desde há três anos.

– Devemos ter sido vizinhos em alguma altura, e nunca percebemos. Eu estudei na UCN e na Duke.

– Vizinhos ou não, duvido que tenhamos frequentado os mesmos círculos sociais.

Ela sorriu.

– Então... vieste para cá para estudar na universidade?

– A princípio, não. A universidade veio pouco depois. Vim para cá porque os meus pais me expulsaram de casa e eu não sabia para onde ir. O meu amigo Evan vivia aqui e acabei por arrendar um quarto em casa dele.

– Os teus pais expulsaram-te de casa?

Ele acenou com a cabeça.

– Eu precisava de um confronto com a realidade. Eles deram-mo.

– Oh. – Maria tentou manter a voz neutra.

– Eu não os censuro – disse ele. – Mereci. Eu próprio também me teria expulsado.

– Por causa das lutas?

– É mais complicado que isso, mas as lutas faziam parte. Eu fui uma criança problemática. E depois, a seguir ao liceu, fui um adulto problemático durante algum tempo. – Olhou para ela. – E tu? Vives com os teus pais?

Ela abanou a cabeça.

– Tenho um apartamento em Market Street. Por muito que os adore, não conseguiria viver com eles.

– Que é que eles fazem?

– São os donos do La Cocina de la Familia. É um restaurante aqui na cidade.

– Já ouvi falar, mas ainda não fui lá.

– Devias ir. A comida é mesmo autêntica... a minha mãe ainda confeciona grande parte dos pratos... e a casa está sempre cheia.

– Se eu disser o teu nome tenho direito a um desconto?

– Precisas de um desconto?

– Nem por isso. Só queria saber até que ponto progredimos.

– Vou ver o que posso fazer. Tenho a certeza de que poderei puxar uns cordelinhos.

Nessa altura já estavam na areia e dirigiam-se para as escadas. Ele seguiu-a enquanto ela descia graciosamente os degraus.

– Queres que te acompanhe até ao carro? – perguntou ele, olhando-a.

– Não é preciso – respondeu Maria, hesitante. – Não está longe.

Ele passou a cana de pesca de um ombro para o outro, relutante em deixar a noite chegar ao fim.

– Se a Serena vai sair com os amigos, quais são os teus planos para o resto da noite?

– Não tenho planos. Porquê?

– Queres ouvir um pouco de música? Afinal de contas, já estamos aqui. Ainda não é muito tarde.

A pergunta pareceu apanhá-la de surpresa e por instantes Colin pensou que ela ia dizer que não. Maria ajustou a tira da carteira, mexendo na fivela. Enquanto esperava, Colin pensou de novo que ela era linda, com as pestanas compridas e escuras a esconder os seus pensamentos.

– Pensei que não ias a bares.

– Não vou. Mas podíamos passear um pouco pela praia, procurar uma coisa boa e ouvir de onde estamos.

– Alguma das bandas é boa?

– Não faço ideia.

A incerteza estampou-se no rosto de Maria antes de ele ver alguma coisa ceder por fim.

– Está bem. Mas não quero ficar muito tempo. Talvez apenas um passeio pela praia, está bem? Não quero estar aqui quando as pessoas começarem a descer.

Ele sorriu, sentindo alguma coisa libertar-se dentro de si, e levantou a caixa com os apetrechos de pesca.

– Deixa-me só arrumar isto, está bem? Não me apetece nada ter de andar com ela.

Foram até ao restaurante e, depois de ele arrumar as suas coisas na zona reservada aos empregados, voltaram para a areia. As estrelas começavam a aparecer, pontos brilhantes num céu de veludo. As ondas continuavam o seu ir e vir ritmado, e a brisa quente parecia um silencioso suspiro. Enquanto passeavam, Colin percebeu que Maria estava suficientemente perto para lhe tocar, mas afastou o pensamento.

– Que tipo de Direito exerces?

– Acima de tudo, trabalho de defesa de seguros. Pesquisa e depoimentos, negociação e, em último recurso, litígio.

– E defendes companhias de seguros?

– Quase sempre. De vez em quando, estamos do lado do queixoso, mas não é muito comum.

– Isso mantém-te ocupada?

– Muito. – Ela assentiu com a cabeça. – Há apólices para tudo e, por muito que cada uma tente antecipar todas as possibilidades, há sempre áreas cinzentas. Digamos que alguém escorrega na tua loja e avança com um processo, ou um empregado intenta uma ação depois de ser despedido, ou talvez estejas a fazer uma festa para o teu filho e um dos amigos dele se magoa na tua piscina. A companhia de seguros é responsável pelo pagamento da indemnização, mas por vezes decide contestar. É aí que nós entramos. Porque o outro lado tem sempre advogados.

– Alguma vez vais a tribunal?

– Ainda não fui. Pelo menos, neste emprego. Ainda estou a aprender. O sócio para quem faço a maior parte do trabalho vai muitas vezes a tribunal, mas, na verdade, quase todos os nossos casos são resolvidos antes de chegarem à fase de julgamento. Acaba por ser mais barato e menos incómodo para todas as partes.

– Aposto que ouves imensas piadas sobre advogados.

– Não muitas – disse ela. – Porquê? Sabes alguma?

Ele deu alguns passos.

– Como é que sabes que um advogado está a mentir? – Ela encolheu os ombros e ele continuou:

– Os seus lábios estão a mexer-se.

– Ah, ah.

– Estou a brincar. Sou o primeiro a apreciar bons advogados. Tive alguns brilhantes.

– E precisaste deles?

– Sim – respondeu ele. Sabia que isso daria origem a mais perguntas, mas continuou a andar e acenou para o oceano. – Adoro passear na praia à noite.

– Porquê?

– É diferente do dia, principalmente quando a lua já apareceu... gosto do mistério de pensar que pode estar ali qualquer coisa, a nadar por baixo da superfície.

– Que pensamento assustador.

– É por isso que estamos aqui e não lá.

Ela sorriu ao ouvir aquelas palavras, surpreendentemente descontraída enquanto caminhavam pela praia. Nenhum deles sentia necessidade de falar. Colin concentrou-se na sensação dos pés a enterrarem-se na areia e da brisa quente no rosto. Ao ver o cabelo de Maria ondular ao vento, percebeu que estava a gostar mais do passeio do que antecipara. Lembrou a si mesmo que eram desconhecidos, mas, inexplicavelmente, era como se não fossem.

– Tenho uma pergunta, mas não sei se é demasiado pessoal – disse ela por fim.

– Podes fazer – replicou ele, sabendo o que vinha aí.

– Disseste que foste um adulto problemático e que te envolveste em muitas lutas em bares. E que tiveste alguns advogados fantásticos.

– Sim.

– Isso foi porque foste preso?

Ele ajeitou o boné.

– Sim.

– Mais do que uma vez?

– Algumas vezes – admitiu ele. – Durante algum tempo, tive um relacionamento muito próximo com alguns polícias em Raleigh e Wilmington.

– Alguma vez foste condenado?

– Algumas vezes – respondeu ele.

– E estiveste na prisão?

– Não. Devo ter passado um ano ao todo em cadeias distritais. Não de uma vez, mais tipo um mês aqui, dois meses acolá. Nunca estive numa prisão. Podia ter estado... a última luta foi muito má... mas tive muita sorte e aqui estou.

Ela baixou um pouco o queixo, sem dúvida a pôr em causa a decisão de passear com ele.

– Quando dizes que tiveste muita sorte...

Ele deu alguns passos antes de responder.

– Estou em liberdade condicional há três anos, e ainda me faltam mais dois. Faz parte do acordo de cinco anos que consegui. Na prática, se não me meter em mais sarilhos nos próximos dois anos, o meu cadastro vai ficar limpo. O que significa que poderei lecionar numa sala de aulas, e isso é importante para mim. As pessoas não querem criminosos a ensinar os seus filhos. Por outro lado, se fizer asneira, o acordo fica sem efeito e vou logo para a prisão.

– Como é que isso é possível? Ficares com o cadastro limpo?

– Fui diagnosticado com um distúrbio de raiva e perturbação de stress pós-traumático, o que afetou a minha *mens rea*. Sabes o que isso é, certo?

– Por outras palavras, estás a dizer que não podias evitar o que fizeste – disse ela.

Ele encolheu os ombros.

– Não sou eu. Foi o que os meus psiquiatras disseram e, felizmente, havia registos para o comprovar. Faço terapia há quase quinze anos, tomo medicação de vez em quando e, como parte do acordo, tive de passar alguns meses num hospital psiquiátrico no Arizona que é especializado em distúrbios de raiva.

– E... quando voltaste para Raleigh os teus pais expulsaram-te de casa?

– Sim – disse ele. – Mas tudo isso em conjunto... a luta e a potencial pena de prisão, o acordo, o tempo que passei no hospital e de repente ter de me safar sozinho... fez-me refletir a sério e percebi que estava cansado da vida que levava. Estava cansado de ser eu. Não queria ser o tipo que era conhecido por pisar a cabeça de outro que já estava no chão, queria ser conhecido como... um amigo, um tipo com quem se podia contar. Ou, no mínimo, um tipo com algum futuro à sua frente. Por isso, deixei de andar em festas e canalizei toda a minha energia para o exercício físico, para os estudos e para o trabalho.

– Assim sem mais nem menos?

– Não foi tão fácil como parece, mas sim... assim sem mais nem menos.

– As pessoas não costumam mudar.

– Eu não tive escolha.

– Ainda assim...

– Não me interpretes mal. Não estou a tentar arranjar desculpas para o que fiz. Apesar do que os médicos disseram sobre o facto de eu ser capaz ou não de controlar o meu comportamento, eu sabia que estava mal e não queria melhorar. Em vez disso, fumava erva, bebia e destruía a casa dos meus pais, espatifava carros e era preso vezes sem conta por lutar. Durante muito tempo, não queria saber de mais nada a não ser divertir-me da forma que me apetecia.

– E agora já queres saber?

– Muito. E não tenho qualquer intenção de voltar à minha vida antiga.

Sentiu os olhos de Maria pregados em si e percebeu que ela estava a tentar conciliar o passado que ele descrevera com o homem que se encontrava à sua frente.

– Posso compreender o distúrbio de raiva, mas perturbação de stress pós-traumático?

– Sim.

– Que é que aconteceu?

– Queres mesmo ouvir isto? É uma longa história. – Quando ela acenou com a cabeça, ele continuou. – Como te disse, fui uma criança bastante problemática e aos onze anos era praticamente incontrolável. Os meus pais acabaram por me mandar para um colégio militar, e o primeiro que frequentei era um lugar terrível. Havia uma estranha mentalidade de *O Deus das Moscas* entre os alunos do oitavo e do nono ano, principalmente quando chegava alguém novo. No princípio, foram pequenas coisas... pequenas partidas como tirarem-me o leite ou a sobremesa no refeitório, ou obrigarem-me a engraxar os sapatos deles ou a fazer as suas camas enquanto alguém ia desarrumar o meu quarto, que eu tinha de limpar antes da inspeção. Não era nada de especial... todos os caloiros passam por esse género de coisas. Mas alguns destes tipos eram diferentes... uns sádicos. Batiam-me com toalhas molhadas depois de eu tomar duche, ou aproximavam-se por detrás enquanto eu estava a estudar, tapavam-me com um cobertor e davam-me tarefas enormes. Passado algum tempo, começaram a fazer isso à noite, quando eu estava a dormir. Naquela altura, eu era bastante pequeno para a minha idade e cometia o erro de chorar muito, o que apenas servia para os entusiasmar mais. Digamos que me tornei o projeto especial deles. Vinham ter

comigo duas a três noites por semana, sempre com o cobertor, sempre com os muros, e davam-me tarefas enormes enquanto me diziam que eu estaria morto antes do fim do ano. Eu vivia assustado, sempre com os nervos em franja. Tentava manter-me acordado e estremecia ao mais pequeno ruído, mas não podia evitar dormir. Eles tinham paciência e esperavam que eu adormecesse. Esse tipo de coisas continuou durante meses. Ainda hoje tenho pesadelos.

– Contaste a alguém?

– Claro que sim. contei a todas as pessoas que pude. contei ao comandante, aos meus professores, ao psicólogo, até aos meus pais. Ninguém acreditou em mim. Estavam sempre a dizer-me para parar de mentir e de choramingar e para me tornar um homenzinho.

– Isso é horrível...

– Sem dúvida. Eu era apenas uma criança, mas passado algum tempo percebi que tinha de sair dali porque um dia eles iam levar a coisa longe de mais, e acabei por resolver o problema sozinho. Roubei algumas latas de tinta e passei-me no edifício da administração. Acabei por ser expulso, e era isso mesmo que eu queria. – Respirou fundo. – Seja como for, acabaram por fechar a escola alguns anos mais tarde, depois de um jornal local publicar um artigo sobre o lugar. Morreu lá um miúdo. Um miúdo pequeno, com a minha idade. Eu não fui um dos alunos mencionados na reportagem, mas foi notícia a nível nacional durante algum tempo. Acusações criminais e cíveis, essa treta toda. Algumas pessoas acabaram na prisão por causa disso. E os meus pais sentiram-se muito culpados a partir daí, por não terem acreditado em mim. Penso que foi por isso que me aturaram durante tanto tempo depois de eu terminar o liceu. Porque ainda se sentiam culpados.

– Então, depois de seres expulso...

– Fui para outro colégio militar e jurei a mim mesmo que nunca mais deixaria que me batessem. De futuro, seria eu a dar o primeiro murro. Por isso, aprendi a lutar. Estudei luta, treinei. E depois disso, se alguém me agarrava, eu... passava-me. Era como se voltasse a ser uma criança pequena. Fui expulso várias vezes, quase não consegui chegar ao fim, e depois de acabar o liceu foi uma espécie de bola de neve. Como te disse, eu estava muito perturbado. – Deu alguns passos em silêncio. – Em todo o caso, tudo isto foi mencionado durante o julgamento.

– Como é que te dás com os teus pais agora?

– Tal como com as minhas irmãs, trata-se de um trabalho em curso. Neste momento, eles têm uma providência cautelar contra mim.

Uma expressão de estupefação estampou-se no rosto de Maria e ele continuou a andar.

– Discuti com os meus pais na noite antes de ir para o Arizona e acabei por encostar o meu pai à parede. Não tencionava magoá-lo e disse-lho muitas vezes... só queria que eles me escutassem... mas eles entraram em pânico. Não quiseram apresentar queixa... senão eu não estaria aqui... mas conseguiram uma deliberação do tribunal que me proíbe de ir a casa deles. Agora não a aplicam necessariamente, mas continua em vigor, talvez para que eu nunca mais pense em mudar-me para lá.

Ela observou-o.

– Não consigo perceber como é que se pode... mudar. Quero dizer, e se te zangares outra vez?

– Eu ainda me zango. Toda a gente se zanga. Mas entretanto aprendi diferentes formas de lidar com a raiva. Como não ir a bares nem me drogar, e nunca beber mais de duas cervejas quando saio com amigos. E praticar exercício físico todos os dias... treinar muito, testar os meus limites... ajuda-me a manter os humores controlados. Também aprendi muitas coisas úteis no hospital, diferentes formas de me controlar. Aquela experiência acabou por ser uma das melhores coisas que já fiz.

– O que aprendeste lá?

– A respirar fundo, a afastar-me, a deixar os pensamentos desaparecer ou a tentar dar o nome certo à

emoção quando ela me invade, para tentar diminuir o seu poder... não é fácil, mas passado algum tempo torna-se um hábito. É preciso muito esforço e muito pensamento consciente, mas se não fizesse todas estas coisas é possível que tivesse de voltar a tomar lítio, e detesto aquela porcaria. É um bom medicamento para muitas pessoas e resulta, mas não me sentia eu mesmo quando tomava aquilo. Era como se uma parte de mim não estivesse viva. E, por muito que comesse, estava sempre esfomeado. Acabei por engordar. Prefiro treinar duas horas por dia, fazer ioga, meditar e evitar os lugares onde me posso meter em sarilhos.

– Está a resultar?

– Até agora – respondeu ele. – Vivo um dia de cada vez.

Continuaram a andar pela praia e a música começou a desaparecer a pouco e pouco sob o som das ondas a rebentar na margem. Do outro lado das dunas, os estabelecimentos comerciais davam lugar a casas, e luzes brilhavam através das janelas. A lua estava mais alta no céu, banhando o mundo inteiro com um brilho etéreo. Caranguejos-fantasma corriam de um lugar para outro, apressando-se quando eles se aproximavam em passos vagarosos.

– És muito franco em relação a tudo isto – observou Maria.

– Estou apenas a responder às tuas perguntas.

– Não estás preocupado com o que eu posso pensar?

– Nem por isso.

– Não te importas com o que as pessoas pensam sobre ti?

– Até certo ponto, importo. Toda a gente se importa. Mas se vais julgar-me, então tens de saber quem eu sou na verdade, não apenas a parte que decido contar-te. Prefiro ser sincero em relação a tudo e deixar que sejas tu a decidir se queres ou não continuar a falar comigo.

– Foste sempre assim? – Olhou-o com verdadeira curiosidade.

– Como assim?

– Sincero? Em relação... a tudo?

– Não – disse ele. – Isso aconteceu depois de sair do hospital e faz parte de todas as outras mudanças que decidi fazer na minha vida.

– Como é que as pessoas reagem?

– A maioria não sabe o que pensar, sobretudo no princípio. O Evan ainda não sabe. E acho que tu também não sabes. Mas ainda assim é importante para mim ser verdadeiro. Especialmente com os amigos, ou com alguém que penso que poderei voltar a ver.

– Foi por isso que me contaste? Porque pensas que poderás voltar a ver-me?

– Sim – respondeu ele.

Durante alguns segundos, Maria não soube o que pensar.

– És um homem interessante, Colin – disse.

– Tem sido uma vida interessante – admitiu ele. – Mas tu também és interessante.

– Comparada contigo, acredito que não sou nada interessante.

– Talvez. Talvez não. Mas ainda não fugiste.

– Talvez ainda fuja. Tu és um bocado assustador.

– Não sou nada.

– Para uma miúda como eu? Acredita que és um bocado assustador. Esta deve ser a primeira vez que passo um serão com um tipo que fala em pisar a cabeças às pessoas em lutas de bares ou em encostar o pai à parede.

– Ou que foi preso. Ou que estive internado num hospital psiquiátrico...

– Essas coisas também.

– E?

Ela penteou algumas madeixas de cabelo soltas pelo vento.

– Ainda estou a decidir. Neste momento, não faço ideia do que pensar de tudo o que disseste. Mas se decidir começar a correr não me tentes apanhar, está bem?

– Está certo.

– Contaste alguma destas coisas à Serena?

– Não – disse ele. – Ao contrário de ti, ela não perguntou.

– Mas terias contado?

– Provavelmente.

– Claro que sim.

– E se falássemos sobre ti? Sentir-te-ias melhor?

Ela esboçou um sorriso forçado.

– Não há muito para dizer. Conte-te um pouco sobre a minha família; sabes que cresci aqui e que estudei na UCN e na Faculdade de Direito de Duke, e que trabalho como advogada. O meu passado não é tão... colorido como o teu.

– Isso é bom – disse ele. De certo modo já em sintonia, viraram-se ao mesmo tempo e começaram a voltar para trás.

– Não é mau – disse ela, e quando ele se riu parou por instantes, retraindo-se de repente. Agarrou no braço dele para se equilibrar e levantou um pé da areia. – Dá-me um segundo. As sandálias estão a dar-me cabo dos pés.

Colin ficou a vê-la descalçar-se. Quando, por fim, lhe soltou o braço, a sensação de bem-estar do seu toque manteve-se.

– Está melhor – disse ela. – Obrigada.

Recomeçaram a caminhar, agora mais devagar. Na cobertura do Crabby Pete's, a multidão aumentava, e ele desconfiou que os outros bares também estariam a encher. Por cima deles, quase todas as estrelas tinham sido escondidas pelo luar. No silêncio fácil, Colin deu por si a admirar as feições de Maria: as maçãs do rosto e os lábios grossos, as pestanas a bater na pele perfeita.

– Estás muito calada – observou Colin.

– Só estou a tentar digerir tudo o que me disseste. É muito.

– Sem dúvida – concordou ele.

– Acho que és diferente.

– Em que sentido?

– Antes de arranjar emprego aqui, fui assistente do promotor de justiça em Charlotte.

– A sério?

– Há pouco mais de três anos. Foi o meu primeiro emprego depois de passar no exame da Ordem.

– Então estavas mais acostumada a processar pessoas como eu do que a andar com elas?

Ela fez um ligeiro aceno de concordância, mas continuou.

– É mais do que isso. A maioria das pessoas escolhem a forma como contam as suas histórias. Há sempre uma predisposição para embelezar tudo, e elas estruturam as histórias dessa forma, mas tu... tu és tão objetivo que é quase como se estivesses a descrever outra pessoa.

– Por vezes, também é a sensação com que fico.

– Eu não sei se conseguiria fazer isso – continuou ela, com o sobrolho franzido. – Na verdade, não sei se quero fazer isso, pelo menos ao ponto que tu fazes.

– Pareces o Evan. – Ele sorriu. – Gostaste de trabalhar no gabinete do promotor de justiça?

– No princípio, foi bom. E foi uma grande experiência de aprendizagem. No entanto, passado algum

tempo, percebi que não era como pensei que seria.

– Como dar um passeio comigo?

– Mais ou menos... – disse ela. – Quando andava na faculdade de Direito, pensava que estar num tribunal seria parecido com as coisas que vemos na televisão. Quero dizer, sabia que seria diferente, mas não estava preparada para uma diferença tão grande. Parecia-me que andava sempre atrás da mesma pessoa, com os mesmos antecedentes, vezes sem conta. O promotor ficava com os casos mediáticos, mas os suspeitos com quem eu lidava eram verdadeiros *clichés*; por norma, eram pobres e desempregados, com uma educação limitada, e em geral o álcool e as drogas faziam parte da questão. E era simplesmente... implacável. Havia imensos casos. Eu morria de medo de voltar nas manhãs de segunda-feira porque sabia o que estaria à minha espera em cima da secretária. O volume de trabalho colocava-me numa situação em que tinha de atribuir prioridades aos casos e estar sempre a negociar acordos. Todos sabemos que homicídio e tentativa de homicídio com armas de fogo são crimes graves, mas como é que organizamos os outros por ordem de importância? Um tipo que rouba um carro é pior do que um tipo que assaltou uma casa e roubou joias? E como é que esses casos se comparam com uma secretária que desvia dinheiro da empresa onde trabalha? Mas o espaço no registo de julgamentos no tribunal é limitado; o espaço disponível na prisão é limitado. Mesmo quando um caso esporádico ia a tribunal, não se trata do que sabemos que aconteceu, trata-se daquilo que podemos provar para além de qualquer dúvida razoável, e é aí que a coisa se torna ainda mais complicada. O público acredita que temos recursos ilimitados para processar, com grandes capacidades forenses e especialistas para testemunhar à nossa disposição, mas não é assim. Fazer uma comparação de ADN pode demorar meses, a menos que se trate de um crime mediático. As testemunhas são notoriamente inconsistentes. As provas são ambíguas. E depois, são demasiados casos... se eu quisesse estudar a fundo um determinado crime, teria de negligenciar todos os outros processos que esperavam em cima da minha secretária. Por norma, a solução pragmática é chegar a um acordo qualquer com o outro advogado, em que o acusado se dá como culpado de um crime menos grave.

Ela pontapeou a areia e os seus passos arrastaram-se.

– Eu era constantemente colocada em situações em que as pessoas esperavam resultados que eu não podia dar-lhes, e acabava por ser a má da fita. Nas cabeças deles, os suspeitos tinham cometido um crime e deviam ser responsabilizados, o que para as vítimas significava quase sempre tempo de prisão ou algum tipo de reparação, mas não era possível. Depois, os agentes que tinham efetuado a detenção não ficavam satisfeitos, as vítimas não ficavam satisfeitas e eu sentia que os tinha desiludido. E, de certa forma, fizera-o. Acabei por perceber que não passava de uma peça na engrenagem desta gigante máquina avariada.

Abrandonou, apertando a camisola à volta do corpo.

– O mundo é... perverso. Não acreditarias nos casos que chegavam ao nosso escritório. Uma mãe a prostituir a filha de seis anos para comprar droga, um homem a violar uma mulher de noventa anos. É o suficiente para perdermos a fé na humanidade. E como há uma grande pressão para sermos duros com os suspeitos verdadeiramente horríveis, isso significa que outros meliantes não recebem o castigo que merecem e acabam de novo nas ruas. E por vezes... – Abanou a cabeça. – Seja como for, nos últimos tempos que passei ali quase não dormia e comecei a ter uns estranhos ataques de pânico quando estava a trabalhar. Uma manhã, entrei no escritório e percebi que não conseguiria continuar a fazer aquilo. Por isso, fui ao gabinete do meu chefe e demiti-me. Nem sequer tinha outro emprego à minha espera.

– Parece-me que o teu emprego era esgotante de muitas formas diferentes.

– Era. – Ela sorriu com tristeza e uma série de emoções contraditórias transpareceram no seu rosto.

– E?

- E o quê?
- Queres falar sobre o assunto?
- Falar sobre o quê?
- A verdadeira razão por que te demitiste? A parte que te levou a ter ataques de pânico?

Espantada, Maria virou-se para ele.

- Como é que sabes?

– Não sei – disse ele. – Mas se já lá estavas há algum tempo, deve ter acontecido alguma coisa em concreto. Alguma coisa má. E calculo que esteja relacionada com um caso, certo?

Ela parou de andar e virou-se para a água. As sombras realçadas pelo luar acentuaram a sua expressão – uma mistura de tristeza e culpa que trouxeram consigo uma dor fugaz que ele não esperara.

– És muito intuitivo. – Fechou os olhos e manteve-os fechados durante algum tempo. – Não posso acreditar que te vou contar isto.

Colin não falou. Estavam a chegar ao sítio onde tinham entrado na praia e uma cacofonia de música sobrepunha-se agora ao ruído das ondas. Ela apontou para a duna.

- Importas-te que nos sentemos?

- Claro que não.

Maria tirou a carteira do ombro e pousou as sandálias, e depois sentou-se na areia. Colin instalou-se confortavelmente ao seu lado.

– Cassie Manning – começou Maria. – Era o nome dela... quase nunca falo sobre ela. É uma coisa que não gosto de reviver. – A sua voz estava tensa e controlada. – O caso veio parar às minhas mãos cerca de três ou quatro meses depois de eu começar a trabalhar com o promotor de justiça. No papel, pareceu-me um caso bastante típico. A Cassie anda com um tipo e começam a discutir, a discussão intensifica-se e ele acaba por se tornar violento. A Cassie vai parar ao hospital com um olho negro e o lábio aberto, nódoas negras e o malar estalado. Por outras palavras, não foi apenas um murro; foi uma tareia. Ele chamava-se Gerald Laws.

- Laws?

– Já tentei encontrar a ironia, mas nunca consegui. E nada no caso acabou por ser típico. Namoravam há cerca de seis meses, e no princípio da relação a Cassie achou que ele era absolutamente encantador. Era bom ouvinte, abria as portas para ela passar... um cavalheiro... mas passado algum tempo começou a notar aspetos da personalidade dele que a preocuparam. Com o passar do tempo, ele começou a ficar cada vez mais ciumento e possessivo. A Cassie disse-me que ele ficava zangado se ela não atendia logo os seus telefonemas; começou a aparecer no trabalho à hora de saída... ela era enfermeira num consultório pediátrico... e uma vez, quando ela estava a almoçar com o irmão, avistou Laws no outro lado do restaurante, sozinho, a vigiá-la. Percebeu que ele a seguira até lá e isso incomodou-a.

«Quando ele voltou a telefonar-lhe, a Cassie disse-lhe que queria dar um tempo. Ele concordou, mas pouco depois ela percebeu que ele andava a persegui-la. Via-o nos correios, quando estava a sair do consultório médico ou quando ia correr, e recebia uns telefonemas em que ninguém falava. Depois, uma noite, apareceu-lhe à porta a dizer que queria pedir desculpa e, insensatamente, ela deixou-o entrar. Já dentro de casa, ele tentou convencê-la a sair de novo com ele. Quando ela recusou, ele apertou-lhe o braço e ela começou a ripostar, acabando por atingi-lo com uma jarra. Depois disso, ele atirou-a ao chão e... desatou a espancá-la. Acontece que andava um polícia numa rua próxima e, depois da chamada para o 112... os vizinhos tinham ouvido gritos... ele chegou lá a casa em minutos. O Laws tinha-a presa no chão e estava a esmurrá-la e havia sangue por toda a parte. Mais tarde, soube-se que era sangue dele, proveniente de um golpe por cima da orelha, onde ela lhe batera com a jarra. O agente teve de usar um *taser* para o deter. Quando revistaram o seu carro encontraram fita-adesiva, corda, duas facas e

equipamento de gravação de vídeo. Coisas sinistras. Quando falei com a Cassie, ela disse-me que o tipo era doido e que temia pela sua vida. A família também. A mãe, o pai e o irmão mais novo queriam que o Laws fosse preso durante o máximo de tempo possível.»

Enterrou os dedos dos pés na areia.

– Eu também pensava assim. Não tinha qualquer dúvida de que o tipo tinha de ser preso. E era um caso bastante simples. Na Carolina do Norte, o Laws podia ter sido acusado de um crime de Classe C, o que significava que tinha a intenção de matar, ou um crime da Classe E, ou seja, sem intenção de matar. A família, em especial o pai, queria que ele fosse acusado de um crime de Classe C, que o teria condenado a uma pena de prisão entre os três e os sete anos. O agente que efetuara a detenção também acreditava que o Laws era perigoso, mas, infelizmente, o promotor achou que não conseguiríamos provar premeditação, pois não havia qualquer indício de que as coisas que estavam no carro se destinavam a ela. E os ferimentos não eram potencialmente fatais. A Cassie também apresentava alguns problemas em termos de credibilidade... embora a maior parte das coisas que contou que o Laws fez fossem verdadeiras, também contou coisas que, claramente, ele não fizera. E depois havia o próprio Laws: tinha uma aparência simpática, trabalhava como técnico de empréstimos num banco e não tinha cadastro. Teria sido o pesadelo de qualquer acusador no banco das testemunhas. Por isso, acabámos por deixar que ele se declarasse culpado de um pequeno delito, com um ano de prisão, e foi aí que eu me enganei. Porque o Laws era extremamente perigoso.

Parou, obrigando-se a continuar a contar a história.

– O Laws acabou por cumprir nove meses, pois já tinha cumprido três antes do julgamento. Escrevia dia sim, dia não, a Cassie, a pedir desculpa pelos seus atos e a implorar mais uma oportunidade. Ela nunca lhe respondeu; passado algum tempo, deixou de abrir as cartas, mas guardou-as todas porque ainda tinha medo dele. Mais tarde, quando as examinámos com mais atenção, reparámos na mudança de tom ao longo do tempo. O Laws estava a ficar cada vez mais furioso por ela não responder. Se ela as tivesse lido e as tivesse trazido ao promotor da justiça...

Olhou para a areia.

– Assim que saiu da prisão, o Laws apareceu à porta dela. Ela bateu-lhe com a porta na cara e chamou a polícia. Tinha uma providência cautelar para que ele não pudesse aproximar-se e, quando a polícia falou com ele, o Laws prometeu que não o faria. A única coisa que isso fez foi torná-lo mais cauteloso. Mandava-lhe flores sem cartão. O gato dela foi envenenado. Encontrava ramos de rosas mortas à porta. Até lhe furou os pneus do carro.

Maria engoliu em seco, visivelmente abalada. Quando continuou, a sua voz estava rouca.

– E depois, uma noite, quando a Cassie ia a caminho de casa do namorado... nessa altura ela estava com outra pessoa... o Laws estava à sua espera. O namorado viu-o arrastá-la do passeio e obrigá-la a entrar no carro, e não conseguiu impedi-lo. Dois dias mais tarde, a polícia encontrou o corpo de Cassie numa velha cabana na margem do lago que fora alvo de uma execução hipotecária pelo banco. O Laws amarrou-a e espancou-a brutalmente, depois incendiou a cabana e em seguida suicidou-se, mas não foi possível saber se ela estava viva quando o fogo... – Fechou os olhos. – Teve de ser identificada através dos registos dentários.

Sabendo que ela estava a reviver o passado e a tentar lidar com ele, Colin ficou calado.

– Fui ao funeral – disse ela, continuando por fim. – Sei que talvez não devesse, mas senti que precisava de ir. Cheguei depois de começar e sentei-me na fila de trás. A igreja estava cheia, mas conseguia ver a família. A mãe não conseguia parar de chorar. Estava quase histérica, e o pai e o irmão estavam simplesmente... brancos. Eu estava de rastos e só queria que tudo aquilo acabasse. Mas não acabou.

Voltou-se para ele.

– Aquilo... destruiu a família. Quero dizer, eram todos um pouco estranhos, mas transformou-se numa catástrofe. Alguns meses depois do crime, a mãe da Cassie suicidou-se e depois o pai perdeu a licença para exercer Medicina. Eu sempre achei que o irmão era um pouco esquisito... de qualquer maneira, foi nessa altura que começaram a chegar os terríveis bilhetes. Vinham para o meu apartamento e para o escritório, em envelopes diferentes, regra geral apenas com uma ou duas frases. Eram horríveis... a chamar-me nomes, a perguntar porque é que eu odiava a Cassie ou porque é que queria magoar a família. A polícia falou com o irmão e os bilhetes pararam. Pelo menos durante algum tempo, mas quando começaram a chegar eram... diferentes. Mais ameaçadores. Mais assustadores. A polícia foi falar de novo com ele e acho que ele simplesmente... se passou. Negou ser responsável e insistiu que eu andava a persegui-lo e que a polícia estava feita comigo. Acabou por ser internado num hospital psiquiátrico. Entretanto, o pai ameaça processar-me. A polícia pensou que o namorado da Cassie pudesse ser o responsável pelos bilhetes. É claro que, quando o interrogaram, ele também negou tê-los enviado. Foi aí que começaram os ataques de pânico. Eu tinha a sensação de que quem estava a enviar-me aqueles bilhetes nunca me deixaria em paz, e foi nesse momento que percebi que tinha de voltar para casa.

Colin não disse nada. Sabia que não poderia dizer nada que fizesse com que ela visse os acontecimentos que acabara de descrever a uma luz diferente.

– Eu devia ter dado ouvidos à família. E ao agente.

Colin olhou para as ondas, para o seu ritmo incessante e calmante. Quando não falou, Maria voltou-se para ele.

– Não achas?

Ele escolheu as palavras com todo o cuidado.

– É difícil responder a essa pergunta.

– Como assim?

– Pela forma como a formulaste, é óbvio que já pensas que a resposta é sim, mas se eu concordar contigo vais com toda a certeza sentir-te pior. Se eu disser que não, vais ignorar a minha resposta porque já decidiste que a resposta deve ser sim.

Ela abriu a boca para protestar, mas depois fechou-a.

– Nem sequer sei o que dizer a isso – declarou.

– Não tens de dizer nada.

Maria suspirou e pousou o queixo nos joelhos.

– Eu devia ter falado com o promotor e insistido que acusássemos o Laws de um crime grave.

– Talvez. Mas mesmo que o tivesses feito... e mesmo que o Laws tivesse passado mais tempo na prisão... o resultado poderia ter sido o mesmo. Ele estava fixado nela. E, se queres mesmo saber, se eu estivesse no teu lugar era muito possível que tivesse feito a mesma coisa.

– Eu sei, mas...

– Alguma vez falaste com alguém acerca disto?

– Um psicólogo? Não.

Ele abanou a cabeça.

– OK.

– Não vais dizer-me que devia?

– Eu não dou conselhos – disse ele.

– Nunca?

Ele abanou a cabeça.

– Mas tu não precisas dos meus conselhos. Se pensas que a terapia poderá ajudar-te, experimenta. Se achas que não, não experimentes. Só posso dizer que no meu caso foi benéfica.

Maria permaneceu em silêncio e Colin não percebeu se ela tinha gostado da sua resposta.

– Obrigada – disse ela, por fim.

– Porquê?

– Por me escutares. E por não tentares aconselhar-me.

Colin acenou com a cabeça e observou o horizonte. Agora viam-se mais estrelas e também Vénus, brilhante e constante no céu do lado sul. Algumas pessoas tinham vindo para a praia e as suas gargalhadas eram transportadas pela brisa noturna. Sentado ao lado de Maria, parecia que a conhecia há muito mais do que a hora ou pouco mais que tinham passado juntos. Experimentou uma nítida pontada de pena ao pensar que a noite estava a chegar ao fim.

No entanto, sentiu que isso ia acontecer pela forma como ela se endireitou. Observou-a a respirar fundo antes de olhar para o passado.

– Acho que é melhor ir andando – disse.

– Eu também – concordou ele, tentando esconder a relutância que sentia. – Ainda tenho de ir ao ginásio esta noite.

Levantaram-se e ele ficou a vê-la sacudir a areia dos pés antes de calçar as sandálias. Começaram a dirigir-se para as dunas que circundavam a zona comercial e a música foi ficando cada vez mais alta. Quando saíram da areia e voltaram a solo firme, os passeios estavam apinhados de pessoas que já aproveitavam a noite de sábado para se divertir.

Manteve-se ao seu lado e foram passando por entre os transeuntes até chegarem à rua, onde tudo estava mais tranquilo. Surpreendendo-o, ela manteve-se perto, e os seus ombros tocavam-se de vez em quando. A sensação do seu toque manteve-se.

– Quais são os teus planos para amanhã? – perguntou ele por fim.

– Ao domingos, tenho sempre *brunch* em casa dos meus pais. Depois, talvez vá fazer *paddleboard*.

– Sim?

– É divertido. Já fizeste?

– Não – respondeu ele. – Sempre quis experimentar, mas ainda não tive oportunidade.

– Demasiado ocupado a fazer treinos a sério?

– Demasiado preguiçoso – admitiu ele.

Maria sorriu.

– E tu? Vais trabalhar?

– Não – disse ele. – Vou correr, trabalhar um pouco no jardim, substituir o alternador do meu carro.

Continua a não pegar bem.

– Talvez seja a bateria.

– Não achas que é a primeira coisa que eu teria verificado?

– Não sei. Terias? – Percebeu o tom de troça na voz dela. – E depois do trabalho másculo no jardim e no carro, o que há no resto da tua agenda?

– Vou ao ginásio. Há uma aula ao domingo de manhã e talvez faça um pouco de boxe e de treino básico, dar uns murros nos sacos, coisas desse género. O ginásio é de um tipo chamado Todd Daly e ele faz uns treinos bastante duros. É um lutador reformado da UFC e parece um sargento a treinar militares.

– Mas, se tivesse de ser, até lhe davas uma tarefa, certo?

– No Daly? Impossível.

Gostou que ele o tivesse admitido.

– E depois disso?

– Nada de importante. Talvez estude um pouco.

Nessa altura viraram para outra rua, na esquina do Crabby Pete's. Colin reconheceu o carro dela da

noite em que lhe mudara o pneu, e quando por fim chegaram, nenhum deles pareceu saber o que dizer. Sentiu os olhos dela nos seus, quase como se estivesse a vê-lo pela primeira vez.

– Obrigada por me trazeres ao carro.

– Obrigado pelo passeio na praia.

Ela ergueu um pouco o queixo.

– Tenho outra pergunta.

– Diz.

– Estavas a falar a sério quando disseste que querias experimentar *paddleboard*?

– Sim.

Ela baixou as pestanas e olhou-o de lado.

– Queres vir comigo amanhã?

– Sim – disse ele, sentindo um prazer inesperado. – Gostaria muito. A que horas?

– Que tal às duas horas? Podemos ir à ilha Masonboro. É bastante difícil chegar lá, mas vale a pena.

– Parece fantástico. Onde é que nos encontramos?

– O estacionamento não é ideal. A única forma de chegar lá é ir pela praia de Wrightsville, até à ponta da ilha. Estaciona na estrada. Traz algumas moedas porque tens de pagar parquímetro, mas encontramos lá.

– Posso arrendar uma prancha em algum lado?

– Não precisas. Eu tenho duas. Podes usar a minha prancha para principiantes.

– Bestial.

– Mas é rosa-choque. Com autocolantes de coelhinhos e flores.

– A sério?

Ela riu-se.

– Estava a brincar. – Depois:

– Foi uma noite estranhamente agradável.

– Para mim também – disse ele, falando a sério. – E estou ansioso por ir amanhã.

Depois de Maria destrancar o carro, ele abriu a porta e ela entrou. Instantes depois estava a recuar e a afastar-se, e Colin não saiu de onde estava. Podia ter acabado ali, mas de repente ela parou o carro, abriu o vidro e inclinou-se para fora.

– Ei, Colin? – chamou.

– Sim?

– Quando estiveres na aula de boxe amanhã, tenta não levar um murro na cara.

Ele sorriu e ficou a ver o carro afastar-se pela alameda enquanto perguntava a si mesmo em que é que se estava a meter. Não esperava o seu convite e enquanto voltava para o *Camaro* refletiu sobre os acontecimentos da noite, a tentar perceber. Fosse qual fosse o motivo de Maria, não podia negar que ficara contente.

Queria vê-la de novo.

Sem sombra de dúvida.

CAPÍTULO 6



Maria

— Eu sabia que ias gostar dele! — disse Serena, alegremente. — Tinha razão ou não?

Era domingo de manhã e, como sempre, Maria estava com a irmã no alpendre das traseiras enquanto a mãe terminava o pequeno-almoço. O pai andava a passear a *Copo*, que estava escovada e limpa, e tinha um laço cor-de-rosa perto da orelha.

— Eu não disse que gostava dele — respondeu Maria. — Só disse que ele era interessante.

— Mas também disseste que se vão encontrar hoje. E vais usar um biquíni.

— Não vou usar um biquíni para fazer *paddleboard*.

— Porque não?

— Porque não sou como tu, está bem? Ia fazer-me sentir desconfortável.

— Bem, é melhor mostrares alguma pele, porque acredita que vais querer que ele dispa a *T-shirt*. Isso de queres espreitar um bocadinho funciona para os dois lados.

— Não quero que ele fique com a ideia errada.

— Tens razão. Talvez seja melhor usares camisolas largas ou algo do género. E, vistas o que vestires, estou contente porque, por fim, vais ter um encontro.

— Não tentes transformar isto numa coisa que não é. Não é um encontro. Só vamos fazer *paddleboard*.

— Pois, pois — disse Serena, acenando com a cabeça. — Como queiras.

— Nem sei porque é que tento falar contigo sobre essas coisas.

— Falas comigo porque sabes que eu te digo a verdade. E é claro que é por isso que vocês se deram tão bem. Porque o Colin é exatamente como eu.

— Sim, claro. Tens razão. No fundo, vou sair com a minha irmã mais nova.

— Não me culpes. Não fui eu que fui atrás dele para o quebra-mar.

— Eu não fui atrás dele para o quebra-mar!

Serena riu-se.

— Tens andado muito suscetível. Mas, se queres o meu conselho, devias usar um biquíni por baixo das calças largas, sim? Para o caso de ficar calor de mais. Porque hoje vai estar quente.

— Podemos falar antes sobre ti? Por exemplo, como correu o resto da noite?

— Não há muito para dizer. Andámos pelos bares, fomos a uma festa. Uma típica noite de sábado.

— Como estão a correr as coisas com o Steve?

— Ele é um bocado cola e não sei se estou preparada para uma coisa dessas. Mas voltemos ao Colin. Ele é *uma grande brasa*.

— Sim, eu reparei.

– Tentou dar-te um beijo de boa noite?

– Não. E eu não queria.

– Isso é bom – disse ela –, continua a fazer-te de difícil. Os tipos gostam disso. – Maria fez uma careta e Serena riu-se de novo. – Está bem, está bem, eu paro. No entanto, acho que é fantástico. Não só tens um encontro... um encontro a sério, digas o que disseres... como foste tu que o convidaste. És o epítome da mulher moderna. E, só para que saibas, estou a morrer de ciúmes porque vais vê-lo sem camisa. Acho que ele não deve ter um grama de gordura naquele corpo.

– Se queres que te diga, não sei. Estava escuro e ele vinha a andar ao meu lado.

– Hoje quero fotografias. Tu andas sempre com a máquina fotográfica. Tira-lhe algumas à socapa.

– Não.

– Pensei que não te importarias de fazer pelo menos esse favorzinho à tua irmã mais nova, que por acaso também é a pessoa que te juntou a ele.

Maria pensou no assunto.

– Está bem, talvez.

– Fantástico. Ou, melhor ainda, tira algumas com o telemóvel e manda-mas, para eu pôr no Instagram.

– Nem penses.

– Tens a certeza? Eu detestaria ter de dizer ao pai que vais sair com um ex-presidiário que está em liberdade condicional.

– Não te atrevas!

– Estava a brincar! Nem sequer quero estar no mesmo estado quando lançares essa bomba. Avisa-me antes, está bem?

– Claro que aviso.

– Mesmo assim, pelo menos devias tirar uma *selfie* com ele. Antes do anúncio. Assim, saberás que saíste mesmo com ele, já que depois de contares não vai voltar a acontecer.

– Terminaste?

Serena riu-se.

– Sim. Agora terminei.

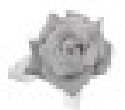
Maria reparou num colibri a beber no bebedouro que a mãe tinha pendurado, a pairar no ar de uma forma que a hipnotizava desde que era pequena. No interior, ouvia a mãe a cantar baixinho e, embora o aroma de ovos e puré de feijão devesse estar a dar-lhe fome, já estava um pouco nervosa em relação à tarde que se aproximava. Perguntou a si mesma se seria capaz de comer.

– Ainda estou um bocado surpreendida como a forma como ele... te contou tudo – disse Serena por fim.

– Se estivesses estado lá, terias ficado em estado de choque. Acredita.

– No entanto, é estranho. Acho que nunca conheci ninguém assim antes.

– A quem o dizes.



Duas horas mais tarde, Maria estava em casa sem saber o que vestir. O conselho de Serena não lhe saía da cabeça, tornando a sua decisão muito mais difícil do que devia ser. Em geral, não pensava duas vezes no assunto; vestia uns calções e uma camisola de alças ou a parte de cima de um biquíni, e certamente não teria tomado um duche, nem se teria maquilhado, nem teria sentido um nervoso miudinho na barriga, mas hoje estava assim. Parada diante da cómoda, refletiu sobre a impressão que queria transmitir.

Arrojada? Descontraída? Sensual?

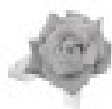
Chegou à conclusão de que era muito mais fácil para os homens: enfiavam uma *T-shirt*, chinelos e calções e estavam prontos para sair. Entretanto, ela tinha de pensar no *comprimento* dos calções e decidir até que ponto queria que fossem *justos* ou *desbotados*, ou se devia usar os que tinham rasgões sensuais por baixo dos bolsos de trás, ou ser um pouco mais conservadora. E isso era apenas a parte de baixo; tentar escolher a parte de cima revelou-se ainda mais difícil, acima de tudo porque não conseguia decidir se devia vestir o biquíni ou um fato de banho por baixo. Apesar do que dissera a Serena, tratava-se um encontro, e, para além do fiasco com Jill e Paul, nos últimos tempos não tivera muitos encontros. E não podia esquecer o facto de que não conseguira parar de pensar em Colin a manhã inteira e na noite anterior, e tudo isto a deixou mais nervosa do que nunca.

Afinal de contas, o que é que queria com ele? Colin era o tipo de pessoa que ela costumava *processar*. Até ao dia anterior, se alguém lhe tivesse sugerido que sairia com um homem com o passado dele, ela teria soltado uma gargalhada, ou – mais provavelmente – teria ficado ofendida. Na noite anterior, devia ter-se limitado a despedir-se quando ele a acompanhara ao carro. A ideia de os dois saírem essa tarde era absurda, e no entanto... *ela* convidara-o a *ele*, e não sabia muito bem como é que isso acontecera nem o que lhe tinha passado pela cabeça.

E, no entanto, Colin era... *magnético*. Fora a palavra que lhe viera à cabeça quando estava a tomar um duche e, quanto mais pensava, mais a descrição parecia acertada. Embora as respostas dele a deixassem com a cabeça a andar à roda de vez em quando, tinha de admitir que a sua conversa *é assim que eu sou verdadeiramente e podes aceitar-me ou não* era interessante. Mais do que isso, sentia que o seu arrependimento era verdadeiro, sublinhando o quanto mudara. Não era ingénua a ponto de ignorar a possibilidade de ele estar a tirar partido dos seus sentimentos de compaixão, mas era impossível conciliar essa noção com o tipo que mudara o pneu do seu carro, ou passeara com ela pela praia, ou tinha aulas com a irmã para ser professor. Não tentara atirar-se a ela, e se não o tivesse convidado para fazer *paddleboard*, não tinha dúvida de que ele a teria deixado no carro sem mais nada.

Tinha de reconhecer que gostara que ele tivesse sido tão franco e honesto sobre o seu passado. Se tivesse esperado até ao dia de hoje para revelar aquelas surpresas, ter-se-ia sentido manipulada e zangada, talvez até assustada. A química que sentira na sua presença teria desaparecido quase de imediato, pois não saberia sobre que mais ele mentira. Ninguém gosta de ser enganado.

A verdade é que não conhecia muitas pessoas que alterassem completamente o rumo das suas vidas, como acontecera com Colin. E, embora não fizesse ideia do que aconteceria essa tarde – nem se seria uma espécie de começo –, por fim pensou, *Oh, que se lixe!*, vestiu o biquíni preto e escolheu os calções justos e sensuais com os rasgões por baixo dos bolsos. Em seguida, vestiu uma camisola justa com um decote enorme. Afinal de contas, Serena tinha razão noutra coisa. Se Colin despisse a *T-shirt* – e teve de admitir que a ideia não a incomodava nada –, então, no mínimo, ela devia ter a opção de fazer o mesmo.



Colin estava encostado ao carro quando ela parou atrás dele, e só conseguiu olhar quando ele acenou. Usava uma *T-shirt* cinzenta, que se lhe colava ao corpo desde os ombros esculpidos até à cintura estreita. As mangas mal conseguiam conter os braços bem torneados e, mesmo ao longe, o profundo tom azul-acinzentado dos seus olhos era visível, realçado pelas maçãs do rosto bem definidas.

Por muito improvável que parecesse, o primeiro pensamento de Maria foi que Colin estava a ficar mais bonito a cada dia que passava. Quando ele se afastou do carro e sorriu, ela sentiu alguma coisa

sobressaltar-se dentro de si enquanto uma vizinha sussurrava: *Se não tiver cuidado, posso meter-me em sarilhos com este tipo.*

Obrigou-se a esquecer aquele pensamento, acenou do interior do carro e inspirou fundo enquanto desligava a ignição. Quando abriu a porta, o calor atingiu-a de uma forma quase imediata. Felizmente, a humidade era reduzida e sentia-se uma leve brisa que tornava tudo um pouco mais suportável.

– Olá – disse. – Chegaste à hora marcada.

Viu que Colin trouxera uma mochila, uma pequena geleira e duas toalhas. Ele inclinou-se para a frente, pegou na mochila e colocou-a ao ombro.

– Cheguei cedo – disse ele. – Não sabia bem se estava a estacionar no sítio certo. Não há mais carros por aqui.

– É sempre mais tranquilo na ponta da ilha – disse ela. – As pessoas não gostam de pagar parquímetro, o que é bom porque significa que não temos de andar muito. – Protegeu os olhos com as mãos. – Como foi o boxe?

– Um pouco mais intenso do que é costume, mas não há nódoas negras nem narizes partidos.

– Estou a ver – disse ela com um sorriso. – E os outros tipos? Não os magoaste, pois não?

– Estão bem. – Franziu os olhos por causa da luz forte. – É a tua vez. Como foi o *brunch* com a tua família?

– Também não houve nódoas negras nem narizes partidos – disse ela, brincalhona, e quando o ouviu rir prendeu uma madeixa de cabelo atrás da orelha, lembrando a si mesma que não devia entusiasmar-se muito. – No entanto, falando mais a sério, devo avisar-te que contei à Serena que vínhamos para o mar hoje. Para o caso de ela te perseguir depois das aulas a querer saber montes de pormenores pessoais.

– Ela vai fazer isso?

Com toda a certeza, pensou Maria.

– É muito provável.

– Porque é que não te pergunta a ti?

– Tenho a certeza de que me vai telefonar mais tarde. Ela acha que tem o dever de estar profundamente envolvida na minha vida pessoal.

– OK. – Ele sorriu. – A propósito, estás linda.

Maria sentiu uma onda de calor nas faces.

– Obrigada – disse. Depois, tentando aligeirar o ambiente, acrescentou:

– Estás pronto para hoje?

– Mal posso esperar.

– É uma sorte não estar muito vento. A água deve estar perfeita.

Começou a soltar uma das tiras que prendiam as pranchas de *paddleboard* às barras do tejadilho. Reparando no que ela estava a fazer, Colin aproximou-se para soltar as outras tiras. Os músculos dos seus antebraços mexeram-se como cordas de piano, fazendo a tatuagem ondular enquanto os dois trabalhavam lado a lado. Ele cheirava a sal e vento, limpo e fresco. Tirou a prancha de cima e encostou-a ao carro antes de fazer o mesmo com a outra, encostando-as uma à outra.

– Como é o teu equilíbrio na prancha? – perguntou ele.

– Bastante bom. Porquê?

– Porque preparei uma pequena geleira – explicou ele, apontando para trás de si. – Quero saber se consegues pô-la na tua prancha. Não sei se o meu equilíbrio será suficientemente bom no princípio.

– Não é assim tão difícil – disse ela. – Vais aprender depressa. Mas, respondendo à tua pergunta, sim, posso pôr a geleira na minha prancha e na verdade é perfeito, pois fico com um sítio para pousar as toalhas. Detesto toalhas molhadas.

Maria abriu a porta e pegou na máquina fotográfica e nas alças de transporte, prendendo-as nas pranchas, sempre consciente do olhar de Colin e a gostar da sensação. Quando terminou, ele pegou na mochila e nas duas pranchas. Maria pegou nas toalhas e na geleira e começaram a caminhar para a ponta.

– A propósito, que é que há na geleira? – perguntou ela.

– Basicamente, comida leve. Fruta, alguns frutos secos, duas garrafas de água.

– Saudável – comentou ela.

– Eu tenho muito cuidado com o que como.

– E a mochila?

– Um *Frisbee*, uma bola de *Hacky Sack* e protetor solar. Para o caso de irmos à praia.

– Não sou muito boa a jogar *Frisbee*. E devo avisar-te que nunca toquei numa bola de *Hacky Sack* em toda a minha vida.

– Então, hoje vamos ambos experimentar uma coisa nova.

Na praia, a areia brilhava, quase branca, sob os raios de sol. Para além de um homem a atirar uma bola a um *golden retriever* nas ondas, a praia nesta extremidade da ilha estava deserta. Maria ergueu a geleira na direção da enseada.

– Ali é a ilha Masonboro – disse.

– Até teres falado nela ontem à noite, não sabia da existência dela.

– É selvagem. Não há estradas nem zonas de piquenique. No verão, muitos barcos vão lá, mas nos últimos tempos tenho tido o espaço todo só para mim. É lindo e tranquilo, e é uma forma fantástica de começar a semana, especialmente uma como esta. O meu patrão tem um julgamento no final desta semana, por isso devo ter de trabalhar até tarde todas as noites para garantir que ele tem tudo o que precisa. E também vou chegar mais cedo do que é costume de manhã.

– São muitas horas.

– Tenho de ser bem-sucedida, percebes? – A sua voz mudou.

– Porquê?

– Se não fizer o meu trabalho, sou despedida.

– Eu não estava a referir-me a fazeres bem o teu trabalho. Compreendo isso. Só queria saber porque é que é importante seres bem-sucedida.

Maria franziu o sobrolho, percebendo que era a primeira pessoa que lhe fazia aquela pergunta, e ficou perplexa.

– Não sei – respondeu por fim. – Acho que sou assim mesmo. Ou isso, ou a culpa é toda dos meus pais. Não é o que as pessoas dizem na terapia?

– Por vezes. E às vezes até é verdade.

– Não queres ser bem-sucedido?

– Nem sei bem se percebo o que isso quer dizer – disse ele. – Uma casa maior? Carros melhores? Férias mais exóticas? Os meus pais têm todas essas coisas, mas não me parece que algum deles seja verdadeiramente feliz. Há sempre mais alguma coisa, mas onde termina? Eu não quero viver assim.

– Como é que queres viver?

– Quero equilíbrio. O trabalho é importante porque tenho de me sustentar, mas os amigos, a saúde e o descanso também. Ter tempo para fazer as coisas de que gosto, e por vezes para não fazer absolutamente nada.

A geleira bateu-lhe ao de leve na perna.

– Isso é muito... sensato.

– OK.

Ela sorriu. *Podia ter previsto que ele ia dizer aquilo.*

– É claro que tens razão. O equilíbrio é importante, mas eu sempre gostei da sensação de conseguir fazer uma coisa difícil, quer fossem notas quando era pequena ou um bom trabalho agora. Estabelecer metas e atingi-las faz-me sentir que estou a viver a minha vida em pleno. E, no fim, se fizer as coisas muito bem, as outras pessoas vão notar e serei recompensada. Também gosto disso.

– Faz sentido.

– Mas não para ti?

– Nós somos diferentes.

– Não estabeleces metas? Como acabar o curso ou vencer uma luta?

– Sim.

– Então, de que forma é que somos diferentes?

– Porque eu não estou interessado em ser bem-sucedido. E em geral não penso muito na forma como as outras pessoas definem isso.

– E achas que eu penso?

– Sim.

– Não te importas de explicar?

Ele deu dois passos antes de responder.

– Penso que te preocupas imenso com a forma como os outros te veem, mas para mim isso é um erro.

No fim, a única pessoa a quem podes agradar é a ti mesma. O que os outros pensam é com eles.

Maria apertou os lábios, sabendo que ele tinha razão mas um pouco surpreendida por ele ter simplesmente... dito o que pensava. Mas afinal de contas, ele era frontal em relação a tudo o resto, por isso não devia ficar surpreendida.

– Aprendeste isso na terapia?

– Sim. Mas demorei muito tempo a aceitar.

– Talvez fosse boa ideia eu falar com o teu psicólogo.

– Talvez – concordou ele, e Maria riu-se.

– Bem, só para que saibas, eu não sou assim. Preciso de muita validação externa *por causa* dos meus pais.

Quando ele arqueou uma sobrancelha numa expressão cética, ela tocou-lhe no ombro, brincalhona, e o gesto pareceu estranhamente natural.

– Estou a falar a sério. Posso ter nascido com determinação, ou ambição, ou o que quiseses chamar-lhe, mas eles incentivaram-na. Nenhum dos meus pais estudou para além do oitavo ano e tiveram de se sacrificar durante anos antes de poderem abrir o restaurante. Tiveram de aprender uma língua nova, contabilidade, e mil outras coisas a partir do zero quando eram adultos, por isso, para eles uma boa educação era tudo. Eu cresci a falar espanhol em casa e tive de trabalhar mais do que os outros miúdos desde o primeiro momento, porque não percebia o que o professor dizia. Embora os meus pais trabalhassem quinze horas por dia, nunca falhavam uma reunião com os meus professores e certificavam-se de que eu fazia sempre os trabalhos de casa. Quando comecei a ter boas notas, eles sentiram um orgulho enorme. Convidaram as minhas tias, tios e primos para irem lá a casa no fim de semana... eu tenho um monte de parentes na cidade... e passaram o meu boletim de notas de mão em mão, comentando como eu era boa aluna. Fui o centro das atenções e gostei da sensação, por isso trabalhei ainda mais. Sentava-me na primeira fila, levantava a mão sempre que o professor fazia uma pergunta e ficava acordada até de madrugada a estudar para os testes. Em resultado disso, fui uma grande totó durante todo o liceu.

– A sério? – Ele esboçou de novo aquela expressão divertida.

– Hum... sim – respondeu Maria com um ar envergonhado. – Comecei a usar óculos quando tinha oito

anos, umas monstruosidades com armação castanha, e usei aparelho nos dentes durante três anos. Era tímida, desajeitada e *gostava* mesmo de estudar. Só fui a um baile no liceu quando estava no último ano, e mesmo assim fui com um grupo de outras raparigas que não tinham acompanhantes. Beije um rapaz pela primeira vez um mês antes de entrar na universidade. Confiar em mim, eu sei o que é ser totó, fiz parte deles.

– E agora?

– Ainda sou um bocado totó. Trabalho de mais, não visito os meus amigos com a frequência que deveria e não faço nada aos fins de semana a não ser *paddleboard* e estar com a minha família. Nas noites de sexta-feira, normalmente estou a ler na cama.

– Isso não faz de ti uma totó. Eu também já não saio muito. Se não estiver a trabalhar ou a competir, estou a ouvir música, a estudar ou em casa com o Evan e a Lily.

– Lily?

– A noiva do Evan.

– Como é ela?

– Loura. Mais ou menos da tua altura. Uma personalidade fantástica. E muito, muito sulista. É de Charleston.

– E o Evan? É parecido contigo?

– Na verdade, é mais parecido contigo. É muito certinho.

– Achas que eu sou certinha?

– Sim.

– Então, porque é que eu não sinto isso?

– Não faço ideia – respondeu ele. – Mas penso que a maior parte das pessoas diriam o mesmo que eu sobre ti.

Maria olhou-o de soslaio, gostando do que ele dissera. Nessa altura já tinham chegado à beira-mar e ela descalçou as sandálias e concentrou-se na água.

– Isto é bom – declarou. – A maré está a subir, o que torna o processo mais fácil. Se estivesse a descer, teríamos de entrar na água ali – disse, apontando por cima do ombro dele. – Estás pronto?

– Quase – respondeu ele. – Pousou as pranchas e tirou a mochila, guardando os chinelos e pegando no protetor solar. Despiu a *T-shirt*, guardando-a também na mochila, e o primeiro pensamento de Maria foi que ele parecia quase esculpido. O peito e a barriga eram uma paisagem de contornos e altos, com todos os músculos extremamente definidos. No peito, a colorida tatuagem de um dragão subia por um ombro, entretecendo-se de uma forma engenhosa com um carácter chinês. Colin olhou para a água e começou a espalhar o creme.

– Isto é lindo – observou.

– Concordo – disse ela, a esforçar-se para não o comer com os olhos.

Ele pôs mais um pouco de protetor solar na mão antes de lho estender.

– Queres um pouco?

– Talvez mais tarde. Já pus creme, mas não tenho tendência para escaldões. Pele latina, sabes?

Ele assentiu com a cabeça, espalhando um pouco na parte da frente das pernas, e depois virou-se.

– Não te importas de me pôr um pouco nas costas?

Ela assentiu e sentiu a boca levemente seca.

– Claro que não.

Os seus dedos tocaram-se quando pegou no creme. Espremeu um pouco para as mãos e passou os dedos pelas costas dele, sem pressa, sentindo a interação de músculos e pele, tentando ignorar a estranha intimidade do que estava a fazer. Serena ia adorar saber isto.

– Vamos ver golfinhos ou marsuínos? – perguntou ele, parecendo alheado dos seus pensamentos.

Maria passou a mão pelas costas dele e demorou um momento a responder.

– Duvido. A esta hora do dia, costumam estar do lado do oceano. – Depois, sentindo uma pontinha de desapontamento, terminou e fechou a tampa. – Estás despachado.

– Obrigado – disse ele, guardando o protetor solar. – E agora?

– Estamos quase prontos. – Ela soltou as alças de transporte e entregou-as a Colin para que as guardasse na mochila enquanto pegava na mais pequena das duas pranchas. – Podes seguir-me com a geleira e as toalhas? Eu mostro-te como se sobe.

Entrou no mar com a prancha e quando ficou com água acima dos joelhos deitou-se nela, arrastando-se até ficar centrada. Colocou o remo perpendicular à prancha e segurou-o bem enquanto se punha de joelhos e, por fim, se levantava.

– Tchã... é só isto. O importante é encontrares o teu ponto ideal, em que nem a ponta da frente nem a cauda estão submersas. E depois mantém os joelhos fletidos... essa posição vai manter-te direito.

– Percebi.

– Podes pôr a geleira atrás de mim, e depois põe as toalhas em cima. E passas-me a minha máquina fotográfica?

Ele entrou na água, seguindo as suas instruções. Maria pendurou a alça da máquina fotográfica no pescoço e Colin foi buscar a prancha e repetiu os seus movimentos. Quando se levantou, mudou o peso e a prancha abanou um pouco.

– É mais estável do que pensei – comentou.

– Agora, quando virares, podes remar para a frente para fazer uma curva larga e lenta, ou podes remar para trás para uma curva mais apertada. – Exemplificou a primeira e depois a segunda, rodando no mesmo lugar e afastando-se um pouco mais da margem durante o processo. – Estás pronto?

– Vamos – disse ele. Bastaram algumas remadas para se aproximar dela e começaram a remar lado a lado até chegarem às águas férteis e paradas do pântano. Por cima deles, o céu azul estava salpicado de finos cirros. Discretamente, Maria observou Colin a assimilar tudo o que o rodeava. O seu olhar deteve-se nos pelicanos castanhos e nas garças níveas, ou numa águia-pesqueira que passava por cima deles. Não parecia sentir necessidade de quebrar o silêncio e ela pensou de novo que nunca conhecera ninguém assim.

Enquanto os seus pensamentos divagavam, Maria concentrou-se na ilha, reparando nos restos nodosos de troncos de árvores, cinzentos e revestidos de sal, com as raízes torcidas como fio gasto numa bola mal entrançada. Caminhos curvos desenhavam-se nas dunas salpicadas de plantas, atalhos para o lado da ilha que era banhado pelo oceano, e madeira flutuante, manchada de preto por causa do pântano, acumulava-se na margem.

– Estás a pensar em alguma coisa – ouviu-o dizer. Sem que ela notasse, Colin aproximara a prancha da sua.

– Só em como gosto de estar aqui.

– Vens para cá todos os fins de semana?

– Quase todos – disse ela, mantendo as remadas constantes. – Só não venho quando está a chover ou quando o vento sopra com intensidade. Os ventos fortes fazem parecer que não saímos do lugar, e a água pode ficar bastante picada. Cometi esse erro uma vez quando trouxe a Serena. Ela aguentou uns vinte minutos e depois insistiu que queria sair da água e nunca mais voltou. Em termos de mar, ela é mais o tipo de miúda que fica deitada ao sol ou a relaxar na parte de trás do barco. Embora sejamos próximas, não somos muito parecidas.

A curiosidade com que ele observava e escutava incentivou-a a continuar, e enfiou o remo na água.

– A Serena foi sempre mais sociável e popular que eu. Nunca lhe faltaram namorados e tem imensos amigos. O telemóvel dela nunca para de tocar e as pessoas querem sempre estar com ela. Comigo não foi assim. Eu fui sempre mais sossegada, mais tímida, acho, e cresci a pensar que nunca encaixaria em lado nenhum.

– Não me pareces tímida.

– Não? – perguntou ela. – Como é que te pareço?

Ele inclinou a cabeça.

– Séria. Inteligente. Compreensiva. Linda.

A certeza com que ele falou – como se já tivesse pensado na lista – fê-la sentir-se de repente inibida.

– Obrigada – murmurou. – Isso foi... querido.

– Tenho a certeza de que já ouviste isto antes.

– Nem por isso.

– Nesse caso, dás-te com as pessoas erradas.

Ela ajustou os pés na prancha, a tentar disfarçar o quão lisonjeada e perturbada se sentia.

– Então, não tens namorada?

– Não – respondeu ele. – Durante algum tempo não fui uma pessoa com quem se podia namorar e ultimamente tenho andado muito ocupado. Tu?

– Continuo solteira – disse ela. – Tive um namoro sério quando estava na universidade, mas não resultou. E, nos últimos tempos, tenho tendência para atrair os homens errados.

– Como eu?

Ela esboçou um sorriso tímido.

– Não estava a pensar em ti quando o disse. Estava a pensar no sócio-gerente da minha firma. Que por acaso é casado e tem filhos. Tem andado a atirar-se a mim e isso torna o meu trabalho muito stressante.

– Posso imaginar.

– Mas não tens nenhum conselho para isso, certo? Porque não dás conselhos?

– Não.

– Tens noção de que é preciso uma pessoa habituar-se a ter uma conversa contigo, não tens? A Serena, por exemplo, tem sempre montes de conselhos.

– São úteis?

– Nem por isso.

A expressão dele disse-lhe que acabara de provar o seu ponto de vista.

– O que aconteceu com o teu namorado?

– Não há muito para dizer. Andávamos há dois anos e eu pensava que íamos passar para uma coisa mais séria.

– Casamento?

Ela acenou com a cabeça.

– Eu pensava que sim. Mas depois ele decidiu que não me queria. Queria outra pessoa.

– Deve ter sido difícil.

– Na época, foi devastador – concordou ela.

– E desde então não tiveste namorados?

– Nem por isso. Andei com alguns tipos, mas não deu em nada. – Fez uma pausa, a recordar. – Eu costumava ir dançar com os meus amigos a uma discoteca de salsa em Charlotte, mas a maioria dos tipos que conhecia só estavam interessados numa coisa. Para mim, dormir com alguém é um resultado natural de um relacionamento, e muitos homens só querem curtir.

– O problema é deles.

– Eu sei. Mas... – Tentou encontrar a melhor forma de explicar. – Por vezes, é difícil. Talvez porque os meus pais são tão felizes e fazem com que tudo pareça tão fácil, sempre pensei que conseguiria encontrar o homem perfeito sem ter de me contentar com menos. E na juventude tinha imensos planos... Tinha a certeza de que agora, com a minha idade, estaria casada e viveríamos numa casa vitoriana restaurada e estaríamos a planear ter filhos. Mas essas coisas parecem mais inalcançáveis agora do que quando eu era pequena. Parecem mais inalcançáveis do que há alguns anos.

Quando Colin não disse nada, ela abanou a cabeça.

– Não posso acreditar que te estou a contar todas estas coisas.

– Eu estou interessado.

– Pois claro que estás – disse ela, ignorando o seu comentário. – Até eu acho que é um tédio.

– Não é um tédio – refutou ele. – É a tua história e gosto de a ouvir. – Deu-lhe tempo para assimilar as suas palavras antes de mudar abruptamente de assunto. – Com que então, danças salsa?

– Foi o que retiveste? De tudo o que eu disse? – Quando ele encolheu os ombros, ela continuou, perguntando a si mesma porque é que parecia tão fácil conversar com ele. – Costumava ir dançar quase todos os fins de semana.

– Mas já não vais?

– Desde que voltei para cá, não. Aqui não há discotecas. Pelo menos, não há discotecas oficiais. A Serena tentou arrastar-me para um sítio e eu pensei em ir, mas arrependi-me no último momento.

– Se calhar, teria sido divertido.

– Talvez. Mas nem sequer é uma discoteca a sério. É um armazém abandonado e tenho a certeza de que é tudo ilegal.

– Por vezes, são os melhores lugares para ir.

– Presumo que falas por experiência própria?

– Sim.

Ela sorriu.

– Sabes alguma coisa sobre salsa?

– É como o tango?

– Nem por isso. O tango é um tipo de dança de salão em que as pessoas se movimentam à volta da sala. A salsa é mais uma dança de festa com muitas voltas e mudança de mãos, e ficamos no mesmo lugar na pista de dança. É uma forma fantástica de passar algumas horas com amigos, sobretudo se o nosso parceiro for bom. Eram os únicos momentos em que eu me soltava e era eu mesma.

– Não estás a ser tu mesma agora?

– Claro – respondeu ela. – Mas esta é sem dúvida a minha versão mais calma, a mais típica. – Ergueu o remo por cima da cabeça, para se esticar um pouco, e depois mergulhou-o de novo na água. – Tenho uma pergunta – disse. – E ando a pensar no assunto desde que o mencionaste. – Quando ele se voltou, continuou. – Porque é que queres dar aulas ao terceiro ano? Sempre pensei que a maioria dos homens preferia dar aulas ao nível do ensino secundário.

Ele cortou a água com o remo.

– Porque nessa idade as crianças já são capazes de compreender quase tudo o que um adulto lhes diz, mas ainda são suficientemente jovens para acreditar que os adultos dizem a verdade. Também é o ano em que os problemas de comportamento começam a manifestar-se a sério. Associados a todos os testes que o estado exige, o terceiro ano é um ano crucial.

Deslizaram na água que parecia lisa como vidro.

– E? – perguntou ela.

– E o quê?

– Perguntaste-me a mesma coisa ontem à noite. Quando pensaste que não estava a contar a história toda. Por isso, pergunto-te mais uma vez... qual é o verdadeiro motivo para queres dar aulas ao terceiro ano?

– Porque foi o meu último ano bom na escola – disse ele. – Aliás, até há dois anos foi o meu último ano bom, ponto final. E tudo por causa do professor Morris. Ele era um oficial do exército reformado que começou a dar aulas já tarde, e sabia exatamente do que eu precisava. Não da disciplina irracional que tive mais tarde nos colégios militares, mas um plano específico apenas para mim. Desde o primeiro dia, não aceitou as minhas tretas na sala de aulas e, quando eu comecei a fazer fitas, disse-me que teria de ficar depois das aulas. Eu pensei que ia ficar sentado na sala com um livro ou que ele me ia mandar fazer arrumações ou outra coisa do género, mas ele mandou-me correr à volta do edifício e fazer flexões sempre que passava por ele. E não parava de dizer que eu estava a portar-me muito bem, que era muito rápido ou forte ou outra coisa qualquer, por isso não pareceu um castigo. Fez a mesma coisa durante o intervalo no dia seguinte, e depois perguntou-me se eu podia chegar mais cedo todos os dias porque era evidente que eu tinha jeito para correr. Que era mais forte do que os outros miúdos. *Melhor* do que os outros miúdos. Olhando para trás, percebo que ele estava a fazer isso por causa da minha hiperatividade e de outras tretas emocionais, e que o que queria era queimar a minha energia em excesso para que eu pudesse sentar-me quieto na aula.

A sua voz tornou-se mais suave quando ele continuou.

– Mas aquela foi a primeira vez que me lembro de ser elogiado e depois disso só queria que ele sentisse ainda mais orgulho em mim. Dediquei-me, e a escola começou a ser mais fácil. Melhorei a nível da leitura e matemática, e também me comportava melhor em casa. Mas um ano depois, já com a professora Crandall, já tudo isso fora pelo cano abaixo. Ela era má, zangada e odiava rapazes, e eu voltei a ser o miúdo perturbado que era dantes. Depois disso, os meus pais despacharam-me e já conheces o resto da história.

Ele expirou o ar devagar antes de olhar para Maria.

– É por isso que quero dar aulas a alunos do terceiro ano. Porque existe uma possibilidade, uma pequeníssima possibilidade, de eu encontrar um miúdo como eu, e saberei o que é preciso fazer. E, a longo prazo, sei o quanto esse ano poderá significar para essa criança. Porque sem o professor Morris, há tanto tempo, eu nunca teria pensado em voltar a estudar agora e tornar-me professor.

Enquanto Colin falava, Maria manteve os olhos fixos nele.

– Sei que não devia ficar surpreendida, tendo em conta todas as outras coisas que me contaste – disse ela. – Mas estou.

– Porquê?

– É inspirador. O motivo pelo qual queres ser professor, isto é. Eu não tenho histórias assim. Metade do tempo, nem sequer sei muito bem porque é que me tornei advogada. Simplesmente aconteceu.

– Como assim?

– Quando fui para a universidade, não sabia bem o que queria fazer. Pensei em Gestão, ou em fazer um mestrado, e até estive hesitante em ir para Medicina. Foi muito difícil escolher uma área e no segundo ano ainda não fazia ideia do que queria fazer com a minha vida. Por outro lado, a minha colega de quarto estava decidida a ir para a faculdade de Direito e eu convenci-me de que a ideia era muito mais glamorosa do que é na realidade. Quase sem dar por isso, estava a candidatar-me à faculdade de Direito e, três anos mais tarde, tinha um emprego no gabinete do promotor de justiça e estava a estudar para o exame da Ordem. E agora aqui estou. Não me interpretes mal... sou boa no que faço, mas por vezes é difícil imaginar que vou passar o resto da vida a fazer isto.

– Quem diz que tens de fazer isso?

– Não posso desperdiçar a minha educação. Nem os últimos quatro anos. O que poderia fazer?

Ele coçou o queixo e disse:

– Eu acho que podes fazer tudo o que quiseses. No fim, todos vivemos a vida que escolhemos.

– O que é que os teus pais pensam sobre o facto de teres voltado a estudar?

– Penso que ainda não sabem bem se mudei de verdade ou se voltarei a ser o que era.

Ela sorriu, contente por ele dizer o que pensava sem se preocupar com a opinião dela.

– Não sei porquê, mas é difícil para mim imaginar o outro Colin, o que costumavas ser.

– Não terias gostado muito dele.

– Talvez não – disse ela. – E talvez ele não tivesse parado para mudar o pneu do meu carro.

– Claro que não – concordou Colin.

– Que mais devo saber sobre o novo Colin? – perguntou ela, e a pergunta foi dando lugar a uma

conversa sinuosa sobre a sua infância em Raleigh e também sobre a sua amizade com Evan e Lily. Falou-lhe sobre os pais e as irmãs mais velhas, e sobre a experiência de crescer sob os cuidados de diversas amas. Falou sobre as primeiras lutas em que se envolvera, as escolas que frequentara, e contou mais pormenores sobre os anos a seguir ao liceu, embora admitisse que estavam bastante confusos na sua cabeça. Falou sobre as AMM e, após alguma pressão, descreveu algumas das suas lutas, incluindo a mais recente com o fuzileiro naval, que o deixara cheio de nódoas negras e ensanguentado. Embora muitas das histórias que lhe contou sublinhassem as partes difíceis do seu passado, condiziam com o que ela já sabia.

Enquanto conversavam, a maré começou a subir, impelindo-os para a frente, lado a lado. O sol aproximou-se a pouco e pouco da linha do horizonte e a água adquiriu o brilho das moedas antigas. A fina capa de nuvens suavizou o brilho ofuscante e começou a mudar de cores – tonalidades de cor-de-rosa, cor de laranja e magenta.

– Queres ir até à praia? – perguntou Maria por fim. Ele assentiu com a cabeça e quando começaram a remar para a margem ela avistou os dorsos escuros de três marsuínos que se aproximavam lentamente. Cortavam a água, e quando apontou para eles o rosto de Colin iluminou-se num sorriso infantil. Num acordo tácito, pararam de remar e deixaram as pranchas deslizar. Para surpresa de Maria, os marsuínos alteraram a rota e deslizaram na direção deles. Por instinto, pegou na máquina fotográfica e começou a tirar fotografias, ajustando a lente antes de cada disparo. Por milagre, apanhou uma imagem dos três marsuínos a saltar na superfície da água antes de passarem por eles em fila indiana, tão perto que poderiam tocar-lhes, com os espiráculos a expelir água. Maria voltou-se e ficou a vê-los afastar-se para a enseada e o oceano mais adiante, perguntando a si mesma o que os teria levado àquele lugar naquele preciso momento.

Quando eles desapareceram por fim, Maria reparou que Colin estava a observá-la. Ele sorriu e, instintivamente, ela pegou na máquina fotográfica e disparou, recordando de repente o instante de vulnerabilidade que ele evidenciara alguns minutos antes. Apesar da aparência de confiança que transmitia, Maria compreendeu que, como ela, Colin só queria ser aceite; à sua maneira, era tão solitário como ela. Aquela percepção fê-la sofrer, e de repente pareceu-lhe que eles eram as duas únicas pessoas no mundo. Naquele momento silencioso e íntimo, percebeu que queria passar mais tardes como esta com ele, uma tarde normal que de certa forma parecia mágica.

CAPÍTULO 7



Colin

Na praia, Colin sentou-se numa toalha ao lado de Maria e tentou ignorar o seu corpo no biquíni preto que estivera escondido por baixo da roupa. No dia anterior, vira-a como uma intrigante desconhecida; hoje, enquanto faziam *paddleboard*, começara a considerá-la uma amiga; mas agora não sabia o que poderia acontecer a seguir. A única coisa que sabia era que o biquíni preto o estava a impedir de raciocinar. Chegou à conclusão de que Maria era mais do que bonita, era sem dúvida belíssima, e, embora sentisse que alguma coisa mudara entre eles durante o dia, não conseguia perceber bem o quê.

Não tinha muita experiência com mulheres como Maria. Em vez de cursos universitários e famílias unidas, as mulheres com quem andava costumavam ter inúmeros *piercings* e tatuagens, expressões zangadas e graves problemas psicológicos. Esperavam ser tratadas sem grande consideração, e ele fazia-lhes a vontade. A falta de expectativas dos dois lados contribuía para uma coisa que se assemelhava a conforto quando estavam juntos. Um conforto defeituoso, é certo, mas a infelicidade adora ter companhia. Só duas tinham chegado aos três meses, mas, ao contrário de Evan, Colin nunca mostrava grande interesse em ter uma pessoa especial na sua vida. Não era para ele. Gostava da liberdade de estar sozinho, sem ter de dar explicações a outra pessoa. Já era difícil manter a sua vida em ordem e seria ainda pior tentar corresponder às expectativas de outra pessoa.

Pelo menos sempre acreditara nisso, mas agora, enquanto admirava Maria à socapa, perguntou a si mesmo se estivera apenas a arranjar desculpas. Se talvez não quisesse envolver-se numa relação porque nunca tentara a sério ou porque ainda não conhecera a pessoa certa. Sabia que estava a precipitar-se, mas não conseguia negar que queria passar mais tempo com ela. Não fazia ideia do motivo pelo qual ela ainda era solteira. Imaginou que ela nunca se interessaria por um tipo como ele.

E no entanto...

No hospital, passara muito tempo a fazer terapia de grupo, e tentar descobrir aquilo que mexia com os outros era uma parte essencial do exercício. Se uma pessoa compreendia os outros compreendia-se a si mesma – e vice versa – e há muito que se habituara a estar atento à linguagem corporal e às pistas que as pessoas revelavam quando partilhavam os seus medos, falhas e arrependimentos. E, embora ainda não conseguisse ler Maria com precisão, desconfiava que o que estava a acontecer a deixava tão confusa como ele. O que fazia sentido. Embora ele estivesse bem agora, ela tinha de perceber que o antigo Colin faria sempre parte de si. Isso seria uma preocupação para qualquer pessoa; também era uma preocupação para ele. Apesar de a sua raiva explosiva estar adormecida neste momento, era como um urso em hibernação e ele sabia que tinha de estruturar a sua vida de uma determinada forma para impedir a chegada da primavera e o despertar do urso. Treinar muito para manter a raiva sob controlo; participar

numa competição ocasional de AMM para dar vazão à agressividade. Estudar muito e trabalhar muitas horas para se manter ocupado e não ir aos lugares errados. Manter-se longe de drogas e limitar o consumo de álcool. Passar tempo com Evan e Lily, que não só eram cidadãos exemplares como estavam sempre disponíveis para o apoiar e manter longe do perigo.

Não havia espaço para Maria na sua vida. Não havia tempo. Não tinha energia para isso.

E no entanto...

Estavam sozinhos numa faixa isolada de areia e pensou de novo que ela era muitíssimo sensual. Logicamente, Maria já devia ter fugido a sete pés, mas parecia estar a aceitar bem o seu passado e, por muito que tentasse, não conseguia deixar de pensar nela.

Viu-a recostar-se, apoiando-se nos cotovelos, iluminada pelo brilho do sol de fim de tarde. Pensou de novo que nunca vira uma beleza tão natural e, para se distrair, virou-se de lado e esticou-se para trás dela, puxando a geleira. Destapou-a e tirou duas garrafas de água, estendendo-lhe uma.

– Banana ou laranja? – perguntou.

– Banana – respondeu ela. Sentou-se, lânguida e graciosa. – As laranjas deixam-me as mãos pegajosas.

Ele estendeu-lhe a banana e tirou dois sacos com uma mistura de frutos secos.

– Também queres?

– Claro – disse ela. – Porque não?

Pegou no saco e pôs duas amêndoas na boca.

– Era mesmo disto que eu precisava – disse, com um piscar de olhos. – Já sinto o colesterol a baixar e os músculos a aumentar.

Colin sorriu e começou a descascar a laranja. Ela fez o mesmo com a banana e comeu um pouco antes de voltar a recostar-se.

– Eu nunca faço isto – disse ela. – Vir à praia quando estou aqui, quero dizer. Já passei por aqui na prancha, mas nunca vim para cá apanhar sol.

– Porque não?

– No verão, há sempre imensa gente. Ia sentir-me mal se viesse sozinha.

– Porquê? É uma coisa que não me incomodaria nada.

– Não duvido que viesses. Para ti, não é nada de especial. Mas para uma mulher é diferente. Se viesse para aqui sozinha... alguns tipos poderiam pensar que era um convite. E se algum tarado se sentasse ao meu lado e comesse a atirar-se a mim? Tipo, uma pessoa que se drogasse e estivesse em liberdade condicional e tivesse um historial de ir a bares para poder lutar com desconhecidos e pisar as cabeças das pessoas... Oh, espera! – Ela fingiu horror quando se voltou de repente para ele.

Colin riu-se.

– E se ele dissesse que tinha mudado?

– No começo, talvez não acreditasse.

– E se ele fosse encantador?

– Teria de ser muito, muito encantador, mas ainda assim acho que preferia ficar sozinha.

– Mesmo que ele trocasse o pneu do teu carro no meio de uma tempestade?

– Ficaria sem dúvida agradecida por me ter ajudado, mas não sei se faria grande diferença. Até os loucos podem fazer alguma coisa simpática de vez em quando.

– Acho que é capaz de ser uma decisão sensata. Um tipo assim pode ser perigoso e sem dúvida não devias ficar sozinha com ele.

– É óbvio – disse ela. – Claro que existe sempre a possibilidade de ele ter *mudado* mesmo e ser um tipo simpático, o que significa que o azar seria meu, pois nem sequer lhe dei uma oportunidade.

– Posso perceber como isso poderia ser um problema.

– Seja como for, é por isso que não venho sozinha para a praia. Evito esse gênero de problemas.

– Faz sentido. No entanto, tenho de admitir que não sei bem o que pensar sobre o que acabaste de dizer.

– Bom – respondeu ela, acotovelando-o num gesto brincalhão. – Nesse caso, estamos quites. Eu não sei o que pensar sobre muitas das coisas que me disseste.

Embora não tivesse a certeza se ela estava a provocá-lo, gostou da naturalidade do seu toque.

– Que tal mudarmos para um assunto mais seguro?

– Tipo?

– Fala-me sobre a tua família. Disseste que tens muitos parentes na cidade?

– Os meus avós maternos e paternos ainda vivem no México, mas tenho três tias e quatro tios em Wilmington, juntamente com mais de vinte primos. E fazemos festas de família fantásticas.

– Parece divertido.

– É. Muitos deles trabalham ou já trabalharam no La Cocina de la Familia, por isso o restaurante era a nossa segunda casa. Durante a infância e a adolescência, devo ter passado mais tempo lá do que em casa.

– Sim?

Ela acenou com a cabeça.

– Quando eu era pequena, os meus pais tinham uma zona de brincadeiras nas traseiras para a minha mãe poder tomar conta de mim, e quando fui para a escola fazia os trabalhos de casa no escritório. Depois de a Serena nascer, eu tomava conta dela na zona de brincadeiras até ao fim do turno da minha mãe, e, quando ela cresceu, também comecei a trabalhar lá. Mas o mais estranho é que nunca me lembro de me sentir menos importante que o restaurante, nem sequer que ele dominava a minha vida. Não só porque toda a minha família estava lá, mas porque os meus pais estavam sempre a aparecer para ver se estava tudo bem. E quando estávamos em casa não era muito diferente. Havia sempre família. Muitos viveram connosco até pouparem dinheiro suficiente para comprar uma casa. Para uma criança, não há nada melhor. Havia sempre alguma coisa a acontecer; pessoas a conversar, a brincar, a cozinhar ou a ouvir música. Era sempre barulhento, mas tinha uma energia muito boa. Uma energia feliz.

Ele tentou conciliar o relato com a mulher que estava sentada ao seu lado e foi surpreendentemente fácil.

– Que idade tinhas quando começaste a trabalhar no restaurante?

– Catorze – disse ela. – Trabalhei lá depois da escola, todos os verões e nas férias do Natal até acabar o curso de Direito. Os meus pais pensaram que seria bom para mim ganhar o meu próprio dinheiro.

– Pareces orgulhosa deles.

– Tu não estarias? Embora tenha de admitir que não sei bem o que eles pensariam se soubessem que estou contigo hoje.

– Eu tenho quase a certeza de que sei o que pensariam.

Maria riu-se, alegre e descontraída.

– Queres experimentar lançar o *Frisbee*?

– Posso tentar. Mas depois não digas que não te avisei.

Ela não mentira. Não tinha muito jeito; quase todos os seus lançamentos eram tortos, alguns batiam na areia e outros eram apanhados pelo vento. Colin corria de um lado para o outro, a tentar apanhar o *Frisbee* antes que ele caísse no chão, enquanto a ouvia gritar:

– Desculpa!

Sempre que conseguia fazer um lançamento certo ou apanhar o *Frisbee*, ela festejava com uma

alegria quase infantil.

Enquanto isso, não parou de conversar. Falou-lhe sobre as viagens ao México para visitar os avós e descreveu as minúsculas casas de tijolos de cimento onde os dois casais tinham passado a vida inteira. Contou-lhe histórias sobre os anos de liceu, e também algumas das experiências na faculdade de Direito, e partilhou episódios do seu trabalho com o promotor de justiça. Colin estava perplexo só de pensar que o seu primeiro namorado a deixara, e não percebeu como é que não aparecera ninguém desde então. Poderia alguém ser tão cego? Não sabia e não queria saber: a única coisa que sabia de certeza é que tinha a sorte incrível de ela ter ido até ao quebra-mar.

Largou o *Frisbee*, pegou na bola de *Hacky Sack* e ouviu-a soltar uma gargalhada.

– Nem pensar – disse Maria, antes de se atirar para a toalha. Colin sentou-se ao seu lado, sentindo o cansaço de um dia passado ao sol e reparando que a pele dela adquirira um brilho amanteigado. Beberam o resto da água em pequenos goles enquanto contemplavam as ondas.

– Acho que gostava de te ver lutar – disse ela, voltando-se para ele.

– Está bem.

– Quando é a próxima luta?

– Só daqui a duas semanas. É na House of Blues, na praia de North Myrtle.

– Com quem vais lutar?

– Ainda não sei.

– Como é que podes não saber com quem vais lutar?

Ele passou os dedos pela areia.

– Nas provas amadoras, por vezes a lista só está pronta na véspera. Tudo depende de quem quer lutar, quem está preparado para lutar, quem está disponível para lutar. E, é claro, quem se inscreve para lutar.

– Isso deixa-te nervoso? Não saber?

– Nem por isso.

– E se ele for... um gigante, ou uma coisa assim?

– Há classes de peso, por isso não é um problema. A minha preocupação principal é que o tipo entre em pânico e quebre as regras. Alguns dos tipos que aparecem nestas competições amadoras não têm muita experiência na jaula e perdem facilmente o controlo. Foi o que aconteceu quando o meu último adversário me deu uma cabeçada. Tinham de parar o combate para me tratar a ferida, mas o árbitro não percebeu. O meu treinador estava passado.

– E tu *gostas* disso?

– Faz parte do jogo – disse ele. – A boa notícia é que preendi o tipo com uma chave de pescoço no assalto seguinte e ele teve de bater no tapete. E gostei dessa parte.

– Tens noção de que isso não é normal, certo?

– OK.

– E quero deixar bem claro que não me importa se ganhas ou perdes, mas não quero que fiques todo ensanguentado e cheio de nódoas negras.

– Farei todos os possíveis.

Ela franziu a testa.

– Espera... a House of Blues? Isso não é um restaurante?

– Entre outras coisas. Mas tem bastante espaço. Em geral, os combates de amadores nunca atraem muito público.

– Estou chocada! Quem não quereria ver homens a tentar dar cabo uns dos outros? Qual é o problema da sociedade hoje em dia?

Colin sorriu. Ela envolveu os joelhos com os braços, como fizera na noite anterior, mas desta vez

sentiu o toque do seu ombro.

– Como ficaram as fotografias? – perguntou. – As dos marsuínos?

Maria pegou na máquina fotográfica e procurou as imagens no ecrã antes de lha passar.

– Acho que esta é a melhor – disse. – Mas há mais algumas. Usa este botão com a seta para avançar.

Ele olhou para a imagem dos três marsuínos.

– É incrível – disse. – É quase como se estivessem a posar para a fotografia.

– Às vezes, tenho sorte. A luz estava perfeita. – Inclinou-se para ele e os seus braços tocaram-se. – Há outras que tirei no último mês de que também gosto.

Ele usou a seta para ver uma longa série de fotografias: pelicanos e águias-pesqueiras, um grande plano de uma borboleta, um ruivo apanhado a meio de um salto. Quando Maria se inclinou mais para ele para poder ver, sentiu o aroma de flores silvestres no calor.

No fim da série, ela afastou-se.

– Devias emoldurar algumas – disse ele, entregando-lhe a máquina fotográfica.

– E emolduro – replicou ela. – Mas apenas as melhores.

– Melhores do que estas?

– Isso fica ao teu critério – disse ela. – Mas é claro que primeiro terias de ir a minha casa, porque estão penduradas nas paredes.

– Acho que gostaria disso, Maria.

Maria virou-se de novo para a água, com um ligeiro sorriso a pairar-lhe nos lábios, e pareceu estranho pensar que tinha sido apenas no dia anterior que a vira na ponta do quebra-mar. Ou que a passara a conhecer tão bem em tão pouco tempo. E queria saber ainda mais sobre ela.

– Se calhar, devíamos ir embora – sugeriu ela, com pena na voz. – Antes que comece a ficar escuro de mais.

Ele assentiu com a cabeça, sentindo uma ponta de desapontamento quando se levantaram para arrumar as coisas. Regressaram nas pranchas e chegaram à praia de Wrightsville quando as primeiras estrelas começavam a surgir no céu. Colin ajudou Maria a prender as pranchas e os remos ao tejadilho do carro antes de se voltar para ela. Ao vê-la afastar o cabelo dos olhos sentiu-se estranhamente nervoso, e não se lembrava de alguma vez se ter sentido assim com uma mulher.

– Hoje diverti-me muito.

– É muito divertido fazer *padleboard* – concordou ela.

– Não estava a referir-me ao *paddleboard* – replicou ele. Mudou o peso do corpo de um pé para o outro e teve a impressão de que ela estava à espera que ele terminasse. – Estava a referir-me a estar contigo.

– Sim? – perguntou Maria numa voz suave.

– Sim. – Colin teve a certeza de que nunca tinha conhecido uma mulher tão bela. – O que vais fazer no próximo fim de semana?

– Para além do *brunch* no domingo, não tenho nada combinado.

– Queres ir àquele armazém de que a Serena falou? No sábado à noite?

– Estás a convidar-me para ir dançar?

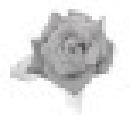
– Gostava de conhecer a Maria menos típica, a que pode ser verdadeiramente ela mesma.

– Porque a versão mais calma não é o teu tipo?

– Não – disse ele. – Na verdade, é precisamente o oposto. E já sei o que sinto por essa Maria.

Grilos cantavam nas dunas, fazendo-lhes uma serenata como se fossem a orquestra da Natureza. Estavam sozinhos, e quando ela o olhou ele aproximou-se mais e o instinto apoderou-se de si. Perguntou a si mesmo se Maria se afastaria e quebraria o encanto, mas ela não se mexeu. Deixou-se ficar onde

estava quando ele se aproximou ainda mais e rodeou lentamente as suas costas com um braço. Puxou-a mais para si, os seus lábios uniram-se, e de repente percebeu que ela era o que sempre quisera. Quisera-a nos seus braços, assim, para sempre.



Colin voltou para casa sem pressa, seguindo pelas ruas secundárias mais bonitas de Wilmington e saboreando a quente sensação de bem-estar do dia que passara com Maria. O seu corpo estava surpreendentemente cansado da tarde de *paddleboard* e a sua mente ainda andava às voltas com o mistério de Maria. Saiu do carro e atravessava o relvado acabado de cortar, dirigindo-se para o seu apartamento, quando ouviu Lily chamar do alpendre, com o telemóvel na mão.

– Ah, estás aí – disse ela, e a sua fala arrastada quase pareceu cantada. Como sempre, estava impecavelmente arranjada. No entanto, esta noite, numa atitude muito rara, usava calças de ganga – se bem que com sapatos de salto alto, um colar de pérolas, elegantes brincos de diamantes e uma gardénia presa no cabelo de uma forma engenhosa.

– Que estás a fazer aqui fora? – perguntou ele, começando a dirigir-se para ela.

– Estava a falar com a minha mãe enquanto esperava por ti – respondeu ela, descendo os degraus para ir ao seu encontro. Lily era a única rapariga que ele conhecia que saltitava quando estava feliz. Ela inclinou-se para um abraço. – O Evan contou-me que tiveste um encontro hoje e quero saber tudo antes de entrarmos.

– Onde está o Evan?

– Está ao computador a pesquisar uma empresa farmacêutica para os clientes. Sabes como ele leva o trabalho a sério, coitado. Mas não tentes mudar de assunto. Por enquanto, vamos sentar-nos nos degraus e vais falar-me sobre essa jovem especial, e não admito recusas. E não me escondas nada. Quero saber tudo.

Sentou-se nos degraus e bateu no lugar ao seu lado. Colin sabia que só lhe restava fazer o que ela mandara e contou-lhe o básico. Lily interrompia com frequência, pressionando-o para saber mais pormenores. Quando ele terminou, ela olhou-o de soslaio, sem dúvida desapontada.

– Tens mesmo de treinar a tua habilidade para contar histórias, Colin – censurou-o. – A única coisa que fizeste foi recitar uma lista de atividades e os tópicos de conversa.

– Como é que querias que contasse?

– Essa pergunta é parva. Devias fazer com que também *eu* me apaixonasse por ela.

– Porque é que faria uma coisa dessas?

– Porque, apesar de teres contado muito mal a história, é óbvio que estás apaixonado.

Ele não falou.

– Colin? – disse ela. – É isso mesmo que eu quero dizer. O que tu devias ter contado era uma coisa do género, «Quando estou com a Maria... eu... eu...» e depois calavas-te e abanavas a cabeça porque as palavras são inadequadas para transmitir a intensidade do que estás a sentir.

– Isso é mais uma coisa que tu farias do que uma coisa do que eu faria.

– Eu sei – disse ela, quase parecendo sentir pena dele. – É por isso que és um contador de histórias tão mau, pobrezinho.

Só Lily podia insultá-lo de uma forma que lhe parecia mais difícil de dizer do que seria para ele ouvir.

– Como é que sabes que estou apaixonado por ela? – perguntou.

Lily suspirou.

– Se não tivesses gostado de passar o dia com ela, terias olhado para mim com aquele teu olhar vago e dito, «Não há nada para dizer» quando te perguntei sobre ela. E é claro que tudo isso nos leva à pergunta mais importante: quando é que vou poder conhecê-la?

– Terei de lhe perguntar.

– E tens planos imediatos para passar mais tempo com a tua amiga?

Colin hesitou, perguntando a si mesmo se alguém para além de Lily usaria aquela palavra com tanta pompa.

– Combinámos sair no próximo fim de semana.

– Espero que não vão a um bar.

– Não – disse ele. Contou-lhe sobre o armazém.

– Achas que é uma decisão sensata? Tendo em conta o que aconteceu da última vez que foste a uma discoteca comigo e com o Evan?

– Só quero levá-la a dançar.

– Dançar pode ser muito romântico – admitiu ela. – E no entanto...

– Vai correr tudo bem. Prometo.

– Nesse caso, vou confiar em ti. É claro que também deves passar pelo escritório dela esta semana e surpreendê-la com flores ou chocolates. As mulheres adoram receber esses presentes atenciosos, embora eu ache que os chocolates são melhores durante os meses frios. Por isso, talvez apenas flores.

– Não é o meu estilo.

– É claro que não, e foi por isso que sugeri. Confia em mim. Ela vai ficar encantada.

– OK.

Ao ouvir a resposta dele, ela esticou-se e bateu-lhe na mão.

– Não falámos já sobre isto? Dizer «OK» quando as pessoas falam contigo? É um hábito que tens mesmo de perder. É *muito* desagradável.

– OK.

– Lá vamos nós outra vez. – Suspirou. – Um dia, vais compreender a sabedoria das minhas palavras.

Atrás deles, Evan abriu a porta e viu a mão dela sobre a de Colin, mas Evan compreendia a relação entre os três da mesma forma que Colin.

– Deixa-me adivinhar. Estás a atormentá-lo por causa do encontro? – perguntou à noiva.

– Não estava a fazer nada disso – exclamou Lily, ofendida. – As senhoras não *massacram*. Só lhe perguntei como pensava que tinha corrido o encontro e embora o nosso amigo... pobrezinho... quase me tenha feito adormecer no princípio, acho que está apaixonado.

Evan riu-se.

– O Colin? Apaixonado? Essas duas coisas não andam juntas.

– Colin, queres fazer o favor de informar o meu noivo sobre a verdade dos factos?

Colin esticou um polegar na direção dela.

– Ela pensa que eu estou apaixonado.

– Como eu disse – referiu Lily, parecendo satisfeita. – Agora que sabemos a verdade dos factos – continuou –, quando é que pensas telefonar à tua nova amiga?

– Ainda não pensei nisso.

– Não aprendeste nada comigo? – Ela abanou a cabeça. – Antes sequer de tomar duche, tens... tens mesmo... de telefonar à tua amiga. E também tens de lhe dizer como te fez sentir maravilhosamente bem e que te sentes honrado por teres tido o prazer da sua companhia.

– Não achas que isso é um pouco exagerado?

Lily pareceu quase triste.

– Colin... eu sei que é difícil para ti expressares o teu lado sensível, e é uma falha no teu carácter que sempre estive disposta a tolerar por causa da nossa amizade. Mas *vais* telefonar-lhe esta noite. Logo que entrares em casa. Porque os cavalheiros... os *verdadeiros* cavalheiros... telefonam sempre, e eu só me dou com cavalheiros.

Evan ergueu as sobrancelhas e Colin percebeu que não teria escolha.

– OK.

CAPÍTULO 8



Maria

Na segunda-feira, Maria pensou que seria melhor esconder-se no seu gabinete, onde poderia concentrar-se em paz. Os níveis de *stress* de Barney por causa do julgamento iminente estavam a aumentar e ela não queria ser um alvo involuntário. Fechou a porta e tomou notas para se preparar para uma reunião com clientes a meio da manhã, fez alguns telefonemas e respondeu a *e-mails* para adiantar a semana. E no entanto, apesar do seu desejo de eficiência, de vez em quando dava por si a olhar pela janela, a recordar momentos do fim de semana.

Em parte, a distração devia-se ao telefonema de Colin no domingo à noite. Se as amigas e as revistas diziam a verdade, os homens não telefonavam logo, e a maioria nunca telefonava sequer. Mas a verdade é que tudo o que estava relacionado com Colin raiava o inesperado. Depois de desligar, examinara a fotografia que lhe tirara e imaginara que via nela o Colin que conhecia e o Colin desconhecido. A sua expressão era meiga, mas o corpo era um mapa de cicatrizes e tatuagens. Embora tivesse prometido mostrá-la a Serena, naquele momento decidiu que aquela fotografia seria vista apenas por si.

– Alguém está bem-disposta.

Maria ouviu a voz de Jill e percebeu que ela estava parada à porta.

– Oh, olá, Jill. Tudo bem?

– Acho que eu é que devia perguntar-te isso – disse ela, entrando. – Estavas completamente perdida no teu mundinho de sonhos quando espreitei, e ninguém está assim à segunda-feira.

– Tive um bom fim de semana.

– Sim? – perguntou Jill. – Pelo tom da tua voz, presumo que correu melhor que os meus depoimentos na semana passada. Deve ter sido a primeira vez que *rezei* para voltar para o escritório.

– Foi assim tão mau?

– Terrível.

– Queres falar sobre o assunto?

– Só se quiseses morrer de tédio. E, de qualquer maneira, tenho uma videoconferência daqui a alguns minutos. Só passei para saber se tens alguma coisa combinada para o almoço. Estou doida para comer *sushi* em boa companhia agora que voltei.

– Acho ótimo.

Jill ajeitou a manga da blusa.

– Posso estar a perceber mal, mas presumo que já não estás zangada comigo.

– Porque é que estaria zangada contigo?

– Talvez porque te armei uma emboscada para o pior encontro às cegas da História?

– Oh, sim – disse Maria, surpreendida por quase se ter esquecido. – Isso.

– Lamento imenso – disse Jill. – Não imaginas como me senti mal a semana inteira, sobretudo porque não consegui falar contigo.

– Nós falámos, lembras-te? E tu pediste desculpa.

– Não o suficiente.

– Está tudo bem. E na verdade até acabou por ser bom.

– Não imagino como.

– Conheci uma pessoa.

Passaram-se alguns segundos antes de ela perceber o que estava a acontecer.

– Não estás a falar do tipo que mudou o pneu do teu carro? O que estava cheio de nódoas negras e a sangrar e te pregou um susto de morte?

– Esse mesmo.

– Como é que isso é possível?

– É um bocado difícil de explicar.

Jill esboçou um sorriso dengoso.

– Oh-oh.

– O quê?

– Estás a sorrir outra vez.

– Estou?

– Sim, estás. E uma parte de mim quer cancelar a videoconferência e puxar de uma cadeira.

– Não posso. O Barney e eu temos uma reunião com um cliente daqui a alguns minutos.

– Mas almoçamos juntas, certo? E contas-me nessa altura?

– Sem dúvida.



Dez minutos mais tarde, Serena ligou-lhe para o telemóvel. Quando viu quem era, Maria sentiu alguma preocupação. A irmã nunca lhe ligava antes das dez da manhã. Metade das vezes, nem sequer estava acordada às dez da manhã.

– Serena? Estás bem?

– Onde está?

– Onde está o quê?

– A fotografia do Colin. Não estava no meu *e-mail* nem no telemóvel.

Maria pestanejou.

– Estás a telefonar-me para o emprego durante as horas de expediente por causa de uma fotografia?

– Não seria preciso se já a tivesses mandado. Correu bem? Diz-me que não correste já com ele.

– Não. Por acaso, vamos sair no sábado à noite.

– Está bem – disse Serena. – Mas o *post* não vai ter tanto impacto sem uma fotografia. Claro que, se não ma vais mandar, posso usar uma de quando eras pequena ou outra coisa qualquer...

– Adeus, Serena.

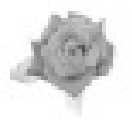
Desligou, mas alguns minutos depois pegou no telemóvel, mais por curiosidade mórbida do que por outra coisa qualquer.

E lá estava a sua fotografia no Instagram. Uma fotografia de quando andava no segundo ciclo. Com aparelho. Acne. Óculos. Desajeitada. A pior fotografia de escola da história das fotografias de escola.

«*Tentem não se roer de ciúmes, mas a minha irmã Maria tem um encontro no sábado à noite!*»

Maria fechou os olhos. Ia ter de matar a irmã. Sem dúvida.

No entanto, tinha de admitir que Serena tinha uma certa piada.



Enquanto comiam um prato de *sushi* e *sashimi* duas horas mais tarde, Maria contou a Jill uma grande parte do que acontecera com Colin e até a si a história pareceu inacreditável.

– Uau – suspirou Jill.

– Achas que sou doida? Tendo em conta o passado dele?

– Quem sou eu para julgar? Olha para o encontro que te arranjámos. Numa coisa tão inesperada como esta, o melhor que tens a fazer é continuar a seguir os teus instintos.

– E se os meus instintos estiverem errados?

– Então, pelo menos alguém mudou o pneu do teu carro. E tiveste um encontro agradável, que espero que me ilibe completamente daquele fiasco do encontro às cegas.

Maria sorriu.

– Então, os depoimentos foram aborrecidos?

– De fazer enlouquecer um monge, porque metade das pessoas estão dispostas a mentir sob juramento e a outra metade diz que não se lembra de nada. E agora que desperdicei o meu tempo a semana inteira, o mais certo é acabarmos por chegar a acordo. É típico, mas não posso dizer que vá gostar. – Pegou noutra peça de *sushi*. – Como vão as coisas com o Barney?

– Melhor – respondeu Maria.

– Como assim?

– Oh, pois... tu não estavas cá – começou Maria, e contou a Jill a história da troca do pneu, como chegara atrasada à reunião e todo o trabalho que se sentira obrigada a fazer depois. Também lhe contou o raspanete de Barney, embora omitisse o confronto com Ken.

– O Barney vai esquecer o assunto. Ele fica sempre tenso antes de um julgamento.

Sim, mas... Maria mexeu-se na cadeira.

– O que se passa é que ouvi dizer que o Barney ia dar-me a oportunidade de ser a advogada principal neste caso.

– Onde é que ouviste isso? – Os pauzinhos de Jill detiveram-se a meio caminho da boca. – Não me interpretes mal, tu és uma advogada brilhante... mas não tens experiência suficiente para o Barney te dar esse tipo de responsabilidade.

– Rumores – disse Maria.

– Eu não daria muito crédito a rumores. O Barney gosta imenso de estar na ribalta e é muito difícil para ele ceder o controlo... para não falar nos louros... até aos seus associados mais antigos. Foi uma das razões por que pedi transferência para o departamento de questões laborais e emprego. Pensei que nunca conseguiria subir, nem sequer ter a experiência de tribunal de que precisava.

– Ainda me custa acreditar que conseguiste mudar de departamento.

– Tive sorte. Já te contei que estive dois anos no departamento de questões laborais e emprego antes de começar a trabalhar na firma, certo? – Quando Maria assentiu com a cabeça, Jill continuou. – No entanto, na época não sabia bem o que queria fazer, por isso tentei a minha sorte na litigância de seguros. Trabalhei com o Barney durante nove meses e quase me matei antes de perceber que não passava de um beco sem saída. Estive para me ir embora, mas a firma estava a criar o seu departamento de questões

laborais e emprego e precisava de mim.

– Infelizmente, estou mais ou menos de mãos atadas se isto não resultar. A menos que comecemos a fazer defesa criminal.

– Podes sempre mudar de firma.

– Não é tão fácil como parece.

– Não procuraste, pois não?

– Nem por isso. Mas começo a perguntar a mim mesma se não devia começar.

Jill observou-a enquanto pegava no copo.

– Sabes que podes falar comigo, certo? Sobre quaisquer preocupações que tenhas. Embora não seja sócia, dirijo um departamento, o que me dá algum poder.

– Neste momento tenho muitas coisas em que pensar.

– Espero que te estejas a referir ao Colin.

Ouvir o nome dele trouxe mais recordações do fim de semana, e ela mudou de assunto.

– Como está o Paul?

– Está bem. Tive de o pôr de castigo durante dois dias por causa do encontro, mas já passou. No fim de semana fomos fazer umas provas de vinhos em Asheville.

– Parece divertido.

– Foi. Mas é claro que ainda não há anel, o relógio biológico continua a avançar e o tempo começa a escassear. Fingir que está tudo bem ainda não resultou, por isso talvez tenha chegado o momento de tentar uma nova estratégia.

– De que género?

– Não faço ideia. Se tiveres algum plano infalível, não deixes de me dizer.

– Está bem.

Jill comeu mais uma peça de *sushi*.

– Que vais fazer esta tarde?

– O mesmo de sempre. Ainda tenho muita preparação para fazer para o julgamento. Enquanto tento manter tudo o resto em dia, é claro.

– Como eu disse, o Barney espera muito dos seus associados.

E o Ken espera outra coisa.

– É um emprego – disse ela.

– Tens a certeza de que está tudo bem? Até com o nosso lascivo sócio-gerente?

– Porque é que perguntas?

– Porque foste àquela conferência com ele e eu conheço-o há mais tempo do que tu. E lembra-te... eu sei exatamente como ele funciona.

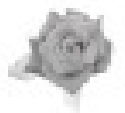
– Correu tudo bem na conferência.

Jill olhou-a mais uma vez antes de encolher os ombros.

– Está bem – disse. – É que sinto que há mais alguma coisa a incomodar-te.

Maria pigarreou e de repente sentiu que estava a ser interrogada.

– Na verdade, não há nada para dizer – respondeu. – Estou apenas a fazer o melhor trabalho possível.



Os dias seguintes foram demasiado atarefados para se poder dar ao luxo de sonhar acordada, com Barney a entrar intempestivamente no seu gabinete de meia em meia hora para lhe pedir para examinar

mais pormenores ou para fazer telefonemas, apesar de ter de trabalhar em casos de outros clientes. Quase não tinha tempo para se levantar da secretária, e na quarta-feira à tarde, enquanto trabalhava num esboço para as declarações iniciais do julgamento, não reparou que o sol começou a descer do lado de lá das suas janelas, nem na saída dos colegas, um a um. Estava tão concentrada a olhar para o ecrã do seu *MacBook* que se assustou quando ouviu um leve toque na porta. Olhou e viu-a abrir-se devagar.

Ken.

Com um sobressalto de pânico, espreitou pela porta aberta; do outro lado do átrio, Lynn já não estava à sua secretária. O gabinete de Barney estava às escuras e não viu ninguém no corredor.

– Reparei que as tuas luzes ainda estavam acesas – disse ele, entrando no gabinete. – Tens um minuto?

– Estava mesmo a terminar – improvisou ela, notando alguma incerteza na voz. – Devo ter perdido a noção do tempo.

– Então, ainda bem que te apanhei – disse ele, num tom suave e controlado. – Quero acabar a conversa que começámos a semana passada.

Maria sentiu um baque no peito e começou a juntar as folhas que estavam em cima da secretária antes de as guardar nas respetivas pastas. A última coisa que queria era estar sozinha com ele. Engoliu em seco.

– Não podemos fazer isto amanhã? Já estou atrasada e vou jantar com os meus pais.

– Não vai demorar muito – disse ele, ignorando a sua desculpa e dando a volta à secretária. Parou à janela e Maria reparou que o céu tinha escurecido do outro lado do vidro. – Talvez seja mais fácil para ti assim, pois estamos protegidos de olhos curiosos. Não há motivo para todos saberem o que aconteceu com os clientes do Barney.

Sem saber o que dizer, Maria manteve-se calada.

Ken olhou pela janela, aparentemente concentrado em alguma coisa ao longe.

– Gostas de trabalhar com o Barney? – perguntou, por fim.

– Estou a aprender muito com ele – começou Maria, escolhendo as palavras com todo o cuidado. – Ele tem ótimos instintos estratégicos, os clientes confiam nele e, como colega, é bom a explicar as suas ideias.

– Então, respeita-lo.

– Claro que sim.

– É importante trabalharmos com pessoas que respeitamos. É importante que os dois consigam trabalhar em equipa. – Ken ajustou os estores, baixando-os um pouco, e depois voltou à posição inicial. – Consideras que sabes trabalhar em equipa?

A pergunta pairou no ar antes de ela conseguir responder.

– Tento fazê-lo.

Ken esperou alguns instantes antes de continuar.

– Voltei a conversar com o Barney na sexta-feira sobre a situação, e devo dizer que fiquei um pouco surpreendido ao perceber como ele ainda está zangado com o que aconteceu. Foi por isso que te perguntei se sabes trabalhar em equipa. Porque eu defendi-te na reunião e acho que consegui acalmar as coisas. Quero ter a certeza de que fiz a coisa certa.

Maria engoliu em seco e perguntou a si mesma porque é que Barney não falara com ela, se continuava tão zangado.

– Obrigada – murmurou, por fim.

Ele afastou-se da janela e deu um passo na sua direção.

– Fiz o que fiz porque quero que tenhas uma carreira longa e bem-sucedida na firma. Vais precisar de alguém que possa defender-te neste género de situações e eu estou aqui para te ajudar quando puder. –

Nessa altura estava parado sobre si e ela sentiu uma mão no ombro. *Mais ou menos*. Os dedos afloraram a zona abaixo da clavícula. – Devias considerar-me um amigo, se bem que um amigo bem posicionado.

Ela recuou para evitar o seu toque e de repente percebeu que tudo aquilo – a frieza na segunda-feira, o raspanete na terça-feira e agora esta cena do *tu e eu contra o mundo* – fazia parte do seu plano mais recente para levá-la para a cama, e perguntou a si mesma como é que não percebera antes.

– Devíamos ir almoçar amanhã – disse ele, com os dedos ainda a roçar na pele exposta por cima do decote redondo da blusa. – Poderemos conversar sobre outras formas de eu te poder ajudar a movimentares-te nos meandros da firma, principalmente se esperas ser sócia um dia. Penso que tu e eu poderemos trabalhar muito bem juntos. Não achas que sim, Maria?

Foi o som do seu nome que a fez despertar, e por fim conseguiu assimilar as palavras dele. *Nem morta*, pensou de repente.

– Não posso almoçar amanhã – disse, tentando manter a voz firme. – Já tenho planos.

No rosto de Ken estampou-se uma expressão de irritação.

– Com a Jill?

Era o que costumava acontecer, e é evidente que Ken sabia. Sem dúvida, sugeriria que ela mudasse os planos. Para o seu próprio bem.

– Na verdade, vou almoçar com o meu namorado.

Sentiu que a mão se afastava lentamente do seu ombro.

– Tens namorado?

– Já te falei sobre o Colin, não falei? Quando estivemos na conferência?

– Não – respondeu ele. – Não disseste nada.

Pressentindo a sua oportunidade, Maria levantou-se e afastou-se, continuando a recolher documentos e a guardá-los em pastas, sem se importar onde iam parar. Poderia arrumá-los mais tarde.

– Estranho – comentou. – Pensei que sim.

Pelo seu sorriso forçado, percebeu que ele estava a tentar decidir se acreditava ou não.

– Fala-me sobre ele – pediu.

– É lutador de AMM – respondeu Maria. – Sabes aqueles tipos na jaula? Eu acho uma loucura, mas ele adora. Pratica exercício físico e treina várias horas por dia e adora luta, por isso suponho que tenho de o apoiar.

Imaginou as engrenagens do cérebro dele a girar e pôs a carteira ao ombro.

– Embora não possa almoçar contigo, queres conversar no teu gabinete amanhã? Tenho a certeza de que conseguirei arranjar algum tempo durante a manhã ou a tarde. – *Quando houver outras pessoas no escritório*, não se deu ao trabalho de acrescentar.

– Não sei se será necessário.

– Talvez seja melhor falar com o Barney?

Ele abanou a cabeça num movimento quase impercetível.

– Por enquanto, é capaz de ser melhor deixar as coisas como estão.

É claro que dirias isso. Porque foi tudo um ardil e nunca falaste com ele.

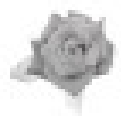
– Está bem. Então, acho que vou andando. Boa noite.

Chegou à porta e soltou um suspiro de alívio enquanto escapava. A história do namorado fora inspirada, mas a carta já estava jogada. Não voltaria a surpreendê-lo; ele estaria pronto para ela. A longo prazo – ou talvez até a curto prazo –, duvidava que travasse os seus avanços, mesmo que fosse verdadeira.

Ou se viesse a tornar verdadeira?

Ainda chocada com o encontro, perguntou a si mesma se queria que fosse verdadeira. A única coisa

que sabia com toda a certeza era que quando Colin a beijara sentira alguma coisa elétrica, e a sensação fora emocionante e assustadora – tudo ao mesmo tempo.



Embora estivesse a mentir quando dissera a Ken que ia jantar com os pais, não estava com disposição para ficar sozinha e deu por si a percorrer as ruas conhecidas em direção ao sítio onde crescera.

O bairro era acima de tudo de classe operária, com casas que evidenciavam sinais de pouca manutenção e algumas placas VENDE-SE. Carros e camiões de modelos mais antigos estavam estacionados em todas as entradas. Os seus vizinhos tinham sido sempre canalizadores e carpinteiros, empregados de escritório e secretárias. Era o tipo de comunidade onde as crianças brincavam nos jardins da frente e casais jovens empurravam carrinhos de bebé, onde as pessoas recolhiam o correio dos vizinhos que estavam fora. Embora os pais nunca falassem sobre o assunto, em criança Maria ouvira histórias sobre o facto de, quando o pai comprara a casa, bastantes vizinhos que viviam deste lado do bairro terem ficado descontentes. Os Sanchez haviam sido a primeira família não branca da rua e as pessoas tinham especulado discretamente sobre a diminuição do valor dos imóveis e o aumento da criminalidade, como se todas as pessoas nascidas no México estivessem ligadas aos cartéis de droga.

Supunha que era um dos motivos pelos quais o pai mantinha sempre o jardim imaculado e os arbustos aparados; de cinco em cinco anos pintava o exterior da casa, sempre da mesma cor, estacionava sempre os carros na garagem e não na entrada e mantinha uma bandeira americana num poste no alpendre da frente. Decorava a casa no Dia das Bruxas e no Natal, e nos primeiros anos oferecia vales de desconto para o restaurante a qualquer vizinho que encontrasse na rua, deixando-os comer por metade do preço. Quando não estava no restaurante ao fim de semana, a mãe fazia tabuleiros de comida com regularidade – *burritos* e *enchiladas*, *tacos* ou *carnitas* – e servia-os às crianças que andavam a jogar à bola na rua durante a tarde. A pouco e pouco, tinham sido aceites no bairro. Desde então, a maioria das casas adjacentes tinham sido vendidas mais do que uma vez, e os pais iam sempre cumprimentar os novos proprietários com um presente de boas-vindas para evitarem futuros mexericos.

Por vezes, Maria não conseguia imaginar como tinha sido difícil, embora na escola tivesse sido a única mexicana na sua turma durante alguns anos. Como era boa aluna, embora calada, não se lembrava de sentir a ferroada da discriminação da mesma forma que os pais haviam sentido, mas, mesmo que isso tivesse acontecido, os pais ter-lhe-iam dito para fazer o mesmo que eles. Ter-lhe-iam dito para ser ela mesma, para ser simpática e acolhedora com toda a gente, e tê-la-iam avisado para nunca descer ao nível dos outros. E depois, pensou com um sorriso, ter-lhe-iam dito para estudar.

Ao contrário de Serena, que ainda estava encantada por ter saído, por fim, de baixo da asa dos pais, Maria gostava de voltar a casa. Adorava o velho edifício: as paredes verdes e cor de laranja; os azulejos coloridos na cozinha; o mobiliário eclético que a mãe fora comprando ao longo dos anos; uma porta de frigorífico que estava sempre decorada com fotografias e informações sobre a família, qualquer coisa que tivesse deixado Carmen especialmente orgulhosa. Adorava a forma como a mãe cantarolava baixinho, em especial quando estava a cozinhar. Durante a infância, Maria tomava estas coisas como certas, mas quando fora para a universidade lembrava-se de uma sensação de conforto sempre que entrava em casa depois de ter estado ausente algumas semanas.

Sabendo que os pais ficariam ofendidos se batesse à porta, entrou, atravessou a sala de estar e seguiu para a cozinha. Pousou a carteira no balcão.

– Mãe? Pai? Onde estão? – chamou.

Falou espanhol, como sempre que estava em casa, e a mudança do inglês era tão simples como respirar, e igualmente inconsciente.

– Aqui fora! – ouviu a mãe responder.

Maria voltou-se para o alpendre das traseiras, onde viu a mãe e o pai levantarem-se da mesa. Felizes por ela estar ali e abraçando-a, ambos falaram ao mesmo tempo.

– *Não sabíamos que vinhas...*

– *Que agradável surpresa...*

– *Estás linda...*

– *Estás tão magra...*

– *Tens fome?*

Maria cumprimentou a mãe, depois o pai, depois a mãe de novo e o pai uma segunda vez. Para os pais, *Maria seria sempre a sua menina pequena*. E, embora a ideia a tivesse horrorizado durante alguns anos na adolescência – sobretudo quando era evidente em público –, tinha de admitir que agora até gostava.

– Estou bem. Posso comer mais tarde.

– Vou preparar-te alguma coisa – disse a mãe num tom que não admitia recusa, e dirigiu-se para o frigorífico. O pai observou-a com óbvio agrado. Fora sempre um irremediável romântico.

Com cinquenta e poucos anos, não era magro nem gordo. Tinha poucos cabelos brancos, mas Maria reparou num cansaço persistente, quase constante, o efeito de trabalho a mais durante anos a mais. Esta noite parecia menos enérgico do que era habitual.

– Fazer-te o jantar fá-la sentir que ainda é importante para ti – disse ele.

– Claro que ela ainda é importante para mim. Porque é que pensaria o contrário?

– Porque já não precisas dela como dantes.

– Já não sou uma criança.

– Mas ela será sempre a tua mãe – disse ele com firmeza. Apontou para a mesa no alpendre. – Queres sentar-te lá fora e beber um vinho? A tua mãe e eu estávamos a beber um copo.

– Eu vou buscar – disse Maria. – Vou falar um pouco com a mãe e já venho ter contigo.

Enquanto o pai voltava para o alpendre, ela foi buscar um copo e serviu-se de vinho antes de ir ter com a mãe. Carmen já tinha enchido um tabuleiro com carne assada, puré de batata, feijão verde e pão – calorias suficientes para dois dias, pelos cálculos de Maria – e estava a pô-lo no forno. Por algum motivo – talvez por ser um prato que nunca serviam no restaurante –, o pai adorava carne assada com puré de batata.

– Ainda bem que vieste – disse a mãe. – Qual é o problema?

– Não há problema nenhum – disse Maria. Encostou-se ao balcão e bebeu um gole de vinho. – Só queria fazer-vos uma surpresa.

– Isso é o que tu dizes. Mas deve ter acontecido alguma coisa – disse ela. – Nunca vens visitar-nos durante a semana.

– É por isso que é uma surpresa.

Carmen observou-a antes de atravessar para o balcão e pegar no seu copo de vinho.

– É a tua irmã?

– É a minha irmã o quê?

– A bolsa de estudo não foi recusada, pois não?

– Como é que sabes da bolsa de estudo?

Carmen apontou para uma carta presa no frigorífico.

– É empolgante, não é? Ela contou-nos ontem à noite. O diretor vem cá jantar este sábado.

– A sério?

– Nós queríamos conhecê-lo – disse ela. – A carta diz que ela é uma das semifinalistas. Mas voltemos à tua irmã. O que é que aconteceu? Se não é por causa disso, então deve ser alguma coisa com um rapaz. Ela não está com problemas, pois não?

A mãe falava tão depressa que até Maria teve dificuldade em acompanhá-la.

– Tanto quanto sei, a Serena está bem.

– Ah. – A mãe acenou com a cabeça. – Bom. Então, é alguma coisa no teu trabalho. És tu que tens problemas.

– O trabalho é... o trabalho. Porque é que pensas que há algum problema?

– Porque vieste diretamente para cá.

– E?

– Era o que costumavas fazer sempre que alguma coisa te perturbava. Não te lembras? Até na universidade, se pensavas que tinhas tido má nota, ou quando tinhas chatices com a tua colega de quarto no primeiro ano, ou sempre que discutias com o Luis, vinhas sempre para cá. As mães lembram-se dessas coisas.

Hum, pensou. *Nunca tinha percebido*. Mudou de assunto.

– Acho que te preocupas de mais.

– E eu acho que conheço a minha filha.

Maria sorriu.

– Como está o pai?

– Tem estado calado desde que chegou a casa. Esta semana teve de despedir duas pessoas.

– O que é que fizeram?

– O mesmo de sempre. Um dos lavadores de pratos faltou a dois turnos e um dos empregados de mesa estava a deixar os amigos comer de graça. Sabes como é. Mas é difícil para o teu pai. Ele quer confiar em toda a gente e fica sempre desapontado quando as pessoas o desiludem. Afeta-o. Quando chegou a casa hoje, foi dormir uma sesta em vez de ir dar um passeio com a *Copo*.

– Talvez tenha de ir ao médico.

– Estávamos a falar sobre isso quando chegaste.

– O que é que ele diz?

– Diz que vai. Mas tu sabes como ele é. Se eu não marcar a consulta, não põe lá os pés.

– Queres que faça a marcação?

– Não te importas?

– Claro que não – respondeu Maria. Como a mãe não falava muito bem inglês, ela fazia as marcações desde pequena. – Ainda é o Dr. Clark, certo?

A mãe assentiu com a cabeça.

– E marca um *check-up* completo, se puderes.

– Ele não vai gostar.

– Pois não, mas precisa. Já fez o último há quase três anos.

– Não devia deixar passar tanto tempo. Ele sofre de hipertensão. E no ano passado teve aquelas dores no peito e não conseguiu trabalhar durante uma semana.

– Eu sei, e tu também, mas ele é teimoso e insiste que o coração está bem. Talvez possas meter-lhe algum juízo na cabeça. – A mãe esticou a mão e abriu o forno; satisfeita, agarrou numa pega e tirou o tabuleiro antes de começar a servir um prato para a filha.

– Já chega – disse Maria, a tentar limitar a quantidade.

– Tens de comer – insistiu a mãe, continuando a empilhar comida no prato enquanto Maria ia buscar talheres. – Vamos sentar-nos com o teu pai.

Lá fora, uma vela de citronela ardia em cima da mesa para afastar os mosquitos. A noite estava tão perfeita como o pai dissera, com uma leve brisa e o céu salpicado de estrelas. *Copo* estava sentada no seu colo, a respirar ruidosamente enquanto ele lhe passava a mão num ritmo constante pelo pelo. Maria começou a cortar um pouco de carne em pedaços mais pequenos.

– Já sei o que aconteceu hoje – começou, dando início a uma conversa que incluiu o restaurante, notícias locais e os últimos mexericos da família. Numa família grande como a deles, havia sempre algum drama para comentar e analisar. Quando Maria acabou o jantar, não mais de um quarto do prato, os grilos tinham começado a sua melodia noturna.

– Pareces ter apanhado sol no último fim de semana.

– Depois do *brunch*, fui fazer *paddleboard*.

– Com o teu novo amigo? – perguntou a mãe. – O do quebra-mar?

Quando Maria fez uma expressão surpreendida, a mãe encolheu os ombros.

– Ouvi-te conversar com a Serena. Às vezes, a tua irmã consegue ser muito barulhenta.

Serena volta a atacar, pensou Maria. Não queria falar no assunto, mas agora não podia negar, pois não? Até o pai parecia ter ficado mais interessado na conversa.

– Chama-se Colin. – Depois, sabendo que os pais quereriam saber mais mas sem querer aprofundar muito, continuou. – A Serena conhece-o das aulas, e quando ela e eu fomos jantar, no sábado, o Colin estava a trabalhar no bar. Começámos a conversar no quebra-mar e decidimos encontrar-nos no domingo.

– Ele anda na universidade? Que idade tem?

– Tem a minha idade. Só começou a estudar na universidade há dois anos. Quer ser professor.

– A Serena disse que ele era muito bonito – comentou a mãe com um sorriso malicioso.

Obrigada, Serena. Da próxima vez, fala mais baixo.

– É.

– E divertiste-te?

– Foi muito divertido.

– Quando é que podemos conhecê-lo?

– Não achas que é um pouco cedo para isso? – perguntou Maria.

– Depende. Vão sair outra vez?

– Hum, sim... no sábado.

– Então, devíamos conhecê-lo. Devias convidá-lo para o *brunch* no domingo.

Maria abriu a boca, mas fechou-a de novo. Os pais não estavam preparados para Colin, principalmente porque não haveria forma de escapar. A ideia de que Colin responderia a todas as perguntas que eles lhe fizessem com a habitual frontalidade provocou-lhe palpitações. Sorriu para o pai com um ar de desespero.

– Porque é que ele esperou tanto tempo para ir para a universidade? – perguntou ele.

Maria pensou na melhor maneira de responder sem fugir à verdade.

– Só descobriu que queria ser professor há dois anos.

Dos dois, o pai fora sempre melhor a ler nas entrelinhas e Maria suspeitou que continuaria a pressioná-la para saber mais pormenores sobre o passado de Colin. No entanto, foi interrompido pelo toque baixo mas audível de um telemóvel na cozinha.

– Oh, é o meu – disse ela, dando graças a Deus pela pausa. – É melhor atender.

Levantou-se da mesa e correu para a cozinha. Tirou o telemóvel da carteira e viu o nome de Colin. Sentiu-se como uma adolescente quando premiu o botão e levou o aparelho ao ouvido.

– Olá – disse –, estava a falar sobre ti agora mesmo. – Andou pela sala de estar enquanto conversavam

sobre o dia de cada um. Também ao telefone, ele era um ouvinte atento e, quando percebeu alguma coisa na sua voz, ela deu por si a contar-lhe o incidente com Ken. Colin ficou calado e quando Maria lhe perguntou se queria almoçar com ela, disse que adoraria e perguntou-lhe a que horas devia ir buscá-la ao escritório. Ela sorriu, sabendo que a sua história teria mais credibilidade com Ken, e ficou secretamente encantada com a ideia de voltar a vê-lo tão depressa. Quando desligou, teve a sensação de que, apesar do que os pais sem dúvida pensariam, Colin podia ser a pessoa de quem ela precisava agora na sua vida.

Voltou para o alpendre, onde os pais continuavam sentados à mesa.

– Desculpem – disse, pegando no copo de vinho. – Era o Colin.

– E ligou só para dizer olá?

Maria assentiu com a cabeça.

– Vamos almoçar amanhã.

No momento em que as palavras lhe saíram da boca, arrependeu-se. A mãe não compreendia porque é que alguém iria a outro lado a não ser ao restaurante da família.

– Maravilhoso – disse ela. – Vou preparar uma coisa especial para os dois.

CAPÍTULO 9



Colin

— **A** sério? — exclamou Evan, debruçado na balaustrada do alpendre quando Colin atravessou o jardim.
— Foste correr *outra vez*?

Colin continuava ofegante quando virou para o alpendre, abrandando finalmente até começar a andar. Puxou a camisola para limpar o rosto antes de levantar a cabeça para olhar para o amigo.

— Ainda não tinha ido correr hoje.

— Treinaste de tarde. E de manhã.

— Isso foi no ginásio.

— E?

— Não é a mesma coisa — respondeu ele, sabendo que Evan não estava interessado nas diferenças. Em vez disso, acenou para a porta principal. — Porque é que não estás lá dentro com a Lily?

— Porque a minha casa cheira mal.

— E o que é que eu tenho a ver com isso?

— E se eu te disser que sinto o fedor das tuas roupas a passar pelos ventiladores como um nevoeiro verde e nauseabundo? Em vez de ires correr, devias ter feito uma máquina de roupa. Ou, melhor ainda, devias começar a queimar as tuas roupas de treino todos os dias. A Lily pensou que havia um rato morto na despensa. Ou que o esgoto estava entupido.

Colin sorriu.

— Vou já tratar disso.

— Despacha-te. E depois vem ter comigo. A Lily quer falar contigo.

— Porquê?

— Não faço ideia. Ela não me disse. Mas, se tivesse de adivinhar, diria que é por causa da tua namorada.

— Eu não tenho namorada.

— Não interessa. O que interessa é que ela quer falar contigo.

— Porquê?

— Porque é a Lily — disse Evan, parecendo exasperado. — Deve querer saber se lhe escreveste uma carta com uma caligrafia bonita. Ou vai oferecer-se para escolher o lenço de seda perfeito para o aniversário dela. Ou quer ter a certeza de que usas a colher certa para comer a sopa se a lemares ao clube. Sabes como ela é. Mas trouxe mais um saco para casa e recusa-se a dizer-me o que tem.

— Porquê?

— Para de fazer perguntas a que não posso responder! — disse Evan com um suspiro. — Só sei que,

sempre que tentei alguma coisa, ela disse que teria de esperar. Por tua causa. E devo dizer-te que não estou nada satisfeito. Estava ansioso por esta noite. Precisava desta noite. Tive um dia horrível.

– OK.

Evan fez uma careta ao ouvir a resposta de Colin.

– Porque é que foi horrível, perguntas? – disse, imitando Colin. – Obrigado por perguntares, Colin. Agradeço a tua empatia. Não há dúvida de que te preocupas com o meu bem-estar. – Olhou para o amigo. – Acontece que os dados do emprego apresentados esta manhã foram terríveis e o mercado afundou-se. E, embora eu não controle essas coisas, passei a tarde inteira ao telefone com clientes aborrecidos. E depois chego a casa e cheira a vestiário por toda a parte, e agora tenho de esperar que *ela* fale *contigo* antes de a minha noite poder começar a sério.

– Deixa-me mudar de roupa primeiro. Volto daqui a dois minutos.

– Espero bem que não – disse Lily para Colin, aparecendo de repente ao lado de Evan no alpendre com um vestido amarelo sem mangas. Enfiou a mão na do noivo e sorriu-lhe docemente. – Não estavas a pensar deixá-lo vir cá para casa sem ter tempo para tomar um duche, pois não, Evan? O pobre homem está praticamente encharcado. É claro que nós podemos esperar alguns minutos. Dar-lhe tempo apenas para mudar de roupa não seria apropriado.

Quando Evan não respondeu, Colin pigarreou.

– Ela tem uma certa razão, Evan. Não seria apropriado.

Evan olhou-o, furioso.

– Tudo bem. Vai tomar um duche. E põe a máquina a lavar. E depois vem cá.

– Oh, não sejas tão duro com ele – ralhou Lily. – Ele não tem culpa que tenhas investido o dinheiro dos teus clientes nas empresas erradas.

Em segredo, piscou o olho a Colin.

– Eu não investi nas empresas erradas! A culpa não foi minha! Hoje caiu tudo.

– Só estou a brincar contigo, amorzinho – arrulhou ela. – Sei que tiveste um dia terrível e que a culpa não foi tua. Aquele horrível e velho Senhor Mercado aproveitou-se de ti, não foi?

– Não estás a ajudar – disse Evan.

Lily voltou-se de novo para Colin.

– Já falaste com a tua amiga hoje? – perguntou.

– Falei com ela antes de ir correr.

– Levaste-lhe flores ao escritório como eu recomendei?

– Não.

– Chocolates?

– Não.

– O que é que vou fazer contigo?

– Não sei.

Ela sorriu antes de apertar a mão de Evan.

– Vemo-nos daqui a alguns minutos, está bem?

Colin ficou a vê-los entrar em casa antes de ir para o seu apartamento. Despiu-se a caminho da casa de banho e acrescentou as roupas à pilha de roupa suja, reparando que Evan tinha razão. A pilha tinha um cheiro nauseabundo. Fez uma máquina de roupa e entrou no chuveiro. Depois, vestiu um par de calças de ganga e uma *T-shirt* e foi para casa de Evan.

Evan e Lily estavam sentados lado a lado no sofá. Dos dois, era evidente que Lily era a única que estava contente com a presença de Colin.

– Colin! Ainda bem que pudeste juntar-te a nós – disse ela, levantando-se e ignorando obviamente o

facto de que tinham acabado de falar. – Podemos oferecer-te alguma coisa para beber?

– Água, por favor.

– Evan? Por favor, vais buscar água para o Colin?

– Porquê? – perguntou Evan, recostando-se com o braço sobre as costas do sofá. – Ele sabe onde está.

Pode ir buscar.

Lily voltou-se para ele.

– É a tua casa. E tu és o anfitrião.

– Não fui eu que o convidei. Foste tu.

– Evan?

A forma como disse o seu nome deixou claro que ele não tinha escolha na matéria. E a sua expressão também, é claro. Ela era, de longe, a mulher mais bela com quem Evan tinha andado, e também era a mais versada nas formas de usar a aparência em seu proveito.

– Está bem – resmungou ele, levantando-se do sofá. – Vou buscar-lhe um copo com água.

Evan dirigiu-se com passos lentos para a cozinha.

– Com gelo, por favor – disse-lhe Colin.

Evan fez uma careta por cima do ombro antes de Colin se sentar na poltrona em frente a Lily.

– Como estás esta noite? – perguntou ela.

– Bem.

– E a Maria?

Há pouco, ao telefone, Maria contara-lhe o que acontecera com o patrão, Ken Martenson, e enquanto a escutava Colin sentira o maxilar começar a contrair-se. Embora tivesse mantido a voz firme, imaginara-se a ter uma pequena conversa com Ken, o tipo de conversa que deixava claro que seria do seu interesse parar de incomodá-la. Não dissera nada a Maria, mas quando reparara que estava a ranger os dentes depois de desligar, tinha vestido o equipamento de treino e fora correr. Só quando estava quase a terminar a corrida é que começara a sentir-se normal de novo.

No entanto, Lily não lhe perguntara isso.

– Falei com ela há pouco.

– E ela está bem?

Pensou na sua situação no emprego, mas não tinha o direito de partilhar aquela informação. Era a vida dela, a história dela, não a sua.

– Acho que gostou de me ouvir – disse ele com verdade.

– Não lhe tinhas ligado?

– Liguei-lhe no domingo à noite. Depois de falar contigo e com o Evan.

– E não lhe telefonaste na segunda-feira nem na terça-feira?

– Estava a trabalhar.

– Podias ter ligado à ida para o trabalho ou no regresso a casa. Ou durante a pausa. Ou a caminho das aulas ou do ginásio.

– Sim.

– Mas não ligaste.

– Não. Mas amanhã vamos almoçar.

– A sério? Espero que seja num lugar especial.

– Ainda não pensei no assunto.

Lily não se deu ao trabalho de esconder a desilusão. Evan entrou na sala com um grande copo de água com gelo. Estendeu-o a Colin com um gesto brusco.

– Obrigado, Evan – disse Colin. – Não precisavas de fazer isso. Eu podia ter ido buscar.

– Ah, ah – respondeu Evan enquanto se sentava. Depois, para Lily:

– Agora, o que é que querias dizer-lhe?

– Estávamos a conversar sobre o encontro que vai ter amanhã ao almoço. O Colin informou-me que ele e a Maria vão almoçar juntos.

– Queres um conselho? Garante que o teu carro pega – disse Evan.

Lily olhou para ele com uma expressão de censura.

– A minha principal preocupação prende-se com o encontro deles para este fim de semana, e queria falar com ele sobre o assunto.

– Porquê? – perguntou Evan.

– Porque o primeiro verdadeiro serão que uma pessoa passa com outra é um momento crucial em qualquer relação – respondeu ela, como se fosse óbvio. – Se o Colin tivesse convidado a Maria para jantar ou para dar um passeio pelo centro da cidade, eu não estaria nada preocupada. Ou se tivesse sugerido sairmos os quatro juntos, tenho a certeza de que a conversa seria tão interessante que a Maria se divertiria imenso. Infelizmente, o Colin vai estar sozinho e vai levar a Maria a uma *discoteca*, embora tenha a certeza de que *essa* questão já tenha sido abordada.

Evan ergueu uma sobrancelha. Colin não falou.

Lily concentrou-se de novo em Colin.

– Convidei-te para nos visitares esta noite porque quero saber se tens alguma experiência ou até familiaridade com a salsa?

– Não.

– Nesse caso, é possível que também não saibas que a salsa é uma dança de pares.

– A dança é sempre de pares – interrompeu Evan.

Lily ignorou o noivo.

– A salsa pode ser muito agradável se o casal praticar junto – explicou. – Mas, como isso não é possível nesta situação, terás de fazer o melhor possível e há coisas que tens de saber, tais como a forma como mexes os pés, ou fazes uma volta com o teu par, ou a deixas soltar-se para fazer alguns passos sozinha sem que deixe de parecer uma parte natural da dança. Se não fizeres essas coisas, será quase impossível impressioná-la.

Evan riu-se.

– Quem diz que ele quer impressioná-la? O Colin não se importa com o que as pessoas pensam...

– Continua – disse Colin, interrompendo-o.

Evan virou-se para ele, surpreendido, e Lily sentou-se mais direita.

– Ainda bem que compreendes o dilema em que te encontras. O que estou a tentar dizer-te é que tens de aprender os passos básicos.

Por instantes, nem Colin nem Evan disseram nada.

– E como é que ele vai aprender os passos básicos? – perguntou Evan por fim. – Nós vivemos em Wilmington. Duvido muito que haja algum professor de salsa que esteja disposto a arranjar tempo nos próximos dois dias para o meu amigo não passar por uma situação embaraçosa.

Lily inclinou-se para a frente, pegando na pequena mala que tinha sido colocada ao lado do sofá e tirando uma série de CD.

– São álbuns de salsa, e vais ter de os ouvir. Telefonei para a minha antiga professora de dança e ela mandou-me algumas amostras. Nada muito recente, mas não é importante. A salsa é mais uma questão de velocidade e ritmo... a batida, por assim dizer... que de melodia. Quanto ao instrutor, não me importo nada de ajudar o Colin a aprender o que ele precisa de saber.

– Tu sabes dançar salsa? – perguntou Evan.

– Claro que sei – respondeu ela. – Dancei durante quase doze anos, e de vez em quando fazíamos estilos alternativos.

– Alternativos? – perguntou Evan.

– Eu cresci em Charleston. Qualquer coisa para além do *shag* ou da valsa é considerada alternativa – disse ela, como se fosse uma coisa que qualquer sulista civilizado saberia. – Agora a sério, Evan. Tens de deixar que seja o Colin a fazer as perguntas. Ele quase não conseguiu falar. – Voltou-se para Colin. – Deixas-me ser a tua professora de dança nos próximos dois dias?

– De quanto tempo estamos a falar?

– Esta noite mostro-te algumas coisas... os passos e movimentos básicos, as viragens, e como deves conduzir o teu par numa volta... para teres uma noção do que vais aprender. Depois disso, vamos precisar de três horas amanhã à noite e mais três horas na sexta-feira à noite. Depois de eu chegar do trabalho e mudar de roupa, por isso começamos por volta das seis. E, como é óbvio, deves treinar nos tempos livres, antes de vires para cá.

– Vai ser suficiente?

– Não há tempo suficiente para seres bom. Nem sequer mediano. Para uma pessoa ser verdadeiramente especialista numa dança, são precisos anos. Mas, se te concentrares e fizeres o que te digo, poderá ser suficiente para a tua saída no sábado.

Colin bebeu um gole de água e não respondeu logo.

– Não me digas que estás mesmo a pensar aceitar isto – disse-lhe Evan.

– Claro que está. Ele sabe que eu tenho razão.

Colin baixou o copo para o colo.

– Está bem – disse. – Mas vou ter de arranjar alguém para fazer o meu turno na sexta-feira.

– Fantástico – disse Lily, sorridente.

– Espera – disse Evan, voltando-se para ela. – Pensei que íamos sair na sexta-feira.

– Lamento muito, mas vou ter de cancelar. Um amigo precisa da minha ajuda e eu não posso recusar. Ele foi tão amoroso ao pedir.

– A sério? E eu não tenho uma palavra a dizer sobre isto?

– Claro que tens – disse Lily. – Também vais estar aqui nas duas noites. E esta noite, obviamente.

– Aqui?

– Onde haveria de ser?

– Não sei. Um estúdio de dança, talvez?

– Não sejas tonto. Não há necessidade disso. Mas vou precisar que desvies os móveis na sala de estar. Tens razão em relação ao espaço de que vamos precisar para trabalhar. E serás responsável pela música... por passar para a frente e para trás quando eu te disser, pôr a música do início, esse género de coisas. Temos mesmo de rentabilizar o nosso tempo. Vais ser o meu pequeno ajudante.

– Pequeno ajudante?

Ela sorriu-lhe.

– Eu já te disse que a salsa pode fazer uma mulher sentir-se verdadeiramente... *sensual*? E que a sensação pode prolongar-se durante várias horas?

Evan engoliu em seco, a olhar para ela.

– Ajudo com todo o gosto.



– Deixas-te levar com uma facilidade... – disse Colin. Ele e Evan estavam a arrastar o sofá para um canto da sala enquanto Lily fora ao quarto calçar o par de sapatos ideal, com o tamanho de salto certo, e mudar de roupa. Lily nunca fazia as coisas pela metade.

– Tudo o que for preciso para ajudar um amigo.

Colin sorriu.

– OK.

– E depois de terminarmos vais ajudar-me a pôr os móveis no lugar.

– OK.

– E também não vais pedir para ficar mais tempo para treinar. Pões-te a andar às nove.

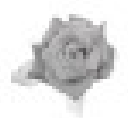
– OK.

Pousaram o sofá.

– Não sei como é que ela me convence a fazer estas coisas.

Colin encolheu os ombros.

– Acho que faço uma vaga ideia...



Quando os móveis foram afastados do meio da sala e o tapete foi enrolado, Lily puxou Colin para o centro da divisão. Evan sentou-se sorumbaticamente no sofá, com livros, um candeeiro e vários *bibelots* na almofada ao seu lado. Lily tinha vestido umas calças de ganga brancas justas, uma blusa de seda vermelha e um par de sapatos que deviam custar mais do que Colin ganhava numa semana. Embora fosse noiva de Evan e amiga de Colin, ele apercebeu-se de que ela estava extremamente sensual.

– Não te aproximes de mais, Colin – avisou Evan.

– Chiu – disse-lhe Lily, muito concentrada. – Podes estar curioso em relação ao motivo por que mudei de roupa – disse Colin.

– Nem por isso – respondeu ele.

– Fi-lo para que possas ver o que os meus pés estão a fazer. Como já disse, vou ensinar-te o passo mais básico, em que se baseia a maior parte da dança. É um passo a que podes voltar sempre, faça a Maria o que fizer. Faz sentido?

– Sim.

– Antes de começarmos, presumo que a Maria sabe dançar salsa.

– Ela disse-me que dançava imensas vezes.

– Perfeito. – Lily pôs-se ao lado dele, ambos virados para a janela, deixando Evan vê-los de perfil. – Isso significa que vai poder acompanhar-te. Estás pronto?

– Sim.

– Então, observa os meus pés e faz o mesmo que eu – disse ela. – Sai com o pé esquerdo... um tempo... depois muda o peso para o dedo do pé direito... segundo tempo... agora traz o pé esquerdo para a posição inicial... terceiro tempo... e faz uma pausa de um tempo... é o quarto. – Demonstrou e Colin fez o mesmo. – Agora, dá um passo atrás com o pé direito... cinco... muda o peso para o dedo do pé esquerdo... seis... traz o pé direito de novo para a frente, para a posição inicial... sete... e faz outra pausa de um tempo. Oito. E é isto. – Colin copiou-a de novo.

– Só isto?

Ela assentiu com a cabeça.

– Vamos repetir, está bem?

Repetiram. E mais uma vez. E outra, e mais uma, fazendo o movimento vezes sem conta enquanto Lily contava de um até oito, e depois mais uma dúzia de vezes, e a seguir acelerando a pouco e pouco e continuando sem contar. Pararam para respirar e começaram lentamente, acelerando de forma gradual. Quando ele sentiu que estava a apanhar o jeito, Lily parou e ficou a vê-lo.

– Está perfeito – disse, acenando com a cabeça. – Já sabes os passos, mas o importante é não seres tão vigoroso. Neste momento, mexes-te como um rufião a marchar num pântano. Tens de ser mais suave, como uma flor em botão que começa a abrir. Mantém os ombros à mesma altura enquanto danças.

– Como é que faço isso?

– Usa mais as ancas – disse ela. – Assim. – Quando lhe mostrou o que queria dizer... deslizando durante os movimentos, com as ancas a baloiçar para trás e para a frente, com os ombros direitos... ficou comprovado que tinha razão ao dizer que a dança era sensual. Pelo canto do olho, Colin reparou que Evan estava sentado mais direito a olhá-la, embora ela não parecesse reparar. – Agora, vamos fazer a mesma coisa, desta vez com música, e concentra-te em seres mais suave. – Voltou-se para Evan. – Amorzinho? Não te importas de pôr a música?

Evan abanou a cabeça, como um homem a tentar acordar de um sonho.

– O quê? Disseste alguma coisa?



Dançaram pouco mais de duas horas. Para além do passo básico, Colin aprendeu a virar, e nessa altura começaram a dançar juntos. Lily ensinou-lhe onde pôr o braço direito (na parte de cima das suas costas, por baixo do braço, lembrou ele a si mesmo), e mostrou-lhe como conduzi-la pelas diferentes voltas fazendo sinais impercetíveis com a mão esquerda, que o obrigavam a dar passos ligeiramente diferentes antes de voltar aos passos básicos.

Enquanto isso, ia-lhe dizendo para deslizar e usar as ancas, manter o contacto visual, seguir o ritmo da música, parar de contar em voz alta e sorrir. Era preciso mais concentração do que ele pensava. Depois, arrumaram os móveis no lugar e Colin preparou-se para se ir embora. Lily deu a mão a Evan quando Colin saiu para o alpendre.

– Esta noite portaste-te muito bem – disse Lily. – Tens um ritmo natural para dançar.

– É um pouco como o boxe – observou ele.

– Espero bem que não – disse ela, parecendo quase ofendida.

Ele sorriu.

– Amanhã à noite, certo?

– Seis horas em ponto – disse ela. Entregou-lhe um CD. – Isto é para ti. Amanhã, sempre que tiveres algum tempo livre durante o dia, insisto que treines os passos e viragens e finjas que conduzes o teu par numa volta. Concentra-te nos sinais da mão e tenta ser suave. Seria muito pouco produtivo se tivéssemos de recomeçar do zero.

– Está bem – disse ele. – E, Lily?

– Sim?

– Obrigado – disse ele.

– De nada, Colin. – Ela sorriu. – No entanto, seria negligente se não aproveitasse a oportunidade para abordar outra questão que me ocorreu ainda agora.

Colin parou, expectante.

– Quanto ao teu almoço de amanhã com a Maria, tenho a certeza de que não preciso de te lembrar que,

como te vais encontrar com ela num ambiente profissional, tens de te vestir de um modo mais formal. E espero que também não seja preciso lembrar-te que, por muito que adores o teu carro, não há nada menos convidativo que um interior cheio de tralha, ou um carro que não funciona. Estou certa nas minhas suposições?

Tenho tentado arranjar o meu carro por motivos que não estão relacionados com a Maria, mas agora que falas nisso...

– Sim – respondeu.

– Ainda bem – disse ela, a assentir com a cabeça. – Afinal de contas, uma mulher tem certas expectativas num namoro. Agora, vamos falar sobre flores... já decidiste o que vais levar? Sabendo que diferentes ramos podem ter diferentes significados?

Lily parecia tão séria que foi difícil para Colin não sorrir.

– O que é que recomendas?

Ela levou uma mão de unhas arranjadas ao queixo.

– Bem, tendo em conta que vocês ainda estão a conhecer-se e que é apenas um almoço, um ramo de rosas é demasiado formal e lírios... embora sejam lindos... são muito mais adequados para a primavera. Obviamente, os cravos não transmitem nada a não ser uma escolha barata, por isso não servem.

Colin assentiu.

– Faz sentido.

– Talvez um ramo de outono, então? Com uma mistura de rosas amarelas, margaridas cor de bronze e talvez apenas um pé de erva-de-são-joão vermelha? – Acenou pensativamente. – Sim, parece-me perfeito para esta ocasião. É claro que vais ter de pedir para porem as flores numa jarra, para ela poder pô-las no escritório, mas é sem dúvida a escolha certa para a ocasião, não te parece?

– Sem dúvida.

– E não te esqueças de as encomendar no Michael's. Ele é um artista no que toca a arranjos. Telefona-lhe de manhã cedo e menciona o meu nome. Ele saberá o que fazer.

Evan desfez-se em sorrisos, sem dúvida divertido e talvez a suspeitar que Colin não seria diferente dele em relação às exigências de Lily. E, provando que Evan o conhecia melhor do que ninguém, Colin acabou por concordar.

– OK.



De manhã, Colin levantou-se cedo e ficou satisfeito porque o velho *Camaro* pegou à primeira. Treinou com intensidade no ginásio – treino pliométrico e halteres, saltar à corda e longos intervalos nos sacos pesados e de velocidade. Quando voltou para o apartamento, parou junto de um contentor de lixo e livrou-se das tralhas que tinha no carro. Em casa, com os músculos ainda quentes e soltos, pôs um dos CD de Lily e passou meia hora a treinar os passos de salsa, pasmado por não se ter esquecido de nada. Surpreendeu-se uma vez mais com o grau de concentração que era necessário.

Bebeu um batido de proteínas e tomou um duche, e em seguida vestiu calças escuras, sapatos e uma camisa, sobras dos seus dias de tribunal. A sua massa muscular aumentara imenso desde então e a camisa estava demasiado apertada no peito e nos braços, mas era o melhor que podia fazer. Parado diante do espelho, pensou que, embora a parte de cima estivesse um pouco justa, poderia ter sido Evan a vesti-lo. A roupa era ridícula, principalmente porque frequentava uma universidade onde a norma eram os calções e os chinelos. Embora soubesse que Lily não teria aprovado, arregaçou os punhos, expondo um pouco

dos antebraços. Melhor. E mais confortável.

As colegas de turma não repararam ou não se importaram com a sua roupa, e, como sempre, escutou e tirou apontamentos. Depois não houve Serena, já que só tinham aulas juntos às segundas e quartas-feiras. Aproveitou os poucos minutos de intervalo para ligar para a florista e encomendou um ramo de outono, fosse lá o que fosse. Depois, foi para uma aula de Gestão de Sala de Aulas, consciente de que ainda não parara de se mexer desde que o despertador tocara, com a sua rotina normal de pernas para o ar.

A última aula do dia terminou às 11h45. Nessa altura, o sol estava alto e, com o verão de São Martinho a durar, caminhou devagar para o carro, a tentar não transpirar. Parou na florista a caminho da morada que Maria lhe dera, e, como se o destino estivesse a brincar com ele, precisou de duas tentativas e bastantes toques no pedal para ligar o motor. Só podia fazer figas.

A Martenson, Hertzberg & Holdman ocupava um edifício inteiro, uma estrutura relativamente moderna a dois quarteirões do rio Cape Fear e mesmo no centro do bairro histórico, com estacionamento dos dois lados do edifício. Os prédios colavam-se uns aos outros dos dois lados da rua, e um tom de tijolo dava lugar a outro, com montras salpicadas de toldos. Estacionou num lugar a pouca distância do carro de Maria e ao lado de um reluzante *Corvette* vermelho.

Pegou na jarra de flores – recordando Lily e a sua frase *certas expectativas* – e depois pensou em Ken e nos problemas que ele estava a causar. Perguntou a si mesmo se o tipo estaria por ali; queria atribuir um rosto ao nome. Enquanto trancava o carro, de repente viu a manhã inteira como uma contagem decrescente para o momento em que, por fim, veria Maria de novo.

Surpreendendo-se sobretudo a si mesmo, percebeu que sentira a sua falta.

CAPÍTULO 10



Maria

Com Barney fechado no gabinete a preparar-se para o julgamento, Maria estava a trabalhar em duas frentes. Passou a manhã a falar com clientes, fazendo todos os possíveis para garantir que cada um sentia que o seu caso continuava a ser uma prioridade. Lynn, a auxiliar jurídica, entrava de meia em meia hora com mais documentos ou formulários para serem preenchidos e, apesar de ser difícil acompanhar o ritmo, o trabalho teve o mérito de impedir que se preocupasse com o encontro para o almoço. Ou, mais concretamente, com a reação dos pais quando conhecessem Colin. Para começar – e ao contrário de Luis –, Colin era um *gringo*, e se bem que isso não fosse muito importante para as pessoas da sua geração, era provável que os pais ficassem surpreendidos. Deixá-los conhecer Colin significava que a relação estava a ficar séria, e era provável que eles estivessem convencidos de que Maria só teria uma relação séria com um mexicano. Todos os membros da sua família – até os parentes por afinidade – eram mexicanos, e havia diferenças culturais. A sua família celebrava todos os encontros familiares com uma *piñata* para as crianças, ouviam música *mariachi*, viam telenovelas de uma forma obsessiva e só falavam espanhol uns com os outros. Algumas das tias e tios nem sequer falavam inglês. Ela sabia que a língua não seria necessariamente um problema para os pais, mas eles estranhariam o facto de Maria não ter mencionado os antecedentes de Colin. As opiniões do resto da família sobre o assunto deveriam ser geracionais, com os membros mais novos a considerarem que era uma questão irrelevante. No entanto, não duvidava que seria um tópico de conversa entre a família no restaurante, e que continuariam a falar muito depois de Maria e Colin se despedirem.

Ela podia bem com aquelas coisas. Não sabia era se aguentaria uma discussão sobre o passado de Colin, que sabia ser inevitável. Bastaria uma simples conversa, e o que aconteceria se a mãe ou o pai comesçassem a fazer-lhe perguntas hoje? Pensou que poderia evitar as respostas declarando que eram apenas amigos e desviando a conversa para outros assuntos, mas durante quanto tempo conseguiria fazer isso? A menos que a relação acabasse depois de sábado – e Maria não gostaria que isso acontecesse –, o passado de Colin *seria* referido. E o que é que Serena dissera sobre isso? *Nem sequer quero estar no mesmo estado quando lançares essa bomba*. Para os pais, não importaria que ela fosse uma mulher adulta; não deixariam de demonstrar o seu desagrado, garantindo a si mesmos que estavam a fazer a coisa certa, já que era óbvio que Maria não fazia ideia daquilo em que se estava a meter.

E o mais incrível é que os pais talvez tivessem razão.



– Tens uma visita – disse Jill.

Maria estava a desligar o telefone depois de falar com Gwen, a rececionista, que acabara de lhe dar a mesma informação, quando Jill parou à sua porta, com a carteira ao ombro.

– Já sei – respondeu ela, reparando que passavam quinze minutos do meio-dia. – Esta manhã passou a correr. Parece que acabei de chegar.

Jill sorriu.

– Presumo que tu e o Colin vão sair?

– Pois, acerca disso – começou Maria. – Desculpa por não ter conseguido dizer-te antes que tinha planos, mas passei a manhã inteira a trabalhar. Quase não tive um segundo para respirar.

– Não há problema – disse Jill, acenando com a mão. – Ainda me lembro de como era trabalhar até cair sempre que o Barney estava a preparar-se para um julgamento. Na verdade, vinha dizer-te que estou a pensar fazer uma surpresa ao Paul no escritório dele e obrigá-lo a levar-me a almoçar fora.

– Tens a certeza de que não te importas?

– Não em relação ao almoço. Mas gostaria que me tivesses avisado que o Colin vinha cá. Também teria pedido ao Paul para vir, para que ele pudesse ver por si mesmo o que uma boa alimentação e exercício físico fazem por um homem.

– O Paul está ótimo.

– É fácil para ti dizeres isso. Olha para quem está à tua espera no átrio. Por outro lado, o Paul está a ficar um bocado flácido e não se importa. E eu sei que ele não se importa porque tenho andado a dar-lhe umas dicas discretas para ele melhorar. Tipo: «Por amor de Deus, Paul, larga a bolacha e vai para a passadeira.»

– Tu não lhe dizes isso.

– Não, mas *penso*. É a mesma coisa.

Maria riu-se enquanto pegava nas suas coisas, e depois levantou-se.

– Queres vir comigo até à porta?

– É por isso que continuo à espera. Também quero ver a tua cara quando descobrires.

– Descobrir o quê?

– Vais saber não tarda nada.

– De que é que estás a falar?

– Vamos – disse Jill. – E não deixes de nos apresentar. Quero contar tudo ao Paul, principalmente se o teu pretendente se atirar a mim.

– O Colin não é esse tipo de homem.

– O que importa isso? A verdade é que só quero espreitá-lo mais de perto. Para ver se é suficientemente bom para ti, é claro.

– É muito simpático da tua parte.

– Para que servem as amigas?

Quando começaram a percorrer o corredor, Maria inspirou fundo, sentindo que as preocupações voltavam. Felizmente, Jill não reparou, pois estava sem dúvida a pensar noutra coisa.

– Espera um instante – disse. Maria viu-a procurar na carteira, tirar o *bâton* e aplicar um pouco antes de o guardar de novo.

– Pronto – disse –, agora podemos ir.

Maria olhou para ela.

– A sério?

Jill piscou-lhe o olho.

– O que queres que te diga? As primeiras impressões são importantes.

Mais adiante, Maria viu duas auxiliares jurídicas a virar a esquina do átrio e a sussurrar uma com a outra como duas alunas de liceu históricas. Jill acenou para elas.

– Agora compreendes o que quero dizer? Sem dúvida, andas a esconder-me coisas. Aquele homem é espetacular.

– Ele não é *assim* tão bonito.

– Hum... pois. Claro que é. Agora, vamos. Tu tens um encontro e não deves atrasar-te.

Quando avistou Colin no átrio, Maria sentiu um nó no estômago. Ele estava virado para o lado oposto – *à sua espera*, pensou – e de costas poderia passar por um jovem advogado, embora com uma forma física excecional e tatuagens à mostra. Quando olhou para a rececionista, reparou que Gwen se esforçava muito para não olhar para Colin enquanto atendia o telefone.

Colin devia ter sentido a sua presença e, quando se virou, Maria viu um lindo ramo de flores; cor de laranja, amarelas e com uma explosão de vermelho no centro. A sua boca abriu-se ligeiramente.

– Surpresa – sussurrou Jill, mas Maria estava demasiado chocada para ouvir.

– Oh – disse por fim. – Olá. – Começou a aproximar-se, apenas vagamente consciente de que Jill ficara para trás. De perto, o cheiro limpo de Colin misturava-se com o das flores. – Roupas novas?

– Roupas de liberdade – respondeu ele. – É possível que me tenham mantido fora da prisão.

Ela sorriu, divertida. E no instante seguinte pensou: *E não posso acreditar que a sua resposta não me preocupa*. Mas não queria pensar nisso. Em vez disso, acenou para as flores.

– Para mim?

– Sim – disse ele, estendendo-lhas. – É um ramo de outono.

– São lindas. Obrigada.

– Não tens de agradecer.

– Deixa-me pô-las no meu gabinete. Volto já e depois podemos ir.

– Está bem.

Atrás de si, ouviu Jill pigarrear e voltou-se.

– Oh, esta é a minha amiga Jill. Também é advogada aqui.

Jill aproximou-se e ele estendeu-lhe a mão.

– Olá, Jill.

– Olá, Colin. – Pegou-lhe na mão com uma postura simpática mas profissional. – É um prazer conhecer-te.

Maria deixou-os a conversar e voltou ao seu gabinete, reparando que as duas auxiliares jurídicas a olharam com alguma inveja quando passou por elas. Tentou recordar a última vez que alguém lhe oferecera flores. Para além de uma rosa que Luis lhe oferecera no Dia de São Valentim quando namoravam há um ano, não se lembrava de uma única vez.

Deixou a jarra num lugar de destaque no gabinete e voltou para o átrio mesmo a tempo de apanhar o fim da conversa de Jill e Colin.

Jill virou-se.

– Parece que és uma fotógrafa muito melhor do que dizes. O Colin diz que tiraste uma fotografia maravilhosa de alguns marsuínos?

– Ele está a ser simpático – disse Maria. – De vez em quando, tenho sorte.

– Ainda assim, gostava de ver.

– Mando-ta por *e-mail* – disse ela. Depois, para Colin:

– Podemos ir?

Colin acenou com a cabeça e, depois de se despedirem de Jill, dirigiram-se para o parque de estacionamento.

– A tua amiga é simpática – comentou Colin.

– É fantástica – concordou Maria. – Se não fosse ela, eu teria almoçado sozinha na minha secretária desde que vim trabalhar para cá.

– Até hoje – disse Colin com um sorriso. – Como está a correr o trabalho?

– Estou atolada – admitiu ela. – Mas espero que as coisas acalmem. O meu chefe vai estar fora do escritório esta tarde e amanhã.

– Nesse caso, não recomendo que façam uma enorme festa e destruam tudo na sua ausência. Aprendi por experiência própria que isso tende a irritar as pessoas.

– Não me vou esquecer disso – disse Maria, enquanto ele abria a porta do carro para ela entrar.

Ela entrou no *Camaro*. Colin sentou-se atrás do volante e inclinou-se para ela, com as chaves na mão.

– Estava a pensar que podíamos ir a um dos restaurantes do centro da cidade. Talvez haja uma mesa na esplanada com uma vista fantástica.

Oh, sim, pensou Maria. *Em relação a isso*. Mexeu no cinto de segurança, pensando na melhor forma de explicar.

– Parece maravilhoso – começou –, e em circunstâncias normais, teria adorado ir. Mas o que acontece é que estava em casa dos meus pais ontem à noite quando tu ligaste e mencionei que íamos almoçar, e... – Expirou, decidindo dizer tudo sem mais demora. – Eles estão à nossa espera para almoçar no restaurante.

Colin bateu com a chave do carro no assento.

– Queres que eu conheça os teus pais?

Nem por isso. Pelo menos, ainda não. Mas... Franziu o nariz, sem saber muito bem como é que ele reagiria e esperando que não ficasse zangado.

– Mais ou menos.

Ele enfiou a chave na ignição.

– OK – disse.

– A sério? Não te incomoda? Apesar de teres acabado de me conhecer?

– Não.

– Devo dizer-te que incomodaria muitos homens.

– OK.

– Bem... ótimo – disse ela.

Ele não falou logo. Por fim:

– Estás nervosa.

– Eles não te conhecem como eu te conheço. – Inspirou devagar, a pensar, *Agora é que vem a parte difícil*. – Quando os conheceres, tens de compreender que eles são antiquados. O meu pai foi sempre muito protetor e a minha mãe preocupa-se, e acho que se começarem a fazer perguntas...

Quando ela se calou, Colin terminou por ela.

– Estás preocupada com o que vou dizer-lhes. E com a forma como eles vão reagir.

Embora não respondesse, Maria desconfiou que ele já sabia o que estava a pensar.

– Não vou mentir-lhes – disse ele.

– Eu sei – afirmou ela. *O problema é esse*. – E não vou pedir-te para mentires. Não quero que mintas, mas fico nervosa.

– Por causa do meu passado.

– Quem me dera não ter de te dizer nada disto, e peço desculpa. Logicamente, sei que sou adulta e que devia poder andar com quem quero e não me devia importar com o que eles pensam. Mas a verdade é que me importo. Porque ainda quero a aprovação deles. E acredita que sei como isto soa horrível.

– Não soa horrível. Soa normal.

– Tu não precisas de aprovação.

– O Evan provavelmente diria que eu não sou normal.

Apesar da tensão, ela riu-se antes de ficar de novo em silêncio.

– Estás zangado comigo?

– Não – respondeu ele.

– Mas deves estar ofendido.

– Não – disse ele de novo.

– Então, que é que sentes?

Ele não respondeu logo.

– Sinto-me... lisonjeado – reconheceu por fim.

Maria pestanejou.

– Lisonjeado? Como raio é que podes sentir-te lisonjeado?

– É complicado.

– Mesmo assim, gostaria de saber.

Ele encolheu os ombros.

– Porque tu me disseste o que estavas a sentir, embora desconfiasses que pudesse ferir os meus sentimentos. E disseste a verdade. E fizeste essas coisas estando vulnerável e preocupada, porque queres que eles gostem de mim. Porque gostas de mim. Isso é lisonjeiro.

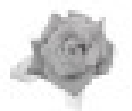
Ela sorriu, em parte por estar surpreendida e em parte porque ele tinha razão.

– Acho que vou desistir de tentar prever alguma coisa sobre ti.

– Está bem – disse ele. Rodou a chave na ignição e o motor ganhou vida. Antes de meter uma mudança, voltou-se para ela. – Então, que queres fazer?

– Ir almoçar? E esperar que corra tudo bem?

– Parece-me um bom plano.



La Cocina de la Familia ficava a alguns quarteirões de Market Street, numa zona de comércio que já vira melhores dias, mas os lugares de estacionamento à frente do restaurante estavam cheios. Quando se aproximaram da porta de entrada, Colin pareceu-lhe tão calmo como sempre, o que só deixou Maria mais enervada. Ele pegou-lhe na mão e ela apertou-a, como alguém a agarrar-se a uma boia salva-vidas num navio a afundar-se.

– Esqueci-me de te perguntar se gostas de comida mexicana.

– Lembro-me de que costumava gostar muito.

– Mas já não comes? Porque não é saudável, certo?

– Eu consigo encontrar sempre alguma coisa para pedir.

Ela apertou-lhe a mão, gostando da sensação.

– A minha mãe disse que nos vai preparar uma coisa especial. O que significa que talvez não tenhas essa possibilidade. Dito isto, eu avisei-a de que tu gostas de comida saudável.

– Eu fico bem – disse ele.

– Alguma vez te preocupas com alguma coisa?

– Tento não me preocupar.

– Bem, quando acabarmos de almoçar vais começar a dar-me aulas, está bem? Porque nos últimos tempos parece ser a única coisa que faço.

Colin abriu a porta e ela entrou à frente. O tio Tito aproximou-se logo, sem dúvida entusiasmado com a sua presença ali, e tagarelou em espanhol. Depois de a cumprimentar com um beijo, apertou a mão de Colin e pegou nas ementas antes de os levar para um reservado no fundo da sala. Era a única mesa disponível, o que significava que os pais a tinham guardado.

Quando se sentaram, a prima Ana trouxe copos com água e um cesto com *nachos* e *salsa* para a mesa. Maria conversou um pouco com ela e apresentou Colin uma segunda vez. Ana afastou-se e Maria debruçou-se sobre a mesa.

– Desculpa – disse. – Não venho cá com a frequência que devia. Eles devem estar tão entusiasmados como os meus pais.

– Quantos membros da tua família trabalham aqui?

– Neste momento? – Um olhar rápido pela sala e avistou outro tio no bar e duas tias a servir às mesas.

– Diria que deve haver uns seis. Mas, para ter a certeza, tenho de perguntar aos meus pais.

Ele observou o restaurante.

– Isto é muito movimentado.

– É sempre assim. Ao longo dos anos, tivemos de aumentar o restaurante três vezes. No princípio, havia apenas oito mesas. – Enquanto respondia, viu os pais saírem da cozinha e sentou-se mais direita. – Muito bem, eles vêm aí. Os meus pais, quero dizer.

Quando os pais chegaram à mesa, ela beijou a mãe e depois o pai, a rezar para que eles não fizessem um espetáculo.

– Este é o meu amigo Colin – disse. – Estes são os meus pais, Felix e Carmen.

– Olá – disseram Felix e Carmen, quase em uníssono, os dois ostensivamente a mirá-lo de alto a baixo.

– É um prazer conhecê-los aos dois – disse Colin.

– A Maria diz que é estudante? – perguntou Felix, indo direto ao assunto. – E que trabalha num bar?

– Sim – respondeu Colin. – Na verdade, a Serena e eu frequentamos algumas aulas juntos. Trabalho no Crabby Pete's, na praia. – Depois, sem dúvida a pensar nas preocupações de Maria e sem querer ser arrastado para uma longa conversa sobre o seu passado, apontou para o restaurante. – Os senhores construíram aqui um negócio incrível. Há quanto tempo é que existe?

– Trinta e um anos – respondeu Felix, com um tom de orgulho na voz.

– A Maria disse que tiveram de ir aumentando o espaço ao longo dos anos. É impressionante.

– Fomos abençoados – concordou Felix. – Já comeu aqui antes?

– Não – admitiu Colin. – Mas a Maria diz que a sua mulher é uma *chef* fantástica.

Felix endireitou-se um pouco mais.

– É a melhor – disse, olhando para Carmen. – Claro que, por causa disso, por vezes pensa que é ela que manda.

– *Sou* eu que mando – disse Carmen num inglês pouco seguro.

Colin sorriu e depois de mais alguma conversa de circunstância, Maria viu o pai puxar o braço da mãe.

– Vamos. Devíamos deixá-los conversar – disse Felix.

Depois de se despedirem, Maria viu os pais voltarem para a cozinha.

– Sabes que neste momento estão ali a falar sobre ti com o Tito, a Ana e os outros. Para além do Luis, és o único homem que eu trouxe aqui.

– Sinto-me honrado – disse ele, e Maria ficou com a impressão de que estava a falar a sério.

– Não foi tão mau como eu pensei – acrescentou ela.

– São pessoas amáveis.

– Sim, mas eu ainda sou a filha deles. E eles não fizeram nenhuma pergunta difícil.

– Talvez não façam.

– Oh, vão fazer. A menos, é claro, que não voltemos a ver-nos.

– É o que tu queres?

Maria baixou os olhos por instantes.

– Não – disse. – Estou contente por estarmos aqui. E estou feliz por passarmos algum tempo juntos este fim de semana.

– E isso significa?

– Que da próxima vez que estivermos todos juntos... partindo do princípio de que haverá uma próxima vez... vou estar ainda mais nervosa.



Minutos depois, Carmen e duas das primas de Maria começaram a trazer comida para a mesa: pratos de *tacos*, *burritos*, *mole poblano* e *enchiladas*; *tamales*, *carne asada*, *chile relleno*, tilápia Veracruz e uma taça com salada. Quando a mãe começou a pousar os pratos na mesa. Maria acenou com as mãos.

– Mãe... isto é um exagero – protestou. Até Colin pareceu surpreendido quando todos os pratos começaram a chegar.

– Comam o que quiserem – respondeu Carmen em espanhol. – Depois levamos o resto para as traseiras e deixamos lá. As pessoas terminam.

– Mas...

Carmen olhou para Colin, e depois de novo para Maria.

– A tua irmã tinha razão. Ele é muito bonito.

– Mãe!

– O que foi? Ele não me percebe.

– Não é isso!

– É bom ver-te feliz. O teu pai e eu temos andado preocupados. Tu só trabalhas. – Sorriu antes de olhar de novo para Colin. – Colin? É um nome irlandês?

– Não faço ideia.

– É católico?

– Não lhe perguntei.

– Vocês falam sobre o quê?

Não fazes ideia, pensou Maria. *Nem queiras saber.*

– Tu sabes que não é delicado conversar assim à frente dele.

– Claro – disse a mãe, encaixando o último prato entre os copos de água. – Tens toda a razão. – E, mudando para inglês, sorriu para Colin. – Por favor... façam bom proveito – disse.

– Obrigado. Sem dúvida que faremos.

Instantes depois estavam sozinhos, com montanhas de comida espalhada à sua frente.

– O cheiro é maravilhoso – disse Colin.

– Estás a gozar? Isto é ridículo! Quem conseguiria comer tanta comida?

– Pareces irritada.

– Claro que estou irritada. Devíamos ter podido escolher da ementa, mas em vez disso a minha mãe tinha de fazer o seu teatrinho.

– Para quê?

– Ainda estou a tentar perceber. Impressionar-te? Garantir que sentes que és bem-vindo?

– São coisas boas.

– Eu sei, mas ela tem tendência para exagerar.

Observou o olhar de Colin a saltitar de prato em prato e apontou para a tilápia.

– Acho que a minha mãe fez este especialmente para ti. É apenas peixe assado com tomate, azeitonas e uvas passas. Experimenta.

Ele tirou dois filetes e pôs um pouco de salada no prato; Maria também tirou um filete e salada, mas acrescentou meia *enchilada*. O resto permaneceu intocado. Quando Colin provou o peixe, bateu com o garfo no prato.

– Isto é inacreditável – disse. – Não admira que seja ela quem manda.

– Ela é boa.

– Tu sabes cozinhar assim?

Maria abanou a cabeça.

– Quem me dera. Não sou nem por sombras tão boa como a minha mãe, mas comecei na cozinha e aprendi o básico. E gostava, mas passado algum tempo os meus pais pensaram que seria melhor eu aprender a servir às mesas. Pensavam que ser obrigada a falar com desconhecidos me ajudaria a ultrapassar a timidez.

– Outra vez a timidez?

– Claro que, na tua opinião, resultou. E devo dizer-te que sou uma excelente empregada de mesa.

Ele riu-se, e passaram a hora seguinte a conversar sobre muitas coisas – os seus filmes preferidos e os lugares que queriam visitar um dia; ele falou-lhe um pouco mais sobre a sua família e ela fez o mesmo. Sempre que ela falava, Colin escutava-a com calma concentração, e nunca deixava de a olhar nos olhos. A conversa era fácil e espontânea, e Maria sentiu sempre que ele se importava verdadeiramente com tudo o que dizia. Apesar da presença da família e das conversas nas outras mesas, o almoço pareceu estranhamente íntimo. Quando os pais se aproximaram da mesa pela segunda vez – e apesar do desapontamento da mãe por terem comido tão pouco –, Maria sentiu-se estranhamente descontraída e satisfeita.

Após uma série de calorosas despedidas, voltaram para o escritório e o velho *Camaro* portou-se na perfeição. Ali chegados, Colin acompanhou-a até à entrada e, quando enfiou a mão na sua pela segunda vez, ela só conseguiu pensar que parecia perfeitamente natural. À entrada, sentiu que ele a puxava levemente para que parasse.

– A que horas no sábado? – perguntou ela, voltando-se para ele.

– Tenho uma sessão de treino às quatro que acaba às seis, por isso que tal ir buscar-te a casa por volta das sete e meia? Jantamos primeiro e depois saímos?

– Parece ótimo – disse ela. – Que tipo de sessão de treino?

– Treino de boxe modificado e treino de chão – disse ele. – O treino de chão é como luta livre.

– Pode-se assistir?

– Acho que sim – disse ele. – Tenho a certeza de que o dono do ginásio não se importaria, mas terei de perguntar.

– Não te importas?

– Porquê? Queres ir?

– Como vamos dançar, também posso ver-te fazer uma coisa de que gostas.

Ele não escondeu a surpresa.

– Está bem – disse. – Mas tenho de ir tomar banho a casa antes de sairmos, por isso não te importas de te encontrar comigo no ginásio? – Quando ela assentiu com a cabeça, Colin deu-lhe o nome do ginásio e ela anotou a sua morada nas costas do cartão de visita.

Colin enfiou o cartão no bolso e, antes de Maria se aperceber do que estava a acontecer, inclinou-se para ela e os lábios de ambos tocaram-se. O beijo foi suave, e, embora não fosse tão eletrizante como o beijo de sábado, foi afetuoso e tranquilizador. De repente, não importou o que os pais pudessem pensar. Aqui e agora, Colin era a única coisa que importava, e quando ele se afastou Maria desejou que tivesse durado um pouco mais. No entanto, naquele instante sentiu movimento na visão periférica e, quando dirigiu o olhar para lá, percebeu que Ken acabara de virar a esquina – sem dúvida, depois de estacionar do outro lado do edifício – e estava parado, imóvel, a observar ao longe. Sentiu o corpo ficar tenso e Colin seguiu o seu olhar.

– É ele? – perguntou em voz baixa. – O Ken?

– Sim – respondeu ela, e viu a sua expressão endurecer. Ele não se afastou dela, mas a sua atenção concentrou-se em Ken. Embora não lhe apertasse a mão, Maria sentiu a tensão, uma violência contida, enraizada, controlada por uma unha negra. Não teve medo, mas teve a certeza súbita de que, se estivesse mais perto, Ken teria, sem qualquer dúvida.

Ken continuou a observá-los. Foi uma espécie de impasse e Colin não deixou de o olhar, só se voltando para ela depois de ele se ir embora. Beijou-a de novo, desta vez com um toque de possessividade, antes de recuar.

– Não deixes que ele te incomode. Ele não merece – disse ela.

– Ele está a incomodar-te.

– Eu fico bem.

– Continuo a não gostar dele.

– Foi por isso que me beijaste outra vez?

– Não.

– Então porque é que me beijaste?

– Gosto de ti – respondeu ele.

Este comentário – tão direto, tão obviamente *verdadeiro* – fez o estômago dela sobressaltar-se outra vez e teve de se esforçar para não sorrir como uma tonta.

– O que vais fazer esta noite e na sexta-feira?

– Tenho planos com o Evan e a Lily.

– As duas noites?

– Sim.

– O que vão fazer?

– Não te quero dizer.

– Porquê?

– Também não te quero dizer.

Ela apertou-lhe a mão e soltou-a.

– Sei que estás a dizer a verdade, mas não me estás a dizer nada. Devo ficar preocupada? Andas a sair com outra pessoa?

– Não – disse ele, a abanar a cabeça. – Não tens de te preocupar com nada. Hoje ao almoço diverti-me imenso. Gostei de conhecer os teus pais.

Maria olhou para ele.

– Ainda bem.

Colin sorriu, antes de, por fim, dar um passo atrás.

– Já deve estar na hora de voltares ao trabalho.

– Eu sei.

– Ele continua a observar-nos?

Ela espreitou por cima dele e abanou a cabeça.

– Creio que entrou pela porta das traseiras.

– Vai ficar incomodado com o que viu?

Maria pensou um pouco.

– É provável que sim. Mas agora sabe que tu existes mesmo, e isso é bom. Se voltar a incomodar-me, vou insinuar que és ciumento.

– Não sou – disse ele. Os seus olhos azul-acinzentados eram intensos e ao mesmo tempo suaves. – Mas continuo a não gostar dele.

CAPÍTULO 11



Colin

No sábado de manhã, Colin levantou-se cedo e foi andar de bicicleta quando o sol estava a nascer. A sua bicicleta – uma bicicleta velha e enferrujada que comprara por uma ninharia numa loja de penhores – tinha pelo menos uma década, mas cumpria a sua função e fez um bom treino antes mesmo de chegar ao ginásio. Ali, passou uma hora numa aula de treino funcional a bater cordas pesadas, a puxar trenós com pesos, a lançar bolas medicinais e a fazer uma série de outros exercícios, e depois cambaleou para a bicicleta e voltou para casa. Cortou a relva e aparou os arbustos, refletindo que, embora tivesse estado absorto a pensar em Maria desde que se tinham conhecido, aqueles pensamentos não se comparavam com a forma quase obsessiva como pensava nela agora. Até Evan tinha reparado; mais cedo, quando viera ao alpendre, ostentava um sorriso afetado para que Colin percebesse que estava plenamente consciente do efeito que Maria exercia nele. O próprio Evan estivera exuberante na quinta e na sexta-feira à noite, e Colin desconfiava que poderia ter alguma coisa a ver com a conversa de *a salsa é uma dança sensual*, mas não ia perguntar.

Lily também reparou que Colin gostava de Maria, mas manteve-se concentrada nas aulas de dança. No entanto, tinha-lhe recomendado um restaurante no centro da cidade e avisara-o duas vezes para não se esquecer de fazer a reserva. Ensinara-lhe mais sobre dança do que ele pensava ser possível, mas ainda assim ele não tinha uma confiança total nas suas capacidades. Nem queria imaginar quão despreparado estaria se ela não tivesse interferido.

Depois de completar as suas tarefas, Colin bebeu a segunda bebida de proteínas do dia enquanto arrumava o apartamento, e em seguida começou a preparar um trabalho para a disciplina de Gestão da Sala de Aulas. Eram apenas cinco páginas, mas estava demasiado distraído e só conseguiu organizar um esboço antes de desistir.

Vestiu roupa de treino, pegou no saco do ginásio e dirigiu-se para a porta. Embora o carro se tivesse portado como um campeão nos últimos tempos, hoje o motor engasgara várias vezes antes de ganhar vida de uma forma relutante, o que significava que o problema não era da ignição nem do alternador. Devia empenhar-se em encontrar uma solução para aquele problema, mas em vez disso deu por si a recordar a imagem de Maria, estranhamente ansioso para que o encontro corresse bem. Ligara-lhe depois do trabalho na quinta-feira e na sexta-feira, e tinham falado durante mais de uma hora cada uma das vezes, o que era uma experiência nova para ele. Não se recordava de alguma vez ter passado tanto tempo ao telefone com alguém. Até aparecer Maria, não conseguia imaginar como é que alguém conseguia manter uma conversa demorada. Mas Maria tornava isso fácil, e dera por si a sorrir por mais de uma vez das coisas que ela dizia. Ela mencionou que Ken estava a manter-se à distância e, quando lhe falou do

encontro que tivera na noite em que ele lhe mudara o pneu, ele soltara uma gargalhada. Depois de desligar, fora difícil adormecer. Geralmente caía na cama no fim do dia, incapaz de manter os olhos abertos.

Pela primeira vez em muito tempo, pensou em telefonar aos pais. Não percebeu muito bem porque é que sentiu vontade, mas imaginava que teria alguma coisa a ver com a forma como Maria falava sobre os pais e sobre a boa relação que tinham. Perguntou a si mesmo se a sua vida teria sido diferente se tivesse crescido numa família como a dela. Podia não ter sido diferente, é claro – ele já dava imenso trabalho antes mesmo de saber andar –, mas se a dinâmica familiar tivesse alguma influência, por muito pequena que fosse, então a sua vida tomara um rumo que não fora da sua única e exclusiva responsabilidade. E, embora estivesse satisfeito com o seu caminho atual, até há muito pouco tempo a estrada estivera repleta de buracos e pedregulhos. O facto de Maria conseguir olhar para lá destas coisas, tendo em conta a sua história respeitável, ainda era uma surpresa, se bem que do melhor tipo.

Estacionou em frente ao ginásio e viu Maria parada à porta. Ela usava calções e uma *T-shirt*, e Colin pensou uma vez mais que era uma das mulheres mais belas que já conhecera.

– Olá – disse ela quando Colin se aproximou. – Estás preparado para dar uma tarefa a algumas pessoas?

– É só treino.

– Tens a certeza de que posso entrar para ver?

Ele segurou a porta, assentindo com a cabeça.

– Esta manhã falei com o dono e ele não se importou. E, a menos que decidas entrar na jaula, ele prometeu que nem sequer te vai pedir para assinares um termo de responsabilidade.

– És um grande negociador.

– Esforço-me por sê-lo – disse ele. Segurou a porta e ficou a vê-la quando passou por ele. Maria observou o que a rodeava. Ao contrário de muitos ginásios comerciais, este lugar parecia mais um armazém. Passaram por uma série de prateleiras com pesos e outro equipamento de treino funcional e dirigiram-se para a sala de treino ao fundo do edifício. Ele atravessou outra porta e entrou à frente num grande espaço com paredes almofadadas e grandes tapetes, com equipamento empilhado em todos os cantos; à esquerda, a jaula. Alguns dos parceiros de treino de Colin estavam a fazer alongamentos e exercícios de aquecimento, e ele acenou-lhes quando pousou o saco. Maria franziu o nariz.

– Aqui atrás cheira mal.

– E só vai piorar – prometeu ele.

– Onde é que me devo sentar?

Colin apontou para um monte de equipamento no canto; caixas com luvas de boxe, uma variedade de almofadas e proteções, diversos elásticos, cordas de saltar e caixas pliométricas.

– Se quiseres, podes sentar-te naquelas caixas – disse ele. – Geralmente não usamos aquela parte da sala.

– Onde é que estarás?

– O mais certo é estar por toda a parte – respondeu ele.

– Quantos tipos vão estar aqui?

– Uns oito ou nove. Os sábados são sempre pouco movimentados. Durante a semana, somos uns quinze ou dezasseis.

– Por outras palavras, só os muito dedicados estão cá?

– São mais os tarados pelo treino, ou tipos que estão a começar e tentam treinar sempre que podem. Aos sábados, muitos dos que levam isto a sério estão fora da cidade em torneios.

– Isso é bom. Porque vamos sair, isto é. Detestaria que ficasses todo cortado e magoado como estavas

na primeira noite que te vi.

– Alguma vez vais esquecer isso?

– Acho que não vou conseguir – disse ela, pondo-se em bicos de pés para lhe dar um beijo na face. – A imagem está gravada no meu cérebro para sempre.

Colin fez um aquecimento rápido; rotações de braços e elevações de pernas, alguns minutos a saltar à corda. Nessa altura, Todd Daly, o instrutor principal e lutador reformado do Ultimate Fighting Championship, e Jared Moore, que lutava a nível profissional mas ainda não no nível UFC, chegaram e Daly começou a orientar o grupo todo em mais exercícios de aquecimento.

Enquanto esperava pela sua vez na jaula, Colin trabalhou a técnica de chão: chaves de braços e de pernas, diversos apertos de submissão. A maioria das técnicas tinham as suas raízes nas artes marciais e na luta livre, e a velocidade, instinto e equilíbrio eram muito mais importantes do que a força bruta. Como era habitual nas aulas de sábado, Daly demonstrou os passos primeiro – usando de vez em quando Colin como parceiro – e depois o grupo dividiu-se em dois. Cada grupo tinha a oportunidade de praticar o passo, repetindo-o dez ou doze vezes antes de trocarem posições com os parceiros. Depois, passavam para um conjunto diferente de técnicas. Passados dez minutos, Colin respirava com dificuldade; ao fim de meia hora, tinha a camisola encharcada. Durante o treino, Daly corrigiu-os – dizendo-lhes onde deviam colocar um pé para terem mais equilíbrio, ou como apertar com maior eficiência com as pernas, e as subtis variações eram intermináveis.

Um por um, todos passaram pela jaula e passada uma hora foi a vez de Colin. Ele colocou a proteção de cabeça e luvas mais pesadas e trabalhou com um parceiro enquanto Moore – antigo campeão Golden Gloves de Orlando – gritava dicas de treino. Colin fez sete assaltos de dois minutos, ressaltando e andando em círculos, aproveitando todas as oportunidades para desferir murros ou pontapés enquanto tentava evitar os golpes do adversário. Dominou, mas não tanto por causa da sua habilidade como pela falta de jeito dos adversários: o tipo que enfrentou estava fora de forma e era relativamente novo, tendo lutado apenas um combate, que perdera.

Dali, voltaram para os tapetes, onde treinaram derrubes enquanto o parceiro estava contra a parede; depois, trocando de posições, tentaram evitar derrubes. No fim da aula, os músculos de Colin tremiam de exaustão.

Durante a tarde, os seus olhos não paravam de procurar Maria. Esperara que ela se aborrecesse, mas os seus olhos seguiam-no constantemente, tornando o treino mais difícil do que era habitual. Por norma, era fácil concentrar-se apenas no adversário, mas a presença dela deixou-o inseguro como nunca se tinha sentido. Num combate, esta falta de concentração seria sinónimo de problemas. No final da aula, sentiu que dera dois passos atrás a nível mental e percebeu que teria de trabalhar muito para recuperar o terreno perdido. Afinal de contas, mesmo que a maioria das pessoas não se apercebesse, era um desporto que exigia força mental e física em partes iguais.

Depois, pegou no saco e guardou o material antes de o pôr ao ombro. Maria já estava junto dele.

– O que achaste? – perguntou Colin, ajustando a tira.

– Pareceu duro. E cansativo. E faz transpirar.

– É mais ou menos isso, quando nos dedicamos.

– Como achas que correu?

– Razoável – respondeu ele. – Distraí-me.

– Comigo?

– Sim.

– Desculpa.

– Não peças desculpa. – Ele sorriu antes de puxar a camisola. – Não te importas de me dar alguns

minutos para me secar e mudar de roupa? Tenho de despir isto, senão o meu carro estará encharcado quando chegar a casa.

Maria franziu o nariz.

– Não... não é um pensamento muito agradável.

– Isso é um sim ou um não?

– Claro que sim – respondeu ela. – Espero por ti lá fora.

Quando Colin saiu por fim do vestiário, avistou Maria na rua, a falar ao telemóvel. De óculos escuros, parecia uma glamorosa estrela de cinema da década de 50. Quando se aproximou, ela desligou.

– Era a Serena.

– Ela está bem?

– Esta noite vai jantar lá em casa com o diretor de uma bolsa de estudo qualquer, por isso está um pouco nervosa, mas, tirando isso, está bem. – Encolheu os ombros. – Sentes-te melhor?

– Sinto-me mais limpo. Pelo menos, durante algum tempo. Ainda estou a transpirar.

Ela tocou-lhe no braço.

– Ainda bem que vim. Foi muito mais interessante do que pensei que seria.

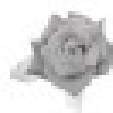
– E continuamos combinados para as sete e meia?

– Espero que sim – disse ela. – E devo avisar-te que talvez esteja um pouco enferrujada quando formos dançar.

– Se estivesse no teu lugar, não me preocuparia. Vai ser a minha primeira vez. E... Maria?

– Sim?

– Obrigado por teres vindo hoje. Foi muito importante para mim.



Quando Colin saiu do carro, Evan apareceu no alpendre com um saco de plástico na mão.

– Toma – disse, estendendo-lhe o saco. – Isto é para ti. E debes- -me dinheiro.

Colin parou à frente do alpendre.

– Porquê?

– A Lily pensou que podias precisar de alguma coisa para vestir esta noite.

– Eu tenho roupa.

– Não me culpes a mim. Eu disse-lhe exatamente a mesma coisa. Mas é a Lily, e mesmo assim arrastou-me pelas lojas e, como te disse, debes-me dinheiro. A fatura está no saco.

– O que é que ela comprou?

– Na verdade, não é tão mau como podia ser. Tive visões dela a escolher alguma coisa com borlas ou sinos ou outra coisa do género, mas não aconteceu. São calças pretas, uma camisa vermelha e sapatos pretos.

– Como é que ela sabe o meu tamanho?

– Porque te comprou roupa no Natal.

– E lembrava-se?

– É a Lily. Ela lembra-se desse género de coisas. E queres fazer o favor de pegar no saco? O meu braço está a ficar cansado.

Colin esticou-se para pegar nele.

– O que vai acontecer se eu não vestir isto?

– Para começar, ainda tens de me pagar. Depois, também vais ferir os sentimentos dela, e é a última

coisa que queres fazer depois de todas as aulas de dança. E, é claro, vais ter de lhe explicar porque é que não as vestiste.

– Como é que ela vai saber se as viste ou não?

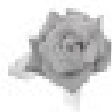
– Porque está aqui. E quer que passes por cá antes de saíres. Quer falar contigo.

Um pouco confuso, Colin não disse nada.

– Veste a porcaria das roupas, está bem?

Quando Colin não respondeu, Evan semicerrou um pouco os olhos.

– Tu deves-me favores.



Colin parou diante do espelho da casa de banho e reconheceu que podia ter sido muito pior. A camisa era mais *bordeaux* que vermelha e, embora não a tivesse escolhido para si, não era nada má, principalmente com as mangas arregaçadas. Ele já pensava vestir calças pretas – mais sobras dos seus dias de tribunal – e os sapatos eram muito parecidos com os que já tinha, sem as partes gastas, o que significava que devia precisar de um par de sapatos novos. A forma como Lily soubera era uma coisa que o ultrapassava, mas há muito que deixara de se surpreender com as coisas que ela fazia.

Na cozinha, passou um cheque para Evan, pegou nas chaves e apagou as luzes enquanto se dirigia para a porta. Deu a volta à casa e subiu as escadas, reparando que a porta dos amigos tinha ficado encostada. Abriu-a e viu Lily e Evan na cozinha, cada um com um copo de vinho na mão. Sorridente, Lily pousou o seu na bancada.

– Como estás lindo – declarou enquanto se aproximava. Inclinou-se e beijou-o na face. – A cor é perfeita para ti e tenho a certeza de que a Maria vai achar que estás um borracho.

– Obrigado – disse Colin.

– Foi um prazer. E espero que te recordes de tudo o que treinámos. Presumo que ensaiaste os passos hoje?

– Hoje, não.

– Que diabo é que andaste a fazer?

– Fui ao ginásio.

– Claro que foste – disse ela, sem esconder o desapontamento. – Tu tens mesmo de aprender a estabelecer prioridades, e não posso deixar-te ir embora sem ter a certeza de que não te esqueceste de nada do que precisas de saber.

– Tenho a certeza de que vai correr tudo bem. E tenho de ir buscá-la daqui a alguns minutos.

– Então teremos de ser rápidos. Evan? – chamou. – Queres fazer o favor de pôr uma música?

– Claro – disse ele. Pegou no telemóvel e premiu alguns botões enquanto se aproximava. – Por acaso, tenho uma aqui.

Era óbvio que Lily planeara tudo. Pegou na mão de Colin.

– Mostra-me um pouco de tudo, está bem? A toda a velocidade.

Colin obedeceu antes de, por fim, se afastar de Lily.

– É suficientemente bom?

– Vais deslumbrá-la. – Lily piscou-lhe o olho. – Como aconteceu com as flores.

– E sabes que mais vai deslumbrá-la? – perguntou Evan. Quando Colin se voltou para ele, percebeu que o amigo estava a pensar em coisas sérias. – Primeiro, o teu carro pega e depois não vais acabar na cadeia.



Colin mal tinha acabado de bater quando Maria abriu a porta. Durante um longo momento, ele só conseguiu olhar. A blusa acentuava as suas curvas e a saia chegava apenas a meio da coxa; as sandálias de salto alto tornavam-na quase tão alta como ele. Com um pouco de rímel e *bâton*, não se parecia nada com a executiva com quem almoçara dois dias antes, e também não se parecia com a mulher bronzeada na prancha de *paddleboard*. Parado à frente dela, não conseguiu decidir de qual das versões mais gostava, se bem que tivesse de admitir que esta era deslumbrante.

– Chegaste à hora marcada – disse ela, beijando-o na face. – Estou impressionada.

Ele levou as mãos às ancas dela num gesto automático.

– Estás linda – murmurou. De perto, sentiu o cheiro do seu perfume, um aroma floral e discreto. Perfeito.

– Obrigada – disse ela. Bateu-lhe no peito. – Gosto da camisa.

– É nova.

– Sim? Para esta noite?

– Pode dizer-se que sim.

– Sinto-me especial – disse ela. – E devo dizer que ficas muito bem quando te arranjas.

– Às vezes – admitiu ele. – Estás pronta para ir?

– Deixa-me só ir buscar a carteira e estou pronta. Onde é que vamos?

– The Pilot House.

– Uau... adoro esse restaurante. A comida é fabulosa.

– Foi o que me disseram. A Lily recomendou-o.

– Então é óbvio que ela tem bom gosto.

O restaurante não ficava longe, mas Colin conduziu devagar, com os vidros abertos, e os dois desfrutaram o brilho tremeluzente das estrelas que salpicavam o céu e de uma brisa com intensidade suficiente para apagar o calor do dia.

Perto do rio, Colin saiu de Market Street e entrou no parque de estacionamento do restaurante. Contornou o carro para abrir a porta de Maria, deu-lhe a mão e conduziu-a até à entrada. No interior, ficou surpreendido ao reparar que era menos formal do que esperava – um lugar simples e despretensioso, com mesas brancas e uma vista magnífica. O restaurante estava cheio, com pessoas amontoadas perto do bar enquanto esperavam por mesas no interior e no exterior. Depois de falar com a rececionista, seguiu-a a ela e a Maria para uma mesa de canto com uma vista arrebatadora do rio Cape Fear. O luar espalhava-se na superfície, que se movia lentamente, formando uma veia líquida de luz entre as margens negras como carvão. Enquanto Maria olhava para a água, Colin delineou mentalmente os contornos graciosos do seu perfil, vendo o cabelo ser levantado pela brisa. Como é que ela se tornara tão importante para si em tão pouco tempo?

Como se pressentisse os seus pensamentos, ela olhou-o e esboçou um leve sorriso antes de estender as mãos sobre a mesa. Colin pegou nelas, maravilhando-se com a sua suavidade e calor.

– Está uma noite maravilhosa, não achas? – perguntou ela.

– Maravilhosa – respondeu ele, mas soube que estava a referir-se a ela. Sentado à sua frente, teve a estranha sensação de que estava a viver a vida abençoada de outra pessoa qualquer, uma pessoa mais merecedora do que ele. E, no fim do jantar, depois de todos os pratos terem sido retirados da mesa, os copos de vinho estarem vazios e as velas quase gastas, percebeu que passara a vida inteira à procura de

Maria e que só há pouco tempo tivera a sorte de a encontrar.

CAPÍTULO 12



Maria

O armazém situava-se num bairro degradado nos arredores da cidade, e o único indício de que servia um objetivo diferente de todos os outros armazéns abandonados nas redondezas eram os muitos carros estacionados ao acaso na extremidade mais afastada do edifício, onde não podiam ser vistos da estrada principal.

Não que o seu aspeto duvidoso parecesse importar. Para além da multidão que já se encontrava no interior, uma longa fila de pessoas – quase todos homens – esperava para entrar. Muitos transportavam geleiras, sem dúvida cheias de bebidas alcoólicas; outros bebiam cerveja ou bebiam de copos de plástico enquanto avançavam a passo de caracol para a entrada e para a música alta do interior do espaço. A menos que estivessem acompanhadas, as miúdas não tinham de esperar na fila, e Maria viu vários grupos de raparigas avançarem alegremente para a porta vestidas com *tops* justos, saias curtas e saltos altos, ignorando o passeio cheio de lixo, os assobios e os piropos.

Apesar de ser o único homem branco na fila, Colin parecia descontraído, e assimilava tudo com muita calma. Quando chegaram à porta, foram recebidos por um homem forte de óculos escuros que cobrava as entradas. O segurança olhou Colin de cima a baixo – sem dúvida a tentar perceber se era polícia – e fez o mesmo a Maria antes de aceitar com relutância as notas que Colin lhe estendia e acenar para a porta.

No interior, viram uma massa compacta de corpos ondulantes e, com a música altíssima, o espaço tremia com uma energia vibrante e quase descontrolada. Ninguém parecia importar-se com o chão de betão manchado de óleo, com a falta de decoração ou a iluminação industrial; os homens estavam aglomerados à volta das suas geleiras, a beber e a gritar para se fazerem ouvir acima da música, a tentar chamar a atenção de todas as miúdas que passavam por eles. Como na maioria das discotecas, os homens estavam claramente em maior número que as mulheres, e a maioria parecia estar na casa dos vinte e dos trinta. Maria presumiu que a vasta maioria eram pessoas que trabalhavam e tinham saído para se divertir numa noite de sábado. Como Serena dissera, também havia alguns tipos com um aspeto muito assustador, com tatuagens e bandanas que representavam vários gangues e com calças largas que podiam esconder uma arma com grande facilidade. Regra geral, aquilo deixá-la-ia nervosa, mas o ambiente parecia sugerir que quase todos estavam apenas interessados em divertir-se. Ainda assim, deu por si a procurar possíveis saídas no caso de haver algum problema.

Ao seu lado, Colin também estava a observar o local e inclinou-se para ela.

– Queres ir para mais perto da música?

Ela assentiu com a cabeça e Colin começou a levá-la para o meio do armazém. Espremeram-se pelo meio da multidão, tendo o cuidado de não chocar com muita força contra ninguém, e dirigiram-se devagar

para a zona de dança na outra extremidade do edifício, com a música a ouvir-se ainda mais alta. Enquanto avançavam, alguns tipos tentaram chamar a atenção de Maria – perguntando-lhe o nome, comentando a sua beleza a até tentando apalpar-lhe o traseiro –, mas, receando dar a Colin motivos para um eventual confronto, ela limitou-se a fuzilá-los com o olhar.

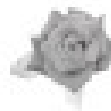
A pista de dança estava separada do resto do armazém por uma barreira improvisada com traves pregadas umas nas outras e presas a tambores metálicos. À frente deles, em paletes empilhadas contra a parede do fundo, o DJ punha música com o equipamento colocado numa mesa dobrável. Dos dois lados, viam-se duas colunas do tamanho de frigoríficos. A música estava suficientemente alta para fazer o peito de Maria vibrar violentamente. Na pista, viu casais moverem-se e rodopiarem, e foi inundada por uma torrente de recordações de um tempo em que a vida parecia mais despreocupada.

Inclinou-se mais para Colin e sentiu o cheiro da água-de-colónia que ele devia ter posto mais cedo.

– Tens a certeza de que estás pronto para isto?

– Sim – disse ele, passando para o outro lado da barreira.

No instante seguinte, ficaram rodeados de casais. Ela preparava-se para lhe explicar o que devia fazer quando, de repente, ele lhe pegou na mão direita com a esquerda e pousou a mão direita na sua omoplata esquerda. E depois começou a conduzi-la, e os seus passos moveram-se em uníssono com os dela ao ritmo da música. Maria abriu muito os olhos e, quando ele a conduziu por uma volta executada na perfeição, seguida quase imediatamente de uma segunda, ficou demasiado chocada para dizer fosse o que fosse. Colin limitou-se a erguer as sobrancelhas, divertido, e ela soltou uma gargalhada. E, a pouco e pouco, enquanto as músicas se iam sucedendo umas às outras, sentiu que começava a soltar-se, perdendo-se na música, e nele.



Já passava da meia-noite quando saíram do armazém cheio de gente e se dirigiram para o apartamento de Maria. Nenhum deles falou muito. Ambos se sentiam quentes e um pouco agitados enquanto seguiam pelas ruas tranquilas. Como acontecera durante grande parte das últimas horas, Colin dava-lhe a mão, e o movimento do polegar dele contra a sua pele fazia-a vibrar. Quando se aproximaram da sua casa, Maria imaginou o que poderia acontecer se o convidasse para subir, e os seus pensamentos assustaram-na e excitaram-na. Não se conheciam há tempo suficiente e ela não sabia se estava preparada... mas tinha de admitir que queria que ele subisse. Queria que a noite continuasse com ele; queria que ele a beijasse de novo e a abraçasse. Apesar das emoções contraditórias, indicou-lhe a zona de estacionamento nas traseiras do prédio.

Depois de trancar o carro, subiram as escadas lado a lado, ambos calados. Quando chegaram à porta, Maria atrapalhou-se com as chaves e as mãos tremeram-lhe de uma forma quase impercetível quando abriu a porta. Depois entrou e atravessou a sala de estar, acendendo o candeeiro perto do sofá, mas quando se voltou percebeu que Colin parara à entrada. Ele parecia perceber a sua confusão e estava a dar-lhe uma oportunidade para acabar o encontro nesse momento, antes que fosse longe de mais. Porém, algo se tinha apoderado dela e, prendendo uma madeixa de cabelo rebelde atrás da orelha, sorriu.

– Entra – disse, e a sua voz soou rouca e desconhecida aos seus ouvidos. Colin fechou a porta devagar e observou a sala de estar com chão de pinho escuro e sancas no teto, e portas envidraçadas que se abriam para uma pequena varanda. Embora suspeitasse que ele não se teria importado, de repente ficou contente por ter passado a manhã a arrumar, indo ao ponto de bater as almofadas decorativas no sofá para elas ficarem mais fofas.

– Tens uma casa linda.

– Obrigada.

Colin aproximou-se mais para examinar as fotografias emolduradas por cima do sofá e perguntou:

– Foste tu que tiraste estas fotografias?

Ela assentiu com a cabeça.

– No princípio do verão.

Ele observou as imagens em silêncio – em especial, o grande plano da águia-pesqueira a prender um peixe nas garras, rodeada por gotículas de água.

– És muito boa – disse ele, visivelmente impressionado.

– Não fazes ideia de quantas fotografias más tirei para conseguir estas, mas agradeço. – Perto dele, sentia o calor que ainda irradiava do seu corpo. – Queres beber alguma coisa? Tenho uma garrafa de vinho no frigorífico.

– Talvez meio copo. Nunca fui grande apreciador de vinho. E se tiveres água, também agradecia.

Deixando-o na sala, Maria foi para a cozinha e tirou dois copos de vinho do armário. No frigorífico havia uma garrafa que abrira na noite anterior. Serviu dois copos e bebeu um gole antes de pegar noutro copo para a água dele.

– Queres gelo?

– Claro, se não for muito incómodo.

– Acho que consigo tirar gelo.

Estendeu-lhe o copo com água e viu-o bebê-lo todo. Pegou no copo vazio e pousou-o na ilha da cozinha antes de apontar para as portas envidraçadas.

– Vamos para a varanda? Apetece-me apanhar um pouco de ar fresco.

– Parece boa ideia – concordou ele, pegando no seu copo de vinho. Maria abriu as portas e saíram para a varanda. Sentiu o ar frio na pele, uma neblina que começava a misturar-se com a brisa. Havia pouco trânsito e os passeios estavam desertos. Os candeeiros de iluminação pública emitiam um brilho amarelo e ouviam-se os ténues acordes de música *pop* dos anos 80 vinda do bar da esquina.

Ele apontou para as cadeiras de baloiço no canto.

– Alguma vez te sentas aqui fora?

– Não o suficiente. O que é um bocado triste, porque a varanda foi uma das razões pelas quais comprei o apartamento. Penso que estava convencida de que viria descansar para aqui depois do trabalho, mas não costuma acontecer. A maioria das noites, como alguma coisa rápida e fico sentada à mesa ou na secretária do quarto de hóspedes com o meu *MacBook*. – Encolheu os ombros. – Toda aquela coisa de tentar ser bem-sucedida, mas já falámos sobre isso.

– Já falámos sobre muitas coisas.

– Isso quer dizer que já estás a ficar cansado de mim?

Ele voltou-se para ela e os seus olhos refletiram a luz noturna.

– Não.

– Sabes o que acho interessante em ti? – Colin esperou sem falar. – Não sentes que tens de explicar sempre o teu raciocínio quando respondes a perguntas. Vais direto ao assunto. Só dás explicações quando te pedem. És um homem de muito poucas palavras.

– OK.

– É isso mesmo que quero dizer! – brincou ela. – Mas agora deixaste-me curiosa. Porque é que não aprofundas a não ser que te peçam especificamente?

– Porque é mais fácil. E demora menos tempo.

– Não achas que incluir outras pessoas no teu processo de pensamento as ajuda a compreender-te

melhor?

– Isso presume que elas querem compreender-me melhor. E, se quiserem, pedem-me para explicar e eu explico.

– E se não pedirem?

– O mais certo é não se interessarem pelo meu raciocínio. Só querem saber a resposta. Comigo é assim. Se pergunto as horas a alguém, não quero saber quem lhe deu o relógio, ou quanto custou, ou se foi um presente de Natal. Só quero saber as horas.

– Não estou a referir-me a isso. Estou a referir-me a tentar conhecer uma pessoa. Fazer conversa.

– Eu também. Mas nem todas as pessoas precisam... ou querem... saber porque é que sentes o que sentes em relação a alguma coisa. É melhor guardarmos algumas coisas só para nós.

– Como assim? Não foste tu que me contaste a história da tua vida naquela primeira noite na praia?

– Tu fizeste perguntas e eu respondi.

– E pensas que isso resulta?

– Para nós, resultou. Não temos problemas de comunicação.

– Mas isso é porque eu faço muitas perguntas.

– Sim.

– Ainda bem que faço. Senão, acabaríamos como alguns daqueles casais mais velhos que vejo nos cafés e que não trocam uma única palavra enquanto tomam o pequeno-almoço. Claro que isso deve ser fácil para ti. Imagino-te facilmente a passar um dia inteiro sem falar com ninguém.

– Às vezes acontece.

– Isso não é normal.

– OK.

Ela bebeu um gole de vinho e acenou com uma mão.

– Mais pormenores, por favor.

– Não sei qual é o verdadeiro significado de normal. Acho que todos têm a sua própria definição, que é determinada pela cultura, pela família e amigos, pela personalidade e experiência, por acontecimentos e mil outras coisas. O que é normal para uma pessoa não é normal para outra. Para algumas pessoas, é uma loucura saltar de aviões. Para outras, é uma coisa sem a qual não vale a pena viver.

Ela assentiu com a cabeça, reconhecendo que ele tinha razão. No entanto...

– Está bem. Sem que eu te faça uma pergunta primeiro, quero que digas o que realmente sentes em relação a alguma coisa. Uma coisa inesperada e completamente diferente dos assuntos que costumamos abordar. Uma coisa que eu não espere ouvir de ti. E depois aprofunda, sem que eu tenha de te fazer uma única pergunta.

– Porquê?

– Faz-me a vontade – disse ela, acotovelando-o. – Só para me agradar.

Ele rodou o copo de vinho com os dedos antes de erguer os olhos para os dela.

– Tu és surpreendente. És inteligente e linda, e devia ser fácil para ti conheceres uma pessoa que não tem o meu passado, que não cometeu os erros que eu cometi... Na verdade, faz-me perguntar o que estou aqui a fazer ou por que razão me convidaste. Uma parte de mim pensa que isto é bom de mais para ser verdade e que tudo se vai desmoronar, mas, mesmo que isso aconteça, não alterará o facto de que já acrescentaste alguma coisa à minha vida, uma coisa que eu nem sequer tinha percebido que me faltava. – Colin fez uma pausa. Quando falou de novo, o seu tom foi sereno. – Tens vindo a significar mais para mim do que acho que te apercebes. Antes de tu apareceres, eu tinha o Evan e a Lily e pensava que bastava. Mas não basta. Já não. Desde o fim de semana passado, já não basta. Estar contigo faz-me sentir vulnerável de novo e não me sentia vulnerável desde criança. Não posso dizer que me agrade sempre,

mas a alternativa seria pior porque significaria que não voltaria a ver-te.

Maria percebeu que estivera a conter a respiração; quando ele terminou, sentiu-se quase tonta, esmagada pela sua resposta, e tentou acalmar-se.

Por outro lado, Colin continuava a respirar a sua confiança fácil e foi isso, mais do que outra coisa qualquer, que a ajudou a recuperar o equilíbrio.

– Não sei bem o que dizer – admitiu ela.

– Não tens de dizer nada. Eu não disse isto porque queria uma resposta. Disse porque quis.

Ela prendeu o pé do copo com as duas mãos.

– Posso fazer-te uma pergunta? – inquiriu com timidez. – Sobre outra coisa?

– Claro.

– Porque é que fingiste que não sabias nada sobre salsa?

– Quando falámos sobre o assunto, não sabia. A Lily passou a semana a dar-me aulas. Era o que estava a fazer nas noites de quinta e sexta-feira.

– Aprendeste a dançar salsa para mim?

– Sim.

Ela virou-se e bebeu um gole de vinho enquanto tentava disfarçar a surpresa.

– Obrigada. E acho que também devia agradecer à Lily.

Ele esboçou um sorriso fugaz.

– Não te importas que vá encher o copo de água? Ainda tenho um pouco de sede.

– Claro que não.

Colin afastou-se e Maria abanou a cabeça, perguntando a si mesma se alguma vez deixaria de ser surpreendida por ele.

Luis nunca lhe falara como Colin acabara de falar. Encostada à balaustrada, de repente não conseguiu lembrar-se do que vira nele. À superfície, era atraente e inteligente, mas no fundo era arrogante e vaidoso. Ela costumava arranjar desculpas para o comportamento dele, e se alguém questionava os seus sentimentos reagia de uma forma defensiva. Olhando para trás, reconheceu que queria desesperadamente a aprovação de Luis e que ele não só se apercebia disso como se aproveitava com frequência. Maria sabia que não era uma relação saudável e quando tentou imaginá-lo a comportar-se como Colin – telefonando-lhe, oferecendo-lhe flores, aprendendo a dançar – não conseguiu. E, apesar de tudo isso, amara Luis com uma intensidade que por vezes ainda conseguia sentir.

Antes, enquanto dançava com Colin, pensara que a noite não poderia melhorar. E depois, de repente, melhorara. Ouvi-lo expressar os seus sentimentos sem medo nem arrependimento deixou-a sem palavras. Perguntou a si mesma se seria capaz de uma coisa dessas. Provavelmente não, mas Colin não era como a maioria das pessoas. Aceitava-se, com defeitos e tudo, e perdoara-se pelos erros que cometera. Mais do que isso, parecia viver o presente sem se preocupar com o passado nem com o futuro.

A maior revelação foi a intensidade com que Colin vivia as suas emoções, talvez de uma forma ainda mais intensa do que ela. Ao observá-lo durante o jantar e na pista de dança, e ao ouvir as suas palavras agora, percebeu que, se ainda não estava apaixonado por ela, faltava muito pouco. Como ela, estava disposto a render-se ao inevitável, uma ideia que fez as suas mãos tremer. Quando Colin entrou na varanda atrás dela, Maria respirou fundo e saboreou a onda de desejo que a invadiu. Ele inclinou-se na balaustrada ao seu lado e, enquanto as respirações de ambos se acertavam num ritmo constante, ela bebeu mais um gole de vinho e o calor desceu-lhe pela garganta, alastrando-se pela barriga e membros.

Maria estudou o seu rosto de perfil e pensou uma vez mais na forma como a sua calma exterior envolvia as emoções que se retraíam dentro de si como molas, e de repente imaginou como seria Colin nu sobre si, com os lábios a tocar ao de leve nos seus, enquanto se entregavam um ao outro. Sentiu um

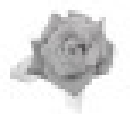
aperto no estômago, e a boca curvar-se num leve sorriso.

– Há pouco estavas a falar a sério?

Ele não respondeu logo. Em vez disso, baixou a cabeça antes de se voltar para ela.

– Todas as palavras que disse foram a sério.

Sentindo uma torrente de emoções no corpo, Maria aproximou-se mais e beijou-o suavemente nos lábios. Eram macios e quentes, e quando se afastou viu na expressão dele uma coisa que parecia esperança. Beijou-o uma segunda vez e sentiu que a pele começava a ganhar vida quando ele a abraçou. Ele apertou-a com suavidade, juntando os dois corpos, e naquele instante começou a perder-se nele. Sentiu a força do seu peito e dos braços que a rodeavam e a quente urgência da sua língua e soube com uma feroz certeza que precisava de Colin, por inteiro. Continuaram a beijar-se na varanda sob um céu nebuloso e cheio de estrelas até que ela lhe pegou na mão. Os dedos de ambos entrelaçaram-se e ele beijou-lhe a nuca, uma sensação eletrizante e erótica. Maria estremeceu e saboreou a sensação antes de o levar em silêncio para o quarto.



Momentos depois de acordar na manhã seguinte, Maria sentiu o brilho do sol do princípio do outono, e as recordações da noite voltaram em catadupa. Virou-se e viu Colin deitado de lado, apenas meio tapado pelo lençol, já acordado e desperto.

– Bom dia – sussurrou ele.

– Bom dia – disse Maria. – Há quanto tempo estás acordado?

– Há cerca de uma hora.

– Porque é que não voltaste a dormir?

– Não estava cansado. E, além disso, gostei de ficar a ver-te.

– Isso tem potencial para parecer muito sinistro, sabias?

– OK.

Ela sorriu.

– Bem, como estiveste a observar-me, espero não ter feito nada embaraçoso nem nenhum ruído estranho.

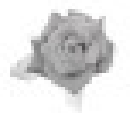
– Não fizeste. Só estiveste aí deitada, sensual como tudo.

– O meu cabelo está despenteado e tenho de lavar os dentes.

– Agora?

– Porquê? O que é que tinhas em mente?

Ele aproximou-se dela, usando o dedo para contornar a sua clavícula, e depois disso não foram precisas mais palavras.



Mais tarde, tomaram duche juntos e vestiram-se. Maria secou o cabelo e maquilhou-se e Colin encostou-se ao lavatório ao seu lado, a beber uma caneca de café.

– Vamos a algum lugar? – perguntou ele.

– *Brunch*. Com os meus pais.

– Parece boa ideia. Mas vou ter de mudar de roupa primeiro. A que horas?

- Onze.
- Suponho que não vamos juntos.
- É capaz de não ser boa ideia. Vai ser bastante difícil prepará-los para a tua visita. Porque desta vez eles vão fazer muitas perguntas.
- OK.
- Maria pousou a escova do rímel e pegou-lhe na mão.
- Isso incomoda-te? Ou assusta-te?
- Não.
- Bem, devo dizer que a mim assusta e bem – reconheceu ela, voltando à maquilhagem. – Na verdade, é uma coisa aterradora.
- Ele bebeu um gole de café.
- O que é que vais dizer-lhes sobre mim?
- Com sorte, o mínimo possível. Quaisquer pormenores só vão levar a mais perguntas a que deves ser tu a responder, não eu.
- O que é que esperas que aconteça hoje?
- Que a minha mãe aguentar o tempo todo sem chorar e que o meu pai não exija que saias lá de casa.
- Não é uma fasquia muito alta.
- Acredita quando te digo que é mais alta do que pensas.

CAPÍTULO 13



Colin

Colin parou junto à casa dos pais de Maria pouco antes das onze. Não fazia ideia de como correria a conversa dela com os pais e, enquanto saía do carro, pensou que não valia a pena especular, pois saberia daí a pouco.

Se Lily estivesse em casa, ter-lhe-ia perguntado o que devia levar para um *brunch* em família, mas ela e Evan já estavam na igreja quando voltara para casa e, afinal de contas, talvez não tivesse adiantado muito. Como todas as pessoas, eles iam formar as suas opiniões, e um cesto com *muffins* não contribuiria em nada para as alterar.

No entanto, enquanto se aproximava da porta, esperou que Maria estivesse bem. Mais cedo, a caminho de casa, não conseguira deixar de pensar nela, uma série de imagens a dar lugar a outra, cada uma mais arrebatadora do que a anterior. Era a primeira vez que lhe acontecia, *ela* era uma primeira vez, e respirou fundo, lembrando a si mesmo que, embora não pretendesse fugir a nenhuma pergunta, as suas respostas poderiam ser dadas de muitas formas diferentes sem deixarem de ser sinceras.

Bateu à porta e ela abriu-se quase de imediato, revelando Serena. Reparou de novo no quanto ela se parecia com a irmã mais velha, embora parecesse mais tensa do que era costume, o que não devia ser um bom sinal.

– Olá, Colin – disse ela, desviando-se para o deixar entrar. – Vi-te chegar. Entra.

– Obrigado. Como correu o teu jantar ontem?

– Fantástico – respondeu ela. – Mas devia ser eu a perguntar-te isso a ti.

– Divertimo-nos.

– Tenho a certeza. – Serena piscou-lhe o olho. – A Maria está na cozinha com a mãe – disse, fechando a porta depois de ele entrar. – E estou espantada por teres conseguido que ela fosse dançar.

– Porquê?

– Se não sabes, acho que tens de passar ainda mais tempo com ela – respondeu Serena. – Vou dar-te um bom conselho... se estivesse no teu lugar, não contaria muitos pormenores sobre a noite de ontem, especialmente alguma coisa que possa ter acontecido depois das danças. As coisas já estão um bocado tensas por aqui. Tenho um palpite que os meus pais pensam que tu és um terrorista.

– OK.

– Posso estar a exagerar, mas quem sabe? – tagarelou. – Quando cheguei, eles já tinham acabado de falar e os meus pais mal me cumprimentaram. E posso dizer-te que o meu pai não estava a sorrir e a minha mãe não parava de fazer o sinal da cruz, apesar de o jantar de ontem com o diretor da fundação ter corrido muito bem... não que os meus pequenos desafios tenham importância neste momento. De qualquer

maneira, decidi que seria melhor esperar por ti na sala de estar.

Nessa altura chegaram à cozinha, onde ele viu Maria parada a fritar alguma coisa numa frigideira enquanto a mãe tirava uma pequena assadeira do forno. O ar cheirava a *bacon* e canela.

– O Colin chegou – disse Serena.

Maria voltou-se e ele reparou que ela usava um avental.

– Olá, Colin – disse, num tom de voz tenso. – Lembras-te da minha mãe, certo?

Carmen esboçou um sorriso forçado e, embora Colin pudesse estar a imaginar, parecia mais pálida do que alguns dias antes.

– Bom dia, Sr.^a Sanchez – disse ele, pensando que um pouco de formalidade era capaz de ser uma boa aposta.

– Bom dia. – Ela acenou, sem dúvida incomodada, e concentrou-se de novo na assadeira, pousando-a numa grelha metálica em cima da bancada.

Serena inclinou-se para ele.

– A minha mãe decidiu fazer um pequeno-almoço americano só para ti – sussurrou. – *Bacon* e ovos, pão frito, pãozinhos de canela. É claro que isso foi antes de a Maria lhe contar a tua história.

Maria tirou duas tiras de *bacon* da frigideira e pousou-as num prato com papel absorvente ao lado do fogão.

– Ei, Serena? Queres ocupar o meu lugar durante um segundo?

– Com todo o prazer – disse Serena alegremente. – Mas só se usar o avental fixe.

Maria começou a dirigir-se para eles, tirando o avental e passando-o a Serena como se fosse normal trocarem de lugar. Nesta cozinha, Colin presumiu que fosse. Serena começou a conversar com a mãe em espanhol enquanto apertava o avental.

De perto, Colin detetou tensão nos movimentos de Maria. Ela deu-lhe um beijo rápido na face, tendo o cuidado de manter alguma distância entre ambos.

– Foi difícil encontrar a casa?

– Google – respondeu ele. Olhando por cima do ombro, foi impossível não perceber a forma como Carmen tinha a testa levemente franzida. Sabia que não devia fazer perguntas sobre o que acontecera antes; por isso, manteve-se em silêncio. Maria baixou a voz e o seu rosto encheu-se de preocupação.

– Não te importas de falar com o meu pai antes de comermos?

– Está bem.

– E, hum... – Calou-se.

– É o teu pai – disse ele. – Não vou esquecer.

Ela acenou com a cabeça num movimento quase impercetível.

– Vou ficar aqui para ajudar a minha mãe na cozinha – disse ela. – O meu pai está sentado à mesa no alpendre das traseiras. Queres café?

– Estou bem – respondeu Colin.

– Água?

– Estou bem – repetiu.

– Está bem... – Ela recuou um passo. – Então, acho que é melhor voltar para a cozinha.

Colin ficou a vê-la recuar, passando por um frigorífico decorado com dúzias de fotografias, cartas e outras recordações, antes de se virar. Dirigiu-se para a porta de correr e Felix virou-se na sua direção no momento em que a abriu. Havia na sua expressão menos ira do que ele previa, embora o choque e desapontamento fossem evidentes, bem como um antagonismo óbvio. No seu colo, uma cadelinha branca dormia.

Colin fechou a porta e dirigiu-se para Felix com um olhar firme. Aproximou-se da mesa e estendeu-lhe

a mão.

– Bom dia, Sr. Sanchez. A Maria disse-me que quer falar comigo.

Felix olhou para a mão antes de oferecer a sua com relutância. Colin manteve-se de pé, à espera que ele o convidasse para se sentar à mesa. Felix acabou por apontar para uma cadeira e Colin sentou-se, apertando as mãos uma na outra e pousando-as à sua frente, sempre calado. Não adiantava tentar fazer conversa de circunstância ou fingir que não sabia o que Felix queria discutir.

Felix não tinha pressa em falar e observou-o demoradamente.

– A Maria disse que teve problemas com a lei – começou, por fim. – É verdade?

– Sim – respondeu Colin. Durante a meia hora seguinte, toda a história foi sendo conhecida a pouco e pouco, como acontecera com Maria naquela primeira noite na praia. Ele não adoçou o seu passado nem tentou enganar Felix; era quem era. Como acontecera com Maria, o choque de Felix foi grande em alguns momentos, e ele pedia mais esclarecimentos; quando Colin lhe contou o que acontecera no primeiro colégio militar que frequentara, pensou ver um clarão de súbita compreensão. Quando terminou, Felix estava menos enervado do que quando fora ter com ele ao alpendre, mas também era evidente que precisava de tempo para pensar sobre o que acabara de saber. E não era de admirar. Felix era pai e Maria era a sua filha, e havia um limite para o que podia tolerar.

– Afirma que mudou e eu gostaria de acreditar em si, mas não sei se devo.

– OK. – Colin assentiu com a cabeça.

– E se for preso de novo?

– Não pretendo ser.

– O problema é esse. As pessoas raramente pretendem que isso aconteça.

Colin não disse nada. No fundo, não havia nada para dizer.

Felix continuou a fazer festas à cadelinha, e depois falou:

– Se for preso, o que é que vai acontecer?

– Não vou vê-la. Acabo tudo. A pior coisa seria ela pensar que devia esperar.

Passado um momento, Felix acenou com a cabeça, satisfeito, mas ainda sem saber se acreditava.

– Se alguma vez magoar a minha filha ou a puser em perigo...

Não terminou, e não precisava de terminar. Colin sabia o que Felix queria ouvir e, uma vez que era verdade, não teve qualquer problema em dizê-lo.

– Não vai acontecer.

– Tenho a sua palavra.

– Sim.

Nesse momento, Maria espreitou à porta, sem dúvida nervosa mas também aliviada por não ter ouvido gritos.

– Já estão a terminar? O *brunch* está pronto.

Felix expirou.

– Já terminámos – disse. – Vamos comer.



No final da refeição, Serena e os pais começaram a levantar a mesa enquanto Maria ficava com Colin.

– O que é que lhe disseste? – perguntou Maria.

– A verdade – respondeu Colin.

– Toda?

– Sim.

Maria pareceu desconcertada.

– Então correu muito melhor do que eu imaginei que correria.

Maria tinha razão – o *brunch* tinha sido relativamente agradável, com Serena a tagarelar sobre a bolsa de estudo, a contar histórias sobre Steve e as brincadeiras dos seus inúmeros amigos. Felix e Carmen faziam algumas perguntas, e até tinham lançado algumas a Colin, embora todas sobre o trabalho ou os estudos. Quando ele mencionou as AMM, pareceu-lhe que Carmen empalidecera um pouco.

– No entanto... – disse Maria. – Acho que tinhas razão. Foi melhor deixar tudo claro desde o princípio.

Às vezes, pensou Colin. *Nem sempre*. Felix fora cordial, mas não havia qualquer evidência de afeto ou confiança, e as duas coisas demorariam tempo a ser conquistadas, se é que chegassem a ser. No entanto, não disse nada. Em vez disso, dirigiu-se para a porta.

– Queres ir fazer *paddleboard* mais tarde? – perguntou.

– Que tal fazermos uma coisa diferente. Tipo... andar de mota de água? Podemos alugá-las na praia. Soa-te bem?

Ele recordou de novo Maria em biquíni.

– Na verdade, é uma ideia fantástica.



Encontraram-se mais tarde na praia de Wrightsville e passaram duas horas a andar de mota de água antes de Colin ir para casa para fazer um treino rápido. Fizeram o jantar em casa de Maria e depois, como na noite anterior, passaram as horas seguintes nos braços um do outro.

A segunda-feira de manhã chegou depressa de mais, mas passaram o máximo de tempo possível juntos nessa semana. Colin almoçou duas vezes com Maria e na quarta-feira ela passou o serão no Crabby Pete's, a beber uma *Diet Pepsi* e a fazer um trabalho jurídico para Barney com o *MacBook* pousado no balcão à sua frente. À parte os turnos e aulas dele, algumas horas para treinar e *brunch* em família, passaram quase todos os minutos juntos, e foram ao mercado de produtores e ao aquário, coisas que Colin nunca pensara fazer antes.

Durante todo esse tempo, tentou apenas aceitar o que sentia por ela. Não pensava no assunto, não se preocupava e não compreendia. Mas gostava do que sentia quando ela se ria, da sua sensualidade quando franzia as sobrancelhas, concentrada; agradava-lhe o toque da mão dela na sua quando andavam e conversavam, conversas que iam do sério ao disparatado.

No domingo à noite, na cama depois de fazerem amor, Maria estava deitada de barriga para baixo a comer uvas, com os joelhos fletidos e os pés no ar. Colin não conseguia despregar os olhos dela e contemplou-a até que ela lhe atirou uma uva, brincalhona.

– Para de olhar. Estás a deixar-me inibida.

Ele pegou na uva e pô-la na boca.

– Porquê?

– Porque sou católica e não somos casados, talvez?

Ele riu-se.

– A tua mãe perguntou-te se eu era católico, não perguntou? Da primeira vez que almoçámos juntos?

– Tu percebes espanhol?

– Nem por isso. Tive a disciplina quando andava no liceu e passei à justa, mas ouvi o meu nome e a palavra *católico* quando ela estava ao pé da mesa. Não foi muito difícil traduzir. Mas sim – continuou. –

Fui educado na religião católica. Fui batizado e fiz o Crisma, fiz tudo o que havia para fazer. No entanto, deixei de ir à missa quando fui mandado para o colégio, por isso não sei muito bem o que sou agora.

– Ainda assim, ela vai ficar feliz.

– Ótimo.

– Como é que fizeste o Crisma se deixaste de ir à missa?

– Um donativo, talvez. E deve ter sido dos grandes, porque o padre fez-me um curso intensivo um verão e, embora eu não tenha feito nada, no ano seguinte deixaram-me fazer o Crisma.

– Isso é uma espécie de batota.

– Não é uma espécie de batota. É batota *pura*. A vantagem foi que recebi um *kart*, por isso foi bastante fixe.

– Um *kart*?

– Era isso, ou não fazia. Mas não me adiantou nada. Espatifei-o algumas semanas depois e recusei-me a falar com os meus pais durante o resto do verão porque eles não me compraram um novo.

– Lindo – disse ela num tom sarcástico.

– Nunca escondi que tenho problemas.

– Eu sei isso. – Maria sorriu. – Mas às vezes gostaria que me surpreendesses pela positiva quando falas sobre o teu passado.

Ele pensou.

– Uma vez, dei uma tarefa a um ex-namorado da minha irmã. Isso conta? Porque ele era um cretino do pior?

– Não – disse ela –, isso não conta.

Colin sorriu.

– Queres almoçar amanhã?

– Adoraria, mas já prometi à Jill. Ela mandou-me uma mensagem de texto há pouco e eu esqueci-me de te dizer. No entanto, aceito um jantar tardio.

– Não posso – disse ele. – Tenho de trabalhar.

– Estás a dizer que talvez não nos vejamos amanhã? O que é que vou fazer?

Talvez fosse o seu tom de brincadeira, ou o facto de um longo e maravilhoso fim de semana estar a chegar ao fim, mas ele não respondeu. Ficou a contemplá-la, reparando nas curvas sensuais do seu corpo, perfeitas em quase todos os sentidos.

– Tu és incrivelmente bela – sussurrou.

Um leve sorriso pairou nos lábios de Maria, sedutor e encantador.

– Sim?

– Sim – repetiu ele, e enquanto continuava a olhá-la não conseguiu afastar a sensação de que uma longa viagem estava a chegar ao fim. Sabia o que isso significava e, apesar de a sensação ser inimaginável um mês antes, não havia maneira de a negar. Aproximou-se e passou levemente os dedos pelo seu cabelo, uma sensação voluptuosa, e expirou devagar.

– Amo-te, Maria – murmurou por fim, e viu a surpresa dela dar lugar a compreensão.

Com a mão dele ainda no seu cabelo, Maria prendeu-a na sua.

– Oh, Colin – sussurrou. – Eu também te amo.

CAPÍTULO 14



Maria

Fizeram amor muito cedo na manhã seguinte; depois, Colin disse-lhe que queria ir treinar antes das aulas e, embora o sol ainda não tivesse nascido quando ele saiu, Maria deu voltas na cama, incapaz de voltar a adormecer. Por fim levantou-se, decidida a adiantar o trabalho há muito negligenciado.

Fez café, tomou um duche, vestiu-se, e, com a melhor das intenções, abriu o *MacBook* para trabalhar um pouco durante a hora e meia que ainda tinha antes de sair para o escritório. E, no entanto, quando se sentou não conseguiu evitar uma sensação crescente, se bem que incipiente, de que alguma coisa estava errada. Examinou minuciosamente os seus sentimentos, mas não conseguiu perceber a causa. O momento fê-la suspeitar que era alguma coisa relacionada com Colin; a relação *tinha* sido um pouco como um furacão, embora ela não lamentasse de forma alguma. Tinham-se apaixonado e não havia nada de mal nisso. Era normal. Acontecia todos os dias a outras pessoas. E, tendo em conta todo o tempo que tinham passado a conhecer-se, nem sequer era muito inesperado.

Então, que diabo estava a incomodá-la?

Encheu de novo a caneca, levantou-se da mesa e foi para a varanda, onde ficou a ver a cidade portuária encher-se a pouco e pouco de vida. Uma ligeira neblina pairava acima do passeio, fazendo-o parecer quase desfocado. Enquanto bebia o café, lembrou-se de estar naquele mesmo lugar na noite em que tinham feito amor pela primeira vez e, embora lhe trouxesse um sorriso aos lábios, a recordação foi acompanhada por uma evidente ponta de ansiedade.

Muito bem, talvez os seus sentimentos por Colin não fossem tão simples e claros como queria fingir que eram. Mas o que é que estava a incomodá-la, ao certo? O facto de estarem a dormir juntos? As palavras que tinham dito um ao outro na noite anterior? O facto de os pais não o aprovarem? Ou que há um mês não conseguiria imaginar-se a apaixonar-se por um homem como ele?

Isso explica tudo, admitiu. Mas porquê essa ansiedade logo *essa* manhã? Era ridículo pensar que dizer *amo-te* podia desestabilizá-la desta forma. Logicamente, não fazia sentido. Terminou o café e decidiu ir trabalhar mais cedo, com a certeza de que estava a exagerar.

E, no entanto, a sensação não se dissipou durante a manhã; pelo contrário, só se tornou mais pronunciada. Às dez horas, até o seu estômago estava um pouco afetado. Quanto mais tentava convencer-se de que não fazia sentido preocupar-se com Colin, mais difícil se tornava concentrar-se. Quando o relógio se aproximou da hora do almoço, só conseguia pensar que precisava de conversar com Jill.



Maria falou sobre tudo, incluindo o que sentia, enquanto via Jill pôr várias peças de *sushi* no prato e começar a devorá-las. Maria pôs uma única peça no prato antes de perceber que não conseguiria engoli-la. Quando parou de falar, a amiga estava a assentir com a cabeça.

– Deixa-me esclarecer isto – disse Jill. – Conheceste um tipo, dormiram juntos quando ainda não andavam há muito tempo, apresentaste-o aos teus pais e eles não ficaram propriamente encantados, e ele disse-te que te amava. E depois, esta manhã, de repente comesas a pôr tudo em causa. Resumi bem?

– Bastante bem.

– E não sabes porquê?

Maria fez uma careta.

– Diz-me.

– É simples. Estás apenas a passar por uma versão adulta da caminhada da vergonha.

– Como?

– A caminhada da vergonha? Da universidade? Quando bebeste de mais numa festa e curtiste com um tipo que pensaste que era perfeito e depois, na manhã seguinte, nem querias acreditar no que aconteceu? E depois atravessaste o *campus* para o teu quarto a perguntar a ti mesma que raio fizeste, ainda com a roupa da noite anterior?

– Eu sei o que é a caminhada da vergonha. E não é nada disso.

Jill usou os pauzinhos para pegar no último *maki*.

– Talvez não especificamente, mas eu ficaria surpreendida se as tuas emoções não estivessem a oscilar de um extremo ao outro, que é o que acontece com muitas raparigas durante a caminhada da vergonha. Tipo, «Aquilo aconteceu mesmo? Foi tão bom como me lembro? O que é que eu fiz?» Apaixonarmo-nos é aterrador. Perdemos a objetividade e não controlamos as nossas ações. É assustador. – Olhou para o prato de Maria e abanou a cabeça com pesar. – Acabei de comer toda a nossa comida e vou culpar-te quando me pesar.

– Por outras palavras, achas que o que me está a acontecer é normal?

– Ficaria muito mais preocupada se não estivesse a questionar tudo. Porque nesse caso significaria que és doida.

– Isto aconteceu-te com o Paul? Quando te apaixonaste por ele?

– Claro que sim. Um dia, só conseguia pensar nele, e no dia seguinte perguntava a mim mesma se estava a cometer o pior erro da minha vida. E vou contar-te um pequeno segredo... por vezes, ainda acontece. Eu sei que o amo, mas não sei se o amo o suficiente para namorar com ele para sempre. Quero casar-me e ter filhos. Ou pelo menos um. E queres saber que mais? Os pais dele não gostam muito de mim, e também me debato com isso.

– Porque é que não gostam de ti?

– Acham que falo de mais. E que sou demasiado teimosa.

– Estás a gozar.

– Imagina lá tu.

Maria riu-se antes de ficar séria de novo.

– Acho que é difícil porque tudo o que está relacionado comigo e com o Colin parece tão... estranho. Com o Luis, tudo fazia sentido. Fomos amigos primeiro, e, mesmo depois de começarmos a namorar, devem ter-se passado seis meses antes de eu lhe dizer que o amava. Os meus pais gostavam dele e ele

pertencia a uma boa família, e não havia nada duvidoso no seu passado.

– Se bem me lembro, acho que também me disseste que a Serena não gostava nada dele. E, no fim, revelou-se um cretino egoísta.

Oh, sim. Isso.

– Mas...

– O Luis foi o teu primeiro amor. Não podes comparar o que aconteceu naquela altura com o que está a acontecer agora.

– Foi o que acabei de dizer.

– Não estás a perceber. O que eu quero dizer é que o primeiro amor faz *sempre* sentido porque não tens um termo de comparação. Tudo é uma novidade, e quaisquer sinais de alerta são afogados pela pura novidade de tudo o que está a acontecer. Pelo menos, no começo. Agora, és mais velha e mais sábia, e também precisas de uma pessoa mais velha e mais sábia na tua vida. Queres uma pessoa que não faça joguinhos, e com o Colin sabes com o que contas. Confias nele e gostas de estar com ele. Pelo menos, é o que me tens dito.

– E não achas que estamos a avançar depressa de mais?

– Em comparação com quê? É a tua vida. O meu conselho é que te deixes andar e que vivas um dia de cada vez. E devo dizer-te mais uma vez que o que estás a sentir hoje é perfeitamente normal.

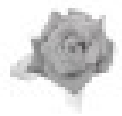
– Preferia não me sentir assim.

– Quem gosta de se sentir assim? Mas tenho um palpite de que te vais sentir melhor quando voltares a falar com ele. É assim que costuma funcionar.

Maria empurrou a solitária peça de *sushi* de um lado para o outro no prato, começando por fim a sentir as torturas da fome.

– Espero que tenhas razão.

– Claro que tenho razão. O amor complica tudo, e as emoções ficam sempre descontroladas no início. Mas quando é real deves agarrar-te com unhas e dentes, porque ambas temos idade suficiente para saber que o verdadeiro amor não aparece muitas vezes.



Depois de almoçar com Jill, Maria sentiu-se melhor. Talvez não inteiramente normal, mas no mínimo um pouco mais *concentrada*. Quanto mais pensava no assunto, mais reconhecia que Jill tivera razão em quase tudo. Apaixonar-se *era* um pouco assustador, e o suficiente para deixar a pessoa um pouco disparatada no começo. Já tinha passado tanto tempo que se esquecera de como era.

Jill também acertara em cheio quando garantira a Maria que falar com Colin seria bom para acalmar as suas dúvidas. Ele ligou pouco depois das quatro, a caminho do emprego. Embora não tivessem conversado durante muito tempo, o simples facto de ouvir a sua voz pareceu diminuir-lhe a tensão no pescoço e nos ombros. E quando ele lhe perguntou se estava livre na noite seguinte, e se podiam estar juntos, ela percebeu o quanto queria aquilo.

Pensar que ia passar tempo com Colin depois do trabalho fez com que o dia seguinte passasse mais depressa do que era habitual. Nem sequer Barney – que foi ao seu gabinete ou telefonou uma dúzia de vezes para saber como estavam a correr vários assuntos – conseguiu abalar a sua boa disposição. Quando o telefone tocou a meio da tarde ela respondeu de forma automática, à espera de ouvir a voz de Barney, mas era Jill quem estava do outro lado.

– Agora, ele só está a exhibir-se – anunciou a amiga.

Maria demorou um segundo a identificar a voz.

– Jill?

– Ou isso, ou os dois discutiram ontem à noite e ele quer que o perdoes, ou então está a tentar fazer com que os outros homens façam má figura.

– De que é que estás a falar?

– Do Colin. E do ramo de rosas que acabou de te mandar.

– Ele mandou rosas?

– De que é que pensaste que estava a falar? O estafeta está à tua espera.

Maria olhou para o telefone e reparou na extensão.

– Porque é que estás a ligar-me do telefone da Gwen, no átrio?

– Porque estava a falar com ela quando o tipo das entregas entrou e insisti para ser eu a ligar porque isto começa a ficar ridículo. Sabes quantas vezes o Paul me mandou rosas para o emprego? Nunca! E, se não apareceres aqui depressa, é possível que eu pegue no ramo e o pise porque está a fazer-me questionar a minha relação mais uma vez. E acredita... tu não queres *isso* na tua consciência.

Maria riu-se.

– Não pises nada, está bem? Eu já vou.

Quando entrou no átrio, avistou Jill parada ao lado de um estafeta com um boné de basebol que, como não podia deixar de ser, segurava um ramo de rosas cor-de-rosa. Antes de poder agradecer-lhe, o rapaz entregou-lhe o ramo e virou-se abruptamente. Instantes depois, a porta do átrio fechou-se atrás dele e foi quase como se nunca tivesse estado ali.

– Um fulano encantador – comentou Jill. – Nem sequer quis conversar. Só dizia o teu nome sempre que eu lhe fazia uma pergunta. Mas tens de reconhecer que o ramo é lindo.

Maria teve de concordar. Os botões, envolvidos em raminhos de gipsófila, estavam fechados ou a começar a abrir, e, quando se curvou para cheirá-los, percebeu que a florista tivera o cuidado de cortar os espinhos.

– Não posso acreditar que ele fez isto – comentou, inalando o delicado perfume das flores.

– É quase triste – disse Jill, a abanar a cabeça. – Ele deve ter sérios problemas de autoestima. Porque está sempre à procura da tua aprovação, quero dizer.

– Eu não acho que o Colin tenha problemas de autoestima.

– Então deve ser carente. Talvez seja boa ideia acabares com ele antes que piore. Precisas de uma pessoa como o Paul, um homem que pensa em primeiro lugar e acima de tudo em si mesmo.

Maria olhou para a amiga.

– Já terminaste?

– Ficaste com a impressão de que estou com inveja?

– Sim.

– Então, sim. Já terminei. E presumo que falaram e que está tudo bem outra vez?

– Na verdade, temos planos para esta noite. – Estendeu o ramo para Jill. – Não te importas de segurar isto enquanto abro o cartão?

– Porque não? Nem é como se estivesses a tentar meter nojo.

Maria revirou os olhos enquanto tirava o cartão, e depois leu-o. Pestanejou antes de o ler uma segunda vez, e a sua testa começou a franzir-se.

– O que é? – perguntou Jill.

– Será que enviaram o cartão errado? Este não faz sentido.

– O que diz?

Maria abriu-o para mostrar a Jill.

– Diz – leu –, «*Vais saber qual é a sensação.*»

Jill franziu o nariz.

– É uma piada só vossa?

– Não.

– Então o que é que significa?

– Não faço ideia – respondeu Maria, cada vez mais intrigada.

– É uma coisa estranha para escrever, não achas? – perguntou Jill, devolvendo-lhe o ramo.

– É sem dúvida estranho – reconheceu Maria.

– Talvez fosse boa ideia telefonares-lhe para saber o que é que quer dizer com isto.

Talvez, pensou Maria.

– Ele deve estar no ginásio.

– E depois? Aposto que tem o telemóvel com ele. Ou sabes o que pode ter acontecido? Talvez a florista se tenha enganado. Ou puseram o cartão errado. Ou escreveram mal.

– Acho que é possível – concordou Maria, e, embora tentasse convencer-se de que era verdade, perguntou a si mesma se alguma delas acreditaria mesmo naquilo.



Depois de colocar as rosas na jarra do primeiro ramo de flores, Maria continuou a examinar o cartão até decidir, por fim, *Oh, que se lixe*. Tirou o telemóvel da carteira e ligou a Colin.

– Olá – disse ele. – Não estás a ligar para cancelar a nossa noite, pois não? – Ele estava ofegante, e Maria ouviu música e o som de pessoas a correr em passeadeiras.

– Não. Mal posso esperar pelo nosso encontro. Apanhei-te em má altura?

– Claro que não. Que é que se passa?

– Só uma pergunta rápida. Queria perguntar-te sobre a tua mensagem.

– Que mensagem?

– A que estava no cartão que veio com as rosas hoje. O cartão dizia, «*Vais saber qual é a sensação*», e não tenho a certeza do que significa.

Ouviu-o respirar do outro lado.

– Não fui eu. Eu não te mandei rosas hoje. Nem um cartão.

Maria experimentou uma sensação de formigueiro na nuca. *Vais saber qual é a sensação?* Seria muito estranho se Colin tivesse escrito aquilo, mas o facto de não ter sido dele significava que o bilhete era...

Estranho. Sinistro, até.

– O que é que isso significa? – disse Colin para o silêncio.

– Não sei. Ainda estou a tentar descobrir.

– E não sabes quem as enviou?

– Não havia nome no cartão.

Colin não disse nada e ela mudou de assunto, tentando esconder a sensação de inquietação.

– Sei que tens de voltar ao teu treino... e eu tenho de voltar ao trabalho... mas a que horas vens esta noite?

– Que tal por volta das seis e meia? Estava a pensar que podíamos ir até ao passeio junto ao rio e depois decidimos o que fazer. Apetece-me andar um pouco, não ficar apenas sentado. E podemos comer qualquer coisa por lá.

– Perfeito. Passei os últimos dois dias plantada na minha cadeira e estou mesmo a precisar de um

passaio.

Quando desligaram, ela estava a imaginar como ele estaria no ginásio... mas depois olhou de novo para as rosas e para o cartão. O cartão sem nome.

Vais saber qual é a sensação.

Observou de novo o cartão, perguntando a si mesma se poderia ligar para a florista e descobrir quem encomendara as flores, mas depois percebeu que o envelope e o cartão não tinham qualquer marca comercial.



– Estás distraída – disse Colin quando caminhavam de mãos dadas no Riverwalk, o popular passeio junto ao rio Cape Fear. Como iam a meio da semana, as ruas não estavam muito cheias e, embora ainda estivesse calor, o vento norte indicava a possibilidade de temperaturas mais frias nas próximas semanas. Pela primeira vez em meses, Maria ficou contente por ter vestido calças de ganga.

Ela abanou a cabeça.

– Só estou a tentar descobrir quem me teria mandado rosas.

– Talvez tenhas um admirador secreto.

– Nos últimos tempos, só te conheci a ti. E também não saio muito. Visito os meus pais, faço *paddleboard* ou estou em casa.

– Exceto quando estás no trabalho.

– Nenhum dos meus colegas as teria enviado – respondeu ela, mas, quando falou, a imagem de Ken surgiu na sua cabeça. Ele não faria aquilo, pois não? – Além disso, a mensagem não reflete a tentativa de alguém de me fazer sentir especial. Na verdade, é precisamente o contrário.

– Que tal um cliente?

– Acho que é possível – reconheceu, mas não conseguia acreditar.

Colin apertou-lhe a mão.

– De uma forma ou de outra, vais descobrir quem ele é.

– Achas que é um ele?

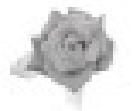
– Tu não achas?

Ela acenou com a cabeça, com uma certeza absoluta, embora não houvesse nenhuma verdadeira indicação.

– A mensagem... incomoda-me.

Maria esperou que ele dissesse alguma coisa que a fizesse sentir-se melhor. Em vez disso, ele deu alguns passos antes de a olhar.

– A mim também.



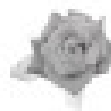
Estar com Colin fez diminuir um pouco a inquietação. Ou, pelo menos, impediu a de refletir sobre quem teria mandado as flores e escrito o bilhete. Não fazia ideia de quem poderia ser, para além de Ken, e, embora houvesse muito para não gostar no homem, não conseguia imaginá-lo a fazer uma coisa assim.

Enquanto caminhavam, a conversa foi saltando de tópico em tópico. Acabaram por parar para comer gelados, e Colin surpreendeu-a ao pedir um. Comeram parados junto à balaustrada, de onde se avistava o

USS North Carolina, um couraçado que combatera durante muito tempo na Segunda Guerra Mundial e que, tendo abandonado o serviço ativo, estava atracado do outro lado do rio Cape Fear. Maria lembrou-se de o ter explorado um dia numa visita de estudo e recordou como era apertado nos conveses inferiores, a sensação claustrofóbica dos corredores estreitos e dos quartos minúsculos. Perguntou a si mesma como é que os marinheiros conseguiam estar a bordo durante meses seguidos sem enlouquecer.

Percorreram toda a extensão do passeio enquanto o sol descia no horizonte e tingia o rio de dourado, e depois andaram pelas lojas que lhes chamavam a atenção. Quando a lua começou a brilhar acima da linha do horizonte, pararam por fim para jantar e, quando se sentou diante de Colin, pensou que seria bom que os pais conhecessem este lado dele, o lado que a fazia sentir-se confortável e à vontade. Queria que eles soubessem como era feliz quando estava com ele. Quando voltavam para o seu apartamento, convidou mais uma vez Colin para o *brunch*, embora não tivesse a certeza se os pais estariam preparados para outra visita.

Quando fizeram amor naquela noite, foi lento e terno, uma dança deliberada quando ele se moveu por cima dela, a sussurrar o seu nome e o quanto significava para ele. Maria entregou-se completamente a ele, perdida no momento e perdida nele. Depois, adormeceu com a cabeça no peito dele, embalada pelo ritmo constante do seu coração. Acordou duas vezes – uma vez pouco depois da meia-noite e a segunda vez uma hora antes de o dia nascer – e, na quietude daqueles momentos, olhou-o, ainda espantada por se terem tornado um casal e mais certa do que nunca de que cada um deles era exatamente o que o outro precisava.



Quando entrou no gabinete na quarta-feira de manhã, o seu primeiro pensamento foi que precisava de se livrar do cartão. Rasgou-o em pedaços, deitou-o no cesto dos papéis e depois ligou o computador. Leu as mensagens e verificou se algum dos seus clientes mencionara ter-lhe enviado flores, mas não descobriu nada.

Entretanto, Barney esperava-a na sala de conferências e era quase meio-dia quando conseguiu voltar para o gabinete. Na caixa de entrada de *e-mails* havia mais um ficheiro enviado pelo chefe, acompanhado de uma mensagem que sugeria que seria boa ideia começar logo porque precisava do resumo no dia seguinte. O que significava que teria de almoçar *outra vez* à secretária. Olhou para as rosas e percebeu que não as queria no gabinete. Pegou no ramo e na carteira e saiu do edifício, virando a esquina para os contentores do lixo.

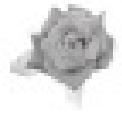
Atirou o ramo de flores para um contentor e começava a dirigir-se para o carro quando teve a súbita impressão de que alguém a estava a observar. Como não avistou ninguém nas redondezas, ignorou a sensação. No entanto, ela foi-se intensificando e, ao mesmo tempo que procurava as chaves do carro na carteira, olhou para o edifício.

E viu Ken, parado à janela do seu gabinete.

Olhou de novo para a carteira, fingindo que não tinha reparado nele. O que estaria a fazer e há quanto tempo estava ali? Tanto quanto sabia, havia mais alguém no gabinete e ele estava parado perto da janela, de costas voltadas para as pessoas, e se estivesse à janela quando ela saísse não havia dúvida de que a vira deitar as rosas fora. Isso não era bom. Se tivesse sido ele a enviá-las, ia com toda a certeza ficar zangado; se não o tivesse feito, poderia presumir que ela e Colin se tinham zangado. Fosse como fosse, ficou preocupada com a possibilidade de Ken se sentir tentado a aparecer de novo no seu gabinete para mais conversas sobre o facto de ela saber ou não *trabalhar em equipa*.

Abriu a porta do carro e foi atingida por uma onda de calor vinda do interior exposto ao sol. Assim que o carro começou a trabalhar, ligou o ar condicionado. Decidiu ir ao mercado biológico, que tinha um fantástico *buffet* de saladas, e quando saiu do parque de estacionamento olhou pelo espelho retrovisor, convencida de que Ken já teria desaparecido.

Mas ele continuava à janela. E, embora estivesse demasiado longe para poder ter a certeza, não conseguiu evitar a impressão de que ele estivera sempre a observá-la.



Tendo regressado, estacionou no mesmo lugar onde estava antes, decidindo deixar uma nesga dos vidros aberta para arrefecer o interior. O carro de Ken já não estava ali e, se o passado servisse de indicação, não voltaria antes da uma e meia. Aliviada, tentou concentrar-se no trabalho. Entre as rosas, a mensagem, e, agora Ken, sentiu vontade de pegar nas suas coisas e ir para casa. Talvez pudesse dizer que estava com uma enxaqueca e sair mais cedo... mas de que adiantaria? Barney ainda esperaria que ela terminasse o trabalho e, mesmo em casa, sabia que continuaria a pensar obsessivamente nos acontecimentos do dia.

Vais saber qual é a sensação.

A sensação de quê?

Uma vez que rejeitara os avanços de Ken, estaria ele a pensar tornar a sua vida no emprego ainda mais infeliz?

Se assim fosse, o que é que aquilo significava?

Tentou afastar as perguntas enquanto organizava uma cronologia relativa a um cliente que ficara ferido numa queda e estava a processar a loja. Demoraria a maior parte da tarde e, quando começou a tomar notas, observou que toda a sua profissão fazia parte de um *jogo* gigante em que o *objetivo* era acumular horas para cobrar aos clientes, fazendo dos advogados os únicos vencedores garantidos.

Era uma visão cínica, mas de que outra forma poderia explicar porque é que estava sempre tão ocupada apesar de a justiça ser tudo menos célere? Continuava a trabalhar em processos que tinham dado entrada há anos, e o caso que Barney acabara de lhe passar não iria com certeza a julgamento nos próximos dezoito meses. E isto apenas se tudo corresse bem, o que era praticamente impossível, pois as coisas nunca corriam bem. Então porque é que Barney queria a cronologia amanhã? Qual era a pressa?

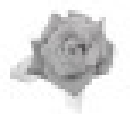
Não conseguia deixar de pensar em Ken a observá-la da janela do gabinete. Não deixaria que voltasse a atacá-la de surpresa se aparecesse para, supostamente, discutir a sua *carreira*. Decidiu manter a porta do gabinete escancarada, embora o barulho do escritório costumasse distraí-la. Dessa forma, se Ken decidisse fazer-lhe uma visita, teria alguns segundos extra para se preparar.

Da sua janela, era possível ver o lugar de estacionamento do patrão. Previsivelmente, ele conduzia um *Corvette* vermelho e estacionou à uma e meia em ponto. Maria quase esperou que ele viesse ao seu gabinete assim que entrasse no edifício, mas, para seu alívio, não o viu. E não apareceu mais tarde, nem sequer para visitar as auxiliares jurídicas. Quando ainda não tinha aparecido às cinco da tarde, pensou que não devia ficar até tarde. Fechou o *MacBook* e pegou nas cópias em papel dos ficheiros, guardando tudo na pasta. Espreitou pela janela e olhou de novo quando percebeu que o carro de Ken já não estava no estacionamento.

Tanto melhor. Provavelmente, o dia de amanhã traria mais surpresas.

Saiu do gabinete, despediu-se de Jill e dirigiu-se para o carro. Como sempre, abriu a porta do lado do passageiro primeiro, para pousar a carteira no assento, mas quando a abriu soltou um grito involuntário.

O ramo de rosas, já murchas por causa do calor, estava muito bem espalhado no banco, como que a tentar atormentá-la.



Colin estava sentado à frente de Maria na sala de estar do apartamento dela, com os cotovelos nos joelhos. Maria telefonara-lhe depois de deitar as rosas no contentor e ele estava à sua porta quando ela chegara a casa.

– Não percebo – disse ela, ainda agitada e em pânico. – O que é que o Ken quer?

– Tu sabes o que ele quer.

– E ele pensa que esta é a melhor maneira de o conseguir? Mandando-me flores e um estranho bilhete anónimo? E enfiando as rosas no meu carro e pregando-me um susto de morte?

– Não posso responder a isso – disse Colin. – Penso que a verdadeira questão se prende com o que tu vais fazer em relação a esta situação. – Continuou a olhá-la nos olhos, imóvel, mas a tensão do seu maxilar deixou claro que estava tão perturbado como ela com tudo aquilo.

– Não sei se posso fazer alguma coisa. O bilhete não estava assinado e não o vi pôr as rosas no meu carro. Não posso provar nada.

– E tens a certeza de que foi o Ken?

– Quem mais poderia ser? Não havia mais ninguém por ali.

– Tens a certeza?

Maria abriu a boca para responder, mas fechou-a quase de imediato porque nem sequer tinha considerado a alternativa. Só porque não vira mais ninguém não significava que não houvesse outra pessoa, mas a ideia era demasiado assustadora para considerar.

– É ele – disse. – Tem de ser ele. – Mas até ela percebeu que estava a tentar convencer-se.

CAPÍTULO 15



Colin

Colin passou a noite com Maria. Embora ela não lhe tivesse pedido para ficar, sabia que não queria que ele se fosse embora. Passara todo o serão muito enervada, incapaz de comer, e ele sentiu que estava distraída. Depois de ela ter adormecido por fim, Colin ficou acordado, a olhar para o teto, a tentar perceber o que estava a acontecer. Maria contara-lhe o suficiente sobre Ken para Colin ter uma perspetiva bastante boa, e desde então lutava contra uma enorme vontade de fazer uma visita ao homem. O assédio sexual era muito mau, mas o homem também era um rufião e Colin sabia por experiência própria que pessoas assim não paravam com os abusos de poder a não ser que alguém as obrigasse. Ou lhes pregasse um susto de morte.

Porém, Maria deixara muito claro que não queria que ele falasse com Ken, nem sequer que se aproximasse dele, e era para o seu próprio bem. Colin compreendia isso: o homem *era* um advogado muito conhecido e poderia bastar uma ameaça credível para que fosse preso. Não tinha qualquer dúvida de que Margolis e os juízes locais teriam o maior prazer em pô-lo atrás das grades.

No entanto, quanto mais falavam sobre a situação, mais confusa ela lhe parecia. O bilhete, em conjunto com as rosas devolvidas ao carro, parecia uma *ameaça*. Parecia *pessoal* e, embora Ken tivesse dificuldade em controlar a libido e *tivesse* estado, de facto à janela, nada mais fazia sentido. Qual era o objetivo do bilhete? Como é que Ken sabia que Maria decidiria deitar as rosas fora naquele momento? Ou, se planeava pô-las no carro, porque é que continuara à janela, sabendo que ela pensaria sem dúvida que ele era culpado? Saberia com certeza que, se a assustasse, seria mais provável que ela denunciasse o seu assédio. E se outro empregado do escritório o tivesse visto a tirar as rosas do lixo e pô-las no carro de Maria? Ele estaria disposto a correr esse tipo de risco? A maioria dos escritórios tinham janelas.

Tudo aquilo significava... *o quê?* Se fora Ken, o homem tinha enlouquecido e encontrava-se numa espiral descendente, obviamente incapaz de pensar com clareza. E se *não tivesse sido* ele?

Era a questão que o incomodava mais.

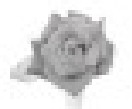
De manhã, quando Maria acordou, Colin ofereceu-se para a seguir até ao emprego, mas ela disse-lhe que ficaria bem. Só quando estava a voltar para casa de Evan é que percebeu que estava tão tenso com tudo aquilo como ela estivera na noite anterior. Zangado, até, e assim que chegou a casa, vestiu a roupa de desporto e saiu.

Foi correr e pôs o volume da música no máximo, aumentando o ritmo da corrida até a respiração se tornar difícil. Quando, por fim, sentiu que a raiva se tinha esvaído, percebeu que emergia lentamente uma claridade.

Faria o que Maria lhe pedira e manter-se-ia longe de Ken, mas isso não significava que estava disposto

a não fazer nada.

Ninguém ia assustar Maria e escapar impune.



– Algum de vocês pensou em telefonar para a polícia? – perguntou Evan.

Estavam sentados à mesa da cozinha de Evan alguns minutos depois de Colin lhe contar de uma forma resumida tudo o que acontecera, incluindo o que pensava fazer.

Colin abanou a cabeça.

– A polícia não vai fazer nada.

– Mas alguém arrombou o carro dela.

– O carro estava destrancado, os vidros não estavam completamente fechados, não levaram nada e não houve estragos. A primeira coisa que vão perguntar é: «qual foi o crime?» E depois vão perguntar quem é o culpado, e ela só poderá dar as suas opiniões.

– E a mensagem? Não há leis contra a perseguição?

– O bilhete é estranho, mas não há uma ameaça clara. E não há provas de que a pessoa que mandou as flores é a mesma que as pôs no carro.

– Por vezes, esqueço-me de que tiveste muita experiência nesta área. Mas ainda não sei bem porque é que pensas que tens de tratar do assunto.

– Não tenho de tratar do assunto. Quero tratar do assunto.

– E se a Maria não gostar do teu plano? – Quando Colin não respondeu, Evan acenou com uma mão. – Porque estás a pensar contar-lhe, certo? Visto que és um grande adepto da sinceridade?

– Também não é nada de especial.

– Não respondeste à minha pergunta.

– Sim, vou contar-lhe.

– Quando?

– Hoje.

– E se ela te pedir para não fazeres isso?

Quando Colin não respondeu, Evan sentou-se mais direito.

– Vais fazer na mesma. Porque já tomaste a tua decisão, não?

– Quero saber o que está a acontecer.

– Sabes que isto é o que fizeste no passado, certo? Fazes tudo o que queres e que se lixe o futuro?

– Vou fazer telefonemas. Vou falar com pessoas. – Colin encolheu os ombros. – Não é ilegal.

– Não contesto isso. Mas estou a falar sobre o que poderás decidir fazer depois.

– Eu sei o que estou a fazer.

– Sabes?

Quando Colin não respondeu logo, Evan recostou-se na sua cadeira.

– Já te disse que a Lily quer que vamos sair todos juntos este fim de semana?

– Não.

– Ela estava a pensar no sábado à noite. Quer conhecer a Maria.

– OK.

– Não devias falar com a Maria primeiro?

– Vou falar com ela, mas tenho a certeza de que não se vai importar. O que estão a pensar fazer?

– Jantar. E depois encontramos um sítio divertido. Penso que aquelas aulas a deixaram com vontade de

dançar.

– Dançar salsa?

– Ela diz que eu não tenho ritmo para a salsa. Será outro tipo de dança.

– Numa discoteca?

– Como é óbvio que escapaste sem problemas da última vez, a Lily acha que podes repetir.

– OK.

– Mas tenho outra pergunta. – Colin esperou enquanto Evan olhava para ele do outro lado da mesa. – O que acontece se encontrares o tipo?

– Vou falar com ele.

– Mesmo que seja o patrão dela? – Quando Colin não respondeu, Evan abanou a cabeça. – Eu sabia que tinha razão.

– Razão em relação a quê?

– Não tens a menor ideia daquilo em que te estás a meter.



Embora compreendesse a preocupação de Evan, Colin não pensou que fosse justificada. Até que ponto seria difícil descobrir se Ken mandara as rosas? Bastariam alguns telefonemas, algumas perguntas certas e uma fotografia... Deus sabia que ele próprio fora alvo de incontáveis interrogatórios, e sabia que a obtenção das respostas era muitas vezes uma questão de presença, de expectativa e de parecer oficial. A maioria das pessoas queria falar; a maioria das pessoas não conseguia calar-se, mesmo quando era do seu interesse. Pensou que, se tivesse sorte, teria a sua resposta a meio da tarde.

Na cozinha do apartamento, abriu o computador e fez uma pesquisa rápida por Ken Martenson. Não foi difícil de encontrar – o tipo era ainda mais bem relacionado do que Colin esperava –, mas havia menos fotografias do que pensara, e nenhuma era bem o que queria; demasiado afastadas, demasiado desfocadas. Mesmo a fotografia no *website* da firma devia ter pelo menos dez anos – naquela época Ken tinha uma barbicha, o que alterava a sua aparência de uma forma significativa. Decidiu que teria de ser ele a fotografá-lo, mas não tinha uma máquina fotográfica de elevada qualidade, com uma teleobjetiva. E duvidava que Evan tivesse uma máquina fotográfica decente, pois não estaria disposto a gastar tanto dinheiro. O amigo era um grande forreata.

Mas Maria tinha uma.

Ligou-lhe para o telemóvel e deixou uma mensagem a perguntar se estava livre para almoçar. Quando ela lhe enviou uma mensagem de texto para saber se poderia encontrar-se com ela ao meio-dia e meia, estava nas aulas. No entanto, enquanto lia a mensagem, com a professora a falar ao longe, percebeu que o seu pescoço estava mais tenso do que era habitual.

Obrigou-se a respirar de forma profunda e constante.



– Queres que te empreste a minha máquina fotográfica?

Estavam sentados na esplanada de um pequeno café, à espera que a comida chegasse. Embora não tivesse comido nada desde a noite anterior, Colin não tinha fome.

– Sim – disse ele, acenando com a cabeça.

– Porquê?

– Preciso de uma fotografia do Ken.

Ela pestanejou.

– Como?

– A única forma de saber com certeza quem encomendou as flores é encontrar a florista. Depois, posso mostrar a fotografia e perguntar se foi ele que as comprou.

– E se ele encomendou pelo telefone?

– Se pagou com um cartão de crédito, vou saber o nome.

– Não to vão dar.

– Talvez. Talvez não. Mas mesmo assim gostava que me emprestasses a tua máquina fotográfica.

Maria hesitou antes de abanar a cabeça.

– Não.

– Porquê?

– Em primeiro lugar, ele é meu patrão. Também sabe quem és e, se te vir, a minha situação no emprego só vai piorar. Além disso, vi o Ken esta manhã e fiquei com a impressão de que já passou.

– Viste-o?

– De manhã cedo, ele veio falar com o Barney e comigo por causa de um dos nossos casos. Veio dizer-nos que sabia que já tinha sido registado para julgamento.

– Não me disseste isso quando eu liguei...

– Não sabia que tinha de dizer.

Ele detetou uma ponta de frustração na voz de Maria.

– Como é que ele agiu?

– Bem – informou ela. – Estava normal.

– E não ficaste incomodada quando ele apareceu?

– Claro que fiquei. O coração quase me saltou do peito, mas o que é que podia fazer? O Barney estava lá. Mas o Ken não tentou falar comigo a sós e também não esteve com as auxiliares jurídicas. Estava muito profissional.

Colin apertou as mãos uma na outra por baixo da mesa.

– Com ou sem a tua máquina fotográfica, vou descobrir quem te mandou as flores.

– Eu não preciso que resolvas os meus problemas, Colin.

– Eu sei.

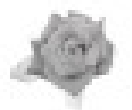
– Então porque é que continuamos a falar sobre isto?

Colin manteve uma expressão controlada.

– Porque ainda não sabes ao certo que foi o Ken. Estás a fazer uma suposição.

– Não é uma suposição.

– Seria assim tão errado certificarmo-nos?



Colin sabia que houvera um tempo em que se estaria nas tintas para tudo isto. Não havia motivo para se envolver. Afinal de contas, ela tinha razão. Era um problema dela e, com franqueza, ele já tinha problemas de sobra.

No entanto, considerava-se um especialista em raiva. E, no fundo, era disso que se tratava. No hospital, aprendera as diferenças entre raiva evidente e raiva dissimulada; na sua própria vida, fora bem versado

em ambas. Quando lhe apetecia lutar nos bares, a sua raiva era evidente. O seu objetivo era claro, sem sentidos ocultos, sem vergonha e sem arrependimento. Porém, durante as primeiras duas semanas no hospital não podia reagir quando ficava zangado. Os médicos tinham deixado bastante claro que se ele se tornasse violento – se se atrevesse até a levantar a voz – iria para a enfermaria de casos agudos, o que significava que ficaria numa enfermaria com dúzias de outras pessoas e que tomaria lítio em doses que o faziam sentir-se entorpecido, enquanto médicos e enfermeiros observavam todos os seus movimentos. E aquela era a última coisa que ele queria. Por isso, reprimira a raiva, tentando mantê-la escondida, mas passado algum tempo percebeu que não tinha desaparecido. Passara apenas de evidente para dissimulada. Quase sem dar por isso, começou a manipular pessoas; percebia exatamente o que fazer para irritar alguém e insistia até que a pessoa se descontrolava. Um por um, os outros foram mandados para a enfermaria de casos agudos enquanto ele fazia o papel de inocente, até que o seu médico se apercebeu do que ele andava a fazer. Inúmeras horas de terapia depois, Colin acabou por compreender que raiva era raiva, evidente ou dissimulada, e que as duas formas eram igualmente destrutivas.

Pensou que era o que alguém estava a fazer. Raiva com a intenção de manipular. Quem quer que fosse, queria que as emoções de Maria comesçassem a descontrolar-se, e, embora ainda agisse de uma forma dissimulada, pressentiu que isto era apenas o começo.

Na opinião de Colin, isso tornava Ken ainda menos provável como suspeito, mas por enquanto era o único nome que tinha. Não havia outra alternativa a não ser começar por ele. Depois de receber a chave do apartamento das mãos de uma relutante Maria no fim do almoço, foi buscar a máquina fotográfica. Ligou-a para ver se as pilhas estavam carregadas e estudou as várias funcionalidades. Verificou o *zoom* e tirou algumas fotografias da varanda antes de perceber que teria de fotografar rostos para saber a que distância deveria estar.

Depois de deixar a chave num vaso perto da porta como ela lhe dissera, foi para a praia, onde ninguém olharia com desconfiança para um homem com uma máquina fotográfica. Não havia muita gente, mas havia pessoas suficientes para conseguir fazer o que queria, e passou uma hora a fotografar pessoas de diferentes distâncias. Por fim, calculou que não poderia estar a mais de cinquenta metros de Ken. Era bom, mas não fantástico. Ele poderia reconhecê-lo. Precisaria de uma posição estratégica de onde não fosse visto.

A maioria dos edifícios históricos dos dois lados do prédio onde Maria trabalhava tinham dois ou três andares e telhados planos. Havia carros estacionados dos dois lados da rua e, embora houvesse algumas árvores, nenhuma era grande o suficiente para poder escondê-lo. O fluxo de transeuntes não era intenso, mas era constante; seria quase impossível tentar passar despercebido com uma máquina fotográfica na mão.

Ergueu o olhar e concentrou-se nos edifícios que acabara de passar, em frente à entrada do escritório. A distância era boa e o ângulo perfeito, mas levantava a questão de como – ou até se – conseguiria chegar lá a cima.

Atravessou de novo a rua, à procura de uma escada de emergência. Os prédios modernos de dois e três andares não as tinham, mas, quando chegou à viela estreita atrás dos edifícios, percebeu que estava com alguma sorte. Os edifícios diretamente em frente do prédio do escritório de advogados não tinham acesso ao telhado, mas no edifício de três pisos ao lado deles via-se uma antiquada escada desdobrável, cerca de três metros acima do chão, que dava acesso a um patamar metálico no segundo andar. Difícil mas não impossível de alcançar e, embora o ângulo do edifício não fosse ideal, era a sua melhor e única hipótese. Dirigiu-se para a viela, pendurou a alça ao pescoço e enfiou a máquina fotográfica por baixo da camisa. Deu dois passos fortes em direção à parede, esperando usá-la como trampolim para subir mais alto e conseguir os últimos centímetros de que sabia que precisaria.

Fez o movimento de uma forma correta e conseguiu agarrar-se ao último degrau com as duas mãos. Com um forte impulso ascendente, pôs uma mão no degrau seguinte e repetiu o processo até chegar ao patamar. Felizmente, a escada estava presa ao edifício nos andares superiores e momentos depois estava no telhado. Lá em baixo, na rua, ninguém parecia ter reparado nele.

Até agora, tudo bem.

Dirigiu-se para a esquina mais próxima do escritório de Maria. O rebordo do telhado era baixo – não mais de quinze centímetros –, mas qualquer proteção era melhor do que nenhuma. Felizmente, a gravilha era fina deste lado; não havia seixos grandes, embora os visse espalhados por toda a parte. No entanto, havia alguns invólucros de pastilha elástica e, quando se deitou de barriga para baixo, afastou-os. Apontou a máquina fotográfica e preparou-se para esperar. Para sua surpresa, conseguia ver Maria a trabalhar à secretária no seu gabinete; também avistava o seu carro e, mais adiante, os contentores do lixo. O carro dela estava estacionado no lugar do costume e, alguns espaços mais abaixo, via-se o *Corvette* de Ken.

Pouco mais de uma hora depois, os primeiros funcionários do escritório começaram a sair, regra geral um de cada vez, mas por vezes em pares. Auxiliares jurídicas – e, sim, como Maria dissera eram todas atraentes –, dois homens na casa dos quarenta, Jill, a amiga de Maria. Diversas outras pessoas e, alguns minutos depois, Maria. Seguiu-a com a lente, pensando que ela estava a caminhar mais devagar do que era habitual. Quando ela chegou à esquina do edifício, olhou em volta, sem dúvida a tentar encontrá-lo. Observou a sua testa franzir-se antes de se dirigir para o carro.

Concentrou-se de novo na entrada e continuou sem ver sinais de Ken. Quando começava a perguntar a si mesmo se o lusco-fusco permitiria o pormenor que ele queria, Ken saiu por fim. Colin conteve a respiração e tirou uma dúzia de fotografias antes de o homem virar para o parque de estacionamento, e em seguida deitou-se de lado para observar as imagens, esperando que uma ou duas fossem suficientemente boas.

Eram.

Esperou que ele arrancasse antes de se levantar e descer do telhado da mesma forma que subira. De novo, ninguém pareceu reparar nele e quando chegou ao carro a noite estava a cair. No caminho para casa parou numa loja e escolheu duas fotografias para revelar antes de se dirigir para o apartamento de Maria.

Prometera que lhe devolveria a máquina fotográfica.



– Não admira que não conseguisse descobrir-te – disse-lhe ela mais tarde, com as fotografias em cima da mesa da cozinha. – Então, amanhã...

– Vou começar a telefonar para floristas. E, com sorte, vou descobrir a verdade.

– E se a encomenda foi feita por telefone?

– Vou contar a verdade. Que pensas que puseram o cartão errado no ramo. E que gostarias de saber quem as mandou.

– Eles podem não te dizer.

– Eu estou a pedir apenas um nome, não o número. Aposto que quase todas as pessoas estarão dispostas a ajudar.

– E quando descobrires que foi o Ken?

Era a mesma pergunta que Evan lhe fizera mais cedo e ele refletira sobre o assunto desde então.

– Tu é que vais decidir qual será o próximo passo.

Ela assentiu com a cabeça, de lábios comprimidos, antes de se levantar da mesa e ir até às portas da varanda. Parou diante delas e durante um longo momento não disse nada. Colin levantou-se. Aproximou-se, pousou uma mão no fundo das costas de Maria e sentiu alguma coisa desmoronar-se sob o seu toque.

– Estou tão cansada de falar nisto. Até estou cansada de pensar nisto.

– Vamos sair daqui e fazer alguma coisa que te mantenha distraída.

– O quê?

– Que tal deixares que eu te surpreenda?



Maria olhou pela janela do *Camaro* estacionado entre duas carrinhas e não esboçou qualquer movimento para sair do carro.

– A tua surpresa é esta?

– Pensei que poderia ser divertido.

– Minigolfe? A sério?

Maria olhou com óbvio ceticismo para as luzes brilhantes que ladeavam a entrada. Do outro lado das portas de vidro viu um salão de jogos; à esquerda ficava o campo de golfe em miniatura, onde não faltavam moinhos com as pás a girar e que Colin pensou que deviam fazer parte de um tema escandinavo.

– Não é um simples minigolfe. É um minigolfe que brilha no escuro.

– E... presumo que me confundiste com uma miúda de doze anos?

– É uma boa distração. E quando foi a última vez que jogaste?

– Acabei de te dizer. Quando tinha doze anos. O Kevin Ross fez a sua festa de anos aqui. Mas convidou o sexto ano inteiro e a minha mãe também veio, por isso não foi propriamente romântico.

– Mas foi memorável. Se quiseres, depois podemos experimentar o labirinto de *laser*.

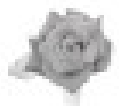
– Labirinto de *laser*?

– Vi o cartaz há uns dois meses, quando passei por aqui. Acho que é como aquela cena do filme *Olho Vivo* com o Steve Carell, onde tens de tentar atravessar uma sala sem quebrar os feixes de luz. – Quando ela não respondeu, ele continuou. – Espero que não tenhas medo de que eu possa ganhar-te e que não seja apenas por isso que não queres entrar.

– Não tenho medo de perder. Se bem me lembro, acho que fui a melhor da minha turma.

– Isso é um sim?

– Podes crer.



Na sexta-feira de manhã, Colin acordou cedo e saiu de casa antes de o dia nascer. Correu uns rápidos dez quilómetros e foi ao ginásio antes de começar a procurar na Internet os números de telefone de que precisava. Ficou surpreendido ao perceber que Wilmington tinha mais de quarenta floristas, para além de mercearias que também vendiam flores, o que significava que estaria muito ocupado.

A noite anterior tinha corrido bem. Embora Maria tivesse precisado de alguns buracos e duas tacadas de sorte para começar a descontraír, quando terminaram estava a rir-se, e até dançara no campo depois de fazer um buraco com uma só tacada e de se ter destacado definitivamente na pontuação. Com fome,

esqueceram o labirinto de *laser* e ele levou-a a uma barraca à beira de estrada especializada em *tacos* de peixe, que comeram acompanhados com cerveja gelada. Ele perguntou-lhe se gostaria de sair com Evan e Lily – ela respondeu-lhe *é claro que sim* – e quando lhe deu um beijo de boa noite percebeu que aquela saída fora exatamente o que ela precisava.

Na bancada da cozinha, começou a fazer os primeiros telefonemas, na esperança de poder chegar ao fim da lista em duas horas, mas percebeu que a pessoa com quem tinha de falar nem sempre estava disponível naquele momento, o que implicava um segundo ou até terceiro telefonema para o mesmo número. No entanto, usou a explicação e as perguntas que pensou que funcionariam melhor: que era possível que tivessem enviado o cartão errado; se tinha sido feita uma entrega no escritório; se tinham vendido um ramo de rosas e, felizmente, a maioria das pessoas com quem falou estava mais do que disposta a ajudar. No princípio da tarde, tinha falado apenas para um punhado de lojas e começou a suspeitar que as últimas diriam a mesma coisa que as outras: que o ramo não tinha sido feito nem entregue por eles.

E tinha razão. Sem saber o que fazer a seguir, decidiu experimentar algumas floristas fora da cidade; a única dúvida prendia-se com a direção a escolher. Decidiu escolher o norte. Ligou para as duas floristas de Hampstead e encontrou mais dezoito em Jacksonville.

À sexta chamada, numa loja chamada Floral Heaven, perto dos portões de Camp Lejeune, teve sorte. Sim, disse-lhe o dono, lembrava-se do homem que comprara o ramo. Acrescentou que fora pago em dinheiro. Sim, a loja estaria aberta no dia seguinte e ele também estaria lá.

Mais tarde nessa noite, enquanto trabalhava no bar, Colin voltou a pensar que alguém se dera a grandes trabalhos para tentar esconder a sua identidade.



Na sexta-feira à noite, uma trovoada trouxe consigo temperaturas mais baixas. Depois de correr e trabalhar um pouco no jardim no sábado de manhã, Colin dirigiu-se para a Floral Heaven, em Jacksonville, a pouco mais de uma hora de distância. Na loja, pegou na fotografia de Ken e mostrou-a ao homem.

– Por acaso foi este homem?

O dono, um homem forte com mais de sessenta anos e óculos, olhou duas vezes antes de abanar a cabeça.

– O homem da fotografia é muito mais velho. Embora não tenha olhado muito bem para o tipo que comprou as flores, ele ainda não tinha trinta anos.

– Não?

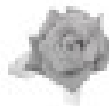
– Era um tipo um bocado estranho, e é por isso que me lembro dele. Usava um boné de basebol e não tirou os olhos do balcão enquanto falava. Quase balbuciava. Disse-me o que queria e saiu. Voltou uma hora depois, pagou em dinheiro e foi-se embora.

– Reparou se ele estava sozinho?

– Não prestei atenção – respondeu ele. – Mas relembre-me qual é o problema?

– Como lhe disse ao telefone, havia uma mensagem estranha escrita no cartão.

– Ele não pediu um cartão. Também me lembro disso, porque toda a gente quer escrever alguma coisa. Como lhe disse, ele era um tipo estranho.



O treino da tarde de Colin no ginásio focou-se acima de tudo em trabalho defensivo e luta corpo a corpo. Surpreendendo-o, Daly trabalhou quase exclusivamente com ele, e pressionou-o mais do que era habitual. No seu tempo, Daly era um portento no chão e Colin viu-se mais de uma vez fora de posição, a sentir que estava a lutar pela vida. Quando o treino chegou ao fim, percebeu que não tinha pensado no tipo do boné de basebol uma única vez.

Quem quer que fosse.

No entanto, a preocupação regressou logo que saiu do ringue. Antes de chegar ao vestiário, Daly aproximou-se e puxou-o de lado.

– Posso falar contigo uns minutos?

Colin usou a camisola ainda encharcada para limpar o suor do rosto.

– Gostarias de lutar no próximo fim de semana? Em Havelock. – Antes de Colin poder responder, Daly continuou. – Sei que não combates há três semanas, mas o Bill Jensen telefonou-me há pouco. Conheces o Bill, certo?

– O promotor – disse Colin.

– Sabes o quanto ele tem feito pelos nossos lutadores ao longo dos anos... incluindo por ti... e agora ele tem um problema. O que interessa é que o cabeça de cartaz do evento é o Johnny Reese, e o tipo com quem ele ia lutar partiu a mão há alguns dias e teve de desistir. O Reese precisa de outro adversário.

Quando Daly disse o nome, Colin lembrou-se da conversa com Evan no bar-restaurant. *O tipo mexe-se como um gato.* Daly continuou.

– O Jensen anda a tentar encontrar alguém, e acontece que tu és o único na mesma categoria de peso que pode tornar a coisa interessante. Esta é a última luta do Reese antes de se tornar profissional, e ele está em grande forma. Antigo campeão de luta livre da NCAA, está melhor no ataque e não tem medo. A verdade é que ele tem uma possibilidade de chegar à UFC daqui a um ou dois anos, e é por isso que o Jensen não quer cancelar. Foi por isso que fui tão duro contigo hoje. Queria saber se estás preparado para enfrentá-lo.

– Eu não sou suficientemente bom para o Reese.

– Hoje venceste-me bastantes vezes na defesa. Acredita que estás preparado.

– Vou perder.

– Provavelmente – reconheceu Daly. – Mas será a melhor luta da vida dele até este momento, porque tu és melhor do que pensas. – Torceu suor da ponta da camisola. – Sei que estou a pedir-te para correres um risco, mas ia ser bom para nós. E para ti também. O Jensen é o tipo de pessoa que nunca esquece um favor. E estarias a ajudar-nos a conseguir publicidade para o meu ginásio.

Colin limpou mais uma vez o rosto antes de decidir: *Porque não?*

– OK – disse. Quando saiu do ginásio, estava a pensar em Johnny Reese. No entanto, percebeu que estava estranhamente desinteressado e, a meio caminho de casa, já nem pensava no combate. Só conseguia pensar no homem que mandara as rosas e em como é que outra pessoa a não ser Ken poderia ter sabido que Maria as deitara fora.



– Que grande dia – comentou Evan. Estavam no alpendre, Colin a beber água e Evan com uma cerveja na mão. – O Reese? Ele é muito bom.

– Obrigado por evitares o óbvio.

– Oh, estás a referir-te à Maria e ao homem que anda a persegui-la? É sobre isso que queres falar? – Evan fez uma pausa antes de continuar. – Está bem. Pensaste na possibilidade de o Ken ter contratado o tipo para comprar e entregar as rosas?

– Nesse caso, porque é que se daria ao trabalho de as comprar num sítio a uma hora de distância?

– Talvez o tipo que ele contratou seja de lá.

Colin bebeu um grande gole de água.

– Talvez. Mas não me parece.

– Porque não?

– Porque não acho que o Ken tenha alguma coisa a ver com isto.

Evan mexeu no rótulo da garrafa.

– Se te serve de consolo, penso que tens razão. Não é o padrão dela. Mas o lado positivo é que as tuas atividades de detetive particular, vigilante de telhado e fotógrafo deram frutos. E isso significa que não és completamente idiota. Mesmo que não estejas mais perto de saber quem ele é.

– Também descobri outra coisa.

– O quê?

– Aposto que a pessoa vigiou a Maria do mesmo lugar no telhado de onde eu tirei a fotografia.

– Porque é que achas isso?

– Porque a gravilha estava alisada no sítio onde estive e havia invólucros de pastilha elástica que ainda não tinham sido levados pelo vento. Isso significa que alguém esteve lá há pouco tempo. E, daquele lugar estratégico, podia ver diretamente para o gabinete da Maria. E também via o carro dela e o contentor. Esse homem, seja ele quem for, pode tê-la espiado durante horas. Eu só juntei as peças pouco antes de falar contigo.

Pela primeira vez, Evan ficou calado.

– Hã – disse por fim.

– Não tens mais nada para dizer?

– Talvez estejas certo ou talvez estejas errado. Não tenho a resposta para ti.

– E agora tenho esta luta no próximo fim de semana.

– E?

– Tenho algumas dúvidas.

– Porquê?

– Por causa de tudo o que está a acontecer à Maria.

– Tu treinas para lutar. Gostas de lutar. Ofereceram-te uma luta. Que é que isso tem a ver com a Maria?

Colin abriu a boca para responder, mas não saiu nada.

– Sabes que mais? Estás sempre com a conversa de que a Lily faz de mim o que quer, mas é bastante evidente que eu tenho a minha relação muito mais pensada que tu. Porque, neste momento, estás a tentar viver a tua vida com base no que pode acontecer ou se podes resolver o problema dela, mesmo quando ela te disse que não quer que faças isso. Percebes até que ponto isso é uma loucura? Tu disseste-me que ela queria ver-te lutar, certo? Convida-a para ir, leva-a a jantar, e tens um encontro. Zás. Problema resolvido.

Colin esboçou um sorriso amarelo.

– Acho que tu queres ver-me neste combate porque tens quase a certeza de que vou perder.

– E? Está bem, admito... tu és um chato tão grande que é capaz de ser divertido ver alguém dar-te umas

palmas. – Quando Colin se riu, Evan continuou. – Bom. Então, está resolvido. Mudando de assunto, estás entusiasmado com esta noite?

– Esta noite?

– Tu e a Maria? Com a Lily e comigo? Tínhamos planos, lembra-te? Fiz uma reserva no Caprice Bistro para as sete e meia e depois vamos a uma discoteca onde passam música dos anos oitenta.

– Música dos anos oitenta?

– Há aqui um eco? Sim, música dos anos oitenta. A Lily é uma fã não assumida da Madonna. Ela diz que são vestígios dos seus supostos anos rebeldes da adolescência. Então, vamos fazer isto? Desde que a Maria ainda queira ir, é claro.

– Porque é que não quereria?

– Talvez porque lhe arruinaste a disposição com o que descobriste?

– Ainda não lhe contei.

– O Sr. Sinceridade? Estou chocado.

– Estava a pensar contar-lhe esta noite.

– Se lhe contares, vê lá se não fazes um grande drama. Não quero que estragues a noite. Tanto quanto sabes, foi uma coisa única e acabou.

– Ou talvez não – disse Colin.

CAPÍTULO 16



Maria

Colin ainda não falara desde que a fora buscar e, tendo em conta o que passara a maior parte do dia a fazer, Maria começou a ficar nervosa. Embora ele não dissesse nada, sabia que ele estava a pensar nas flores. Enquanto o observava a responder à sua tagarelice com uma expressão distraída, sentiu um buraco a crescer no estômago. Quando chegaram ao parque de estacionamento do restaurante, não conseguiu conter-se durante mais tempo.

– Quem mandou as rosas?

Ele desligou o motor e contou-lhe o que descobrira.

Ela franziu o sobrolho, pensativa

– Se não foi o Ken, e não achas que o Ken o contratou, então quem é?

– Não sei.

Ela virou-se para a janela do lado do passageiro. Do outro lado do vidro, viu um casal mais velho a dirigir-se para o restaurante, cheios de sorrisos. *Sem uma única preocupação no mundo.*

– Ontem, quando estava reunida com o Barney, vi novamente o Ken – disse ela, numa voz hesitante. – Para além de parecer um pouco distraído, foi completamente profissional. Na verdade, quase não pareceu reparar em mim. O que quase me faz pensar...

Que não é ele. Pelo silêncio de Colin, percebeu que ele conseguira completar o seu pensamento.

– Esta noite não vamos preocupar-nos com isso, está bem? – disse ele.

Ela acenou com a cabeça, sentindo a tensão nos ombros.

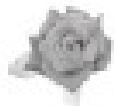
– Vou tentar. É difícil não pensar.

– Eu sei – disse ele. – Mas talvez seja bom concentrares-te um momento para te preparares para a Lily. Eu adoro-a, mas é preciso algum tempo para nos acostumarmos a ela.

Maria forçou um sorriso.

– Isso é um elogio indireto, sabias?

– Adivinha com quem aprendi?



Depois de entrarem no restaurante, Maria demorou apenas um segundo a identificar Lily. Praticamente no momento em que Colin entrou, uma loura deslumbrante, arranjada na perfeição, com olhos azul-turquesa, deslizou na direção deles. Usava um elegante vestido pelos joelhos e um colar de pérolas.

Quase todos os homens que estavam no restaurante se viraram para vê-la passar. Evan, vestido num estilo clássico, a ponto de poder passar por um aluno universitário, seguiu-a. Maria reparou no seu ar de confiança descontraída; era evidente que não se importava de deixar que Lily fosse o centro das atenções.

O sorriso de Lily nunca esmoreceu e, quando se aproximou, pegou nas mãos de Maria com mãos surpreendentemente macias, como um sedoso cobertor de bebé.

– É uma enorme alegria para mim ter o prazer da tua companhia esta noite! O Colin contou-me imensas coisas maravilhosas sobre ti. – Nessa altura, Evan parou ao seu lado. – E... céus! Onde estão os meus modos? Eu sou a Lily e este bonito homem ao meu lado é o meu noivo, o Evan. É maravilhoso conhecerte, Maria!

– Olá – disse Evan com genuína cordialidade. – E por favor não fiques ofendida se a Lily não me deixar dizer uma única palavra o resto da noite.

– Caladinho, Evan – ralhou Lily. – Não há motivo para dares à nossa nova amiga a impressão errada sobre mim. – Virou-se para Maria. – Por favor, desculpa-o. Ele é um amor, e mais inteligente do que dá a entender, mas andou numa universidade *pública* e viveu numa *república*. Tu sabes o que isso significa.

– Pelo menos, a minha universidade era mista – retorquiu Evan.

– E, como já lhe garanti muitas vezes – continuou ela, acotovelando Maria –, nunca vou recriminá-lo por causa dessa falha.

Sem querer, Maria sorriu.

– É um prazer conhecê-los aos dois.

Ainda a segurar as mãos de Maria, Lily voltou-se para Colin.

– Colin, tens de admitir que não estavas a ser nada justo com a Maria quando me falaste sobre ela! Ela é absolutamente deslumbrante! – Depois, de novo para Maria:

– Não admira que o Colin não tenha conseguido pensar em mais nada nos últimos tempos. Devo dizer-te que tens sido o tópico de conversa sempre que falamos nas últimas semanas, e agora percebo porquê. – Soltou as mãos de Maria e beijou Colin na face. – Estás muito bonito esta noite. Fui eu que te comprei essa camisa?

– Obrigado – disse Colin. – E sim, foste tu que a compraste.

– E ainda bem, não achas? Se eu não estivesse por perto, provavelmente ele usaria uma daquelas *T-shirts* horríveis com frases.

– Eu gosto daquelas *T-shirts*.

Ela bateu-lhe no braço.

– Eu sei que sim, pobrezinho. E se fôssemos para a mesa? Tenho estado em pulgas o dia inteiro e quero saber absolutamente tudo sobre a mulher que já te tem apanhado pelo beicinho.

– Não sei se isso é bem verdade – protestou Maria.

– Tão verdade como dois e dois serem quatro. Apesar do comportamento estoico, o Colin é muito expressivo nas suas emoções, quando te acostumares a elas. Agora, vamos?

Quando ela se voltou para a mesa, Colin olhou para Maria e encolheu os ombros, como quem diz: *Eu bem te avisei*. Embora Maria já conhecesse o fenómeno da beldade sulista debutante das repúblicas de Chapel Hill, Colin tinha razão: Lily catapultava o conceito para um patamar absolutamente novo. No começo, Maria pensara que fazia parte de um teatro, mas as conversas durante o jantar fizeram-na mudar a pouco e pouco de opinião. O mais interessante era que, por muito que falasse – e Lily conseguia falar sobre *tudo* –, também conseguia obter informações apenas pela forma como *escutava*. Tinha uma forma de se inclinar um pouco para a frente e de acenar com a cabeça nos momentos certos; emitia sons de empatia ou compreensão, e depois fazia perguntas perspicazes. Maria nunca teve a impressão de que Lily

estava a tentar pensar na próxima coisa que queria dizer enquanto ela ainda estava a falar e, para sua surpresa, deu por si a contar a Lily e a Evan a história da entrega das rosas e o que acontecera a seguir. Depois disso, ficaram todos calados e Lily cobriu impulsivamente a mão de Maria com a sua.

Mais tarde, enquanto as duas mulheres estavam na casa de banho depois do jantar, Maria viu o reflexo de Lily no espelho.

– Sinto que quase não vos deixei falar – disse. – Peço desculpa.

– Não tens de pedir desculpa por nada. Há muitas coisas a acontecer na tua vida neste momento e sinto-me lisonjeada por teres confiado em nós.

Maria retocou o *bâton* antes de a sua voz se suavizar.

– Não ficaste surpreendida com o que o Colin fez, pois não? A fotografia e a investigação sobre a proveniência das rosas?

– Não – respondeu Lily. – Ele é assim mesmo. Quando ama alguém, faz tudo por essa pessoa.

– Parece que passo metade do tempo a tentar percebê-lo.

– Não me surpreende – disse Lily. – Ao mesmo tempo, como foste tão franca com o Evan e comigo, tens de saber que antes do jantar a minha lealdade era exclusivamente com o Colin. Queria conhecer-te para ter a certeza de que eras tudo o que ele disse.

– Gostas mesmo dele.

– Amo-o como se fosse meu irmão – reconheceu Lily. – Ele é muito importante para mim. E sei o que deves estar a pensar. Não podemos ser mais diferentes, e no princípio eu também não percebi o que o Evan via nele. Todas aquelas tatuagens, músculos e toda a violência no seu passado... – Lily abanou a cabeça. – Devo ter visitado o Evan quatro ou cinco vezes antes de dizer uma única palavra ao Colin e quando falei a primeira coisa que saiu da minha boca foi que pensava que ele devia arranjar outra casa para viver. E sabes o que o Colin me respondeu?

– «OK»? – imitou Maria, e Lily riu-se.

– Ele também faz isso contigo? Pobrezinho. Tenho tentado acabar com esse hábito sem sucesso, mas nos últimos tempos até acho que lhe assenta bem. Naquela altura, lembro-me de ter ficado ofendida. Queixei-me ao Evan e ele prometeu falar com o Colin, mas só se eu falasse com ele primeiro. O que eu comecei por recusar.

– Então quem é que acabou por quebrar o gelo? Tu ou ele?

– O Colin. Mais ou menos naquela altura, comprei uma televisão para oferecer ao Evan nos seus anos, e estava no porta-

-bagagens. O Colin apareceu quando eu estava a tentar transportar a caixa e ofereceu-se imediatamente para ajudar. Trouxe-a para dentro e perguntou-me se a queria montada ou na caixa, que era uma coisa em que eu não tinha pensado. Eu disse-lhe que o Evan podia montá-la, mas ele riu-se e disse que ele não saberia fazer isso. No minuto seguinte saiu para ir à drogaria e vinte minutos mais tarde estava a montá-la na parede. Também tinha trazido uma grande fita e um laço, e foi isso, mais do que qualquer outra coisa, que me fez pensar se haveria alguma coisa nele que valia a pena conhecer. Por isso, conversámos. Bastaram cerca de trinta segundos de perguntas para perceber que nunca tinha conhecido ninguém como ele.

– O Colin disse que o aconselhaste a voltar a estudar. E que o ajudaste com os estudos.

– Alguém tinha de o fazer. O pobre homem não abria um livro há anos. Mas ele tornou tudo mais fácil porque, quando decidiu voltar, estava determinado a dar o seu melhor. E é inteligente. Apesar de ter andado de escola em escola, deve ter assimilado algumas coisas.

– E é o padrinho de casamento do Evan?

Lily tirou um lenço de papel da carteira e esbateu o *bâton* enquanto assentia com a cabeça.

– Sim. É claro que os meus pais estão completamente horrorizados com a ideia. Tanto quanto sabem, ele é amigo do Evan, não meu, e estão sempre a insinuar que devo manter-me afastada dele. O meu pai estremeceu quando viu o Colin pela primeira vez e a minha mãe foi ao ponto de sugerir que ele nem sequer devia ser convidado para o casamento, e muito menos ser o padrinho. Mesmo quando lhes digo que ele também é meu amigo, eles fingem que não me ouvem. Têm os seus hábitos enraizados e eu serei sempre a sua menina preciosa, pobrezinhos.

– A minha mãe e o meu pai também não ficaram muito encantados com o Colin.

– É compreensível. Mas, ao contrário dos meus pais, aposto que os teus vão dar-lhe uma oportunidade e vão acabar por mudar de opinião. Afinal de contas, eu mudei. Mesmo agora, por vezes é difícil perceber. Com toda a franqueza, o Colin e eu não temos muito em comum.

– Não posso deixar de concordar.

Lily sorriu, endireitando as pérolas antes de se voltar para Maria.

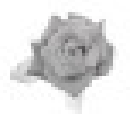
– No entanto, há alguma coisa na sua sinceridade genuína, e no facto de se estar nas tintas para o que as outras pessoas pensam dele, que me encanta.

Maria não conseguiu deixar de sorrir em sinal de concordância.

– Tens de acreditar quando te digo – acrescentou Lily – que ele está muito mais controlado do que quando o conheci. Tem sido um esforço extraordinário da minha parte. – Piscou-lhe o olho. – Mas não tens de me agradecer. Estás pronta? Tenho a certeza de que os rapazes já estão ansiosos por nos ver.

– Acho que o Colin não fica ansioso.

– Está ansioso – disse ela. – Pode não admitir, mas está.



– Não estava ansioso – disse Colin a caminho do carro. Mais à frente, Lily caminhava junto de Evan para o *Prius*. – Estava a falar com o Evan sobre a minha luta.

– A de Myrtle Beach?

– Não. A do próximo fim de semana.

– Que luta?

Colin contou-lhe e depois acrescentou:

– O Evan vai. Tu também devias ir.

– A Lily vai?

– Não – respondeu Colin. – Ela não gosta de lutas.

– Fico surpreendida por o Evan ir.

– Ele vai sempre às minhas lutas. Gosta de ver.

– A sério? Não me parece nada o género.

– E que género é esse?

– Pessoas parecidas contigo – brincou Maria. – Grandes músculos e tatuagens, mas, acima de tudo, pessoas que não tenham ar de quem vai desmaiar se virem um fio de sangue.

Ele sorriu.

– Queres ir?

– Claro. Mas aplica-se a mesma regra. Não podes ficar muito magoado, senão vou lembrar-me da noite em que nos conhecemos.

– Está bem.

– Dizes isso agora, mas pela forma como falaste sobre o Johnny Reese talvez não o possas garantir.

– Sem garantias – reconheceu ele. – Sobre que é que tu e a Lily estiveram a conversar na casa de banho?

– Falámos principalmente sobre ti.

– OK.

– Não queres fazer mais perguntas?

– Não.

– Como é possível não estares interessado no que dissemos?

– Porque foi entre ti e a Lily. Não tenho de saber. E, além disso, não pode ter sido muito mau porque ainda estás a dar-me a mão.

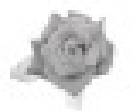
– A que tipo de discoteca vamos?

– Só sei que passam música dos anos oitenta. É uma das pancadas da Lily. O Evan contou-me que ouvir Madonna era a forma que ela tinha de ser rebelde quando era adolescente.

– Hum... Não era lá grande rebeldia...

– Não para ti ou para mim. Mas para os pais da Lily? Tenho a certeza de que torceram as mãos de desespero durante anos. Eles não gostam muito de mim.

– Talvez devesse convidá-los para uma luta – disse Maria. – É possível que isso os faça mudar de ideias. – Ouviu-o rir quando lhe abriu a porta e o som continuou enquanto rodeava o carro até ao lado do condutor.



Apesar da música tonitruante dos REO Speedwagon, o ambiente da discoteca não era nada o que ela esperava. Em vez de mulheres divorciadas e homens carecas de quarenta e tal anos a tentarem reviver a juventude, a discoteca era frequentada acima de tudo por alunos universitários. Maria quase esperou ver Serena com os amigos. Miúdas universitárias dançavam em grupos, a cantar ou a fingir que cantavam a música.

Colin aproximou-se do seu ouvido.

– O que é que te parece?

– Sinto-me velha – admitiu Maria. – Mas gosto da música.

Evan apontou para o bar e Colin acenou antes de dar a mão a Maria e levá-la por entre as mesas e grupos de pessoas para a zona apinhada do bar. Quando, por fim, conseguiram chamar a atenção do empregado do bar, Colin pediu água – nada de novo –, Evan pediu uma cerveja e Maria e Lily pediram *sea breezes*. A meio das bebidas, uma canção de Madonna fez uma encantada Lily bater palmas antes de levar Evan para a pista de dança. De repente, Maria pensou, *Oh, que se lixe*, pegou na mão de Colin e foram atrás deles.

O tempo passou a voar enquanto dançavam séries de três ou quatro músicas seguidas, fazendo apenas uma pausa ocasional. Maria pediu um segundo *sea breeze* e, embora não tivesse terminado o primeiro, sentia-se tonta e corada. Pela primeira vez numa semana, conseguira divertir-se.

Às onze e meia, conseguiram arranjar uma mesa pequena pela primeira vez. Estavam a descansar e a decidir quanto tempo mais ficariam quando uma jovem empregada de mesa se aproximou com um tabuleiro com bebidas. Pousou outro *sea breeze* diante de Maria.

Ela acenou para que a empregada levasse o copo.

– Eu não pedi isto.

– Foi o seu amigo – explicou a empregada, tentando fazer-se ouvir acima da música.

Maria lançou um olhar intrigado a Colin.

– Pediste outra bebida?

Quando ele abanou a cabeça ela voltou-se para Evan, que parecia tão surpreendido como Colin. Lily também parecia confusa.

– Quem é que pediu? – perguntou Maria.

– O seu amigo que estava no bar – disse a empregada de mesa, voltando-se para lá. – O do boné de basebol. – Inclinou-se mais para a frente. – Ele pediu-me para lhe dizer que ficou chateado por não ter gostado das rosas que lhe mandou.

Maria soltou um arquejo; uma fração de segundo mais tarde viu um movimento súbito quando Colin se levantou de um salto, fazendo a cadeira cair. Nos momentos que se seguiram, Maria só conseguiu registar uma série de imagens, como instantâneos apanhados num piscar de luz:

Colin a dar dois passos para a empregada de mesa, com o maxilar a cerrar-se... a aproximar-se tão depressa que ela deixou cair o tabuleiro de bebidas...

Evan e Lily a levantarem-se da mesa, entornando as bebidas...

Pessoas que estavam no bar a olhar para a confusão...

Colin a exigir que a empregada de mesa lhe dissesse exatamente quem era o homem no bar, furioso, a repetir a pergunta...

A rapariga a recuar. Aterrorizada...

Seguranças a começar a dirigir-se para eles...

Evan a dar um passo na direção de Colin, com as mãos levantadas...

Maria estava paralisada, pregada à cadeira, e as palavras da empregada de mesa ecoavam nos seus ouvidos. *Boné de basebol... Ficou chateado por não ter gostado das rosas...*

Ele estava aqui. Seguirá-a. Andará sempre a segui-la...

Quase não conseguia respirar e só via uma torrente de imagens, o mundo a entrar em colapso dentro de si.

Seguranças a abrir caminho pelo meio da multidão, a avançarem a uma velocidade assustadora...

Colin a gritar, a querer saber mais sobre o homem que pedira a bebida...

A empregada de mesa a recuar, a começar a chorar...

Uma multidão de curiosos a rodeá-los...

Evan a abrir caminho e a agarrar no braço de Colin...

Lily a dirigir-se para Maria...

Maria sentiu alguém a pousar as duas mãos nos seus ombros e começar a ajudá-la a levantar-se. Não teve energia para resistir, e percebeu que tinha sido Lily a levantá-la. Ouvia Colin gritar enquanto Evan lhe puxava o braço com força, a empregada a chorar, aterrorizada, desconhecidos a rodeá-los, os seguranças a chegar.

Desconhecido de camisa azul: «Que raio é que se passa?»

Colin, para a empregada de mesa: «Como é que ele era?»

Desconhecido com crista no cabelo: «Acalma-te! Deixa-a em paz!»

Empregada de mesa, entre lágrimas: «Já lhe disse que não sei! Ele usava um boné! Não sei!»

Desconhecido com tatuagens: «Que raio é que se passa contigo?»

Evan: «Temos de ir!»

Colin: «Era novo ou velho?»

Empregada de mesa: «Não sei! Vinte ou trinta? Não sei!»

Evan: «Agora, Colin! Vamos!»

Nessa altura, Lily estava a afastar Maria da mesa o mais depressa possível e, pelo canto do olho, ela

viu Evan desequilibrar Colin. Ele reagiu de uma forma instintiva, libertando-se de imediato e equilibrando-se de novo. As suas mãos assumiram uma posição de luta. Tinha o rosto vermelho e tenso, e os músculos do pescoço estavam retesados; por instantes, pareceu não reconhecer Evan.

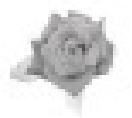
– Colin! Não! – gritou Lily. Evan recuou um passo e, tão depressa como surgira, a raiva de Colin começou a dissipar-se.

Naquele momento os seguranças chegaram e Maria viu Colin pôr as mãos atrás das costas, prendendo o pulso esquerdo com a mão direita. Um segurança agarrou-lhe nos dois braços, parecendo tão zangado e cheio de adrenalina como Colin estivera instantes antes.

– Eu vou consigo – disse Colin. – Eu vou. – Depois, disse à empregada de mesa, que continuava a chorar:

– Desculpa. Não queria assustar-te.

Mas nem a empregada de mesa nem os seguranças se importaram; Colin foi arrastado para o exterior e alguns minutos depois chegou um carro da polícia, com as luzes azuis a piscar. Pouco depois, um carro escuro encostou ao lado.



– Quem é aquele? – perguntou Maria, parada com Evan à frente do edifício, de braços cruzados. Lily entrara de novo na discoteca alguns momentos antes. No parque de estacionamento, Colin estava com dois polícias, um dos seguranças e um homem com um casaco desportivo muito usado que mastigava um palito.

O tom de Evan traiu a sua preocupação.

– O detetive Margolis. Ele está à espera que o Colin volte a fazer asneira.

– Porquê?

– Porque acha que ele devia estar na prisão.

– Isso vai acontecer?

– Não sei – disse Evan.

– Mas ele não fez nada – protestou Maria. – Nem sequer lhe tocou.

– Graças a Deus, senão estaria algemado. E talvez ainda seja, a não ser que a Lily consiga fazer a sua magia.

– O que é que ela está a fazer?

– A resolver o problema – respondeu Evan. – É o que a Lily faz.

A seu tempo, Lily saiu da discoteca, parou para apertar a mão a um dos seguranças que arrastara Colin para a rua e depois sorriu candidamente quando se aproximou dos polícias.

Maria observou a reação de Margolis quando a viu, levantando uma mão para a travar. Lily ignorou-o e continuou a avançar até estar suficientemente perto para ser ouvida, e, durante alguns minutos intermináveis, Evan e Maria ficaram a observar, curiosos para saber o que ela estaria a dizer-lhes. Por fim, um dos polícias e o segurança entraram na discoteca enquanto Margolis e o outro polícia permaneciam com Colin. Margolis estava sem dúvida furioso, mas ainda não tinha tentado algemá-lo. Os acontecimentos da última meia hora faziam os pensamentos de Maria fervilhar, arrasando as suas emoções. Tinha sido seguida para o bar, o que significava que tinha sido seguida para o restaurante, o que significava que tinha sido seguida de casa.

Ele sabia onde ela morava e seguira-a até aqui.

Susteve a respiração e registou a voz de Evan ao longe.

– Estás bem?

Apertou os braços. Queria que Colin a abraçasse, mas estava zangada por ele se ter descontrolado. Ou estaria com medo por ele? Não sabia.

Ele sabia onde ela morava e seguira-a até aqui.

– Não – admitiu ela, percebendo que estava a tremer. – Não estou.

Sentiu um braço de Evan a rodeá-la.

– Não há dúvida de que é uma grande trapalhada. Se estivesse no teu lugar, estaria de rastos.

– O que vai acontecer ao Colin?

– Ele vai ficar bem.

– Como é que sabes?

– Porque a Lily parece calma e o Margolis parece furioso.

Maria observou os dois e concluiu que Evan tinha razão. No entanto, tudo correria mal essa noite.

Passado um minuto, o polícia que tinha entrado na discoteca voltou para o lado de Margolis. Falaram durante alguns minutos antes de os dois agentes voltarem com relutância para o carro-patrulha. Nessa altura, Lily voltava para junto de Evan e Maria. Evan soltou Maria para abraçar a namorada.

– Não há queixas – disse ela. – Vão deixá-lo ir.

– O que é que fizeste? – perguntou Maria.

– Conversei com a empregada de mesa e com o gerente e contei-lhes a verdade – respondeu Lily. – Que tu estavas a ser perseguida por um tarado e que o Colin reagiu de uma forma exagerada porque tu tens andado assustada e ele pensou que poderias estar em perigo. Eles foram surpreendentemente compreensivos. Principalmente depois de eu ter dado à empregada uma gorjeta extragrande, ter pagado as bebidas que se entornaram e oferecido algum dinheiro ao gerente pelo incómodo.

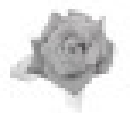
Maria olhou-a.

– Tu subornaste-os?

– Não fiz nada disso. Limitei-me a fazer os possíveis para retificar a situação de uma forma que satisfizesse todos os envolvidos. Quando o polícia foi falar com eles, disseram-lhe que não queriam apresentar queixa. No entanto, admito que houve um momento em que não tive a certeza se ia resultar outra vez.

– Outra vez?

– Não é a primeira vez que isto acontece – disse Evan.



Margolis seguiu os passos de Colin quando ele se aproximou do seu grupo. Para outras pessoas, Colin devia parecer tão controlado como sempre, mas Maria reparou em algo na sua expressão que lhe mostrou como ele estivera perto de se descontrolar completamente. Ele parou ao lado dela enquanto Margolis estudava cada um dos rostos. Colin olhou-o, imperturbável, e Evan e Lily também.

– O duo dinâmico ataca de novo – disse Margolis num tom sarcástico. – Quanto é que vos custou desta vez?

– Não faço ideia do que está a falar – mentiu Lily num tom doce, com um sotaque tão carregado como sempre.

– Claro que não fazes – disse Margolis. – O que será que o gerente e a empregada de mesa diriam se os pusesse sob juramento? – Deixou o comentário pairar no ar, com todas as suas implicações, antes de continuar. – Mas não há razão para isso, pois não? Agora que salvaram novamente o vosso grande amigo

Colin.

– Não foi preciso salvá-lo – disse Lily num tom arrastado. – Ele não fez nada de errado.

– Curioso. Porque recordo-me de uma coisa do género já ter acontecido pelo menos em mais duas ocasiões em que vocês estavam presentes.

Lily fingiu que estava confusa.

– Está a referir-se àquelas duas ocasiões em que o Colin saiu connosco e, mais uma vez, não fez nada errado?

– Continua a dizer isso a ti mesma. Estás apenas a adiar o inevitável. O Colin sabe quem é. Pergunta-lhe. Ele diz-te. – Voltou-se para Colin. – Não é verdade, Colin? Que gostas de convencer toda a gente de que és um exemplo de honestidade?... Embora estejas sempre prestes a explodir.

Maria viu os olhos de Colin semicerrarem-se quando Margolis espetou a cabeça para Evan.

– Tens de agradecer ao Evan por te afastar no momento certo. Se algum daqueles tipos que te rodeavam te tivesse tocado, tu e eu sabemos que iríamos passar muito tempo juntos, tu na gaiola e eu a dizer ao promotor para deitar fora a chave.

– O Colin não tocou em ninguém – exclamou Evan.

Margolis mudou o palito para o outro lado da boca.

– Estava a pensar mais em agressão. Disseram-me que a empregada de mesa estava aterrorizada por ele estar a gritar com ela e tenho dúzias de testemunhas lá dentro dispostas a confirmar isso.

– Ele só queria saber quem mandou a bebida – protestou Maria.

Quando os olhos de Margolis fitaram os seus, ela estremeceu.

– Oh, é verdade. Por causa do suposto perseguidor, certo? Não me vou esquecer de analisar a queixa. – Maria não disse nada e arrependeu-se de ter interferido.

– Oh, espere. Não apresentou queixa? Alguma vez falou com um advogado?

– Ela é advogada – disse Lily.

– Então é ainda mais estranho, não te parece? A única coisa que os advogados fazem é apresentar queixas. – Voltou-se para Maria. – No entanto, vou dizer-lhe uma coisa; se alguma vez quiser apresentar queixa procure-me, está bem?

– Deixe-a fora disto – resmungou Colin.

– Estás a dizer-me o que fazer? – perguntou Margolis.

– Sim – respondeu Colin.

– E se eu não obedecer? Vais bater-me?

Colin continuou a olhar para ele antes de dar a mão a Maria.

– Vamos embora – disse, começando a afastar-se, com Evan e Lily a segui-lo de perto.

– Vão – disse Margolis atrás deles. – Vemo-nos por aí.



– Quanto é que te devo? – perguntou Colin.

– Vamos preocupar-nos com isso mais tarde, está bem? – disse Lily.

Tinham seguido Evan e Lily para a casa de Evan e estavam os quatro no alpendre da frente. Tinham vindo em silêncio, os pensamentos de Maria demasiado fragmentados para conversar e Colin sem disposição para quebrar o silêncio. Mesmo naquele momento, Maria sentiu-se uma observadora da sua própria vida.

– Que raio é que estavas a fazer esta noite? – perguntou Evan. – Já falámos sobre isto! E o Margolis

tem razão! O que teria acontecido se a Lily e eu não tivéssemos estado lá?

– Não sei – respondeu Colin.

– Tu sabes muito bem o que podia ter acontecido! – Evan passou uma mão pelo cabelo. – Por que raio é que continuas a fazer isto? Tens de aprender a controlar essa coisa.

– OK.

– Não digas OK! – gritou Evan. – Como a Lily, estou farto de te ouvir dizer isso constantemente, porque é um escape! Pensei que tínhamos ultrapassado isto o ano passado, depois de aquele tipo ter entornado sem querer a bebida na Lily.

– Tens razão – disse Colin em voz baixa. – Cometi um erro. Perdi o controlo.

– Não me digas. *A sério?* – atirou Evan. Virou-se e começou a dirigir-se para a porta. – Que se lixe. Falem vocês com ele por enquanto. Estou farto. – A porta bateu atrás dele, deixando os três no alpendre.

– Tu sabes que o Evan tem razão, Colin – disse Lily.

– Eu não ia magoá-la.

– Isso não importa – disse ela, num tom suave. – Tu és grande e forte, e quando estás zangado as pessoas sentem a violência inata dentro de ti. A pobre empregada de mesa estava toda encolhida e a chorar e tu só a deixaste em paz quando o Evan fez tudo o que estava ao seu alcance para te tirar dali. E depois, tive quase a certeza de que lhe ias bater a ele.

Colin baixou os olhos para o chão antes de levantar a cabeça e, por instantes, a sua confiança desapareceu. No seu lugar, Maria viu vergonha e remorsos, talvez até um pouco de desespero.

– Não voltará a acontecer.

– Talvez – disse Lily, dando-lhe um beijo na face. – Também disseste isso da última vez.

Voltou-se para Maria e deu-lhe um abraço.

– E tenho a certeza absoluta de que tudo isto deve ser esmagador e aterrador para ti. Se alguém me perseguisse e atormentasse, eu já teria corrido para Charleston, para me esconder em casa dos meus pais, e, conhecendo-os como os conheço, eles mandavam-me para fora do país. Lamento muito o que te está a acontecer.

– Obrigada – disse Maria. Subitamente exausta, quase não reconheceu o som da sua voz.

– Querem entrar? – perguntou Lily quando se afastou. – Tenho a certeza de que o Evan já está mais calmo e poderemos pensar em algumas opções ou ideias... ou podemos ficar apenas a ouvir, se sentires necessidade de falar.

– Eu nem saberia o que dizer – disse ela.

Lily compreendeu, e fechando a porta atrás de si com um clique suave, deixou Maria e Colin sozinhos no alpendre.

– Desculpa, Maria – balbuciou ele.

– Eu sei.

– Queres que te leve a casa?

A maioria das casas da rua já estava às escuras.

– Não quero ir para casa – disse ela, baixinho. – Ele sabe onde eu moro.

Colin estendeu a mão.

– Anda – disse. – Podes ficar comigo.

Desceram do alpendre e contornaram a casa para a entrada do rés do chão. Já no interior do apartamento, Colin acendeu as luzes. Esperando esquecer o nó que não lhe abandonava o estômago, ela observou o espaço. Dimensão média, uma cozinha à direita e um pequeno corredor logo adiante que dava com toda a certeza acesso ao quarto e à casa de banho. Surpreendentemente arrumado, sem tralha amontoada na mesa de apoio ou nas bancadas. Esquema de cores neutro para a mobília, sem fotografias

ou objetos pessoais, como se ninguém vivesse aqui.

– É a tua casa?

Ele assentiu com a cabeça.

– Por enquanto. Queres beber alguma coisa?

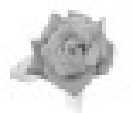
– Só água – disse ela.

Colin encheu dois copos na cozinha e estendeu-lhe um. Ela bebeu um gole, lembrando-se de repente que estava a ser seguida e vendo de novo a raiva de Colin enquanto exigia respostas à empregada de mesa, com os músculos tensos. Lembrou-se da fração de segundo depois de Evan o desequilibrar e do desvario e da fúria incontrollável na sua expressão.

– Como te sentes? – perguntou ele por fim.

Ela tentou afastar a imagem e percebeu que não conseguia.

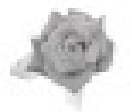
– Não me sinto bem – disse. – Não me sinto nada bem.



Nenhum dos dois pareceu saber o que dizer ao outro na sala de estar, nem mais tarde, quando estavam deitados. Em vez disso, e como precisava apenas de ser abraçada, Maria virou-se e pousou a cabeça no peito de Colin, consciente da tensão que se mantinha no corpo dele.

Esperava sentir-se mais segura se ficasse ali, com Colin ao seu lado.

No entanto, não se sentia segura. Já não. E acordada, a contemplar a escuridão, começou a pensar que talvez nunca mais voltasse a sentir-se em segurança.



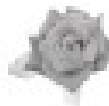
De manhã, Colin levou Maria a casa e esperou na sala enquanto ela tomava duche e se vestia, mas não a acompanhou ao *brunch* em casa dos pais. Compreendia que naquele momento ela precisava de estar sozinha com a família, um paraíso de estabilidade e previsibilidade no meio de uma vida que de repente parecia completamente virada do avesso. Acompanhou-a ao carro e, enquanto se abraçavam, ela percebeu que se retesava um pouco.

Em casa, os pais não tiveram consciência, mas assim que Maria entrou Serena percebeu que alguma coisa a incomodava, alguma coisa que ela não queria contar aos pais. Serena entrou no jogo na perfeição, fazendo constantemente comentários enquanto cozinhavam e comiam, preenchendo os silêncios com o som da sua voz e impedindo que a conversa versasse assuntos sérios.

Mais tarde, Maria e Serena foram dar um passeio. Quando estavam a uma distância segura da casa, Serena voltou-se e disse:

– Desembucha.

Sentaram-se num banco por baixo de um ulmeiro cujas folhas começavam a ficar douradas e Maria contou a Serena tudo o que acontecera, revivendo o terror dos dias anteriores, e, quando começou a chorar, Serena também chorou. Como Maria, Serena ficou perturbada e assustada; como Maria, ela tinha mais perguntas do que respostas. Perguntas às quais Maria só podia abanar a cabeça.



Depois do almoço, Serena e os pais foram para casa do tio de Maria, para uma reunião informal de família, como tantas outras, mas Maria pediu para ser dispensada alegando que estava com dores de cabeça e queria dormir uma sesta. Embora o pai tivesse aceitado a desculpa sem questionar, a mãe ficou desconfiada, mas sabia que não devia pressioná-la. A caminho da porta, deu-lhe um abraço mais longo do que era habitual e perguntou-lhe como estavam as coisas com Colin. O som do nome dele provocou uma inesperada torrente de lágrimas e, a caminho do carro, Maria pensou: *Tornei-me, oficialmente, um caso perdido.*

Foi-lhe estranhamente difícil concentrar-se o suficiente para conduzir. Apesar do trânsito, só conseguia pensar que alguém a estava a vigiar, à espera que ela voltasse... ou talvez até a estivesse a seguir agora. Num impulso, mudou de faixa de rodagem e virou de uma forma abrupta para uma rua lateral, com os olhos colados ao espelho retrovisor. Virou de novo, e depois mais uma vez, antes de parar por fim. E, embora quisesse ser forte – e pedisse a Deus para a ajudar a ser forte –, deu por si debruçada sobre o volante, a soluçar.

Quem era ele e o que queria? O homem sem nome e sem rosto com o boné de baseball – porque é que ela não o tinha procurado? Só se lembrava de sombras e fragmentos, absolutamente nada...

Mas também havia mais, uma coisa que a mantinha ansiosa e à beira das lágrimas. Sem pensar, engatou o carro e começou a conduzir, acabando por ir para uma zona sossegada de Carolina Beach.

O dia estava fresco e o vento cortante que sentiu enquanto passeava pela areia prenunciava a chegada do inverno. O céu enchera-se de nuvens brancas e cinzentas, e parecia estar prestes a chover. As ondas sucediam-se num ritmo calmante e, enquanto passeava, sentiu por fim que os seus pensamentos começavam a concentrar-se o suficiente para emergir um pouco de clarividência.

Ela não estava nervosa apenas por estava a ser seguida. Nem estar apenas a reviver o medo que sentira *por* Colin enquanto ele estava com os polícias, o seu futuro em risco. Percebeu agora que também tinha medo *de* Colin e, por muito doente que o pensamento a deixasse, não conseguiu afastá-lo.



Sabendo que precisava de falar com Colin, Maria dirigiu-se para a casa de Evan. Quando Colin abriu a porta do apartamento, percebeu que ele estivera a estudar à mesa da cozinha. Embora ele a convidasse para entrar, não aceitou, pois de repente o interior do apartamento pareceu-lhe claustrofóbico. Em vez disso, foram para o alpendre de Evan e cada um se sentou numa cadeira de baloiço enquanto a chuva começava a cair.

Colin empoleirou-se na ponta da sua cadeira, com os antebraços pousados nas pernas. As últimas vinte e quatro horas tinham sem dúvida feito estragos e ele parecia cansado. Não fez nada para quebrar o silêncio e, por instantes, Maria não soube por onde começar.

– Tenho estado uma pilha de nervos desde ontem à noite – arriscou –, por isso, se eu não estiver a fazer muito sentido, deve ser porque os meus pensamentos ainda estão confusos. – Inspirou. – Quero dizer-te que sei que só estavas a tentar ajudar-me. Mas a Lily tinha razão. Embora acredite em ti quando dizes que não ias magoar a empregada de mesa, o teu comportamento contou uma história diferente.

– Quase me descontrolei.

– Não – disse ela. – Tu *descontrolaste-te*.

– Não posso controlar as minhas emoções. A única coisa que posso controlar é o meu comportamento, e não toquei nela.

– Não tentes minimizar o que aconteceu.

– Não estou a tentar minimizar nada.

– E se te zangares comigo?

– Eu nunca te magoaria.

– E, como a empregada de mesa, eu podia acabar na mesma aterrorizada e a chorar. Se tu te comportasses daquela maneira comigo, eu nunca mais queria falar contigo. E depois, com o Evan...

– Eu não fiz nada ao Evan.

– Mas se tivesse sido outra pessoa a agarrar-te... um tipo desconhecido... não terias conseguido parar, e tu sabes. Exatamente como o Margolis disse. – Maria fez questão de o olhar nos olhos. – Ou vais mentir-me pela primeira vez e dizer que estou errada?

– Tive medo por ti. Porque o tipo estava lá.

– Mas o que fizeste não melhorou a situação.

– Só queria saber como ele era.

– E achas que eu não quero saber? – disse ela, levantando a voz. – Mas diz-me uma coisa... e se ele ainda estivesse lá? Sentado ao balcão? O que é que terias feito? Acreditas mesmo que terias sido capaz de ter uma conversa razoável com ele? Não. Terias reagido de uma forma exagerada e neste momento estarias na prisão.

– Desculpa.

– Já pediste desculpa. – Ela hesitou. – Por muito que tenhamos falado sobre o teu passado, e por muito que eu pensasse que te conhecia, percebi que não te conheço. Ontem à noite não eras o homem por quem me apaixonei, nem sequer um homem com quem eu sairia. Em vez disso, vi uma pessoa que... no meu passado... teria mandado prender de boa vontade.

– O que estás a tentar dizer?

– Não sei – disse ela. – A única coisa que sei é que não tenho energia para começar a preocupar-me com a possibilidade de fazeres alguma coisa parva e dares cabo da tua vida, ou de acabares por me assustar porque alguma coisa dentro de ti se liga de repente.

– Não tens de te preocupar comigo.

Ao ouvir aquele comentário ela ruborizou-se, e todos os seus medos e ansiedades vieram à superfície como uma bolha de ar a mover-se na água.

– Não sejas hipócrita! Que raio achas que foi aquilo ontem à noite? Ou a semana passada, já agora? Tu a esconderes-te num telhado durante várias horas para tirar uma fotografia ao meu patrão, a telefonares para todas as floristas da cidade e a fazeres duas horas de carro para mostrar uma fotografia a um desconhecido! Tu fizeste isso porque *tu* estavas preocupado *comigo*. E agora dizes que *eu* não me posso preocupar *contigo*? Porque é que não faz mal que tu te preocupes, mas eu não posso...

– Maria...

– Deixa-me acabar! – exigiu ela. – Eu disse-te que o que me estava a acontecer não era um problema teu! Disse-te para não te meteres! Mas tu estavas decidido a fazer o que querias... E está bem, talvez me tenhas convencido a deixar que tirasses as fotografias. Porque parecias saber o que estavas a fazer; parecias ser capaz de resolver isto. Mas, depois do que vi ontem à noite, é óbvio que não és! Quase foste preso! E depois, o que teria acontecido? Fazes ideia do que isso me teria feito? De como eu me teria sentido?

Pressionou as pálpebras com os dedos e estava a tentar organizar os seus pensamentos quando ouviu o

telemóvel tocar. Tirou-o do bolso, reconheceu o número de Serena e perguntou a si mesma porque é que a irmã estaria a ligar-lhe. Ela não dissera alguma coisa sobre um encontro?

Atendeu e percebeu logo o pânico na voz da irmã, com as palavras a saírem num espanhol rápido.

– Vem para casa agora! – soluçou Serena antes que Maria pudesse dizer uma única palavra.

Maria sentiu um aperto no peito.

– Qual é o problema? O pai está bem? O que é que aconteceu?

– É a mãe *e* o pai! Por causa da *Copo*! Ela está morta!

CAPÍTULO 17



Colin

Colin imaginou que Maria estivesse demasiado abalada para conduzir e levou-a no carro dela até à casa dos pais dela, tentando perceber a sua disposição enquanto ela olhava pela janela salpicada de chuva. Entre soluços, Serena não conseguira dizer muito – ninguém sabia o que acontecera, além de que *Copo* estava morta. Quando estacionaram na rampa de entrada, Maria correu para casa e Colin seguiu-a. Os pais estavam abraçados no sofá, transtornados e com os olhos vermelhos. Serena estava de pé perto da cozinha, a limpar as lágrimas.

Felix levantou-se do sofá assim que Maria entrou e começaram os dois a chorar. Pouco depois, a família inteira estava abraçada, a chorar, e Colin manteve-se discretamente à porta.

Quando as lágrimas diminuíram, todos se sentaram no sofá e Maria continuou a segurar a mão do pai. Estavam a falar em espanhol, por isso não conseguiu acompanhar a maior parte da história, mas ouviu mais do que o suficiente para perceber que a morte do animal não fazia sentido nenhum.



Mais tarde, sentou-se com Maria no alpendre das traseiras e ela contou-lhe o que soubera, que não era muito. Os pais e Serena tinham ido para casa dos familiares depois do *brunch* e, embora costumassem levar a cadela, estariam lá muitas crianças e eles tinham tido receio de que *Copo* ficasse stressada, ou, pior, que a magoassem sem querer. Serena voltara para casa uma hora depois porque deixara o telemóvel a carregar na bancada da cozinha. Quando vira *Copo* deitada perto da porta de correr das traseiras – que ficara aberta –, presumira que a cadela estava a dormir. Porém, quando o animal não se mexeu até ela estar de saída, chamara-a. Como *Copo* não reagira, fora ver como ela estava e percebera que estava morta. Ligara para os pais, que tinham voltado logo para casa, e depois para Maria.

– A *Copo* estava bem antes de eles saírem. Tinha comido e não parecia doente. Não havia nada com que ela se pudesse engasgar e o meu pai não encontrou nada na garganta dela. Não havia sangue nem vomitado... – Inspirou, trémula. – É como se tivesse morrido sem motivo e o meu pai... nunca o tinha visto chorar. Ele levava-a para toda a parte; quase nunca a deixavam sozinha. Não podes compreender o quanto ele amava aquela cadelinha.

– Posso imaginar – disse ele.

– Talvez – replicou ela. – Mas ainda assim... tens de compreender que na aldeia onde os meus pais nasceram os cães servem para tomar conta dos rebanhos ou andam com as pessoas nos campos, mas não

são considerados animais de companhia. O meu pai nunca compreendeu a paixão dos Americanos por cães. A Serena e eu implorámos-lhe para ter um cão quando éramos mais novas, mas ele opôs-se sempre terminantemente. E depois, quando eu e a Serena saímos de casa, de repente ficou um enorme vazio na vida dele... A determinada altura, alguém lhe sugeriu que arranjasse um cão e desta vez foi como se se tivesse acendido uma luz para ele. A *Copo* era como uma filha, mas mais obediente e dedicada. – Ela abanou a cabeça e ficou em silêncio durante alguns momentos. – Ainda nem sequer tem quatro anos. Quero dizer... um cão pode simplesmente... morrer? Alguma vez ouviste uma história assim?

– Não.

Ela esperava aquela resposta, mas não ajudou, e pensou de novo no motivo pelo qual precisava de falar com ele.

– Colin... em relação ao que estávamos a falar há pouco...

– Tu tinhas razão. Em relação a tudo.

Ela suspirou.

– Eu gosto de ti, Colin. Amo-te e o que mais quero é estar contigo, mas...

A palavra *mas* pairou no ar, pesada.

– Mas eu não sou quem tu pensavas.

– Não – disse ela. – Tu és exatamente quem eu pensava, e avisaste-me desde o primeiro momento. E eu achei que conseguiria aguentar, mas ontem à noite percebi que não sei se sou capaz.

– O que é que isso significa?

Ela prendeu uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

– Acho que neste momento talvez seja melhor abrandar um pouco as coisas. Entre nós, isto é. Com tudo o que está a acontecer... – Não terminou. Mas também não era preciso.

– O que vais fazer em relação ao tipo que anda a seguir-te?

– Não sei. Neste momento, nem sequer consigo raciocinar como deve ser.

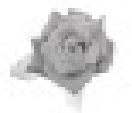
– É isso mesmo que ele quer. Ele quer que estejas preocupada e com medo, sempre enervada.

Maria enfiou os dedos no cabelo, massajando as têmporas. Quando falou, a sua voz estava rouca.

– Neste momento, sinto que estou presa num pesadelo e só quero acordar... E, para cúmulo, tenho de apoiar os meus pais. O meu pai quer enterrar a *Copo* esta noite, e isso só vai deixá-lo ainda mais transtornado. E a minha mãe também. E esta chuva... Porque é que a *Copo* teve de morrer logo neste fim de semana?

Colin espreitou para o jardim das traseiras.

– Que tal eu dar uma ajuda a preparar tudo?

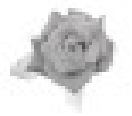


Maria trouxe-lhe uma pá da garagem e, depois de uma troca de palavras com o pai, Colin começou a cavar um buraco sob um carvalho, com a chuva a encharcar-lhe a camisa. Lembrou-se de fazer a mesma coisa pela sua cadela, *Penny*, uma *teckel* miniatura de pelo comprido. A cadela dormia na sua cama quando ele ainda vivia em casa e, quando foi mandado para o colégio, sentia mais falta dela do que da família.

Recordou como fora difícil cavar a sepultura no verão, depois do décimo ano; era uma das poucas vezes que se lembrava de chorar desde o primeiro ano em que fora enviado para um colégio interno. Cada pazada de terra era uma recordação de *Penny* – a correr pela relva ou a tentar apanhar uma borboleta – e quis poupar isso a Felix.

A tarefa também o afastou de Maria. Compreendia a sua necessidade de espaço nesse momento, embora não gostasse de pensar no motivo. Sabia que fizera uma grande asneira e agora ela devia estar a tentar perceber se ele valia o risco.

Acabou de cavar o buraco debaixo da árvore e a família enterrou a cadela. Os quatro choraram e abraçaram-se de novo. Quando todos voltaram para dentro, Colin começou a deitar terra para tapar a sepultura e os seus pensamentos regressaram ao perseguidor e ao facto de Maria estar a ser seguida. Tentou adivinhar qual seria o passo seguinte do homem. E naquele momento decidiu que, quer Maria o quisesse na sua vida quer não, estaria presente se ela precisasse dele.



– Tens a certeza? – perguntou-lhe Maria, parada com ele no alpendre da frente. – Não me importo nada de te deixar em casa. – No interior, Carmen e Serena faziam o jantar. Tanto quanto Colin sabia, Felix continuava no alpendre das traseiras, sentado sozinho com a coleira de *Copo* nas mãos.

– Eu fico bem. De qualquer maneira, preciso de correr.

– Mas ainda está a chover.

– Já estou molhado.

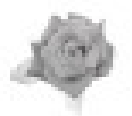
– Não é um bocado longe? Uns oito ou dez quilómetros?

– Tu tens de ficar com a tua família – disse ele, e durante alguns instantes nenhum deles falou. – Posso telefonar-te? – perguntou, por fim.

Ela olhou para a casa antes de se voltar para ele.

– E se for eu a telefonar-te?

Ele acenou com a cabeça antes de recuar um passo e, sem mais uma palavra, virou-se e começou a correr.



Maria não telefonou até ao fim da semana, e foi a primeira vez na vida que ele percebeu que gostava o suficiente de uma rapariga para se importar. Ou para pensar nisso em momentos inesperados, ou sempre que o telefone tocava – o que não acontecia muitas vezes.

Não ia telefonar-lhe. Queria; pegou mais de uma vez no telemóvel antes de lembrar a si mesmo que ela lhe pedira para não ligar. Ela é que teria de decidir se lhe telefonava ou não.

Para não pensar no assunto, tentou manter-se ocupado. Acrescentou mais um turno no trabalho e depois das aulas e antes dos turnos no bar ia para o ginásio, onde trabalhava com Daly e Moore.

Eles estavam mais entusiasmados com o combate do que ele. Muito embora lutar com uma pessoa como Reese fosse uma rara oportunidade para avaliar o seu nível técnico, quer vencesse quer perdesse, a longo prazo não seria muito importante para ele. Para Daly e Moore, um bom combate poderia significar um pequeno incentivo para o ginásio. Não admirava que tivessem passado as primeiras duas horas na segunda-feira a analisar filmes das lutas anteriores de Reese com Colin, a estudar as tendências e a avaliar as forças e fraquezas.

– Ele é bom, mas não é imbatível – continuou Daly a insistir, e Moore concordou. Colin escutou enquanto tentava ignorar os comentários que considerava demasiado sonhadores ou otimistas – basicamente, qualquer coisa que tivesse as palavras *Reese* e *chão* na mesma frase. Reese iria comê-lo

vivo no chão.

Uma vantagem era que os filmes mostravam que as capacidades de Colin eram ligeiramente melhores do que as de Reese no ataque. Sobretudo nos pontapés; até àquele ponto na sua carreira, nenhum lutador atacara Reese com pontapés nos joelhos, apesar de ele oferecer inúmeras oportunidades. Reese também não se protegia de golpes nas costelas depois de um ataque, e era útil saber isso quando se estava a planear uma estratégia. O problema era que, quando a luta começava a sério, as estratégias perdiam-se muitas vezes, mas era onde – segundo Daly e Moore – Colin tinha a maior vantagem.

– O Reese nunca combateu com ninguém com mais de seis ou sete lutas no currículo, o que significa que os seus adversários eram mais fracos e estavam intimidados. Tu não estarás intimidado e isso vai abalá-lo mais do que qualquer outra coisa.

Daly e Moore tinham razão. Lutar – quer fosse em bares, na rua ou até no ringue – não era apenas uma questão de capacidades, mas também de confiança e controlo. Era uma questão de esperar o momento certo e, depois, aproveitá-lo; era uma questão de experiência quando a adrenalina circulava pelo corpo, e Colin tivera mais *lutas* do que Reese. Reese era um atleta, uma pessoa que apertava a mão do adversário depois de um combate; Colin era o tipo de homem que atacava primeiro e partia garrafas de cerveja na cabeça das pessoas no fim, com o único objetivo de causar o máximo de danos, o mais depressa possível.

Ainda assim, havia um motivo pelo qual Reese permanecia invicto. No seu melhor, Colin achava que teria apenas uma oportunidade em quatro de vencer, e teria de sobreviver aos dois primeiros assaltos. Os treinadores continuavam a garantir-lhe que, quanto mais tempo a luta durasse, mais os pontapés nos joelhos e os golpes nas costelas o cansariam.

– O terceiro assalto vai ser teu – prometeram.

Na terça, quarta e quinta-feira intensificaram o trabalho, dedicando uma hora e quinze minutos todos os dias a ataques específicos. Daly entrava no ringue com fortes joelheiras e um colete, exigindo que Colin lhe pontapeasse os joelhos, oferecendo aberturas e depois tirando-as. Em simultâneo, com comandos acesos e exigentes, Moore dava instruções a Colin para manter a distância e concentrar-se nas costelas depois de cada combinação de golpes de Daly. Nos últimos quarenta e cinco minutos, Colin concentrava-se em trabalho de chão, aperfeiçoando as técnicas defensivas. Estavam todos plenamente conscientes de que Reese tinha uma importante vantagem nesta área, e o melhor que Colin podia esperar era sobreviver.

Ele nunca treinara para um adversário específico, e foi frustrante. Falhava os pontapés nos joelhos e era demasiado lento nos golpes nas costelas; muitas vezes, deixava-se prender, que era exatamente o que Reese queria. Só na quinta-feira é que se aguentou melhor, embora não por muito tempo, e quando saiu do ginásio desejou ter mais duas semanas para se preparar.

Sexta-feira foi um dia de descanso, o primeiro dia em que Colin não treinava em mais de um ano, e ele precisava daquela pausa. Doía-lhe tudo. Uma vez que não tinha aulas, passou a manhã e a tarde a fazer dois trabalhos. Mais tarde, no emprego, com as temperaturas mais baixas a chegar, quase não houve clientes no bar do topo do edifício, mesmo durante a enchente à hora do jantar. Às nove da noite, não havia ninguém e Colin tinha o espaço todo só para si. Quase não recebera gorjetas, mas teve tempo para refletir sobre o que acontecera durante o fim de semana anterior. Ou, mais especificamente, sobre a pergunta que Maria fizera e que o incomodava desde então.

Porque é que a Copo teve de morrer logo este fim de semana?

Não havia nada que sugerisse que o tipo que andava a segui-la era responsável pela morte de *Copo*, mas também não havia nada que tornasse a ideia implausível. Se ele sabia onde Maria morava, era mais que possível que também soubesse onde moravam os seus pais. A porta de correr das traseiras fora deixada aberta. *Copo* estava bem quando a deixaram e três horas mais tarde estava morta, sem nenhuma

razão aparente. Colin sabia que não seria muito difícil partir o pescoço do animal ou asfixiá-lo.

Ou, por outro lado, a cadela podia ter morrido de causas naturais, embora inexplicadas.

Perguntou a si mesmo se Maria tivera os mesmos pensamentos terríveis; se assim fosse, também suspeitaria que a perseguição passara para um novo patamar, e perguntou a si mesmo se ela lhe telefonaria. Se não como namorado, como um amigo que prometera ajudá-la sempre que ela precisasse.

Olhou para o telemóvel.

Ela não telefonara.



Colin passou a manhã de sábado a tentar adiantar a leitura, mas ao meio-dia perguntou a si mesmo porque é que se tinha dado a esse trabalho. Os nervos impediam-no de reter alguma coisa importante. Também não sentia fome e só conseguira beber dois batidos de proteínas.

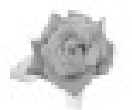
A sensação de nervos era nova para si. Recordou a si próprio que não era importante ganhar, mas ao mesmo tempo também admitiu que estava a mentir a si mesmo. Se não se preocupava com o que podia acontecer no ringue, porque é que controlava tudo o que comia ou bebia? Porque é que treinava duas ou três vezes por dia? E teria aceitado passar a semana inteira a preparar-se para Johnny Reese?

O facto é que nunca entrara na jaula a pensar que perderia uma luta. Amadores eram *amadores*. Mas Reese era diferente. Reese podia dar-lhe uma tarefa se ele fizesse um único movimento errado; Reese era muito melhor.

A menos que a minha estratégia resulte...

Sentiu uma onda súbita e inesperada de adrenalina. Não era bom. Era demasiado cedo. Estaria esgotado antes mesmo de o combate começar, por isso tinha de afastar aquele assunto do pensamento. A melhor maneira era ir correr para desanuviar a mente, mesmo que os treinadores quisessem que ele preservasse a energia.

Azar. Foi correr, mas só foi parcialmente bem-sucedido.

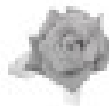


Horas mais tarde, Colin sentou-se sozinho no camarim improvisado. Fora pesado e já tinha as luvas nas mãos. Daly certificou-se de que a quantidade de bandas neuromusculares nas mãos estava de acordo com os regulamentos. Colin decidiu usar uma coquilha e as suas sapatilhas foram inspecionadas. Montes de regulamentos, mesmo ao nível amador. Faltavam apenas dez minutos para a luta começar e ele tinha pedido a Daly e Moore que o deixassem sozinho, embora eles quisessem ficar.

A atitude dos dois estava a irritá-lo. Nos minutos que antecederiam qualquer luta, quase tudo e todos o irritavam, e era isso mesmo que ele queria. Pensou em golpes nos joelhos e nas costelas; pensou em manter Reese confuso e vencer o terceiro assalto. A adrenalina já estava a fazer com que todos os músculos se retensassem e os sentidos se apurassem. Do outro lado das paredes ouvia o rugido da multidão, que foi ficando cada vez mais alto. Sem dúvida que um lutador estava a impor a sua vontade a outro, o combate a chegar claramente ao fim, um adversário a ser massacrado...

Colin respirou fundo.

O espetáculo ia começar.



Pouco depois estava frente a frente com Reese no centro da jaula, cada um a avaliar o outro enquanto o árbitro enunciava as regras: não morder, não dar pontapés nas partes baixas, etc. Enquanto se observavam, o mundo começou a encolher, os sons a diminuir, e depois os dois lutadores foram enviados para os seus cantos. Daly e Moore gritavam palavras de encorajamento, mas Colin só registou as suas vozes muito vagamente. A campainha soou e ele avançou.

Desferiu um pontapé no joelho de Reese nos primeiros vinte segundos, e depois mais dois quase seguidos. Os três golpes pareceram apanhar Reese desprevenido e, quando lhe acertou no joelho pela quarta vez, Colin viu o primeiro acesso de fúria do adversário. Acertou um quinto pontapé e ele começou a manter a distância, depois de decifrar parte do plano de Colin. Nos dois minutos seguintes trocaram golpes, com Colin a acertar três bons murros nas costelas e mais um forte pontapé no joelho. As capacidades de pugilismo de Reese eram mais ou menos o que Colin esperava, mas os seus murros eram mais fortes, e, quando lhe desferiu um murro na têmpora, ele viu estrelas e caiu de costas. Reese estava claramente a dominar, mas Colin conseguiu defender-se até se ouvir a campainha. Os dois lutadores respiravam com dificuldade.

Segundo Daly, o assalto podia ir para os dois lados, embora pensasse que Colin estava em vantagem.

O segundo assalto seguiu mais ou menos o mesmo padrão: Colin desferiu-lhe mais três pontapés no joelho e Reese encolheu-se visivelmente depois da última pancada; Colin massacrava as costelas do adversário sempre que a oportunidade se apresentava. No entanto, a dois terços do assalto estavam de novo no chão, com Reese a desferir dois fortes murros enquanto Colin fazia tudo o que estava ao seu alcance para se defender. Nos últimos vinte segundos, o cotovelo de Reese chocou com a cana do nariz de Colin e abriu um golpe fundo. O sangue escorreu-lhe para o olho, ele perdeu a concentração e Reese aproveitou-se, torcendo-lhe a perna até ele quase se ver obrigado a bater no tapete. Enquanto voltava para o seu canto, Colin pensou que, embora não tivesse sido completamente dominado, perdera aquele assalto.

Também reparou que Reese coxeava muito quando voltou para o seu canto.

Colin atacou de novo o joelho para iniciar o terceiro assalto, e depois voltou a atacar e fintou duas investidas, insistindo repetidamente no joelho. No último pontapé, Reese estremeceu muito e curvou-se por instinto; Colin avançou e atacou as costelas com força. Fora de posição, Reese tentou imobilizar Colin, mas ele levantou o joelho e sentiu que batia na testa do adversário. Pela primeira vez no combate, Reese estava caído de costas e em sérias dificuldades.

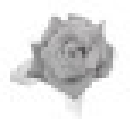
Colin atacou com toda a força que tinha, batendo com os punhos e os cotovelos. Reese não estivera muitas vezes naquela posição e Colin sentiu que ele começava a entrar em pânico. Continuou a atacar, desferindo mais golpes com a máxima força. Reese levou um forte gancho no maxilar e o seu corpo ficou mole; Colin desferiu mais três murros que deixaram o adversário atordado. Colin aproveitou a vantagem e, quando o assalto chegava ao fim, Reese cometeu um erro tático. Colin quase terminava a luta com uma chave de braço, mas ele conseguiu libertar-se. Passaram-se preciosos segundos antes de Colin conseguir pô-lo em posição para outra chave de braço. No momento em que começou a aplicar pressão a campainha tocou, o árbitro entrou na jaula e a luta terminou.

Colin levantou-se com relutância e viu Daly e Moore aos saltos com os punhos no ar; para eles, era claro quem vencera o combate. Para Reese também; quando se levantou, evitou os olhos de Colin.

No entanto, os juízes não tiveram a mesma opinião. Quando o braço de Reese foi erguido num sinal de

vitória por um árbitro visivelmente cético, Colin soube que acabara de ter a sua primeira derrota. Colin apertou a mão de Reese, e Daly e Moore entraram no ringue. A multidão começou a vaiar e a assobiar.

Colin desligou-se de tudo; estava exausto. Saiu da jaula e foi para o balneário sozinho, apenas um pouco desapontado e não terrivelmente surpreendido.



– Se te serve de consolo, não estás nem por sombras tão mal como depois da última luta – comentou Evan. Como estava a tornar-se um hábito depois das lutas de Colin, estavam num decrépito bar-restaurant de beira de estrada e Evan via o amigo comer. – Apenas esse pequeno corte na cana do nariz, mas tirando isso estás bem. E isso é sem dúvida uma melhoria. Da última vez, podias ser confundido com o Rocky depois da luta com o Apollo Creed. E aquele tipo não prestava.

– Ele deu-me uma cabeçada.

– Ele pode ter feito batota na luta, mas, ao contrário desta noite, a decisão foi justa. Tu sabes que deste cabo dele, certo? Nem sequer foi renhido. O público soube isso e o árbitro também. Viste a cara dele quando eles anunciaram o nome do Reese?

– Não.

– Ele nem queria acreditar. Até o treinador do Reese estava chocado.

Colin usou o garfo para cortar as panquecas e espetou uma garfada.

– Está bem.

– Se tivesse durado mais vinte segundos, o Reese teria batido no tapete. Talvez dez. Ele não ia conseguir livrar-se daquela última chave de braço porque na altura já estava de rastos. Naquela altura, o tipo já não conseguia fazer nada.

– Eu sei.

– Então porque é que não estás mais irritado? Os teus treinadores estão furiosos. Tu também devias estar.

– Porque acabou – respondeu Colin. – Agora não posso fazer nada.

– Podes apresentar um protesto.

– Não.

– Então, no mínimo, devias ter batido no Reese quando ele começou a fazer aquela dança estúpida depois do anúncio. Viste aquilo?

– Não.

– A luta foi combinada de certeza. Eles queriam que o Reese terminasse a carreira de amador sem derrotas.

– Quem são «eles»?

– Não sei. Os juízes, o promotor, sei lá. O que eu quero dizer é que já estava tudo combinado.

– Já estava tudo combinado? Pareces um personagem de um filme de *gangsters*.

– Só estou a dizer que, fizesses tu o que fizesses, a não ser que o deixasses inconsciente ou o obrigasses a bater no tapete, o Reese ia vencer aquele combate.

Colin encolheu os ombros.

– O Reese vai para a liga profissional. Eu fui um substituto de última hora. É melhor para todos que ele tenha acabado a carreira de amador invicto.

– Só podes estar a brincar. Isso importa?

– Não oficialmente. Mas ter um lutador desta área que chega à UFC é bom para todos.

– Falas como se fosse um negócio, não um desporto.

– É a verdade.

Evan abanou a cabeça.

– Está bem. Se quiseses, podes ser filósofico em relação a isto. Achas que venceste?

Colin comeu uma garfada de ovos.

– Sim.

Passado um momento, Evan abanou a cabeça.

– Eu ainda penso que lhe devias ter batido quando ele começou aquela dança. Raios, era o que me apetecia a mim.

– OK.

Evan recostou-se no assento.

– Tudo bem. Como nada disto te incomoda, quero dizer-te que gostei de te ver levar uma tarefa. Especialmente depois do fiasco do último fim de semana.

– OK.

– E há mais uma coisa.

– Sim?

– A Maria esteve lá esta noite.

Colin ergueu o queixo, instantaneamente alerta.

– Estava com outra miúda que podia ser gémea dela – acrescentou Evan. – Bem, não exatamente como ela, mas muito parecida. Tu sabes o que quero dizer. Estavam do outro lado do ringue, quase ao fundo. Mas não tenho qualquer dúvida de que era ela.

– OK.

– Afinal de contas, que é que se passa entre vocês?

Colin espetou um pedaço de salsicha com o garfo.

– Não sei.

CAPÍTULO 18



Maria

Quero agradecer-te mais uma vez por teres vindo – disse Maria a Serena, quando voltavam para Wilmington. A chuva caía em suaves lençóis, fazendo tremeluzir os faróis dos carros que vinham em sentido contrário.

– Foi divertido – disse Serena no banco do passageiro, com um refrigerante preso entre as pernas. – Também foi uma das noites de sábado mais interessantes desde há muito tempo. Na verdade, acho que conheço um dos lutadores.

– Não sejas parva – disse Maria. – Foste tu que nos juntaste.

– Não estou a referir-me ao Colin. É um dos outros lutadores... acho que já o vi no *campus*. Claro que, de onde estávamos, é difícil ter a certeza. Diz-me outra vez porque é que não tentámos ir mais para a frente?

– Porque eu não queria que o Colin soubesse que fui.

– E mais uma vez... porquê?

– Porque não voltámos a falar desde o último fim de semana – disse Maria. – Eu já te contei tudo.

– Eu sei, eu sei. Ele gritou com a empregada de mesa e a polícia veio e todos vocês se passaram. Blá, blá, blá.

– Agradeço a tua compreensão.

– Eu sou uma pessoa compreensiva. Só acho que estás a cometer um erro.

– Não disseste isso no domingo.

– Bem, desde então tive a oportunidade de pensar no assunto. E, já agora, obrigada por só me teres contado sobre o teu perseguidor naquele dia.

A sua voz estava impregnada de sarcasmo, mas Maria não podia censurá-la.

– Só tive a certeza naquele dia.

– E quando descobriste? Foi o Colin que te ajudou, que tentou encontrar respostas.

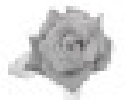
– Ele estava a fazer muito mais do que isso.

– Preferias andar com um tipo que não faz nada? Que fica sentado como um tronco? Ou preferias que ele assumisse o controlo da situação? Raios, se eu tivesse lá estado talvez também tivesse gritado com aquela empregada de mesa imbecil. Quem é que não se lembra do aspeto de uma pessoa poucos minutos depois de ela pedir uma bebida?

– Eu vi um lado do Colin de que não gostei.

– E depois? Achas que a mãe não viu um lado do pai de que não gosta? Ou vice-versa? Eu vi um lado de ti de que não gosto, mas não te expulsei da minha vida.

- Que lado?
- Isso é importante?
- Sim.
- Muito bem. Tu achas que tens sempre razão. Isso irrita-me.
- Não acho nada.
- Estás a dar-me razão.
- E tu estás a começar a irritar-me.
- Alguém tem de te manter na linha e dizer-te quando estás errada. E, a propósito, também estás errada em relação ao Colin. Devias telefonar-lhe. Ele é bom para ti.
- Não tenho tanta certeza disso.
- Então porque é que insististe para virmos vê-lo lutar esta noite?



Porque é que *quisera* vir esta noite? Tinha-se posto com rodeios, dizendo a Serena que prometera a Colin que iria, mas a irmã limitara-se a rir-se.

– Admite que ainda gostas dele – dissera.

No fim de semana anterior tornara-se claro que precisava de algum espaço, para poder pensar. As suas emoções intensas – relativamente ao perseguidor, a Colin – tinham-na deixado extremamente desorientada e a sensação só foi piorando ao longo da semana.

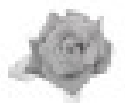
Até a atmosfera no emprego lhe parecia estranha. Ken passara quase toda a semana a entrar e sair do gabinete de Barney, parecendo distraído e preocupado, e não lhe tinha dirigido uma única palavra. Barney estava igualmente tenso; ele e Ken não tinham estado no escritório na quinta-feira, e quando Lynn não foi trabalhar na quinta nem na sexta-feira, Maria esperara que Barney fizesse um escândalo, porque ela nem sequer tinha telefonado para avisar que não iria. Porém, Barney limitara-se a acrescentar o trabalho de Lynn ao que Maria já tinha, sem qualquer explicação ou comentário.

Estranho.

Os pais também eram um motivo de preocupação. Ainda a chorar a morte de *Copo*, o pai estava deprimido ao ponto de ter deixado de ir ao restaurante, e a mãe estava preocupada com ele. Maria jantara lá em casa na terça e na quinta-feira, e Serena na segunda e na quarta-feira e, a caminho do combate de Colin, concordaram que alguma coisa teria de ser feita, apesar de não saberem ao certo se haveria algo que pudessem fazer.

O combate devia ser uma distração, ou pelo menos fora o que tentara dizer a si mesma. E também a Serena. Mas assim que Colin entrou na jaula, sentiu uma impressão quase enjoativa no estômago e um forte arrependimento.

Tudo aquilo significava... o quê?



Com os pais mergulhados numa tristeza profunda, estava fora de questão não ir ao *brunch* de domingo, embora não se sentisse com a disposição ideal para dar apoio a alguém. Foi por isso que ficou surpreendida ao ver a irmã no alpendre da frente, a vibrar com uma energia expectante. Assim que Maria parou o carro à entrada, Serena aproximou-se a saltitar.

– O que é que se passa?

– Já sei o que temos de fazer – disse Serena. – E não percebo como é que demorei tanto tempo a descobrir, a não ser o facto de eu ser uma idiota! A vantagem é que tu e eu vamos recuperar as nossas vidas... não me leves a mal, eu adoro a mãe e o pai, mas não posso continuar a vir aqui jantar duas vezes por semana e ainda ir ao *brunch* ao domingo. Já tenho de estar com eles no restaurante e preciso de algum espaço, percebes?

– O que é que estás a dizer?

– Pensei numa coisa para ajudar a mãe e o pai.

Maria saiu do carro.

– Como é que eles estão?

– Nada bem.

– Isto vai ser interessante.

– Como te disse, tenho um plano.



Foi precisa alguma persuasão, mas, apesar das reservas, os pais de Maria não conseguiam dizer que não às filhas, sobretudo quando elas estavam unidas nos pedidos.

Entraram todos no carro do pai e foram até à Humane Society. Quando chegaram ao parque de estacionamento do edifício baixo e discreto, Maria não conseguiu deixar de notar como os pais arrastavam os pés, com a relutância a marcar cada passo.

– É cedo de mais – protestara a mãe quando Serena apresentara a ideia.

– Vamos só ver o que há – garantira-lhes Serena. – Sem compromisso. – Agora, eles vinham atrás das filhas e avançavam em passos lentos para a porta.

– Não sei bem se será boa ideia – sussurrou Maria, inclinando-se mais para Serena. – E se ele não gostar de nenhum cão?

– Lembras-te de eu te ter dito que o Steve faz trabalho voluntário aqui? Bem, depois de eu lhe contar o que aconteceu à *Copo* ele disse-me que há aqui um cão que pode ser perfeito – sussurrou Serena em resposta. – Até combinou encontrar-se connosco aqui.

– Alguma vez pensaste arranjar-lhe outro *shih tzu*? Do mesmo criador onde eles compraram a *Copo*?

– Claro que sim – disse Serena. – Mas não quis que eles pensassem que estávamos a tentar substituir a *Copo*.

– Não é exatamente isso que estamos a fazer?

– Não, se for um cão de uma raça diferente.

Maria não estava tão confiante na lógica de Serena como a irmã, mas não disse nada. Visivelmente nervoso, Steve cumprimentou-os assim que entraram. Depois de o abraçar, Serena apresentou-o aos pais. Steve levou-os para as traseiras, para a zona dos canis.

Os cães começaram imediatamente a ladrar e o som ecoou nas paredes. Passaram sem pressa pelos primeiros canis – com um cão cruzado de *labrador*, um cruzado de *pit bull* e uma espécie de *terrier* – e ela reparou na apatia dos pais.

À frente deles, Serena e Steve pararam junto de um dos canis mais pequenos.

– E este? – perguntou Serena. Felix e Carmen aproximaram-se, avançando com relutância, como se preferissem estar noutro lado. Maria vinha atrás dos pais.

– O que acham? – pressionou Serena.

No canil, Maria viu um pequeno cão preto e castanho com um rosto de ursinho de peluche, sentado sobre as patas traseiras e em silêncio, e teve de reconhecer que nunca tinha visto nada tão amoroso.

– É um *shorkie tzu* – explicou Steve. – É um cruzamento entre um *shih tzu* e um *yorkshire terrier*. É muito meigo e tem entre dois e três anos.

Abriu o canil, enfiou a mão, pegou no cão e estendeu-o a Felix.

– Não se importa de o levar lá para fora? Ele vai gostar de apanhar ar.

Com alguma relutância, Felix pegou no animal; Carmen inclinou-se para ele, curiosa. Maria viu o cãozinho lambendo os dedos do pai antes de bocejar com um guincho.

Passados alguns minutos, Felix estava apaixonado, e Carmen também. De mãos dadas com Steve, Serena observava-os, claramente satisfeita.

E Maria não a podia censurar.

Não admirava que fizesse parte do grupo de finalistas para a bolsa de estudo; por vezes, Serena era absolutamente brilhante.



Quando Maria voltou ao trabalho na segunda-feira, a tensão no escritório era palpável. Estavam todos enervados, e as auxiliares jurídicas sussurravam umas com as outras por cima das divisórias dos seus cubículos, calando-se sempre que um dos advogados se aproximava; entretanto, Maria ficou a saber que todos os sócios estavam fechados na sala de reuniões desde manhã cedo, o que só podia significar que ia acontecer uma coisa importante.

Lynn estava ausente pelo terceiro dia consecutivo e, sem saber o que devia fazer – Barney não lhe deixara quaisquer instruções –, Maria espreitou no gabinete de Jill.

Antes de conseguir proferir uma única palavra, a amiga começou a abanar a cabeça e a falar num tom alto o suficiente para ser ouvido no corredor.

– Claro que o nosso almoço continua de pé – anunciou. – Mal posso esperar para saber como foi o teu fim de semana! Parece fantástico!



Os sócios *continuavam* fechados na sala de reuniões quando Maria se sentou por fim à frente de Jill no restaurante.

– Que raio é que está a acontecer hoje? O escritório parece uma espécie de quinta dimensão! E o que é que os sócios estão a discutir? Ninguém parece saber nada.

Jill expirou longamente.

– Neste momento, está tudo envolto num grande secretismo... mas tenho a certeza de que já notaste a ausência da tua auxiliar jurídica?

– Ela tem alguma coisa a ver com o que está a acontecer?

– Pode dizer-se que sim – murmurou Jill, calando-se quando o empregado de mesa veio perguntar o que queriam beber. Esperou que ele se afastasse antes de falar de novo. – Já lá vamos – disse. – E responderei ao que puder. Eu queria almoçar contigo principalmente para falar sobre um assunto confidencial.

– Sim, claro... – disse Maria.

– Estás feliz a trabalhar na firma?

– Estou bem. Porquê?

– Porque gostaria de saber se estarias disposta a sair e vir trabalhar comigo na minha firma.

Maria ficou demasiado estupefacta para formular uma resposta.

Jill acenou com a cabeça.

– Eu sei que é uma grande decisão e não precisas de me dar já uma resposta. Mas quero que penses nisso. Especialmente agora, com tudo o que está a acontecer.

– Ainda não sei o que está a acontecer. Mas espera... vais-te embora?

– Começámos a concretizar os nossos planos quando ainda não trabalhavas aqui.

– Começámos?

– Vou trabalhar com a Leslie Shaw. Ela é uma advogada especializada em questões laborais na Scanton, Dilly e Marsden, e andámos juntas na faculdade. É uma pessoa fantástica, extremamente inteligente e perspicaz em questões de Direito do Trabalho. Se estás recetiva à ideia de vir trabalhar connosco, gostava que a conhecesses. Terias de gostar dela, é claro... mas, se não queres sair, espero que esqueças tudo o que eu te disse. Por enquanto, estamos a tentar manter isto no maior sigilo possível.

– Não direi nada – prometeu Maria, ainda a sentir os efeitos do choque. – E é claro que a quero conhecer, mas... porque é que estás a pensar sair?

– Porque a nossa firma está metida num grande problema. Num problema tipo *Titanic* a bater no icebergue, e os próximos meses não vão ser fáceis.

– Como assim?

– O nosso sócio-gerente, o Ken, vai ser processado pela Lynn por assédio sexual. E aposto que duas, talvez três das outras auxiliares jurídicas também irão fazer o mesmo. É isso que os sócios têm estado a discutir o dia inteiro. Porque vai ser tornado público e vai ser feio. Pelo que ouvi, a semana passada a mediação particular não correu bem.

– Que mediação?

– Na quinta-feira.

– Isso explica a ausência da Lynn, do Barney e do Ken... Porque é que eu não soube nada disto?

– Porque a Lynn ainda não apresentou uma queixa formal.

– Então, porque é que houve mediação?

– Porque o Ken foi avisado há cerca de duas semanas e tem feito todos os possíveis para evitar uma queixa. Tenho a certeza de que reparaste que nos últimos dias ele tem andado muito bem- -comportado. Está aterrorizado. Tenho a certeza de que espera que a firma negocie um acordo e tenho a certeza de que os outros sócios estão relutantes. Querem que o Ken resolva o assunto sem escândalos, mas ele não tem dinheiro.

– Como é que pode não ter dinheiro?

– Duas ex-mulheres? E esta não é a primeira vez que uma coisa destas acontece. O Ken já teve de fazer um acordo antes. É por isso que eu costumava perguntar-te como é que ele se comportava. Porque tu és jovem e atraente e trabalhas no escritório, e para o Ken basta isso. O tipo não pensa em mais nada. E é claro que a Lynn vai alegar que todos os sócios foram coniventes com ele, pois sabiam muito bem como ele era e nunca fizeram nada. A firma pode ter de enfrentar uma indemnização de vários milhões de dólares... e digamos apenas que muitos clientes não vão querer estar associados a uma firma conhecida pelo seu assédio sexual incontrolável. E isso traz-me de volta à minha pergunta inicial: estás recetiva à ideia de vir trabalhar comigo e com a Leslie numa firma nova?

Maria estava petrificada.

– Não tenho experiência em Direito do Trabalho...

– Eu sei, mas não estou preocupada com isso. Tu és inteligente e determinada, e vais aprender mais depressa do que pensas. O único problema é que, no começo, talvez não consigamos pagar-te o salário que recebes agora, mas terás um horário mais flexível e, por entrares no primeiro dia, estarás em vantagem para te vires a tornar sócia.

– Quando pensas sair?

– Daqui a quatro semanas a partir de sexta-feira – respondeu ela. – Já arrendámos e mobilámos um escritório a dois quarteirões daqui; toda a documentação está registada.

– Tenho a certeza de que há outras pessoas muito mais qualificadas do que eu. Porque é que me escolheste?

– Porque não? – Jill sorriu. – Somos amigas e, se aprendi uma coisa nesta profissão, é que o trabalho é muito mais agradável quando gostamos das pessoas com quem passamos os dias. Já tive uma dose suficiente do Ken e do Barney para a vida inteira, muito obrigada.

– Estou... lisonjeada.

– Então, vais pensar no assunto? Partindo do princípio de que tu e a Leslie se dão bem?

– Não vejo porque não. Como é ela?



Os sócios acabaram por sair da sala de reuniões cerca das três da tarde, todos com semblantes carregados. Barney trancou-se logo no seu gabinete, claramente sem disposição para falar. O mesmo aconteceu com os outros sócios; uma a uma, as portas dos seus gabinetes fecharam-se. Como a maioria dos funcionários, Maria decidiu sair alguns minutos mais cedo e quando ia a caminho da porta reparou que os outros membros da equipa pareciam nervosos e assustados.

Jill telefonara-lhe de novo depois de falar com Leslie e confirmara os planos de almoço das três para quarta-feira. O entusiasmo de Jill era contagioso, mas a agitação também estava a provocar alguma ansiedade em Maria. Mudar de emprego, mudar de área (de novo) e entrar numa empresa nova parecia-lhe arriscado, se bem que continuar aqui lhe parecesse subitamente ainda mais arriscado.

Percebeu que o que queria mesmo era conversar com outra pessoa que não fosse Serena ou os pais. Entrou no carro e deu por si a passar pela casa de Evan e depois pelo ginásio, à procura do carro de Colin, antes de ir para a praia de Wrightsville.

O bar do Crabby Pete's estava quase vazio. Ela estava a sentar-se num banco alto quando Colin se apercebeu da sua presença, e viu a surpresa que se estampou no rosto dele dar lugar a pouco e pouco a uma coisa mais reservada.

– Olá, Colin – disse ela em voz baixa. – É bom ver-te.

– Estou surpreendido por te ver aqui.

Observando-o do outro lado do balcão, Maria pensou que ele era um dos homens mais bonitos que já conhecera, e sentiu a mesma ponta de arrependimento que experimentara no sábado à noite.

– Eu não – disse, com um suspiro.



O bar era um bom lugar para conversar; a barreira física entre os dois e o facto de ele estar a trabalhar faziam com que a conversa não se tornasse demasiado séria, demasiado depressa. Colin falou-lhe do

combate com Reese, bem como da insistência de Evan de que estava tudo combinado. Maria disse-lhe que tinham ajudado os pais a adotar um cão e falou-lhe sobre a crise na firma e a nova oportunidade de carreira com Jill.

Como era típico, ele escutou sem interromper; como sempre, ela teve de lhe arrancar explicações e pensamentos; no entanto, quando ela se foi embora ele pediu a uma colega para ficar no seu lugar durante alguns minutos, para poder acompanhá-la ao carro.

Não tentou beijá-la e, percebendo que não ia acontecer, Maria inclinou-se e beijou-o. Quando sentiu o calor da sua boca, perguntou a si mesma porque é que precisara de se afastar dele.

Em casa, a exaustão do dia começou por fim a fazer-se sentir e ela adormeceu depressa. Acordou com uma mensagem de texto de Colin a agradecer-lhe por ter ido ao bar e a dizer-lhe que sentira a sua falta.



Na terça-feira, o ambiente no escritório era pior do que na segunda-feira. Os sócios pareciam determinados a agir como se estivesse tudo bem, mas a falta de informações estava a preocupar toda a gente. Era notório que a maioria das pessoas tinha começado a imaginar o pior, e os rumores multiplicavam-se. Maria ouviu sussurros sobre despedimentos – muitos dos funcionários tinham famílias e hipotecas, o que significava que as suas vidas poderiam complicar-se muito mais.

Maria fez os possíveis para manter a cabeça baixa e concentrar-se no trabalho; Barney continuava calado e distraído. A necessidade de concentração fez com que as horas passassem depressa e, quando por fim saiu do escritório, percebeu que não tinha pensado no homem que a perseguia.

Não soube dizer se isso era bom ou mau.

Na quarta-feira, o almoço com Leslie e Jill correu ainda melhor do que Maria esperara. Em muitos aspetos, Leslie era o complemento perfeito da sua melhor amiga no escritório – igualmente animada e irreverente, mas também atenciosa e ponderada. A ideia de trabalhar com elas começou a parecer demasiado boa para ser verdade. Depois do almoço, quando Jill apareceu no seu gabinete para lhe dizer que Leslie ficara igualmente entusiasmada com a reunião, Maria sentiu uma onda de alívio. Jill também lhe apresentou a proposta básica, incluindo o salário, que era substancialmente mais baixo, mas Maria não se importou. Adaptaria o seu estilo de vida em conformidade.

– Estou entusiasmada – disse a Jill. Perguntou a si mesma o que devia contar-lhe, se é que devia contar-lhe alguma coisa, sobre o seu perseguidor e sobre o facto de ela e Colin estarem a tentar uma reaproximação, mas depois percebeu que nem sequer lhe dissera que se tinham separado.

Estavam a acontecer demasiadas coisas ao mesmo tempo.

Entretanto, na Martenson, Hertzberg & Holdman, a nuvem negra que pairava sobre o escritório ia ficando cada vez mais densa e, quando ela e Jill se aproximaram do seu gabinete, a amiga inclinou-se para ela.

– Não fiques admirada se amanhã ouvires uma coisa importante – avisou.

De facto, na quinta-feira de manhã a notícia de que Lynn apresentara uma queixa formal por assédio sexual espalhou-se pelo escritório como um rastilho de pólvora. Ken continuava desaparecido. Embora o relatório fosse confidencial, num escritório com poderosos advogados a quem muita gente devia favores, o documento depressa apareceu em todos os computadores. Maria juntou-se aos colegas e leu as acusações, que esmiuçavam todos os detalhes sórdidos. Numa linguagem frontal, extremamente específica e muitas vezes sexual, o relatório descrevia os inúmeros e indesejados avanços de Ken, incluindo as suas promessas de progressão na carreira e um salário mais alto em troca de favores sexuais.

específicos. Depois de verem confirmados os seus piores receios, os funcionários andavam de um lado para o outro, desorientados.

Maria e Jill saíram do escritório para ir almoçar à mesma hora de sempre, e debatendo sobre a data em que deviam comunicar que iam sair da firma. Maria defendia a ideia de informar Barney o mais depressa possível, para que ele não ficasse numa situação difícil – talvez dali a dois dias.

– O Barney é exigente, mas também é justo e aprendi muito com ele – disse ela. – E não quero piorar ainda mais as coisas para ele.

– É um ponto válido... e atencioso... mas pode virar-se contra ele. Será que devíamos deixar a poeira assentar primeiro?

– Porquê?

– Porque quando tu e eu anunciarmos que vamos sair é possível que isso desencadeie um êxodo de outros advogados, o que poderia levar a uma espiral de morte. Nós anunciamos, depois outros anunciam, depois os clientes vão-se embora e, num piscar de olhos, até as pessoas que estavam dispostas a continuar na firma podem ficar desempregadas.

– Tenho a certeza de que muitas pessoas já estão a considerar as suas opções.

– Sim. Eu estaria. Mas não é a mesma coisa que pedir a demissão.

No fim, decidiram que comunicariam a sua saída de sexta-feira a duas semanas, dando algum tempo a Barney para encontrar substitutos. Dali, a conversa passou para o tipo de empresa que queriam criar – o tipo de casos que aceitariam, como fariam crescer a base de clientes, quais dos clientes é que poderiam ir com elas, de quantos funcionários de apoio precisariam numa fase inicial.

Na sexta-feira, outra bomba explodiu no escritório quando se soube nos corredores que Heather, a auxiliar jurídica de Ken, e Gwen, a rececionista, também tinham apresentado queixas formais por assédio sexual e que os seus depoimentos eram tão devastadores como o de Lynn. Uma vez mais, os sócios enfiaram-se atrás de portas fechadas, sem dúvida a lançar olhares mortíferos na direção de Ken.

Um a um, associados e funcionários começaram a sair do escritório – alguns às três, outros às quatro. A semana fora exaustiva para Maria, e decidiu sair mais cedo. Afinal de contas, tinha combinado encontrar-se com Colin mais tarde e precisava de algum tempo para descontraír.



– Não posso imaginar como a semana deve ter sido surreal – comentou Colin.

– Foi... horrível. Muitas pessoas estão zangadas, assustadas, e quase todas sentem que foram atacadas de surpresa. Não faziam ideia de que uma coisa destas ia acontecer. – Estavam de novo no Pilot House e, embora tivessem falado ao telefone algumas vezes... ambos a tentar voltar a pouco e pouco ao normal... era a primeira vez que Maria via Colin desde a sua visita ao Crabby Pete's. De calças de ganga e camisa com as mangas arregaçadas até aos cotovelos, Colin parecia impossivelmente melhor do que na segunda-feira. Ela pensou no quão engraçado era aquilo que algum tempo de afastamento podia fazer.

– E a Jill?

– Uma verdadeira tábua de salvação. Sem a sua oferta, não sei o que teria feito. Hoje em dia não há muitas firmas a contratar e, provavelmente, eu seria um caso perdido. E a Jill tem razão. Com três funcionárias a apresentar queixa por assédio sexual, é quase certo que, mesmo que a firma consiga sobreviver, todos os sócios venham a ter problemas financeiros, e os próximos anos vão ser complicados.

– O que deve significar que estão transtornados.

– Furiosos, mas é. Tenho a certeza de que adorariam estrangular o Ken.

– A firma não tem seguro para este género de coisas?

– Eles não têm a certeza se abrange isto. Ele estava claramente a infringir a lei e, segundo as queixas, há gravações, *e-mails*, mensagens de texto, e até dizem que uma das auxiliares jurídicas tem um vídeo.

– Isso não é bom.

– Não – concordou Maria. – Há muitas pessoas inocentes que vão ser prejudicadas por causa disto. Eu tenho imensa sorte.

– OK.

– Não comeces a dizer isso.

Colin sorriu.

– OK.



Passaram a noite a redescobrir-se e adormeceram abraçados. De manhã, Maria não estava arrependida e surpreendeu-se a imaginar uma coisa a longo prazo entre os dois. O pensamento era estranhamente empolgante. Depois disso, passaram o dia de sábado juntos, a lançar papagaios de papel na praia, e o sentimento continuou a intensificar-se.

No sábado à noite, jantou com Jill e Leslie enquanto Colin trabalhava e encontraram-se em casa dele depois do turno no bar. Evan e Lily estavam lá e estiveram todos a conversar até depois das três da madrugada. Incapazes de ficarem acordados mais um minuto, Colin e Maria só fizeram amor na manhã seguinte.

Embora ela o tivesse convidado para o *brunch*, Colin desculpou-se, mencionando uma série de exames iminentes para os quais precisava de estudar antes de fazer mais um turno no bar nessa noite. Quando chegou a casa dos pais, ficou contente por saber que *Smoky* – o nome que os pais tinham escolhido para o cão – já tinha uma coleira de *strass*, uma cama e vários brinquedos espalhados pela sala de estar, e gostou de ver que ele parecia mais satisfeito quando estava aninhado contra o pai. Na cozinha, Carmen não parava de cantarolar. Quanto a Serena, nunca tinha falado tanto sobre Steve.

– Reconheço que talvez esteja a ficar um pouco mais sério – admitiu ela, acabando por se submeter ao interrogatório da mãe.

À mesa, foi a vez de Felix fazer perguntas sobre Steve e Maria só conseguia sorrir. Entre a carreira, a família e, agora, Colin, as coisas estavam a correr cada vez melhor. Enquanto levantavam a mesa, apercebeu-se de que já não estava obcecada com o homem do boné de basebol, em parte por causa de todas as outras coisas que estavam a acontecer, mas também porque nos últimos tempos não houvera sinais dele.

Queria pensar que ele desistira – que deixara de a atormentar. Porém, por muito que lhe agradasse a pausa temporária, ainda não estava pronta para acreditar que o pesadelo chegara efetivamente ao fim.

Afinal de contas, antes do arco-íris costuma vir uma tempestade.



O tempo estava demasiado frio para fazer *paddleboard* e, como Colin estava ocupado, Maria passou o resto da tarde e a noite a tentar pôr o trabalho do escritório em dia. Com Lynn fora e Barney a trabalhar a

meio gás, o facto de sair daí a três semanas fazia com que se sentisse um pouco culpada. Não o suficiente para mudar de ideias, mas para trabalhar até as palavras nos documentos começarem a ficar confusas e já não conseguir escrever.

Quando acordou na manhã seguinte, os seus pensamentos centraram-se na semana que estava a começar – o ambiente no escritório estaria sem dúvida muito pior – e no facto de haver ou não mais alguém decidido sair. A maioria dos sócios estavam tão distraídos como Barney e Ken, o que significava que o trabalho devia estar atrasado em todos os departamentos, e seria difícil fazer novas contratações quando os problemas da firma se tornassem públicos. Sem dúvida que isso já acontecera.

Por enquanto, decidiu tornar a sua saída o mais indolor possível para Barney. Pôs a carteira ao ombro, pegou na pasta, dirigiu-se para a porta e os seus olhos ficaram pregados no capacho.

Demorou um momento a assimilar o que estava a ver, antes de o ar lhe ficar preso na garganta.

Uma rosa murcha, com pétalas quase pretas, acompanhada por um bilhete.

Vais saber qual é a sensação.

Quase como se estivesse a sonhar, os seus pés mantiveram-se pregados na soleira da porta, porque sabia que haveria mais. No corrimão perto das escadas viu mais uma rosa murcha, inclinada sob o peso de outro cartão. Maria obrigou os pés a mexerem-se e passou por cima da rosa que estava no capacho, aproximando-se mais para ler:

Porque é que a odiavas?

O parque de estacionamento à sua porta estava deserto e não se via ninguém no passeio; não avistou carros desconhecidos. Sentiu a boca seca quando fechou a porta à chave e pegou na rosa que estava no capacho. Depois, pegou na flor que fora enfiada no corrimão e obrigou-se a descer as escadas, sempre a observar o carro.

Como temera, os pneus tinham sido rasgados. No para-brisas, havia um envelope preso por baixo da escova.

Mais tarde, ficaria surpreendida ao recordar a calma com que gerira as descobertas, a clarividência dos pensamentos. Quando pegou no envelope, pensou em impressões digitais e em qual seria a melhor forma de ler a carta sem danificar qualquer prova, e segurou o envelope pelos vincos. Naquele momento, não sentiu pânico; foi antes invadida por uma lenta sensação de desânimo, um reconhecimento de inevitabilidade. De certo modo, de alguma forma, sabia que isto ia acontecer.

A carta, escrita num computador, estava impressa numa única folha de papel sem linhas, do tipo que podia ser adquirido em qualquer papelaria. No entanto, a última frase fora escrita à mão, numa caligrafia grande, quase infantil.

Pensas que eu não sei o que fizeste? Tu PENSAS QUE EU NÃO SEI QUEM ESTEVE POR DETRÁS DE TUDO? Tu PENSAS que eu não posso VER DENTRO DA TUA CABEÇA e saber o que TU FIZESTE! Derramaste O SANGUE DOS INOCENTES

O teu CORAÇÃO ESTÁ CHEIO DE VENENO e tu és A DESTRUIDORA! Tu ENVENENAS e NÃO VAIS ESCAPAR IMPUNE. Vais saber qual é a sensação, porque agora sou eu QUE CONTROLO TUDO

Eu sou o INOCENTE que sobrevive

VÊ-ME como eu te vejo!

Quando terminou a carta, Maria leu-a uma segunda vez e sentiu-se fisicamente doente. A rosa murcha continuava no para- -brisas e pegou nela, juntando-a às outras num ramo macabro.

Virou costas ao carro e começou a voltar para o apartamento, com as pernas pesadas de pavor. Percebeu que os sinais tinham sido óbvios, e ela ignorara-os teimosamente. De repente, as recordações brilharam como ofuscantes visões diante de si: Gerald Laws a ser interrogado pela polícia, o cabelo com

risco ao lado e dentes brancos; Cassie Manning, o rosto jovem distorcido de medo; o pai de Cassie, Avery, assustadoramente seguro das intenções de Laws e possuído de uma intensidade ardente; a mãe de Cassie, Eleanor, apagada, silenciosa e, acima de tudo, assustada. E, por fim, Lester, o irmão nervoso que roía as unhas e que lhe mandara tantos bilhetes terríveis depois da morte de Cassie.

Aqueles horríveis bilhetes que refletiam a sua raiva cada vez maior. *Como as cartas de Laws para Cassie enquanto estava na prisão.*

O primeiro passo num *padrão*...

Enquanto subia as escadas para voltar para casa, o telemóvel de Maria tocou. Serena. Ignorou a chamada, pois precisava de falar com Colin. Precisava que ele a fizesse sentir segura; aqui e agora, sentia-se exposta. Com mãos trémulas, marcou o número dele, ansiosa para saber quanto tempo é que ele demoraria a chegar.

Um padrão...

Margolis dissera-lhe para o procurar se quisesse apresentar queixa e ela também queria Colin ali para isso. Tinha de contar a Margolis sobre Gerald Laws e Cassie Manning, a mulher que Laws assassinara. Queria contar-lhe sobre a família Manning e tudo o que lhe acontecera nos últimos tempos. Mas, acima de tudo, queria dizer-lhe que sabia exatamente quem andava a persegui-la e quais seriam os seus últimos passos.

CAPÍTULO 19



Colin

Desde que começara a estudar na universidade, Colin não faltara a uma única aula, e muito menos um dia inteiro. Só estivera perto de faltar uma vez – um dia em que o carro não pegara, mas fora à boleia com uma mochila cheia de manuais e chegara poucos minutos antes do início da primeira aula.

Por conseguinte, hoje era uma estreia. Assim que Maria telefonara, correria para casa dela; lera o bilhete e, enquanto ela telefonava para Margolis, chamara um reboque para transporte suspenso porque o carro estava basicamente assente nas jantes. Enquanto esperavam a chegada do reboque, Colin fez-lhe um chá, mas ela só conseguiu beber dois goles antes de afastar a caneca.

O reboque chegou e, depois de o carro ser levado, Colin acompanhou-a à esquadra. Maria disse o seu nome ao agente que estava na receção e ela e Colin sentaram-se no pequeno átrio e ficaram a observar o ritmo constante mas sem pressas da esquadra. Aproveitou a oportunidade para deixar uma mensagem a Barney, informando-o de que chegaria mais tarde ao escritório. Sem dúvida, Margolis já estava algures na esquadra, talvez atolado em papelada relativa a incidentes do fim de semana. Ele era um detetive que lidava com crimes importantes e já devia estar arrependido de ter desafiado Maria a procurá-lo se quisesse apresentar queixa. Assédio – se o que estava a acontecer-lhe encaixasse oficialmente nessa categoria – era uma investigação abaixo do seu nível, e o facto de Maria estar com Colin devia tornar toda a situação ainda mais irritante para ele. Obrigou-os a esperar quase noventa minutos antes de aparecer, por fim, com uma pasta. Apertou a mão a Maria, mas não estendeu a mão a Colin, que não lha teria apertado. Não havia qualquer motivo para fingirem que gostavam um do outro.

Margolis pediu para falar com Maria a sós, mas ela insistiu que Colin teria de estar presente. Com uma expressão de desaprovação, ele acenou e dirigiram-se para uma das salas de interrogatórios. Como tinha passado algum tempo em várias esquadras ao longo dos anos, Colin sabia que, numa manhã agitada, a sala de interrogatórios era um dos poucos lugares com alguma privacidade. *Simpático da parte dele, embora costume ser um cretino*, pensou Colin. Depois de fechar a porta e de se sentarem à mesa, Margolis pousou a pasta que transportava e fez uma série de perguntas genéricas – o nome de Maria, idade, morada, etc. –, começando a preencher o formulário da queixa. A seguir, ela – com voz trémula, mas de uma forma surpreendentemente linear – relatou a mesma história que contara a Colin na praia sobre Cassie Manning e Gerald Laws, bem como o que estava a acontecer-lhe recentemente. Esboçou as linhas gerais antes de, por fim, entregar a Margolis a carta que encontrara no para-brisas.

O detetive leu-a devagar, sem fazer qualquer comentário, e depois perguntou se podia tirar uma fotocópia. Quando ela concordou, levantou-se e saiu, voltando com uma cópia.

– Se não se importar, vamos guardar a carta original no processo – disse ele, e o seu rosto expressou

pouco do que estava a pensar. Sentou-se de novo e leu a carta uma terceira vez antes de prosseguir. – E tem a certeza de que o Lester Manning escreveu isto?

– Sim – respondeu Maria. – E também é o homem que tem andado a seguir-me.

– É o irmão da Cassie Manning?

– O irmão mais novo.

– Porque é que pensa que é ele?

– Porque já o ouvi dizer algumas das coisas que estão na carta.

– Quando?

– Depois de a Cassie morrer. Ele também escreveu o mesmo género de coisas nos bilhetes que me mandou.

– Como o quê, especificamente?

– O sangue dos inocentes, o facto de o meu coração estar cheio de veneno.

Margolis assentiu com a cabeça e anotou mais qualquer coisa.

– Foi no primeiro lote de bilhetes ou no segundo?

– Como?

– Disse que os bilhetes mudaram quando começaram a chegar. Que se tornaram mais ameaçadores e assustadores.

– Segundo grupo.

– E como é que sabe que ele enviou os bilhetes?

– Quem mais poderia ser?

Margolis olhou para as suas anotações.

– O Avery Manning disse que podia ter sido o namorado da Cassie.

– Não foi ele.

– Como é que sabe?

– A polícia disse que ele não era um suspeito credível. Ficou de rastos com o homicídio da Cassie, mas não me culpou. Negou saber quem eu era.

– Alguma vez falou com ele?

– Não.

Margolis voltou a escrever algo.

– Recorda-se do nome dele? Ou de como conheceu a Cassie?

Maria apertou os lábios.

– Acho que era Mike, ou Matt, ou Mark... algo do género. E não, não sei como é que conheceu a Cassie. Mas porque é que estamos a falar sobre ele? O Lester é que anda a perseguir-me! E foi ele que escreveu aqueles bilhetes em Charlotte!

– Não me disse que o Lester negou ter escrito os bilhetes quando a polícia falou com ele?

– Claro que ele disse que não os tinha escrito.

– E nunca lhe passou pela cabeça que pode ter sido esse... Michael? O namorado?

– Porque é que faria uma coisa dessas? Ele nem sequer me conhecia. Disse à polícia que não tinha sido ele.

– O Lester também disse.

– Tem estado a escutar-me? O Lester é doido. Os bilhetes são doidos. Não é muito difícil fazer a ligação.

– Ainda tem algum dos bilhetes originais?

Maria abanou a cabeça e a sua frustração foi notória.

– Deitei-os fora quando me mudei para cá. Queria distância deles. É possível que a polícia de

Charlotte ainda tenha alguns, mas não tenho a certeza.

– Quando fala em bilhetes, a que é que se está a referir?

– Apenas uma ou duas frases.

– Então... não eram como este.

– Não. Mas ele usou as mesmas palavras e frases. E houve dois bilhetes curtos que *encaixam* no padrão.

– Por outras palavras, esta carta é diferente.

– Obviamente.

Margolis bateu com a caneta no documento que tinha à sua frente.

– Muito bem. Digamos que é o Lester. Quando diz que os bilhetes eram ameaçadores, o que é que quer dizer? Ele disse que a ia magoar? Ou fazer-lhe mal?

– Não, mas era evidente que me culpava pela morte da irmã. Na verdade, no fim, toda a família me culpou.

– Como era a família?

– Eram apenas... estranhos – respondeu ela. – Toda a sua dinâmica era estranha.

– Como assim?

Colin voltou-se para ela, percebendo que Maria nunca falara muito pormenorizadamente sobre eles.

– O Avery Manning... o pai... era psiquiatra, e desde o primeiro instante considerou-se um especialista em comportamento criminal. Nunca deixou que a Cassie falasse comigo a sós. Estava sempre presente e dominava as conversas. Mesmo no hospital, quando eu estava a tentar que a Cassie me contasse a história, ele respondia por ela. Chegou a um ponto em que tive de lhe pedir para sair do quarto, mas ele recusou-se... o máximo que fez foi afastar-se para o canto, prometendo ficar calado enquanto ela falava. Mesmo então, tive a impressão de que a Cassie tinha muito cuidado com o que dizia, como se estivesse a tentar dizer as coisas exatamente como ele queria. Quase como se tivessem ensaiado. Acho que é por isso... que por vezes ela embelezava as suas histórias.

– Embelezava?

– A Cassie disse-me que o Laws já lhe tinha batido. A ser verdade, teria sido importante porque poderíamos tê-lo acusado de um crime mais grave. A Cassie disse-me que o Laws lhe bateu num parque de estacionamento e que o Lester assistira. As histórias da Cassie e do Lester eram idênticas, quase palavra por palavra, mas quando investigámos percebemos que o Laws se encontrava noutra estado no dia e hora em questão, o que significava que estavam ambos a mentir. Quando falámos sobre isso com a Cassie, ela não quis voltar atrás com o que tinha dito. Isso só fez com que o acordo extrajudicial se tornasse ainda mais necessário. O advogado do Laws ganhava o dia se ela tivesse de testemunhar.

– E a mãe?

– Eleanor. Só a vi duas vezes e ela era muito controlada pelo Avery. Não sei se ela alguma vez falou. Passava o tempo todo a chorar.

Margolis continuou a tomar notas enquanto ela falava.

– Agora, vamos falar sobre o Lester. Como era ele?

– Como lhe disse, só o vi duas vezes, e parecia ter visto duas pessoas completamente diferentes. No primeiro encontro, não notei nada estranho. Na verdade, pareceu-me o mais normal de todos. Mas a segunda vez que o vi, depois de os informar das acusações contra o Laws, ele mudou. Quase como... se tivesse medo de mim. Balbuciou que não devia estar ali, que ninguém da família devia aproximar-se de mim porque eu era perigosa. O pai estava sempre a mandá-lo calar e ele ficava sentado, inquieto e a olhar para mim como se eu tivesse feito um pacto com o Diabo.

– Sabe o nome do hospital psiquiátrico onde ele foi internado?

- Não.
- Mas os bilhetes acabaram por parar?
- Depois de eu me mudar. Mas agora, recomeçaram.

Margolis rodou a caneta antes de pegar na pasta que trouxera para a sala.

– Depois de me ter telefonado, pedi à polícia de Charlotte para me mandar o relatório da morte da Cassie Manning por *e-mail*; continuo à espera do relatório da primeira detenção do Laws. Ainda não tive a oportunidade de o analisar ao pormenor, mas pelo que li é evidente que o Gerald Laws assassinou a Cassie Manning. Além disso, não foi a senhora que tomou a decisão de ele se dar como culpado de um pequeno delito. Foi o seu chefe... estou certo?

– Sim.

– Então porque é que pensa que a família Manning a culpou? Ou, no caso do Lester, a considerava «perigosa»?

– Porque era comigo que falavam. Contavam comigo para convencer o promotor a condená-lo por um crime mais grave. E, no caso do Lester, ele é obviamente doente... como já lhe disse, acabou por ser internado num hospital psiquiátrico.

Margolis acenou com a cabeça.

– Muito bem. Digamos que tem razão em relação a isto e que o Lester Manning é responsável por tudo o que lhe tem acontecido. – Recostou-se na cadeira. – Mesmo que assim seja, não sei se posso fazer alguma coisa.

– Porque não?

– A senhora não o viu. Mais ninguém o viu. Não sabe quem comprou as rosas, a não ser que não foi o seu chefe. Ninguém viu o Lester a pôr as rosas no seu carro. A única coisa que sabe sobre o homem que lhe pagou uma bebida é que era jovem e usava um boné de basebol. E também não reconheceu o homem que lhe entregou as rosas como o Lester. Dito de outra forma, não tem provas de que é o Lester.

– Já lhe disse que o bilhete tinha algumas das mesmas frases!

– Quando comparado com os bilhetes que já não tem? Uma vez mais, não estou a dizer que está enganada. Na verdade, acho que há uma grande probabilidade de ter razão. Mas, como antiga promotora de justiça, sabe o que significa a frase «para além de qualquer dúvida razoável». E neste momento não temos o suficiente para uma acusação de assédio.

– Ele tem andado a seguir-me, a observar-me e a monitorizar os meus movimentos. Isso enquadra-se na conduta requerida pela lei. Escreveu um bilhete que me aterrorizou. Furou os pneus do meu carro. Isso constitui assédio. Os seus atos causaram uma grande perturbação emocional, e é por isso que estou aqui. Ele anda, claramente, a perseguir-me e isso é um crime.

Margolis ergueu uma sobrancelha.

– Está bem, Menina Ex-Promotora de Justiça. Mas se ele já negou ter escrito os bilhetes uma vez, vai fazê-lo outra vez. E depois?

– E o padrão? Bilhetes, flores, andar a seguir-me, flores mortas. Ele está a imitar o que o Laws fez à Cassie.

– O padrão é *semelhante*, mas não é *igual*. O Laws mandou cartas e identificou-se. A senhora recebeu bilhetes curtos e anónimos. O Laws espiava a Cassie ao jantar e garantia que ela o via. Alguém lhe comprou uma bebida numa discoteca, sem se identificar. A Cassie sabia que o Laws lhe enviava flores. A senhora nem sequer sabe ao certo quem lhe enviou as rosas.

– É muito parecido.

– Para si, talvez. Mas num tribunal é diferente.

– Por outras palavras, como ele foi cuidadoso vai safar-se? Nem sequer vai falar com ele?

– Não me interprete mal. Vou tentar falar com ele.

– Tentar?

– Partindo do princípio de que ele ainda está na cidade e que posso encontrá-lo. Por outro lado, se ele estiver em Charlotte ou noutra cidade, é possível que tenha de passar o caso a outro detetive de lá.

– E o que é que lhe diria se conseguisse encontrá-lo?

– Vou dizer-lhe que sei o que ele anda a fazer e que será melhor parar, senão as autoridades terão de intervir. – Quando se tornou evidente que Maria não estava à espera que ele dissesse aquilo, Margolis continuou. – Por outras palavras, acredito em si. Dito isto, não posso detê-lo porque *pensa* que ele lhe comprou rosas. Ou porque *pensa* que ele lhe pagou uma bebida. Ou porque *pensa* que ele pôs um bilhete no seu carro. A senhora e eu sabemos que a acusação não tem pernas para andar. E, no fim, ele pode dificultar-lhe ainda mais a vida.

– Como? – perguntou Maria.

Margolis encolheu os ombros.

– A senhora já o acusou antes e o pai ameaçou processá-la a si e à polícia. Agora, está a acusá-lo de novo. É possível que ele apresente uma queixa por assédio contra si.

– Isso é ridículo!

– Mas é possível.

– Então o que é que posso fazer? Se não vai fazer nada para me ajudar?

Margolis inclinou-se para a frente, entrelaçando as mãos em cima da mesa.

– Registei o seu depoimento e o relatório vai ficar no sistema. Disse-lhe que vou falar com ele, se conseguir encontrá-lo, ou que outra pessoa o fará. Vou estudar os dossiês referentes à prisão do Laws e do homicídio da Cassie. E vou descobrir tudo o que puder sobre o Lester Manning. Vou falar com a polícia de Charlotte e pedir-lhes para verificarem se os bilhetes antigos estão arquivados em alguma pasta. Tendo em conta que não me apresentou nenhuma prova de que foi ameaçada... e tendo em conta o seu juízo questionável no que diz respeito à escolha de namorado... diria que é mais do que suficiente, não lhe parece?

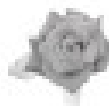
O rosto de Maria era uma máscara.

– Que tal uma providência cautelar a proibi-lo de se aproximar de mim?

– Tudo é possível, mas, pelas mesmas razões que discutimos, ambos sabemos que não é automático. No entanto, digamos que, por milagre, um juiz lhe concede uma. A lei diz que não é válida a não ser que o Lester Manning a receba pessoalmente. O que, uma vez mais, pode ou não ser possível.

– Por outras palavras, está a dizer-me para fingir que não está a acontecer.

– Não. Estou a dizer-lhe para me deixar fazer o meu trabalho. – Pegou na pasta. – Vou mantê-la informada do que descobrir.



– Não sei porque é que fui falar com ele – disse Maria com uma expressão tensa, quando voltavam para o carro. – E sabes o que me irrita imenso? – Não precisou de uma resposta. – Ele tem razão. Em tudo. E eu sei que ele tem razão. Se um detetive me tivesse trazido um caso assim, eu tê-lo-ia recusado. Não há nenhuma prova. Embora eu *saiba* que é ele.

– O Margolis vai investigar.

– E depois?

– O Margolis pode ser um imbecil, mas é inteligente. Vai fazer com que o Lester diga alguma coisa

incriminatória.

– E depois? Achas que o Margolis vai convencê-lo a parar? Pensei que tinha acabado quando me mudei para cá, mas não adiantou nada. Ele sabe onde eu moro e, tanto quanto sei, matou a *Copo*. Ele pode ter estado dentro da casa dos meus pais!

Era a primeira vez que Colin a ouvia associar a morte de *Copo* a tudo o resto que acontecera e o seu medo óbvio provocou-lhe um nó no estômago.

Isto ia parar. Margolis que fizesse o que entendesse, mas naquele momento isso não era o suficiente para Colin. Chegara o momento de alguém descobrir exatamente o que Lester andava a tramar.



Depois de deixar Maria no emprego, Colin colocou os auscultadores, pôs música e sentou-se à frente do computador.

Lester Manning.

Com provas ou sem elas, o facto de ter um nome ajudava-o a organizar os seus pensamentos e queria descobrir o máximo que pudesse acerca do homem.

O único problema era que, sem um acesso fácil às bases de dados ou aos registos oficiais do governo, não podia fazer grande coisa. Não havia registo nas listas telefónicas para Lester Manning na Carolina do Norte e também não conseguiu encontrar um número de telemóvel. Havia dois Lester Manning no Facebook; um dizia viver em Aurora, Colorado, e o outro em Madison, Wisconsin; o primeiro era um adolescente e o segundo um homem com mais de quarenta anos. O Instagram, o Twitter e o Snapchat não deram em nada e também não teve mais sucesso com uma busca no Google usando o nome e a cidade de Charlotte com diversas alterações.

Havia alguns *sites* que encerravam a promessa de mais informações – número de telefone, morada mais recente e coisas do género – mediante o pagamento de uma taxa, e, depois de alguma hesitação, inseriu o número do cartão de crédito e experimentou. Felizmente, apareceu um endereço em Charlotte.

Havia mais algumas informações sobre Avery Manning, incluindo um número de telefone em Charlotte para um Dr. Avery Manning, no mesmo endereço que encontrara para Lester.

Pai e filho viviam juntos?

Ou seriam informações antigas?

Também havia alguns pequenos artigos sobre o pai. O mais recente confirmava a lembrança de Maria de que a sua licença fora suspensa durante dezoito meses, ao que tudo indicava por tratamento inadequado a uma série de pacientes. O caso mais conhecido envolvia um jovem que se suicidara. Segundo o artigo, Manning não conseguira diagnosticar adequadamente o distúrbio de défice de atenção do paciente e controlar a administração de *Adderal*. Outros pacientes disseram que tinham ficado pior quando estavam a ser tratados por ele. Se a data de suspensão estava correta, Avery Manning ainda não podia exercer.

Interessante.

Também havia uma fotografia: um homem de cinquenta e poucos anos, com cabelo louro fino e olhos azul-claros num rosto anguloso, quase ossudo; Colin pensou que ele podia passar por coveiro. Não conseguiu imaginar-se sentado à frente daquele homem durante uma hora, a contar-lhe a sua vida e à espera de empatia.

Outro artigo mencionava o trabalho de Manning com reclusos. O artigo citava Manning como tendo dito que muitos presos eram sociopatas e não podiam ser reabilitados. Ele dizia que a reclusão humana era a

solução mais pragmática para a patologia criminosa. Para além de comentar que Manning se considerava especialista em comportamento criminoso, Maria não referira o seu trabalho em prisões, e Colin perguntou a si mesmo se ela saberia.

Mais algumas pesquisas acabaram por revelar o obituário de Eleanor Manning, que não dizia nada sobre suicídio, o que não era surpreendente. A maioria das pessoas não queria que esse facto fosse tornado público. Também dizia que era mãe de três filhos e que deixava o marido e um filho. Ele sabia de Cassie, mas havia outro irmão?

Leu meia dúzia de artigos sobre Avery Manning antes de encontrar a resposta; numa entrevista sobre depressão, Avery referia que a mulher lutava contra a depressão desde que o seu filho Alexander Charles Manning morrera num acidente de viação aos seis anos.

Alex. Cassie. Eleanor.

Tanta tragédia para uma família. E Lester culpava Maria por uma, talvez até duas mortes.

O suficiente para o fazer atormentar e aterrorizar Maria?

Sim. Os bilhetes originais deixavam isso claro. E o padrão também.

Cronologicamente ou não, Maria estava a experimentar os mesmos medos que Cassie sentira. E, tal como ela, Colin sabia muito bem como se desenrolava o resto da história de Cassie.

Depois de sair da prisão, Laws encontrou-se com Cassie.

Cassie pediu uma providência cautelar para o manter afastado.

A polícia não conseguiu encontrar Laws.

No fim, Cassie foi raptada e assassinada.

Aquilo também faria parte do plano de Lester?

Era um enorme salto ir do que acontecera a Maria até ao passo final. Atormentar era uma coisa, matar era outra, e não sabia o suficiente sobre Lester para tentar adivinhar o que ele poderia fazer. Todavia, isso não significava que Maria devia correr riscos.

Passou outra hora sem descobrir mais nada. A parte mais fácil já estava – informações que qualquer pessoa podia encontrar – e perguntou a si mesmo qual seria o próximo passo.

O que é que ele *sabia* sobre Lester? E o que podia *supor*?

Lester tinha um carro. Ou usava um carro.

É evidente que não era uma grande suposição, mas perguntou a si mesmo que tipo de informações conseguiria descobrir se tivesse uma matrícula. Algumas palavras-chave no motor de busca resultaram em duas empresas com acesso a todos os tipos de registos públicos, incluindo registos e matrículas de carros. Era um serviço um pouco caro, mas poderia ser útil e ele tomou nota dos endereços eletrónicos para o caso de precisar.

Mais alguma coisa?

Sim, pensou. Se a sua suposição estivesse correta, Lester escondera-se no telhado do prédio em frente ao escritório onde Maria trabalhava. Quanto ao apartamento, seria fácil vigiar as suas idas e vindas, até porque ela tinha um horário previsível. Ele não teria de passar horas intermináveis na rua; poderia observá-la do café do outro lado da rua ou de um carro estacionado. Segui-la para o restaurante e para a discoteca teria sido fácil.

E?

Com base no encontro com Margolis, Colin precisava de provas de que Lester estava a perseguir Maria, e perguntou a si mesmo se deveria ir a Charlotte para tentar atribuir um rosto ao nome. Talvez até tirar uma fotografia, partindo do princípio de que o encontraria. Mas talvez isso não fosse suficiente. O florista admitira que não olhara bem para o homem e Colin duvidava que a empregada de mesa o reconhecesse. Nem sequer Maria o reconheceria de perto.

E, por fim, havia *Copo*. A morte do animal também se encaixava no padrão e, quanto mais pensava no assunto, mais provável lhe parecia que Lester tivesse matado *Copo* para magoar Maria e a família. Como andava a segui-la, sabia onde os pais moravam. Mas, mais do que isso, também significava que observava a família com regularidade. De que outra forma saberia que *Copo* fora deixada em casa? Maria dissera que Felix levava a cadelinha para toda a parte, até para o restaurante. Que os pais raramente a deixavam em casa.

Mas como?

O jardim das traseiras dos Sanchez tinha uma vedação para maior privacidade e, num subúrbio onde todos se conheciam, um desconhecido à espreita teria sido notado.

Como?

Vinte minutos mais tarde, estava a passar pelo bairro dos Sanchez, a tentar perceber o que acontecera.

A casa dos pais de Maria estava fechada e, aparentemente, não estava ninguém. No entanto, havia outras pessoas nas redondezas. Uma mulher a correr no passeio; um homem idoso a aparar os arbustos no jardim. Um homem a sair com o carro para ir a algum lado.

Colin virou a esquina e depois virou de novo, percorrendo a rua paralela à dos Sanchez, com jardins das traseiras encostados uns aos outros.

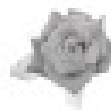
O bairro era movimentado, sem dúvida o género de comunidade em que as pessoas deviam preocupar-se com as outras.

Sem dúvida que teriam reparado na presença de Lester.

A menos que...

Reduziu a velocidade quando se aproximou das casas que estavam atrás da casa dos Sanchez e a resposta tornou-se clara.

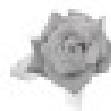
A casa diretamente atrás da dos pais de Maria estava à venda. Mais do que isso, parecia estar vazia.



Maria estava reservada quando ele a foi buscar ao emprego nessa noite e a conversa foi desconexa. Era evidente que queria evitar falar sobre Lester ou Margolis.

Ela queria passar a noite em casa dos pais, por isso ele levou-a a casa e esperou à porta enquanto ela preparava um saco. A seguir, foram buscar o carro dela à oficina de pneus e ele deixou que ela se fosse embora antes de, finalmente, sair do parque de estacionamento. Queria segui-la, mas concluiu que isso só a deixaria mais nervosa e pediu-lhe que lhe mandasse uma mensagem de texto quando chegasse a casa dos pais. Quinze minutos mais tarde, Maria avisou-o de que já chegara.

Embora não tivesse dito nada, calculou que ela passara a viagem até à casa dos pais a espreitar pelo espelho retrovisor para ver se Lester a seguia.



Colin esperou até depois da meia-noite para voltar ao bairro, sempre a pensar em Lester Manning.

Vestido de preto, estacionou a alguns quarteirões de distância e aproximou-se da casa vazia. Na mochila transportava uma pequena lanterna, duas chaves de parafusos e um pequeno pé de cabra. No entanto, se Lester estivera várias vezes dentro da casa – e a menos que fosse especialista em arrombamento de fechaduras ou tivesse uma chave –, Colin pensou que poderia entrar pela mesma janela

ou porta que ele usara. O ponto de entrada talvez ainda estivesse destrancado; a não ser que o vendedor tivesse reparado, Lester não poderia ter voltado a fechá-lo quando saíra.

Colin só tinha de o encontrar.

E se Lester estivesse lá esta noite porque percebera que Maria não estava no seu apartamento?

Por muito que quisesse castigá-lo, Colin telefonaria a Margolis. Talvez pudessem acusá-lo de invasão de propriedade, talvez até de arrombamento, para além de assédio.

A rua estava silenciosa e deserta. Dos dois lados, através de aberturas nas cortinas das casas adjacentes, viu o brilho de uma ou outra televisão, mas pareceu-lhe que a maioria das pessoas já se tinha ido deitar.

Aproximou-se da casa vazia e reparou que a porta principal tinha um cadeado no puxador, cortesia do vendedor. Não havia janelas parcialmente abertas no alpendre, nem nenhuma marca de tentativa de arrombamento. Deu a volta para a parte lateral da casa e saltou a vedação sem fazer barulho, entrando no jardim das traseiras. Com a lanterna, inspecionou as janelas uma a uma, procurando um pequeno espaço ou marcas de arrombamento.

Foi só quando chegou ao outro lado da casa que as descobriu.

A janela de um quarto, a um metro e meio de altura, estava quase mas não totalmente fechada. Marcas de arrombamento no caixilho, sem dúvida para retirar a armação de rede. Apesar da distância do chão, seria fácil para Colin subir, mas para Lester? Observou o jardim e avistou um conjunto de mesa e cadeiras de jardim, de plástico, para crianças. Viu quatro marcas de relva amassada e a murchar, uma indicação segura de que a mesa fora movida há pouco tempo.

Nem mais.

Usou a chave de parafusos para retirar a armação de rede e depois empurrou um pouco mais a janela antes de a escancarar com as mãos.

Com um salto rápido, trepou e entrou.

Andou pela casa às escuras e percebeu que a planta era semelhante à da casa dos pais de Maria, com janelas na cozinha e uma sala de onde se avistava o alpendre das traseiras dos Sanchez. Porém, com janelas para os dois lados, o espaço permitia uma visão quase perfeita de mais e Colin sabia que Lester não queria ser detetado.

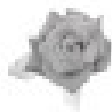
O que deixava apenas uma possibilidade.

Colin atravessou o curto corredor e virou para o único quarto nas traseiras da casa. Ao contrário das janelas da cozinha e da sala, a janela de onde se avistava o alpendre das traseiras dos Sanchez tinha cortinas. Acendeu a lanterna e observou a carpete de pelo macio.

Marcas perto da janela. Pegadas.

Lester Manning estivera ali.

E era muito possível que voltasse.



Só quando estava a voltar para casa é que Colin percebeu que esquecera uma coisa importante.

Onde é que Lester tinha estacionado?

Pareceu-lhe improvável que estacionasse na rampa de entrada da casa vazia ou na rua à frente da casa de alguém. Daria demasiado nas vistas, principalmente porque muitas pessoas queriam estacionar os carros diante das suas casas. Ao mesmo tempo, Lester não devia querer estacionar demasiado longe.

Colin voltou para trás e andou pelo bairro, sem saber o que esperava encontrar, até ver um parque com

um relvado, um parque infantil e bancos colocados por baixo de carvalhos. Do outro lado da rua, viam-se dez ou doze carros; ao lado do parque, havia mais sete. A hora tardia sugeria que pertenciam às pessoas que viviam do outro lado da rua, residentes com mais do que um carro e sem outro espaço para estacionar.

Porém, mais um carro parado aqui devia passar despercebido – ideal para Lester – e teve a certeza de que tinha razão. Tirou o telemóvel do bolso e fotografou os carros e as respetivas matrículas. Queria saber quais pertenciam ali. E de repente os seus pensamentos começaram a definir-se.

Queria saber como era Lester.

Queria encontrar o carro de Lester e anotar a matrícula.

Queria saber se Lester estava a morar na zona e, em caso afirmativo, onde.

Depois disso, queria passar alguns dias a vigiar o homem e a descobrir tudo o que fosse possível sobre ele.



– Para quê? – perguntou Evan, olhando-o de soslaio do outro lado da mesa da cozinha; Lily já estava a dormir no quarto.

– O Margolis disse que precisa de provas. Eu vou dar-lhe provas.

– Tens a certeza de que não estás a fazer isto porque queres dar-lhe uma valente tareia?

– Sim.

– Sim, queres dar-lhe uma valente tareia, ou sim, não vais dar-lhe uma valente tareia, mesmo que te apeteça?

– Não pretendo aproximar-me dele.

– Boa ideia. Porque tu tens problemas graves.

– Sim.

– E como é que pretendes encontrá-lo? Vais andar a passear pelo parque à procura de carros desconhecidos?

– Provavelmente.

– Porque pensas que o Lester poderá voltar a estacionar lá?

– Sim.

– E como é que vais saber que carros pertencem ao bairro e que carros não pertencem?

– Persistência.

Evan não falou logo.

– Continuo a pensar que seria melhor ideia deixares o Margolis fazer o seu trabalho.

Colin acenou com a cabeça.

– OK.



Após algumas horas de sono, no dia seguinte Colin voltou ao bairro dos Sanchez com um bloco de apontamentos. Tinha estacionado a alguns quarteirões de distância e foi para o parque, onde, enquanto esperava, começou a fazer exercícios num tapete que trouxera de casa.

Era cedo, o sol ainda não tinha nascido, e os carros que vira algumas horas antes continuavam

estacionados.

Teve de esperar mais de uma hora até a primeira pessoa sair de uma das casas, entrar num carro e se afastar. Colin anotou a marca, modelo e cor no bloco de apontamentos. Às sete e meia houve um pico de atividade, e outro quarenta e cinco minutos depois. Mais duas pessoas entraram nos seus carros enquanto Colin se preparava para ir para as aulas, ficando apenas um carro vermelho – um *Hyundai* de duas portas – ao lado do parque e outros dois do outro lado da rua.

Não devia ser nada, mas anotou a informação.

Já no carro, desviou para a rua da casa vazia. Não se via viva-lma e ele decidiu arriscar. Encostou algumas casas mais abaixo e dirigiu-se para a casa antes de se desviar para a vedação.

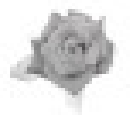
Espreitou e viu que a mesa de plástico estava exatamente no mesmo lugar onde a vira algumas horas antes; a janela também parecia intocada. Se Lester não estava aqui, era muito possível que nenhum dos três carros que restavam lhe pertencesse. Noventa e nove por cento de certeza.

Nas aulas, percebeu que estava apenas moderadamente interessado no que os professores diziam e não estava a conseguir tirar apontamentos como deve ser. Em vez disso, perguntou a si mesmo se devia ir à última morada conhecida de Lester Manning em Charlotte ou continuar a vigiar a casa vazia. Ou, se Maria dormisse em casa dela, se devia procurar o Lester por lá.

Todas as opções eram boas, mas era impossível estar em três sítios ao mesmo tempo.

E se escolhesse a opção errada?

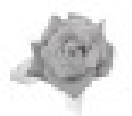
Continuou a pensar no problema.



Depois de sair do *campus*, voltou para o bairro dos Sanchez. O *Hyundai* vermelho que estava estacionado ao lado do parque continuava ali, mas os outros dois carros que estavam estacionados do outro lado da rua tinham desaparecido.

O carro solitário parecia deslocado. Quando se foi embora, parou de novo na casa vazia e espreitou por cima da vedação. Nenhuma alteração.

Lester não estava na casa vazia. E fazia sentido. Nem Maria nem a família estavam em casa.



Nos dias seguintes, decidiu manter-se o mais perto possível de Maria. Se Lester continuava determinado a vingar-se, acabaria por encontrá-la onde quer que ela estivesse. E onde ela planeasse estar era onde Colin também teria de estar.

Telefonou-lhe e convidou-a para jantar; ao telefone, ela parecia um pouco melhor do que no dia anterior, mas ainda estava tensa. Foi buscá-la a casa depois do trabalho e foram a um pequeno restaurante perto da praia, onde se ouvia o som calmante das ondas.

Maria evitou de novo falar em Lester ou em Margolis; em vez disso, concentrou-se nos planos que Jill tinha para a nova firma. Falar sobre o novo empreendimento, juntamente com dois copos de vinho, foi distração suficiente para a animar.

Voltaram para a casa de Colin e conversaram com Evan e Lily antes de Maria lhe dar, por fim, a mão. Apesar da sua relativa calma, ele já tinha percebido que ela não queria voltar para o seu apartamento.



Colin verificou a casa vazia na quarta-feira de manhã e depois passou pelo parque e continuou a observar as idas e vindas dos carros estacionados. Quando começava a pensar que Lester abandonara o seu posto de vigia da casa ou estacionara o carro noutro lado, o fim da tarde trouxe uma mudança e o *Hyundai* vermelho que estava estacionado ao lado do parque desapareceu.

Talvez não fosse nada, mas decidiu que chegara o momento de verificar a matrícula, o que acabou por ser uma perda de tempo.

Como os outros, pertencia a um dos residentes.



Na quinta-feira de manhã, Colin e Maria estavam a tomar um pequeno-almoço de claras de ovos, papas de aveia e fruta em casa dele. Ela disse-lhe que ia jantar com Jill e Leslie e depois pensava passar a noite em casa dos pais.

– Eles estão preocupados comigo – explicou Maria, mas Colin sabia que ela ainda não estava preparada para voltar sozinha para o seu apartamento, especialmente porque ele tinha de trabalhar. – Acho que também estão preocupados com a Serena.

– Porquê?

– Porque eu disse-lhes que dormi em casa dela nas últimas duas noites. Somos ambas solteiras, e eles são antiquados. Eu sei que não gostas de mentiras, mas neste momento não consigo lidar com o desapontamento da minha mãe, para além de tudo o resto.

– Eu não disse nada.

– Eu sei. Mas percebi que estavas a pensar que devia ser sincera com eles.

Ele sorriu.

– Está bem. O Margolis já te disse alguma coisa?

Ela abanou a cabeça.

– Ainda não. E não sei se isso é bom ou mau.

– Pode ser que ele não saiba nada.

– Isso enquadra-se na categoria do mau – disse ela. – Ele não pareceu propriamente determinado a atacar o problema. Tanto quanto sei, ainda não fez nada.

Colin assentiu com a cabeça, reconhecendo que estava a pensar a mesma coisa. No entanto, não era o que ela queria ouvir, por isso mudou de conversa.

– Amanhã é o grande dia.

– Para quê?

– Não vais comunicar as duas semanas de pré-aviso?

– Oh, sim. – Ela sorriu. – E, sim, é amanhã, mas é estranho porque quase não penso nisso a não ser quando estou com a Jill. É tudo muito surreal. Há duas semanas, não me passava pela cabeça que estaria a preparar-me para entrar numa firma que está a dar os primeiros passos.

– O que é que os teus pais pensam?

– A minha mãe está entusiasmada, mas o meu pai está nervoso. Ele sabe como é difícil começar um negócio. Também gostava de dizer às pessoas que eu trabalhava na Martenson, Hertzberg e Holdman.

- Por enquanto.
- Sim. – Ela esboçou um sorriso forçado. – Por enquanto.
- Como está o ambiente no escritório?

Ela encolheu os ombros.

– É difícil dizer. Não tão mau como na semana passada, mas continua sombrio. O trabalho está a acumular-se e oiço rumores de que mais pessoas pretendem ir-se embora. São rumores atrás de rumores. Ontem, dizia-se que a firma estava quase a chegar a acordo... com todas as queixosas... mas não acredito que seja verdade. Se lesse os depoimentos, perceberias que o Ken era muito pior do que eu pensava.

– Alguma vez contaste aos teus pais o que aconteceu?

– Nem pensar. Se o meu pai soubesse, passava-se. Por vezes, o sangue latino pode correr tão quente como o teu.

– Então, deves ter feito bem em não lhe contar.

– Talvez. Mas tu não fizeste nada.

– Tu não és minha filha.

Ela riu-se.

– Ele ainda não tem a certeza em relação a ti. Por causa do teu passado.

– OK.

– E também por causa de como és agora.

– OK.

– Ele até tem a ideia louca de que eras tu que andavas a perseguir-me.

– Porque é que pensaria uma coisa dessas?

– Porque acha que viu o teu carro no bairro quando foi passear o cão ontem de manhã. Eu sei que ele está preocupado comigo, mas por vezes exagera um bocado.

Eu também.

CAPÍTULO 20



Maria

Maria despediu-se de Colin com um beijo à porta de casa dele; embora ele se tivesse oferecido para a seguir até ao escritório, como acontecera a semana inteira, ela disse-lhe que ficaria bem e que ele podia ir para as aulas. No instante em que falara, acreditara no que dizia, mas enquanto conduzia para o emprego começou a perguntar-se se Lester estaria a segui-la. Pela primeira vez desde que se mudara de Charlotte, sentiu que o seu coração começava a bater mais depressa sem motivo aparente. Passados alguns segundos, a respiração tornou-se mais difícil e a visão começou a estreitar-se.

Instintivamente, conseguiu parar o carro na berma da estrada e de repente sentiu que o seu corpo estava descontrolado.

Um aperto no peito.

Oh, meu Deus...

Isto não era normal.

Não conseguia respirar.

A visão continuava a estreitar-se e os pensamentos começaram a tornar-se confusos.

Estava a sofrer um ataque cardíaco e precisava de uma ambulância.

Ia morrer na berma da estrada.

O telemóvel começou a tocar, mas ela só ouviu vagamente o som de meia dúzia de toques antes de se calar. Instantes depois ouviu um bipe, alguém a mandar-lhe uma mensagem de texto.

Os músculos do seu peito apertaram-se.

Não conseguia respirar ar suficiente.

O seu coração continuou a bater com força e o terror instalou-se, alimentando-se da certeza de que ia morrer.

Encostou a cabeça ao volante, à espera do fim.

Mas ele não veio.

Em vez disso, continuou a morrer a pouco e pouco nos minutos seguintes, até já não estar a morrer de todo.

Passado algum tempo, conseguiu levantar a cabeça do volante. A respiração acalmou e a visão periférica começou a voltar. O coração ainda batia com força, mas parecia menos intenso.

Alguns minutos mais tarde, começou a sentir-se melhor. Ainda abalada, mas melhor, e, embora parecesse impossível, compreendeu que não tivera um ataque cardíaco.

E foi então que percebeu que os ataques de pânico tinham voltado.



Só se sentiu completamente normal meia hora depois, e nessa altura já estava no seu gabinete. Não viu Barney, mas ele deixara-lhe um novo caso – o hospital regional estava a ser processado por uma família por causa de uma infeção chamada *Pseudomonas*, que acabara por provocar a morte de um paciente – e um bilhete escrito à pressa a pedir-lhe que começasse a procurar os precedentes jurídicos adequados para sustentar a defesa.

Maria estava a refletir sobre o ponto de partida para a pesquisa quando o seu telemóvel tocou. Olhou para o visor, e depois olhou melhor para ter a certeza de que não estava enganada. Serena?

Premiu o botão para atender.

– Olá – disse –, o que é que se passa?

– Estás bem?

– Porquê?

– Liguei-te há bocado, mas não atendeste – disse Serena.

– Desculpa – disse Maria, a pensar no ataque de pânico. – Estava no carro. – A verdade, embora não toda a verdade. Perguntou a si mesma o que Colin pensaria sobre aquilo.

– Como está a correr a investigação?

– Ainda não sei nada.

– Telefonaste ao Margolis?

– Se ele não me disser nada hoje, vou telefonar.

– Eu já teria telefonado.

– Tenho a certeza. Então... o que é que se passa?

– Como assim?

– Tu nunca me telefonas tão cedo. E porque é que não estás nas aulas?

– Ainda faltam alguns minutos para começar, mas tinha de contar a alguém. Ontem à noite recebi um *e-mail* e acontece que sou uma das três finalistas para a bolsa de estudo. Acho que o jantar em casa dos pais deve ter sido uma influência positiva... Embora o *e-mail* não o dissesse diretamente, acho que posso estar na *pole position*.

– Na *pole position*?

– Sim. Quando recomeçam uma corrida depois de um acidente ou de outra coisa qualquer, é o carro que está na primeira posição.

– Eu sei o que é. Só estou curiosa por *tu* saberes.

– O Steve vê muitas corridas NASCAR. E também me obriga a ver.

– Então já é uma relação a sério?

– Não sei... há um tipo muito giro numa das minhas aulas. No entanto, é um pouco mais velho e anda com a minha irmã, o que pode ser um problema.

– É um problema.

– Ainda bem que esqueceste o ego e foste falar com ele.

– Não teve nada a ver com o meu ego.

– Ego, encontro imediato numa rixa de bar, a mesma coisa.

– Tu és louca, sabias?

– Às vezes – reconheceu Serena. – Mas até agora tem tido bons resultados.

Maria riu-se.

- É uma ótima notícia – disse. – A bolsa de estudo, é claro.
- Eu não quero ficar já muito entusiasmada. Não contes à mãe nem ao pai.
- Da última vez não fui eu que lhes contei.
- Eu sei – disse ela. – Eles continuam a pensar que tens ficado na residência comigo?
- Sim. E é a minha vez de te pedir para não lhes dizeres nada.

Serena riu-se.

- Não vou dizer nada. Mas tenho quase a certeza de que a mãe sabe que tens ficado com o Colin. É claro que está numa de não fazer perguntas, o que significa que não deve ser tema de conversa esta noite.

- Esta noite?
- Sim, esta noite.
- O que há esta noite?
- Estás a gozar, não estás? Os anos da mãe? Jantar de família? Não me digas que te esqueceste.

Ups.

- Uh...
- A sério? Nunca lês os meus *posts*? Ou os meus *tweets*? Eu sei que tens imensos problemas, mas como é que te pudeste esquecer dos anos da mãe?

Teria de cancelar o jantar com Jill e Leslie, mas elas compreenderiam, certo?

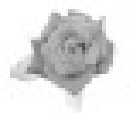
- Lá estarei.
- Vais trazer o Colin?
- Ele está a trabalhar. Porquê?
- Porque não sei se devo convidar o Steve.
- Que é que uma coisa tem que ver com a outra?
- É simples. Calculo que se o pai estiver entretido a olhar furiosamente para o Colin não poderá massacrar o Steve, e além disso vão pensar que ele é fantástico por comparação.

Maria fez uma careta.

- Isso não tem piada.

Serena riu-se.

- Tem um bocadinho de piada.
- Vou desligar.
- Até logo!



Depois de desligar, Maria percebeu que se sentia estranhamente nervosa enquanto se dirigia para o gabinete de Jill. Imaginou que Leslie não ficaria ofendida – fora um engano compreensível –, mas não queria que ela pusesse em causa a recomendação de Jill. Porém, quando lhe contou, a amiga soltou uma gargalhada.

- Estás a gozar? A Leslie não se importa com esse género de coisas.
- Tens a certeza?
- Claro que tenho a certeza. São os anos da tua mãe. O que é que podes fazer?
- Podia ter-me lembrado.

– Pois podias – disse Jill, e Maria fez uma careta. O telemóvel tocou de novo, surpreendendo-a. Pensou que devia ser Serena mais uma vez e ia ignorar a chamada, mas depois percebeu que não reconhecia o número.

– Quem é? – perguntou Jill.

– Não sei – respondeu Maria. Após alguns segundos de hesitação atendeu, rezando para que não fosse Lester.

– Estou?

Não era Lester. Graças a Deus. Escutou a voz do outro lado.

– Sim – disse, por fim. – Lá estarei.

Desligou a chamada, mas continuou a segurar o telemóvel, pensativa. Jill devia ter visto a sua expressão.

– Más notícias? – perguntou.

– Não sei – respondeu Maria, pensando que estava mais do que na hora de contar à amiga a história com Lester Manning... e o drama das duas últimas semanas, incluindo os altos e baixos com Colin. Pensar que ia contar tudo a Jill não a teria incomodado no passado, mas contar informações tão pessoais à futura patroa parecia... *arriscado*, mesmo que ela acabasse com toda a certeza por descobrir.

– Quem era?

– Um agente da polícia... o detetive Margolis. Pediu para falar comigo.

– Polícia? O que é que se passa?

– É uma longa história.

Jill olhou-a antes de se levantar da secretária e atravessar a sala. Fechou a porta e virou-se.

– O que é que se passa? – perguntou.



Afinal, contar a Jill foi mais fácil do que ela imaginara. Futura patroa ou não, Jill era acima de tudo sua amiga e apertou-lhe a mão mais do que uma vez, claramente preocupada. Quando Maria lhe garantiu que não afetaria a sua capacidade de ajudar na empresa, Jill limitou-se a abanar a cabeça.

– Neste momento, tens coisas mais importantes com que te preocupar – disse. – A Leslie e eu podemos resolver o que ainda falta. Tu tens de fazer o que for preciso, e de tirar o tempo que for preciso para encontrares uma maneira de resolver este assunto de uma forma definitiva. De qualquer maneira, nos primeiros meses não vamos ter clientes a fazer fila à nossa porta.

– Espero bem que não demore tanto tempo. Acho que não conseguirei aguentar. Esta manhã tive um ataque de pânico.

Jill ficou calada durante alguns instantes.

– Eu vou ajudar-te no que puder. Diz-me o que precisas.

Ao sair do gabinete de Jill, Maria pensou de novo que, apesar do salário mais baixo, sair para ir trabalhar com a amiga fora não só a melhor opção à sua disposição como já parecia a melhor escolha de carreira que fizera até àquele momento da sua vida.

No entanto, aquele pensamento não ajudou a fazer com que o resto da manhã passasse mais depressa. E o trabalho também não; o facto de não saber o que Margolis tinha para lhe dizer dificultou-lhe a concentração e não a deixou avançar na pesquisa para o processo do hospital. Com a frustração a começar a aumentar, largou o trabalho e enviou uma mensagem de texto a Colin.

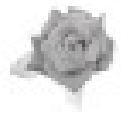
Ele respondeu-lhe que sim, que se encontraria com ela na esquadra ao meio-dia e um quarto.

Maria espreitou o relógio.

Depois voltou a concentrar-se no processo, sabendo que precisava de o analisar com toda a atenção.

Faltavam duas horas para o encontro com Margolis.

O tempo arrastou-se.



Quando entrou no parque de estacionamento, Colin esperava-a à porta da esquadra com óculos escuros, calções e uma *T-shirt*. Acenou quando saiu do carro, esperando conseguir esconder o nervosismo, mas desconfiou que Colin perceberia.

Ele beijou-a rapidamente antes de abrir a porta para ela entrar. Maria experimentou uma sensação de *déjà-vu* quando olhou em volta. Todavia, ao contrário da primeira visita, Margolis não os deixou muito tempo à espera. Mal se tinham sentado quando o viu aproximar-se em passos rápidos, vindo do fundo do edifício. Trazia de novo uma pasta na mão e serviu-se dela para os mandar seguir.

– Venha – disse. – Falaremos onde estivemos da outra vez.

Maria levantou-se, alisou a saia e caminhou ao lado de Colin, passando pelos agentes que trabalhavam à secretária, pelo grupo de pessoas que estavam reunidas à volta da máquina de café.

Margolis abriu a porta e apontou para as mesmas cadeiras onde se tinham sentado antes. Ela e Colin sentaram-se e Margolis dirigiu-se para a ponta da mesa.

– Devo estar preocupada? – perguntou Maria com brusquidão.

– Não. Resumindo, não me parece que o Lester vá ser um problema.

– O que é que isso significa? – pressionou ela.

Margolis bateu com a caneta na pasta antes de espetar um polegar na direção de Colin.

– Estou a ver que continua a passar tempo com esta criança problemática. E não percebo porque é que continua a insistir em trazê-lo quando discutimos o seu caso. Não há razão para ele estar aqui.

– Eu quero que ele esteja aqui – disse ela. – E, sim, continuamos a passar tempo juntos. E felizes, devo acrescentar.

– Porquê?

– Gosto do corpo dele e ele é fantástico na cama – respondeu ela, sabendo que ele não tinha nada com isso e sem se dar ao trabalho de disfarçar o sarcasmo.

Margolis esboçou um sorriso afetado, mas não havia humor na sua expressão.

– Antes de começarmos, deixe-me explicar-lhe as regras fundamentais. Em primeiro lugar, só está aqui porque eu lhe disse que ia investigar as suas alegações e porque lhe disse que a manteria informada. Como os pneus do seu carro foram cortados e também houve possíveis crimes de assédio, estamos perante uma potencial investigação *criminal*, e nesses casos os procedimentos não costumam ser discutidos. No entanto, como também há potencial para uma ordem *cível* de proibição de contacto... a Cinquenta-C... também quero reunir-me consigo e mantê-la informada quando me parecer adequado. Além disso, não se esqueça de que, como o Lester Manning *não* recebeu uma Cinquenta-C, tem... como todos os cidadãos... direitos muito concretos e esperados de privacidade. Por outras palavras, contar-lhe-ei o que acho que é importante, mas não lhe contarei necessariamente tudo o que sei. Também quero acrescentar que a maior parte do trabalho foi feito pelo telefone. Tive de pedir algumas coisas a um amigo detetive da polícia de Charlotte e, com franqueza, não sei quanto mais poderei pedir-lhe. Ele já fez imenso e, como eu, tem casos mais prioritários. Compreende?

– Sim.

– Muito bem – disse ele. – Em primeiro lugar, vou explicar-lhe a minha abordagem e depois conto-lhe um pouco do que descobri. – Abriu a pasta e pegou nos apontamentos. – O meu primeiro passo foi conhecer todas as informações essenciais, por isso estudei os ficheiros policiais relevantes. Isso incluiu

tudo o que estava relacionado com o primeiro ataque à Cassie Manning, a prisão e condenação de Gerald Laws, documentos do tribunal e, por fim, informações referentes ao homicídio da Cassie Manning. Depois disso, li a sua primeira queixa de assédio... a que fez depois de receber os bilhetes em Charlotte... e falei com o agente encarregado desse caso. Só na quarta-feira à noite é que senti que tinha um bom conhecimento de tudo.

«Agora, em relação ao Lester Manning, vou dizer-lhe o que provavelmente descobriria sozinha com uma simples pesquisa nos registos públicos. – Olhou de novo para baixo. – Ele tem vinte e cinco anos e é solteiro. Terminou o ensino secundário. Não possui nenhum bem e não há carros registados em seu nome. O número de telefone e a morada na lista telefónica são os mesmos do pai. Dito isto, não sei muito bem quanto tempo é que ele passa lá.»

Maria preparava-se para fazer uma pergunta, mas Margolis levantou a mão para a impedir.

– Deixe-me terminar, está bem? Daqui a alguns minutos vai perceber porque é que eu disse isto. Agora, posso dar-lhe a informação seguinte porque acho que é importante para a Cinquenta-C, mas não vou entrar em grandes pormenores porque podem ou não ser relevantes para qualquer futuro caso criminal, está bem? – Não esperou por uma resposta. – Desde a morte da Cassie, o Lester tem tido alguns problemas com a lei. Foi detido quatro vezes, mas nunca por alguma coisa violenta ou perigosa. Apenas por pequenos delitos... invasão de propriedade, vandalismo, resistência à prisão. Coisas desse género. Parece que o Lester gosta de se instalar em casas vazias. Em todos os casos, as queixas acabaram por ser retiradas. Não aprofundei o assunto, mas em casos como este costuma ser porque não houve grandes estragos.

Ao seu lado, Maria viu Colin mexer-se na cadeira.

– Para além disso, não consegui saber muito, por isso telefonei para o Dr. Manning, o pai dele. Deixei mensagem e, surpreendentemente, recebi uma chamada minutos depois. Identifiquei-me e disse ao Dr. Manning que queria falar com o filho, e devo dizer que ele foi muito prestável e mais comunicativo do que eu esperava. Entre outras coisas, quase no fim da nossa segunda conversa, autorizou-me a contar-lhe tudo o que discutimos. Isso surpreende-a?

Maria abriu a boca e depois fechou-a de novo, sem saber o que dizer.

– Devo ficar surpreendida? – perguntou, por fim.

– Eu fiquei – disse Margolis –, especialmente se tivermos em conta a forma como o descreveu. Mas, seja como for, quando lhe perguntei se sabia onde poderia encontrar o Lester ele quis saber qual era o motivo e eu respondi que estava relacionado com um assunto de polícia. Ele respondeu, e passo a citar: «Isto tem alguma coisa a ver com a Maria Sanchez?»

Margolis deixou as palavras no ar antes de continuar.

– Quando lhe perguntei porque é que referiu o seu nome, ele disse que não é a primeira vez que acusa o Lester de assédio. Disse que depois de a filha ser assassinada fez a mesma acusação por causa de uns bilhetes perturbadores que lhe tinham sido enviados. Insistiu que o filho não foi responsável naquela altura e que duvidava sinceramente que fosse responsável por alguma coisa de que estivesse a acusá-lo agora. Também me pediu para lhe dizer que, apesar de achar que cometeu um erro ao optar pelo crime menor, está plenamente consciente de que o Gerald Laws foi responsável pela morte da Cassie e que nem ele nem o filho a culpam pelo que aconteceu.

– Ele está a mentir.

Margolis ignorou o comentário.

– Ele disse-me que não está a ver pacientes neste momento e explicou-me que agora trabalha para o sistema prisional do Tennessee. Disse-me que não fala com o Lester há semanas, mas que ele tem uma chave da casa e que de vez em quando fica no apartamento por cima da garagem. Disse que talvez eu

conseguisse encontrar o Lester lá. Quando lhe perguntei o que significava «de vez em quando», o Dr. Manning ficou calado durante alguns instantes e, quando falou de novo, fiquei com a impressão de que tinha tocado num ponto sensível. Ele disse-me que «o Lester é um pouco nómada» e há alturas em que não faz ideia onde ele dorme. Penso que estava a referir-se ao seu hábito de ficar em casas vazias. Quando o pressionei, ele acrescentou que nos últimos tempos ele e o filho têm estado bastante afastados e, pela primeira vez, pareceu quase... apologético. Recordou-me que o Lester é um adulto e toma as suas decisões e que, enquanto pai, há um limite para o que pode fazer. Também acrescentou que, se o Lester não estivesse no apartamento lá em casa, a minha melhor hipótese seria tentar encontrá-lo no emprego. Uma empresa chamada Ajax Cleaners. É um serviço de limpeza com muitos clientes empresariais. Ele não tinha o número, mas foi fácil encontrá-lo e o meu passo seguinte foi falar com o proprietário, um homem chamado Joe Henderson.

Margolis levantou a cabeça dos seus apontamentos.

– Está a acompanhar-me até agora?

Maria assentiu com a cabeça e ele continuou.

– Quando falei com o Sr. Henderson, ele disse-me que o Lester não era um funcionário a tempo inteiro e nem sequer a tempo parcial. Trabalhava quando era necessário... para preencher os turnos quando tinham falta de pessoal, ou por outra razão qualquer.

– Como é que conseguem contactá-lo se ele não tem telefone?

– Eu fiz a mesma pergunta. Eles postam os turnos disponíveis na zona de emprego do seu *site* na Internet... o Henderson disse que era mais fácil ter um grupo de pessoas e pedir-lhes para irem consultando do que andar sempre a telefonar para preencher os turnos. Eu fiquei com a impressão de que há algumas pessoas que veem a lista com regularidade. De qualquer maneira, por vezes o Lester trabalhava duas ou três noites por semana, mas nas duas últimas semanas não trabalhou dia nenhum. E o Sr. Henderson não sabia nada dele. Achei interessante, por isso liguei algumas vezes lá para casa e ninguém atendeu. Acabei por pedir ao meu amigo para passar por lá e ele ficou com a impressão de que ninguém estivera lá ou no apartamento pelo menos na última semana. Havia folhetos publicitários na caixa do correio, jornais no alpendre, esse género de coisas. Por isso, liguei de novo para o Dr. Manning. E é aqui que as coisas ficam mais interessantes.

– Porque não conseguiu falar com ele?

– Pelo contrário – disse Margolis. – Deixei outra mensagem e ele ligou-me passados alguns minutos. Quando eu lhe disse que o Lester não ia trabalhar e que parecia que ninguém estivera na casa ou no apartamento, a sua surpresa deu lugar a preocupação. Perguntou de novo qual era o assunto de polícia... eu ainda não lhe tinha dito o que era... e eu disse-lhe que estava a investigar um caso de pneus vandalizados. Ele insistiu que o Lester não faria uma coisa dessas. Disse que o filho não é violento; pelo contrário, tem pavor a qualquer tipo de conflito. Também admitiu que não tinha sido tão franco sobre o Lester como devia ter sido no telefonema anterior. Quando lhe perguntei o que queria dizer com aquilo, disse-me que o Lester... – Margolis procurou uma página na pasta. – Sofre de um distúrbio paranoico, mais especificamente, «*delírio persecutório de tipo não bizarro*». Embora o filho possa funcionar com normalidade durante longos períodos, há momentos em que o distúrbio entra numa fase mais aguda e por vezes essas fases duram mais de um mês. No caso do Lester, tem as suas raízes no consumo ocasional de drogas ilegais.

Margolis levantou a cabeça.

– O médico falou um pouco mais sobre os pormenores do distúrbio do Lester... na verdade, muito mais do que eu precisava de saber... mas, no fundo, pode ser resumido desta forma: quando o Lester está numa fase aguda... quando o distúrbio passa de simples paranoia para delírios concretos... ele deixa de

funcionar de uma forma normal. Nessas alturas, acredita piamente que a polícia anda atrás dele e que vão fazer tudo para o prender para o resto da vida. Está convencido de que eles o querem magoar, e de que vão virar os outros reclusos contra ele. E tem os mesmos delírios em relação a si.

– Isso é ridículo. O Lester tem andado a perseguir-me!

– Estou apenas a dizer-lhe o que o médico me disse. Ele também me disse que o Lester foi preso algumas vezes. Foi sempre durante uma fase aguda, e é por isso que resistia à detenção. Normalmente, a polícia usava *Tasers* para o controlar e o Dr. Manning acrescentou que, em duas ocasiões diferentes, o Lester foi espancado por outros presos enquanto estava numa cela. A propósito, isto explica o que eu disse antes sobre a suspeita do motivo de as queixas serem retiradas. Calculo que o Lester não era coerente e que não terá sido preciso muito tempo para todos perceberem.

Margolis suspirou.

– Mas voltemos ao Dr. Manning. Como eu lhe disse, ele pareceu preocupado e disse que se o Lester não estava em casa nem a trabalhar com regularidade devia encontrar-se numa fase aguda. O que também significava que estaria num de dois lugares: escondido numa casa vazia algures, ou em Plainview, que é um hospital psiquiátrico. O Lester esteve internado lá muitas vezes no passado, com maior frequência desde que a mãe morreu. Ela deixou-lhe um fundo fiduciário bastante grande em testamento para pagar o tratamento hospitalar. A propósito, é um hospital caro. Não consegui obter respostas pelo telefone, por isso pedi ao meu amigo para ir pessoalmente a Plainview. Ele foi lá esta manhã, cerca de uma hora antes de eu lhe telefonar. E, como seria de esperar, neste momento o Lester Manning está lá internado. Internou-se voluntariamente, mas o detetive não conseguiu dizer-me mais nada. Logo que o Lester soube que um detetive queria falar com ele sobre a Maria Sanchez... passou-se. O meu amigo ouviu-o gritar ao fundo do corredor e no momento seguinte dois enfermeiros correram naquela direção. Como eu disse, é interessante, não é?

Maria não sabia bem o que dizer. No silêncio, ouviu a voz de Colin.

– Quando é que ele foi admitido no hospital?

Maria viu os olhos de Margolis passarem para Colin.

– Não sei. O meu amigo não conseguiu descobrir. Os registos médicos são confidenciais e esse tipo de informações não pode ser dado sem autorização do paciente. E é claro que não ia acontecer. Pelo menos, não naquela altura. Mas o meu amigo sabe o que está a fazer, por isso perguntou a um dos outros pacientes e o tipo disse que achava que o Lester estava lá há uns cinco ou seis dias. Claro que, tendo em conta a fonte, teríamos de encarar essa informação com alguma desconfiança.

– Por outras palavras, é possível que o Lester tenha cortado os pneus e deixado os bilhetes.

– Ou pode ter estado no hospital. E, se estava, é óbvio que não é ele.

– Tem de ser ele – insistiu Maria. – Não sei quem mais poderia ser.

– Que tal o Mark Atkinson?

– Quem?

– O namorado da Cassie. Porque eu também o investiguei. Acontece que ele pode ou não estar desaparecido.

– O que é que isso significa?

– Ainda estou a fazer algumas investigações preliminares relativamente ao assunto, mas o que posso dizer-lhe é o seguinte. A mãe do Mark Atkinson comunicou o desaparecimento do filho à polícia há cerca de um mês. Mas depois de falar com o detetive, e antes de lhe ligar, falei com ela para obter mais informações e ainda não sei o que pensar. Ela disse-me que, em agosto, o filho lhe mandou um *e-mail* a dizer que tinha conhecido uma pessoa na Internet e que se ia despedir do emprego e viajar para Toronto, para a conhecer pessoalmente. Ela não fazia ideia do que pensar de tudo aquilo, mas no *e-mail* ele disse-

lhe para não se preocupar. Disse-lhe que tinha deixado a renda paga adiantada e que faria o pagamento das outras contas *online*. A mãe diz que recebeu algumas cartas impressas dele a dizer que andava a viajar com a mulher, uma delas enviada do Michigan e outra do Kentucky, mas, segundo ela, eram... e estou a citar... «vagas, estranhas e impessoais, e não o que o meu filho escreveria». Para além disso, não teve qualquer contacto com ele, e insiste que está desaparecido. Diz que lhe teria telefonado ou enviado uma mensagem escrita, e o facto de não ter feito essas coisas significa que lhe aconteceu alguma coisa.

A nova informação deixou a cabeça de Maria a andar à roda, e não conseguiu fazer nada a não ser permanecer ali sentada. Até Colin parecia estar sem palavras.

Margolis olhou para um e para o outro.

– Bom, é este o ponto da situação. Se quer saber qual é o meu plano daqui em diante, vou telefonar ao senhor doutor e ver se ele pode mexer-se e descobrir quando é que o Lester foi internado. Ou, melhor ainda, convencer o filho a autorizar os médicos de Plainview a dizerem-me. Dependendo do que descobrir lá, poderei ou não aprofundar a questão do Mark Atkinson. Mas, com franqueza, ainda há muito trabalho fazer e não sei quanto mais tempo poderei dedicar a isto.

– Não é o Atkinson – repetiu Maria. – É o Lester.

– Se assim for, então por enquanto não tem de se preocupar.

– Porque é que diz isso?

– Porque – disse ele simplesmente –, como acabei de lhe dizer, o Lester está no hospital.



– Não faz qualquer sentido – disse Maria a Colin. Estavam no parque de estacionamento e o sol espreitava por detrás de finas camadas de nuvens. – Eu nunca conheci o Mark Atkinson. Nunca falei com ele. Tanto quanto sei, nunca o vi. Porque é que ele andaria a perseguir-me? Ele nem sequer namorava com a Cassie quando o Laws foi preso. Só apareceu mais tarde. Não faz sentido nenhum.

– Eu sei.

– E por que raio é que o Lester pensa que eu o quero apanhar?

– É um delírio.

Ela desviou o olhar e falou mais baixo.

– Detesto isto. Quero dizer, sinto que ainda sei menos agora do que quando aqui cheguei. E não faço ideia do que devo fazer ou do que devo pensar sobre tudo isto.

– Eu também não.

Ela abanou a cabeça.

– Oh, esqueci-me de te dizer uma coisa. Tive de cancelar o jantar com a Jill e a Leslie esta noite porque é o aniversário da minha mãe. Esta noite vou estar em casa dos meus pais enquanto estás a trabalhar.

– Queres que vá lá ter depois do turno?

– Não. O jantar já terá acabado. É o meu pai que cozinha... é a única vez no ano que ele cozinha a sério... mas não é nada de especial. Vamos ser apenas os quatro.

– Vais dormir lá? Ou voltas para o teu apartamento?

– Estou a pensar ir para casa. Já deve estar na altura, não achas?

Colin ficou calado durante alguns instantes.

– E se eu me encontrar lá contigo? Fica em casa dos teus pais e eu telefono-te quando o meu turno terminar.

– Não te importas?

– Claro que não.

Ela suspirou.

– Lamento que tudo isto tenha acontecido assim que começámos a andar. Detesto que tenhas de aguentar isto.

Ele beijou-a.

– Não queria outra coisa.

CAPÍTULO 21



Colin

Quando chegou a casa, Colin tirou o computador da pasta e pousou-o em cima da mesa da cozinha. Estava tão confuso como Maria em relação à situação, e o seu instinto foi tentar descobrir o máximo possível.

O primeiro passo foi compreender a forma de pensar de Lester Manning. Ou antes, *delírios persecutórios não bizarros*. Quando Margolis abordou o assunto, quis fazer-lhe mais perguntas, mas não era ele que tinha de perguntar e Maria deixou passar. Felizmente, havia dúzias de páginas sobre o assunto na Internet, e ele passou a hora e meia seguinte a ler tudo o que encontrou.

Ficou com a impressão de que o distúrbio era semelhante à esquizofrenia, mas, apesar de certos sintomas como alucinações e delírios serem comuns aos dois tipos de pacientes, o diagnóstico de esquizofrenia ou distúrbio de delírio era diferenciado. A esquizofrenia também incluía muitas vezes um discurso desorganizado ou delírios de tipo bizarro. Bizarro significava impossível – a convicção do paciente de que podia voar, ou ler os pensamentos de outras pessoas, ou ouvir vozes que podiam controlar as suas ações. Delírios não bizarros – o tipo de que Lester sofria – eram pelo menos plausíveis, mas não verdadeiros.

No caso de Lester, partindo do princípio de que ele sofria de um distúrbio de delírio, fazia algum sentido que acreditasse que a polícia andava atrás dele. Segundo Avery Manning, a polícia dominara-o com *Tasers* e prendera-o; enquanto estava na cadeia, fora espancado por outros detidos. E as queixas acabaram por ser retiradas, o que poderia reforçar a convicção de Lester de que nunca devia ter sido preso.

Colin admitiu que, se a plausibilidade fosse o único critério, a sua paranoia em relação a Maria também fazia sentido. Maria não só não conseguira proteger Cassie, como, se de facto não tinha sido ele a escrever os bilhetes – como o Dr. Manning defendia –, mandara a polícia atrás dele sem motivo. Não apenas uma vez, mas agora duas...

Margolis também tinha razão quando dissera que uma pessoa com aquele tipo de distúrbio podia, regra geral, funcionar normalmente, dependendo da gravidade do problema. O espectro dos delírios podia ir de uma coisa tão simples como ideias supervalorizadas até raiar quase a psicose; mais alguns artigos demonstravam – como Avery Manning dissera a Margolis – que os delírios não eram rígidos. A sua intensidade podia variar e podiam agravar-se com o consumo de certas drogas.

No entanto, apesar tudo o que estava a ler fazer sentido, e apesar de perceber que Lester acreditava verdadeiramente nos seus delírios... havia aspetos do distúrbio que não faziam sentido para ele. Se Lester tinha pavor de Maria, porque é que lhe teria entregado as rosas? Ter-lhe-ia oferecido uma bebida? E se

fossem uma espécie de ofertas de paz, porque é que teria incluído aquelas mensagens? Porquê atormentar, se o que queria era ser deixado em paz? E porquê vir a Wilmington para o fazer? Não queria manter o máximo de distância possível dela?

Inicialmente, Colin não percebera porque é que Margolis se dera ao trabalho de investigar Mark Atkinson, mas ele era inteligente o bastante para reconhecer as mesmas inconsistências e para tentar percebê-las. Daí ter telefonado para a mãe de Atkinson, e a partir desse momento a história tornara-se ainda mais confusa.

Ele pode ou não estar desaparecido?

Por muito vaga que fosse, a descrição de Margolis fora correta. Uma pesquisa rápida resultou numa fotografia de um cartaz de uma pessoa desaparecida no Pinterest, sem dúvida criada pela mãe de Atkinson. Para além disso, não havia mais nada. Supôs que podia fazer o mesmo género de pesquisa que fizera para Lester Manning, mas para quê? Segundo Margolis, qualquer informação que pudesse ser útil era pouco fiável porque não se sabia a data da partida de Mark Atkinson para Toronto. Ou quando tinha desaparecido.

Ou, se não estava desaparecido, estaria escondido?

Colin teve a impressão de que Margolis considerava que era uma possibilidade. O sentido de oportunidade era demasiado coincidente para *não* ser uma possibilidade. Porém, a dúvida de Maria também era pertinente. Porque é que ele a visaria? Segundo ela, nem sequer conhecia o homem.

Colin fechou o computador e continuou a pensar nas perguntas antes de chegar à conclusão de que precisava de desanuviar a mente, e conhecia apenas uma maneira de fazer isso.

Correu os dez quilómetros até ao ginásio e passou uma hora a levantar pesos, terminando com meia hora a bater no saco pesado. Sem aulas a decorrer, o ginásio estava bastante tranquilo. Daly ajudou quando era preciso e segurou o saco durante alguns minutos, mas tirando isso passou a maior parte do tempo no escritório.

Correu para casa, tomou duche, vestiu a roupa de trabalho e foi para o bar. Atrás do volante, voltou a refletir sobre as mesmas perguntas. Talvez os seus instintos defensivos estivessem em alerta máximo, mas por algum motivo não conseguia afastar a sensação de que estava prestes a acontecer algo de mau.

CAPÍTULO 22



Maria

Após a conversa com Margolis, Maria voltou para o escritório muito confusa com o que acabara de descobrir. Parou para fazer uma visita a Jill e contar-lhe os desenvolvimentos mais recentes, mas ela ainda não regressara do almoço. Maria lembrou-se de que não tinha almoçado, mas nem sequer conseguia pensar em comida.

Stress. Se continuasse, seria obrigada a comprar roupa de um tamanho mais pequeno ou teria de mandar apertar tudo; as suas roupas já começavam a ficar largas.

Barney estava finalmente de volta ao escritório, mas passou as três horas seguintes a falar com auxiliares jurídicas. Maria presumiu que estivesse a fazer entrevistas para substituir Lynn – uma substituição que, na sua opinião, era mais do que necessária – e, embora tivesse algumas perguntas para lhe fazer sobre o caso do hospital, sabia que não devia interrompê-lo. Em vez disso, começou a organizar as perguntas, tomando notas na margem da queixa, até que ouviu bater à sua porta. Olhou para cima e viu Barney parado à entrada.

– Olá, Maria. Não te importas de vir ao meu escritório? – perguntou ele.

– Oh, olá, Barney – disse ela. Pegou nas folhas, colocou-as na pasta e sentiu uma onda de alívio. – Que bom. Queria falar consigo sobre a queixa. Estou a pensar que podemos optar por alguns ângulos diferentes e queria ter a certeza de que percebi o que quer fazer antes de me atirar ao trabalho.

– Por enquanto, podes deixar isso – disse ele. – Falaremos sobre o caso mais tarde. Queres vir comigo? Temos um assunto para tratar no meu gabinete.

Apesar do comportamento aparentemente agradável, alguma coisa no seu tom a deixou apreensiva quando se levantou. De repente, pensou que o que ele tinha para lhe dizer não ia ser bom.

Barney seguiu atrás dela, evitando até conversa de circunstância, e só quando chegaram à porta é que se pôs a seu lado. Sempre cavalheiro – mesmo quando se preparava, sem dúvida, para lançar uma bomba –, abriu a porta e indicou-lhe a cadeira de costas altas mais afastada da janela e voltada para a sua secretária. Só quando se aproximou das cadeiras é que viu quem já estava sentado numa delas e parou abruptamente.

Ken.

Nessa altura, Barney já dava a volta à sua secretária. Ela continuou de pé no mesmo lugar quando ele começou a encher três copos de água de um jarro que estava em cima da secretária.

– Por favor – disse ele, insistindo para que ela se sentasse. – Não tens de te preocupar com nada. Estamos aqui apenas para uma conversa amigável.

Eu devia dizer-lhe simplesmente, não, obrigada, e sair, pensou ela de repente. O que é que eles iam

fazer? Despedi-la? No entanto, os velhos hábitos vieram ao de cima – os hábitos de respeitar os mais velhos e obedecer ao patrão – e deu por si em piloto automático quando se sentou.

– Queres um copo? – perguntou Barney. Pelo canto do olho, viu-o a observá-la.

– Não, obrigada – disse ela. Pensou que ainda podia sair, mas...

– Obrigado por estares aqui, Maria – disse Barney, com a voz um pouco mais arrastada do que era costume e a cadência um pouco mais lenta. Era o mesmo tom que usava no tribunal. – E tenho a certeza de que estás curiosa para saber porque é que te pedi para te juntares a nós. Ora...

– Disse que *nós* tínhamos um assunto para tratar – interrompeu ela. – Nós os dois.

Barney estremeceu quase impercetivelmente, sem dúvida surpreendido pela interrupção, mas apenas por um instante. Sorriu.

– Como?

– Disse «nós», como se estivesse a referir-se a si e a mim. Não disse que estaria outra pessoa.

– Claro – disse ele, voltando ao tom suave. – Tens razão. Comecei por te pedir para vires *comigo*. As minhas desculpas por não me ter expressado bem.

Ofereceu-lhe uma oportunidade para responder – sem dúvida à espera de que ela desvalorizasse o erro –, mas era muito provável que Colin não tivesse dito nada, por isso ela também não disse. *Estou a aprender*, pensou.

Barney abriu as mãos.

– Então, suponho que devíamos ir diretos ao assunto, para não te fazer perder tempo com preliminares. A última coisa que quero é que esta reunião prolongue o teu dia de trabalho.

– OK. – No seu íntimo, sorriu para si mesma.

Uma vez mais, não foi a resposta que Barney esperava, mas ele era um mestre em recuperação. Pigarreou.

– Tenho a certeza de que ouviste os boatos no escritório sobre potenciais alegações de várias funcionárias contra o Ken Martenson. Alegações que, a propósito, não têm uma base factual.

Esperou, mas desta vez ela não disse nada.

– Estou certo? – perguntou ele por fim.

Maria olhou para Ken e depois para Barney.

– Não tenho a certeza.

– Não tens a certeza se ouviste os rumores?

– Oh, eu ouvi os rumores – respondeu ela.

– Então, de que é que não tens a certeza?

– Não tenho a certeza se as alegações têm ou não uma base factual.

– Posso garantir-te que não têm, Maria.

Ela esperou um pouco.

– OK. – Pensou que Colin estaria orgulhoso dela nesse momento. Mais do que isso, começou a perceber como a utilização da expressão OK alterava a dinâmica de poder na sala. Ou, no mínimo, estabelecia o tom que ela queria, mesmo que Barney não gostasse. E ele não estava a gostar, mas era profissional o suficiente para disfarçar, e a voz arrastada, com uma cadência mais lenta, continuou no seu ritmo de tribunal.

– Como o Dr. Martenson é o nosso sócio-gerente, a firma pretende contestar as alegações de todas as formas que considerar mais adequadas. Isso inclui litígio. É claro que todos sabemos bem que, quando estão em causa reputações, casos como este costumam ser resolvidos com um acordo extrajudicial para evitar julgamentos demorados, dispendiosos e incómodos. Neste caso específico, qualquer potencial acordo não refletiria a veracidade das queixas, mas antes o tempo, dinheiro e inconveniência resultantes

da contestação das acusações. Obviamente, qualquer acordo... se houver acordo... seria secreto e confidencial.

Maria acenou com a cabeça, a pensar: *Vai direto ao assunto. Porque é que me pediste para vir aqui?*

– Tenho a certeza de que não preciso de te recordar a fabulosa reputação do Dr. Martenson. As pessoas que o conhecem melhor... pessoas como tu e eu... sabem que todos os seus pensamentos e atos são sempre com os melhores interesses da firma em mente. Ele fez enormes sacrifícios e não é possível que tivesse feito alguma coisa para colocar a firma ou a sua reputação pessoal em risco. Devo acrescentar que as alegações são absurdas. Na sua carreira de quase trinta anos como advogado na nossa comunidade, não houve uma queixa por assédio sexual que tivesse chegado a um tribunal. Três décadas de trabalho árduo estão agora em risco porque há pessoas no mundo que são demasiado gananciosas.

Alegações que nunca chegaram a um tribunal porque houve um acordo extrajudicial, pensou Maria.

– Infelizmente, sempre que há muito dinheiro envolvido, há pessoas que acreditam ter direito a ele. Em alguns casos, essas pessoas são capazes de mentir descaradamente; noutros casos, distorcem a verdade com uma história que se adeque aos seus objetivos. Outras vezes, as pessoas interpretam mal um comportamento que quase toda a gente consideraria inofensivo. Eu acredito que o que está a acontecer aqui é um pouco dos três casos, e que isso terá levado... em termos coloquiais... a uma loucura generalizada. Agora, algumas pessoas... esses tubarões gananciosos... sentem sangue na água e querem garantir o seu *quinhão* porque acreditam que têm direito a ele. Mas a nossa justa Constituição não diz que podemos ficar com a propriedade de outra pessoa porque acreditamos que *ela devia pertencer-nos por direito*. Ganância. É uma coisa terrível, e já vi muitas vezes pessoas boas serem prejudicadas por ela, até pessoas que me são próximas. Os meus vizinhos... pessoas boas e tementes a Deus... foram arruinados por pessoas gananciosas. Mas, nestes anos de penumbra, normalmente sinto mais pena do que raiva dessas pessoas. As suas vidas são vazias e acreditam que podem preencher esse vazio com as moedas dos bolsos dos outros. No entanto, a reputação do Dr. Martenson está em jogo, e o bom nome da nossa firma também, e eu sinto a responsabilidade... até o *dever*... de garantir que o Dr. Martenson e a firma recebem a melhor defesa possível.

Maria pensou que ele era bom, mesmo quando estava a distorcer a verdade. Percebia porque é que os jurados gostavam dele.

– É claro que tenho a certeza de que sentes o mesmo em relação à integridade e à necessidade a manter a elevada reputação da nossa firma. Mas tenho de te dizer que estou assustado, Maria. Estou assustado pelas outras pessoas que trabalham aqui. Pelos teus colegas. Pelos teus amigos. Pelas jovens famílias com hipotecas e contas de aquecimento para pagar. Pelos seus bebés e pelos seus filhos. Sinto uma obrigação para com eles de usar todas as capacidades que o bom Deus me concedeu para fazer prevalecer o que é certo e justo sobre o que é errado e ganancioso. Mas eu sou um homem velho e já não estou a par das coisas modernas, por isso o que é que sei?

Quando Barney se calou depois de lançar a carta do «profundamente perturbado», Maria quase sentiu vontade de aplaudir. Em vez disso, manteve uma expressão impassível. Passado algum tempo, Barney suspirou e continuou.

– Eu conheço-te, Maria. E sei que partilhas as minhas preocupações. És uma pessoa boa de mais para não receares por todos os teus amigos e colegas de trabalho. E sei que vais querer ajudá-los porque, como eu, não queres uma perversão da justiça. A nossa firma... todos nós... temos de nos manter unidos contra essas... essas *gananciosas* que se iludiram ao ponto de acreditar que têm direito ao *teu* dinheiro, que tanto te custou a ganhar, embora elas próprias não tenham feito nada para o merecer.

Abanou a cabeça.

– Só queremos que a verdade seja conhecida, Maria. Apenas a mais simples das verdades. E é por isso

que estás aqui. Porque preciso da tua ajuda.

Cá vem, pensou Maria.

– A única coisa que te pedimos é o mesmo que estamos a pedir a todos os nossos funcionários. Queremos que assines uma declaração escrita onde dizes a verdade: que tens o maior respeito pelo carácter do Dr. Martenson e que, desde que trabalhas na firma, nunca viste nem ouviste nada que sugerisse que o Dr. Martenson estava envolvido em alguma coisa que pudesse ser considerada de alguma forma sexualmente ofensiva para *qualquer* funcionário. No teu caso, e a todas as mulheres, também estamos a pedir-lhes que confirmem que nunca se sentiram sexualmente assediadas, fosse de que forma fosse, em momento algum.

Por instantes, Maria limitou-se a olhar para ele. Reparou que Ken se tinha afundado mais na cadeira e, antes de poder responder, Barney continuou.

– É evidente que não tens de o fazer. No final, tu é que decides o que queres fazer. Não há qualquer motivo para ter em conta os meios de subsistência de outras pessoas nesta firma. A única coisa que eu quero verdadeiramente é que faças a coisa *certa*.

Barney terminou; nesse momento, baixou os olhos e posicionou o corpo numa postura de humildade. Barney: um homem com espírito de justiça num mundo que já não compreendia, a suportar um fardo que tinha de ser carregado por alguém. Não admirava que tivesse tanto sucesso.

Mas não lhe ocorria nada para dizer. Por muito persuasivo que fosse... Barney estava a *mentir* e tinha plena consciência disso. Maria também sabia que Barney sabia que ela sabia que ele estava a mentir, o que significava que tudo isto não passava de um jogo. Sem dúvida, queria Ken na sala para castigá-lo: *Compreendes o nível a que tive de descer para te defender?* Ken não balbuciara uma única palavra.

E no entanto...

Seria justo que o resto dos empregados – todos pessoas inocentes – fossem penalizados? Por causa de um único idiota? E quanto dinheiro é que as mulheres queriam? Ken assediara-a e ela sobrevivera. Dali a duas semanas, teria o maior prazer em deixar tudo para trás. Com o tempo, aquela história talvez até passasse a ser tema de piadas. Ken era um imbecil, mas não tentara exhibir-se nem tentara apalpá-la no corredor, quando estavam na conferência. Era demasiado inseguro – demasiado patético – para ir tão longe. Pelo menos, com ela. E as outras que assediara?

Não sabia o que fazer e, sentindo necessidade de adiar o assunto, respirou fundo.

– Deixe-me pensar no assunto.

– Claro – disse Barney. – Agradeço a tua consideração. E lembra-te que todos na firma, os teus colegas de trabalho e amigos, só querem que faças a coisa *certa*.



À sua secretária, Maria obrigou-se a olhar para a queixa que tinha sido apresentada contra o hospital, mas estava constantemente a relembrar a conversa e a pensar nas reações que poderia ter tido. Deu por si a pensar no que Colin teria feito...

– Aí estás tu.

Perdida nos seus pensamentos, Maria olhou para cima e viu Jill à porta.

– Oh, olá...

– Onde é que estiveste? – perguntou Jill. – Passei por aqui há pouco, mas não estavas no teu gabinete.

– O Barney quis falar comigo – respondeu ela.

– Calculei – disse Jill, entrando e fechando a porta atrás de si. – Como correu o encontro com o

detetive?

Maria contou a Jill o que Margolis lhe dissera. Como Maria, a amiga não sabia muito bem o que pensar. Fez as mesmas perguntas que Maria fizera e ficou com a mesma sensação de confusão.

– Não sei se são boas ou más notícias – disse Jill por fim. – A situação está mais confusa agora do que esta manhã.

Esse não é o meu único problema, pensou Maria.

– Em que é que estás a pensar agora?

– Como assim?

– A tua expressão acabou de mudar.

– Ah... só estava a lembrar a minha reunião com o Barney.

– E?

– Estava lá o Ken.

Jill acenou com a cabeça.

– Por causa do processo judicial?

– Claro.

– E deixa-me adivinhar. O Barney encarregou-se de toda a conversa... e usou todo o seu encanto sulista e começou a falar em «fazer a coisa certa»?

– Conhece-lo bem.

– Infelizmente, conheço. Então... soubeste alguma coisa?

– Eles querem apresentar «uma frente unida».

– Pois... mas o que é que isso significa ao certo?

– Querem que eu assine uma declaração onde diria, essencialmente, que nunca vi o Ken fazer alguma coisa errada, que ele é sempre profissional e que nunca me assediou sexualmente.

– O Barney pediu-te para assinar? Insistiu para que o fizesses?

– Pediu. Na verdade, deixou bastante claro que queria que a decisão fosse minha.

– Isso é bom.

– Acho que sim.

– Achas que sim?

Quando Maria não respondeu, Jill olhou para ela.

– Não me digas que ainda há *mais* – incitou ela. – Alguma coisa que não me disseste esta manhã?

– Bem...

– Deixa-me adivinhar. O Ken anda a assediar-te sexualmente há já algum tempo?

Maria levantou a cabeça.

– Como é que soubeste?

– Não te lembras do nosso almoço? Depois de teres ido fazer *paddleboard* com o Colin, quando te perguntei várias vezes se estava tudo bem no emprego? Eu sabia que tinhas ido à conferência com o Ken e estou aqui há tempo suficiente para saber exatamente o que ele poderia ter tentado fazer. Mesmo quando juraste que estava tudo bem, eu tive as minhas desconfianças.

– Porque é que não disseste nada?

Jill encolheu os ombros, como que a perguntar-lhe: *Precisas mesmo que responda a isso?*

– A política de escritório é uma seca. É por isso que a Leslie e eu já a banimos. Naquela altura, não quis pôr-te a ideia na cabeça se não tivesse acontecido, mas lembro-me de pensar que estava certa nas minhas desconfianças. O que é terrível, é claro. Mas também fiquei mais ou menos contente, e sei como é horrível uma amiga dizer isto.

– Porque é que ficaste mais ou menos contente?

– Se adorasses estar aqui, talvez não tivesses tanta vontade de ir trabalhar connosco. Claro que, na altura, não sabia nada acerca dos potenciais processos judiciais.

– Ainda bem que estás tão preocupada com o meu bem-estar.

– Tu és uma mulher forte, Maria. E, com franqueza, acho que és mais inteligente do que o Ken. Sabia que encontrarias uma maneira de o manter à distância.

– Eu disse-lhe que o meu namorado, o lutador de AMM, era ciumento.

Jill riu-se.

– Como eu disse. Muito mais inteligente do que o Ken. Bom, mas voltando à reunião com o Barney e o Ken, o nosso ilustre líder. Então, o Barney pediu-te para assinar e, basicamente, disseste-lhe que ias pensar no assunto.

O queixo de Maria caiu.

– Como é que podes saber o que eu disse?

– Porque conheço o Barney. Ele é um verdadeiro mestre a esconder o óbvio, mostrando como o seu lado é o lado justo e depois incluindo um pouco de culpa, para o caso de continuares hesitante. É importante pões tudo isso de lado e pensares no que aconteceu na realidade. E, a propósito, o que é que aconteceu?

Maria contou-lhe o que acontecera na conferência – e Jill não ergueu sequer uma sobrancelha ao ouvir o relato –, mas, quando lhe falou sobre os encontros seguintes, a amiga ficou tensa.

– Espera aí – disse ela. – Uma coisa é vir com a conversa de «a minha mulher não me compreende», mas estás a dizer-me que ele te tocou no peito?

– Bem, na clavícula... ou talvez um pouco abaixo. Ele não...

– Mas a sua intenção foi óbvia para ti? E ele queria almoçar e discutir o assunto de «trabalhares em equipa»?

– Sim. Mas eu impedi que a coisa fosse mais longe... ele não...

– Vem comigo – disse Jill, pegando no puxador da porta.

– Onde é que vamos?

– Falar com o Barney e com o Ken.

– Vamos esquecer isto... de qualquer maneira, eu vou-me embora. E ele não me tocou no peito nem nada...

– Bem, o Barney não conhece os pormenores. E tenho a certeza de que a reunião não foi apenas para tentar proteger a firma; também se destinou a impedir que te juntasses às outras mulheres e apresentasses queixa por assédio sexual.

Maria abanou a cabeça.

– Eu não vou apresentar queixa.

– Tens a certeza de que não queres?

Maria pensou em Barney e nos outros sócios da firma. As atenções de Ken tinham sido horríveis e tinham-lhe provocado *stress*, mas parecia-lhe uma solução muito mais interessante pôr tudo atrás das costas e ir-se embora do que estar a aprofundar mais o assunto.

– Sim, tenho a certeza. De qualquer maneira, vou-me embora.

– Mas não achas que o Ken devia ser responsabilizado? Pelo menos um pouco? Por todo o transtorno que te causou?

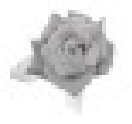
– Talvez. Mas, como te disse, não quero apresentar queixa por assédio sexual.

Jill sorriu.

– Eles não sabem isso.

– O que é que vais dizer?

– Exatamente aquilo que tem de ser dito. E, faça o que fizeres, deixa que seja eu a falar. Não digas uma única palavra.



Antes que Maria tivesse tempo de perceber o que estava a acontecer, Jill já se dirigia para o gabinete de Barney e ela teve de se apressar para a acompanhar. A porta de Barney estava fechada, mas isso não foi o suficiente para deter a amiga.

Barney e Ken ocupavam os mesmos lugares onde estavam sentados apenas alguns minutos antes e ficaram sobressaltados com o aparecimento inesperado de Jill.

– O que é que se passa? Estamos numa reunião... – começou Barney, mas Jill entrou no gabinete, com Maria logo atrás.

– Não te importas de fechar a porta, Maria? – A voz de Jill foi firme e profissional, mas determinada. Maria percebeu que nunca a ouvira assim.

– Ouviste-me, Jill? – perguntou Barney.

– Acho que tens de me ouvir a *mim*.

– Daqui a cinco minutos, vamos falar com outra auxiliar jurídica.

– Diz-lhe para esperar. Vais querer ouvir o que tenho para te dizer. É sobre o processo judicial e está relacionado convosco.

Ken manteve-se em silêncio e Maria observou-o enquanto ele empalidecia. Barney olhou-a antes de pegar no telefone; Maria ouviu-o fazer o que Jill lhe dissera. Depois de desligar, levantou-se.

– Deixa-me trazer a cadeira da janela... – começou ele, mas Jill abanou a cabeça com brusquidão.

– Nós ficamos de pé – disse.

Se Ken não percebeu o que aquilo significava, Maria estava certa de que Barney não teve qualquer dúvida. Viu as suas sobrancelhas erguerem-se quase impercetivelmente e presumiu que ele estivesse a fazer alguns cálculos mentais rápidos. A maioria das pessoas talvez se tivesse sentado outra vez, mas, ao contrário de Ken, Barney compreendia o valor de manter o contacto visual ao mesmo nível. Endireitou-se mais.

– Disseste que é um assunto relacionado com a firma?

– Na verdade, disse que está relacionado convosco. Mas sim, no fundo também está relacionado com a firma.

– Nesse caso, ainda bem que vieste – disse ele, voltando ao tom arrastado e à cadência lenta. – Acabámos de falar com a Maria acerca das falsas alegações, como já deves saber, e acredito que ela vai fazer a coisa certa para todos os envolvidos.

– Não devias estar tão confiante – contrapôs Jill. – Eu queria que vocês fossem os primeiros a saber que a Maria acabou de me informar que o Ken Martenson tem tido uma conduta que qualquer jurado consideraria assédio sexual e que está a pensar apresentar uma queixa antes de intentar o seu próprio processo judicial.

– Isso não é verdade! – exclamou Ken, as primeiras palavras que Maria o ouvira dizer o dia inteiro.

Jill voltou-se para ele, num tom tão calmo como antes.

– Disseste-lhe que ela devia esforçar-se mais para trabalhar em equipa. Que ter-te do seu lado poderia ser útil quando o seu nome fosse sugerido para sócia da firma. E depois apalpaste-a.

– Não fiz nada disso!

– Tocaste-lhe de uma forma inadequada no pescoço e no peito.

– Eu... eu só lhe toquei no ombro.

– Então, admites que lhe tocaste? E que mantiveste as mãos em cima dela, embora ela achasse uma atitude claramente ofensiva?

Ao ouvir aquelas palavras, Ken percebeu que talvez fosse melhor fechar a boca e virou-se para Barney. Se Barney estava zangado com o que Jill dissera, não o demonstrou.

– A Maria não fez qualquer queixa de assédio sexual na nossa reunião de hoje, e também nunca me disse nada ao longo de todos os meses que aqui trabalha.

– Porque é que diria? Sabia que tu o defenderias. Exatamente como antes, quando os outros casos de assédio sexual foram abafados com um acordo extrajudicial.

Barney respirou fundo.

– Tenho a certeza de que houve algum mal-entendido e que poderemos resolver isto de uma forma amigável. Não há qualquer motivo para recorrer a ameaças.

– Eu não recorri a ameaças. Na verdade, até devias ficar agradecido por estarmos aqui e não seres surpreendido mais tarde.

– E estou – concordou ele. – Acho que poderíamos falar de forma mais civilizada sobre o assunto se nos sentássemos. Eu gostaria de ouvir o que a Maria tem para dizer.

– Tenho a certeza de que gostarias. Logo que ela apresente queixa, vamos deixar que a leias. Por enquanto, falarei por ela.

Ken arregalou muito os olhos, mas Barney limitou-se a olhar para Jill.

– Sabes que não podes representar a Maria, por razões óbvias de conflito de interesses?

– Estou aqui como amiga dela.

– Não sei bem se isso faz alguma diferença.

– Então, vamos começar por isto: a Maria e eu vamos deixar a firma. Não pretendíamos informar-vos hoje, mas, tendo em conta que ela também vos pode processar por represália, pensei que seria melhor despachar isto agora.

Pela primeira vez, nem sequer Barney soube o que dizer. Olhou de Jill para Maria e de novo para Jill.

– Disseste que as duas vão sair da firma?

– Sim.

– Onde é que vão trabalhar?

– Não é isso que estamos a discutir. Neste momento, estamos a falar sobre o processo judicial a que a Maria pretende dar entrada. Todos sabemos que as alegações feitas pela Lynn e pelas outras são sérias, e podes imaginar quanto mais peso terão os seus casos quando a Maria também apresentar queixa?

– Mas eu não fiz nada – murmurou Ken. Barney limitou-se a olhá-lo furiosamente.

– Achas que alguém vai acreditar nisso? Depois de tudo o que as outras disserem no tribunal? Mas é claro que não vai chegar tão longe. Todos os presentes nesta sala sabem que vais fazer um acordo extrajudicial. Estes casos são quase sempre resolvidos fora do tribunal. Não sei se posso dizer o mesmo em relação à Maria. Ela estava muito perturbada quando falou comigo. Embora eu não seja a advogada dela neste caso, desconfio que poderá decidir levar isto até às últimas instâncias.

Barney alisou o casaco.

– Presumo que não vieram aqui apenas para nos avisar que a Maria vai processar-nos ou que se vão embora. Presumo que estão aqui porque gostariam de resolver esta questão.

– Porque é que pensas isso?

– Não têm nada a ganhar ao contar-nos que pretendem apresentar queixa por assédio sexual.

– Talvez eu ainda sinta alguma lealdade para com a firma.

– Talvez.

– Ou talvez queira apenas que o Ken saiba que, para além de arruinar a firma e ficar sem as suas poupanças, é possível que tenha de vender aquele carro ridículo quando a Maria acabar com ele.

Ken gemeu levemente. Barney ignorou-o.

– Como é que podemos resolver isto?

– Para começar, a Maria quer seis semanas de férias este ano.

– Porque é que quereria seis semanas de férias quando está a pensar sair da firma?

– Porque está na sua lista de coisas a fazer antes de morrer. Porque o Ken é um imbecil. Porque ontem viu um arco-íris quando estava a passar por um jardim com os aspersores ligados. Porque teve de trabalhar à noite e aos fins de semana por tua causa e nunca teve um dia de folga desde que veio trabalhar para cá. E não importa porque é que quer. Quer, e pronto.

– No primeiro ano, os funcionários só têm direito a uma semana.

– Então, abre uma exceção. Férias pagas, evidentemente, que serão acrescentadas ao seu último salário.

Ken preparava-se para dizer alguma coisa, mas Barney levantou a mão para o deter.

– Mais alguma coisa?

– Sim. Quanto ao pré-aviso de duas semanas? Acabou. Hoje é o último dia da Maria e ela não vai voltar. E também recebe essas duas semanas.

Barney parecia ter comido alguma coisa desagradável.

– É tudo? Dois meses de ordenado?

– Não propriamente. Ela precisa de um bónus pelo transtorno emocional. Vamos dar-lhe... mais três meses de ordenado para além daqueles dois meses.

Barney ficou calado.

– E em troca de quê?

– Terei de falar com ela, mas tenho quase a certeza de que da sua boca nunca ouvirão nada sobre o comportamento pervertido do Ken. Nenhuma queixa, nenhum processo judicial. Acaba-se tudo e cada um segue o seu caminho.

Barney não disse nada, talvez a tentar perceber até que ponto Maria estaria disposta a fazer tudo aquilo. No entanto, Jill sabia exatamente em que é que ele estava a pensar.

– Ela não está a fazer *bluff*, Barney. Tu conheces o Ken. Sabes o que ele fez a outras e também sabes que assediou sexualmente a Maria. Mais do que isso, ela está a oferecer-te um presente, porque, embora despreze o Ken, tem um grande respeito por ti.

– E a declaração escrita?

– Nem vás por aí – avisou Jill. – A Maria não vai mentir. No entanto, não assinará uma declaração com o que aconteceu na realidade. O assunto será apenas esquecido.

– E se for chamada a testemunhar pelas outras litigantes?

– Nessa altura, estará no planeta Júpiter, por isso não há motivo para preocupações.

– Como?

– Oh. – Ela sorriu. – Desculpa. Pensei que tínhamos passado para a terra da fantasia.

– Fantasia?

– Tu e eu sabemos que ela não vai ser intimada para testemunhar porque vocês não vão deixar o caso ir tão longe. Vão acabar por fazer um acordo extrajudicial. Tem de ser, ou vai custar-vos uma fortuna, mesmo que ganhem.

Barney olhou para Ken e depois voltou-se de novo para Jill.

– Posso perguntar quais são as tuas exigências? Uma vez que também vais sair da firma?

– Apenas uma, e não tem a ver com dinheiro – respondeu Jill. – Em troca, continuo a trabalhar aqui nas

próximas duas semanas como tencionava fazer, a trabalhar com os sócios para garantir que os meus clientes quase não notam a transição, e depois disso vou-me embora.

– Qual é a única exigência?

– Gostava que me fizessem uma pequena festa de despedida aqui no escritório. Nada muito complicado... apenas um bolo ao almoço, ou uma coisa desse género... mas gostaria de poder despedir-me de todos ao mesmo tempo. É óbvio que, até essa altura, todos sabemos que seria melhor manter a nossa saída no maior sigilo possível. Os outros sócios têm de saber, mas não quero dar início a uma debandada de empregados. Acredites ou não, espero que consigam resolver este problema da forma mais rápida e discreta possível. Há muitas pessoas boas aqui.

Embora fosse muito possível que Barney apreciasse a atitude de Jill, Maria viu-o crispar-se enquanto levava uma mão ao queixo.

– Cinco meses de ordenado para a Maria é um pouco de mais. Tenho a certeza de que os sócios se vão opor a isso. Se fossem três meses, talvez pudesse fazê-los mudar de opinião...

– Não interpretes a minha boa vontade para com os outros empregados como uma oportunidade para negociar, porque não estamos a negociar. É uma oferta única e é pegar ou largar. E a oferta termina no momento em que a Maria e eu sairmos por aquela porta e ela começar a preencher a documentação para a queixa formal de assédio sexual. Com franqueza, ela pede muito menos do que vão ter de pagar às outras. Por isso, neste momento deviam estar a agradecer-lhe, não a tentar regatear.

Barney demorou algum tempo antes de responder.

– Ainda teria de falar com os outros sócios – disse ele por fim. – Não posso tomar este tipo de decisão sozinho.

– É claro que podes. Ambos sabemos que os sócios vão fazer o que tu quiseses, por isso deixemo-nos de joguinhos, está bem? Aceitas ou não?



– Cinco meses de ordenado? – exclamou Maria. Estavam paradas no parque de estacionamento, perto do seu carro. Alguns minutos antes, arrumara os poucos objetos pessoais que tinha no gabinete – sobretudo fotografias da família e algumas que tirara enquanto fazia *paddleboard* – numa pequena caixa e levava-a para o exterior, guardando-a no porta-bagagens. Barney pedira-lhe para não se despedir de ninguém, e ninguém parecera estranhar a sua partida. Jill estava à sua espera e sorriu.

– Bastante bom, não achaste?

Na verdade, Maria estava tonta. Não teria de voltar a ver Ken; tinham-se acabado os fins de semana a tentar cumprir as exigências de Barney e *cinco* meses de ordenado iriam diretamente para a sua conta-poupança. Nunca, jamais, imaginara alguma coisa parecida com aquilo; o que acontecera era semelhante a comprar uma raspadinha premiada.

– Ainda estou em choque.

– Talvez tivesse conseguido mais.

– É mais do que suficiente. Sinto-me culpada por receber tanto.

– Não te sintas mal. Porque, quer acredites quer não, foste vítima de assédio sexual. Pode não ter sido tão óbvio para ti como foi para outras, mas foste. Mereces isto. E acredita quando te digo que neste momento o Barney deve estar a soltar um enorme suspiro de alívio, caso contrário não estaríamos aqui a fazer esta minicelebração.

– Muito obrigada.

– Não tens de me agradecer. Se as nossas posições fossem inversas, terias feito o mesmo por mim.

– Eu não sou nem por sombras tão boa como tu. Tu enfrentaste o Barney. E venceste.

Jill esboçou um sorriso tímido.

– E queres saber uma coisa incrível?

– O que é?

– A Leslie é muito, muito melhor do que eu.

O pensamento pôs a cabeça de Maria a andar à roda.

– Obrigada uma vez mais por apostares em mim.

– Não tens que agradecer. Eu sei exatamente o que estou a fazer.

Maria apontou para o edifício.

– É estranho pensar que não vou trabalhar amanhã. E, muito provavelmente, nunca mais voltarei a entrar ali. Aconteceu tão... depressa.

– Como o que se costuma dizer sobre a falência? Aconteceu devagar no começo e depois foi tudo ao mesmo tempo?

Maria assentiu com a cabeça.

– É isso. Por muito que não goste do que o Barney estava a tentar fazer agora, espero que fique bem.

– O Barney é um advogado com quem nunca terás de te preocupar. Ele vai ficar bem, aconteça o que acontecer. E aqui entre nós? Não ficaria surpreendida se também ele saísse da firma.

– Porque é que o faria?

– Porque pode. E quererias continuar a trabalhar com o Ken?

Maria não respondeu, mas não precisava de o fazer. Jill estava certa e, embora ela ainda estivesse a tentar processar o seu dia, de repente começou a pensar em Lester Manning e nas coisas que Margolis lhe dissera. Cruzou os braços.

– O que é que farias se estivesses no meu lugar? Em relação ao Lester? – perguntou Maria.

– Acho que ainda não sabes o suficiente para tirar conclusões. Eu sei que provavelmente não te ajuda, mas...

Calou-se e Maria não podia censurá-la, porque nem sequer ela conseguia encaixar as peças daquele quebra-cabeças.

Maria seguiu pelas ruas movimentadas para o Mayfaire, um centro comercial de luxo. Enquanto conduzia, tentou assimilar o facto de que no dia seguinte não iria trabalhar, nem sequer na segunda-feira. A última vez que isso acontecera fora quando se despedira do seu emprego em Charlotte...

Abanou a cabeça, obrigando o pensamento a desaparecer. Sabia exatamente onde é que a levaria e a última coisa que queria era pensar em Lester, ou no namorado de Cassie, ou em alguma coisa que Margolis lhe dissera, pois não levaria a lado nenhum. A menos que a confusão fosse um lugar.

Maravilhou-se com a ideia de não ter de voltar a aturar Ken. Tinham-se acabado os fins de semana que Barney podia estragar. Dali a duas semanas, estaria a trabalhar com Jill. E cinco meses de ordenado. Em termos de carreira, duvidava que fosse possível as coisas melhorarem mais, e isso pedia uma celebração e talvez até uma extravagância. Poderia trocar o carro e comprar um modelo mais desportivo – desde que não fosse um *Corvette* vermelho –, mas no instante em que o pensou, soube que não passava de uma fantasia. Ela era demasiado comedida e não tinha a intenção de tentar explicar ao pai porque é que comprara um carro em vez de pagar uma parte da dívida que contraíra para tirar o curso ou fazer uma aplicação no banco. Ou simplesmente poupar o dinheiro, já que talvez precisasse de capital para se

tornar sócia da firma dali a alguns anos.

Perdida nos acontecimentos desse dia estava a ideia de que um dia poderia ser sócia de uma firma de advogados – talvez até com trinta e poucos anos. Quem teria previsto uma coisa assim?

A noite começava a cair quando chegou ao Mayfaire. Enviou uma mensagem de texto a Serena dizendo que chegaria a casa alguns minutos antes das sete, mas não queria que atrasassem o jantar por sua causa.

Segundos mais tarde, o telemóvel apitou com a resposta de Serena. *Também tenciono chegar tarde. Detestaria que perdesse parte da maravilhosa conversa!*

Maria sorriu. Mandou uma mensagem de texto aos pais a dizer-lhes a hora a que chegaria e depois dirigiu-se para a Williams-Sonoma. Era sempre bastante complicado comprar alguma coisa especial para a mãe – Carmen estava sempre preocupada com o dinheiro que gastavam com ela, principalmente as suas *crianças* – mas, uma vez que um carro novo estava fora de questão, Maria pensou que poderia fazer uma pequena extravagância e comprar alguns tachos e painéis. Apesar do restaurante, e de adorar cozinhar, a mãe nunca pensara comprar um novo trem de cozinha. Tinha o mesmo desde que Maria andava na escola primária. Ou talvez há mais tempo ainda.

As compras acabaram por ser uma extravagância maior do que ela planeara. Um trem de cozinha de boa qualidade era caro, mas Maria sentiu-se bem com a compra. Os pais tinham financiado um colégio privado, tinham-lhe oferecido um carro usado quando fizera dezasseis anos e que durara até comprar o que tinha agora, tinham pagado quatro anos de universidade e metade do curso de Direito, e ela nunca fizera nada assim. Sabia que a mãe podia ficar arrelviada – o pai não diria nada –, mas merecia.

Guardou os presentes no porta-bagagens, ao lado da caixa de objetos pessoais. Felizmente, já não havia muito trânsito. Antes de ligar o carro, mandou uma mensagem a Serena a dizer que estava a quinze minutos de distância e depois apercebeu-se de que ainda não contara a Colin o que acontecera no escritório. Queria comemorar, e ele era a melhor pessoa para partilhar a sua alegria. Mais tarde, em casa dele ou dela... Quem diria que o dinheiro podia ser um afrodisíaco?

Sabendo que ele já devia estar atrás do balcão, enviou-lhe uma mensagem de texto e pediu-lhe para lhe ligar quando pudesse. Provavelmente, ele trabalharia até às dez ou onze da noite, o que lhe daria tempo suficiente depois de sair de casa dos pais para voltar para o seu apartamento, acender algumas velas e talvez até beber um copo de vinho. Sabia que a noite seria longa, mas ele não tinha aulas de manhã e ela não tinha de ir trabalhar, por isso não importava.

Pousou o telemóvel no banco do passageiro e dirigiu-se para casa dos pais. Depois de entrar no bairro, perguntou a si mesma quantas vezes na vida fizera aquela curva. Talvez dezenas de milhares, pensou, e ficou encantada com o pensamento e com o próprio bairro. Embora as pessoas fossem e viessem, as casas pareciam imunes à passagem do tempo e todos os recantos lhe traziam recordações: barracas de limonada, patinagem, fogos de artifício nos jardins para celebrar o Quatro de Julho. O dia das bruxas. Ir para casa a pé com amigos. O telemóvel começou a tocar, interrompendo o devaneio. Olhou para o lado, viu o nome de Colin e atendeu com um sorriso.

– Olá – disse. – Pensei que não podias fazer telefonemas enquanto estás a trabalhar.

– E não posso, mas vi a tua mensagem e pedi ao meu colega para ficar no meu lugar durante alguns minutos. Estás bem?

– Sim, estou ótima – disse ela. – Estou quase a chegar à casa dos meus pais.

– Pensei que já lá estivesses.

– Primeiro tive de ir comprar um presente para a minha mãe e demorei uma eternidade – disse ela. – Mas não adivinhas o que me aconteceu hoje.

– O Margolis telefonou outra vez?

– Não. Foi no emprego – disse ela, e, enquanto se aproximava da casa dos pais, contou-lhe o que

acontecera. – O que significa que agora sou mais ou menos rica.

– Parece que sim.

– Comprei um trem de cozinha fabuloso para a minha mãe.

– Aposto que ela vai adorar.

– Assim que ultrapassar o sentimento de culpa, vai adorar. Mas liguei-te para te dizer que decidi que gostaria que fosses lá a casa hoje. À minha casa.

– Não tínhamos combinado já que eu iria lá ter? E que ligaria quando acabasse o turno no bar?

– Sim, mas quando decidimos isso eu não estava com disposição para celebrar. Agora estou, e queria avisar-te com tempo.

– Avisar-me sobre o quê?

– Bem, agora que sou mais ou menos rica posso fazer-te algumas exigências esta noite. Exigências físicas, é claro.

Ele riu-se e Maria percebeu que Colin gostara do que ela estava a sugerir.

– Está bem.

Mais adiante, viu o carro de Serena estacionado em frente à casa dos pais; dos dois lados da rua, os passeios estavam desertos. De ambos os lados do quarteirão, os interiores das casas estavam iluminados, candeeiros acesos e televisões a brilhar, famílias a descontraír depois de um longo dia.

– Faças o que fizeres, não deixes que a expectativa arruíne a tua concentração no trabalho. Detestaria que arranjasses problemas com a tua patroa.

– Vou esforçar-me ao máximo.

Parou atrás do carro de Serena e desligou o motor.

– E mais uma coisa. Lembras-te do que disse ao Margolis? Quando ele me perguntou porque é que ainda estava contigo?

– Sim.

Ela saiu do carro e dirigiu-se para o porta-bagagens.

– Só quero que saibas que falei muito a sério – disse ela.

Ele riu-se de novo.

– Está bem.

Maria abriu o porta-bagagens.

– Infelizmente, vou ter de desligar a chamada porque vou precisar das duas mãos para levar tudo.

– Já percebi. De qualquer maneira, também tenho de voltar ao trabalho.

– Oh, antes de desligares...

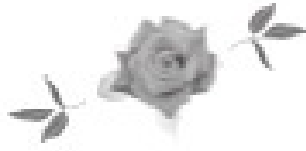
Quando olhou para as caixas, registou movimento na visão periférica e virou-se. Um homem atravessava a rua na sua direção, a andar depressa. Durante uma fração de segundo, não soube como reagir. Aquele lugar era seguro; naquele bairro, nunca ouvira falar num assalto ou numa discussão doméstica que se tivesse descontrolado, e nunca tivera medo. Estava a apenas alguns metros da porta principal da casa dos pais, numa rua tão segura que costumava acampar no jardim das traseiras nas noites de verão mais quentes. E no entanto, o andar determinado do desconhecido provocou-lhe um arrepio na espinha porque percebeu instintivamente que aquela pessoa não era dali.

A escuridão impossibilitou um reconhecimento claro, mas naquele instante o rosto escondido do homem foi iluminado pela luz da sala de estar dos pais. Ela viu o brilho metálico na mão do homem e, ao ver a arma, o medo apoderou-se de si. Não conseguiu mexer-se e quase não conseguia respirar; só ouviu vagamente a voz de Colin a dizer o seu nome ao telefone.

Colin repetiu o seu nome uma segunda e uma terceira vez, e a sua preocupação crescente foi suficiente para trazê-la de volta.

- Ele está aqui – sussurrou ela por fim.
- Quem é que está aí? – inquiriu Colin. – O que é que se passa?
- Ele tem uma arma – disse ela.
- Quem é que tem uma arma?
- O Lester Manning – disse ela. – Ele está aqui em casa.

CAPÍTULO 23



Colin

O choque de ouvir Maria dizer o nome de Lester deu origem a uma onda de adrenalina e o reflexo de lutar ou fugir instalou-se. Colin ouviu vagamente Lester gritar alguma coisa e a chamada foi desligada.

Lester.

Nessa altura, Colin já estava em movimento, saindo intempestivamente da sala das traseiras e correndo pelo bar. Serpenteou pelo meio das mesas e até dos clientes enquanto premia o botão de marcação.

O telemóvel foi diretamente para a caixa de mensagens.

Tentou de novo.

Caixa de mensagens.

A Maria está em perigo.

Atrás de si, ouviu o colega chamá-lo; as empregadas de mesa olharam-no, confusas, e quando Colin apareceu a correr à entrada o gerente quis saber onde é que ele ia.

O Lester tem uma arma.

Colin deu a volta ao edifício, com os pés a escorregar ao de leve na gravilha do passeio. Recuperou o equilíbrio e correu pela rua, já a calcular o caminho mais rápido para a casa dos pais de Maria.

Esperava que as estradas estivessem desertas.

Esperava que o carro pegasse.

Por favor, pega.

Telefonaria para a polícia do carro.

Contornou um casal idoso e correu a toda a velocidade para a rua, com o carro à vista.

Preciosos segundos a passar.

O Lester já podia tê-la enfiado no carro e fugido, como Gerald Laws fizera a Cassie...

Era uma viagem de vinte minutos até à casa dos pais dela.

Poderia fazê-la em dez. Ou menos.

Maria podia já ter desaparecido...

Chegou ao carro. Entrou, enfiou a chave na ignição, tendo o cuidado de não afogar o motor quando a rodou com força, e o velho *Camaro* ganhou vida. Colin arrancou a toda a velocidade, com os olhos já postos nos carros à sua frente.

Aproximou-se dos carros que estavam mais adiante e olhou para o telemóvel. Com uma mão, marcou freneticamente o 112 e ouviu o telefonista perguntar qual era a natureza da emergência.

Um homem com uma arma, a ameaçar uma mulher, disse ele. Maria Sanchez. Um tipo chamado Lester

Manning andava a persegui-la e surpreendera-a em casa dos pais...

Não se lembrava da morada, mas deu os nomes dos pais de Maria, e disse qual era a rua da casa e a rua transversal. Identificou-se e disse que se dirigia para lá. Quando o telefonista lhe disse para deixar a polícia resolver a situação sem interferência, desligou.

Nessa altura seguia muito depressa, com a frente do carro quase a tocar no para-choques do carro da frente. Com a faixa de rodagem ao lado bloqueada por um *Range Rover* preto que seguia calmamente, a respeitar o limite de velocidade, Colin passou para a faixa de emergência e ultrapassou uma fila de carros antes de voltar para a estrada. Pisou o pedal do acelerador e, passados alguns segundos, alcançou uma carrinha de caixa aberta e um monovolume branco que seguiam lado a lado. Também os ultrapassou pela faixa de emergência, e desta vez quase sem abrandar.

Chegou ao desvio para a ponte e guinou o volante, com os pneus a chiar.

Ultrapassou mais carros pela faixa de emergência até chegar, por fim, a uma longa extensão de estrada com menos tráfego, onde pisou o acelerador a fundo. A adrenalina aguçava os seus instintos atrás do volante e o seu corpo reagia em sintonia perfeita com o carro.

Atingiu os 130, 150 e 160 quilómetros por hora e viu um semáforo vermelho mais adiante e luzes de travões a brilhar quando os carros abrandaram. Sem querer abrandar, passou para uma ciclovia.

Irrompendo por um espaço no cruzamento, continuou a acelerar, a ziguezaguear por entre os carros e a usar a ciclovia quando necessário. Virou e acelerou em direção a uma longa fila de carros e, sem ter para onde ir, atravessou o parque de estacionamento de uma bomba de gasolina a cerca de cinquenta quilómetros por hora, obrigando as pessoas a saltar para saírem da sua frente.

A polícia estava a caminho... mas podia não chegar a tempo.

Não conseguia deixar de pensar se Lester já obrigara Maria a entrar num carro, para onde é que poderia tê-la levado...

Ou se já a tinha matado.

Mais uma curva, desta vez para a esquerda, e pela primeira vez foi obrigado a parar completamente num cruzamento congestionado. Bateu no volante e depois conteve a respiração quando se lançou sobre várias faixas de rodagem. Observou um condutor a travar a fundo, evitando-o por alguns centímetros.

Acelerou num bairro residencial, seguindo a cem quilómetros por hora, e tentou ver crianças, animais de estimação ou outros transeuntes. As casas iam ficando para trás numa mancha indistinta.

Mais uma curva. Pneus chiaram e a traseira do *Camaro* fugiu para a esquerda e depois para a direita enquanto Colin tentava controlar o carro. À frente, viu um casal a empurrar um carrinho de bebé no passeio; uma criança a brincar à apanhada do outro lado da rua; um homem a passear o cão com uma trela comprida...

Mais uma curva e uma estrada sem trânsito e com melhor visibilidade; Colin acelerou de novo, reconhecendo por fim o bairro dos Sanchez.

Demorara nove minutos.

Começou a aproximar-se da última curva a toda a velocidade... e quase bateu num *Camry* azul que se aproximava a toda a velocidade no meio da rua. Colin guinou de forma automática para a direita e o outro carro também, e a traseira do *Camaro* fugiu de novo, com os pneus a chiar. Colin sentiu outra onda de adrenalina e o seu coração bateu com força. Por breves instantes, viu dois homens no banco da frente com expressões espantadas e os olhos muito abertos quando os carros passaram a centímetros de distância um do outro, demasiado perto. Demasiado perto, e ele apertou o volante com força, recuperando o controlo. Por pouco.

Estava quase a chegar, a rua dos Sanchez era mais adiante. Mais uma curva e só travou quando estava quase em cima dela.

Agora, o medo começava a invadi-lo.

Rezou para que não tivesse chegado tarde de mais.

Cortou a curva e ouviu uma sirene atrás de si. Pelo espelho retrovisor viu as luzes intermitentes no tejadilho do carro-patrolha, que fazia a mesma curva que ele acabara de fazer. Colin abrandou apenas um pouco, mas o carro-patrolha aproximava-se a grande velocidade e ouviu um guincho pelo altifalante.

«*Encoste!*»

Nem pensar, pensou Colin. *Aconteça o que acontecer.*

CAPÍTULO 24



Maria

Maria não conseguia tirar os olhos da arma... nem da pessoa que a empunhava.
Lester Manning.

Margolis estava enganado. Lester não estava no hospital.

Estava aqui à sua espera. A ideia paralisou-a, e viu-o arrancar-lhe o telemóvel da mão. O rosto dele contorceu-se num esgar que ela quase não reconheceu.

– Nada de telefonemas! – gritou ele, fazendo-a sobressaltar-se. O tom foi desafinado, transtornado. – Nada de polícia!

Enquanto ele recuava, os sentidos de Maria apuraram-se e ela viu tudo: o cabelo despenteado e o velho blusão impermeável, a camisa vermelha desbotada e calças de ganga rasgadas; os buracos negros das suas pupilas e o peito a subir e a descer depressa. Na sua cabeça, precipitaram-se as palavras: *Distúrbio paranoico; fase aguda; delírios persecutórios*.

E a arma. Ele empunhava uma arma.

A mãe e o pai estavam no interior, e Serena também. A família corria perigo, estava escuro e não se via ninguém nas redondezas...

Devia ter fugido no momento em que o vira aproximar-se, correndo para casa e fechando a porta, deixando-o do lado de fora, mas ficara ali parada como se as suas pernas pertencessem a outra pessoa...

– Eu sei o que TU FIZESTE! – sibilou ele.

As palavras saíram depressa e foram quase ininteligíveis. Enquanto ele continuava a recuar, Maria viu o telemóvel iluminar-se e ouviu-o tocar. *Colin*. Lester sobressaltou-se e olhou para o telemóvel que tinha na mão. Maria viu que ele carregou num botão para desligar a chamada. O telemóvel iluminou-se e tocou de novo. Lester franziu o sobrolho enquanto desligava a segunda chamada e falou para o telemóvel como se ele estivesse vivo.

– Já disse, nada de chamadas! – gritou. – Nada de polícia!

Depois, murmurou:

– Pensa bem. Não é real. – As suas mãos tremiam quando tirou o som do telemóvel e o enfiou no bolso do blusão. – Eles não vêm.

Por favor, meu Deus, que o Colin já tenha chamado a polícia, pensou ela. A polícia já foi chamada e não vai demorar. Vou aguentar isto até eles chegarem. Não serei como a Cassie. Se ele me tocar, vou gritar e lutar com todas as minhas forças.

Mas...

Margolis dissera que por vezes Lester funcionava normalmente; que conseguira arranjar um emprego a

tempo parcial. E quando o conheceu, ele era... estranho, mas não psicótico, mesmo quando estava claramente a debater-se. Talvez pudesse falar com ele... só precisava de se manter calma.

– Olá, Lester – começou, tentando manter um tom de voz firme e agradável.

Os olhos dele brilharam, com as pupilas enormes.

Não, não enormes. Dilatadas. Drogado?

– «Olá, Lester»? É só isso que tens para me dizer?

– Quero que saibas que tenho muita pena do que aconteceu à Cassie...

– Não, não, *não!* – disse ele, erguendo a voz. – Tu não podes dizer *o nome dela*. Ela morreu por tua causa!

Maria ergueu as mãos por instinto, esperando que ele se atirasse a si, mas Lester recuou mais um passo. Enquanto esperava que ele continuasse, apercebeu-se de que ele parecia não tanto zangado, mas mais... assustado?

Ou paranoico. E a última coisa que quero é provocá-lo.

Baixou os olhos, com o coração aos pulos. Ouviu a respiração ofegante de Lester enquanto longos segundos passavam. O silêncio prolongou-se até o ouvir fungar e depois dizer, «Não», num tom de voz mais suave. Percebeu que a respiração dele começava a abrandar e, quando falou de novo, o seu tom foi trémulo mas suave.

– Eles estão em segurança – disse ele, a acenar para a casa. – A tua família. Eu vi-os pela janela. Vi a tua irmã entrar. O que acontecer a seguir depende de ti.

Ela estremeceu ao ouvir as suas palavras, mas não falou. A respiração dele continuou a abrandar no que parecia um esforço consciente, e o olhar nunca hesitou.

– Vim para falar. Tens de ouvir o que tenho para dizer. Vais ouvir-me desta vez, não vais, Maria?

– Sim.

– Os médicos dizem-me que não é real – explicou ele. – Eu digo a mim mesmo que não é real. Mas depois lembro-me da verdade. Sobre a Cassie e a minha mãe. A polícia. E o que eles fizeram. E sei que foste tu que começaste tudo. Os médicos podem dizer-me que não é real e que estou a inventar, mas eu sei a verdade. Por isso, diz-me: tens andado a falar sobre mim, não tens?

Quando ela não respondeu, viu que os músculos do pescoço dele começavam a retesar-se.

– Não te dês ao trabalho de mentir. Lembra-te de que já sei a resposta.

– Sim – sussurrou ela.

– Voltaste a falar com a polícia a meu respeito.

– Sim – disse ela de novo.

– Foi por isso que o detetive veio esta manhã.

Onde está o Colin?, pensou ela. *E a polícia?* Não sabia durante quanto tempo mais conseguiria manter Lester calmo...

– Sim.

Ele virou-se, a tremer.

– Quando te conhecemos, eu quis acreditar em ti quando disseste que ias fazer os possíveis, e que a Cassie ficaria em segurança. E acabei por perceber que, para ti, a Cassie não era ninguém. Apenas mais um nome, mais um zé-ninguém. Mas ela não era um zé-ninguém. Era a minha irmã e o teu dever era protegê-la. Mas não o fizeste. E depois...

Ele fechou os olhos com força.

– A Cassie costumava tomar conta de mim quando a minha mãe estava demasiado doente para sair da cama... costumava fazer-me canja de galinha e víamos televisão e ela lia-me livros. Sabias isso? Ela não era um zé-ninguém. – Limpou o nariz com as costas da mão e, quando continuou, falou num tom quase

infantil. – Tentámos dizer-te o que ia acontecer, mas tu não nos deste ouvidos. Quando a Cassie morreu, a minha mãe não suportou continuar a viver. Por tua causa, ela matou-se. Sabias isso? Diz-me a verdade.

– Sim – admitiu ela.

– Tu sabes tudo sobre nós, não sabes, Maria? Sabes tudo sobre mim.

– Sim.

– E mandaste a polícia atrás de mim depois de a Cassie morrer.

Porque tu me mandaste os bilhetes. Porque estavas a ameaçar-me.

– Sim.

– E o teu namorado... é o teu namorado, não é? O gajo grande que estava na discoteca? Vi como ele ficou furioso depois de eu te mandar a bebida. Ele queria magoar-me, não queria?

– Sim.

– E depois, esta manhã, mandaste a polícia outra vez.

Porque cortaste os pneus do meu carro! Porque andas a perseguir-me!

– Sim.

Ele endireitou-se um pouco mais.

– Foi o que eu disse aos médicos. Tudo isto. Mas é claro que eles não acreditam em mim. Ninguém acredita em mim, mas pelo menos tu estás a ser sincera. Eu *sabia*, mas agora sei *mesmo*... e percebo a diferença em todo o meu corpo. Tu compreendes, não compreendes, Maria?

Não.

– Sim.

– Ele apodera-se de nós... o medo, quero dizer. Por muito que tentes lutar contra ele, o medo apodera-se de ti, arrancando-te a vida. Como agora. Eu sei que tens medo de mim. Talvez como a Cassie teve medo depois de falhares com ela? – Olhou para ela para obter confirmação e esperou.

– Sim.

Observou-o a bater com a arma contra a perna.

– Consegues imaginar a sensação? De perder a tua irmã? E a tua mãe? E de ver pessoas como tu perseguir o meu pai? E depois a mim?

– Não consigo imaginar até que ponto foi horrível.

– Não, NÃO CONSEGUES! – gritou ele de repente, e naquele momento Maria ouviu o ténue som de uma sirene da polícia ao longe.

Lester ficou atento e percebeu que as sirenes se aproximavam quando elas começaram a ouvir-se mais alto. Voltou a concentrar-se em Maria.

– Eu disse que não queria polícia. Eu disse que NÃO QUERIA POLÍCIA! – A sua voz falhou, oscilando entre fúria e incredulidade enquanto ele dava um passo na direção de Maria. – Eu NÃO vou VOLTAR! Estás a OUVIR-ME? Eu NÃO vou VOLTAR!

Maria recuou, erguendo as mãos.

– Está bem...

– Eles MAGOAM-ME! – gritou ele, dando um passo na sua direção. As suas faces estavam manchadas quando esticou o pescoço na direção dela. – Eles DISPARARAM ELETRICIDADE PARA DENTRO DE MIM! E puseram-me na jaula com ANIMAIS que me bateram e eles não FIZERAM NADA! TODOS se riram de mim e para eles foi apenas um jogo! E PENSAS QUE EU NÃO SEI QUEM OS MANDOU FAZER ISSO?

Oh, meu Deus... ele está a passar-se...

– FOSTE TU! – gritou ele, a vibrar de raiva.

Maria recuou, tentando manter a distância entre os dois. O seu olhar não parava de voltar para a arma,

e depois de novo para Lester. Ele continuou a avançar enquanto ela recuava, agora já quase encostada à porta da garagem.

– TU chamaste a POLÍCIA! Tu continuas a voltar, mas desta vez NÃO vou deixar-te LEVAR A MELHOR!

Serena tinha de o ter ouvido daquela vez, pensou Maria. Ou os meus pais. Eles vão abrir a porta a qualquer momento e o Lester vai virar-se e disparar...

Através da estática dos pensamentos a fervilhar, Maria apercebeu-se de que uma segunda sirene, mais distante, se juntara à primeira, ambas a aproximarem-se. Os dentes de Lester cerraram-se e os seus olhos arderam com a angústia da traição. O dedo começou a aproximar-se lentamente do gatilho da arma e um único impulso percorreu o corpo de Maria.

Vai, vai, VAI!

Ela virou-se e contornou o carro, atravessando o jardim para chegar a casa. Ouviu Lester gritar o seu nome, surpreendido; ouviu um resmungo quando ele começou a correr atrás dela, batendo no carro.

VAI!

Dez metros. Talvez cinco.

A porta principal começou a abrir-se e uma faixa de luz inundou o alpendre. Maria teve a certeza de que o ouvia atrás de si.

Corre!

Correu o mais depressa que conseguiu, aproximando-se da luz. Sentia Lester a tentar apanhá-la. No que lhe pareceu uma imagem em câmara lenta, viu Serena sair para o alpendre.

Ele vai matar-nos às duas...

Parada numa poça de luz diante da porta aberta, Serena não compreendeu o que estava a acontecer. Olhou para Maria, confusa, enquanto ela corria para o alpendre.

Aqueles dedos estão a tocar na parte de trás da minha saia?

Obrigou-se a correr ainda mais depressa, com todas as forças que tinha.

– Maria? – chamou Serena.

Só mais tarde é que perceberia que Serena gritara o seu nome.

Quase a chegar...

E depois, conseguiu.

Agarrou em Serena e empurrou-as as ambas pela porta ainda aberta, batendo-a com força depois de entrarem.

– O que é que estás a fazer? – exclamou Serena, estupefacta.

Maria trancou a porta e pegou no pulso de Serena, puxando com força.

– Afasta-te da porta! – gritou Maria. – Ele tem uma arma!

Serena tropeçou quando a irmã a puxou, e quase caiu.

– Quem é que tem uma arma?

– O Lester!

Arrastou Serena para a cozinha e avistou a mãe parada ao pé do fogão, claramente espantada com a confusão. Mas não viu o pai... e virou-se de um lado para o outro...

Oh, Céus.

Onde está o pai?

– Espera... o Lester? O Lester está aqui? – perguntou Serena atrás dela.

– Está lá fora! – gritou Maria, e de repente os seus olhos passaram para as portas envidraçadas de correr, esperando que o pai estivesse no alpendre. – O Lester Manning! O homem que tem andado a perseguir-me!

Ele vai entrar a qualquer momento...

Vai matar-me e a eles, e depois suicidar-se...

Exatamente como o Gerald Laws e a Cassie...

Sentiu uma onda de alívio quando avistou o pai sentado à mesa do alpendre, com *Smokey* no colo.

Serena estava a falar sem parar e a mãe também começara a fazer perguntas, mas Maria não registou nada.

– Fiquem caladas! – gritou. – As duas! – Abriu a porta das traseiras. – Vem cá! – sussurrou para o pai, apontando para dentro. Ele reagiu instantaneamente, levantando-se de um salto com o cão preso debaixo do braço.

Serena e a mãe calaram-se. Maria escutou com atenção – para ver se ouvia a porta, o som de uma janela a partir-se.

Silêncio.

Serena olhou para ela, com o medo estampado no rosto. Os pais olhavam-na, boquiabertos.

Ainda nada.

E se Lester viesse pelas traseiras?

No silêncio, Maria registou de novo o som das sirenes. Suficientemente altas para serem ouvidas do interior da casa.

– Não compreendo – disse Serena por fim, com a voz a tremer de choro. – Onde é que o Lester estava a perseguir-te?

– No jardim – disse Maria. – Tu viste-o. Ele quase me agarrou.

Mas Serena não parava de abanar a cabeça, confusa.

– Vi-te correr, mas não havia ninguém atrás de ti – disse ela. – Vi alguém a correr pela rua...

– Ele tinha uma arma e vinha a perseguir-me!

– Não – insistiu Serena. – Não vinha.

Antes de conseguir assimilar as palavras da irmã, o som das sirenes encheu a casa e as paredes brilharam em tons de vermelho e azul num ritmo constante.

A polícia, pensou. Graças a Deus.

E foi então que a porta principal foi arrombada.

Maria gritou.

CAPÍTULO 25



Colin

Pensando bem, Colin decidiu que não se arrependia do que fizera. No entanto, à medida que a adrenalina foi saindo do seu sistema, deixando-o exausto e abalado, foi difícil ignorar o facto de que estava deitado de barriga para baixo, com as mãos algemadas atrás das costas, guardado por dois agentes mal-humorados e, muito provavelmente, perante a iminência de uma longa pena de prisão.

Talvez devesse ter parado quando os agentes que o seguiam tinham mandado.

E talvez não devesse ter travado a fundo atrás do carro-patrolha que já estava em casa dos Sanchez, com os agentes a aproximarem-se da porta. E talvez não devesse tê-los ignorado quando o mandaram parar e devesse simplesmente tê-los deixado lidar com a situação. Se tivesse tomado decisões diferentes, talvez os agentes não tivessem sacado das armas e talvez não se tivesse encontrado numa situação em que não sabia se o iam alvejar.

Mas ao menos não tocara em nenhum dos agentes depois de arrombar a porta a pontapé, embora nenhum deles estivesse com disposição para escutar quando ele tentou falar-lhes sobre a casa vazia ou o parque, lugares para onde Lester poderia ter fugido. Os quatro estavam demasiado furiosos para lhe dar ouvidos. Tinham-

-no apanhado em excesso de velocidade, condução imprudente e desobediência à autoridade, e não iam contentar-se com simples multas. Tinham-lhe dado voz de prisão, o que significava que o seu acordo seria revogado.

Os seus advogados contestariam; não tinha dúvida em relação a isso, mas era mais do que provável que o juiz original fosse informado. Aquele juiz – como evidenciava a sua decisão – era justo e razoável, mas também fora muito claro nas suas expectativas e o tribunal saberia. Acrescente-se o facto de Margolis estar, com toda a certeza, a argumentar do outro lado para que ele fosse colocado de modo permanente entre os perigosos e violentos, e a desgraça estava anunciada.

Prisão.

Não tinha medo de ficar preso. Regra geral, dava-se bem em sítios com regras e estrutura, mesmo sem liberdade. Sabia isolar-se, meter-se na sua vida, olhar para o outro lado quando era necessário e manter a boca calada, e, passado algum tempo, era provável que tudo se tornasse uma rotina. Sobreviveria, acabaria por ser libertado e começaria de novo. Mas...

Maria não esperaria por ele e não poderia ser professor.

Não queria pensar nessas coisas. Na mesma situação, faria tudo de novo. O perseguidor de Maria aparece com uma arma? Tinha de tentar salvá-la. Tão simples como isso. Como poderia saber que Lester já se teria ido embora quando ele chegasse?

Se lhe tivessem dado ouvidos, Colin achava que os policiais já o teriam encontrado. No entanto, tinham-se passado preciosos minutos enquanto o algemavam e lhe liam os seus direitos, e só quando se acalmaram é que conseguiram, por fim, ouvir a história de Maria, que foi contada aos arrancos, e depois Felix, que disse que não pretendia apresentar queixa pela porta partida e pelo caixilho desfeito. Serena e Carmen não paravam de chorar. Tarde de mais, viu por fim dois dos quatro agentes saírem à procura de Lester. Depois disso, e surpreendendo-o, Maria pediu aos outros dois agentes para telefonarem ao detetive Margolis quando os seus pedidos para que libertassem Colin foram recebidos com indiferença.

Colin fechou os olhos, esperando que o detetive estivesse ocupado.

Instantes depois, um dos agentes anunciou que Margolis estava a caminho.

Margolis ia *adorar* isto. Sem dúvida, esboçaria um dos seus sorrisos presunçosos enquanto pregava a Colin todo o seu sermão de *eu sempre te avisei de que isto acabaria por acontecer*, que já devia vir a ensaiar durante o caminho.

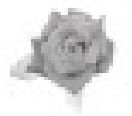
No entanto, não se arrependia. Maria e a família estavam em segurança, e só isso importava. Isso, e impedir que Lester voltasse a aparecer... Maria dissera aos agentes que ele ficara enraivecido quando ouvira as sirenes. Porém, até esse momento conseguira mantê-lo calmo falando com ele. Ou, melhor, deixando-o dizer tudo o que lhe ia na cabeça perturbada e concordando com ele. Mas o que aconteceria da vez seguinte? Lester seria acalmado com tanta facilidade? Ou agarraria nela e levá-la-ia para algum lugar onde a polícia não conseguiria encontrá-los?

O pensamento deixou-o doente e quis bater em si mesmo por não ter ido ao hospital pessoalmente. Como é que Lester saía? Se ficara paranoico quando o detetive chegara naquela manhã, porque é que não o tinham manietado? Ou já não faziam isso?

E havia mais uma coisa a incomodá-lo: como é que ele soubera que Maria estaria aqui? Talvez tivesse passado pelo escritório, e depois pelo apartamento, e visse que ela não estava, mas...

Os seus pensamentos foram interrompidos por faróis e depois pelo som de um carro a abrandar. Ouviu-o encostar e parar, e depois uma porta a ser aberta e fechada com um baque alguns segundos mais tarde.

Margolis.



– Alguma vez tiveste a impressão de que o Natal chegou mais cedo? – perguntou Margolis, agachando-se ao seu lado. Ao aproximar-se de Maria, olhara duas vezes ao avistar Colin no chão, algemado, e dirigira-se para ele praticamente a saltitar. – Porque acho que acabou de chegar mais cedo para mim.

Colin não disse nada. Qualquer coisa que dissesse só serviria para prejudicá-lo.

– Quero dizer, aqui estou eu a ir comer qualquer coisa rápida a não mais de dez minutos daqui, e recebo uma chamada a pedir a minha presença aqui com urgência. E quem encontro senão o meu velho amigo Colin? Devo dizer que não te via com tão bom aspeto há muito tempo. – Colin viu o reflexo do sorriso de Margolis nos seus sapatos muito bem engraxados. – O que é que fizeste? Discutiste com a tua namorada cá em casa? Talvez tenhas empurrado a mãe e o pai quando eles tentaram intervir? Ou foste atrás de um dos policiais quando eles apareceram e tentaram acalmar-te? – Cuspiu o palito, deixando-o cair perigosamente perto da cara de Colin na relva. – Podias parar com o joguinho de silêncio e contar-me. De qualquer maneira, vou descobrir daqui a pouco.

Colin expirou.

– Infrações de trânsito – esclareceu.

Margolis inclinou a cabeça, surpreendido.

– A sério? – Quando Colin não respondeu, o detetive abanou a cabeça e esboçou um sorriso satisfeito.

– Tenho de admitir que nunca previ uma coisa dessas. Mas, ei... não sou esquisito. Deixa-me ir falar com a tua namorada que está ali... isto é, se ainda for tua namorada. Mesmo que não lhe tenhas tocado com um único dedo, ela não me parece ser o tipo de pessoa que vai à prisão todas as semanas para apoiar o seu homem, e sempre fui bom a avaliar carácteres.

Colin viu-o endireitar-se. Quando ele se virou e começou a dirigir-se para Maria, pigarreou.

– Já me posso levantar?

Margolis olhou por cima do ombro durante alguns segundos e depois encolheu os ombros.

– Não sei. Podes?

Usando a cabeça para se equilibrar, Colin ergueu as ancas e atirou os joelhos para a frente num único movimento fluido, aterrando de pé.

Margolis acenou para um dos polícias, que dera um passo para Colin, indicando-lhe que não devia fazer nada. Sorriu de novo com uma expressão afetada.

– Com movimentos assim, tenho a certeza de que todos os tipos na prisão vão querer dançar contigo. Mas sabes que mais... que tal esperares aqui enquanto eu me inteiro do que está a acontecer?

Margolis fez sinal aos dois polícias para se aproximarem e Colin ficou a vê-los conferenciar em voz baixa. Um deles apontou duas vezes para Maria; o outro acenou na direção de Colin. Naquela altura, vários vizinhos tinham saído das suas casas e estavam nos relvados ou na rua, a esticar o pescoço para tentarem ver melhor. Ele não foi o único que reparou: Margolis também percebeu e, depois de uma breve conversa com a família, todos, exceto Colin, começaram a dirigir-se para casa. Surpreendendo-o, Margolis fez-lhe sinal para que os acompanhasse.

Na sala de estar, Maria contou de novo a história desde o início, incluindo uma descrição do que Lester usava, mas desta vez de uma forma mais linear. A família estava atrás dela, e todos pareciam mais perturbados do que ela. Os dois polícias que tinham prendido Colin flanqueavam a porta. Colin viu Margolis tomar notas, com Serena a interromper de vez em quando. Só quando Maria terminou é que ele fez a primeira pergunta.

– Ele alguma vez a ameaçou diretamente com a arma? – perguntou.

– Ele tinha-a na mão.

– Mas empunhou-a? Ou apontou-lha?

– Porque é que isso faz diferença? – perguntou Maria. – Ele apareceu aqui em casa com uma arma. Tem de o prender.

Margolis levantou as mãos.

– Não me interprete mal. Eu estou do seu lado. Com a sua admissão de que mandou as rosas para o escritório, que mandou entregar-lhe a bebida e agora isto, não há muitas dúvidas de que conseguirá a Cinquenta-C. Não posso imaginar que algum juiz negue o pedido, e vou fazer um telefonema para ver se consigo acelerar o processo. Perguntei porque queria determinar se ele violou alguma lei de uso de armas.

– Ele é doente mental. Neste estado, isso faz com que seja ilegal ele ter licença de porte de arma.

– Talvez.

Os olhos de Maria brilharam.

– Ele estava num hospital psiquiátrico esta manhã. Pelo menos, foi o que me disse.

– Não tenho qualquer razão para pensar que não estava lá, e acredite... vou verificar com toda a certeza se o detetive estava certo em relação a isso. Mas quando estava a falar em doença mental, queria dizer *legalmente*. Até agora, não tive acesso aos seus registos médicos, e, nos casos em que foi detido, as queixas foram retiradas. Não tenho a certeza se o seu estado mental foi avaliado. Também há uma

diferença entre internar-se num hospital de forma voluntária e ser internado compulsivamente.

– O senhor está a fazer distinções demasiado subtis – disse Maria, e a sua frustração tornou-se evidente. – Eu contei-lhe como ele estava a comportar-se. Estava a falar *para o telemóvel*, por amor de Deus. Está delirante e ameaçou-me com uma arma!

– Tem a certeza?

– Escutou alguma coisa do que eu disse?

Margolis endireitou-se mais, numa atitude defensiva.

– Para ser claro, nada do que me disse indica que ele lhe apontou a arma ou que a obrigou a fazer alguma coisa. E, quando fugiu para casa, ele correu no sentido oposto.

Durante um segundo Maria não disse nada, mas Colin reparou num clarão de incerteza nos seus olhos.

– E quanto ao facto de ele ter cortado os pneus do meu carro e ter roubado o meu telemóvel?

– Ele disse-lhe que o fez?

– Não, mas... – Maria levantou os olhos para ele. – Porque é que está a fazer isto? A arranjar desculpas para ele? É como se estivesse à procura de um motivo para não o prender.

– Pelo contrário. Estou a tentar encontrar alguma coisa que tenha consistência. Não há motivo para o prender se não conseguir mantê-lo na prisão.

– Ele tinha uma arma! Isso não interessa?

– Interessava, se ele tivesse tentado escondê-la. Ou se a tivesse ameaçado. Mas, segundo as suas próprias palavras, ele não fez nada disso.

– Isso é... uma loucura.

– É a lei. Claro que, se ele não tiver licença de porte de arma, é um argumento que posso usar. Mas não será suficiente para o deter durante muito tempo. Nem o facto de ele lhe ter roubado o telemóvel.

– E a vandalização dos pneus do meu carro?

– Ele admitiu isso? – perguntou Margolis de novo.

– Não, mas...

Ele suspirou.

– Sei que isto é frustrante para si, mas estou a tentar ajudá-la. Estou à procura de alguma coisa que possa dar origem a uma detenção por acusações suficientemente graves para o manter preso.

– Está bem. Eu estava enganada. Agora lembro-me que ele me apontou uma arma. Apontou-me a arma o tempo todo.

Margolis ergueu uma sobrancelha.

– Está a mudar a sua história?

– Estou a corrigi-la – disse ela.

– Está bem. – Ele acenou com a cabeça. – Mas, antes de ir por aí, também quero que perceba que toda esta situação pode ser mais complexa do que pensa.

– O que é que isso significa?

– Não posso dizer-lhe. Ainda estamos no início da investigação. Por enquanto, a única coisa que precisa de saber é que estou a explorar vários ângulos diferentes.

Ângulos diferentes?, pensou Colin.

Maria lançou-lhe um olhar interrogativo e voltou-se para Margolis no momento em que bateram à porta. Um dos agentes que tinham andado à procura de Lester espreitou. Margolis pediu licença, saiu durante alguns instantes e depois voltou para junto de Maria e da família. Os outros dois polícias entraram, mantendo-se perto da porta.

– Os agentes disseram que não conseguiram encontrá-lo. Deram a volta ao bairro duas vezes, falaram com algumas pessoas que estavam na rua, e ninguém o viu.

Colin abriu a boca, mas depois fechou-a. Margolis reparou.

– Tens alguma coisa para dizer?

– Estava a pensar se procuraram no parque – disse ele. – E na casa da rua a seguir, cujas traseiras confinam com as desta.

Margolis olhou para ele.

– Porquê?

Colin contou-lhes o que descobrira, bem como as suas desconfianças sobre a casa vazia e as atividades de espionagem de Lester. Também partilhou as suas suspeitas em relação ao lugar onde ele estacionava o carro. Por insistência de Margolis, Colin admitiu que vinha ao bairro a meio da noite e no princípio da manhã, e que passara tempo a investigar as matrículas dos carros. Os pais de Maria pareceram doentes ao ouvir aquelas revelações; entretanto, o olhar gélido de Margolis nunca se desviou dele.

– E só estás a dizer-me isso agora? Tens andado este tempo todo a brincar aos detetives particulares?

Colin acenou para os polícias.

– Quando eles estavam a prender-me, eu disse-lhes para onde o Lester poderia ter ido. Eles não quiseram ouvir-me.

Durante alguns instantes, fez-se silêncio. Um dos agentes mudou o peso de um pé para o outro.

– Mas ele não correu para o parque – arriscou Serena em voz baixa. – Nem para a casa.

– Como? – perguntou Margolis.

– O parque fica a algumas ruas de distância naquela direção – disse Serena, a apontar para a cozinha. – E, a menos que quisesse contornar o quarteirão todo, também não correu na direção da casa vazia. Ele correu para o outro lado, na direção oposta.

Margolis assimilou aquilo antes de pedir licença para se reunir com os agentes, e depois disso dois deles saíram. *Com cerca de meia hora de atraso*, pensou Colin.

Margolis voltou para junto de Maria.

– Presumindo que o Lester veio de carro para cá, e como não há carros registados em nome dele, eles vão investigar se algum dos carros foi roubado ou se podemos associá-los ao Lester de outra forma. É claro que o Lester pode ter dado meia-volta e levado o carro ou pode ter simplesmente fugido, mas o que é importante por agora é que estou confiante de que está em segurança. Está a pensar voltar para o seu apartamento?

– Ela vai ficar connosco – anunciou Felix. – E a Serena também.

Margolis apontou por cima do ombro.

– A sua porta da frente está partida.

– Eu tenho algumas tábuas na garagem. Prendo-a e amanhã mando arranjar.

– Têm alarme?

– Sim – respondeu ele. – Mas não o usamos muito.

– Usem-no esta noite, mas não se esqueçam de desligar o sensor da porta principal. E prendam a porta e mantenham as cortinas fechadas, por precaução.

– E proteção policial? – perguntou Serena. – Ficar alguém cá em casa?

– Não poderei providenciar isso – respondeu Margolis. – Escolha o motivo que mais lhe agradar: cortes orçamentais, falta de efetivos, limite às horas extraordinárias ou mesmo o facto de a Cinquenta-C não ter sido ainda emitida. Mas vou telefonar para o comandante e tenho quase a certeza de que ele vai mandar um carro-patrolha passar por aqui de duas em duas horas.

– E se o Lester voltar?

– Acho que não será provável.

– Porque é que diz isso?

– Porque ele tem medo da polícia, e, tanto quanto sabe, *haverá* um polícia aqui.

– A menos que seja doido e não se importe.

– Ele fugiu há pouco – disse Margolis, mas, apercebendo-se de que devia parecer displicente, continuou. – Sei que está assustada e perturbada, Sr.^a Sanchez. Eu percebo. Vou mandar dois dos agentes fazerem a ronda ao bairro durante uma hora. Talvez tenham sorte e o prendam. Se isso acontecer, vão levá-lo para a esquadra e eu vou pô-lo na sala de interrogatórios e verei o que posso fazer. E, aconteça o que acontecer, amanhã entra com um pedido para uma Cinquenta-C e quando ele voltar a aproximar-se de si será preso. E essa prisão vai manter-se.

Colin reparou nas emoções contraditórias que se estampavam no rosto de Maria. Ela olhou para os polícias que estavam perto da porta antes de respirar fundo.

– Posso falar consigo a sós?

Margolis hesitou, antes de acenar com a cabeça. Fez sinal aos agentes para que se fossem embora e eles saíram em silêncio pela porta principal. Ao mesmo tempo, Serena e os pais foram para a cozinha e, depois de eles saírem, Maria suspirou.

– E o Colin?

Margolis olhou para ele.

– O que é que tem o Colin?

– Pensei que poderia falar com o agente que o deteve. Talvez convencê-lo a deixá-lo safar-se com algumas multas por excesso de velocidade, ou outra coisa qualquer. Em vez de o prender.

A expressão de Margolis raiou a descrença.

– Porque é que eu faria uma coisa dessas? Pelo que me disseram, ele circulava a cem quilómetros por hora num bairro residencial. Quase bateu de frente com alguém a dois quarteirões daqui e recusou-se a encostar. – Abanou a cabeça. – Depois, quando chegou aqui, desobedeceu às ordens dos agentes para se deitar no chão e ainda piorou uma situação já de si volátil.

– Eu estava em perigo. O senhor teria feito a mesma coisa se alguém que ama estivesse em risco de ser magoada.

– Ele devia ter deixado a polícia resolver o assunto. Entretanto, a sua condução pôs em risco a vida de outras pessoas.

– Por amor de Deus, o Lester tinha uma arma!

– Mais um motivo para deixar a polícia resolver o assunto.

– Não é justo e o senhor sabe! – exclamou Maria, começando a perder a compostura. – Prendê-lo? Por *excesso de velocidade*?

Eu fiz muito mais do que isso, pensou Colin. *Os polícias só me viram durante os últimos dois minutos do percurso.*

– Ele fez as suas escolhas – disse Margolis. – Não se esqueça de que os agentes tiveram de sacar das armas. A senhora podia ter ficado ferida. A sua família podia ter ficado ferida.

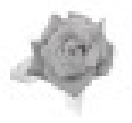
– E, quando percebeu que eu estava em segurança, a sua atitude mudou e ele submeteu-se de boa vontade. Não levantou a voz, não resistiu. Quer mesmo arruinar-lhe o resto da vida? Porque veio salvar-me?

– Não sou eu que decido. – Margolis encolheu os ombros.

– Não. Mas tenho a impressão de que eles vão dar-lhe ouvidos. – Pousou as mãos nas ancas, desafiando Margolis a olhá-la nos olhos. – Eu sei que não confia no Colin e que acredita que ele deve estar preso. E se ele tivesse lutado com os agentes, se tivesse resistido à detenção ou se tivesse feito outra coisa estúpida, eu não estaria a pedir-lhe que interviesse. Mas essas coisas não aconteceram e o senhor não me parece uma pessoa pouco razoável ou desnecessariamente vingativa. – Hesitou. – Gostaria

de pensar que as minhas impressões estão certas. Por favor...

Durante um momento impossivelmente longo, Margolis olhou-a, imóvel. Depois, sem uma única palavra, começou a dirigir-se para a porta.



Cinco minutos mais tarde, Colin estava parado perto do sofá, a esfregar distraidamente os pulsos no sítio onde as algemas os tinham magoado.

– Obrigado por me ajudares – disse ele.

– Não tens que agradecer.

– Ainda não acredito que ele te escutou.

– Eu acredito. Ele sabia que era a coisa certa. E o polícia que fez a detenção não ficou nada chateado.

Depois de ouvir a história toda, acho que também não te queria prender.

Colin apontou para a porta.

– Lamento aquilo. Gostava de pagar o arranjo.

– O meu pai não se importa. Na verdade, está demasiado zangado por pensar que o Lester tem andado a espiar a família para se preocupar com uma porta.

– E se eu ajudasse a fechá-la para esta noite?

Quando ela assentiu com a cabeça, ele seguiu-a para a garagem e voltou com duas tábuas, um martelo e pregos. Maria ajudou a fixar as tábuas no lugar e, depois de elas estarem presas, aproximou-se de Colin. Abraçou-o e apertou-o durante muito tempo antes de se afastar.

– O que é que vais fazer agora?

– Vou telefonar para a minha patroa – disse ele. – Dizer-lhe onde estou e descobrir se fui despedido. E depois acho que vou passar o resto da noite lá fora a vigiar. Quero estar aqui se o Lester aparecer.

Ela acenou com a cabeça.

– O que é que pensas que o Margolis quis dizer quando disse que estava a explorar ângulos diferentes? O Lester admitiu quase tudo...

Colin encolheu os ombros.

– Não faço ideia. Alguma coisa sobre o Mark, o namorado da Cassie? Já que ele desapareceu? – Colin contou a Maria o pouco que descobrira.

Atrás deles, Felix entrou na sala na companhia de Carmen. Ela estendeu um copo de água gelada a Colin enquanto Felix inspecionava o trabalho que ele fizera para prender a porta.

– Peço desculpa – disse Colin, ligeiramente embaraçado. – Já disse à Maria que vou pagar a reparação.

Felix acenou com a cabeça.

– Bom trabalho. Resistente. – Deu um passo na direção de Colin e a sua expressão suavizou-se quando o olhou nos olhos. – Quero agradecer-lhe ter vindo a correr quando pensou que a Maria estava em perigo. E por telefonar para a polícia.

– Não tem que agradecer.

Carmen pôs-se ao seu lado enquanto Felix continuava. Atrás deles, Colin viu Serena na cozinha, claramente atenta.

– Quando nos conhecemos, creio que posso tê-lo julgado mal – disse ele. – A Maria disse-me que se sentia segura consigo. Agora, percebo porquê.

Ao ouvir as palavras do pai, Maria deu a mão a Colin.

– Ouvi-o dizer à minha filha que quer ficar a vigiar a casa esta noite. Lá fora. Para o caso de o Lester voltar.

– Sim.

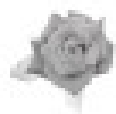
– Eu tenho um problema com isso.

Colin olhou-o, mas não falou.

– Tem de ficar dentro de casa, não na rua. Como nosso convidado.

Sentiu Maria a apertar-lhe a mão e, apesar de tudo, não conseguiu deixar de sorrir.

– OK.



Colin andou de um lado para o outro na sala de estar, espreitando alternadamente pelas cortinas da janela da frente e fazendo o mesmo nas janelas da cozinha.

Nenhum sinal de Lester.

Margolis cumprira a sua palavra; um carro-patrolha passou lá por casa quatro vezes, duas enquanto o resto da família ainda estava acordada e duas depois de terem todos ido dormir. Maria fora a que ficara acordada mais tempo, permanecendo ali com ele até pouco depois da uma hora. Antes de se ir deitar, Felix dissera-lhe que se levantaria às quatro para vigiar, para que ele pudesse dormir um pouco.

Ter tempo só para si foi uma bênção para Colin e permitiu-lhe pensar em tudo o que acontecera nessa noite. Ainda tinha mais perguntas do que respostas, pois nada fazia sentido. Se, por exemplo, Lester estava paranoico ao ponto de acreditar que Maria queria apanhá-lo, então o medo mantê-lo-ia *longe* dela, em vez de o atrair repetidamente para ela.

Mas Lester admitira que era ele que andava a persegui-la?

E porque é que Margolis dissera a Maria que estava a explorar «ângulos diferentes»?

E mais perguntas o atormentavam – porque é que Lester admitira ter mandado as flores e as bebidas, mas não dissera nada sobre os pneus? Teria vindo de carro e, em caso afirmativo, onde é que o arranjava? Se tinha deixado o carro no parque mas corraera na direção oposta, para onde ia e porque é que a polícia não o encontrara? E, de novo, como é que ele sabia que Maria estaria lá em casa quando ela própria se esquecera do aniversário da mãe?

Quanto mais sabia, mais confuso ficava.

– Estás a deixar-me nervosa – disse Maria. – E tenho a certeza de que já desgastaste o chão de tanto andar de um lado para o outro.

Colin olhou e viu-a no corredor, em pijama.

– Acordei-te?

– Não. Dormi um pouco.

– Que horas são?

– Passa pouco das três – disse Maria. Dirigiu-se para o sofá e bateu na almofada ao seu lado. Quando Colin se sentou, pousou a cabeça no seu ombro enquanto ele a rodeava com um braço. – Se calhar, devias tentar dormir um pouco.

– Só falta mais uma hora e depois o teu pai vem substituir-me.

– Não acredito que ele esteja a dormir. Deve andar às voltas na cama, como aconteceu comigo. – Beijou-o na face. – Estou contente por estares aqui, mas os meus pais também. Antes de irem para a cama, pediram-me desculpa pela forma como te trataram antes.

– Não há motivo para pedirem desculpa. Eles foram muito simpáticos. Especialmente em relação à

porta que eu destruí.

Ela encolheu os ombros.

– Se queres mesmo saber, foi impressionante. Normalmente, as portas mantêm as pessoas na rua, mas esta nem sequer te deteve. Eles sentem-se melhor por saber que estás aqui.

Ele acenou com a cabeça. A luz do luar entrava por uma abertura na cortina e enchia a sala de estar de um brilho prateado.

– Queria dizer-te que lidaste com o Lester de uma forma surpreendente. Nem toda a gente teria conseguido manter-se calma naquela situação.

– Eu não estava calma. Estava aterrorizada. Sempre que fechava os olhos esta noite, via a cara dele. E foi tão... estranho. Não conseguia deixar de ter a sensação de que ele tinha mais medo de mim do que eu dele, embora fosse ele a segurar a arma.

– Eu também não compreendo.

– Gostava que a polícia o tivesse encontrado. Detesto pensar que ele continua por aí... a seguir-me, a vigiar-me, a planejar e a esconder-se. De que adianta uma providência cautelar para proibi-lo de se aproximar de mim se não conseguirem entregar-lha? E se ele aparecer novamente antes de eles o encontrarem? Pensei sair da cidade, mas e se ele me seguir? Ou descobrir onde estou? Quero dizer, eu nem sequer sabia que viria cá esta noite, por isso como é que ele descobriu? E como é que sabia que eu estaria no bar?

– Também tenho estado a pensar nessas coisas.

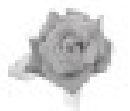
– E? O que devo fazer? Eu só queria sentir-me... *segura*.

– Eu tenho uma ideia. Pode ser um bocado rebuscada, mas...

– O que é?

Ele contou-lhe.

CAPÍTULO 26



Maria

Maria estava a dormir no sofá quando sentiu Colin dar-lhe um beijo de despedida e sussurrar que voltaria às oito. Apercebeu-se vagamente de que ele saíra pela porta da garagem. Surpreendendo-se, conseguiu dormir mais algumas horas antes de os sons da casa a despertarem.

Enquanto tomavam o pequeno-almoço em família, contou-lhes o plano de Colin. Eles escutaram, surpreendidos. Os pais teriam preferido que ela ficasse onde podiam mantê-la debaixo de olho, mas compreenderam o raciocínio de Colin e aceitaram a decisão da filha, pedindo-lhe apenas que se mantivesse em contacto.

Colin chegou a casa dos seus pais cerca das oito horas com um telemóvel pré-pago e seguiu Maria para o apartamento dela. Ela tomou um duche, vestiu calças de ganga, uma *T-shirt* branca e sapatos pretos de salto alto e preparou uma mala com alguma roupa. Às nove horas estavam no tribunal, onde Maria preencheu e deu entrada à papelada necessária para a Cinquenta-C. Margolis cumprira a sua palavra; o escrivão disse que seria assinada pelo juiz antes do início dos julgamentos do dia.

Usando o telemóvel pré-pago, Maria enviou uma mensagem de texto a Margolis com o número e pediu-lhe que a mantivesse informada dos progressos referentes a Lester Manning.

Para sua surpresa, Margolis ligou menos de meia hora mais tarde e pediu-lhe para se encontrar com ele num café.

– Fica a dois quarteirões do tribunal e poderemos falar em particular – disse ele, num tom misterioso. Ela sentiu-se bem por ter dado entrada à papelada no tribunal e por ter decidido levar avante a ideia de Colin. Pela primeira vez desde que tudo aquilo começara, estava a agir em vez de reagir. Embora não houvesse garantias de que conseguiriam entregar a ordem do tribunal a Lester, tomar a iniciativa fê-la sentir que tinha algum controlo.

No café, ela e Colin sentaram-se num reservado no canto, de onde poderiam ver a chegada de Margolis.

Quando ele entrou por fim, com meia hora de atraso, demorou apenas um segundo a avistá-los. Enquanto se aproximava por entre as mesas, Maria reparou na forma como o tecido do casaco de mau corte se apertava à volta dos bíceps. Como Colin, Margolis parecia passar muito tempo no ginásio.

Ele parou perto da caixa registadora para pedir uma chávena de café e depois sentou-se no reservado à frente de Maria e Colin. Quando olhou para Colin, ela pareceu detetar um pouco menos da sua habitual animosidade.

Mas talvez estivesse apenas a imaginar.

– Algum problema com a Cinquenta-C esta manhã?

– Não – disse Maria. – E agradeço a sua ajuda. É evidente que estavam à minha espera.

Ele acenou com a cabeça.

– Hoje, o juiz Carson vai estar no tribunal. Deixei recado com o seu escrivão, por isso não deverá haver nenhum atraso. Se não lhe disserem nada, avise-me.

– Claro – disse ela.

O empregado de mesa aproximou-se e deixou o café. Margolis esperou que ele se afastasse antes de falar de novo.

– Como é que se aguentou ontem à noite? – perguntou a Maria.

– Não dormi bem, se é isso que quer saber. Mas pelo menos o Lester não voltou.

Ele acenou com a cabeça.

– Esta manhã perguntei e também não foi avistado por nenhuma das patrulhas. Mas vai aparecer. Um tipo como ele tende a destacar-se e deixar as pessoas nervosas, o que significa que começamos a receber telefonemas. Estou confiante de que alguém nos avisará quando ele aparecer.

– Se ainda estiver na cidade – disse ela. – Tanto quanto sabemos, já pode estar novamente em Charlotte. Ou sabe Deus onde.

– Se estiver, não está no hospital. Eu confirmei esta manhã. Ninguém sabe dele. Também quero que saiba que o meu amigo passou pela casa dos Manning esta manhã. Não há sinais dele lá, nem no apartamento por cima da garagem nem na casa.

Maria acenou com a cabeça.

– Mudando de assunto – continuou Margolis –, falei com o departamento do xerife e eles não se importam que eu entregue a Cinquenta-C ao Lester quando o encontrarmos. É uma boa notícia. Nem sempre é assim tão fácil. Mas detestaria que o Lester fosse localizado e não recebesse a intimação porque não há xerifes disponíveis, e desaparecesse de novo antes de a poderem entregar.

– Então, qual é o plano? – perguntou Maria. – Esperar até que ele apareça?

– Não sei bem se haverá outra opção. Estou apenas a tentar tirar o melhor partido de uma situação desagradável.

– Foi por isso que quis encontrar-se comigo esta manhã? Para me dizer que não conseguiu encontrá-lo?

– Não – disse Margolis. – Surgiram alguns fragmentos de informação interessantes e queria saber a sua opinião.

– Pensei que não podia falar sobre a investigação.

– Tem razão – disse ele. – O que significa que terei de limitar algumas das coisas que vou dizer-lhe. No entanto, queria falar consigo porque preciso da sua ajuda.

– Porquê?

– Porque quanto mais analiso esta situação, menos parece fazer sentido. Espero que possa ajudar-me a juntar algumas peças.

Bem-vindo ao meu mundo, pensou Maria.

Margolis continuou.

– Em relação ao que aconteceu ontem à noite, eu disse-lhe que estava a investigar possíveis violações ao porte de arma. Mas, como tudo o resto neste caso, o que parecia óbvio não é. Por isso, começemos com isto: o Lester *não* tem licença de porte de arma. Também não comprou legalmente uma arma, o que pensei que era uma boa notícia para si. No entanto, acontece que o Avery Manning, o pai, tem licença de porte de uma arma comprada há cerca de um ano.

– E?

– O problema é que o Lester e o Avery, pai e filho, vivem na mesma morada. Não é ilegal usar a arma de alguém se ela estiver legalizada. Por isso, não posso usar isso, a menos que o Avery Manning não

tenha autorizado. Mas ainda há mais complicações.

– Como por exemplo?

– O Avery Manning veio falar comigo esta manhã. – Deixou as palavras pairar no ar antes de continuar.

– A propósito, foi por isso que me atrasei a chegar aqui. Pensei que seria melhor encontrar-me com ele antes de falar consigo. A história sofreu mais uma reviravolta.

– O quê?

– A arma podia não ser verdadeira.

– Como?

Margolis pegou na colher e mexeu o café enquanto continuava.

– Deixe-me começar pelo princípio, está bem? Sentámo-nos e a primeira coisa que penso é que o Dr. Manning está com muito mau aspeto, o que fez sentido quando ele me disse que acabara de fazer a viagem de carro desde o Tennessee. Ele estava claramente perturbado. Deve ter esvaziado uma embalagem inteira de pastilhas elásticas enquanto estivemos ali sentados, a mastigar e deitar fora tira após tira. No entanto, não tentou dominar a conversa, o que me surpreendeu com base na descrição que me fez dele. Mas, em todo o caso, pergunto-lhe o que posso fazer por ele e ele diz-me logo que o Lester saiu de Plainview e que está preocupado com a possibilidade de ter vindo vê-la. Implorou-me que a avisasse e que lhe dissesse para telefonar para a polícia se ele aparecesse. Depois, disse-me que o Lester estava numa fase paranoica aguda e que sofria daquele distúrbio há anos, e todas essas tretas... no fundo, as mesmas coisas que já me tinha dito.

– Mas ontem ele nem sequer tinha a certeza se o filho estava no hospital.

Margolis bebeu um gole de café.

– Ele disse que lhe ligaram do hospital quando se aperceberam de que o Lester tinha desaparecido, pois ele é o contacto de emergência. Aparentemente, quando ele não apareceu na reunião com o assistente social, os empregados passaram duas horas a revistar o hospital antes de perceberem que ele se devia ter ido embora. E foi então que telefonaram para o Dr. Manning.

– Como é que isso é possível? É um hospital psiquiátrico. Eles não vigiam os pacientes?

– Segundo o Dr. Manning, o Lester já lá esteve vezes suficientes para saber as rotinas de cor e conhece todos os empregados. O administrador também afirmou que não havia razão para não confiar nele, pois tinha-se internado voluntariamente e nunca fugira antes. Por isso, pensam que quando teve tempo livre deve ter-se... escapulado. Depois disso, ou usou o carro de alguém ou foram-no buscar, e veio para Wilmington. E é óbvio que tinha uma arma escondida num sítio qualquer. – Margolis encolheu os ombros.

– O que posso dizer, ele é paranoico.

– Se o Dr. Manning queria avisar-me, porque é que não lhe telefonou assim que descobriu?

– E telefonou – disse Margolis, e a sua expressão indicou que estava tão surpreendido como ela. – Deixou-me uma mensagem de voz ontem à noite, mas, infelizmente, só a ouvi esta manhã, depois de me ter encontrado com ele. Mesmo então, não tenho a certeza se adiantaria. O telefonema foi feito depois de o Lester já ter estado em sua casa.

Maria acenou com a cabeça.

– Seja como for, depois de falarmos sobre essas coisas eu disse ao Dr. Manning que o Lester não só tinha aparecido em casa dos seus pais ontem à noite e a tinha confrontado, como também tinha uma arma. Nessa altura, o Dr. Manning ficou ainda mais perturbado. Quando se acalmou, insistiu que a arma do Lester não podia ser verdadeira.

– É claro que ele diria isso.

– Também foi o que eu pensei. Perguntei-lhe como é que podia ter tanta certeza. Ele disse que possuía apenas duas armas: uma velha caçadeira que tinha desde que era miúdo e que talvez já nem sequer

funcionasse, e a pistola de que lhe falei, que guarda num estojo fechado à chave no porta-bagagens do carro. Acrescentou que nunca a deixaria em casa, onde Lester poderia ter acesso a ela.

– Eu sei o que vi!

– Não duvido disso, mas deixe-me terminar – disse Margolis. – O Dr. Manning disse-me que, embora o Lester não tivesse uma arma *a sério*, tinha uma arma de pressão. Disse-me que lha comprou quando ele era adolescente e que pensava que estava numa das caixas com coisas dele que estão guardadas no sótão. Disse que é possível que o filho tenha ido buscá-la em alguma altura no passado. Por isso, o que eu quero perguntar-lhe é se é possível que o Lester tivesse uma arma de pressão.

Maria tentou recordar a arma, mas não conseguiu lembrar-se dos pormenores necessários.

– Não sei – reconheceu. – Pareceu-me verdadeira.

– Não é surpreendente. A mesma cor, o mesmo tamanho, estava escuro na rua e você estava aterrorizada. Quem sabe? Mas isso pode explicar o facto de ele nunca a ter empunhado. Pensou que talvez reparasse que a boca era pequena de mais.

Maria pensou antes de abanar a cabeça.

– Continua a não significar que a arma não era verdadeira. Ele pode tê-la comprado numa feira de armas. Ou pode tê-la comprado na rua. Não é impossível.

– É verdade – reconheceu Margolis. – A partir de agora, não descarto nada.

– E como é que sabe que o Dr. Manning estava a dizer a verdade em relação à sua arma?

– Porque ma mostrou depois da conversa, antes de se ir embora. E, sim, estava num estojo fechado à chave no porta-bagagens. – Quando Maria não disse nada, continuou. – Há mais uma coisa que deve saber.

– O quê?

Margolis abriu o dossiê e retirou uma folha de internamento do Hospital Psiquiátrico de Plainview. Empurrou-a para Maria por cima da mesa.

– O Lester Manning estava no hospital na noite em que os pneus do seu carro foram cortados. Recebi este fax de Plainview esta manhã. Pode ver a data em que ele deu entrada no hospital.

Maria olhou para o documento que estava à sua frente e não conseguiu acreditar.

– Tem a certeza de que é verdadeiro?

– Sim. O Dr. Manning fez o pedido à minha frente e o fax chegou poucos minutos depois, diretamente do hospital.

– O Lester não se podia ter escapulido? Como fez ontem?

– Não nessa noite. Segundo os registos, ele passou a noite inteira no seu quarto. Os enfermeiros foram vê-lo de meia em meia hora. – Maria não disse nada. No silêncio, Margolis bebeu um gole de café. – Em parte, é por isso que queria encontrar-me consigo. Se outra pessoa cortou os pneus do seu carro, quem poderá ter sido? Quando fiz a pergunta ao Dr. Manning, ele aconselhou-me a investigar o Mark Atkinson.

– Porquê?

– Porque o Atkinson pode estar a tentar incriminar o Lester.

– Isso não faz sentido.

– Talvez... a não ser que o Atkinson conhecesse o Lester e tivesse um motivo possível. E acontece que pode ser isso. Foi o Lester que apresentou a Cassie ao Atkinson.

Maria demorou algum tempo a assimilar aquilo.

– O Lester e o Atkinson conheciam-se?

– Trabalham para a mesma empresa de limpezas. Ou trabalhavam. Segundo o Dr. Manning, depois de a Cassie morrer o Lester e o Atkinson tiveram um desentendimento. O Lester confrontou o amigo por não ter conseguido proteger a Cassie quando o Laws apareceu, chamou-lhe cobarde e envolveram-se numa

luta. Não há registo, mas isso não quer dizer nada. As pessoas quase nunca chamam a polícia em situações como esta. Resumindo, segundo o Dr. Manning, o Atkinson ficou furioso.

– E tem a certeza disso?

– Não em relação à luta. Mas é verdade que o Lester e o Atkinson trabalharam juntos. A seguir à nossa conversa de ontem liguei de novo para a mãe dele e depois para o supervisor da empresa de limpezas. A propósito, foi o que quis dizer quando referi que estava a analisar ângulos diferentes. Porque alguma coisa na forma como o Atkinson desapareceu da cidade me intrigou desde o primeiro momento. *Até* posso aceitar a ideia de que se foi embora para conhecer a mulher dos seus sonhos ou seja lá o que for... há homens que conseguem ser estúpidos a esse ponto... mas nenhum contacto com a mãe a não ser duas cartas? Que tiveram de ser impressas num computador? Nenhum telefonema nem mensagem de texto para a mãe ou para os amigos? Quando está a acontecer tudo isto consigo? Não me pareceu lógico.

– No entanto, continuo a não compreender porque é que o Atkinson viria atrás de mim. Como já lhe disse, nunca conheci o homem.

– É possível que ele esteja zangado pelo mesmo motivo que pensa que o Lester estará? Porque o Laws saiu da prisão e matou a Cassie? E culpa-a?

– Talvez – disse ela, devagar. – Mas... é o Lester que tem andado a seguir-me. Foi ele que mandou as flores e que pagou a bebida. Foi o Lester que apareceu na minha casa ontem à noite...

– Exatamente – concordou Margolis. – E tudo isto fez-me pensar se o Dr. Manning estava enganado sobre a relação entre o Lester e o Atkinson. Se ele tem razão e o Atkinson *está* a tentar incriminar o Lester, então como é que conseguiu que ele fizesse as coisas de uma forma tão perfeita? Sobretudo quando pensamos no que aconteceu ontem à noite? No entanto, se descartar essa ideia, ficamos com mais duas possibilidades. A primeira é que o Lester sabia que o Atkinson ia atrás de si e decidiu juntar-se a ele. Claro que isso suscita a questão de como é que ele saberia o que o Atkinson estava a planear, o que dá origem a uma nova caixa de Pandora. No entanto, se também excluirmos essa ideia, há uma terceira possibilidade.

Maria olhou para Margolis do outro lado da mesa, quase com medo de ouvir o que ele ia dizer a seguir.

– E se – sugeriu ele por fim – o Lester e o Atkinson estiverem a trabalhar juntos? E estiverem a proporcionar álibis um ao outro?

Maria não disse nada, tentando assimilar as perguntas do detetive.

– Eu sei o que está a pensar – disse Margolis. – E também me parece uma loucura, mas das três explicações é a única que parece fazer algum sentido.

– Ainda não sei bem porque é que pensa que o Atkinson pode estar envolvido. Talvez o Lester tenha mandado algum sem-abrigo ou algum miúdo cortar os pneus do meu carro e deixar o bilhete porque sabia que teria o álibi perfeito. Porque tudo o resto aponta para o facto de que é provável que ele esteja a trabalhar sozinho.

– Nem tudo – disse Margolis. – O que acontece é que eu verifiquei os registos dos carros que estavam estacionados perto do parque, como o Colin sugeriu. E um deles fez acender um grande alerta vermelho.

– Porquê?

– Porque o carro em questão está registado em nome de Mark Atkinson.



– Aquilo faz algum sentido para ti? – perguntou Maria a Colin depois de Margolis se ir embora. –

Sobre o Lester e o Atkinson estarem a trabalhar juntos?

– Não sei – admitiu Colin.

Ela abanou a cabeça.

– É o Lester. Sozinho. Tem de ser. – Ao ouvir-se, pareceu que se estava a tentar convencer. – E, se estiverem a trabalhar juntos, porque é que o carro do Atkinson está no parque? Como é que fugiram? O Lester não tem carro.

– Como o Margolis sugeriu ontem à noite, talvez tenha roubado um.

Ela abanou a cabeça.

– É tão confuso. Tudo isto é como uma daquelas bonecas russas. Abrimos uma e há outra lá dentro, e assim sucessivamente. E o que é que vou fazer agora? E se o detetive descobrir alguma coisa que implica o Atkinson? Também vou pedir uma Cinquenta-C para ele?

– Poderás ter de fazer isso.

– E se também não conseguirem encontrar o Atkinson? Nem sequer a mãe consegue saber onde ele está. De que adianta uma Cinquenta-C se ele não a receber?

Colin não respondeu, mas sentiu que Maria não precisava de uma resposta. Os seus pensamentos continuaram a multiplicar-se e as palavras precipitaram-se da sua boca.

– Só Deus sabe onde o Lester está, mas é a mesma situação. De que adianta a Cinquenta-C se também não o conseguirem encontrar?

– Vão encontrá-lo.

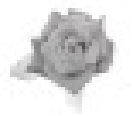
– Como?

Em vez de responder, Colin pegou-lhe na mão.

– Por enquanto, acho que a nossa melhor aposta é manter o plano, acima de tudo porque poderão ser dois.

– Porque pensas que é mais fácil duas pessoas seguirem-me?

– Sim. E porque, enquanto não soubermos o que está a acontecer verdadeiramente, a única coisa que podemos fazer é manter-te em segurança.



Depois de deixarem o carro de Maria no seu apartamento, Colin e ela foram para o centro comercial Independence no *Camaro*, seguindo por um percurso sinuoso que incluiu estradas secundárias e viragens abruptas. Embora nenhum deles visse alguém pelos espelhos retrovisores, não correram riscos.

No centro comercial, passaram quarenta minutos a passear por diferentes lojas, de mãos dadas, a ver várias coisas. De vez em quando voltavam para trás, observando os rostos de quem vinha atrás deles, mas Maria não tinha a certeza se adiantaria alguma coisa. Apesar de saber como era Lester, Atkinson era um mistério. Nessa manhã, Colin entrara no computador dela, acedera ao Pinterest e ela estudara a fotografia de Atkinson no cartaz de pessoas desaparecidas, perguntando a si mesma se seria fiável. Ele tinha um rosto banal, do tipo que se fundia naturalmente numa multidão, e podia muito bem ter mudado a cor do cabelo. Ou deixado crescer um bigode, ou rapado a cabeça. Enquanto isso, as teorias de Margolis continuavam a perseguir-se umas às outras na sua cabeça.

Atkinson a tentar incriminar Lester. Lester a tentar incriminar Atkinson. Lester e Atkinson a trabalharem juntos. Ou estaria Lester a trabalhar sozinho enquanto Atkinson fugira com uma rapariga e, nesse caso, seria o carro uma mera coincidência?

Quem sabia? Todas as possibilidades, quando analisadas logicamente, se desfaziam a dada altura.

Por fim, e seguindo o plano, dirigiram-se para uma loja de roupa de senhora. Maria tirou algumas blusas dos cabides, sem se importar com os modelos mas fingindo-se concentrada. Colin manteve-se ao seu lado e ia fazendo alguns comentários às peças. Ao meio-dia em ponto, ela disse a Colin que queria experimentar as roupas e dirigiu-se para os provadores.

– Já volto, Colin – disse. Quando entrou na zona de provadores, Lily espreitou de um dos cubículos. Maria entrou no mesmo cubículo, reparando na roupa da amiga: sapatos vermelhos de salto alto, calças de ganga, blusa vermelha e um cravo no cabelo. Na mão, tinha um par de óculos escuros de lentes grandes e um molho de chaves; no chão, havia um saco azul-marinho e um saco de uma loja.

– Oh, querida. Pobrezinha – disse Lily, pegando-lhe nas mãos. – Eu sei que esta situação é extremamente stressante para ti e não consigo imaginar como é que consegues manter-te lúcida e ainda por cima estares tão linda como da primeira vez que te vi. Ora, se fosse comigo, a minha pele já estaria cheia de borbulhas.

Duvido, pensou Maria. Lily era o tipo de miúda que nunca devia ter tido uma única borbulha na vida. Mas tinha sido uma coisa amorosa para dizer.

– Obrigada – disse Maria. – E sei que estou a pedir muito...

– Não estás nada – exclamou Lily –, e não quero que voltes a dizer isso. Sou tua amiga e é isso que os amigos fazem uns pelos outros, especialmente numa situação tão assustadora como esta.

– Não vi o Evan – comentou Maria.

– Ele foi para a zona dos restaurantes há alguns minutos. Deve estar a comer alguma coisa que faz muito mal à saúde, mas, tendo em conta que tem sido um amor em relação a tudo isto, jurei que não comentaria os seus hábitos alimentares.

– Achas que vai resultar?

– É claro que vai resultar – disse Lily. – Normalmente, as pessoas veem o que esperam ver. Aprendi isso nas aulas de teatro. Aliás, tive uma professora maravilhosa. Mas falaremos sobre isso mais tarde. Vamos começar, está bem? Neste momento, o Colin e o Evan estão a olhar para o relógio. – Entregou o saco azul-marinho a Maria, bem como os óculos escuros e as chaves do seu carro. – A peruca e a roupa estão aqui – disse ela. – Tenho a certeza de que o que trouxe vai servir-te na perfeição. Desconfio que vestimos o mesmo número.

Não exatamente, mas quase, pensou Maria.

– Onde é que arranjaste as perucas tão depressa?

– Numa loja de perucas. Onde haveria de ser? E, embora não sejam perfeitas... seria impossível assim a curto prazo... vão ser mais do que adequadas para os nossos objetivos.

Maria viu o que estava dentro do saco.

– Posso pagar-te tudo isto...

– Não, é claro que não vais pagar. E, apesar de soar horrível, todas as atividades misteriosas desta manhã foram um bocado excitantes. Recorda-me o baile de máscaras no clube de campo dos meus pais. Agora, vamos começar... e não te esqueças do cravo. É o tipo de pormenor em que as pessoas reparam. Vou mandar uma mensagem de texto ao Evan e ele estará aqui dentro de alguns minutos.

Maria saiu do provador de Lily e esgueirou-se para o do lado. No saco estava uma roupa igual à que ela usava e também uma peruca loura e um cravo vermelho. Maria vestiu-se, pôs a peruca e passou um minuto a ajustá-la bem. Prendeu o cravo na peruca, aproximadamente no mesmo lugar onde Lily usava o seu, e depois pôs os óculos escuros.

De perto, não era nada parecida com Lily. Mas ao longe, talvez...

Calçou os sapatos vermelhos de salto alto e saiu do provador ao meio-dia e um quarto. Evan dirigiu-se para ela.

– Olá, Lily – disse, quando se aproximou. – Gostaste de alguma coisa? – Num canto, viu Colin a fingir-se interessado em alguma coisa no seu telemóvel.

Maria abanou a cabeça. Evan inclinou-se para ela e deu-lhe um beijo na face antes de lhe dar a mão. Saíram da loja devagar e entraram numa loja multimarcas, dirigindo-se para as saídas.

O carro de Lily estava dois espaços mais adiante. Maria carregou no botão do porta-chaves, destrancando as portas, e sentou-se atrás do volante enquanto Evan se sentava ao seu lado. Olhou para o relógio.

Sabia que Lily sairia da loja de roupa de senhora dali a dois minutos, vestida como ela estivera, com uma peruca escura. Colin iria dar-lhe a mão e levá-la para outra loja e provador, onde ela vestiria a sua roupa original. Lily acabaria por sair do centro comercial com Evan. Entretanto, Colin iria para o seu carro sozinho, como se Maria nunca tivesse estado no centro comercial.

Talvez tudo isto tenha sido desnecessário, pensou Maria. Mas sabia que a palavra-chave era *talvez*. Possivelmente a ser seguida por duas pessoas, nem ela nem Colin queriam correr riscos e ambos queriam que ela ficasse num sítio onde ninguém pensasse procurá-la, um sítio onde nunca estivera antes.

A casa de Lily.

Maria ligou o carro e arrancou. Ninguém tinha saído da loja atrás dela e nenhum carro arrancou. Contornou o centro comercial, seguindo as instruções de Evan, e depois encostou e ele saiu junto de outra entrada do edifício.

– Obrigada – disse ela.

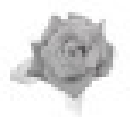
– Foi um prazer – disse Evan. – E não te esqueças de que estarás completamente segura. A Lily e eu já vamos lá ter com as tuas coisas, está bem?

Ela acenou com a cabeça, ainda nervosa. Passado um minuto saiu do parque de estacionamento do centro comercial e virou para a estrada principal. Como fizera com frequência nos últimos tempos, virou algumas vezes ao acaso e não parou de olhar pelo espelho retrovisor até sentir que o nervosismo começava a passar.

Ninguém a podia ter seguido. Tinha a certeza.

Bem, quase a certeza.

Nos últimos tempos, nada parecia certo.



O apartamento de Lily ficava a menos de um quilómetro e meio do Crabby Pete's e tinha estacionamento privado e murado e janelas na sala de estar com uma vista de mar espetacular. Estava muito bem decorado em tons de branco, amarelo e azul – não era de admirar – e sentiu que era ao mesmo tempo acolhedor e confortável. Maria passou alguns minutos a olhar para a praia sem sair e por fim correu os estores antes de se sentar no sofá.

Estendeu-se com um suspiro, pensando que estava mesmo a precisar de uma pequena sesta. Naquele momento, o telemóvel que Colin lhe dera tocou e quando atendeu reconheceu a voz de Margolis do outro lado.

– Duas coisas. Telefonei para o meu amigo detetive em Charlotte e deixei-lhe uma mensagem para que ele visse o que conseguia descobrir sobre o Atkinson, quer com a mãe, quer em casa dele, por isso essa parte já está em curso. Mais importante, também queria dizer-lhe que a Cinquenta-C já está garantida. Agora, estou à espera da papelada.

– Obrigada – disse ela, deixando o óbvio por dizer; que ainda tinham de encontrar Lester para lha

entregar. E talvez obter uma segunda para Atkinson. Quando desligou, telefonou a Colin para lhe dizer e depois também ligou aos pais para lhes contar as novidades. Demorou alguns minutos a conseguir afastar a mãe do telefone e, quando desligou por fim, percebeu de novo que se sentia exausta. Como se tivesse andado a correr sem parar durante dias, o que, de certa forma, acontecera.

Fechou de novo os olhos, mas o sono não veio logo. Por muito breve que tivesse sido, o telefonema de Margolis desencadeara uma nova série de perguntas. No entanto, o cansaço acabou por vencer e, por fim, sentiu que começava a mergulhar num sono abençoado.

CAPÍTULO 27



Colin

Depois de falar com Maria, Colin tirou as malas do carro, colocou os auriculares e pôs música enquanto levava o computador dela para a mesa da sala de jantar. Queria verificar uma coisa e, embora pudesse ter mencionado a ideia a Maria ou a Margolis enquanto bebiam café, decidira não dizer nada. Era um palpite que poderia não dar em nada, mas, agora que a Cinquenta-C tinha sido assinada, pensou que não perdia nada em confirmar. E o envolvimento de Atkinson não vinha ao caso; nesse momento, encontrar Lester era uma prioridade.

Ocorrera-lhe naquela manhã. Acabara de se despedir de Maria e, enquanto se dirigia para o carro, tentara compreender os factos à sua disposição: que a ordem do tribunal não adiantaria nada a não ser que conseguissem encontrar Lester; que era urgente tomar uma atitude; que Lester era perigoso; que aparecera com uma arma e deixara Maria aterrorizada; e, claro, que lhe roubara o telemóvel...

O telemóvel...

E ao pensar nisso uma recordação ganhou forma, uma recordação que o levou de volta à noite em que conhecera Maria. Quando estava a chover e ele parara... assustando-a com o seu aspeto depois da luta... e ela lhe pedira para usar o seu telemóvel porque perdera o dela. Na altura, Maria estava a divagar um pouco, mas o que é que dissera?

Parara junto do carro, a tentar lembrar-se.

«Não o perdi... Está no escritório, ou deixei-o em casa dos meus pais, mas só vou saber quando tiver acesso ao meu MacBook... Eu uso aquela coisa de Encontrar o Meu Telefone... Consigo saber onde é que ele está porque está sincronizado com o computador.»

O que significava, é claro, que também conseguiria localizá-lo.

Ficou surpreendido por Margolis não ter pensado nisso. Ou talvez tivesse pensado e já tivesse verificado, e não descobrira nada porque Lester se livrara do aparelho, ou o desligara, ou a bateria estava descarregada. Ou talvez fizesse parte das informações que Margolis não podia partilhar. Por outro lado, estavam a acontecer tantas coisas que não era impossível que a ideia tivesse sido temporariamente esquecida.

Colin não queria ter muita esperança – as probabilidades de ter sucesso eram pequenas e ele tinha consciência disso –, mas bastaram alguns cliques com o cursor para o seu coração bater com força quando percebeu o que estava a ver. O telemóvel continuava ligado e a bateria tinha carga suficiente para lhe permitir ver que estava numa casa em Robins Lane, em Shallotte, uma pequena cidade a sudeste de Wilmington, próximo de Holden Beach. Shallotte ficava a uns bons quarenta e cinco minutos de distância e Colin olhou para a localização para ver se o aparelho ainda estava em movimento.

Não estava. O *site* também lhe dava acesso aos movimentos anteriores do telemóvel, e dois cliques depois ficou a saber que fora levado da casa dos Sanchez para a casa em Robins Lane sem quaisquer desvios.

Interessante. Sem dúvida interessante, mas ainda não era uma prova. Talvez Lester soubesse que o telemóvel seria localizado e o tivesse atirado para o carro de alguém ou para a parte de trás de uma carrinha de caixa aberta enquanto fugia. Ou talvez o tivesse deixado cair e alguém o encontrasse.

Ou talvez estivesse demasiado paranoico para pensar nisso.

Não podia saber com certeza, mas valia a pena ir ver...

Hesitou em ligar a Margolis, mas depois pensou que talvez fosse preferível ter a certeza antes. Shallotte nem sequer ficava no mesmo distrito e não queria fazer Margolis perder o seu tempo se não fosse nada...

Sentiu um toque no ombro e estremeceu de forma automática. Quando se voltou, Evan estava parado atrás de si. Colin tirou os auriculares.

– Não estás a planear fazer o que eu penso, pois não? – perguntou Evan.

– O que estás aqui a fazer? Não te ouvi entrar.

– Eu bati, mas tu não respondeste. Espreitei. Vi-te com o computador da Maria. Fiquei a pensar que talvez quisesse fazer uma coisa estúpida. Achei que devia perguntar, só para confirmar.

– Não é uma coisa estúpida. Estive a localizar o telemóvel dela – explicou ele.

– Eu sei – disse Evan, apontando para o computador. – Consigo ver o ecrã. Quando é que te lembraste disso?

– Esta manhã. Quando saí da casa dos pais da Maria.

– Muito fixe – disse Evan. – Já ligaste para o Margolis?

– Não.

– Porque não?

– Porque tu entraste. Ainda não tive tempo.

– Então, telefona-lhe agora – disse Evan. Quando Colin não pegou no telefone, Evan suspirou. – Foi o que eu quis dizer quando te perguntei se estavas a pensar fazer alguma coisa estúpida. Porque não estavas a pensar telefonar-lhe, pois não? Ias ver primeiro, antes de lhe ligar.

– Pode não ser o Lester.

– E depois? Deixa o Margolis ir verificar. No mínimo, o telemóvel da Maria está lá e ele vai poder recuperá-lo. E tenho de te lembrar que é um trabalho para a polícia? Tens de deixar o Margolis fazer o seu trabalho. Tens de lhe telefonar.

– E vou telefonar. Quando confirmar se é ele ou não.

– Sabes qual é a minha opinião? – perguntou Evan. – Estás a mentir.

– Eu não minto.

– Talvez não a mim. Mas, neste momento, penso que estás a mentir a ti mesmo. Isto não tem nada a ver com fazer o Margolis perder o seu tempo. A verdade é que acho que tu queres ser o centro de tudo isto. Acho que queres ver o Lester e dar um rosto a um nome. Acho que estás irritado e que te acostumaste a resolver as coisas à tua maneira. E acho que queres ser o herói, como quando te puseste a tirar fotografias no telhado, ou ontem à noite, quando arrombaste a porta da casa dos pais da Maria com um pontapé, embora a polícia já lá estivesse.

No seu íntimo, Colin reconheceu que Evan podia ter razão.

– E?

– Estás a cometer um erro.

– Se descobrir que é o Lester, telefono para o Margolis.

– E como é que vais fazer isso? Vais bater à porta e perguntar se o Lester está em casa? Vais aproximar-te à socapa e tentar espreitar pelas janelas? Rezar para que ele saia para lavar o carro? Enfiar um bilhete por baixo da porta?

– Quando lá chegar, penso em alguma coisa.

– Oh, é um bom plano – disse Evan com brusquidão. – Porque quando tu tratas das coisas corre *sempre* tudo bem, não é? Por acaso lembras-te de que o Lester tem uma *arma*? E que podes ver-te envolvido numa situação que poderias ter evitado? Ou que podes piorar ainda mais as coisas? E se o Lester te vir? Ele pode fugir pelas traseiras, e no futuro ainda será mais difícil encontrá-lo.

– Ou talvez já esteja a pensar fugir, e poderei segui-lo.

Evan pousou as mãos nas costas da cadeira de Colin.

– Não vou conseguir convencer-te a não fazer isto, pois não?

– Não.

– Então, deixa-me levar a Lily a casa e vou contigo.

– Não.

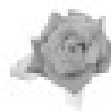
– Porque não?

– Porque não há motivo para vires.

Evan soltou a cadeira e endireitou-se de novo.

– Não faças isso – disse ele por fim. – Para o teu próprio bem, telefona para o Margolis. – Sem dúvida a tentar reforçar a sua ideia, pegou no computador de Maria e, já perto da porta, guardou-o de novo na mala dela. Pegou nas outras coisas e saiu do apartamento de Colin, batendo com a porta.

Colin ficou a vê-lo ir sem dizer uma única palavra.



Quinze minutos mais tarde, já no carro a caminho de Shallotte, Colin pensou no que Evan dissera.

Porque é que ia sozinho? Porque é que não telefonara a Margolis? O que é que esperava alcançar?

Porque, como Evan insinuara, a situação tornara-se pessoal. Ele queria dar, por fim, um rosto a um nome; queria ver com os próprios olhos como ele era. Queria ver Lester a receber a providência cautelar das mãos de Margolis e, depois, arranjar uma maneira de o manter debaixo de olho, embora também não dissesse isso a Margolis. Pensou que tinha chegado o momento de Lester começar a olhar por cima do ombro, e não o contrário.

Se fosse Lester, é claro...

E, no entanto, Evan recordara-lhe os riscos se o seu palpite estivesse certo. Evan era bom nessas coisas, e Colin sabia que teria de ter cuidado. Estava a um único erro de ir parar à prisão e prometeu a si mesmo que se limitaria a vigiar. Mesmo que Lester passasse pelo carro, não ia tocar-lhe. E no entanto sentia-se enervado e a adrenalina já começava a fluir-lhe pelo corpo.

Obrigou-se a respirar de forma profunda e regular.

Percorreu as ruas de Wilmington, a apanhar todos os semáforos vermelhos, e acabou por chegar à Estrada 17. Tinha digitado Robins Lane no telemóvel e foi vendo as indicações à medida que elas iam aparecendo. Seguiu os comandos verbais e passava pouco das duas da tarde quando começou a fazer as últimas curvas num tranquilo bairro operário que, à primeira vista, lhe pareceu muito semelhante àquele em que os pais de Maria moravam. Mas apenas à primeira vista. As casas eram mais pequenas e não estavam tão bem cuidadas; umas quantas tinham relvados malcuidados e viam-se alguns letreiros a dizer VENDE-SE que faziam a zona parecer transitória. O tipo de bairro onde as pessoas se metiam na sua

vida e onde não ficavam durante muito tempo.

Ou queriam esconder-se?

Talvez.

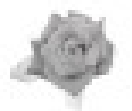
Estacionou diante de uma pequena vivenda duas portas abaixo do endereço que procurava, uma das casas para arrendar, atrás de uma velha carrinha que já vira melhores dias. Havia um pequeno alpendre em frente à casa e via a porta e um dos lados da casa, onde uma janela com cortinas corridas estava virada para uma casa vizinha. Espreitou para o lado mais afastado da casa e viu a frente de um carro azul, mas não conseguiu identificar a marca.

Estaria alguém em casa?

Tinha de estar. O carro de Atkinson estava no parque. Ou, pelo menos segundo Margolis, estava lá algumas horas antes.

Gostaria de ter o computador de Maria consigo. Teria sido útil para ter a certeza de que o telemóvel continuava lá. Perguntou a si mesmo se devia telefonar a Evan para saber, mas ele aproveitaria a oportunidade para lhe pregar mais um sermão e Colin não estava com disposição para o ouvir. Além disso, era mais do que provável que Evan e Lily já estivessem a dirigir-se para o apartamento dela com as coisas de Maria. O que significava que só podia vigiar e esperar que Lester acabasse por se aventurar a sair.

Porém, como Evan lhe lembrava, nem sabia muito bem como ele era.



Colin olhou para o telemóvel e viu que já eram quase três horas. Estava a vigiar há uma hora. Não vira sinais de movimento atrás das cortinas da vivenda; ninguém saíra. O carro azul continuava no mesmo lugar.

Ao menos nenhum dos vizinhos parecera reparar nele e a rua estava tranquila. Tinham passado duas pessoas pelo seu carro; algumas crianças tinham passado a correr, a dar pontapés numa bola de futebol. O carteiro entrou na rua e Colin ficou momentaneamente entusiasmado – talvez conseguisse saber o nome de quem vivia na casa se espreitasse a caixa do correio –, mas ele passou pela casa e não deixou nada.

Aquilo foi estranho. Ele tinha parado em todas as outras casas do quarteirão.

Podia não significar nada.

Ou podia significar que quem morava naquela casa não costumava receber correspondência porque ela era enviada para outro lado.

Ficou pensativo.



O tempo continuou a passar. Já eram quatro horas e Colin começou a ficar impaciente. Lutou contra a vontade de fazer... *alguma coisa*. Pensou novamente em telefonar a Margolis. Pensou em correr o risco de bater à porta. Confiava na sua capacidade de não reagir de uma forma exagerada. Ou quase.

Deixou-se ficar no carro, a respirar fundo e devagar, e ficou espantado quando o telemóvel apitou. Evan.

O que estás a fazer?

Colin respondeu à mensagem de texto: *Nada*.



Passou mais uma hora. Cinco da tarde, e o sol começou a descer no céu, ainda brilhante mas a deixar antever o início gradual do crepúsculo. Colin perguntou a si mesmo quando, ou se, as luzes se acenderiam no interior; desde que ali estava, tornara-se mais fácil imaginar que não estava ninguém na vivenda.

O telemóvel apitou de novo. Evan. Outra vez.

Estou aí daqui a um minuto, dizia a mensagem. *Estou quase no teu carro*.

Colin franziu a testa e depois olhou por cima do ombro e viu Evan a aproximar-se atrás do carro. Evan entrou, fechou a porta e depois fechou o vidro. Colin fez o mesmo.

– Sabia que estarias aqui. No instante em que saí da tua casa, percebi exatamente o que pretendias fazer. E depois mentes-me na mensagem de texto? Sobre não estares a fazer nada?

– Não estava a mentir. Não estou a fazer nada.

– Vieste para cá. Estás a vigiar a casa. Andas à procura do Lester. Isso é alguma coisa.

– Não, se não o vi.

– Então, qual é o plano agora?

– Ainda estou a trabalhar nisso – respondeu Colin. – Como está a Maria?

– Estava a dormir no sofá quando chegámos, mas quando acordou a Lily começou a falar com ela sobre os nossos planos de casamento. E eu achei boa ideia vir ver o que andas a fazer, porque ela pode passar horas a falar sobre o assunto...

Naquele momento, Colin avistou um movimento rápido na frente da vivenda. A porta a abrir-se. Um homem a começar a sair para o alpendre, com uma lata de alguma coisa na mão.

– Baixa-te – murmurou Colin enquanto se baixava rapidamente. – E fica quieto.

Evan obedeceu de forma automática.

– Porquê?

Colin levantou a cabeça com cuidado, sem responder, pois precisava de ver melhor. O homem saía para o alpendre e a porta continuava aberta atrás dele. Colin espreitou com mais atenção, recordando a imagem de Atkinson. Concluiu que não era ele e tentou lembrar-se do que Maria dissera sobre as roupas que Lester usava na noite anterior. *Camisa vermelha desbotada e calças de ganga rasgadas?*

Sim, pensou Colin. A mesma coisa que o homem usava agora.

Lester?

Tinha de ser, e Colin sentiu nova descarga de adrenalina. Lester estava na vivenda. Nem sequer mudara de roupa...

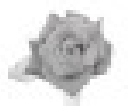
Alguns segundos mais tarde, o homem virou-se e entrou em casa, fechando a porta principal.

– É ele? – sussurrou Evan.

– Sim – respondeu Colin. – É ele.

– E vais telefonar ao Margolis agora, certo? Como disseste que farias?

– OK – disse Colin.



Ao telefone, e depois de amaldiçoar Colin sem rodeios por esconder informações, Margolis disse que estava a caminho e que chegaria o mais depressa possível. Disse-lhes para não seguirem Lester nem

qualquer outra pessoa que sáísse daquela casa. Insistiu que tinham de o deixar resolver o assunto e que, se Colin sáísse do carro, arranjaria um motivo para o algemar, porque começava a ficar farto de o ver fingir que sabia o que estava a fazer. Seguiram-se mais alguns palavrões, e, quando Colin desligou, Evan olhou para ele.

– Eu avisei-te que ele não ia ficar contente – comentou.

– OK.

– E não te importas?

– Porque é que me importaria?

– Porque ele pode fazer-te a vida ainda mais negra.

– Só se eu fizer alguma coisa que me meta em sarilhos.

– Como interferir numa investigação policial?

– Estou sentado no meu carro. Telefonei-lhe com a informação de que ele precisava. Não estou a interferir. Sou uma potencial testemunha. Ele disse-me o que fazer e eu vou obedecer.

Evan mexeu-se.

– Já posso endireitar-me? Estou a ficar com uma câibra.

– Nem sei porque é que ainda estás agachado.



Quarenta minutos mais tarde, Margolis aproximou-se do carro de Colin e parou, com o carro ainda na via e o vidro da janela do passageiro descido.

– Eu não te disse para desapareceres daqui? – disse Margolis.

– Não – respondeu Colin –, não disse. Disse-me para não sair do carro e para não o seguir.

– Estás a armar-te em esperto?

– Não.

– Porque parece que sim. Ontem à noite, não me poupei a esforços para impedir que fosses preso e depois, esta manhã, «esqueces-te» de mencionar esta ideia? Para poderes andar a brincar outra vez ao Sr. Polícia?

– A Maria disse-lhe que o Lester tinha levado o *iPhone* dela. Os *iPhones* são fáceis de localizar. Pensei que já devia ter tratado disso.

A expressão de Margolis mostrou que ele ignorara o óbvio.

Depois de se recompor, disse com brusquidão:

– Quer acredites quer não, o meu mundo não gira à tua volta, nem da tua namorada. Tenho outros casos. Casos importantes. Ia tratar do assunto.

Claro que ias, pensou Colin.

– Vai buscar o telemóvel da Maria?

– Se ele o tiver. Para além da tua palavra, não tenho nenhuma prova de que está em seu poder.

– Há duas horas, ainda estava aqui – interrompeu Evan. – Eu confirmei antes de vir para cá.

Margolis olhou para Evan, claramente irritado, e depois abanou a cabeça.

– Vou buscar o telemóvel dela – disse Margolis. – Agora, vão-se embora. Os dois. Não preciso de vocês aqui e não vos quero aqui. Eu trato disto.

Fechou o vidro, destravou o carro e deixou-o deslizar até parar diretamente em frente à vivenda. Colin viu Margolis sair e parar um momento para observar o local antes de contornar o carro e percorrer o caminho de acesso à casa.

Enquanto subia os degraus para o alpendre, voltou-se para Colin e, com o polegar, fez-lhe sinal de que estava na hora de se ir embora.

É justo, pensou Colin. A chave continuava na ignição e ele rodou-a, mas ouviu apenas silêncio, o motor completamente morto. Tentou de novo, com o mesmo resultado. Morto.

– Deixa-me adivinhar – disse Evan. – O teu carro é uma porcaria.

– Hoje, talvez.

– O Margolis não vai ficar contente.

– Não posso fazer nada.

Falava com Evan enquanto se mantinha atento a Margolis, que ainda não batera à porta. Em vez disso, o detetive estava na outra ponta do alpendre, a espreitar para o carro que se encontrava estacionado na rampa de acesso. Quando se voltou, Colin pensou ver uma expressão confusa no seu rosto enquanto se dirigia para a porta. Ele hesitou antes de bater e, depois de uma longa pausa, agarrou na maçaneta e rodou-a, entreabrindo a porta.

Alguém a falar, dizendo-lhe para entrar e que a porta estava aberta?

Margolis falou pela abertura e depois pegou no distintivo enquanto entrava pela porta já aberta, desaparecendo da vista...

– Vamos para o meu carro – disse Evan. – Quando o Margolis sair, já estaremos longe daqui. Eu sei que ele te detesta, mas não quero que te deteste ainda mais. Nem a mim. Ele parece mau.

Colin não falou. Estava a pensar na expressão que vira no rosto do detetive antes de ele bater à porta. Margolis vira alguma coisa, alguma coisa que... não fazia sentido? Que o surpreendera? Alguma coisa que não esperava?

E porque é que Lester o teria convidado para entrar se estava paranoico e com medo da polícia?

– Passa-se algo de errado – disse Colin, expressando o pensamento de forma automática, sem sequer se aperceber de que tinha falado.

Evan olhou para ele.

– O que é que estás a dizer? – perguntou, e naquele instante Colin ouviu o barulho inconfundível de tiros, altos e explosivos, dois tiros em rápida sucessão.

Colin já estava a abrir a porta quando Margolis voou pela porta, com o casaco e a camisa ensopados em sangue e a mão no pescoço. Cambaleou pelo alpendre, caindo para trás nos degraus e deslizando para o caminho de acesso.

Nesse momento, Colin já estava fora do carro... a agir por instinto... a correr para Margolis... a acelerar a cada passo... a ver Margolis contorcer-se no chão.

Lester saiu para o alpendre, a gritar palavras incoerentes e a segurar uma arma. Ergueu-a, apontando-a para Margolis. No seu rosto estampavam-se medo e fúria, e a mão da arma tremia. Lester gritou de novo e baixou a arma antes de a erguer de novo...

Colin continuou a correr a toda a velocidade para a casa, atravessando o relvado do vizinho, saltando por cima de um pequeno arbusto, aproximando-se do alpendre. De *Lester*. Concentrando-se. Mais alguns segundos.

Lester continuava a apontar a arma para Margolis sem premir o gatilho. O seu rosto estava vermelho e os olhos raiados de sangue. *Descontrolado*. A gritar para Margolis: *A culpa não é minha!* e *Eu não fiz nada!* e *Não vou voltar para a cadeia!* e *Eu sei o que a Maria está a fazer!*

Lester aproximou-se dos degraus do alpendre, reduzindo a distância que o separava de Margolis enquanto continuava de arma apontada, a mão trémula. Desafiante. Consciente de uma mancha na sua visão periférica, virou-se de repente, rodando a arma na direção de Colin...

Demasiado tarde.

Colin atirou-se por cima do corrimão do alpendre, com os braços abertos, e chocou com toda a força contra Lester. A arma voou, rodopiando e caindo no alpendre.

Colin tinha mais vinte quilos que Lester e sentiu as costelas do homem estalarem quando caíram no chão. Lester gritou de dor, momentaneamente paralisado.

Colin moveu-se depressa, saltando de cima dele e rodeando-lhe o pescoço com o braço. Depois, prendeu-lhe o braço com a outra mão. Lester começou a espernear e a contorcer-se, com o pescoço preso entre o bíceps e o antebraço de Colin. Ele aplicou pressão nas carótidas, num movimento de estrangulamento clássico, enquanto Lester tentava escapar freneticamente.

Passados alguns segundos, os olhos de Lester começaram a revirar-se, a ficar brancos, e ele deixou de se mexer.

Colin continuou a aplicar pressão suficiente para o manter desmaiado durante mais do que alguns segundos. Depois, levantou-se depressa e correu para Margolis.

Com o rosto branco como uma folha de papel, ele continuava a respirar mas já não se mexia, e Colin tentou perceber o que estava a ver. Ele fora alvejado duas vezes, no estômago e no pescoço, e estava a perder muito sangue.

Colin despiu a camisa e rasgou-a ao meio quando Evan apareceu a correr, com uma expressão aterrorizada.

– Santo Deus! O que é que fazemos?

– Liga para o 112! – gritou Colin, a tentar afastar a sensação de pânico e consciente de que, mais do que nunca, precisava de pensar com clareza. – Chama uma ambulância! Já!

Colin não sabia nada sobre ferimentos de bala, mas se Margolis continuasse a perder sangue não teria hipótese. Como o ferimento no pescoço parecia pior, foi aí que aplicou pressão. O sangue começou logo a ensopar a camisa rasgada; fez o mesmo na ferida do estômago, onde o sangue continuava a pulsar, formando uma poça cada vez maior por baixo do detetive.

O rosto de Margolis começou a apresentar um tom doentio de cinzento.

Ouvia Evan a gritar para o telemóvel que um polícia tinha sido alvejado e que precisavam de uma ambulância imediatamente.

– Despacha-te, Evan! – gritou Colin. – Preciso da tua ajuda!

Evan desligou a chamada e olhou para Margolis com uma expressão de quem ia desmaiar a qualquer instante. Pelo canto do olho, Colin viu Lester rodar a cabeça para o lado. Já a acordar.

– Pega nas algemas! – disse. – Certifica-te de que o Lester não pode fugir!

Ainda a olhar para Margolis, Evan parecia paralisado. Colin sentia que o sangue continuava a ensopar os retalhos da sua camisa; sentia o calor na mão, os dedos vermelhos e escorregadios.

– Evan! – gritou Colin. – Algemas! No cinto do Margolis! Agora!

Evan abanou a cabeça e começou a mexer nas algemas.

– E depois volta para aqui o mais depressa que puderes! – gritou Colin. – Preciso da tua ajuda!

Evan correu para Lester e prendeu uma algaema no seu pulso. Depois, arrastou o corpo para mais perto do corrimão e prendeu a outra algaema num poste. Lester gemeu, voltando a si quando Evan já corria para eles. Evan deixou-se cair de joelhos perto de Margolis, com os olhos muito abertos.

– O que é que faço?

– Encarrega-te da ferida do estômago... onde está a minha mão. E pressiona com força!

Embora a perda de sangue estivesse sem dúvida a abrandar, a respiração de Margolis estava mais superficial...

Evan obedeceu, permitindo a Colin usar as duas mãos no ferimento do pescoço, e segundos mais tarde ouviu a primeira das sirenes. Depois, o som multiplicou-se e, enquanto desejava que se apressassem, só

conseguia pensar: *Não morras agora. Por favor, não morras...*

No alpendre, Lester gemeu de novo e os seus olhos abriram-se por fim, alheios.

Um vice-xerife foi o primeiro a chegar, e logo depois apareceu um agente da esquadra de Shallotte, ambos travando a fundo no meio da rua com as luzes a piscar. Os dois homens saíram dos seus carros e correram para eles, com as armas em punho, sem saberem o que fazer.

– O detetive Margolis foi alvejado! – gritou Colin quando eles se aproximaram. – Foi alvejado pelo tipo que está algemado ao corrimão! – Tanto o vice-xerife como o polícia olharam para o alpendre e Colin obrigou-se a manter a voz firme. – A arma ainda está ali em cima. Nós não podemos largar estes ferimentos. E vejam se a ambulância está a chegar... ele perdeu muito sangue e não sei durante quanto mais tempo conseguirá aguentar!

O polícia aproximou-se do alpendre enquanto o vice-xerife correu para o carro e gritou para o rádio que havia um agente ferido, exigindo que a ambulância se despachasse. Colin e Evan continuaram concentrados nos ferimentos; Evan tinha recuperado o suficiente para voltar a ter alguma cor nas faces.

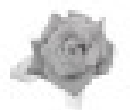
Minutos mais tarde chegou uma ambulância e dois paramédicos saíram e pegaram na maca. Já tinham chegado mais homens do gabinete do xerife, e também mais polícias, e a rua estava cheia de carros.

Quando os paramédicos substituíram Colin e Evan, Margolis parecia ainda pior. No momento em que foi colocado na maca, não reagia e quase não respirava. Os paramédicos trabalharam depressa; a maca foi colocada na ambulância e um deles sentou-se atrás do volante enquanto o outro ficava com ele. A ambulância arrancou com uma escolta de carros da polícia e do departamento do xerife, com as sirenes a apitar, e só naquele instante é que o mundo começou a regressar a pouco e pouco.

Colin sentiu os membros tremer quando os seus nervos começaram a acalmar. Nas mãos e nos pulsos apercebeu-se da sensação da viscosa camada sangue a secar; a camisa de Evan parecia ter sido parcialmente mergulhada numa lata de tinta vermelha. Ele afastou-se, curvou-se e vomitou.

Um dos agentes do gabinete do xerife foi ao porta-bagagens do seu carro e voltou com duas *T-shirts* brancas, entregando uma a Colin e a outra a Evan. Antes mesmo de fazer o seu depoimento, Colin pegou no telemóvel para ligar a Maria e lhe contar o que tinha acontecido.

No entanto, enquanto falava só conseguia pensar em Margolis.



Durante a hora seguinte, enquanto o céu foi escurecendo até ficar negro, uma multidão ainda maior de polícias e agentes do gabinete do xerife concentrou-se na vivenda, bem como um detetive de Wilmington e o xerife distrital.

Lester estava paranoico e conflituoso, a gritar coisas sem sentido e a resistir à detenção antes de ser, por fim, enfiado na parte de trás de um carro-patrolha e levado para a prisão.

Colin fez um depoimento ao xerife, a um agente da esquadra de Shallote e ao detetive Wright de Wilmington, que lhe fizeram perguntas em diversos momentos, e depois Evan fez o mesmo. Ambos admitiram que não faziam ideia do que acontecera quando Margolis entrara na casa, apenas que não estava lá há muito tempo quando se ouviram os tiros. Colin também lhes disse que Lester poderia ter matado Margolis, mas não o fizera.

Mais tarde, depois de ele e Evan serem autorizados a ir-se embora, telefonou a Maria para lhe dizer que ia mudar de roupa mas queria que Lily a levasse ao hospital para poder encontrar-se lá com ele. Enquanto falava com ela, ouviu um agente dizer ao detetive Wright e ao xerife que a casa estava vazia e que Lester parecia estar a morar sozinho.

Depois de falar com Maria, Colin começou a dirigir-se para a vivenda, curioso para perceber onde é que Atkinson estaria. E, afinal de contas, se Lester era tão paranoico, porque é que deixara Margolis entrar?

– Estás pronto para ir? – perguntou Evan, interrompendo os seus pensamentos. – Preciso de tomar um duche e sair daqui.

– Sim – disse Colin –, OK.

– O que é que queres fazer com o teu carro?

Colin olhou para o *Camaro*.

– Resolvemos esse assunto depois. Neste momento, não tenho energia para me importar.

Evan devia ter visto alguma coisa na sua expressão.

– Tens a certeza de que é boa ideia ir ao hospital?

Para Colin, era mais uma necessidade do que uma escolha.

– Quero saber se o Margolis vai ficar bem.

CAPÍTULO 28



Maria

Desde o telefonema de Colin, Maria não conseguia parar de pensar, tentando perceber tudo o que acontecera.

Colin a encontrar Lester. Lester a alvejar Margolis. Lester a apontar a arma a Colin. Colin a derrubar Lester. Colin e Evan a tentarem salvar a vida do detetive. Margolis a ser levado para a ambulância. Lester a resistir à detenção, a gritar que sabia o que Maria fizera.

Lester.

Soubera sempre que era Lester, que era com ele que tinha de se preocupar, e não parava de lembrar a si mesma que agora ele estava preso. Desta vez, não desaparecera nem fugira; desta vez, tinham-no apanhado e ele alvejara um polícia e não poderia vir atrás dela.

E o Atkinson?, perguntou uma voz no seu íntimo.

Não queria pensar naquilo. Ainda não sabia bem o que pensar. As peças do quebra-cabeças continuavam a não encaixar...

Era de mais. O que acabara de acontecer já era bastante esmagador; o facto de Colin e Evan estarem envolvidos era quase impossível de assimilar.

Maria imaginou que Lily estivesse a sentir o mesmo fluxo desenfreado de emoções; desde que tinham chegado ao hospital alguns minutos antes, ela quase não falara e não parava de observar o parque de estacionamento à procura do carro de Evan. Maria presumiu que Lily precisava de ver, de tocar e de abraçar o noivo, para provar a si mesma que ele estava verdadeiramente bem.

E Colin...

Claro que encontrara Lester sozinho; claro que correria para ele enquanto tinha uma arma apontada na sua direção; claro que o derrubara sem se magoar. E agora, é claro, Lester estava preso e, embora se sentisse aliviada, também estava zangada. E estava preocupada com Margolis e não conseguia perceber como é que Lester conseguira enganá-lo. Ela dissera-lhe que ele era perigoso; dissera-lhe que ele tinha uma arma. Porque é que Margolis não lhe dera ouvidos? Porque é que não tivera mais cuidado? Como é que se deixara alvejar? Maria não sabia, e Colin também não. Quando tinham falado antes, Colin dissera-lhe que não tinha a certeza se ele sobreviveria à viagem para o hospital, mas Maria imaginou que sim. Enquanto esperava com Lily, meia dúzia de polícias tinham entrado no hospital e nenhum saíra, o que significava que ele ainda estava vivo, certo?

Tinha demasiado medo para perguntar.

Quando o carro de Evan entrou por fim no parque de estacionamento, Maria quase não conseguia pensar com coerência. Seguiu Lily para o carro e quando Colin saiu abraçou-o com força.

Os quatro dirigiram-se para o hospital, pediram indicações e apanharam o elevador para o primeiro andar. Mandaram-nos ir até ao fundo do corredor, para a sala de espera de cirurgia, onde estavam muitos agentes das forças de segurança e algumas pessoas que deviam ser amigas ou da família. Rostos sombrios e tristes voltaram-se momentaneamente para eles.

Evan aproximou-se mais de Colin.

– Talvez não devêssemos estar aqui – sugeriu.

O rosto de Colin não revelou nada.

– Ele não teria sido alvejado se eu não lhe tivesse telefonado.

– A culpa não é tua – disse Evan.

– Ele tem razão, Colin – acrescentou Lily. – Foi o Lester que fez isto, não foste tu.

Apesar das palavras deles, Maria sabia que Colin ainda estava a tentar convencer-se da mesma coisa, mas não conseguia acreditar.

– Muito bem – disse Evan. – Vês alguém com quem possamos falar sobre o estado do Margolis? Não estou a ver nenhum enfermeiro...

– Ali – disse Colin, acenando para um homem de quarenta e tal anos com cabelo grisalho cortado à escovinha. O homem também os viu e começou a dirigir-se para eles.

– Quem é? – sussurrou Maria.

– O detetive Wright – disse Colin. – Foi um dos agentes que registou o meu depoimento logo a seguir. E o do Evan.

Wright aproximou-se, estendeu a mão, e Colin e Evan apertaram-na.

– Não esperava ver-vos aqui – comentou Wright.

– Tinha de saber como é que ele está – disse Colin.

– Só cheguei aqui há alguns minutos, mas até agora ainda não houve novidades do cirurgião, para além do facto de ele ainda estar a lutar pela vida. Como sabem, ele encontrava-se em muito mau estado quando chegou. – Quando Colin acenou com a cabeça, Wright fez sinal para outra zona da sala. – Eu sei que já passaram por muito – continuou Wright –, mas será que não se importam de ficar mais alguns minutos? Há uma pessoa que tem perguntado por vocês. Ela quer falar convosco.

– Quem? – perguntou Colin.

– Rachel, a mulher do Pete.

Maria viu a expressão de Colin ficar neutra.

– Não sei se será boa ideia.

– Por favor – insistiu Wright. – É claramente importante para ela.

Colin demorou um instante a responder.

– OK – disse.

Wright voltou-se, dirigindo-se para a outra ponta da sala, e parou quando chegou junto de uma mulher atraente de cabelo castanho que estava rodeada por meia dúzia de pessoas. Apontou para Colin e Evan. Rachel Margolis pediu licença às pessoas com quem estava e começou a dirigir-se para eles. Quando se aproximou, Maria percebeu que ela estivera a chorar. Os seus olhos estavam raiados de sangue e a maquilhagem estava ligeiramente borratada; parecia estar a aguentar-se por um fio.

Wright fez as apresentações e Rachel esboçou um breve sorriso que expressou apenas tristeza.

– O Larry disse-me que vocês ajudaram a salvar a vida do meu marido – disse Rachel.

– Lamento muito o que lhe aconteceu – disse Colin.

– Eu também – replicou ela. – Obrigada. E eu... hum... – Fungou e esfregou os olhos. – Só queria agradecer aos dois. Por pensarem com clareza, por não entrarem em pânico, por chamarem a ambulância. Por pressionarem os ferimentos. Os paramédicos disseram-me que, se vocês não tivessem feito o que

fizeram, o Peter não teria tido qualquer hipótese. Se vocês não tivessem estado lá... – Estava à beira das lágrimas e as palavras foram tão sentidas que Maria sentiu um nó na garganta. – Uma vez mais... eu... – Inspirou com um soluço, a tentar controlar-se. – E quero que saibam que ele é resistente, por isso vai ficar bem. Um dos mais resistentes de sempre...

– Pois é – concordou Colin, mas Maria ficou com a impressão de que Rachel Margolis quase não o ouvira porque, na verdade, estava a falar consigo mesma.



A noite foi passando. Maria sentou-se ao lado de Colin enquanto esperavam notícias. Evan e Lily tinham ido à cafetaria alguns minutos antes e Maria percebeu que as conversas começavam a dar lugar a murmúrios de preocupação. As pessoas que estavam na sala de espera iam e vinham.

Colin estava mais calado do que era habitual. De vez em quando, um polícia ou detetive vinha agradecer-lhe e apertar-lhe a mão; embora fosse simpático nas respostas, Maria sabia que ele ficava pouco à vontade porque ainda se culpava pelo que acontecera, embora mais ninguém parecesse fazê-lo.

E no entanto a intensidade da sua culpa surpreendeu-a. Fora sempre muito evidente que Colin e Margolis não sentiam nada a não ser desdém um pelo outro. Era uma espécie de paradoxo e, embora quisesse levar Colin dali para conseguir que ele falasse sobre os seus sentimentos, sabia que ele queria resolver a questão sozinho. Por fim, inclinou-se para ele.

– Ficas bem se eu for até ao corredor? Quero telefonar aos meus pais. E à Serena. Tenho a certeza de que eles estão preocupados.

Quando Colin assentiu com a cabeça ela deu-lhe um beijo na face e saiu da sala de espera, percorrendo o corredor para um sítio mais tranquilo, onde teria alguma privacidade. Ao telefone, os pais pareciam tão preocupados como todas as pessoas que estavam na sala de espera e tinham montes de perguntas; quase no fim, a mãe disse que tinha feito jantar e pediu-lhe para ir lá a casa com Colin, e para levarem Evan e Lily. Fê-lo de uma forma que fazia com que fosse difícil dizer que não, mas não havia problema. Depois de tudo o que acontecera, também queria ver a família.

Voltou para a sala de espera e Colin estava no mesmo sítio onde o deixara. Continuava sem querer falar muito, mas quando se sentou ao lado dele, ele pegou-lhe na mão e apertou-a com força. Lily e Evan voltaram da cafetaria e pouco depois o cirurgião entrou, por fim, na sala.

De onde estava sentada, Maria viu Rachel Margolis aproximar-se dele, com o detetive Wright ao seu lado. A sala ficou num silêncio tenso, e era impossível não ouvir o médico, mesmo de longe.

– Ele sobreviveu à cirurgia – anunciou o cirurgião –, mas os danos eram ainda maiores do que esperávamos. A cirurgia também foi complicada devido a uma grande perda de sangue, e durante algum tempo ele esteve por um fio. Mas neste momento os seus sinais vitais estão estáveis. Fracos, mas estáveis.

– Quando posso vê-lo? – perguntou Rachel Margolis.

– Quero mantê-lo sob observação durante mais algumas horas – declarou o cirurgião. – Se as coisas se mantiverem como espero, talvez possa vê-lo alguns minutos durante a noite.

– E ele vai ficar bem, não vai?

Essa é a pergunta mais importante, pensou Maria. O cirurgião parecia já estar a contar com ela, e continuou no mesmo tom profissional.

– Como lhe disse, de momento o seu marido está estabilizado, mas tem de perceber que ele se encontra em estado crítico. As próximas horas vão ser decisivas, e espero poder dar-lhe uma resposta mais

definitiva amanhã.

Rachel Margolis engoliu em seco.

– Só quero saber o que devo dizer aos nossos rapazes quando voltar para casa.

Rapazes?, pensou Maria. *O Margolis tem filhos?*

A voz do médico suavizou-se.

– Diga-lhes a verdade. Que o pai sobreviveu à cirurgia e que em breve saberá. – Continuou a olhar para ela. – Por favor compreenda, Sr.^a Margolis... houve um grave traumatismo na traqueia e neste momento o seu marido está ligado a um ventilador...

Maria não conseguiu continuar a olhar quando o cirurgião começou a explicar-lhe os ferimentos do marido. Desviou a cabeça e ouviu a voz de Colin.

– Vamos – sussurrou ele, sem dúvida a pensar o mesmo que ela. – Não temos de saber os pormenores. Vamos deixá-los ter um pouco de privacidade.

Maria e Colin levantaram-se; Evan e Lily imitaram-nos e saíram da sala. Já na rua, Maria parou e falou-lhes sobre o telefonema para os pais e o convite deles.

– Sei que devem estar cansados e que acabaram de vir da cafetaria, mas a minha mãe fez-nos jantar e...

– OK – disse Colin. – Ainda tenho de ir buscar o carro esta noite, mas pode esperar um pouco.

– Não precisas de explicar – acrescentou Evan. – Nós compreendemos.



Maria foi com Colin no carro de Evan; Evan e Lily seguiram-nos no carro dela e, quando pararam em frente à casa da família, Serena e os pais esperavam-nos à porta. Assim que Maria saiu do carro, Serena envolveu-a num abraço.

– A mãe e o pai têm estado preocupadíssimos contigo a noite inteira, sabias? A mãe passou horas na cozinha e o pai não para de verificar portas e janelas. Estás a aguentar-te bem?

– Nem por isso – reconheceu Maria.

– Acho que depois disto vais precisar de umas férias muito longas.

Apesar de tudo, Maria riu-se.

– Provavelmente.

Depois de Serena, Maria abraçou os pais e em seguida apresentou Evan e Lily. Surpreendendo Maria – bem como os seus pais e Serena –, Lily falou em espanhol, se bem que com um sotaque sulista. Como a porta principal continuava presa com tábuas, entraram pela garagem e passaram pela cozinha antes de se sentarem a uma mesa repleta de pratos de comida.

Enquanto jantavam, Maria contou à família o encontro anterior com Margolis e Colin explicou-lhes tudo o que acontecera depois disso. Fazia uma pausa de longe a longe, para Maria poder traduzir para a mãe. Evan acrescentou mais pormenores, especialmente da parte do confronto com Lester.

– E o Lester continua preso, certo? – perguntou Felix quando Colin terminou. – E não vai ser libertado?

– Doido ou não, ele alvejou um polícia – disse Evan. – Não sei se alguma vez irá sair da prisão.

Felix acenou com a cabeça.

– Ainda bem.

– E o Atkinson? – interrompeu Serena. – Tu disseste que ele estava a trabalhar com o Lester?

– Não sei. Era uma coisa que o Margolis estava a investigar. Supostamente conheciam-se, mas mesmo assim não faz sentido – respondeu Maria.

– Então, quem deu cabo dos pneus do teu carro? – insistiu Serena.

– Talvez o Lester tenha dado dinheiro a algum miúdo para fazer isso porque sabia que o hospital lhe daria um álibi.

– E o carro no estacionamento?

– Talvez o Lester lho tenha pedido emprestado. – Maria encolheu os ombros. – Não sei.

– Se o Atkinson andar por aí, o que é que vais fazer?

– Não sei – repetiu Maria, ouvindo a frustração no seu tom. Sabia que ainda havia muitas perguntas por responder, mesmo depois de tudo isto, mas...

– Eu estava preocupada com o Lester – disse ela. – Era ele que me assustava e, quer esteja a trabalhar com o Atkinson quer não, a única coisa que sei de certeza é que o Lester já não pode vir atrás de mim, e...

Quando Maria se calou, Serena abanou a cabeça.

– Desculpa estar a fazer tantas perguntas. É só que ainda estou...

– Preocupada – terminou Felix por ela.

Eu também, pensou Maria. E o Colin também, mas...

Os seus pensamentos foram interrompidos pelo toque abafado do telemóvel de Serena. Ela pegou nele e, com uma expressão esperançada e preocupada, passou a chamada para a caixa de mensagens.

– Quem era? – perguntou Felix.

– Charles Alexander – respondeu Serena.

– É um bocado tarde para ele ligar, não é? – perguntou Felix. – Talvez seja importante.

– Posso tentar ligar-lhe amanhã.

– Não, telefona-lhe agora – disse Maria, verdadeiramente grata pela distração. – Como o pai disse, pode ser importante. – Não queria pensar em Atkinson mais do que queria pensar em Lester, e naquele momento também não tinha energia para responder a perguntas impossíveis. Quase não conseguia assimilar o que acontecera nas últimas horas...

Serena hesitou durante um segundo, sem saber se seria boa ideia, mas depois premiu o botão de chamada. A mesa ficou em silêncio quando ela se dirigiu para a cozinha com o telemóvel no ouvido.

– Charles Alexander? Porque é que já ouvi esse nome antes? – sussurrou Colin.

– É o diretor da bolsa de estudo de que te falei – respondeu Maria num sussurro.

– O que é que se passa? – perguntou Evan, e, quando Lily se inclinou mais para ouvir, Maria explicou-lhes rapidamente. Entretanto, Serena tinha começado a acenar com a cabeça e, quando se virou por fim, Maria viu o seu sorriso.

– Está a falar a sério? – perguntou Serena. – Consegui?

De repente, Maria viu a mãe pegar na mão do pai.

Entretanto Serena continuou a falar, incapaz de manter a voz baixa.

– Claro – disse. – Não há problema... amanhã à noite... sete horas... muito obrigada...

Quando Serena desligou, os pais olhavam-na, expectantes.

– Parece que ouviram o que aconteceu, não foi?

– Parabéns! – exclamou Felix, levantando-se da mesa. – É fantástico!

Carmen correu para a filha, dizendo-lhe o quão orgulhosa se sentia, e durante os minutos seguintes os abraços multiplicaram-se e a ansiedade de tudo o que acontecera deu lugar a uma coisa maravilhosa, um sentimento que Maria queria que durasse para sempre.



Depois do jantar, Colin, Evan e Lily despediram-se e foram buscar o carro de Colin; Carmen e Felix andavam a passear o cão no bairro. Maria e Serena estavam na cozinha a lavar a loiça.

– Estás nervosa com a entrevista? – perguntou Maria.

Serena acenou com a cabeça enquanto limpava um prato.

– Um pouco. O repórter vai levar um fotógrafo e eu detesto tirar fotografias.

– Estás a brincar? És a rainha das *selfies*.

– *Selfies* são diferentes. São para mim ou para os meus amigos. Não publico *selfies* no jornal.

– Quando é que a história vai ser publicada?

– Ele acha que vai ser na segunda-feira – respondeu Serena. – É o dia do anúncio oficial.

– Há um banquete ou apresentação?

– Não sei – disse Serena. – Esqueci-me de perguntar. Entusiasmei-me um pouco.

Maria sorriu enquanto lavava um prato, e depois estendeu-o a Serena.

– Quando souberes, diz-me. Quero ir. E tenho a certeza de que a mãe e o pai também.

Serena empilhou o prato limpo em cima dos outros.

– Há bocado, quando estava a fazer aquelas perguntas... desculpa por ter sido tão insistente. Não estava a pensar.

– Não faz mal – disse Maria. – Quem me dera ter todas as respostas, mas não tenho.

– Vais ficar aqui algum tempo? Sabes que a mãe e o pai querem que fiques.

– Sim, eu sei – disse ela. – E, sim. Mas mais tarde tenho de ir a casa buscar algumas coisas.

– Pensei que já tinhas a mala feita. Como ias ficar em casa da Lily...

– Só estava a pensar ficar lá uma noite, por isso vou precisar de mais roupa. E também quero ir buscar o carro.

– Queres que te leve lá agora?

– Não, não é preciso. O Colin leva-me quando chegar.

– Quando é que isso vai ser?

– Não sei. Onze e meia, talvez? Onze e quarenta e cinco?

– Isso é tarde. Não estás cansada?

– Exausta – reconheceu Maria.

– Então, não achas melhor eu levar-te... – começou Serena, mas depois calou-se. Olhou para Maria. – Oh... esquece. Estou a perceber.

– A perceber o quê?

– Concordo. Tens mesmo de pedir ao Colin para te levar. Esquece que perguntei. Fui mesmo parva.

– De que é que estás a falar?

– Bem, sabendo que vais estar sob o olhar atento dos nossos pais coruja nos próximos dias... e que o Colin não só encontrou o Lester como o derrubou, e isso não é *nada sexy*... e sabendo que tens de descomprimir de um dia incrivelmente stressante... vamos dizer apenas que compreendo perfeitamente porque é que podes querer passar algum tempo a sós com ele.

– Já te disse que só preciso de agarrar em algumas coisas e pô-las numa mala.

– Queres agarrar alguma coisa em especial?

Maria riu-se.

– Deixa-te de pensamentos porcos.

– Desculpa – disse ela. – Não consigo evitar. Mas admite. Tenho razão, não tenho?
Maria não respondeu, mas não era preciso. As duas já sabiam a resposta.

CAPÍTULO 29



Colin

Enquanto Lily voltava para a sua casa na praia, Colin foi com Evan ao Walmart – um sítio que estava sempre aberto e tinha tudo o que ele precisava – e depois para Shallotte, onde Evan estacionou atrás do *Camaro*. Colin abriu o capô e começou a desapertar os apoios da bateria.

– Porque é que pensas que é a bateria? Há muito tempo que o teu carro tem problemas para pegar.

– Não sei que mais poderá ser. Já troquei o interruptor da ignição e o alternador.

– Não devias ter tentado trocar a bateria primeiro?

– E troquei – disse Colin. – Pus uma nova há dois meses. Talvez seja um desperdício de dinheiro.

– Só para que saibas, amanhã não te trago novamente aqui se isto não funcionar. Vou para casa da Lily, e vamos passar o dia inteiro na cama. Quero ver se esta nova coisa de eu ser um herói dá dividendos. Estou convencido de que ela ainda me vai achar mais atraente do que nunca.

Colin sorriu enquanto desapertava os apoios, e depois retirou a bateria velha e encaixou a nova.

– Tenho andado para te perguntar uma coisa – continuou Evan. – E lembra-te de que isto vem de uma pessoa que te viu fazer muitas coisas estúpidas. Mas hoje? Nem sequer faço ideia de como foste capaz de alcançar o Lester. Pelo relvado? Por cima do corrimão? Pelo ar como tu fizeste? E, entretanto, ele está a apontar-te a arma, e devo dizer-te que isso me faz duvidar da tua sanidade mental. Em que raio é que estavas a pensar?

– Não estava a pensar.

– Foi o que me pareceu. Esse é apenas um dos teus muitos problemas. Devias começar a pensar antes de agir. Eu tinha-te dito para não ires.

Colin olhou para cima.

– Onde é que queres chegar com isso?

– O que eu quero dizer é que, apesar da tua estupidez e possível insanidade, hoje senti orgulho de ti. E não apenas porque acabaste por salvar a vida do Margolis.

– Porquê?

– Porque não mataste o Lester quando tiveste uma oportunidade. Podias tê-lo desfeito em mil pedaços ou podias tê-lo estrangulado. Mas não fizeste nada disso.

Colin acabou de apertar os apoios.

– Estás a dizer que sentes orgulho de mim porque não o matei?

– É exatamente o que estou a dizer – declarou Evan. – Especialmente porque podias ter-te safado. Ele tinha alvejado um polícia. Estava armado e era perigoso. Não acredito que alguém te tivesse condenado se te tivesses entusiasmado de mais. Por isso, a minha pergunta é, porque é que *não* o mataste?

Colin pensou no assunto antes de abanar a cabeça.

– Não sei.

– Bem, quando souberes, diz-me. Para mim, a resposta é óbvia, pois eu nunca mataria ninguém. Não faz parte da minha natureza. Não conseguiria fazê-lo, mas tu és diferente. E, se queres saber, respeito muito mais esta versão do Colin do que a antiga.

– Tu sempre me respeitaste.

– Gostei sempre de ti, mas também tive sempre um pouco de medo de ti – disse Evan. – Há uma diferença. – Apontou para a bateria, querendo mudar de assunto. – Estás pronto para experimentar?

Colin deu a volta ao carro e sentou-se atrás do volante. Não sabia bem o que esperar, e ficou surpreso quando o *Camaro* ganhou vida assim que rodou a chave na ignição. Naquele momento, os seus olhos foram atraídos para a vivenda e reparou que metade do jardim e o alpendre estavam vedados com fitas da polícia.

– E já está – disse Evan. – Tens noção de que se calhar vai avariar a caminho da casa da Maria? Só para te irritar. E tenta manter-te longe de sarilhos, está bem? Nos últimos tempos, parecem seguir-te para toda a parte.

Colin não respondeu; em vez disso, continuou a olhar para a vivenda e demorou alguns segundos a perceber que alguma coisa mudara desde que se fora embora. Ou melhor, faltava alguma coisa. Pensou que era possível que a polícia o tivesse levado porque era uma prova. Talvez tivesse salpicos de sangue, ou talvez um dos tiros o tivesse atingido e a polícia precisasse da bala para testes de balística...

– Estás a ouvir? – perguntou Evan.

– Não.

– Para onde é que estás a olhar?

– Sabes aquelas perguntas que a Serena estava a fazer? – disse Colin, evitando a pergunta. – Sobre a participação ou não do Atkinson?

– Sei. Porquê?

– Acho que há uma forte possibilidade de ele estar envolvido.

– Porque o carro dele estava próximo do parque? E por não ser possível ao Lester destruir os pneus do carro dela?

– Não apenas por esses motivos. Estou a pensar no carro que vi mais cedo na rampa de acesso da casa.

Evan virou-se e depois deu um passo atrás, para ver melhor.

– Que carro? – perguntou por fim.

– Exatamente – disse Colin, continuando a pensar. – Desapareceu.

Colin chegou a casa dos Sanchez alguns minutos antes da meia-noite. Maria estava sentada com os pais na sala de estar e Colin viu-a levantar-se. Ela disse alguma coisa à mãe em espanhol – muito provavelmente que não demoraria – e foi com Colin para o carro.

– Onde está a Serena?

– Foi para a cama.

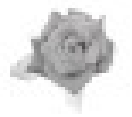
– Ela também vai ficar cá?

– Só esta noite. Os meus pais disseram-me para te dizer que também és bem-vindo. Claro que, como terias de dormir no sofá, eu disse-lhes que talvez prefiras ir para casa.

– Podias ir comigo.

– É tentador – disse ela. – Mas...

- Não faz mal – disse Colin. Quando chegou ao carro, abriu a porta para ela entrar.
- A propósito, qual é o problema do teu carro? – perguntou Maria quando se sentou.
- A bateria – respondeu Colin.
- Então eu tinha razão? Acho que isso significa que devias prestar mais atenção ao que eu digo.
- OK.



Quando se dirigiam para o apartamento de Maria, Colin falou-lhe do carro desaparecido.

– Talvez a polícia o tenha levado.

– Talvez.

– Achas que o Atkinson foi buscá-lo?

– Não sei. Acho que amanhã vou ligar ao detetive Wright. Podem não me dizer, mas, como eu mantive o

Margolis vivo até a ambulância chegar, espero que me digam. Em todo o caso, devem saber.

Ela voltou-se para a janela enquanto seguiam pelas ruas quase desertas.

– Ainda não posso acreditar que o Lester o alvejou.

– Se estivesse lá, acreditarias. Ele estava descontrolado. Como se se tivesse passado.

– Achas que ele vai dar-lhes respostas?

Colin refletiu.

– Sim. Quando estiver novamente lúcido. No entanto, não faço ideia do tempo que isso demorará.

– Eu sei que ele não pode vir atrás de mim, mas...

Maria hesitou antes de dizer o nome de Atkinson, mas não era preciso. Colin não estava a correr riscos. Seguiu um percurso sinuoso para o apartamento e estava atento a carros suspeitos. Maria sabia o que ele estava a fazer e não se opôs.

Passava pouco da meia-noite quando estacionaram num espaço reservado a visitantes no condomínio. Colin manteve-se atento a qualquer movimento, mas estava tudo tranquilo quando subiram as escadas para a porta do apartamento.

No entanto, ali chegados Colin e Maria estacaram.

Ambos viram no mesmo instante que a maçaneta fora partida e a porta estava entreaberta.



A sua casa fora vandalizada.

Enquanto observava Maria a deambular, desorientada, a chorar incessantemente e a ver os estragos, a fúria de Colin continuou a crescer.

Sofás, cadeiras e almofadas rasgados com uma faca. A mesa da sala de jantar virada ao contrário. Cadeiras da sala de jantar inclinadas sobre pernas partidas. Candeeiros esmagados. Fotografias rasgadas. O conteúdo do frigorífico espalhado pela cozinha. As suas coisas. A sua casa. Violada. Desfeita. Arruinada.

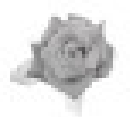
No quarto, o colchão fora rasgado, a cómoda derrubada e as gavetas partidas, e havia mais um candeeiro desfeito. Latas vazias de tinta vermelha em *spray* estavam espalhadas pelo chão e todas as peças de roupa no seu roupeiro tinham sido marcadas com tinta.

Para Colin, aquilo era raiva pura. Quem o fizera estava tão descontrolado como Lester, talvez ainda

mais, e a fúria que Colin sentia estava a ser difícil de controlar. Queria magoar o tipo, matar o tipo...

Ao seu lado, Maria sobressaltou-se e os soluços tornaram-se ainda mais histéricos. Colin abraçou-a quando avistou as palavras que tinham sido pintadas na parede do quarto.

Vais saber qual é a sensação.



Colin ligou para o número de emergência e depois para o detetive Wright. Não esperava que ele atendesse, mas Wright atendeu o telefone ao segundo toque. Depois de Colin lhe contar o que acontecera, ele disse que iria imediatamente para lá, pois queria ver com os próprios olhos.

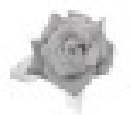
A pedido de Maria, Colin também telefonou aos pais dela, e, embora eles insistissem que viriam, Maria não parava de abanar a cabeça. Colin compreendeu. Naquele momento, Maria não conseguiria lidar com os medos e preocupações deles, não depois do que acabara de acontecer. Naquele momento, quase não conseguia aguentar-se. Ele disse aos pais que ela tinha de falar com a polícia e garantiu-lhes que a manteria em segurança.

Dois polícias chegaram passados alguns minutos e recolheram o depoimento de Maria, que não sabia muito. No entanto, tiveram mais sorte com um dos vizinhos que veio à porta para ver o que estava a acontecer. Colin escutou o homem que vivia ao lado dizer que chegara a casa duas horas antes e tinha a certeza de que a porta não estava entreaberta. Teria visto as luzes. Não, disse, não ouvira nada a não ser música, que estava muito alta. Ainda pensara vir pedir para baixarem o som, mas tinha parado pouco depois.

Quando Maria se recompôs um pouco, Wright reviu o seu depoimento e os dos vizinhos com os agentes; em seguida, falou com Maria e Colin. Maria não conseguia manter uma linha coerente de pensamentos. Colin repetiu a maior parte das coisas que já lhe dissera em Shallotte, enquanto lutava contra a vontade de bater em alguma coisa.

Colin queria encontrar Atkinson, ainda mais do que quisera encontrar Lester.

E queria matá-lo.



Eram quase duas horas da manhã quando Wright disse que se podiam ir embora, e acompanhou-os até ao carro de Colin. Ele sabia que Maria não estava em condições de conduzir, e ela não discutiu. Quando chegaram ao carro, Wright ergueu a mão. Olhou para Colin com a mesma expressão com que Margolis costumava olhá-lo.

– Espere aí – disse ele. – Não sei porque é que não percebi antes, mas por fim percebi quem é.

– Quem eu sou?

– É o tipo que o Pete pensa que devia estar preso. O tipo que se mete em imensas lutas. Que dá tarefas monumentais às pessoas.

– Já não.

– O Lester Manning pode ter uma opinião diferente em relação a isso. Não que me interesse o que o Lester Manning pensa.

– Sabe quando é que a polícia vai terminar lá dentro? – perguntou Maria. – E quando posso voltar?

– Embora tenha sido vandalizado, o apartamento não é um local de crime – respondeu Wright. – Mas as

equipas forenses demoram o seu tempo. Diria que não poderá entrar antes do meio da manhã de amanhã, com alguma sorte. Eu aviso-a quando puder vir, está bem?

Maria assentiu com a cabeça. Colin desejou poder fazer mais alguma coisa por ela, mas...

– Sabe se confiscaram o carro que estava na vivenda? – perguntou. – A casa onde o Margolis foi alvejado?

Wright franziu a testa.

– Não faço ideia. Porquê?

Colin explicou-lhe.

Wright encolheu os ombros.

– É provável que o tenham confiscado. No entanto, vou ver o que consigo descobrir. – Voltou-se para Maria, e depois de novo para Colin. – Sei que estão exaustos e sei que querem sair daqui, mas por acaso sabem o nome do detetive em Charlotte com quem o Pete estava a trabalhar?

– Não – disse Colin. – Ele nunca nos disse o nome dele.

– Tudo bem. Vou investigar. Não deve ser difícil encontrar a resposta. Uma última pergunta: para onde é que pensam ir esta noite?

– Para casa dos meus pais – respondeu Maria.

– Calculei – disse Wright. – Foi por isso que quis perguntar. Depois de uma coisa destas, as pessoas costumam ir para casa de um amigo, ou da família. Se querem a minha opinião, não sei se será boa ideia.

– Porque não?

– Porque neste momento não sei o que esse Atkinson é capaz de fazer, e isso deixa-me nervoso. Ele está claramente a tentar apanhá-la, e pelo que vi lá dentro não só é perigoso como está zangado e descontrolado. Talvez fosse bom pensarem ir para outro lado esta noite.

– Para onde?

– Que tal um lugar como o Hilton? Conheço algumas pessoas lá e tenho a certeza de que consigo arranjar um quarto e proteção policial. Mesmo que seja apenas esta noite. Foi um dia intenso e ambos precisam de tentar descansar um pouco. Não estou a dizer que vai acontecer alguma coisa, mas não custa serem cuidadosos, percebem?

Maria falou em voz baixa.

– O Margolis disse que não podiam oferecer proteção policial.

– Eu estava a referir-me a mim. Esta noite vou vigiar o vosso quarto. Estou de folga, por isso não faz mal.

– Porque é que faria uma coisa dessas? – perguntou Colin.

Wright voltou-se para ele e disse apenas:

– Porque o Colin salvou a vida do meu amigo.

CAPÍTULO 30



Maria

No carro, Maria telefonou aos pais para lhes dar a notícia e depois olhou apaticamente para o carro do detetive que seguia à frente deles para o hotel, que ficava a apenas alguns quarteirões do seu apartamento.

Wright devia ter tratado de tudo durante a curta viagem de carro, porque a chave já estava na receção. Acompanhou-os no elevador e foi com eles até ao fundo do corredor, onde estava posicionada à porta uma cadeira dobrável. Entregou-lhes a chave do quarto.

– Fico aqui enquanto vocês cá estiverem, por isso não se preocupem.

Só quando se deitou ao lado de Colin é que Maria percebeu como estava exausta. Algumas horas antes, imaginara-se a fazer amor, mas estava demasiado esgotada para isso e Colin parecia sentir exatamente o mesmo. Encostou a cabeça no seu ombro, enroscando-se perto dele e sentindo o seu calor, até que, de repente, tudo ficou preto.

Quando os seus olhos se abriram por fim, o sol já entrava pela abertura nas persianas. Virou-se para o outro lado, reparando que Colin não estava ao seu lado, e viu-o a lavar os dentes na casa de banho. Olhou para o relógio e ficou surpreendida ao ver que eram quase onze horas. Sentou-se, sobressaltada, convencida de que os pais deviam estar a enlouquecer.

Pegou no telemóvel e viu uma mensagem de texto de Serena.

O Colin ligou e disse que estavas a dormir, e contou-me o que aconteceu. Vem para casa quando acordares. O pai tratou de tudo!

Maria franziu a testa.

– Colin? – chamou.

– Espera – murmurou ele, espreitando à porta da casa de banho, e ela viu uma boca cheia de pasta de dentes e mais alguma no dedo. Ele passou a boca por água e voltou para o quarto, aproximando-se da cama.

– Usaste o dedo para lavar os dentes?

Ele sentou-se ao seu lado.

– Não trouxe escova de dentes.

– Podias ter usado a minha.

– Bactérias – disse ele com um piscar de olhos. – Dormiste muito. Já telefonei aos teus pais.

– Eu sei. A Serena mandou-me uma mensagem. O que é que se passa?

– Não vou estragar a surpresa.

– Não sei se vou conseguir aguentar mais surpresas.

- Vais gostar desta.
- Há quanto tempo estás acordado?
- Há duas horas. Mas só me levantei há vinte minutos.
- O que estiveste a fazer?
- A pensar.

Não valia a pena perguntar: *Em quê?* Já sabia a resposta e, depois de tomarem duche juntos, vestiram-se e arrumaram as suas coisas. Saíram do quarto e viram Wright sentado na cadeira dobrável.

- Não se importam de tomar um café comigo? – perguntou ele.



– Antes de mais – começou Wright –, o seu apartamento já foi processado e pode voltar quando quiser. A equipa forense já saiu de lá e o trabalho está concluído. Pensei que gostaria de saber, para o caso de precisar de ir buscar alguma coisa. Roupas, artigos de higiene, ou outra coisa qualquer.

Se ainda quiser alguma coisa que lá está, pensou Maria.

- Descobriram alguma coisa?

– Não foram deixadas provas inequívocas, a não ser as latas de tinta, mas não tinham impressões digitais. O Atkinson deve ter usado luvas. Quanto a amostras de cabelo, vai demorar um pouco mais e não há garantias. A análise de cabelos é sempre complicada, a não ser que haja ADN na raiz.

Maria assentiu com a cabeça, tentando afastar as imagens que vira na noite anterior.

– Também fiz mais alguns telefonemas esta manhã – disse Wright, a mexer o açúcar e as natas no café. Maria reparou nos papos sob os olhos vermelhos. – Até agora, ninguém conseguiu falar com o Lester. Ainda não estava na esquadra há dez minutos quando chegou o advogado dele, e pouco depois o pai também apareceu e fez as mesmas exigências que o advogado estava a fazer. Não que tivessem conseguido falar com ele. Nessa altura, o Lester Manning estava preso numa maca na enfermaria, em detenção psiquiátrica. E ainda está sedado. O consenso geral é de que ele é completamente doido. Segundo os agentes, passou-se assim que viu a cela.

- Como assim?

– Começou a gritar. A lutar com os agentes. A tentar morder-lhes. E quando o conseguiram enfiar lá dentro, começou a dar pontapés nas portas, a bater com a cabeça na parede. Coisas doidas. Até assustou os outros detidos, por isso teve de ser tirado dali. Foi chamado um médico e deu-lhe uma coisa para o acalmar. Foram precisos cinco agentes para o imobilizar, e o advogado chegou nesse momento. Alega todo o tipo de violações de direitos civis, mas está tudo filmado, por isso ninguém está preocupado com a possibilidade de o Lester ter fundamentos para se safar. Eu queria que soubessem isso o quanto antes. Não vai acontecer, diga o advogado dele o que disser. Ele alvejou um polícia. De qualquer maneira, o que interessa é que ainda ninguém conseguiu falar com ele.

Maria acenou com a cabeça, sentindo-se entorpecida.

- Como está...?

– O Pete? – perguntou Wright. – Conseguiu aguentar-se durante a noite. Continua em estado crítico, mas por enquanto encontra-se estável e os seus sinais vitais estão a melhorar. A mulher está esperançada de que ele recupere a consciência hoje... o cirurgião disse que era possível... mas nessa frente continuamos em modo de esperar para ver. A Rachel conseguiu estar algum tempo com ele esta manhã. E os filhos também. É claro que foi assustador para eles. Têm apenas nove e onze anos, e ele é o herói deles. Depois do café, vou ao hospital para ver se posso estar um pouco com ele, ou no mínimo, com a Rachel. –

Quando Maria não disse nada, Wright rodou a chávena do café. – E investiguei o carro que estava na vivenda. Também me recordo de o ver e, para responder à pergunta de ontem à noite, a polícia de Shallotte *não* confiscou o veículo. E o departamento do xerife também não. O que significa que o Atkinson foi lá buscá-lo depois de a polícia se ter ido embora.

– Talvez – disse Colin.

– Talvez? – perguntou Wright.

– Ele pode ter estado lá o tempo todo. Talvez tenha fugido pelas traseiras quando eu e o Evan estávamos a tentar salvar o Margolis. Escondeu-se lá fora durante algum tempo e depois voltou. Isso também explicaria porque é que o Margolis foi alvejado. Ele entrou à espera de encontrar uma pessoa, e foi surpreendido por duas.

Wright observou Colin.

– Quando o Pete falava sobre si – disse ele –, nunca pensei que gostasse muito de si.

– Eu também não gosto dele.

Wright ergueu uma sobrancelha.

– Então porque é que o salvou?

– Ele não merecia morrer.

Wright voltou-se para Maria.

– Ele é sempre assim?

– Sim – respondeu ela com um sorriso forçado, e depois mudou de assunto. – Ainda não percebo como nem porque é que o Lester e o Atkinson estão a trabalhar juntos para me fazer mal...

– Há mais – disse ele, erguendo a palma da mão para a interromper. – É a outra coisa que vos queria dizer. Falei com o detetive de Charlotte com quem o Pete estava a trabalhar. A propósito, ele chama-se Tony Roberts e disse-me que o Pete lhe ligou ontem, mas que ainda não conseguira investigar o Atkinson. Claro que isto deu uma prioridade completamente diferente ao pedido e ele entretanto ligou para a mãe do Atkinson, foi buscá-la e foram até ao apartamento dele. A senhora conseguiu convencer o porteiro a deixá-lo entrar. Ainda há um alerta de pessoa desaparecida, embora até ao momento ninguém tenha acreditado nela, e ela é o parente mais próximo. O que interessa é que ela se disponibilizou para ajudar o Roberts a encontrar o filho e parece que ele acertou na lotaria quando lá entrou. Mas não da forma que a mãe queria. Acontece que o computador do Atkinson ainda lá estava e o Robert conseguiu aceder às informações.

– E?

Ele olhou para Maria.

– Tinha ficheiros sobre si. Montes de informações. Informações essenciais, registos escolares, informações sobre a sua família, onde vive e trabalha, o seu horário diário. Até havia informações sobre o Colin. E fotografias.

– Ele tinha fotografias?

– Centenas. A passear, em lojas, a fazer *paddleboard*. Até enquanto estava a trabalhar. Parece que ele anda a vigiar e a seguir há bastante tempo. A espiá-la. O Roberts levou o computador como prova, apesar dos súbitos protestos veementes da Sr.^a Atkinson. Assim que percebeu o que continha, ela tentou retirar a autorização de entrada no apartamento, mas nesse momento já era tarde de mais e o Roberts dominou a situação. É provável que os advogados de defesa façam um escândalo, mas tratava-se de uma queixa de pessoa desaparecida, ela autorizou a entrada e a prova estava à vista. No entanto, o Roberts fez ainda melhor... disse-me que a gravou a dizer-lhe que queria que ele visse o que havia no computador. Dito isto, quando conseguirmos pôr o Lester a falar é possível que seja irrelevante. Com advogado ou sem ele, ele vai acabar por falar. Os doidos acabam por desbobinar tudo, especialmente quando ficam lúcidos,

porque a culpa consome-os.

Maria não tinha a certeza se aquilo era verdade, mas...

– Porque é que o Atkinson quer fazer-me mal?

– Não posso responder com certeza a isso. O que posso dizer-lhe é que também havia informações sobre a Cassie Manning no computador portátil, mas já está a par dessa ligação.

– Faz alguma ideia de onde o Atkinson estará agora?

– Não. Temos um alerta para a sua detenção, mas como ninguém parece saber onde esteve não sei se adiantará alguma coisa. No entanto, espero que o Lester nos diga mais, embora ainda não seja possível prever quando. Pode demorar um dia, pode demorar alguns dias, pode demorar uma semana, e ainda temos de aguentar o advogado e o pai, que vão dizer-lhe para não responder às nossas perguntas. O que suscita a questão do lugar onde vai querer estar nos próximos dias. Se eu fosse a si, não ficaria em Wilmington.

– Está combinado que vou para casa dos meus pais hoje – disse ela. – Tenho a certeza de que ficarei bem.

Wright pareceu duvidar.

– A decisão é sua – disse ele. – Mas tenha cuidado. Pelo que o Roberts me disse, o Atkinson não só é perigoso como deve ser tão doido como o Lester. Por isso, vou dar-lhe o número do meu telemóvel. Quero que me telefone se acontecer alguma coisa fora do normal ou se se lembrar de mais alguma coisa, está bem?



Se a intenção de Wright fora assustá-la, funcionara. Mas, depois da noite anterior, e enquanto Atkinson não fosse apanhado, Maria teria medo acontecesse o que acontecesse.

Entraram no carro e, quando começou a dirigir-se para casa dos pais de Maria, Colin pegou no telemóvel.

– Para quem vais telefonar?

– Para o Evan – disse ele. – Quero saber se ele está ocupado hoje.

– Porquê?

– Porque depois de te deixar em casa dos teus pais gostava de voltar ao teu apartamento. Agora que a polícia se foi embora, quero limpá-lo. Talvez fazer algumas pinturas.

– Não precisas de fazer isso.

– Eu sei – disse ele. – Mas quero. Tu não precisas dessa lembrança quando fores para casa. E o mais certo é dar em doido se ficar sem fazer nada.

– Mas vais demorar o dia inteiro...

– Não vai ser preciso tanto tempo. Algumas horas, talvez. A tua casa não é muito grande.

– Talvez eu deva ir contigo. A responsabilidade não é tua.

– Tu não precisas desse tipo de preocupação. E além disso deves estar com a tua família.

Colin tinha razão, e era uma oferta amorosa, mas Maria ia recusar quando ele se voltou para ela.

– Por favor – disse. – Eu quero fazer isto.

Foi o tom que a fez concordar com relutância, e Colin fez a ligação, pondo o telemóvel em alta-voz. Provavelmente, Maria não devia ter ficado surpreendida quando Lily atendeu o telemóvel de Evan.

Colin contou-lhe o que tinha acontecido na noite anterior e perguntou se Evan poderia ajudá-lo a tirar os móveis mais pesados do apartamento. Antes mesmo de acabar de falar, Lily interrompeu-o.

– Vamos os dois. Nem *penses* em dizer-nos para não irmos. De qualquer modo, não tínhamos nada combinado para esta tarde. Vai ser um prazer ajudar.

Ao fundo, Maria ouviu a voz de Evan.

– Ajudar a fazer o quê?

– Vamos limpar o apartamento da Maria. E tenho uns calções lindos que ando mortinha para vestir! São um bocado curtos e bastante justos, mas parece-me a oportunidade perfeita.

Ao fundo, Evan ficou calado durante alguns instantes.

– A que horas vamos?

Quando desligaram, Maria olhou para Colin.

– Gosto dos teus amigos.

– Eles *são* fantásticos – concordou ele.

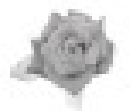


Dois quarteirões antes de chegarem ao bairro dos pais, o significado da mensagem de Serena tornou-se evidente.

O tio Tito estava no parque, a dar toques numa bola de futebol com o tio Jose e algumas sobrinhas e sobrinhos, e quando os dois tios acenaram ela percebeu que o que estavam a fazer na realidade era a vigiar.

Entretanto, Pedro, Juan e Angelo, seus primos, estavam sentados em cadeiras dobráveis no relvado da frente e alguns dos primos mais novos jogavam à bola na rua. Reconheceu os carros que estavam estacionados dos dois lados da rua, até à curva.

Meu Deus, pensou, *toda a minha família alargada está aqui*. E, embora a sua vida tivesse sido um inferno nos últimos dias, não conseguiu deixar de sorrir.



Apesar da relutância de Colin, ela arrastou-o para dentro de casa. Andavam trinta ou quarenta pessoas pelo interior, e devia haver mais umas vinte no jardim das traseiras. Homens e mulheres, rapazes e raparigas...

Serena aproximou-se a correr.

– Uma loucura, não é? O pai fechou o restaurante hoje! Acreditas?

– Acho que não precisávamos que viessem todos...

– Ele não lhes pediu para virem – disse ela. – Apareceram todos quando souberam que podias estar em apuros. Tenho a certeza de que os vizinhos ficaram espantados, mas o pai falou com todos e explicou-lhes que estamos a ter um encontro de família. Depois do dia de hoje, haverá sempre uma patrulha de vigia no bairro até o Atkinson ser preso, mas vão ser mais subtis. Decidiram organizar-se por turnos.

– Para mim?

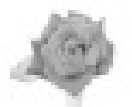
Serena sorriu.

– É assim que nós fazemos.



Colin demorou quase meia hora a sair – todos queriam conhecê-lo, apesar de muitos dos cumprimentos serem em espanhol. Enquanto o acompanhava até ao carro, Maria pensou que, apesar de tudo, tinha muita sorte.

- Continuo a pensar que devia ir contigo – disse ela.
- Duvido que os teus pais te deixem sair de casa.
- Provavelmente, não – concordou ela. – Tenho a certeza de que o meu pai está a espreitar à janela neste momento. Só para prevenir.
- Nesse caso, acho que não posso beijar-te.
- É bom que o faças – disse ela. – E não deixes de trazer o Evan e a Lily para jantar connosco, está bem? Quero que o resto da família também os conheça.



Colin só voltou para casa dos pais de Maria às cinco e meia. Alguns membros da família tinham-se ido embora, mas a maioria ficara. Lily ficou completamente à vontade desde o momento em que saiu do carro, embora Colin e Evan parecessem algo inseguros.

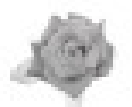
– Que maravilhosa demonstração de solidariedade e amor – declarou Lily com um abraço assim que Maria se aproximou. – Estou ansiosa para conhecer todos os membros da tua maravilhosa família!

O espanhol com sotaque sulista de Lily encantou todas as pessoas que conheceu tal como encantara Maria, e, quando os seus familiares a rodearam a ela e a Evan, Maria puxou Colin e foram para o alpendre das traseiras.

- Como é que correu? – perguntou ela.
- Vou precisar de dar mais uma demão de tinta na parede, mas conseguimos tapar a tinta de *spray*. Livrámo-nos de tudo o que estava partido e separámos as coisas que podem ser limpas. No entanto, não sei se poderemos fazer alguma coisa com as tuas roupas. – Quando ela acenou com a cabeça, ele continuou. – Tiveste alguma novidade do Margolis? Ou soubeste alguma coisa sobre o Atkinson?

- Não – respondeu ela. – Tenho passado o dia inteiro a ver se tenho mensagens no telemóvel. Ele olhou em volta.
- Onde está a Serena?
- Saiu alguns minutos antes de tu chegares. Tem aquela entrevista esta noite e tinha de se preparar. – Maria pegou-lhe na mão. – Pareces cansado.

- Estou bem.
- Foi mais trabalho do que esperavas, não foi?
- Não – disse ele. – Mas foi difícil para mim controlar a raiva.
- Sim – disse ela. – Para mim também.



Depois de conhecerem a família, Lily e Evan juntaram-se a Colin e Maria à mesa do alpendre.

– Obrigada por limparem a minha casa – disse Maria.

– Não custou nada – disse Lily. – E devo dizer que fica numa localização encantadora. Eu e o Evan também pensámos mudar-nos para o centro da cidade, mas ele insistiu que não se conseguia imaginar sem relva para cortar.

– Eu não faço isso agora – disse Evan. – É o Colin que faz. Eu detesto cortar a relva.

– Chiu – disse ela. – Eu estava a brincar. Mas devias saber que o esforço físico pode ser muito atraente num homem.

– O que é que pensas que estive a fazer hoje?

– É disso que estou a falar – disse ela. – Ficas muito bem a transportar móveis, sabes?

A porta para o alpendre abriu-se; Carmen saiu com individuais para cada um deles e a seguir trouxe vários pratos de comida que ocuparam mais de metade da mesa. Não só houvera uma grande azáfama na cozinha o dia inteiro como a maioria dos parentes tinha trazido comida.

– Espero que estejam com fome – disse Carmen em inglês.

Era comida a mais. Como sempre. Embora Colin já parecesse estar à espera, Evan e Lily ficaram espantados.

– Isto é fantástico, mãe – disse Maria, muito agradecida pela discreta demonstração de amor da mãe. – Amo-te.

CAPÍTULO 31



Colin

Depois do jantar, Colin sentiu necessidade de estar algum tempo sozinho e foi para o jardim da frente. Dois tios estavam sentados em cadeiras dobráveis, voltados para a rua, e acenaram ao ouvir o seu simpático cumprimento. Pensativo, reviveu a destruição que vira no apartamento de Maria e tentou perceber a ligação entre Atkinson e Lester.

Lester e Atkinson tinham trabalhado juntos no passado e Lester apresentara o colega à irmã. E, embora Maria acreditasse que as mensagens tinham sido enviadas por Lester, o Dr. Manning sugerira que Atkinson era o responsável.

Era estranho que Atkinson tivesse desaparecido pouco antes de Maria começar a ser perseguida. Presumivelmente, fora ele que cortara os pneus do seu carro, mas qual dos dois matara *Copo*? Lester tinha alvejado Margolis; Atkinson levava o carro da vivenda e mais tarde vandalizara a casa de Maria. Tendo em conta o verdadeiro tesouro de informações encontrado no computador de Atkinson, o seu envolvimento no assédio a Maria parecia evidente, mas alguns pormenores continuavam a incomodar Colin.

O Dr. Manning mencionara uma discussão entre Lester e Atkinson e dissera que eles se tinham desentendido, mas quando é que tinham feito as pazes? Qual deles era o líder? Porque é que o Dr. Manning insistia que Atkinson estava a tentar incriminar Lester quando parecia evidente que estavam a trabalhar juntos? E, se estavam a trabalhar juntos, porquê levarem dois carros para a casa dos Sanchez na noite em que Lester atacara Maria?

E no entanto... enquanto limpava o apartamento de Maria, Colin pensara na conversa que tinham tido com o detetive Wright e percebera que ainda não havia uma prova conclusiva que associasse Atkinson à vandalização do apartamento. E também não havia qualquer prova conclusiva que sustentasse a ideia de que ele cortara os pneus do carro. Apesar dos dados encontrados no computador, Maria nunca tivera qualquer contacto com ele, e nem sequer o conhecia. Ela dissera sempre que o envolvimento de Atkinson não lhe parecia plausível, o que significava...

O quê?

E se Atkinson tivesse ido realmente ao encontro de uma mulher? E se Lester soubesse que ele estaria longe? Lester poderia ter plantado as informações no computador de Atkinson e levado o carro dele enquanto ele estava fora. Lester podia muito bem – como Maria dissera na noite anterior – ter pagado a alguém para destruir os pneus do carro. Talvez até para vandalizar o apartamento. Seria o esquema perfeito... desde que se acreditasse que ele era capaz de um planeamento tão complexo. Com base no comportamento que testemunhara na vivenda e na forma como Wright descrevera os seus atos na

esquadra, parecia improvável. E como, aparentemente, Atkinson levava Lester para Shallotte depois de ele aparecer em casa dos Sanchez, teria de estar nas redondezas. Tinham de estar a trabalhar juntos, e Colin pensou que Lester se devia ter assustado com as sirenes. Atkinson também as devia ter ouvido, entrara em pânico e fora buscá-lo para fugirem do bairro. Deviam ter conduzido com tanta velocidade e talvez com tanta imprudência como Colin, mas no sentido oposto...

Como o carro em que ele quase batera a dois quarteirões da casa dos Sanchez?

Colin sentiu uma coisa que parecia uma chave a rodar numa fechadura e esforçou-se para se lembrar exatamente do que vira. O carro a derrapar na sua direção, a guinar para o lado no último instante, os dois veículos a passarem a centímetros um do outro. Dois homens no banco da frente. Que tipo de carro?

Um *Camry*.

Azul.

Pegou no telemóvel e ligou para o detetive Wright, que atendeu ao segundo toque.

– Sabe alguma coisa do Margolis? – perguntou Colin.

– Está a melhorar. Pelo menos é o que eles dizem. Ainda está em estado crítico, e inconsciente. Como estão as coisas por aí?

– Está tudo bem. A Maria está em segurança.

– E esta noite?

– Vai ficar aqui. Estará protegida.

– Se o diz. De que é que precisa?

– Acho que o Atkinson pode estar a conduzir um *Camry* azul. Relativamente novo.

– Porque é que acha isso?

Colin explicou-lhe o seu raciocínio.

– Por acaso não viu a matrícula?

– Não.

– Está bem. Não é muito, mas vou passar a palavra. Toda a gente quer encontrar este tipo, e quanto mais depressa, melhor.

Colin desligou, certo de que Lester estava no *Camry* azul naquela noite. Tinha a certeza, mesmo que não conseguisse explicar porquê. Apenas presumia que o seu subconsciente estava de alguma forma à frente da mente consciente na certeza de que as respostas estavam lá, se ao menos conseguisse encontrá-las...



– O que estás a fazer aqui fora? – perguntou Evan, juntando-se a Colin no jardim da frente.

– Estou a pensar – respondeu Colin. Eram seis e meia e o lusco-fusco dera lugar à escuridão; o ar outonal trazia consigo temperaturas mais frias à medida que a noite avançava.

– Bem me pareceu. Vi fumo sair-te pelas orelhas.

Colin sorriu.

– Acabei de falar com o detetive Wright – explicou ele, recapitulando a conversa. – O que estás a fazer aqui fora?

– Por muito amorosa que a Carmen seja, a comida dela é um bocado picante. A Lily pediu-me para ir buscar pastilhas elásticas ao porta-luvas, para refrescar a boca. Se queres saber a minha opinião, ela quer que o seu hálito cheire a hortelã porque não ter um hálito fresco não é próprio de uma senhora. – Encolheu os ombros. – A propósito, o que é que achas de tudo isto? Da família da Maria, quero dizer.

– Acho que são fantásticos.

– É surpreendente, não é? Toda a família *alargada* a vir cá para casa para a manter em segurança?

Colin acenou com a cabeça.

– Duvido que a minha família imediata aparecesse.

Evan ergueu uma sobrancelha.

– Não te convenças disso. Quando as coisas estavam complicadas, até a tua família cerrou fileiras para te ajudar.

– Os amigos também – disse Colin. – Obrigado pela ajuda que me deste hoje. Eu sei que querias passar o dia na cama com a Lily.

– Não tens que agradecer. – Evan encolheu os ombros. – De qualquer maneira, não ia acontecer. Eu não conseguia parar de pensar no Margolis e isso arruinou completamente a minha disposição. Ainda não consigo perceber como é que ele deixou que o Lester o atacasse.

Colin parou.

– Quando ele estava no alpendre, pareceu-te confuso?

– Pareceu-me irritado – disse Evan. – Porque ainda não nos tínhamos ido embora.

– Como é que parecia antes disso?

– Não faço ideia, meu – disse Evan, a abanar a cabeça. – Está tudo muito confuso, não sei bem o que aconteceu. Lembro-me de ouvir tiros e de te ver fazer aquela coisa maluca, mas depois disso... é só sangue. O meu cérebro está tão baralhado que nem sequer me lembro da razão pela qual vim cá fora.

– Vieste buscar pastilhas elásticas para a Lily – recordou-lhe Colin.

– Ah, sim. É isso mesmo. Frescura de hortelã. – Evan começou a dirigir-se para o carro e depois voltou-se para olhar para Colin. – Queres uma?

– Não – respondeu ele.

Mas provavelmente o Dr. Manning quereria...

Colin não percebeu porque é que a descrição que Margolis fizera do consumo compulsivo de pastilhas elásticas de Manning lhe veio à ideia, mas depois de pensar no assunto abanou a cabeça e decidiu voltar para dentro com Evan e juntar-se à família de Maria. Tinha de admitir que eram uma maravilha. Tinham-se mobilizado de uma forma surpreendente. Em tempos de crise, por vezes a família era a única coisa com que se podia contar. Até o Dr. Manning tinha aparecido para apoiar Lester. Falara com Margolis, fora à esquadra e também arranajara logo um advogado, já que o filho não estava em condições de tratar disso.

Mas... como é que o Dr. Manning soubera da detenção de Lester? Wright dissera que o advogado aparecera dez minutos depois de ele chegar à esquadra. Colin sabia por experiência própria que era quase impossível arranjar um advogado tão depressa, sobretudo a uma sexta-feira à noite, depois das horas de expediente. O que significava que o Dr. Manning sabia que Lester fora preso muito antes de ele chegar à esquadra. Era quase como se tivesse estado lá...

E tinha estacionado o carro na rampa de acesso?

Não, pensou Colin. Margolis teria reconhecido o carro. Ele tinha visto o carro do Dr. Manning na manhã do dia anterior, quando o médico lhe mostrara a arma no porta-bagagens. E, se *fosse* o carro do Dr. Manning na vivenda, era provável que Margolis parecesse...

Confuso?

Colin parou abruptamente. Não. Não era possível. Mas...

Famílias cerram fileiras... Pai e filho... Lester e o Dr. Manning... O Dr. Manning nervoso, a mastigar um pacote de pastilhas elásticas enquanto falava com Margolis...

Colin tentou encontrar a resposta, um pormenor esquecido... E?

Não vira um monte de invólucros de pastilhas elásticas espalhados no telhado do edifício em frente ao escritório de Maria?

Colin quase não conseguia respirar. Não era Atkinson e Lester. Era pai e filho a cerrar fileiras, e de repente as respostas começaram a surgir em catadupa na sua mente, tão depressa quanto as perguntas.

Porque é que Margolis não foi mais cauteloso na vivenda?

Porque viu que Avery Manning, o pai, já lá estava.

E a arma do Lester?

O Dr. Manning tinha dito a Margolis que a arma não devia ser verdadeira.

Porque é que Margolis tinha entrado?

Porque o Dr. Manning o tinha mandado entrar, garantindo-lhe que estava tudo bem.

Encaixava; tudo encaixava, pensou, com a clareza a emergir por fim.

Mas Lester fora preso.

Só porque Colin estava lá para o apanhar. Caso contrário, Lester poderia ter escapado.

Mas Lester poderia falar.

O advogado que o Dr. Manning contratara certificar-se-ia de que ele não abria a boca.

Mas o Dr. Manning deixara uma mensagem a Margolis, a pedir-lhe para avisar Maria...

Depois do facto – tarde de mais para fazer diferença.

E Atkinson?

O homem que não interveio quando Laws raptou Cassie? Que o Dr. Manning podia pensar que também merecia castigo?

Mas o computador portátil de Atkinson... as fotografias, os ficheiros...

Coisas que faziam dele a pessoa perfeita para ser o bode expiatório.

Nessa altura, Colin já estava a pegar no telemóvel e a verdade era tão óbvia que não percebia como é que lhe escapara.

Quem tinha os conhecimentos e a experiência necessários para manipular Lester?

O Dr. Manning, o psiquiatra.

Como é que o nome de Atkinson surgira?

Dr. Manning.

E o padrão de perseguição de Laws a Cassie?

O Dr. Manning conhecia todos os pormenores.

Colin ouviu uma voz do outro lado do telemóvel. Wright parecia atarefado e tenso.

– Você outra vez – disse. – O que é que se passa?

– Verifique se o Dr. Manning tem um *Camry* azul.

Wright hesitou.

– Espere aí. Porquê?

– Mande alguém confirmar enquanto eu falo – disse Colin. – Faça isso. É importante.

Depois de ouvir Wright gritar o pedido a outro agente, Colin contou-lhe tudo. Quando terminou, o detetive ficou calado durante alguns momentos.

– Parece um pouco rebuscado, não? – disse. – Mas, se tiver razão, o Margolis vai poder esclarecer tudo quando recuperar a consciência. Além disso... – Wright parecia estar a debater-se com as suas dúvidas.

– Sim?

– O Dr. Manning não está a tentar esconder-se. Longe disso... estive na esquadra ontem à noite e foi ao hospital hoje...

– Ele esteve lá? – perguntou Colin, experimentando uma sensação crescente de pânico.

– Falou com a Rachel. Queria pedir desculpa pelo que o filho fez e perguntou se seria possível falar com o Pete, para lhe pedir desculpa.

– Não o deixem aproximar-se do Margolis! – gritou Colin, com o pânico a dar lugar ao medo.

– Fale baixo – disse Wright. – O Manning não pôde vê-lo. Nem sequer eu pude vê-lo. Só a família é que pode entrar na UCI...

– O Manning foi lá para o matar! – interrompeu Colin. – Ele é médico... saberia o que fazer para que a morte parecesse natural.

– Não acha que está a tirar conclusões precipitadas?

– O Lester não disparou sobre o Margolis! Foi o Dr. Manning! O Lester teve-o mesmo à sua frente e não conseguiu apertar o gatilho. Se não acredita em mim, examine as mãos dele para ver se têm resíduos de pólvora.

– Isso não nos vai dizer nada. É tarde de mais. Esses testes perdem eficácia à medida que as horas vão passando...

– Sei que tenho razão em relação a isto!

Wright ficou em silêncio durante muito tempo.

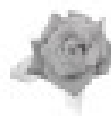
– Está bem... mas quanto ao computador do Atkinson?

– O Atkinson está morto – disse Colin com uma certeza inesperada. – O Dr. Manning matou-o. Fez com que parecesse que ele foi viajar, roubou-lhe o carro, plantou provas no computador, tornou-o o principal suspeito e planeou tudo.

Wright não falou. Após um momento de silêncio, Colin ouviu o som abafado do detetive a falar com outra pessoa. Colin sentiu-se cada vez mais frustrado até que Wright falou de novo, parecendo ligeiramente atordoado.

– O Dr. Manning – disse, devagar – tem um *Camry* azul, e... tenho de desligar... quero verificar se era o *Camry* que estava na vivenda...

Wright desligou a meio da frase.



Colin correu para dentro de casa para contar as novidades a Maria, e encontrou-a no alpendre das traseiras com Evan e Lily, os pais e uma série de tias e tios. Ela escutou em silêncio enquanto ele relatava as suas descobertas. No fim tinha os olhos fechados e, embora as revelações fossem sem dúvida assustadoras, Colin também sentiu nela uma espécie de paz por saber finalmente a verdade. Entretanto, os membros da família estavam em silêncio, à espera da sua reação.

– Está bem – disse Maria, por fim. – O que é que acontece a seguir?

– Acho que o Wright vai lançar um alerta para o Dr. Manning e depois vai fazer as coisas que os polícias fazem quando procuram um suspeito e investigam um caso.

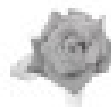
Maria pensou no que acabara de ouvir.

– E o padrão? – arriscou por fim. – Quero dizer, se o Dr. Manning queria que eu sentisse tudo o que o Laws fez à Cassie, porque é que teria vandalizado a minha casa ontem à noite? Ele não podia deixar de saber que assim seria ainda mais difícil apanhar-me. E porque é que o Lester não me agarrou quando teve a oportunidade para...

Espancar-me, talvez queimar-me viva e depois matar-se, não precisou de acrescentar. Colin lembrava-se do que Laws fizera, mas sabia que o Dr. Manning nunca planeara suicidar-se. Queria que o corpo de Atkinson fosse encontrado carbonizado, o que encerraria definitivamente o caso, deixando-o

livre. Colin só pôde abanar a cabeça.

– Não sei – reconheceu.



Já eram sete horas. A noite estava a ficar ainda mais escura e via-se apenas uma fina tira de lua acima do horizonte.

Quando a família, liderada por Felix, começou a fazer mais planos para manter Maria em segurança, Colin foi para a cozinha e tirou um copo do armário. Estava com sede, mas também queria estar sozinho enquanto refletia sobre as perguntas que Maria fizera.

Dirigiu-se para o frigorífico e colocou o copo sob o dispensador de água. Encheu-o, bebeu-o de uma só vez e começou a enchê-lo de novo enquanto olhava distraidamente para a porta do frigorífico. Havia fotografias de Maria e Serena ao longo dos anos, poemas, o certificado do crisma de Maria e um desenho de um arco-íris em lápis de cera com o nome de Serena cuidadosamente gravado no canto. Algumas das folhas tinham começado a amarelecer nas pontas e a única coisa recente parecia ser a carta que Serena recebera da Charles Alexander Foundation. Estava no canto superior, a esconder parcialmente um postal com a Catedral Metropolitana da Cidade do México. Enquanto olhava para o cabeçalho impresso, Colin teve de novo o incómodo pensamento de que o nome lhe parecia estranhamente familiar.

No entanto...

As perguntas de Maria tinham-no deixado inquieto. Porque é que o Dr. Manning tinha vandalizado o apartamento? Se ele queria que Maria sentisse tudo o que Cassie sentira, então porquê desviar-se agora do padrão? E porquê pintar as palavras *Vais saber qual é a sensação* no quarto dela quando isso só a tornava mais inacessível? Supôs que era possível que o Dr. Manning tivesse entrado em pânico ou perdido o controlo depois de Lester ter sido preso. Colin queria acreditar nisso, tentou obrigar-se a acreditar, mas não conseguia. Em vez disso, parecia que estava a escapar-lhe alguma coisa. Ou lhe faltava uma peça do quebra-cabeças, ou já não era importante para o Dr. Manning apanhar Maria...

Mas porque é que não seria?

Afastou-se do frigorífico e bebeu mais água, reconfortado com a ideia de que, mesmo sem as respostas, Maria estava em segurança e continuaria em segurança enquanto o Dr. Manning não fosse detido. Colin e a família garantiriam isso. Os membros da sua família davam um sentido completamente novo à expressão *cerrar fileiras*. Agora, estavam todos ali, a vigiar...

Mas naquele instante percebeu que estava enganado. Nem todos estavam aqui. Um deles estava ausente... e o Dr. Manning já não estava interessado em apanhar Maria...

Porque Maria nunca fizera parte da fase final do seu plano?

Na cabeça de Colin, as respostas começaram a atropelar-se, a clareza a emergir... o nome no cabeçalho da folha e o porquê de lhe soar tão familiar... porque é que a casa de Maria fora vandalizada... como Lester soubera do aniversário de Carmen... o verdadeiro significado das palavras que estavam pintadas no quarto...

Vais saber qual é a sensação...

Colin deixou cair o copo e saiu da cozinha a correr, atravessou a sala e percorreu o pequeno corredor para o quarto de Maria. Encontrou as malas dela e avistou o computador portátil na pasta. Pegou nele e abriu a tampa, a pensar, *Não, não, não... por favor, Deus, que eu esteja enganado em relação a isto...*

Abriu o motor de busca e inseriu o nome da fundação que oferecera a bolsa de estudo a Serena... quis vê-la... rezou para que aparecesse...

Não havia nenhum *site*; apenas um aviso a dizer que fora retirado e que o nome do domínio estava disponível.

Não, não, não...

Digitou o nome de Avery Manning e reconheceu as mesmas hiperligações que vira depois de ele e Maria terem falado com Margolis pela primeira vez. Lembrou-se da hiperligação que incluía a fotografia de Avery Manning e clicou nela enquanto voltava a correr para a sala. Olhou e avistou Carmen, mas não Felix.

– Carmen! – gritou, esperando que ela conseguisse perceber o que ia dizer.

Membros da família de Maria voltaram-se para ele, alarmados. Colin ignorou-os. Ignorou a repentina expressão de pavor de Carmen. Pelo canto do olho, viu a porta de correr abrir-se, Maria a preparar-se para entrar.

Nesse momento, já estava junto de Carmen. Levantou o computador e estava a apontar para a fotografia.

– Reconhece-o? – disse Colin, a falar alto e depressa. O medo dava agora lugar ao pânico. – É este homem que veio jantar cá a casa? Este é o diretor da fundação?

Carmen começou a abanar a cabeça.

– *No sé... No entiendo.... Habla más despacio, por favor.*

– O que é que se passa? – exclamou Maria. – O que estás a fazer, Colin? Estás a assustá-la!

– É ele! – gritou Colin.

– Quem? – gritou Maria, contagiada pelo seu medo. – O que está a acontecer? – Nesse momento, Felix também entrou a correr, seguido por Evan e Lily, e mais parentes...

– Olhe para ele! – disse Colin para Carmen, a apontar para a fotografia, baixando a voz e tentando, em vão, parecer calmo. – Olhe para a fotografia! O diretor! É ele? É o homem que veio jantar cá a casa?

– *¡Mira la foto, Mamá!* – traduziu Maria, aproximando-se dela. – *¿Es ésto el director de la fundación? ¿Quién vino a la casa para la cena?*

Aterrorizada, Carmen olhou para Colin e Maria antes de se inclinar para observar a fotografia no ecrã. Passado um momento, começou a assentir rapidamente.

– *¡Sí!* – disse Carmen, aparentemente à beira das lágrimas. – Charles Alexander! *Él es el director! ¡Él estaba aquí en la casa!* – Colin! – gritou Maria, agarrando-lhe no braço. Ele virou-se, fitando-a com pânico nos olhos.

– Onde está a Serena? – perguntou. – Onde é que ela está?

– Na entrevista, tu sabes... Qual é o problema?

– Onde é a entrevista? Onde é que vai decorrer?

– Não sei. Talvez no escritório da fundação...

– Onde é o escritório? – gritou Colin.

– No centro da cidade... na zona do porto – gaguejou Maria. – Na zona comercial mais antiga, não no bairro histórico. Diz-me o que está a acontecer!

Edifícios abandonados, pensou Colin. *Edifícios arrestados. Fogo...* Pensamentos a sucederem-se tão depressa como cartas a serem baralhadas... o Dr. Manning já não se importava se conseguia apanhar Maria... Maria tinha de *saber qual é a sensação*... Porque não se tratava apenas de fazer Maria sentir o terror de Cassie, a ideia era castigá-la, fazendo-a sentir-se da mesma forma que ele e Lester se tinham sentido depois de verem uma pessoa que amavam ser assassinada.

Oh, meu Deus...

– Liguem para a polícia! – gritou Colin. – Liguem para o número de emergência!

– Colin! – gritou Maria. – Fala comigo!

– O Avery Manning fez-se passar por Charles Alexander! – gritou Colin, sentindo que os ponteiros do relógio avançavam e que não havia tempo para explicar tudo. – O Dr. Manning teve um filho chamado Charles Alexander. Não há nenhuma fundação. Nem bolsa de estudo. O Dr. Manning inventou tudo – disse, num tom sibilante. – Tu não eras o alvo... a Serena é o alvo. Ela está com ele agora e tenho de saber exatamente onde estão antes...

Maria percebeu tudo num instante e o terror apoderou-se do seu rosto enquanto Colin lhe agarrava na mão e a puxava consigo, correndo para a porta que dava acesso à garagem. Enquanto saíam da garagem e corriam para o carro dele, ouviu vagamente Maria gritar por cima do ombro:

– *¡Llame a la policía! Emergencia! ¡Llame a nueve-uno-uno!*

Maria entrou rapidamente e Colin estava a dar a volta ao carro quando ouviu Evan gritar que também iam.

Colin sentou-se atrás do volante enquanto mandava Maria ligar para o detetive Wright. Rodou a chave com força, ligando o motor, e os pneus chiaram quando se afastou da casa. Pelo espelho retrovisor, reparou vagamente em faróis a acenderem-se, Evan e Lily e vários parentes a virem atrás do seu carro.

– A que horas é que a Serena disse que tinha a entrevista? – perguntou Colin, enquanto Maria esperava que Wright atendesse o telefonema.

– Não me lembro... às sete, talvez?

– Qual é a morada?

– Eu fui buscá-la ao escritório uma vez, mas não sei...

Colin carregou no pedal do acelerador a fundo. O motor rugiu e o carro trepidou quando fizeram a primeira curva... Colin a pensar que talvez já fosse tarde de mais... a amaldiçoar-se por não ter percebido antes. Os faróis no espelho retrovisor foram ficando mais pequenos quando o conta-quilómetros se aproximou dos 110, e depois dos 130.

Pisou o travão, entrando na rua principal a derrapar e obrigando um carro que vinha em sentido contrário a travar a fundo. Sem se deixar intimidar, acelerou de novo, apenas vagamente consciente de que Maria gritava para o telemóvel a falar com o detetive Wright.

Colin continuou a acelerar, chegando quase aos 160 quilómetros por hora, experimentando uma sensação de *déjà vu* quando guinou para a ciclovía e abrandando mas não parando nos semáforos vermelhos. Buzinou, fez sinais de luzes e cortou caminho por parques de estacionamento enquanto preciosos minutos iam passando.

Maria tinha desligado a chamada com o detetive Wright e agora marcava freneticamente o número da irmã, dominada por um pânico cada vez maior.

– A Serena não está a atender o telemóvel!

– Descobre quando é que saiu da residência! – gritou Colin.

– Mas... como?

– Não sei!

Colin mudou de faixa, passou mais um semáforo vermelho e olhou pelo espelho retrovisor. Os faróis de Evan estavam demasiado longe para serem vistos e Colin apertou o volante, furioso consigo mesmo por ter sido tão estúpido, por ter deixado escapar o óbvio. Pensou em Serena e disse a si mesmo que chegaria lá a tempo de a salvar.

Chegaria. Tinha de chegar.

Charles Alexander. Alexander Charles. Vira o nome no computador e a ligação estava no frigorífico, no maldito cabeçalho da carta! E Serena até dissera o seu nome ao jantar! Era óbvio, e Colin não percebia porque é que demorara tanto tempo a associar as coisas. Se alguma coisa acontecesse a Serena porque ele fora tão estúpido...

Colin ouviu vagamente Maria gritar o nome Steve para o telemóvel... Ouviu-a perguntar quando é que Serena saíra... Ouviu-a dizer que Serena estava atrasada e saíra às 18h40...

– Que horas são? – perguntou Colin, acelerando o máximo possível e incapaz de tirar os olhos da estrada por um único segundo. – Vê no teu telemóvel!

– Sete e doze.

Talvez Serena ainda não tivesse chegado...

Ou já lá estivesse...

Colin cerrou os dentes, com os músculos do maxilar a pulsar, e pensou que se lhe acontecesse alguma coisa...

Perseguiria o Dr. Manning até aos confins da Terra. O homem merecia morrer, e naquele instante os seus pensamentos começaram a estreitar-se quando sentiu uma necessidade visceral, quase tangível, de matá-lo.

Na sua raiva cada vez maior, o conta-quilómetros atingiu os 190 quilómetros e Colin só conseguia pensar: *Vai, vai, vai...*

CAPÍTULO 32



Maria

Colin seguia tão depressa que as imagens do outro lado das janelas desapareciam numa mancha. Apesar do cinto de segurança, Maria era atirada de um lado para o outro sempre que ele fazia uma curva, ou travava, ou acelerava. E, no entanto, só conseguia pensar em Serena e que o alvo fora sempre ela. E ele enganara-a...

A falsa bolsa de estudo. Entrevistas. Conquistando a pouco e pouco a sua confiança...

E durante todo esse tempo estava a arquitetar o seu plano. A seguir Serena. A persegui-la. Não apenas pessoalmente, mas também nas redes sociais. Viera jantar com a família porque sabia que Maria não estaria presente... Serena contara ao mundo inteiro que a irmã tinha um encontro. Sabia que ela iria festejar os anos da mãe porque Serena também o postara. Quando assimilou a realidade do que estava a acontecer, Maria experimentou uma sensação crescente de pânico que começou a ganhar vida própria. Quando os músculos do seu peito começaram a comprimir-se, começou a ter dificuldade em respirar. Tentou afastar as sensações, pois sabia que estava a ter um ataque de pânico, mas não conseguia parar de pensar em Serena. E se já fosse tarde de mais? E se o Dr. Manning já tivesse raptado Serena e lhe fizesse o que fora feito a Cassie?

Maria pensou nas fotografias do local do crime de Laws e de repente os seus pulmões contraíram-se ainda mais, tornando a respiração quase impossível. Disse de novo a si mesma que era apenas um ataque de pânico, mas quando tentou respirar e não conseguiu, percebeu que estava enganada. Não era um ataque de pânico. Da última vez não fora assim. Nesse instante, sentiu uma dor lancinante no peito que lhe percorreu o braço esquerdo.

Oh, meu Deus, pensou. *Estou a ter um ataque cardíaco...*

Colin travou e a força da travagem atirou Maria com força para a frente. Foi atirada de novo momentos depois quando ele fez outra curva, e desta vez a sua cabeça bateu na janela. Maria quase não sentiu a dor; só conseguia pensar na pressão no peito e no facto de não conseguir respirar. Tentou gritar, mas não saiu nenhum som. Naquele instante apercebeu-se apenas vagamente de que o telemóvel apitou e vibrou com uma mensagem de texto, mas o pensamento desvaneceu-se de imediato quando o mundo começou a tornar-se preto.

– Maria? O que é que se passa? – gritou Colin. – Estás bem?

Estou a ter um ataque cardíaco!, tentou ela dizer quando os seus olhos começaram a fechar-se. *Estou a morrer!* Mas as palavras não saíram. Não conseguia respirar, o coração estava a desistir e pareceu-lhe ouvir Colin gritar o seu nome, mas parecia debaixo de água e muito longe, e não conseguiu compreender porque é que ele não estava a fazer nada, porque é que não a estava a ajudar. Tinha de chamar uma

ambulância e de a levar para o hospital...

Os seus pensamentos foram interrompidos e de repente sentiu que a endireitavam no banco do carro e uma pressão no ombro; instantes depois, o seu corpo estava a ser abanado.

– Não te descontroles, Maria! – ordenou Colin. – Estás a ter um ataque de pânico!

Não é um ataque de pânico!, gritou a sua cabeça enquanto ela tentava respirar e perguntava freneticamente a si mesma porque é que ele não a estava a ajudar. *Desta vez é a sério, não percebes?*

– Maria! Escuta-me! Maria! – gritou Colin. – Preciso de saber para onde é que a Serena foi! O Manning está com ela neste momento! Preciso da tua ajuda! A Serena precisa da tua ajuda!

Serena...

Maria abriu instintivamente os olhos quando ouviu o nome da irmã e interessou-se pelo som, concentrando-se nele, mas era tarde de mais...

– Maria!

Desta vez, foi o som do seu nome que a sobressaltou. Pensou; o Colin está a falar comigo. Pensou; a Serena. Pensou; o Dr. Manning. Sem saber como, conseguiu manter os olhos abertos, embora ainda não conseguisse respirar e estivesse tonta. Mas... *Serena... oh, Deus, a Serena precisava de...*

Ajuda.

Cada célula do seu corpo continuava a martelar um presságio de morte, afogando a realidade da situação. Esforçou-se para recuperar a clareza de espírito; obrigou-se a pensar em Serena e soube que iam para a zona do porto para salvar a irmã, e que o seu telemóvel tinha vibrado com uma mensagem de texto.

Foi muito difícil pôr o ecrã direito e focar o olhar, mas conseguiu perceber as palavras...

Desculpa. Telemóvel no silêncio. A ir a pé para a entrevista agora. Faz figas!

Serena. A irmã ainda estava viva e seguiam a toda a velocidade para a salvar. Maria obrigou-se a fazer uma inspiração longa e forte, e depois outra. *É só um ataque de pânico, pensou. Eu consigo ultrapassar isto...*

Mas o seu corpo continuava a revoltar-se, embora o cérebro tivesse começado a desanuviar. As mãos tremiam e os dedos não mexiam bem. Conseguiu premir o botão de marcação, mas a chamada foi parar à caixa de mensagens. Entretanto, Colin continuava a gritar-lhe atrás do volante, enquanto derrapava em mais uma curva...

– Maria! Estás bem? Diz-me que vais ficar bem!

Embora não fosse imediato, percebeu que tinham chegado a South Front Street e que iam no sentido certo.

– Estou bem – murmurou, ainda a recuperar o fôlego, surpreendida por conseguir falar e percebendo que já não era impossível respirar. – Só preciso de um minuto.

Colin olhou rapidamente para ela antes de fixar a estrada e carregar no pedal do acelerador.

– Quanto tempo? – perguntou ele. – Tenho de saber onde ela está.

– Não sei – respondeu Maria, com a voz ainda fraca e o corpo a esforçar-se para recuperar. – Mais alguns quarteirões – arquejou, sentindo-se tonta.

– Tens a certeza?

Tinha? Olhou para a rua, querendo certificar-se.

– Sim.

– À esquerda ou à direita?

– Esquerda – respondeu Maria. Com esforço, obrigou-se a sentar-se mais direita no banco. O seu corpo continuava a tremer.

Colin atravessou o cruzamento seguinte a grande velocidade. Maria olhou pela janela e reparou

vagamente em meia dúzia de barracas e casas de barcos mais perto do rio, escuras e cheias de sombras. Os candeeiros de iluminação pública quase não atenuavam a escuridão. A velocidade do carro começou a diminuir quando Colin tirou o pé do acelerador e avançaram devagar pelo quarteirão seguinte e ao longo de mais um cruzamento. Aqui, a arquitetura mudou de uma forma notória; os edifícios de telhados planos estavam agora colados uns aos outros como casas em banda, e alguns encontravam-se em melhor estado do que outros. Havia luzes de escritórios acesas em alguns andares, mas a maioria estava às escuras e os carros na rua estavam mais espaçados. Não havia trânsito em nenhum sentido. Maria lutava contra uma súbita onda de raiva e culpa por ter tido um ataque de pânico no pior momento possível, quando Serena mais precisava dela, e de repente, quando passavam por outro quarteirão, começou a reconhecer o local e percebeu que estavam próximo.

Lembrou a si mesma que já tinha passado pelo mesmo e, apesar da rebeldia incansável do seu corpo, obrigou-se a respirar fundo enquanto perscrutava os edifícios. Era difícil saber ao certo qual é que procurava, pois não prestara muita atenção da primeira vez que estivera ali. Lembrava-se vagamente de que Serena estava parada num cruzamento e que havia alguns trabalhadores da construção civil a olhar do outro lado da estrada... Franziu os olhos, avistou andaimes num prédio da esquina e depois, do outro lado da estrada, o carro de Serena...

– Ali! – disse, a apontar. – O prédio de tijolo de três andares na esquina!

Colin encostou logo e não esperou por Maria enquanto esta se esforçava para abrir a porta, furiosa por o seu corpo se ter revoltado e precisar de recuperar. Não tinha tempo para aquilo. Não nesse momento. Especialmente nesse momento. Por fim, abriu a porta, e obrigou-se a sair e começar a andar.

Nessa altura, Colin já tinha chegado à porta do átrio. Viu-o tentar abri-la, depois de perceber que estava trancada, e em seguida bater em alguma coisa ao lado do puxador. Quando Maria levantou a cabeça, havia sete ou oito escritórios ainda iluminados em diversos andares, e ela viu Colin a esmurrar o vidro. Pela sua linguagem corporal, percebeu que ele estava a pensar se devia parti-lo, mas soube instintivamente que Serena não estava no prédio. E o Dr. Manning também não. Ele fora demasiado cuidadoso até ao momento para cometer esse erro agora; fora demasiado meticoloso, e havia muitas pessoas no edifício, demasiadas potenciais testemunhas, demasiadas coisas que podiam correr mal. Imaginou que ele devia ter esperado por Serena no passeio diante do edifício, talvez com uma desculpa sobre um cano que rebentara ou outra coisa qualquer, e que, por esse motivo, a entrevista decorreria noutro lugar. Sabia que ele queria um lugar privado, onde sabia que não seria apanhado, um lugar que ardesse.

– Colin! – tentou gritar. O som saiu fraco. Esforçou-se para acenar com os braços, mas as tonturas voltaram num ápice e ela tropeçou. – Colin! – chamou de novo, e desta vez ele ouviu a sua voz e correu para ela.

– A porta tem uma daquelas fechaduras de código! O nome da fundação não consta da lista de escritórios, por isso carreguei em todos os botões, mas ninguém abre.

– A Serena não está aí – conseguiu Maria dizer. – O Manning levou-a para outro sítio qualquer. Há demasiadas pessoas lá dentro, demasiadas pessoas ainda a trabalhar.

– Se ela entrou no carro dele...

– Ela mandou-me uma mensagem de texto a dizer que ia a pé para a entrevista.

– Então, onde está o carro dele? Não o vejo.

– Vê do outro lado da esquina – arquejou Maria, ainda a lutar contra ondas de tonturas. – Deve estar estacionado ali. Se ele procura um lugar deserto, levou-a para uma das barracas ou casas de barcos perto do rio. Depressa! – disse, sentindo que estava prestes a cair. – Vai. Eu vou buscar o meu telemóvel e ligar para a polícia... – *E para os meus pais, para os meus familiares, para a Lily, para todos os que*

entraram nos carros para nos seguir, pensou.

Nessa altura, Colin já voltava para o cruzamento, inseguro, a querer confiar nela, mas...

– Como é que sabes que eles vão estar lá?

– Porque – disse ela, a perguntar a si mesma quando é que a polícia chegaria, a recordar a cabana à beira do lago onde Cassie fora assassinada, a recordar as barracas e as casas de barcos que se multiplicavam nesta zona do rio Cape Fear – é para onde o Laws teria ido.

CAPÍTULO 33



Colin

Os instintos de Maria estavam certos. Colin descobriu o *Camry* azul estacionado na rua transversal ao edifício. Passou por ele a correr. Mais adiante via-se um terreno baldio que se estendia em direção às margens lamacentas do rio Cape Fear, um vazio negro à sua frente, sem reflexo nesta noite sem lua.

A rua terminava numa estrada de gravilha que bifurcava para a esquerda e para a direita, em direção à margem do rio. Um dos lados levava a uma pequena marina degradada com uma estrutura metálica enferrujada que abrigava um conjunto diversificado de barcos, protegidos por uma vedação baixa; na outra direção, perto da margem do rio, viam-se duas estruturas que se assemelhavam a celeiros, a cerca de cinquenta metros de distância uma da outra. Os edifícios pareciam abandonados, com tábuas partidas e tinta desbotada e a descascar, rodeados por ervas altas e trepadeiras. Colin abrandou, tentando, num frenesim, adivinhar para onde é que Manning teria levado Serena. Nesse instante, viu um raio de luz brilhar de forma intermitente entre as tábuas do edifício abandonado da esquerda, desaparecendo e voltando a aparecer.

O feixe de uma lanterna?

Saiu da estrada de gravilha e cortou caminho pelo meio das ervas, que lhe davam pelas canelas em alguns sítios, e obrigou-se a ir ainda mais depressa, esperando não ter chegado tarde de mais. Ainda sem saber o que ia fazer nem o que ia encontrar.

Quando chegou ao edifício onde vira a luz, colou-se à parede. De perto, percebeu que a estrutura já fora uma fábrica de gelo, talvez para fornecer os blocos que os pescadores levavam nos barcos para manter a pescaria fresca.

Não havia porta desse lado do edifício, mas uma janela entaipada emitia uma luz fraca e bruxuleante. Colin começou a aproximar-se muito devagar do lado mais afastado do rio, esperando encontrar a porta, e ouviu um grito vindo do interior...

Serena...

O som incentivou-o. Correu para o outro lado, mas a porta naquela fachada também tinha sido entaipada. Passou por ela a correr, para o terceiro lado, e viu mais uma janela fechada com tábuas. Só lhe restava uma opção. Espreitou na esquina do edifício e avistou logo a porta que procurava. Agarrou no puxador, mas constatou que estava fechada à chave. Nesse instante, ouviu novo grito de Serena.

Recuou e atirou o calcanhar contra a porta, ao lado do puxador. Foi uma pancada perfeita, forte e rápida, e o caixilho desfez-se e a porta entreabriu-se. Naquela fração de segundo, viu Serena amarrada a uma cadeira no meio do espaço mal iluminado e o Dr. Manning ao seu lado com uma lanterna na mão.

Via-se a forma de um corpo no canto, entre latas de tinta enferrujadas. O rosto de Serena estava magoado e ensanguentado. Surpreendidos, Serena e o Dr. Manning gritaram quando Colin entrou no armazém. De repente, um feixe de luz fixou-se nos seus olhos.

Cego e desorientado, Colin avançou a grande velocidade para onde vira o Dr. Manning pela última vez. Abriu os braços, mas Manning estava em vantagem e esquivou-se. Colin sentiu a pesada lanterna metálica bater nas costas da sua mão e ouviu os ossos partir. A combinação de choque e dor lancinante não o deixou reagir com a velocidade necessária. Quando Serena gritou de novo, Colin virou-se, tentando enfrentar Manning, mas foi tarde de mais. A lanterna bateu-lhe na têmpora e o impacto súbito deixou tudo preto. O seu corpo ficou sem forças e as pernas cederam; quando caiu ao chão, a sua mente ainda tentava processar o que acontecera. O instinto e a experiência instigaram-no a levantar-se depressa, e após anos de treino os movimentos deviam ter sido automáticos, mas o corpo não reagia. Sentiu mais uma forte pancada no crânio, que irradiou fortes ondas de agonia para todo o corpo. A sua mente começou a perder a capacidade de pensar de uma forma coerente; não conseguia registar nada a não ser dor e confusão.

O tempo pareceu estilhaçar-se e fragmentar-se. Acima dos zumbidos constantes nos ouvidos, ouviu vagamente o som de alguém a chorar e a gritar... a implorar... uma voz de mulher... e uma voz de homem...

A escuridão adensou-se e a dor espalhou-se pelo seu corpo como uma onda.

O som de alguém a choramingar penetrou de uma forma muito ténue na sua letargia; quando reconheceu o seu nome, conseguiu por fim abrir um olho. O mundo parecia toldado, nada a não ser um sonho cheio de nevoeiro, mas, quando lhe pareceu ver Maria amarrada a uma cadeira, o choque foi suficiente para compreender, por fim, o que acontecera e onde estava.

Não, não era Maria. Era Serena.

Mas não conseguia mexer-se. Não conseguia concentrar-se e só conseguiu distinguir o Dr. Manning ao longe quando ele se dirigiu para a parede do fundo. Segurava nas mãos uma coisa vermelha e quadrada. Colin ouviu os gritos constantes de Serena e de repente as suas narinas encheram-se com o cheiro de gasolina. Demorou um instante a perceber o que estava a acontecer. Passivamente, viu Manning atirar a lata de gasolina para um canto. Viu um brilho de luz, um fósforo, ficou a vê-lo descrever um arco no ar antes de cair ao chão. Ouviu o som da ignição, como acendalha líquida em carvão. Viu chamas começarem a incendiar as paredes, cujas velhas tábuas estavam secas como lenha para uma fogueira. O calor começou a aumentar. O fumo adensou-se.

Colin tentou mexer as mãos, as pernas, mas sentiu apenas uma paralisia entorpecedora. A sua boca tinha um sabor metálico e acobreado e viu uma mancha de movimento quando Manning passou por si, dirigindo-se para a porta que ele arrombara.

As chamas erguiam-se para o teto e os gritos de Serena transmitiam o mais puro terror. Ouviu-a tossir uma vez, e depois outra. Obrigou-se a mexer e perguntou a si mesmo porque é que o seu corpo não estava a reagir. Por fim, o braço esquerdo moveu-se um centímetro para a frente. Em seguida, o direito. Fez deslizar os dois braços para baixo do corpo e tentou levantar-se, mas os ossos partidos da mão moveram-se. Colin gritou e o seu peito bateu no chão, mas a dor transformou a fúria em raiva e alimentou a sua necessidade de violência e vingança.

Pôs-se de gatas e levantou-se lentamente. Sentia-se tonto e ainda não conseguia equilibrar-se. Deu um passo e tropeçou. Os olhos ardiam-lhe por causa do fumo acre e encheram-se de lágrimas. Os gritos de Serena tinham-se transformado numa tosse incontrollável; Colin sentiu que não conseguia respirar. As chamas tinham-se espalhado para as outras paredes, rodeando-os. O calor era intenso e o fumo começava a ficar negro, a queimar-lhe os pulmões. A cambalear, deu os poucos passos necessários para chegar a Serena e observou a confusão de nós na corda que a amarrava à cadeira. Percebeu que não conseguiria

desamarrá-la a tempo com uma mão e olhou em volta, à procura de uma faca. Um machado. Qualquer coisa afiada...

Colin ouviu um forte estalido, seguido de um rugido quando o telhado da fábrica de gelo cedeu, lançando faúlhas em todas as direções. Uma trave tombou a alguma distância deles, e depois outra caiu ainda mais perto. Em três paredes, as chamas pareciam multiplicar-se e o calor era tão intenso que ele pensou que as suas roupas estavam a arder. Começando a entrar em pânico, agarrou na cadeira com Serena ainda presa nela e tentou levantá-la, mas sentiu uma pontada de dor na mão partida. Deixou de pensar e uma enorme raiva cresceu dentro de si. Consequia aguentar a dor; sabia controlá-la e tentou aproveitá-la, mas a mão dele já não conseguia agarrar nada.

Incapaz de transportar Serena, não tinha outra opção. Eram cinco, talvez seis passos grandes até à porta e ele agarrou na cadeira com a mão boa, rodou-a e começou a arrastá-la para a porta. Tinha de chegar lá antes das chamas. Puxou e arrastou, e cada movimento provocava-lhe uma pontada de dor na mão e na cabeça.

Saiu pela porta aberta. Fumo e calor seguiram-nos para o exterior e ele sabia que teria de levar Serena para uma distância segura, longe do fumo. Não podia arrastá-la pelo campo ou pela lama e, ao avistar gravilha à direita, seguiu naquela direção, para o outro edifício. Atrás deles, a fábrica de gelo quase fora engolida pelas chamas; o barulho aumentou, ampliando o zumbido contínuo nos seus ouvidos. Continuou a andar, descansando apenas quando o calor do fogo começou a diminuir.

Serena não parara de tossir e, na escuridão, a sua pele parecia quase azul. Colin sabia que ela precisava de uma ambulância. Precisava de oxigénio, e ainda tinha de a tirar da cadeira. Não viu nada que pudesse usar para cortar a corda e perguntou a si mesmo se haveria alguma coisa no outro edifício. No instante em que começou a dirigir-se para lá, viu uma figura aparecer na esquina e colocar-se em posição para disparar. O cano de uma espingarda refletiu o fogo...

A caçadeira que Margolis mencionara, a que Manning dissera que talvez nem sequer funcionasse...

Colin derrubou Serena e a cadeira e atirou-se ao chão para a proteger no instante em que ouviu a explosão. A caçadeira fora disparada a quarenta metros de distância, forçando o alcance máximo, e Manning apontara alto. O segundo tiro foi ligeiramente mais certo. Colin sentiu os chumbos rasgarem-lhe o ombros e a parte superior das costas, e sangue escorreu. As tonturas voltaram e esforçou-se para se manter consciente enquanto se apercebia vagamente de que Manning corria para o carro.

Colin nunca conseguiria apanhá-lo. O vulto de Manning afastou-se e ele não podia fazer nada. Perguntou a si mesmo porque é que a polícia estava a demorar tanto tempo a chegar e esperou que o apanhassem.

Os seus pensamentos foram interrompidos por um rugido quando o fogo irrompeu de repente pelo telhado da fábrica de gelo, vivo e ruidoso, e o som foi quase ensurdecador. Parte da parede explodiu, lançando pedaços de madeira e faúlhas na sua direção. Quase não conseguia ouvir Serena chorar no meio da tosse e percebeu que continuavam em perigo, demasiado perto do incêndio. Não conseguiria arrastá-la mais, mas poderia ir buscar ajuda e obrigou-se a levantar. Tinha de ir para um lugar onde alguém pudesse vê-lo. Deu duas dúzias de passos em frente, a cambalear, a sangrar, com o braço e a mão esquerdos agora inúteis e os terminais nervosos a irradiar agonia.

Nessa altura, Manning chegara ao carro e Colin viu os faróis iluminarem-se. O *Camry* afastou-se do passeio e começou a avançar diretamente para ele.

E para Serena.

Colin sabia que não conseguiria ir mais depressa que o carro; não conseguiria sequer fugir dele. Mas Serena estava ainda mais desamparada e Manning sabia exatamente onde ela estava.

Colin cerrou os dentes e cambaleou em frente o mais depressa que conseguiu, criando distância entre si

e Serena. Esperando que Manning o seguisse. Esperando que Manning fugisse. Mas as luzes continuaram apontadas para Serena. Sem saber mais o que fazer, Colin parou e começou a acenar com o braço direito, a tentar chamar a atenção de Manning.

Fez-lhe um gesto feio com o dedo.

O *Camry* afastou-se imediatamente de Serena e começou a avançar para ele, acelerando e reduzindo a distância que os separava. Continuava a ouvir-se um guincho estridente na fábrica de gelo, enquanto o fogo a consumia. Colin cambaleou o mais depressa possível para longe de Serena, sabendo que tinha apenas mais alguns segundos, sabendo que ia morrer. O carro estava quase em cima dele quando, de repente, o terreno à sua frente foi iluminado por outro conjunto de faróis algures atrás de si.

Quase não viu a mancha do *Prius* de Evan quando ele embateu no *Camry* com uma força brutal, empurrando os dois veículos para o incêndio. O *Camry* chocou contra a esquina da fábrica de gelo e o *Prius* empurrou-o para a frente. O telhado do edifício começou a ruir enquanto as chamas se intensificavam ainda mais, subindo em direção ao céu.

Colin tentou correr, mas as suas pernas cederam. O sangue continuava a escorrer das feridas e, deitado no chão, sentiu que voltava a ficar tonto. Já ouvia sirenes, que competiam com o ruído do incêndio. Pensou que chegariam tarde de mais, que não sobreviveria, mas não importava. Não conseguia tirar os olhos do *Prius* e tentou ver se a porta se abria ou o vidro da janela descia. Evan e Lily poderiam escapar ao fogo se se despachassem, mas as probabilidades de isso acontecer eram reduzidas.

Tinha de ir ter com eles, e tentou mais uma vez levantar-se. Bastou-lhe erguer a cabeça para quase desmaiar. Pareceu-lhe ver luzes vermelhas e azuis intermitentes nas ruas laterais e faróis luminosos a aproximarem-se. Ouviu vozes em pânico a gritar por Serena e por ele e quis gritar-lhes que tinham de se despachar, que Evan e Lily precisavam de ajuda, mas a única coisa que saiu foi um sussurro rouco.

E foi então que ouviu Maria; ouviu-a gritar o seu nome e chegar ao seu lado.

– Estou aqui! – exclamou ela. – Aguenta! A ambulância está a caminho!

Colin não conseguiu falar. Começou tudo a rodopiar e as imagens tornaram-se desarticuladas, nada fazia sentido. Num instante, o *Prius* foi engolido por chamas; quando piscou os olhos de novo, apenas metade do carro tinha desaparecido. Pareceu-lhe ver a porta do lado do passageiro a abrir-se, mas havia demasiado fumo e não viu mais nenhum sinal de movimento, e não conseguiu ter a certeza. Sentiu-se desaparecer, a escuridão a instalar-se, e no último momento de consciência rezou para que os dois melhores amigos que tinha conseguissem escapar com vida.

EPÍLOGO

O mês de abril nunca deixava de surpreender Maria. Embora tivesse crescido no Sul e soubesse o que esperar, havia sempre alguns dias gloriosos, dias perfeitos, em que parecia que tudo era possível. Um céu azul sem nuvens cobria relvados verdes que tinham estado castanhos durante todo o inverno, e de repente tudo explodia com cor. Cornizos e cerejeiras e azáleas ganhavam vida em toda a cidade, tulipas brancas nasciam nos jardins bem cuidados. As manhãs estavam frescas, mas os dias aqueciam quando o sol se erguia, brilhante, no céu.

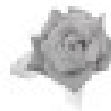
Hoje era um desses efêmeros dias de primavera e, parada no relvado meticulosamente cortado, viu Serena a conversar animadamente com um grupo de pessoas que não reconheceu, com um sorriso grande e feliz estampado no rosto. Ao vê-la agora era difícil acreditar que, até há muito pouco tempo, tinha de fazer um grande esforço para sorrir; durante meses, tivera pesadelos com o que lhe acontecera e, quando se olhava ao espelho, via as nódoas negras e os cortes que Manning lhe fizera enquanto estava amarrada à cadeira. Dois dos cortes tinham deixado cicatrizes – uma perto do olho, a outra no queixo –, mas já começavam a esbater-se. Daqui a um ano, Maria estava convencida de que ninguém notaria, a não ser que soubessem para onde olhar. No entanto, isso também significaria que teriam de recordar aquela noite horrível, e as recordações traziam sempre dor.

Só duas semanas depois é que o detetive Wright, com Margolis, que ainda estava a recuperar, se tinham encontrado com Maria e admitido que Colin tinha razão em relação a tudo. Os restos mortais de Atkinson tinham sido encontrados no que restara da fábrica de gelo incendiada. Os testes de balística acabaram por relacionar a bala na cabeça de Atkinson com a arma que estava na posse de Lester. O incêndio tornou impossível determinar o momento em que fora assassinado, mas os investigadores desconfiavam que teria sido pouco depois do seu desaparecimento. Graças a alguns fios de cabelo de Atkinson encontrados congelados nas paredes de uma grande arca vazia na garagem do Dr. Manning, em Charlotte, conseguiram determinar que o cadáver fora guardado ali. As contas bancárias de Manning foram investigadas e havia inúmeros débitos cujos valores correspondiam às quantias que tinham sido transferidas para as contas de Atkinson, para pagar as suas contas, e também confirmaram o arrendamento da vivenda em Shallotte.

As impressões digitais de Lester tinham sido encontradas no carro de Atkinson e os investigadores esperavam que ele desse ainda mais respostas. Mas isso não aconteceria. Depois de passar três dias na enfermaria sob supervisão constante, ele foi avaliado por um psiquiatra e considerado apto para ir para uma cela, sujeito a inspeções frequentes. No final dessa tarde, Lester encontrou-se com o seu advogado, que disse à polícia que, embora abalado pela perda do pai, ele parecia estar bastante lúcido. Lester aceitou ser interrogado pelos detetives no dia seguinte, desde que o advogado estivesse presente. Foi levado para a cela e comeu a refeição que lhe levaram. Gravações de vídeo indicavam que os guardas iam vê-lo a cada quinze ou vinte minutos, mas ainda assim conseguira suicidar-se, usando tiras do lençol, que amarrara umas às outras. Quando os guardas o encontraram, era demasiado tarde.

Por vezes, Maria perguntava a si mesma se Lester teria sido cúmplice, ou apenas mais uma vítima do Dr. Manning. Ou talvez as duas coisas. Depois de despertar do coma, Pete Margolis admitiu que não sabia quem disparara sobre ele. Ouvira a voz do Dr. Manning a dizer-lhe para entrar, mas vira o cano de uma arma a espreitar pela abertura de um armário durante breves instantes antes de ser atingido. A única coisa que Maria sabia com toda a certeza era que Lester e o Dr. Manning estavam mortos e que nenhum viria de novo atrás dela. Porém, apesar do que lhe tinham feito a ela e a Serena, por vezes sentia momentos de tristeza e pena pela família Manning. Um filho que morrera num acidente em criança, uma irmã mais velha assassinada, uma mãe há muito a lutar contra uma depressão, que acabara por se suicidar... Perguntou a si mesma quem se teria tornado se aquelas coisas lhe tivessem acontecido, ou se Serena tivesse morrido naquela noite na fábrica de gelo.

Olhou por cima do ombro, observando a multidão que se reunira no relvado, e pensou no quão abençoada era. A mãe e o pai estavam a conseguir controlar os seus instintos protetores, o seu emprego com Jill era extremamente satisfatório, usara algum do dinheiro da indemnização para comprar móveis novos para o apartamento e também roupa nova – e ainda tinha o suficiente para começar a construir uma pequena poupança. No fim de semana anterior até entrara numa loja de artigos de fotografia e apaixonara-se por uma lente UV extremamente cara. A água também começava a aquecer e o paddleboard chamava-a...

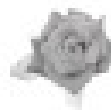


O casamento fora espetacular, se bem que, com a organização e preparação de Lily, Maria não esperara que fosse de outra forma. Embora Wilmington fosse sempre a sua casa, Maria percebia que Charleston tinha sem dúvida os seus encantos. Lily parecia etérea no vestido de noiva flutuante de cetim, pérolas marinhas e renda delicada. A expressão nos olhos de Evan era sonhadora enquanto a fitava durante os votos na igreja de Saint Michael. A estrutura religiosa mais antiga de Charleston era o local preferido para os casamentos das famílias mais aristocráticas de Charleston, mas quando Lily dissera, num tom lento e arrastado, «Ora, simplesmente não consigo imaginar porque é que alguém quereria casar-se noutro lugar», fizera com que parecesse lógico e sincero em vez de snobe.

Naquela noite horrível, Lily escapara milagrosamente incólume. No entanto, Evan tivera menos sorte. Ficara com queimaduras de segundo grau nas costas e dois ossos partidos na perna. Usara gesso durante quase dois meses e só há muito pouco tempo deixara de coxear, em parte devido ao seu novo plano de exercícios. Os treinos não estavam à altura dos padrões de Colin, mas ele confienciara a Maria que andava a trabalhar bem os braços e esperava que Lily reparasse durante a lua de mel nas Bahamas.

Ambos haviam sido salvos por um anjo da guarda. Maria acreditara nisso quando vira Lily e Evan saírem do Prius, e, embora algumas pessoas se rissem da ideia, ela não se importava.

Sabia.



Atrás de si, o copo-d'água estava no auge, com a solenidade a dar por fim lugar às festividades. Lily quisera que a receção decorresse na espaçosa casa de férias dos pais nas margens do rio Ashley, e Maria percebeu que não tinham olhado a despesas. Uma sumptuosa tenda branca brilhava com luzes

elaboradamente dispostas e os convidados dançavam num estrado de madeira diante de uma banda de dez músicos. A comida fora fornecida por um dos melhores restaurantes da cidade e os arranjos de flores primaveris eram verdadeiras obras de arte. Maria sabia que nunca teria um casamento assim; não era o seu estilo. Desde que tivesse lá os seus amigos e família – e talvez algumas piñatas mais tarde para os convidados mais novos – ficaria feliz.

Não que estivesse a pensar casar-se num futuro próximo. O assunto ainda não fora abordado e ela não pretendia perguntar diretamente a Colin. No geral, ele não mudara nada. Dir-lhe-ia a verdade e ela não sabia se estava preparada para ouvir a resposta. Poderia sentir vontade de lho dar a entender, se a oportunidade se apresentasse, mas o simples facto de pensar nisso por vezes deixava-a nervosa.

Só há pouco tempo é que Colin conseguira retomar os seus treinos, e por vezes ficava frustrado por não conseguir fazer as mesmas coisas que fazia antes, incluindo o treino das AMM. Os médicos insistiam que precisaria de mais seis meses, no mínimo. O tiro de caçadeira rasgara parte do músculo do ombro, deixando grandes cicatrizes e uma fraqueza que poderia ser permanente. Já fora operado à mão, e tinha mais uma cirurgia agendada para dali a alguns meses. Porém, o ferimento que mais preocupara os médicos fora a fratura no crânio, e ele passara quatro dias na UCI, perto de Pete Margolis.

Margolis fora a primeira pessoa a falar com Colin quando ele recuperara a consciência.

– Ouvi dizer que me salvaste a vida – dissera-lhe. – Mas acho que isto não muda nada em relação ao teu acordo. Vou continuar a vigiar-te.

– OK – conseguira Colin dizer.

– Também me disseram que o Dr. Manning te deu uma tarefa dos diabos e que foi o Evan que acabou por dar cabo dele. É muito difícil para mim imaginar uma coisa dessas.

– OK – disse Colin de novo.

– A minha mulher disse que vieste ver como eu estava. E disse que foste educado. E que o meu amigo Larry parece pensar que és muito inteligente.

Com a garganta seca, desta vez Colin limitou-se a emitir um som rouco.

Margolis abanou a cabeça e suspirou.

– Faz-me um favor e mantém-te afastado de problemas. E mais uma coisa. – Finalmente, esboçou um sorriso. – Obrigado.

Desde então, não aparecera uma única vez para vigiar Colin.



Maria sentiu que Colin se aproximava, e sentiu o braço dele a rodeá-la. Ela inclinou-se para ele.

– Estás aqui – disse ele. – Andava à tua procura.

– É tão lindo ao pé da água – disse ela. Voltou-se e abraçou-o.

– Maria? – sussurrou ele no seu ouvido. – Fazes uma coisa por mim? – Quando ela se afastou e o olhou, intrigada, ele continuou. – Quero que conheças os meus pais.

Os olhos de Maria abriram-se muito.

– Eles estão cá? Porque é que não me disseste antes?

– Queria conversar com eles primeiro. Ver como estamos.

– E?

– Eles são boas pessoas. Falei-lhes de ti. Eles perguntaram se podiam conhecer-te, mas eu disse-lhes que teria de falar contigo primeiro.

– *Claro que quero conhecer os teus pais. Porque é que quiseste falar comigo primeiro?*

– *Não sabia o que dizer. Nunca lhes apresentei uma miúda antes.*

– *Nunca? Uau. Isso faz-me sentir muito especial.*

– *E deve fazer, porque és.*

– *Então vamos conhecer os teus pais. Porque eu sou muito especial e tu estás doido por mim e talvez não te imagines a viver sem mim. Na verdade, podes estar a pensar que sou a mulher da tua vida, certo?*

Ele sorriu, sem deixar de a olhar nos olhos.

– *OK.*

AGRADECIMENTOS

Cada romance apresenta um conjunto único de desafios, e este não foi diferente. Como sempre, há pessoas cuja ajuda e apoio foram preciosos para mim enquanto resolvia esses desafios.

Gostaria de agradecer a:

Cathy, que continua a ser uma amiga maravilhosa. Será sempre muito importante para mim.

Aos nossos filhos – **Miles, Ryan, Landon, Lexie e Savannah** – pela felicidade que acrescentam continuamente à minha vida.

Theresa Park, a minha fabulosa agente literária, *manager* e companheira de produção, que está sempre disposta a ouvir-me e a dar-me conselhos construtivos quando mais preciso deles. Não sei bem onde estaria sem ela.

Jamie Raab, a minha fantástica editora, que faz maravilhas com os meus manuscritos. Trabalhamos juntos em todos os livros e considero-me abençoado não apenas pela sua competência, mas pela sua amizade inabalável.

Howie Sanders e **Keya Khayatian**, os meus agentes cinematográficos da UTA, que não só são excepcionais no que fazem, como são criativos, inteligentes e uma companhia divertidíssima.

Scott Schwimer, o meu advogado para as questões profissionais, é um dos melhores amigos que tenho no mundo e a minha vida ficou mais rica com a sua presença.

Stacey Levin, que dirige a minha empresa de produção televisiva, é uma pessoa extraordinariamente talentosa, com ótimos instintos e apaixonada pelo seu trabalho. Também agradeço a **Erika McGrath** e **Corey Hanley** pelos seus talentos nas mesmas áreas. **Larry Salz** da UTA, o meu agente televisivo, mantém o complexo navio a funcionar o melhor possível. Dou muito valor ao que fazes.

Denise DiNovi, a produtora de *As Palavras que Nunca te Direi*, *Um Amor para Recordar*, *O Sorriso da Estrelas*, *Um Homem com Sorte* e *Dei-te o Melhor de Mim*, a quem tive a sorte de me associar, é completamente dedicada ao seu trabalho. Fui sempre eu que tive sorte ao trabalhar com ela. E também agradeço muito a **Alison Greenspan** por tudo o que fez com estes projetos memoráveis.

Marty Bowen, o produtor de *Uma Vida ao Teu Lado*, *Um Refúgio para a Vida* e *Juntos ao Luar*, pelo trabalho excelente, pela criatividade, pelo humor e amizade. O tempo que passamos juntos é sempre agradável. Também agradeço a **Wyck Godfrey**, que trabalha com Marty em tudo o que fazem.

Michael Nyman, **Catherine Olim**, **Jill Fritz** e **Michael Geiser** da PMK-BNC, os meus relações-públicas, que são os melhores no seu ramo e também se tornaram bons amigos.

Laquishe Wright – ou Q – que trata de todas as coisas relacionadas com as redes sociais, não só faz um trabalho incrível como é uma pessoa com quem eu gosto de passar tempo. **Mollie Smith** cuida do meu *website*, e sem as duas seria impossível manter as pessoas informadas sobre tudo o que acontece no meu mundo.

Michael Pietsch, da Hachette Book Group, merece a minha gratidão por tudo o que faz para que os meus romances sejam um sucesso. É uma honra trabalhar contigo.

Peter Safran, o produtor de *Uma Escolha por Amor*, pelo seu entusiasmo e conhecimento, e por

receber a minha equipa no seu mundo empolgante.

Elizabeth Gabler, que tem uma paixão incrível pelo que faz, e o talento e motivação para ter sucesso. *Uma Vida ao Teu Lado* foi um filme notável e lindo. Também quero agradecer a **Erin Siminoff** pelo seu extraordinário empenho em fazer desse projeto um sucesso. Adorei trabalhar convosco.

Tucker Tooley, que considero um amigo. Sinto-me honrado pelo teu apoio contínuo ao meu trabalho.

Ryan Kavanaugh e **Robbie Brenner** da Relativity Media, pelo inúmeros e magníficos filmes que ajudaram a adaptar a partir da minha obra. Tem sido fabuloso trabalhar com os dois.

Courtenay Valenti, da Warner Brothers, por ajudar a lançar o lado hollywoodesco da minha carreira. É sempre divertido falar contigo quando estou na cidade com um novo projeto.

Emily Sweet, do Park Literary Group, está sempre disponível para ajudar no que puder. Muito obrigado por assumires temporariamente o comando da minha fundação e por me ouvires sempre que telefono.

Abby Koons, do Park Literary Group, por tratar tão bem dos meus direitos internacionais. Estou sempre a par do fantástico trabalho que fazes. És fantástica, e eu sou o primeiro a compreender isso.

Andrea Mai, do Park Literary Group, por tudo o que faz com as nossas parcerias de retalho. Tem sido uma relação profissional extraordinária e devo dizer que fico espantado com o seu entusiasmo e persistência. E muito obrigado a **Alexandra Greene**, que não só analisa todos os contratos como tem instintos incrivelmente criativos. Não estaria onde estou hoje sem vocês.

Também estou grato a **Brian McLendon**, **Amanda Pritzker** e **Maddie Caldwell** da Grand Central Publishing – o vosso entusiasmo e empenho são muito importantes para mim.

Pam Pope e **Oscara Stevick**, as minhas contabilistas, têm sido uma bênção de muitas formas, não apenas com o seu trabalho mas com a sua amizade. Ambas têm sido fantásticas.

Tia Scott, a minha assistente, não é apenas uma amiga, também mantém a minha vida diária em ordem. Estou-te grato por tudo o que fazes.

Andrew Sommers foi sempre um ouvinte fundamental, e faz um importante trabalho nos bastidores do meu mundo. A minha vida é melhor por causa dele. Agradeço também a **Hannah Mensch** por tudo o que fez este ano que passou.

Michael Armentrout e **Kyle Haddad-Fonda**, que fazem um trabalho notável na Nicholas Sparks Foundation. Muito obrigado.

Tracey Lorentzen, que está sempre disposta a ajudar naquilo que mais preciso, quando mais preciso. Não sei o que teria feito sem ti.

Sara Fernstrom, que já estive na UTA, e **David Herrin**, o meu oráculo da UTA, têm talentos e capacidades únicos, e beneficiei muito com os seus conhecimentos.

Dwight Carlblom e **David Wang**, que dirigem a Epiphany School of Global Studies, são educadores fantásticos. Gosto muito do vosso trabalho.

Michael «Stick» Smith, um amigo que está sempre presente para escutar e apoiar. Os próximos anos vão ser interessantes e divertidos, não achas?

Jeff Van Wie, um amigo desde que partilhámos um quarto na faculdade. Obrigado pelo teu apoio constante.

Micah Sparks, o meu irmão, é o melhor irmão que alguém pode ter. Vamos combinar viajar mais este ano, está bem?

David Buchalter, que ajuda a organizar os meus discursos, é sempre excecional. Obrigado por tudo.

Eric Collins, que ajudou de formas que nem sequer consigo expressar. E o mesmo se aplica a Jill Compton. Obrigado.

Pete Knapp e **Danny Hertz**, que fizeram sempre o que podiam para ajudar. Obrigado, rapazes!

Outros amigos, com quem gosto sempre de falar, o tipo de amigos que fazem com que a vida valha a pena: **Todd e Kari Wagner, David Geffen, Anjanette Schmeltzer, Chelsea Kane, Slade Smiley, Jim Tyler, Pat Armentrout, Drew e Brittany Brees, Scott Eastwood e Britt Robertson.**